

MULHERES SEM NOME




intrinseca

MARTHA HALL KELLY



MULHERES SEM NOME

MARTHA HALL KELLY

Tradução de
Ana Rodrigues
Cássia Zanon
Maria Carmelita Dias



Copyright © 2016 by Martha Hall Kelly

TÍTULO ORIGINAL
Lilac Girls

PREPARAÇÃO
Elisa Menezes
Tamara Sender

REVISÃO
Lais Curvão
Giu Alonso

DESIGN DE CAPA
Laura Klynstra

IMAGEM DE CAPA
© LAPI / The Image Works

ARTE DA CONTRACAPA
© Beryl Peters Collection / Alamy

ADAPTAÇÃO DE CAPA
ô de casa

IMAGEM DO MIOLO
Aleksandar Radovanovic / Unsplash

REVISÃO DE E-BOOK
Rodrigo Rosa

GERAÇÃO DE E-BOOK
Intrínseca

E-ISBN
978-85-510-0256-8

Edição digital: 2017

1ª edição

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br



intrinseca.com.br

Sumário

Folha de rosto

Créditos

Mídias sociais

Dedicatória

Parte Um

Capítulo 1: Caroline

Capítulo 2: Kasia

Capítulo 3: Herta

Capítulo 4: Caroline

Capítulo 5: Kasia

Capítulo 6: Herta

Capítulo 7: Caroline

Capítulo 8: Kasia

Capítulo 9: Herta

Capítulo 10: Caroline

Capítulo 11: Kasia

Capítulo 12: Caroline

Capítulo 13: Kasia

Capítulo 14: Herta

Capítulo 15: Caroline

Capítulo 16: Kasia

Capítulo 17: Herta

Capítulo 18: Caroline

Capítulo 19: Kasia

Capítulo 20: Herta

Capítulo 21: Caroline

Capítulo 22: Kasia

Capítulo 23: Herta

Capítulo 24: Caroline

Capítulo 25: Kasia

Capítulo 26: Herta

Parte Dois

Capítulo 27: Caroline

Capítulo 28: Kasia
Capítulo 29: Caroline
Capítulo 30: Caroline
Capítulo 31: Kasia
Capítulo 32: Kasia
Capítulo 33: Kasia
Capítulo 34: Herta
Capítulo 35: Kasia
Capítulo 36: Caroline
Capítulo 37: Kasia
Capítulo 38: Caroline
Capítulo 39: Caroline
Capítulo 40: Kasia
Capítulo 41: Kasia
Capítulo 42: Kasia
Capítulo 43: Kasia
Capítulo 44: Kasia
Capítulo 45: Kasia
Capítulo 46: Caroline
Capítulo 47: Kasia

Nota da autora

Agradecimentos

Sobre a autora

Leia também

Para meu marido, Michael, que ainda me faz ouvir o clique na embalagem
de pó compacto.



Parte Um

CAPÍTULO 1

Caroline

SETEMBRO DE 1939

SE SOUBESSE QUE estava prestes a conhecer o homem que me deixaria em cacos como a porcelana mais fina se espatifando na terracota, eu teria dormido até mais tarde. Em vez disso, tirei da cama nosso florista, Sr. Sitwell, para fazer uma *boutonnière*. Seria a minha primeira festa de gala do consulado e eu não tinha tempo para fazer cerimônia.

Juntei-me à multidão que subia a Quinta Avenida. Homens usando chapéus fedora de feltro cinza passavam me empurrando, trazendo nas pastas os jornais da manhã com as últimas manchetes benignas da década. Não havia tempestade se formando no leste naquele dia, nenhum indício do que estava por vir. O único sinal de mau presságio vindo da Europa era o cheiro da água ondulante que se elevava do East River.

Quando me aproximei do nosso prédio na esquina da Quinta Avenida com a 49th Street, senti Roger me observando da janela acima. Ele já tinha demitido pessoas por muito menos do que vinte minutos de atraso, mas o único momento do ano em que a elite de Nova York abria as carteiras e fingia se preocupar com a França não era hora para poupar *boutonnières*.

Dobrei a esquina, e o sol da manhã iluminava as letras folheadas a ouro gravadas no pilar: LA MAISON FRANÇAISE. O Prédio Francês, lar do Consulado da França, se erguia ao lado do Prédio do Império Britânico, de frente para a Quinta Avenida, parte do Rockefeller Center, novo complexo de granito e calcário de Junior Rockefeller. Muitos consulados estrangeiros tinham escritórios ali, à época, e o lugar acabava sendo um grande ensopado da diplomacia internacional.

— Siga direto até o final, que dará na entrada — disse Cuddy, nosso ascensorista.

O Sr. Rockefeller selecionava a dedo os ascensoristas, escolhendo os rapazes mais educados e bonitos. Cuddy tinha ótima aparência, embora seu cabelo já fosse grisalho, como se o corpo estivesse com pressa de envelhecer.

Cuddy fixou o olhar nos números iluminados acima das portas.

— Há uma multidão lá em cima hoje, Srta. Ferriday. Pia disse que chegaram dois novos barcos.

— Maravilha — comentei.

Cuddy limpou alguma coisa da manga do paletó azul-marinho do uniforme.

— Mais uma noite trabalhando até tarde?

Mesmo sendo os elevadores mais rápidos do mundo, os nossos ainda demoravam uma eternidade para chegar.

— Irei embora às cinco. É noite de gala.

Eu amava meu emprego. Vovó Woolsey começara a tradição de trabalho na nossa família, como enfermeira da infantaria no campo de batalha em Gettysburg. Mas meu cargo voluntário como chefe de assistência a famílias no Consulado da França não se tratava de fato de um trabalho. Amar tudo o que era francês era simplesmente genético para mim. Apesar de meu pai ter sido meio-irlandês, seu coração pertencia à França. Além do mais, mamãe herdara um apartamento em Paris, onde passávamos todo mês de agosto; assim, eu me sentia em casa lá.

O elevador parou. Mesmo através das portas fechadas, ouvíamos um terrível alvoroço de vozes alteradas. Um arrepio percorreu meu corpo.

— Terceiro andar — anunciou Cuddy. — Consulado da França. Cuidado com o...

Assim que as portas se abriram, o barulho abafou qualquer discurso educado. O corredor do lado de fora da nossa recepção estava tão apinhado que mal dava para passar. Tanto o Normandie quanto o Île-de-France, dois dos transatlânticos franceses mais importantes, haviam atracado naquela manhã no porto de Nova York, cheios de passageiros abastados fugindo da incerteza na Europa. Depois que um toque da sirene anunciou que estavam liberados para desembarcar, a elite dos navios foi direto para o consulado resolver problemas de visto e algumas outras questões desagradáveis.

Eu me espremi para entrar na recepção enfumaçada, passando por damas usando vestidos da última moda em Paris que fofocavam envoltas por uma adorável nuvem de perfume Arpège, a brisa marítima ainda nos cabelos. As pessoas naquele grupo estavam acostumadas a ter sempre um mordomo à sua sombra com um cinzeiro de cristal e uma taça de champanhe à mão. Mensageiros em paletós escarlate do Normandie estavam parados frente a frente com suas contrapartes em preto do Île-de-France. Abri caminho com os ombros por entre a multidão, indo na direção da mesa da secretária no fundo da sala, e minha echarpe de chiffon agarrou no fecho do colar de pérolas de uma das criaturas arrebatadoras à minha volta. Enquanto eu tentava me desvencilhar, o interfone tocava sem ser atendido.

Roger.

Segui em frente, mas logo senti um tapinha no meu traseiro. Virei-me e vi um cadete exibindo um grande sorriso.

— *Gardons nos mains pour nous-mêmes* — falei. Vamos manter nossas mãos

conosco.

O rapaz ergueu o braço acima da multidão e balançou a chave de sua cabine no Normandie. Ao menos não era o tipo sessentão que eu costumava atrair.

Cheguei à mesa da nossa secretária, onde ela estava sentada com a cabeça baixa, datilografando.

— *Bonjour*, Pia.

O primo de Roger, um rapaz de olhos amendoados de dezoito anos, estava sentado na mesa de Pia, as pernas cruzadas. Ele ergueu o cigarro que fumava enquanto pegava chocolates em uma caixa: o café da manhã favorito de Pia. Meu escaninho na mesa dela já estava cheio de pastas de casos.

— *Vraiment?* O que tem de tão bom assim no dia? — perguntou ela, sem erguer a cabeça.

Pia era muito mais do que uma secretária. Todos assumíamos várias funções, e as dela incluíam registrar novos clientes e abrir uma pasta para cada um, datilografar a quantidade considerável de correspondência de Roger, e decifrar o enorme fluxo de pulsos elétricos de código Morse que era a alma do nosso escritório.

— Por que está tão quente aqui? — perguntei. — O telefone está tocando, Pia.

Ela pegou um chocolate da caixa.

— Ele não para de fazer isso.

Pia atraía pretendentes como se emitisse uma frequência que apenas os homens conseguissem detectar. Era atraente de um modo feroz, mas eu desconfiava que a popularidade dela se devia em parte aos suéteres apertados que usava.

— Pode assumir alguns dos meus casos hoje, Pia?

— Roger disse que não posso sair desta cadeira. — Ela quebrou a cobertura de chocolate com o polegar esmaltado em busca do creme de morangos do recheio. — Ele também quer ver você imediatamente, mas acho que a mulher no sofá dormiu no corredor na noite passada. — Pia passou metade de uma nota de cem dólares para mim. — E o gordo com os cachorros diz que lhe dará a outra metade se você atendê-lo primeiro.

Ela acenou com a cabeça na direção de um casal mais velho, robusto, que estava perto da porta do meu escritório, cada um segurando um par de Dachshunds de focinho cinzento.

Assim como a de Pia, minha descrição de cargo era ampla. Incluía atender às necessidades dos cidadãos franceses aqui em Nova York — com frequência famílias arruinadas nos tempos difíceis — e administrar o Fundo para Famílias Francesas, um esforço de caridade por meio do qual eu mandava caixas de assistência a órfãos franceses do outro lado do oceano. Tinha acabado de me aposentar de quase duas décadas de trabalho duro na Broadway, e as atividades aqui no consulado pareciam fáceis em comparação. Certamente envolviam desempacotar menos baús.

Meu chefe, Roger Fortier, apareceu na porta do escritório dele.

— Caroline, preciso de você *agora*. Bonnet cancelou.

— Você não pode estar falando sério, Roger.

A notícia me atingiu como um soco no estômago. Eu havia garantido meses antes que o ministro das Relações Exteriores da França seria nosso principal orador no evento de gala daquela noite.

— Não é fácil ser ministro das Relações Exteriores da França neste momento — disse ele por cima do ombro, enquanto voltava para sua sala.

Entrei no meu escritório e folheei o arquivo rotativo Wheeldex na minha escrivaninha. Será que Ajahn Chah, o amigo monge budista de mamãe, estaria livre aquela noite?

— *Caroline...* — chamou Roger. Peguei o arquivo com os contatos e corri para o escritório dele, evitando o casal com os Dachshunds, que se esforçava para parecer o mais sofredor possível.

— Por que se atrasou esta manhã? — perguntou Roger. — Pia já está aqui há duas horas.

Como cônsul-geral, Roger Fortier gerenciava os trabalhos do escritório principal, com vista para o Rockefeller Plaza e para o Promenade Cafe. Normalmente, o famoso ringue de patinação ocupava aquele ponto do lago, mas estava fechado para o verão, e o espaço era ocupado por mesas de café e garçons de casaco de linho branco, movendo-se por ali com aventais que iam até os tornozelos. Mais além, o enorme Prometeu dourado de Paul Manship caído na terra, segurando seu fogo roubado acima da cabeça. Atrás dele, o RCA Building se erguia em setenta andares até o céu de safira. Roger tinha muito em comum com a figura masculina imponente de Wisdom esculpida acima da entrada do prédio. O cenho franzido. A barba. Os olhos zangados.

— Parei para pegar a *boutonnière* de Bonnet...

— Ah, e para isso vale deixar metade da França esperando.

Roger deu uma mordida em um donut e o açúcar cascadeou pela barba dele. Apesar de ser o que se chamaria gentilmente de corpulento, nunca lhe faltavam companhias femininas.

Sua escrivaninha estava repleta de folhetos, documentos de segurança e dossiês sobre cidadãos franceses desaparecidos. De acordo com o Manual do Consulado da França, o trabalho dele era “dar assistência a cidadãos franceses em Nova York em caso de roubos, doença grave ou prisão; em questões relacionadas a certidões de nascimento ou adoção, perda ou roubo de documentos; planejar visitas de oficiais franceses e colegas diplomatas; dar assistência também em caso de dificuldades políticas e desastres naturais”. Os problemas na Europa nos garantiam bastante trabalho em todas essas categorias, se considerássemos Hitler um desastre natural.

— Tenho casos para atender, Roger...

Ele deslizou um envelope de papel pardo pela mesa de conferência bem encerada.

— Não só não temos um orador, como passei metade da noite acordado reescrevendo o discurso de Bonnet. Tive que evitar o tema de Roosevelt permitir que a França compre aviões americanos.

— A França deveria poder comprar todos os aviões que quisesse.

— Queremos angariar dinheiro com esse evento, Caroline. Não é hora de irritar os isolacionistas. Especialmente os ricos.

— Eles não apoiam a França, de qualquer modo.

— Não precisamos de mais propaganda negativa. Os Estados Unidos são acolhedores demais em relação à França? Isso pode aproximar mais a Alemanha e a Rússia? Mal consigo terminar um terceiro prato sem ser interrompido por um repórter. E não podemos mencionar os Rockefeller... Não quero receber outra ligação de Junior. Mas imagino que isso vá acontecer de qualquer modo, agora que Bonnet cancelou.

— Isso é um desastre, Roger.

— Talvez seja necessário cancelar tudo.

Roger passou os dedos longos pelo cabelo, deixando novas trilhas entre os fios cobertos de brilhantina.

— Devolver quarenta mil dólares? E como fica o Fundo das Famílias Francesas? Já estou operando quase no vermelho. Além do mais, pagamos por quase cinco quilos de salada Waldorf...

— Chamam aquilo de salada?

Roger folheou seus cartões de contatos, metade deles inelegíveis e cheios de nomes riscados.

— É *pathétique*... Só maçã e aipo picados. E aquelas nozes empapadas...

Fiz uma busca rápida no meu arquivo de contatos em busca de candidatos célebres. Eu e mamãe conhecíamos Julia Marlowe, a famosa atriz, mas ela estava em turnê pela Europa.

— Que tal Peter Patout? O pessoal da mamãe já o chamou uma vez.

— O arquiteto?

— De toda a Feira Mundial. Eles têm aquele robô de mais de dois metros.

— Entediante — disse Roger, e bateu com o abridor de cartas de prata na palma da mão.

Cheguei à letra L no meu arquivo.

— Que tal o capitão Lehide?

— Do Normandie? Está falando sério? Ele é pago para ser chato.

— Você não pode dispensar imediatamente todas as sugestões que dou, Roger. E quanto a Paul Rodierre? Betty diz que todos estão falando sobre ele.

Roger torceu os lábios, o que era sempre um bom sinal.

— O ator? Vi o espetáculo dele. O homem é bom. Alto e atraente, se formos falar da aparência. Metabolismo rápido, é claro.

— Ao menos ele sabe decorar um roteiro.

— Ele é um tanto imprevisível. E é casado, por isso não tenha ideias.

— Desisti dos homens, Roger — declarei. Aos trinta e sete anos, havia me resignado a permanecer solteira.

— Não tenho certeza de que Rodierre vai aceitar. Veja quem você consegue convencer, mas certifique-se de que se atenham ao roteiro. Nada de Roosevelt...

— Nem de Rockefeller — completei.

Entre um caso atendido e outro, fiz ligações para várias possibilidades de última hora e terminei com uma única opção: Paul Rodierre. Ele estava em Nova York, se apresentando com um teatro de revista americano no Broadhurst Theatre. Chamava-se *As ruas de Paris*, e era a estreia na Broadway do furacão Carmen Miranda.

Telefonei para a agência William Morris e me disseram que checariam com ele e me retornariam. Dez minutos depois, o agente de monsieur Rodierre me disse que o teatro estaria fechado à noite e que, embora o cliente não tivesse roupas adequadas, ficara extremamente honrado com nosso convite para ser o anfitrião do evento de gala. Ele me encontraria no Waldorf para discutirmos os detalhes. Nosso apartamento na East 50th Street ficava a poucos passos do hotel, assim, corri para colocar o vestido preto Chanel de mamãe.

Encontrei monsieur Rodierre sentado em uma mesa no Peacock Alley, o bar do Waldorf, anexo ao saguão, no momento em que o relógio de bronze de duas toneladas soava a meia hora com seu adorável carrilhão da Catedral de Westminster. Convidados do evento de gala, em suas roupas mais elegantes, seguiam para o grande salão de baile no andar de cima.

— Monsieur Rodierre? — chamei.

Roger estava certo sobre ele ser atraente. A primeira coisa que uma pessoa notava em Paul Rodierre, depois do sobressalto inicial com sua beleza física, era o sorriso extraordinário.

— Como posso lhe agradecer por aceitar meu convite no último instante, monsieur?

Ele se levantou da cadeira, revelando um corpo mais adequado às fileiras de remadores que competiam na famosa regata do rio Charles, em Boston, do que à atuação na Broadway. Rodierre tentou me dar um beijo no rosto, mas estendi a mão e ele a apertou. Era bom conhecer um homem da minha altura.

— O prazer é todo meu — disse ele.

O problema era o traje: calça verde, um paletó esporte de veludo cor de berinjela, sapatos marrons de camurça e, o pior de tudo, uma camisa preta. Apenas padres e

fascistas usavam camisas pretas. Gângsteres também, é claro.

— Quer trocar de roupa? — Resisti à vontade de arrumar o cabelo dele, que estava comprido o bastante para um rabo de cavalo. — Se barbear, talvez?

De acordo com o agente, monsieur Rodierre estava hospedado no hotel, portanto a navalha dele estava apenas alguns poucos andares acima.

— É isso que eu uso — respondeu ele, dando de ombros.

Um típico ator. Eu devia ter imaginado. O desfile de convidados a caminho do salão de baile crescia, as mulheres estonteantes em seus trajes elegantes, todos os homens de fraque e sapatos ou mocassins oxford de couro.

— Este é meu primeiro evento de gala — expliquei. — A única noite em que o consulado angaria dinheiro. O traje é de gala.

Será que ele caberia no velho smoking do meu pai? O comprimento da calça ficaria bom, mas acabaria apertado demais nos ombros.

— Costuma ser assim, hum, tão cheia de energia, Srta. Ferriday?

— Ora, aqui em Nova York, a individualidade nem sempre é apreciada. — Entreguei a ele as folhas grampeadas. — Tenho certeza de que está ansioso para ver o roteiro.

Ele me devolveu os papéis.

— Não, *merci*.

Empurrei as folhas de volta para as mãos dele.

— Mas foi o próprio cônsul-geral que escreveu.

— Diga-me novamente por que estou fazendo isso.

— Para ajudar cidadãos franceses desalojados ao longo do ano e para o meu Fundo para Famílias Francesas. Ajudamos órfãos na França que se perderam dos pais por qualquer razão. Com toda a incerteza ao redor, somos a única fonte confiável de roupas e comida deles. Além disso, os Rockefeller estarão aqui esta noite.

Ele folheou o discurso.

— Poderiam preencher um cheque e evitar essa cena toda.

— Eles estão entre os nossos doadores mais generosos, mas, por favor, não os mencione. Nem o presidente Roosevelt. Nem os aviões que os Estados Unidos venderam para a França. Alguns dos nossos convidados desta noite amam a França, é claro, mas por enquanto preferem ficar longe de uma guerra. Roger quer evitar controvérsias.

— Ficar dando voltas em certos assuntos nunca parece autêntico. A plateia percebe.

— Pode apenas se ater ao roteiro, monsieur?

— A preocupação pode levar a problemas cardíacos, Srta. Ferriday.

Abri o alfinete preso ao lírio-do-vale.

— Tome... Uma *boutonnière* para o convidado de honra.

— Um muguet? — disse monsieur Rodierre. — Onde conseguiu um desses nesta época do ano?

— Pode-se conseguir qualquer coisa em Nova York. Nosso florista as obriga a florescerem.

Apoiei a palma da mão na lapela dele e enfiei fundo o alfinete no veludo francês. Aquela fragrância deliciosa vinha dele ou das flores? Por que os homens americanos não cheiravam daquele jeito, a nardo, madeira, almíscar e...

— A senhorita sabe que lírios-do-vale são venenosos, não sabe? — perguntou monsieur Rodierre.

— Então não o coma. Ao menos não até ter terminado de falar. Ou só se a multidão se voltar contra o senhor.

Ele riu, o que me fez recuar um passo. Foi uma risada tão sincera, algo raro na alta sociedade, principalmente no que dizia respeito às *minhas* piadas.

Acompanhei monsieur Rodierre até os bastidores e fiquei surpresa com a grandiosidade do palco, duas vezes o tamanho de qualquer um em que eu me apresentara na Broadway. Olhamos para o salão de baile que se estendia à nossa frente, um mar de mesas à luz de velas, como navios floridos na escuridão. Embora a luz estivesse baixa, o candelabro de cristal Waterford e seus seis satélites cintilavam.

— O palco é enorme — falei. — Consegue dar conta?

Monsieur Rodierre se virou para mim.

— Esse é o meu ganha-pão, Srta. Ferriday.

Com medo de aborrecê-lo ainda mais, eu o deixei com o roteiro nos bastidores, tentando ignorar minha fixação nos sapatos marrons de camurça. Corri para o salão de baile para ver se Pia havia organizado direito o mapa de assentos, que era mais detalhado e perigoso do que um plano de voo da Luftwaffe. Vi que ela simplesmente jogara vários cartões nas seis mesas reservadas aos Rockefeller, então os reorganizei e assumi meu lugar perto do palco, entre a cozinha e a mesa principal. Três andares de camarotes drapeados de vermelho se erguiam ao redor do vasto salão, cada um com sua mesa de jantar. Todos os mil e setecentos lugares estariam ocupados, o que resultaria numa grande quantidade de pessoas infelizes caso algo não corresse bem.

Os convidados chegaram e ocuparam seus lugares, um oceano de gravatas brancas, diamantes com lapidação “old mine” e vestidos da rue du Faubourg Saint-Honoré em número suficiente para deixar vazias as melhores lojas de Paris. Só os espartilhos já garantiriam que Bergdorf Goodman alcançasse três quartos de suas metas de vendas.

Havia uma fila de jornalistas reunidos ao meu lado, tirando os lápis de trás das orelhas. O chefe dos garçons se mantinha a postos junto a mim, esperando a deixa para servir. Elsa Maxwell entrou no salão — fofoqueira, promotora de eventos e mestra na arte de se autopromover *ne plus ultra*. Ela tiraria as luvas para escrever

coisas terríveis em sua coluna, ou apenas memorizaria o horror geral?

As mesas já estavam quase completas quando a Sra. Cornelius Vanderbilt, chamada por Roger de “Sua Graça”, chegou, o colar de diamantes de quatro quilates da Cartier iluminando o decote. Dei o sinal para que começassem a servir quando o traseiro da Sra. Vanderbilt fez contato com o assento acolchoado, e a estola de raposa branca — completa, com pés e cabeça — foi jogada no encosto da cadeira. As luzes diminuíram e Roger caminhou pesadamente sob aplausos sinceros até o palanque iluminado por refletores. Nunca ficara tão nervosa nem quando eu mesma me apresentava no palco.

— *Mesdames et messieurs*, o ministro Bonnet, das Relações Exteriores, pede sinceras desculpas, mas não poderá estar aqui esta noite.

A plateia se alvoroçou, sem saber muito bem como reagir ao desapontamento. Deveria pedir a devolução do dinheiro pelo correio? Ligar para Washington?

Roger ergueu uma das mãos.

— Mas convencemos outro francês a falar esta noite. Embora não exerça qualquer papel no governo, foi escalado para um dos melhores papéis da Broadway.

Os convidados cochichavam uns com os outros. Não há nada como uma surpresa, desde que seja boa.

— Por favor, permitam-me dar boas-vindas a monsieur Paul Rodierre.

Monsieur Rodierre passou direto pelo palanque e se encaminhou para o centro do palco. O que ele estava fazendo? A luz do refletor vagou ao redor do palco por alguns instantes, tentando localizá-lo. Roger ocupou seu lugar na mesa principal, perto da Sra. Vanderbilt. Fiquei próxima, mas fora do alcance em caso de tentativa de estrangulamento.

— Para mim é um grande prazer estar aqui esta noite — disse monsieur Rodierre depois que o facho do refletor o encontrou. — Sinto muito mesmo que monsieur Bonnet não tenha conseguido vir.

Mesmo sem microfone, a voz de monsieur Rodierre enchia o salão. Ele praticamente cintilava sob os refletores.

— Sou um lamentável substituto para um convidado tão distinto. Espero que a ausência dele não se deva a qualquer problema com o avião. Tenho certeza de que o presidente Roosevelt ficará feliz em lhe mandar um novo se for esse o caso.

Uma onda de risadas nervosas se espalhou pelo salão. Não tive que olhar para os jornalistas para saber que estavam fazendo anotações. Roger, experiente na arte do tête-à-tête, conseguiu conversar com a Sra. Vanderbilt e me fuzilar com os olhos ao mesmo tempo.

— Na verdade, não posso falar com vocês sobre política — continuou monsieur Rodierre.

— Graças a Deus! — gritou alguém de uma das mesas do fundo, fazendo os

convidados rirem de novo, mais alto dessa vez.

— Mas posso falar com vocês sobre a América que conheço, um lugar que me surpreende a cada dia. Um lugar onde pessoas de mente aberta abraçam não apenas o teatro, a literatura, o cinema e a moda franceses, mas também as pessoas francesas, apesar dos nossos defeitos.

— Merda — disse o repórter perto de mim para seu lápis quebrado. Entreguei o meu a ele.

— Todo dia vejo pessoas ajudando outras. Americanos inspirados pela Sra. Roosevelt, que estende a mão através do Atlântico para ajudar crianças francesas. Americanos como a Srta. Caroline Ferriday, que trabalha diariamente para ajudar famílias francesas aqui e para vestir órfãos franceses lá.

Roger e a Sra. Vanderbilt olharam em minha direção. O refletor me encontrou, perto da parede, e a luz que me era tão familiar me cegou. Sua Graça aplaudiu e o restante dos convidados seguiu a deixa. Acenei até a luz focalizar de volta o palco, o que felizmente aconteceu rápido, deixando-me na escuridão fria. De fato eu não sentia falta dos palcos da Broadway, mas foi bom sentir o calor do refletor de novo na pele.

— Essa é uma América que não tem medo de vender aviões para pessoas que estiveram ao seu lado nas trincheiras da Grande Guerra. Uma América que não tem medo de ajudar a manter Hitler fora das ruas de Paris. Uma América que não tem medo de mais uma vez ficar ombro a ombro conosco se esse momento terrível realmente chegar...

Eu lhe assistia, desviando os olhos algumas vezes apenas para checar os convidados. Estavam todos absortos e com certeza não olhavam para os próprios sapatos. Meia hora se passou em um instante e preendi a respiração quando monsieur Rodierre inclinou-se em um agradecimento. O aplauso começou discreto, mas se elevou em ondas como uma tremenda tempestade castigando o telhado. Uma Elsa Maxwell de olhos marejados usou um guardanapo do hotel para secar as lágrimas, e quando a plateia se levantou e começou a cantar “La Marseillaise” a plenos pulmões, fiquei feliz por Bonnet não ter que se apresentar em seguida. Até os empregados cantavam, as mãos sobre o coração.

Quando as luzes ficaram mais fortes, vi que Roger parecia aliviado e recebia os cumprimentos da multidão de simpatizantes que se aglomerava perto da mesa principal. Quando o evento acabou, ele deixou o Rainbow Room com um bando de nossos melhores patronos e algumas Rockettes, as únicas mulheres em Nova York capazes de me fazer parecer baixa.

Monsieur Rodierre tocou meu ombro enquanto deixávamos o salão de jantar.

— Conheço um lugar subindo o Hudson com um ótimo vinho.

— Preciso ir para casa — falei, embora ainda não tivesse comido nada. Pão

quente e manteiga de *escargot* vieram à minha mente, mas não era nada inteligente ser vista sozinha com um homem casado. — Não vou poder esta noite, monsieur, mas obrigada.

Eu estaria em casa em minutos, em um apartamento frio, comendo restos de salada Waldorf.

— Vai me fazer comer sozinho depois do nosso triunfo? — perguntou monsieur Rodierre.

Por que não ir? Meus conhecidos só frequentavam determinados restaurantes, que se podia contar nos dedos de uma das mãos, todos em um raio de quatro quarteirões do Waldorf, nenhum sequer perto do Hudson. Que mal faria apenas um jantar?

Pegamos um táxi para o Le Grenier, um bistrô encantador no West Side. Os navios franceses subiam o rio Hudson e aportavam na 51th Street, e, por isso, alguns dos melhores lugarzinhos de Nova York surgiam perto dali, como cogumelos *chanterelle* depois de uma boa chuva. O Le Grenier vivia à sombra do SS Normandie, no sótão da casa de um antigo capitão do porto. Quando descemos do táxi, o grande navio se agigantava à nossa frente, o deque iluminado por refletores, quatro andares de escotilhas acesas. Um soldador na proa fazia voar faíscas no céu noturno, enquanto ajudantes de convés direcionavam um refletor para a lateral do navio, iluminando pintores em um andaime. O Normandie me fez sentir pequena parada ali, abaixo daquela proa grande e escura, com as três chaminés vermelhas, cada uma delas mais alta do que qualquer um dos armazéns que se estendiam p'ier abaixo. O ar de fim de verão parecia salgado pelo encontro das águas do Atlântico com as do rio Hudson.

As mesas do Le Grenier eram ocupadas por clientes bastante elegantes, a maioria de classe média, incluindo um repórter que estava no evento de gala e o que pareciam ser passageiros do navio, felizes por estarem em terra firme. Escolhemos uma mesa estreita de madeira laqueada, pensada como algo de dentro de um navio, onde cada centímetro conta. O *maître* do Le Grenier, monsieur Bernard, adulou monsieur Rodierre e disse a ele que assistira três vezes a *As ruas de Paris*, e aproveitou para compartilhar em detalhes as especificidades da própria carreira no Teatro Comunitário em Hoboken.

Monsieur Bernard se voltou para mim.

— Ah, e a mademoiselle. Não a vi no palco com a Srta. Helen Hayes?

— Atriz? — comentou monsieur Rodierre com um sorriso.

De perto, aquele sorriso dele era um perigo. Eu precisaria me controlar, afinal homens franceses eram o meu calcanhar de Aquiles. Na verdade, se Aquiles houvesse sido francês, eu provavelmente teria cuidado dele até seu tendão se curar.

Monsieur Bernard continuou:

— Achei que as críticas foram injustas...

— Vamos pedir — falei.

— Em uma delas foi usada a palavra “rigidez”, acredito...

— Vamos querer o *escargot*, monsieur. Com pouco creme, por favor...

— E o que o *Times* disse sobre *Noite de Reis*? “A Srta. Ferriday estava *satisfatória* como Olivia?” Cruel, eu achei...

— E sem alho. Pouco cozidos, por favor, para que não fiquem duros demais.

— Gostaria que eles rastejassem pela mesa, mademoiselle? — Monsieur Bernard anotou nosso pedido e se encaminhou para a cozinha.

Monsieur Rodierre examinou a carta de champanhes, demorando-se nos detalhes.

— Atriz, hein? Nunca teria imaginado.

A aparência desalinhada dele era de algum modo atraente, como um jardim *potager* precisando ser limpo das ervas daninhas.

— O consulado combina melhor comigo. Minha mãe conhece Roger há anos, e quando ele sugeriu que eu o ajudasse, não resisti.

Monsieur Bernard colocou a cesta de pão na mesa e se demorou um momento olhando para monsieur Rodierre, como se memorizasse seu rosto.

— Espero não estar colocando um namorado para correr esta noite — comentou Paul.

Ele estendeu o braço para a cesta de pão, assim como eu, e minha mão roçou na dele, quente e macia. Recolhi rapidamente a mão para o colo.

— Sou ocupada demais para isso. O senhor conhece Nova York... Festas e tudo o mais. É exaustivo, na verdade.

— Eu nunca a vi no Sardi's.

Ele abriu o pão, e o vapor subiu em direção à luz.

— Ah, eu trabalho muito.

— Tenho a impressão de que não trabalha por dinheiro.

— É um cargo não remunerado, se é a isso que se refere, mas esse não é assunto que se aborde na alta sociedade, monsieur.

— Podemos dispensar o ‘monsieur’? Fico me sentindo um ancião.

— Já vamos nos chamar pelo primeiro nome? Acabamos de nos conhecer.

— Estamos em 1939.

— A sociedade de Manhattan é como um sistema solar com uma ordem própria. Uma mulher solteira jantando com um homem casado é o bastante para desalinhar planetas.

— Ninguém nos verá aqui — disse Paul, apontando um champanhe na carta para monsieur Bernard.

— Diga isso à Srta. Evelyn Shimmerhorn, ali, na mesa dos fundos.

— Sua reputação ficará arruinada? — perguntou ele com uma gentileza pouquíssimas vezes encontrada em homens tão dolorosamente belos. Talvez a camisa preta fosse uma boa escolha, afinal.

— Evelyn não vai comentar. Ela está tendo um bebê, em um momento mal planejado, coitadinha.

— Filhos. Eles complicam tudo, não é mesmo? Não há espaço para isso na vida de um ator.

Outro ator egoísta.

— Como seu pai conquista o lugar dele nesse sistema solar?

Paul estava fazendo muitas perguntas para um recém-conhecido.

— *Conquistou*, na verdade. Ele trabalhava na área têxtil.

— Onde?

Monsieur Bernard colocou na mesa um balde com alças que lembravam brincos de cigana, o gargalo verde-esmeralda da garrafa de champanhe apoiado na borda.

— Era sócio de James Harper Poor.

— Da Poor Brothers? Estive na casa dele em East Hampton. Ele não é exatamente pobre. Você visita a França com frequência?

— Vou a Paris todo ano. Mamãe herdou um apartamento... na rue Chauveau Lagarde.

Monsieur Bernard tirou a rolha do champanhe com um som satisfatório, mais uma pancada leve do que um *pop*. Então, serviu o líquido dourado no meu copo, e as bolhas subiram até a borda, quase derramando, até se assentarem no nível perfeito. Ele servira o champanhe como um expert.

— Minha esposa, Rena, tem uma lojinha perto dali chamada Les Jolies Choses. Já viu?

Dei um gole no champanhe, as bolhas fazendo cócegas nos meus lábios.

Paul tirou a foto da esposa da carteira. Rena era mais jovem do que eu imaginara e seu cabelo escuro tinha um corte parecido com o de uma boneca chinesa. Sorria, os olhos muito abertos, como se compartilhasse um delicioso segredinho. Ela era linda, e talvez meu completo oposto. Imaginei que a sua loja fosse o tipo de lugarzinho chique que ajudava mulheres a se arrumarem no famoso estilo francês — nada arrumadinho demais, com o toque certo de descontração.

— Não, eu não conheço — respondi. E devolvi a foto a ele. — Mas ela é um encanto.

Terminei o champanhe na minha taça.

Paul deu de ombros.

— Jovem demais para mim, é claro, mas... — Ele encarou a foto por alguns instantes, com a cabeça inclinada para o lado, como se a estivesse vendo pela primeira vez, antes de voltar a guardá-la na carteira. — Não nos vemos muito.

Estremeci de prazer ao ouvir isso, mas logo me aquietei sob o peso da constatação de que, mesmo se Paul estivesse disponível, minha natureza vigorosa logo extinguiria qualquer faísca de romance.

O rádio na cozinha bradava uma canção de Edith Piaf, o som chiado.

Paul tirou a garrafa do balde e serviu mais champanhe na minha taça. A bebida borbulhou e transbordou. Olhei de relance para ele. Ambos sabíamos o que aquilo significava, é claro. A tradição. Qualquer um que houvesse passado algum tempo na França sabia. Será que ele derramou de propósito?

Sem hesitar, Paul molhou o dedo no champanhe derramado ao longo da base da minha taça, estendeu a mão para mim e passou o líquido frio atrás da minha orelha esquerda. Quase me sobressaltei ao sentir o toque dele, então esperei enquanto Paul afastava o meu cabelo e tocava atrás da minha orelha direita, o dedo se demorando por um instante. Então, passou o dedo atrás das próprias orelhas, sorrindo.

Por que eu me senti subitamente tão aquecida?

— Rena o visita? — perguntei.

Tentei esfregar uma mancha de chá da minha mão, mas descobri que era uma mancha de idade. Que maravilha...

— Ainda não veio. Ela não se interessa por teatro, inclusive nem veio ver *As ruas de Paris*. Mas não sei se posso ficar. Hitler está deixando todos tensos na França.

Em algum lugar na cozinha, dois homens discutiam. Onde estava nosso *escargot*? Haviam mandado alguém a Perpignan, na França, para buscar as lesmas?

— Ao menos a França tem a Linha Maginot — comentei.

— A Linha Maginot? Por favor. Um muro de concreto e algumas cabines de observação? Serve apenas para desafiar Hitler.

— Tem vinte e quatro quilômetros de extensão.

— Nada deterá Hitler se ele desejar algo — disse Paul.

Ouviu-se um grande barulho na cozinha. Não era de se admirar que a nossa entrada não houvesse chegado. O cozinheiro, sem dúvida um artista temperamental, estava tendo um ataque por algum motivo.

Monsieur Bernard saiu da cozinha. A porta com a janelinha redonda balançou atrás dele, abrindo e fechando algumas vezes até parar. Ele foi até o centro do salão. Estivera chorando?

— *Excusez-moi*, damas e cavalheiros.

Alguém bateu em um copo com uma colher, e o salão ficou em silêncio.

— Acabei de ouvir de uma fonte confiável... — Monsieur Bernard respirou fundo, o peito se expandindo como um fole. — Sabemos com certeza que... — Ele fez uma pausa, emocionado demais por um instante, e continuou: — Adolf Hitler invadiu a Polônia.

— Meu Deus — disse Paul.

Ficamos nos encarando enquanto o salão se enchia de conversas exaltadas, uma mistura de especulação e medo. O repórter que estava no evento de gala se levantou, jogou algumas notas de dólar amassadas na mesa, pegou o chapéu fedora e saiu.

No burburinho que se seguiu ao anúncio, as últimas palavras de monsieur Bernard quase se perderam.

— Que Deus nos ajude a todos.

CAPÍTULO 2

Kasia

1939

REALMENTE FOI IDEIA de Pietrik Bakoski ir até o costão no Prado dos Cervos para ver os refugiados. Queria apenas deixar registrado. A respeito desse assunto, *matka* nunca acreditou de verdade em mim.

Hitler havia declarado guerra contra a Polônia no dia 1o de setembro, mas seus soldados demoraram certo tempo para chegar a Lublin. Eu fiquei feliz, porque não queria que nada mudasse. Lublin era perfeita do jeito que era. Ouvimos discursos no rádio oriundos de Berlim sobre as novas regras, e algumas bombas caíram, na periferia da cidade, nada mais do que isso. Os alemães se concentravam em Varsóvia, e, à medida que as tropas cercavam a cidade, os refugiados fugiam para Lublin aos milhares. As famílias vinham em bandos, viajando cento e sessenta quilômetros em direção sudeste, e dormiam nos campos de batatas na periferia da cidade.

Antes da guerra, nunca havia acontecido nada de emocionante em Lublin; assim, apreciávamos um belo nascer do sol, às vezes até mais do que um filme no cinema. Na manhã de 8 de setembro, havíamos atingido o topo com vista para a campina logo antes do amanhecer e podíamos discernir milhares de pessoas embaixo de nós, nos campos, sonhando no escuro. Eu estava deitada entre meus dois melhores amigos, Nadia Watroba e Pietrik Bakoski, observando tudo de um monte de palha amassada, ainda quente, onde uma corça fêmea havia dormido com os filhotes. Os cervos já tinham ido embora naquela hora. Que madrugadores. Eles tinham isso em comum com Hitler.

À medida que a aurora rompia o horizonte, minha respiração ficou presa na garganta, o tipo de suspiro que pode causar surpresa quando você vê algo tão bonito que chega a doer, como um filhote de qualquer coisa ou creme fresco jorrando sobre aveia ou o perfil de Pietrik Bakoski na primeira luz da manhã. Seu perfil, quase perfeito, era especialmente bonito no amanhecer, como algo saído de uma moeda de dez zlotych. Naquele momento, Pietrik tinha a aparência de qualquer rapaz ao acordar, antes de se lavar: o cabelo, da cor de manteiga fresca, embaraçado no lado

sobre o qual havia dormido.

O perfil de Nadia era quase igualmente perfeito, o que era de se esperar de uma moça com seus traços delicados. A única coisa que lhe impedia de alcançar a perfeição era o hematoma roxo na testa — um souvenir do incidente na escola —, agora menor do que um ovo de ganso, mas ainda visível. Ela vestia o suéter de caxemira que me deixava acariciar sempre que eu queria, de um tom verde-melão.

Era difícil entender como uma situação tão triste podia levar a uma cena tão bonita. Os refugiados haviam criado uma cidade de tendas das mais elaboradas, formada por cobertores e lençóis. À medida que o sol nascia, ele nos permitia ver, através dos lençóis com estampas de flores de uma das tendas, como um raio x, as sombras das pessoas lá dentro, vestindo-se para encarar o dia.

Uma mãe em roupas simples abriu a aba do lençol que servia de porta e engatinhou para fora, segurando a mão de uma criança de pijama e botas de feltro. Elas cutucaram o chão com varas, em busca de batatas.

Lublin se erguia acima deles à distância, como uma cidade de conto de fadas, os velhos prédios em tons pastel com telhados vermelhos espalhados, como se um gigante os tivesse sacudido em uma xícara e os jogado pelas colinas onduladas. Mais longe, na direção oeste, costumavam ficar o pequeno aeroporto e um complexo de fábricas. Os nazistas, porém, já haviam bombardeado a área. Era a primeira coisa que atacavam, mas pelo menos os alemães ainda não tinham entrado na cidade.

— Você acha que os ingleses vão nos ajudar? — perguntou Nadia. — E os franceses?

Pietrik esquadrinhou o horizonte.

— Talvez. — Ele arrancou um tanto de grama da terra e jogou para cima. — Um bom dia para voar. É melhor eles se apressarem.

Uma fileira de vacas malhadas desfilou colina abaixo em direção às tendas para pastar, os sinos tocando, levada por mulheres leiteiras com lenços nas cabeças. Uma vaca levantou o rabo e espalhou um monte de pelotas atrás de si, que foram pisoteadas por aquelas que vinham em seguida. Cada mulher carregava uma lata de leite comprida e prateada no ombro.

Semicerrei os olhos para encontrar nossa escola, o Colégio Católico Santa Monica para Moças, a bandeira cor de tangerina balançando no campanário. Era um lugar com pisos tão encerados que usávamos chinelos de cetim lá dentro. Um lugar de aulas rigorosas, missas diárias e professores severos. Não que algum deles tivesse ajudado Nadia quando ela mais precisou, com exceção da Sra. Mikelsky, nossa professora de matemática preferida, é claro.

— Olhe — disse Nadia. — As mulheres estão vindo com as vacas, mas sem nenhuma ovelha. As ovelhas estão sempre fora agora.

Nadia reparava nas coisas. Apesar de ser apenas dois meses mais velha do que eu

— já com dezessete anos —, ela parecia de algum modo mais madura. Pietrik olhou além de mim, na direção de Nadia, como se a visse pela primeira vez. Todos os rapazes gostavam dela, ágil para fazer estrela, pele impecável, à la Maureen O’Sullivan, e uma grossa trança loura. Talvez eu não fosse tão bonita nem me destacasse como atleta, mas uma vez ganhei nos quesitos Melhores Pernas e Melhor Dançarina na aula de *gimnazjum*, em uma votação informal, a primeira, na escola.

— Você repara em tudo, Nadia — disse Pietrik.

Ela sorriu para ele.

— Não exatamente. Talvez devêssemos descer lá e ajudar a escavar batatas. Você é bom com a pá, Pietrik.

Será que ela estava flertando com ele? Uma violação direta da minha regra número um: *Amigas primeiro!* Pietrik puxou a *minha* guirlanda do rio na celebração do Solstício de Verão e me deu um colar com um crucifixo prateado. Será que as tradições não significavam mais nada?

Quem sabe Pietrik estivesse se apaixonando por ela? Fazia sentido. No começo daquele mês, as Bandeirantes estavam vendendo danças com os rapazes locais para um evento de caridade, e a irmã mais nova de Pietrik, Luiza, me contou que Nadia comprou *todas* as dez danças dele. Depois houve aquela briga horrível no lado de fora da escola. Nadia e eu estávamos saindo quando meninos de rua começaram a jogar pedras em Nadia e xingá-la porque o avô dela era judeu. Pietrik tinha sido bem rápido em salvá-la.

As pessoas jogarem pedras nos judeus não era algo incomum de se ver, mas era incomum de acontecer com Nadia. Antes disso eu nunca soube que ela era em parte judia. Estudávamos em um colégio católico, e ela tinha memorizado mais orações do que eu. No entanto, todo mundo descobriu quando nosso professor de alemão, Herr Speck, nos mandou traçar nossa árvore genealógica e contou para a turma inteira.

Eu havia tentado puxar Nadia para longe enquanto os meninos arremessavam as pedras, mas ela ficou firme. A Sra. Mikelsky, grávida do primeiro filho, tinha corrido para fora, enroscado os braços ao redor de Nadia, e gritado para os provocadores pararem ou ela chamaria a polícia. A Sra. Mikelsky era a professora predileta de todas as alunas, nossa Estrela Polar, afinal todas queríamos ser como ela, bonita, inteligente e engraçada. Ela defendia as suas meninas feito uma leoa e nos oferecia *krowki*, balas de caramelo, para que as provas de matemática fossem perfeitas, e eu sempre aceitava.

Pietrik, que viera nos acompanhar até em casa, correu atrás dos meninos balançando uma pá no ar, mas acabou perdendo uma lasca do dente da frente, o que de maneira alguma danificou seu sorriso e, na verdade, tornou-o ainda mais doce.

Despertei assustada do meu devaneio por causa de um som peculiar, como o zumbido de grilos a nossa volta. O barulho aumentou até que a vibração impregnou o

solo.

Aviões!

Eles passaram raspando sobre nós, voando tão baixo que reviraram a grama, a luz saltando de suas barrigas prateadas. Três na liderança, eles se inclinaram lateralmente, deixando um cheiro de óleo, e se dirigiram para a cidade, as sombras cinzentas planando pelos campos. Contei doze no total.

— Parecem os aviões de *King Kong* — falei.

— Aqueles eram biplanos, Kasia — disse Pietrik. — Curtiss Helldivers, americanos. Esses são bombardeiros *alemães*.

— Talvez sejam poloneses.

— Não são poloneses. Dá para ver pelas cruzeiras brancas na parte de baixo das asas.

— Eles têm bombas? — perguntou Nadia, mais curiosa do que receosa. Ela nunca tinha medo.

— Já atingiram o aeroporto — respondeu Pietrik. — O que mais eles podem bombardear? Não temos nenhum depósito de munições.

Os aviões circularam a cidade e depois voaram para o oeste, um atrás do outro. O primeiro mergulhou com um barulho agudo horrível e deixou cair uma bomba no meio da cidade, justo onde a Krakowskie Przedmieście, nossa rua principal, exibia os prédios mais bonitos da cidade.

Pietrik se levantou.

— *Jezu Chryste*, não!

Um grande choque balançou o chão, e colunas de fumaça pretas e cinzentas subiram de onde a bomba havia caído. Os aviões circundaram a cidade novamente e dessa vez lançaram suas bombas perto do Tribunal da Coroa, nossa prefeitura. Minha irmã Zuzanna, médica recém-formada, era voluntária na clínica alguns dias na semana. E a minha mãe? Por favor, meu Deus, me leve direto para o céu se alguma coisa acontecer com a minha mãe, pensei. Será que *papa* estava na agência central dos correios?

Os aviões circularam a cidade e depois voaram na nossa direção. Nós nos jogamos no gramado quando passaram sobre nós, Pietrik por cima de nós duas, tão próximo que senti seu coração batendo na camisa às minhas costas.

Dois aviões deram meia-volta, como se tivessem esquecido alguma coisa.

— Nós temos que... — começou Pietrik, mas, antes que ele pudesse se mexer, os dois aviões mergulharam e voaram perto do solo, cruzando o campo embaixo.

Em um segundo ouvimos as armas. Atiraram nas leiteiras. Algumas balas atingiram o campo e mandaram lufadas de areia para os ares, mas outras atingiram as mulheres, derrubando-as no chão, derramando o leite no gramado. Uma vaca gritou ao cair, e o *pop pop pop* das balas perfurou os latões de metal cheios de leite.

Os refugiados nos campos largaram as batatas e se dispersaram, mas as balas os

encontraram enquanto corriam. Eu me abaixei quando os dois últimos aviões voaram novamente por cima de nós, deixando o campo lá embaixo coberto com corpos de homens, mulheres e vacas. Os animais que ainda podiam correr davam pulos para lá e para cá, como se estivessem meio malucos.

Desci desabalada a colina, Nadia e Pietrik atrás de mim, no meio da floresta, seguindo os caminhos de folhas de pinheiro, em direção à minha casa. Será que meus pais estavam feridos? E Zuzanna? Com apenas duas ambulâncias, ela trabalharia a noite toda.

Diminuímos o passo no campo de batatas, porque era impossível não olhar aquilo. Caminhei a um latão de leite de distância de uma mulher da idade de Zuzanna, as batatas espalhadas ao seu redor. Ela estava deitada de costas no meio de fileiras de terra capinada, a mão esquerda no peito, o ombro todo ensanguentado, o rosto também salpicado de sangue. Uma menina estava ajoelhada ao seu lado.

— Irmã — disse a garota, pegando a mão da outra —, você tem que se levantar.

— Pressione o ferimento com as mãos — falei, mas ela apenas me olhou.

Uma mulher usando um robe de chenille se aproximou e se ajoelhou perto das duas. Ela puxou uma tira de borracha cor de âmbar da maleta preta de médico.

Nadia me puxou.

— Venha. Os aviões podem voltar.

Na cidade, as pessoas estavam correndo para todo lado, chorando e berrando umas para as outras, fugindo de bicicleta, cavalo, caminhão, carroça ou a pé.

Quando nos aproximamos da minha rua, Pietrik pegou a mão de Nadia.

— Você já está quase em casa, Kasia. Vou levar a Nadia.

— E eu? — gritei, mas eles já tinham se afastado, descendo os paralelepípedos em direção ao apartamento da mãe de Nadia.

Pietrik tinha feito sua escolha.

Eu me dirigi para o túnel que corria por baixo do antigo Portão de Cracóvia, uma torre de tijolos que se elevava com uma espiral em formato de sino, meu monumento favorito em Lublin, antigamente a única entrada para a cidade. As bombas haviam inclinado a torre para o lado, mas ela ainda estava de pé.

Minha professora de matemática, a Sra. Mikelsky, e o marido, que moravam perto de mim, passaram de bicicleta, para a direção oposta. A Sra. Mikelsky, com uma enorme barriga de grávida, se virou para mim enquanto pedalava.

— Sua mãe está histérica procurando por você, Kasia — disse ela.

— Para onde a senhora está indo? — gritei para eles.

— Para a casa da minha irmã — gritou o Sr. Mikelsky de volta.

— Vá encontrar sua mãe! — A Sra. Mikelsky berrou sobre o ombro.

Eles continuaram pedalando e desapareceram na multidão, e eu segui para casa.

Por favor, meu Deus, faça com que matka não esteja ferida.

Quando cheguei ao nosso quarteirão, cada célula do meu corpo formigou de alívio ao ver que nosso prédio cor-de-rosa ainda estava de pé. A casa do outro lado da rua não tivera a mesma sorte. Estava completamente destruída, apenas uma confusão de concreto, paredes de gesso e camas de ferro retorcidas espalhadas no meio de nossa rua. Passei por cima das ruínas da casa com dificuldade e, quando me aproximei, vi uma das cortinas de *matka* balançar delicadamente para fora da janela com a brisa. Foi então que percebi que todas as nossas janelas haviam sido arrancadas com o impacto das bombas, com papel de blecaute e tudo.

Não havia necessidade de pegar a chave do apartamento atrás do tijolo solto porque a porta estava escancarada. Encontrei *matka* e Zuzanna na cozinha, perto da prancheta de desenho de *matka*, juntando pincéis espalhados pelo chão, o cheiro de terebintina derramada no ar. Psina, nossa galinha de estimação, as seguia. Graças aos céus Psina não estava machucada, porque ela era mais como o cachorro da família do que uma ave.

— Onde você *estava*? — perguntou *matka*, o rosto branco como o papel que segurava.

— Lá em cima, no Prado dos Cervos — respondi. — Foi ideia do Pietrik...

Zuzanna se levantou, segurando uma pilha de cacos de vidro em uma xícara, seu jaleco branco de médica sujo de cinzas. Ela levava seis longos anos para conseguir aquele jaleco. Sua mala estava perto da porta. Sem dúvida, ela estava fazendo a mala para ficar no hospital durante a residência em pediatria quando as bombas caíram.

— Como pôde ser tão estúpida? — disse Zuzanna.

— Onde está o *papa*? — perguntei enquanto as duas se aproximavam e escovavam pedaços de concreto do meu cabelo.

— Ele saiu... — começou *matka*.

Zuzanna agarrou os ombros da mãe.

— Conte para ela, *matka*.

— Ele saiu para procurar você — respondeu ela, prestes a desabar em lágrimas.

— Provavelmente está na agência central dos correios — disse Zuzanna. — Vou atrás dele.

— Não vá — falei. — E se os aviões voltarem?

Uma enguia elétrica de medo parecia perfurar meu peito. Aquelas pobres mulheres jazendo no campo...

— Eu vou — disse Zuzanna. — Mas eu volto.

— Então vou com você. Vão precisar de mim na clínica.

— Por que você faz coisas tão estúpidas? O *papa* saiu por sua causa. — Zuzanna vestiu o suéter e se aproximou da porta. — Não vão precisar de você na clínica. De qualquer modo, a única coisa que faz lá é enrolar as bandagens. Fique aqui.

— Não vá — pediu *matka*, mas Zuzanna saiu apressada, sempre forte, como *papa*.

Matka foi até a janela e se curvou para catar cacos de vidro, mas desistiu, porque suas mãos tremiam demais, então veio para perto de mim. Alisou meu cabelo, beijou minha testa e depois me deu um abraço apertado, dizendo *Ja cię kocham*, sem parar, como um disco quebrado.

Eu amo você.

* * *

MATKA E EU dormimos na cama dela naquela noite, ambas com um olho aberto, esperando que *papa* e *Zuzanna* entrassem pela porta. Psina, mais cão do que ave, dormiu no pé da cama, a cabeça enfiada em uma asa penugenta. Acordou com um grasnido quando *papa* finalmente voltou para casa, bem antes do amanhecer. Ele estava parado na porta do quarto, o casaco de tweed salpicado de cinzas. *Papa* sempre tinha um rosto triste, como o de um cão bloodhound. Mesmo em suas fotos de bebê, as pregas e dobras de pele caíam. Porém, naquela noite, a luz da cozinha lançava uma sombra em seu rosto, fazendo-o parecer ainda mais triste.

Matka sentou-se ereta na cama.

— Ade? — Ela jogou o cobertor para trás e correu até ele, suas silhuetas escuras se destacando contra a luz da cozinha. — Onde está *Zuzanna*?

— Não a vi — respondeu ele. — Quando não consegui encontrar *Kasia*, fui até a agência central dos correios e levei meus arquivos para o lado de fora, para queimar. Informações que os alemães vão querer. Nomes e endereços. Listas de militares. Eles ocuparam a agência central em Varsóvia e cortaram a linha de telégrafo; então, somos os próximos.

— O que aconteceu com os funcionários? — perguntou *matka*.

Papa olhou em minha direção e não respondeu.

— O nosso palpite é que as tropas alemãs vão chegar dentro de uma semana. É bem provável que venham aqui primeiro.

— Aqui? — *Matka* fechou mais o casaco em torno do pescoço.

— Procurando por mim. Posso ser útil para eles. — *Papa* sorriu, mas seus olhos permaneceram sombrios. — Eles vão querer usar a agência central dos correios para se comunicar.

Ninguém conhecia os correios como *papa*. Ele dirigia a agência desde que eu me entendia por gente. Será que ele sabia segredos? *Papa* era um patriota. Ele preferia morrer a contar-lhes qualquer coisa.

— Como é que eles sabem até mesmo onde moramos?

Papa olhou para *matka* como se ela fosse uma criança.

— Eles estão planejando isso há anos, *Halina*. Se me levarem, tenho esperanças de

que vão precisar de mim o suficiente para me manter vivo. Espere dois dias. Se não tiver notícias minhas, pegue as meninas e vá para o sul.

— Os britânicos vão nos ajudar — disse *matka*. — Os franceses...

— Ninguém virá, meu amor. O prefeito está evacuando, levando a polícia e o corpo de bombeiros. Por enquanto, precisamos ocultar o que pudermos.

Papa puxou a caixa de joias da penteadeira e a jogou na cama.

— Primeiro, lave e seque algumas latas. Precisamos enterrar tudo de valor...

— Mas não fizemos nada de errado, Ade. Os alemães são um povo culto. Hitler enfeitiçou as pessoas de algum jeito.

A mãe de *matka* era alemã pura, e o pai, meio-polonês. Mesmo recém-despertada do sono, ela era linda. Suave, mas nada frágil, uma loura natural.

Papa a agarrou pelo braço.

— O seu povo culto quer que nós saíamos para eles se mudarem para cá. Não consegue ver isso?

Papa andou pelo apartamento recolhendo nossos bens mais valiosos e colocando em uma caixa de metal com uma tampa com fecho: o diploma de enfermeira de *matka*, a certidão de casamento, um pequeno anel de rubi herdado por *matka* e um envelope com fotos de família.

— Pegue a saca de painço. Também vamos enterrar.

Matka puxou a saca de lona de debaixo da pia.

— Provavelmente eles vão fazer uma busca de casa em casa à procura de soldados poloneses escondidos — disse *papa*, mantendo a voz baixa. — Eles transmitiram novas regras. A Polônia não existe mais como um país. Não se pode mais falar polonês. Todas as escolas vão fechar. Vai haver toque de recolher, que só vai poder ser violado com um passe. Não temos permissão de manter armas, botas de esquí nem qualquer alimento além da ração delimitada. Esconder esses itens pode render um castigo de... — De novo *papa* olhou para mim e interrompeu sua fala. — Provavelmente eles vão pegar o que bem entenderem.

Papa apanhou o velho revólver prateado da gaveta. *Matka* deu um passo para trás, afastando-se dele.

— Enterre isso, Ade — disse ela, os olhos arregalados.

— Podemos precisar — disse *papa*.

Matka virou de costas para ele.

— Nada de bom vem de uma arma.

Papa hesitou e depois colocou o revólver na caixa.

— Enterre seu uniforme de bandeirante, Kasia. Os nazistas estão mirando nos escoteiros. Atiraram em um grupo deles em Gdansk.

Senti um arrepio. Eu sabia quando não devia discutir com *papa* e coloquei meus bens mais valiosos em latas: o cachecol de lã que Pietrik havia usado uma vez e ainda

tinha o cheiro dele, o novo vestido solto de veludo cotelê vermelho que *matka* fizera para mim, a camisa e o lenço de pescoço do uniforme das bandeirantes, e uma fotografia minha com Nadia montada em uma vaca. *Matka* embrulhou um dos seus conjuntos Marta Kolinsly de pincéis de pelo, que havia pertencido à mãe dela, e juntou todos em uma lata. *Papa* derreteu cera nas junções dos fechos.

Naquela noite apenas as estrelas brilhavam em nosso quintal, uma pequena extensão de lama cercada por algumas tábuas de madeira sustentadas pelas ervas daninhas ao redor. *Papa* pisou na lâmina enferrujada da pá para empurrá-la no solo. A lâmina cortou a terra dura como se fosse um bolo, e ele cavou um buraco profundo, como o da cova nova de um bebê.

Já tínhamos quase acabado, mas mesmo na escuridão eu podia ver que *matka* havia mantido o anel de noivado no dedo, o mesmo anel que a mãe dela lhe dera quando *papa* era pobre demais para comprar um novo. O anel era como uma flor delicada, com um grande brilhante no meio cercado com pétalas de safira azul-escura. Reluzia como um vagalume nervoso enquanto a mão de *matka* se mexia na escuridão.

“O brilhante tem o corte tipo ‘cushion’, do século XVIII, quando lapidavam as pedras para refletirem à luz de vela”, dizia *matka* quando as pessoas o admiravam. E ele realmente refletia, cintilava, quase vivo.

— E a aliança? — perguntou *papa*.

O vagalume voou para trás das costas dela, protegendo-se.

— Esta não — disse *matka*.

Quando crianças, ao atravessarmos a rua, Zuzanna e eu sempre disputávamos quem pegaria a mão em que *matka* usava o anel. A mão bonita.

— Nós já não enterramos coisa suficiente? — perguntou. — Vamos ser vistos aqui fora.

Ficar ali discutindo no escuro só iria chamar atenção.

— Faça como quiser, Halina — disse *papa*.

Ele jogou pás cheias de lama no buraco para cobrir nossos tesouros. Empurrei a terra para o buraco com as mãos para acelerar o processo, e *papa* depois alisou a terra, socando-a. Ele então contou os passos de volta até o prédio, para lembrar onde tinha enterrado o nosso tesouro.

Doze passos até a porta.

* * *

ZUZANNA FINALMENTE VOLTOU para casa com casos terríveis de médicos e enfermeiros trabalhando a noite inteira para salvar os feridos. Comentava-se que ainda havia

muitas pessoas vivas presas nos escombros. Vivíamos com medo de ouvir o som dos alemães na nossa porta, os ouvidos no rádio da cozinha, esperando pelas melhores notícias, mas só escutando as piores. A Polônia se defendia sozinha, sustentando grandes perdas, mas no final não conseguia se igualar à Alemanha em termos de poderio aéreo e divisões armadas modernas.

Acordei no domingo, 17 de setembro, com *matka* contando a *papa* o que tinha escutado no rádio. Os russos também estavam atacando a Polônia, pelo leste. Essa história de países nos atacando não tinha fim?

Encontrei meus pais na cozinha espiando pela janela da frente. Era uma fresca manhã de outono, uma leve brisa soprava nas cortinas de *matka*. Quando me aproximei mais da janela, vi judeus em ternos pretos limpando os escombros em frente à nossa casa.

Matka me envolveu nos braços, e, uma vez que a rua estava desbloqueada, assistimos a um desfile de soldados alemães se deslocarem, como novos inquilinos em uma pensão com suas montanhas de bagagem. Primeiro vieram os caminhões, depois os soldados a pé, e em seguida mais soldados, altos e altivos, de pé em seus tanques. Pelo menos Zuzanna não presenciou aquele triste espetáculo, pois já tinha ido para o hospital de manhã.

Matka esquentou água para o chá de *papa*, enquanto ele assistia àquilo tudo. Eu fazia o máximo para nos manter no maior silêncio possível. Talvez, se não fizessemos nenhum barulho, eles não viriam nos incomodar. Para me acalmar, contei os passarinhos de crochê nas cortinas de *matka*. Uma cotovia. Duas andorinhas. Uma pega. A pega não era um sinal de morte iminente? O barulho estrondoso de um caminhão aumentava cada vez mais.

Eu respirava fundo para conter o pânico dentro de mim. Quem estava vindo?

— *Fora, para fora!* — gritou um homem.

O horrível barulho das solas das botas nos paralelepípedos. Havia uma porção deles.

— Fique longe da janela, Kasia — disse *papa*, ele próprio recuando. Falou de uma forma tão repentina que percebi que estava com medo.

— Devemos nos esconder? — sussurrou *matka*. Ela girou o anel e fechou a mão de modo que as pedras ficassem escondidas lá dentro.

Papa foi até a porta, e eu me ocupei com uma oração. Ouvimos muitos gritos e ordens, e logo o caminhão se afastou.

— Acho que estão indo embora — sussurrei para *matka*.

Dei um salto quando ouvi algo raspar em nossa porta, e depois a voz de um homem.

— *Abram!*

Matka ficou paralisada no lugar, e *papa* abriu a porta.

— Adalbert Kuzmerick? — perguntou um homem da SS, que entrou a passos largos, empoeirado e orgulhoso.

Ele era dois palmos mais alto do que *papa*, tão alto que seu chapéu quase bateu no cimo da porta quando entrou. Ele e seu subordinado trajavam um uniforme completo da Sonderdienst, as botas pretas e o chapéu com o horrível emblema de caveira com dois buracos no lugar dos olhos. Quando passou, senti o cheiro de goma de cravo. Ele parecia bem alimentado também, o queixo tão erguido que pude notar o sangue grudando um pedacinho de papel branco no pomo de adão, onde ele havia se cortado fazendo a barba. Eles até sangravam vermelho-nazista.

— Sou — respondeu *papa*, o mais calmamente possível.

— Diretor de comunicações da agência central dos correios?

Papa aquiesceu.

Dois outros guardas o agarraram pelos braços e o levaram para fora sem que ele tivesse tempo de olhar para trás em nossa direção. Tentei segui-lo, mas o oficial alto bloqueou minha passagem com o cassetete.

Matka correu para a janela, os olhos nervosos.

— Para onde o estão levando?

De repente fiquei com muito frio. Estava ficando difícil respirar.

Outro homem da SS, magro e mais baixo do que o primeiro, entrou com uma sacola de pão feita de lona atravessada no peito.

— Onde seu marido guarda os documentos de trabalho? — perguntou o mais alto.

— Não é aqui — respondeu *matka*. — Não pode me dizer para onde o estão levando?

Matka permaneceu de pé, o punho cerrado encostado no peito, enquanto o mais magro percorria a casa, abrindo gavetas e enfiando dentro da sacola quaisquer papéis que tivéssemos.

— Rádio de ondas curtas? — perguntou o oficial alto.

— Não. — *Matka* balançou a cabeça.

Meu estômago doeu quando vi o guarda magro abrir as portas de nossos armários e enfiar na sacola o pouco de comida que tínhamos.

— Todos os mantimentos são propriedade do Reich — disse o oficial alto. — Vocês vão receber cartões de racionamento.

Ervilhas em lata, duas batatas e um repolho pequeno e triste foram para a sacola do oficial. Depois ele pegou o saco de papel enrolado que continha o resto do café de *matka*.

Ela esticou a mão para pegá-lo.

— Ah, por favor... podemos ficar com o café? É tudo o que temos.

O mais alto se virou e olhou para *matka* por um longo segundo.

— Deixe — disse ele, e o subordinado jogou o saco na bancada.

Os homens percorreram nossos três quartinhos e puxaram gavetas das cômodas, jogando meias e roupas íntimas no chão.

— Armas? — perguntou o oficial alto enquanto os outros vasculhavam os armários. — Algum outro alimento?

— Não — disse *matka*. Eu nunca a tinha visto mentir.

Ele deu um passo na direção dela.

— Você deve ter ouvido que reter algum bem que pertence ao Reich é punível com pena de morte.

— Eu entendo — disse *matka*. — Se eu pudesse só visitar o meu marido...

Seguimos os homens para o quintal dos fundos. O quintal, cercado em todos os lados, subitamente ficou menor com a presença dos homens da SS. Parecia tudo normal, mas o solo onde havíamos enterrado nossas coisas na semana anterior ainda estava bastante destacado. Era óbvio que algo fora enterrado ali. Contei os passos do guarda enquanto ele caminhava até o quintal. *Cinco... seis... sete...* Será que eles conseguiam ver meus joelhos tremendo?

Nossa galinha, Psina, se aproximou do local do tesouro escondido, ciscando por perto, procurando insetos. Meu Deus, a pá estava ali, apoiada no fundo da casa, a lâmina ainda suja de lama. Será que eles nos levariam para o Castelo de Lublin ou simplesmente nos fuzilariam no quintal e deixariam que *papa* nos encontrasse?

— Acha que sou idiota? — perguntou o oficial alto, caminhando em direção ao local do tesouro.

Oito... nove...

Parei de respirar.

— É claro que não — respondeu *matka*.

— Pegue a pá — disse o oficial alto para o subordinado. — Você realmente pensou que conseguiria escapar?

— Não, por favor — disse *matka*. Ela segurava a medalha de Nossa Senhora que usava em uma corrente no pescoço. — Na verdade, sou de Osnabrück. O senhor conhece?

O oficial mais alto pegou a pá.

— É claro que eu conheço. Quem nunca foi ao mercado de Natal lá? Você se registrou como *Volksdeutsche*?

Volksdeutsche era o termo alemão para cidadãos etnicamente alemães vivendo em outros países. Os nazistas pressionavam os cidadãos poloneses com ascendência alemã, como *matka*, a se registrarem como *Volksdeutsche*. Uma vez registrados, eles ganhavam comida extra, trabalhos melhores e os bens confiscados dos judeus e dos poloneses não alemães. *Matka* nunca aceitaria o status de *Volksdeutsche*, já que isso demonstrava estar aliada à Alemanha, mas essa atitude a colocava em risco, porque ia contra o Reich.

— Não, mas tenho mais sangue alemão do que qualquer outro. Meu pai só era polonês em parte.

Psina ciscou o solo em volta do local alisado e mordiscou alguma coisa dali.

— Se a pessoa for alemã, não vai estar quebrando as regras, não é? De reter o que pertence ao Reich?

Matka tocou o braço dele.

— É difícil lidar com tudo isso. O senhor não compreende? Imagine sua própria família.

— Minha própria família teria entregado o que tem para o Reich.

O oficial da SS pegou a pá e seguiu até o local.

Dez... onze...

— Eu sinto muitíssimo — disse *matka*, seguindo-o.

O homem ignorou *matka* e deu mais um passo.

Doze.

Quanto ele cavaria antes de encontrar a lata?

— Por favor, nos dê outra chance — continuou *matka*. — As regras são muito recentes.

O oficial se virou, se apoiou na pá, e olhou *matka* de cima a baixo. Ele sorriu, e pude ver claramente seus dentes, parecendo pequenos tabletes de chicletes.

Ele se inclinou mais próximo dela e baixou a voz.

— Você conhece a regra sobre o toque de recolher?

— Conheço — disse *matka*, uma pequenina ruga entre as sobrancelhas. Ela mudou o peso de um pé para outro.

— Essa é uma regra que você pode quebrar.

O oficial pegou a medalha de *matka* entre o polegar e o indicador e esfregou, sem desviar o olhar dela em nenhum momento.

— É preciso um passe para violar o toque de recolher — respondeu ela.

— Eu tenho os passes aqui no bolso.

Ele soltou a medalha e colocou a mão no peito.

— Não estou entendendo — disse *matka*.

— Acho que está, sim.

— Está dizendo que vai esquecer tudo se eu for visitar o senhor?

— Se foi isso que você ouviu...

— Os alemães que conheço são pessoas cultas. Não consigo imaginá-los pedindo a uma mãe de família, com duas filhas, para fazer isso.

O homem inclinou a cabeça para o lado, mordeu o lábio e pegou a pá.

— É uma pena que pense assim.

— Espere — disse ela.

O homem levantou a pá acima da própria cabeça.

— Meu Deus, não! — gritou *matka*.

Ela agarrou o braço dele, mas era tarde demais. Uma vez a pá no ar, não havia mais como segurar.

Herta

1939

À MEIA-NOITE, PAPAI E eu caminhamos seis quadras do nosso apartamento com porão até uma parte melhor de Düsseldorf, onde as casas de pedras brancas tinham criados que varriam as ruas e podavam gerânios em floreiras de janelas. Era final de setembro, mas ainda estava quente. Chamavam esse clima de “tempo do Führer”, já que permitia o sucesso de Hitler em suas campanhas. Certamente havia funcionado na Polônia.

Subi os degraus até as portas duplas, adornadas com ferragens filigranadas pintadas de branco sobre vidro fosco. Apertei o botão prateado. Será que Katz estava em casa? Havia um brilho fraco por trás do vidro fosco, mas as lanternas de gás de ambos os lados da porta estavam apagadas. Meu pai ficou esperando na rua, na escuridão, abraçando o próprio corpo.

Eu tinha vinte e cinco anos quando os sintomas do meu pai ficaram graves o bastante para ele procurar seu velho e preferido judeu tratador de doentes, um homem chamado Katz. Não tínhamos permissão de chamar os judeus de médicos. Era preferível usar a expressão “tratadores de doentes”. Arianos também não tinham permissão de frequentar médicos não arianos, mas meu pai raramente seguia as regras.

A campainha tocou em algum lugar da casa. Eu nunca havia colocado os pés na casa de um judeu, e não tinha pressa de fazer isso, mas meu pai insistira que eu deveria acompanhá-lo. Queria passar o mínimo de tempo possível lá.

Uma luz mais clara apareceu atrás do vidro fosco, e um vulto escuro veio na minha direção. A porta à minha direita abriu uma nesga para revelar um antigo colega meu da faculdade de medicina, um dos muitos estudantes judeus que não eram mais bem-vindos na universidade. Ele estava completamente vestido, enfiando a camisa para dentro da calça.

— O que vocês querem a esta hora da noite? — perguntou.

Atrás dele, Katz descia a escada, os passos silenciosos no carpete espesso, a cauda do

robe azul-escuro espalhando-se atrás dele. Ele hesitou, encurvado como um velho, os olhos arregalados. Esperava a Gestapo?

Meu pai subiu mancando os degraus da frente da casa e ficou parado ao meu lado.

— Com licença, *herr doktor* — disse ele, com uma das mãos no batente da porta. — Lamento incomodá-lo, mas a dor está insuportável.

Depois que reconheceu meu pai, Katz sorriu e nos mandou entrar. Ao passarmos, o ex-estudante de medicina me observou estreitando os olhos.

Katz nos levou para seu escritório com painéis de madeira, três vezes maior que nosso apartamento, as paredes cobertas com estantes de livros encadernados em couro. A sala tinha uma escadaria em espiral que levava ao segundo patamar, até um mezanino com guarda-corpo e ainda mais estantes de livros. Katz girou uma maçaneta na parede, e o lustre de cristal acima de nós, com mil pingentes cintilantes, se iluminou.

Katz fez meu pai se sentar em uma poltrona que parecia o trono de um rei. Passei as pontas dos dedos pelos braços da poltrona, pelo tecido adamascado vermelho com fios de ouro, macio e fresco.

— Não é incômodo algum — disse Katz. — Eu estava apenas lendo. Minha bolsa, por favor, e um copo d'água para herr Oberheuser — disse ele por cima do ombro ao ex-estudante de medicina.

O jovem apertou os lábios com força e saiu da sala.

— Há quanto tempo a dor está assim? — perguntou Katz.

Eu não conhecia muitos judeus, mas havia lido vários relatos sobre eles em livros escolares e no *Der Stürmer*. Ávidos e controladores. Monopolizando o mercado das áreas do direito e da medicina. Mas Katz pareceu quase feliz em ver meu pai — o que achei estranho, já que estávamos sendo invasivos tão tarde da noite. Era um homem que gostava do seu trabalho.

— Desde o jantar — disse meu pai, abraçando o próprio corpo.

Eu estava quase no final da faculdade de medicina naquela época e poderia tê-lo atendido, mas ele insistiu em ver Katz.

Observei a sala enquanto o médico o examinava. A lareira de mármore preto e branco, o piano de cauda. Os livros nas estantes, limpos e polidos, cada um valendo mais do que eu ganhava em um ano, cortando assados no açougue de *onkel* Heinz em meio expediente. Entre eles havia, sem dúvida, um desgastado volume de Freud. Diversas luminárias espalhadas pela sala lançavam luz mesmo em pontos nos quais ela não estava sendo usada por ninguém. Ah, se *mutti* visse esse desperdício...

Katz tocou as laterais do pescoço do meu pai. Quando o médico virou a mão dele para sentir o pulso, a luz iluminou um K gordo bordado em fio prateado na manga do roupão.

— O trabalho na fábrica Horschafit pode estar provocando isso — disse ele a meu

pai. — Eu pararia de trabalhar lá imediatamente.

Meu pai hesitou, pálido.

— Mas não podemos viver sem esse emprego.

— Bem, pelo menos trabalhe em uma área ventilada.

O ex-estudante de medicina voltou com um copo de cristal cheio d'água e o colocou em cima da mesa ao nosso lado. Não conseguiu entregá-lo em mãos? Mal sabia que meu pai estava do lado dele. Se não estivesse tão doente, teria escondido um bonde inteiro daquela gente no nosso quarto dos fundos.

Katz tirou uma pílula de um frasco e a colocou na mão do meu pai, então sorriu.

— Sem custos.

Era assim que eles faziam? Atraíam seus pacientes gratuitamente e cobravam mais depois? Nossos livros escolares descreviam as diversas estratégias que os judeus usavam para minar os trabalhadores alemães. Estavam tomando conta do mundo da medicina. Meus professores diziam que eram mesquinhos com os resultados de pesquisas e mal compartilhavam as descobertas fora de seus círculos.

Enquanto meu pai tomava o comprimido, dei uma olhada nos títulos na estante: *Cirurgia clínica. Estágios no desenvolvimento de embriões em humanos e vertebrados*. Prateleiras inteiras de tomos forrados de couro verde com títulos como *Atlas das doenças externas dos olhos* e *Atlas da sífilis e das doenças venéreas*.

— Você gosta de ler? — perguntou Katz.

— Herta já vai se formar na faculdade de medicina — disse meu pai. — Ela tem interesse em cirurgia.

Eu havia me saído muito bem nas poucas aulas de cirurgia que tive permissão de cursar, mas, sendo mulher, no nacional-socialismo, eu não podia me especializar em cirurgia.

— Ah, os cirurgiões — disse Katz, sorrindo. — O rei dos médicos, ou pelo menos é o que eles pensam. — Tirou um dos livros verdes da estante. — *Atlas da cirurgia geral*. Você já leu este?

Não falei nada quando ele empurrou o livro na minha direção. Aparentemente, alguns judeus compartilhavam as coisas.

— Depois que aprender tudo deste aqui, traga-o de volta, e eu lhe darei outro — disse ele.

Não toquei no livro. O que as pessoas diriam, se eu aceitasse um livro de um judeu?

— O senhor é muito generoso, *herr doktor* — disse meu pai.

— Eu insisto — falou Katz, ainda estendendo o livro à minha frente.

Parecia pesado, com a capa de couro lisa e gravada com letras douradas. Será que eu poderia pegar algo assim emprestado? Eu queria. Nem tanto para ler. Eu tinha livros. Feios e de segunda mão, com anotações de outras pessoas nas margens e farelos

de pão nas dobras das páginas. Aquele livro era lindo. Seria bom ser vista com ele, chegar à aula e largá-lo casualmente em cima da minha mesa. *Mutti* ficaria furiosa com meu pai por ter me permitido aceitar o empréstimo, mas só isso já fazia valer a pena.

Peguei o livro de Katz e me virei de costas.

— Ela está sem palavras — disse meu pai. — E lê rápido. Vai devolvê-lo em breve.

Foi um livro útil, de certa forma mais detalhado do que os livros da faculdade de medicina. Em menos de uma semana, li desde “Inflamação e reparação de tecidos” até “Câncer do sistema linfático”. O texto e as placas de cor ofereceram mais informações sobre a doença do meu pai. Epitelioma. Sarcoma. Tratamentos com rádio.

Depois que acabei de ler o último capítulo do livro de Katz, “Amputações e próteses”, e pratiquei dois novos nós cirúrgicos descritos nele, fui até a casa do judeu para devolvê-lo, esperando pegar outro.

Quando cheguei, as portas estavam escancaradas, e os soldados da SS levavam caixas de papelão cheias de livros, a bolsa preta de médico de Katz e um carrinho de bebê de vime branco, as rodas girando no ar, até o meio-fio. Alguém tocava uma canção folclórica alemã no piano de Katz.

Segurei o livro com força e fui para casa. Katz não iria voltar para pegá-lo. Todos sabiam sobre essas prisões. Na maioria das vezes, aconteciam à noite. Era triste ver os bens de alguém serem levados daquela maneira, mas os judeus haviam sido alertados. Eles sabiam quais eram as exigências do Führer. Aquilo era lamentável, mas não era novidade, e era pelo bem da Alemanha.

Menos de uma semana mais tarde, vi uma nova família com cinco filhos e uma filha levando malas e uma gaiola de pássaro para aquela casa.

* * *

MINHA MÃE GOSTAVA de trabalhar no açougue do seu irmão Heinz, do outro lado da ponte em Oberkassel, uma parte rica da cidade, e havia conseguido um emprego para mim lá também. Era um açougue pequeno, mas Heinz enchia cada centímetro do lugar com carne. Pendurava presuntos e longas costelas de porco do lado de fora na frente da loja, como meias em um varal, e exibia porcos inteiros abertos, com as barrigas cortadas, as vísceras brilhantes retiradas e guardadas.

No começo, eu empalidecia ao ver aquilo. Porém, como estudante de medicina interessada em cirurgia, aos poucos passei a enxergar a beleza nas coisas mais improváveis. O impressionante marfim de uma caixa torácica aberta. A cabeça

cortada de um bezerro, tranquila como se ele estivesse dormindo, com uma franja de cílios nos pelos úmidos.

— Eu aproveito bem todas as partes de um animal — dizia Heinz. — Tudo, menos os guinchos.

Ele fervia pedaços de porco no fogão o dia inteiro, até as janelas ficarem embaçadas e a loja ter um cheiro ao mesmo tempo podre e doce, como só é possível em um matadouro.

Conforme mais judeus deixavam a cidade, nós nos tornamos um dos poucos açougues de qualidade, e os negócios melhoravam diariamente. Certa tarde, Heinz repassou novidades beneficiando as clientes que formavam duas filas diante do balcão da frente.

— Vocês precisam ir até a *Platz*, senhoras. Estão vendendo tudo dos armazéns. Soube que Frau Brandt encontrou um casaco de zibelina com forro de seda. Apressem-se.

Ninguém dizia que estavam vendendo itens tirados dos judeus, mas todos sabíamos disso.

— Que terrível tirarem as coisas das pessoas assim — disse *tante* Ilsa, a esposa de Heinz, que evitava a loja o máximo possível. Quando ia, levava para mim um pote de sua geleia de morango, que um dia eu havia elogiado. Ilsa mantinha o casaco enrolado no corpo, ainda que fosse verão e ela ficasse lá dentro por apenas dois minutos. — É um pecado revirar as coisas de alguém como se a pessoa estivesse morta.

Tante Ilsa pagava a maior parte dos custos da minha faculdade de medicina. Era uma mulher gentil parecida com um louva-a-deus, alta e delicada, com uma cabeça pequena demais para o corpo. Havia recebido uma grande quantia de dinheiro da mãe e economizava a herança, não importava quanto *onkel* Heinz reclamasse.

Heinz sorriu, fazendo seus olhinhos de porco desaparecerem nas rugas do rosto gordo.

— Ah, não se preocupe, Ilsa. Eles provavelmente estão mortos a essa altura — disse ele.

Os clientes desviaram o olhar, mas eu sabia que ele tinha razão. Se Ilsa não tomasse cuidado, os próprios pertences consideráveis acabariam ao lado dos judeus. A cruz de ouro ao redor do pescoço não serviria de proteção. Será que ela sabia o que Heinz fazia no frigorífico? Talvez em um nível instintivo, da maneira como um bezerro fica inquieto no dia do abate.

— Você derramou uma lágrima quando a loja do judeu Krystel fechou, Ilsa. Minha própria esposa, amiga de judeus, comprando na concorrência. Isso é lealdade, *nicht?*

— Ele tem aqueles galetos de que eu gosto.

— *Tinha*, Ilsa. Não ajuda os meus negócios quando as pessoas ficam sabendo. Logo você vai estar na *Pranger-Liste*.

Segurei a língua, mas já tinha visto o nome dela na *Pranger-Liste*, a lista pública das alemãs que compravam em lojas judias, divulgada pela cidade, cruzada diagonalmente por uma faixa preta.

— Você não vê a mulher de Krystel *aqui* — disse Heinz. — Graças a Deus. E nada mais da Frau Zates, também. Quer um repolho, mas só paga pela metade. Quem compra meio repolho? Eu o corto, e quem compra o resto? Ninguém. Ninguém compra.

— Por que ela deveria comprar um inteiro se precisa apenas da metade? — perguntou Ilsa.

— *Mein Gott*, ela faz isso de propósito. Não percebe?

— Mantenha o dedo longe da balança, ou ficará *sem* clientes, Heinz.

Mutti e eu deixamos Heinz e Ilsa implicando um com o outro e saímos caminhando até a venda na *Platz*. Era raro *mutti* ter tempo para compras, já que acordava às cinco e meia todas as manhãs para fazer costuras antes de limpar casas e trabalhar no açougue. Graças ao milagre econômico do Führer, ela estava trabalhando menos horas durante as tardes, mas ainda parecia igualmente cansada ao fim do dia. Ela segurou a minha mão quando atravessamos a rua, e senti sua pele áspera. Eu mal conseguia olhar para suas mãos machucadas, vermelhas e descamando de tanto lavar banheiros e louça. Não havia creme de lanolina suficiente para curá-las.

As pessoas estavam reunidas na praça vendo soldados da Wehrmacht jogando itens domésticos em imensas pilhas e exibindo itens melhores em cima das mesas. Senti minha pulsação acelerar ao me aproximar das pilhas, classificadas conforme uso e gênero. Sapatos e bolsas. Cestos de bijuterias. Casacos e vestidos. Nem tudo era de boa qualidade, mas, com um pouco de paciência, era possível encontrar as melhores marcas por quase nada. Isso melhorou o humor de *mutti*, que começou uma pilha para nós.

— Olhe, Chanel — falei, mostrando um chapéu vermelho.

— Nada de chapéus — disse *mutti*. — Quer pegar piolhos? E por que cobrir o cabelo, seu ponto forte?

Joguei o chapéu de volta na pilha, contente com o elogio. Embora meu cabelo na altura do ombro não fosse louro-claro, muitos o considerariam louro mel sob a luz correta, o que era bom, porque toda garota alemã queria cabelo claro, e o uso de peróxido era desestimulado.

Passamos por um monte de telas e fotos emolduradas. Havia um quadro de dois homens abraçados no topo, com a tela atravessada pela lança de uma escultura abaixo.

— Meu Deus, arte judia — disse *mutti*. — Eles não podem simplesmente pendurar um calendário na parede como todo mundo?

No caminho da farmácia para casa, meu pai se juntou a nós ao lado das pilhas. As rugas em seu rosto pareciam mais profundas naquele dia. Tivera uma noite difícil no sofá.

Peguei um álbum de retratos de cima de uma mesa e folheei as páginas, com fotos em branco e preto das férias de alguém na praia.

— Isto não é digno — disse meu pai. — Vocês duas se consideram cristãs?

É claro que ele desaprovava. Por que não havia parado de falar conosco? Joguei o álbum em nossa pilha.

— Anton, você não consegue relaxar um pouco? — perguntou *mutti*.

Peguei um quadro, uma pintura de duas vacas pastando, de debaixo de um amontoado de telas emolduradas. Era bem-feito, talvez fosse inclusive uma obra de qualidade. Arte alemã tradicional. Exatamente o que o Ministério da Propaganda considerava adequado, e algo que toda mulher culta deveria ter.

— O que acha, *mutti*?

Ela apontou para as vacas e deu risada.

— Ah, é você, Kleine Kuh.

Kleine Kuh era o apelido que *mutti* me dera. Bezerrinha. Quando criança, mamãe tivera uma vaquinha marrom, e eu a fazia lembrar dela. Havia muito tempo que aprendera a lidar com o fato de não ser tão delicada e loura como minha mãe, mas o apelido ainda me magoava.

— Não chame Herta assim — disse meu pai. — Nenhuma garota deveria ser chamada de vaca.

Era bom ter o apoio do meu pai, embora ele fosse um transgressor que escutava noticiário estrangeiro pelo rádio e lia todos os jornais estrangeiros em que conseguia pôr as mãos. Peguei os dois quadros e os coloquei em nossa pilha.

— Aonde foram parar os donos de tudo isso? — perguntei, embora fizesse alguma ideia.

— No campo de concentração, imagino — respondeu *mutti*. — Por culpa deles mesmos. Poderiam ter se retirado. Ido para a Inglaterra. Mas eles não trabalham. Esse é o problema.

— Judeus têm trabalhos — disse meu pai.

— *Ja*, claro, mas que tipo de trabalho? Advogados? Isso não é trabalho de verdade. Eles são donos das fábricas, mas *fazem* o trabalho? Não. Eu preferiria ter dez empregos a trabalhar para eles.

Mutti tirou um robe da pilha e o levantou.

— Isto cabe em você, Anton?

Meu pai e eu não precisamos ver o K prateado na manga para saber quem era o

antigo dono da peça.

— Não, obrigado — disse ele, e *mutti* se afastou, examinando as pilhas.

— Tem certeza, pai? — Peguei o robe e o estendi na direção dele. — É bonito.

Ele deu um passo para trás.

— O que aconteceu com você, Herta? Onde está a minha menina de bom coração, sempre a primeira a ajudar os mais necessitados? Katz era um homem com quem você poderia ter aprendido muito.

— Eu não mudei.

Era evidente que ele não me apoiava nem gostava muito de mim, mas precisava anunciar isso?

— Katz era um homem de compaixão. Um médico sem amor é como um mecânico.

— É claro que eu tenho compaixão. Sabe como é ser capaz de mudar a vida de uma pessoa apenas com estas mãos?

— Você jamais será uma cirurgiã com Hitler por perto. Não percebe? A sua geração é muito teimosa.

Por mais que eu detestasse admitir, ele tinha razão quanto à parte da cirurgia. Como uma das poucas mulheres na minha faculdade de medicina, eu tive sorte de poder estudar dermatologia, esquecendo cirurgia, na qual havia recebido apenas treinamento básico.

— Todos precisamos nos sacrificar, mas a Alemanha está mudando graças à minha geração. Tanta pobreza a sua nos deixou.

— Hitler será a morte de todos nós, sempre pegando o que quer...

— *Silêncio*, papai — disse.

Que perigo ele falar daquela maneira em público. Inclusive contava piadas sobre líderes do Partido.

— Hitler é a nossa esperança. Em pouco tempo, ele nos livrou das favelas. E precisa dominar. A Alemanha não pode prosperar sem ter para onde expandir. Ninguém devolverá as terras que perdemos.

Muitos pais haviam se tornado receosos de confrontar os filhos por medo de serem denunciados por eles, mas não o meu.

— Ele está matando a Alemanha para alimentar a própria vaidade.

— Esta guerra se encerrará em semanas. Você vai ver — falei.

Ele se virou com um aceno de desdém.

— Vá direto para casa e descanse antes do café da tarde, papai.

Ele se afastou, quase sendo atropelado por um bonde que passava. Meu pai precisava de um cochilo. O câncer estava fazendo uma festa em seu corpo. Será que Katz poderia tê-lo ajudado? Não adiantava perder tempo com esse tipo de pensamento. Ocupei-me procurando por livros de medicina nas pilhas.

Mutti se apressou para me ajudar.

— Encontrei sabonete com perfume de rosas... e uma torradeira.

— Você não se preocupa com o pai, *mutti*? Ele vai ser denunciado. Estou sentindo isso.

Embora meus pais tivessem sangue alemão e pudessem comprovar ancestralidade alemã pura até 1750, meu pai não conseguia disfarçar sua falta de entusiasmo pelo Partido. Ele ainda colocava a tradicional bandeira listrada alemã na nossa janela da frente ao lado da nova bandeira do Partido de *mutti*, embora ela sempre a mudasse para uma janela lateral. Ninguém percebia isso no mar de bandeiras com suásticas penduradas do lado de fora de todos os prédios, mas era apenas uma questão de tempo até que alguém o denunciasse.

— *Ja, feind hirt mitt, Herta* — disse *mutti*. O inimigo está à escuta.

Ela me puxou para mais perto.

— Não se preocupe com isso, Kleine Kuh. Foque no trabalho.

— Eu só tenho permissão para dermatologia...

Mutti apertou meu antebraço.

— Pare com isso. Você estará trabalhando com os melhores e mais brilhantes em breve. Pode chegar ao topo.

— Alguém precisa controlar meu pai.

Mutti se virou.

— O que as pessoas vão dizer se tivermos essas coisas em casa? — disse ela, sacudindo a cabeça para a torradeira que segurava.

Pagamos pelos itens que havíamos escolhido: a torradeira, o álbum de retratos, as pinturas e uma estola de marta com a cabeça de olhos vidrados ainda presa a ela, um item de luxo pelo qual *mutti* estava disposta a arriscar pegar piolhos. Os soldados incluíram um diploma de médico emoldurado que *mutti* disse que usaria para exibir seu certificado de sangue ariano e um par de sapatos de corrida de lona para mim. Tudo por apenas dez marcos. Raramente havia pão em casa para torrar, e *mutti* não tinha programa em que pudesse usar um vison daqueles, mas seu sorriso fez tudo valer a pena.

* * *

GOSTEI DE TER aqueles novos sapatos de corrida para uma viagem como acompanhante na semana seguinte até o Acampamento Blossom, situado em uma floresta de pinheiros a meio dia de trem, ao norte de Düsseldorf. O acampamento era administrado pela Sociedade da Crença e da Beleza, afiliada da BDM, a Bund Deutscher Mädel, ou Liga das Moças Alemãs, a ala feminina do movimento da

juventude do partido nazista. A Sociedade da Crença e da Beleza era apenas para meninas mais velhas, para prepará-las para a vida doméstica e a maternidade. Aquela viagem tinha a intenção de fazer a transição das mais jovens para a organização, e minha função como líder de unidade era tomar conta das meninas da minha cabana. Não era um trabalho fácil.

Líderes de unidades recebiam tarefas diárias, e eu fui mandada para a cabana de artesanato, uma incompatibilidade flagrante, já que considerava a pintura de aquarelas amadoras e trabalhos de tear uma completa perda de tempo. Além disso, meus talentos notáveis estavam fora do mundo artístico. Com meu extenso treinamento médico, eu deveria estar administrando a clínica de saúde do acampamento, mas prestamos o serviço onde somos necessários. Ao menos a cabana de artesanato tinha vista para o lago, que refletia os tons vermelhos e alaranjados das árvores ao redor.

Pippi, outra garota designada para a cabana de artesanato, juntou-se a mim certa tarde. Eu a conhecia desde que havíamos entrado para a BDM, e embora ela fosse alguns anos mais jovem do que eu, éramos boas amigas, a caminho de nos tornarmos melhores amigas, algo que a maioria das garotas parecia ter. Pippi e eu fizemos tudo juntas na BDM. Conquistamos nossos distintivos e nossas cordas de liderança. Revezávamos em turnos para carregar a bandeira em reuniões. No acampamento, compartilhávamos as refeições e até mesmo arrumávamos as mesas de trabalho na cabana de artesanato juntas.

— Vamos logo — falei. — Vai começar a chover.

Pippi tirou as tesouras de cima das mesas e as guardou nas latas de metal ao redor da sala. Ela estava terrivelmente lenta.

Acenou com a cabeça para fora da janela.

— Olhe quem está esperando.

Na beirada do bosque, havia dois garotos, um louro, outro de cabelo escuro, ao lado de um barco a remo trazido para a margem, um sulco profundo na areia atrás. Eu os reconheci: eram os líderes de unidade do acampamento de garotos vizinho, vestindo o uniforme de short e camisa cáqui. Eles faziam parte da tripulação do barco. Eram rapazes bonitos, claro. Como nenhum campista de valor racial inferior era aceito em qualquer acampamento da juventude alemã, todos eram atraentes, com a garantia de serem de raça pura. Não houvera necessidade de medir nossas cabeças e narizes com calibres e craniômetros. Todos havíamos apresentado históricos genéticos puros.

Eles mexiam nas cavilhas do barco, olhando de vez em quando para a cabana de artesanato.

— Você sabe o que aqueles meninos querem, Pippi.

Pippi conferiu o rosto no espelho acima da pia. Ao lado dele, um cartaz pregado à parede com tachinhas dizia: LEMBRE-SE! VOCÊ É ALEMÃ! MANTENHA SEU SANGUE PURO!

— E daí? Eu só quero experimentar. É divertido.

— Divertido? Não podemos terminar uma corrida de revezamento aqui sem casais fugindo para o bosque.

Qual era a graça de uma corrida se ninguém vencesse?

No Acampamento Blossom, os funcionários eram encorajados a desviar o olhar se casais arianos se formassem. Caso o resultado fosse uma gravidez, a mãe era enviada a uma luxuosa clínica-spa da SS, e o nascimento de uma criança saudável era celebrado, não importando se a mãe era ou não casada. Todo esse foco em crianças era compreensível, é claro, já que o futuro da Alemanha dependia do povoamento do nosso país. Mas, com minha atenção voltada para a medicina, eu não podia me dar o luxo de engravidar. Peguei uma tesoura de uma das latas de metal e a escondi no bolso do short.

Pippi arregalou os olhos.

— Você já fez? — perguntou ela em um tom casual.

— Dói, sabia? E, não importa o que digam, se você tiver um bebê, será retirada da BDM e mandada para Wernigerode. No meio do nada.

Pippi tirou uma pilha de cartões-postais do bolso do short. Tinham imagens de Die Mutter-hauser des Lebensborns, um grandioso chalé. Um dos cartões mostrava uma enfermeira cuidando de um berço cheio de babados em um terraço cercado por árvores sob a bandeira da SS.

— Dizem que é como estar de férias... com o melhor de tudo. Carne. Manteiga de verdade...

— Talvez, mas o pai não estará envolvido. Depois que a criança nasce, ela é levada para ser criada por estranhos.

— Você joga um balde de água fria em tudo, Herta — disse ela, abanando-se com os cartões.

Depois que pararam de mexer no barco, os rapazes se levantaram, as mãos nos bolsos. Tentei ganhar tempo, esperando que eles fossem embora, mas, enfim, tivemos que ir.

Lado a lado, Pippi e eu começamos a percorrer o caminho que levava à nossa cabana. Viramos, vimos os rapazes nos seguindo, apertando o passo, e Pippi mordeu o lábio enquanto sorria.

— Rápido — falei, puxando Pippi pelo braço.

Os rapazes aceleraram mais, e Pippi e eu saímos correndo na direção do bosque. Deixei o caminho e disparei pela vegetação baixa e espinhosa enquanto Pippi, uma corredora experiente, ficava para trás. Durante a corrida, a ponta da tesoura machucava minha perna. Por que isso fazia com que eu me sentisse tão estranhamente viva?

Dei a volta até o lado oposto de uma cabana abandonada perto de um riacho e me

agachei na margem coberta de musgo. Recuperando o fôlego, larguei a tesoura e examinei o ferimento na coxa. Era superficial, mas jorrava uma quantidade assustadora de sangue. Apesar do som da água correndo, ouvi os rapazes agarrarem Pippi.

— Vocês são muito rápidos — disse ela, dando risada.

Os três entraram na cabana, e eu ignorei meu ciúme. Como seria beijar um rapaz tão bonito? Eu precisava contar ao meu superior se Pippi sucumbisse?

— Como você beija bem. — Ouvi Pippi dizer.

Escutei o rangido das molas da cama, mais risadas dela, e depois gemidos de um dos rapazes. Onde estava o outro? Olhando?

Pippi vergonhosamente demonstrou pouca resistência, e eu os ouvia respirando forte e alto. Como ela pode fazer isso?

— Você não pode ficar de roupa — disse um dos garotos.

— Está muito sujo aqui — respondeu Pippi.

Fiquei agachada, imóvel, pois qualquer movimento revelaria a minha posição. Pippi parecia estar gostando de tudo, até mudar de ideia.

— Não, por favor — disse ela. — Eu preciso voltar...

— Não é justo chegar tão longe...

— Você está me *machucando* — gritou ela. — Herta!

Amigas ajudam umas às outras, mas eu a havia alertado. Por que ela não havia me escutado? Sua falta de disciplina era uma fraqueza.

— Socorro! — gritou Pippi. — Alguém, por favor...

Ajudá-la apenas me colocaria em perigo, mas eu não podia deixá-la naquela situação. Peguei a tesoura, fria e pesada, e corri até os degraus apodrecidos da cabana na escuridão quase absoluta.

A porta de tela estava caída no chão, fora das dobradiças, de modo que a entrada oferecia uma boa visão do interior. Havia muitas camas de metal enferrujado de pé, e Pippi deitada na única que estava na horizontal. Ela havia caído, o colchão barulhento, manchado e rasgado. Um dos rapazes estava deitado em cima dela, o traseiro branco-azulado no quarto escuro, liso e duro e mexendo para a frente e para trás enquanto ela gritava. O segundo rapaz, o de cabelo escuro, estava de pé na cabeceira da cama, segurando os ombros de Pippi.

Passei por cima de falhas de tábuas de piso que faltavam na entrada da cabana.

— Parem com isso — ordenei.

O segundo rapaz se animou quando me viu, talvez esperando ter sua chance. Mostrei a tesoura, um fraco brilho prateado no ambiente escuro.

— Ela está falando sério — disse o rapaz de cabelo escuro, e soltou os ombros de Pippi.

O louro começou a se jogar com vigor renovado em Pippi, diante da perspectiva de

que ela fugisse.

Eu me aproximei mais.

— Saia de cima dela — ordenei.

— Vamos *embora* — disse o rapaz de cabelo escuro.

O louro saiu de cima de Pippi, pegou o short do chão e foi embora com o amigo, ambos evitando minha tesoura. Pippi ficou chorando no colchão. Desamarrei a bandana do meu pescoço e a coloquei em cima da cama.

— Pode usar isto para se limpar — disse.

Deixei-a lá dentro e saí para me certificar de que os dois haviam ido embora. Convencida de que não iriam voltar, fui até o riacho. Levantei a tesoura e peguei um punhado do meu cabelo comprido, puxei com força e cortei. Todos os meus músculos relaxaram com essa liberação, e eu continuei procurando por cachos perdidos, até meu cabelo estar com menos de um polegar de comprimento ao redor da cabeça. Joguei meu cabelo no rio e o observei seguindo correnteza abaixo, deslizando pelas pedras, na direção da escuridão.

Ajudei Pippi a voltar à nossa cabana. Chorando muito, ela me agradeceu por resgatá-la e admitiu que deveria ter seguido meu conselho. Ela prometeu me escrever quando chegasse em casa, em Colônia.

Os pais de Pippi a buscaram no dia seguinte, nem um pouco felizes, pelo que deram a entender pelos modos rudes. Eu a observei indo embora, acenando pela janela traseira do carro dos pais, minha única boa amiga.

No restante do meu período no acampamento, mantive a tesoura por perto, mas, no fim, o cabelo cortado por mim mesma funcionou, e os rapazes me deixaram em paz. Quando a viagem terminou, metade das moças da minha cabana voltou para casa cruzando os dedos, esperando ter um bebê, enquanto eu deixei o acampamento feliz, sem um óvulo fertilizado.

Caroline

1939

DEPOIS QUE HITLER invadiu a Polônia, o ligeiro mau presságio que pairava no ar se transformou em pânico genuíno em todos os consulados de Nova York, e nosso escritório virou um inferno. Para piorar, Washington aumentou as restrições para liberação de vistos, e se tornou quase impossível entrar nos Estados Unidos vindo da Europa. A França também limitou a emissão de vistos. Por volta de novembro, pessoas desesperadas para estar no início da fila enfrentavam o frio e passavam a noite ao relento em sacos de dormir sob a janela do meu escritório. Quando abríamos a janela, pela manhã, a fila de cidadãos franceses desesperados para voltar para casa com frequência se estendia da recepção até o corredor.

Minha melhor amiga, Betty Merchant, escolheu um dia cinzento no fim do mês para passar por lá e deixar seus donativos. Eu a ouvi chegar e dar ordens a Pia, pedindo um chá quente que nunca receberia. Betty abriu caminho até o meu escritório, vestindo um conjuntinho Schiaparelli de buclê azul-anil, com um chapéu enfeitado com penas azuis e escarlate, e um jornal dobrado embaixo do braço. Em uma das mãos, carregava um antigo presente de casamento de um casal de Nova Jersey, uma árvore-do-dinheiro de cerca de um metro de altura feita de sessenta notas de cem dólares dobradas no formato de pequenos leques em uma base de madeira. Na outra, ela equilibrava uma pilha de caixas de sapato.

Betty colocou a árvore de dinheiro no meu mata-borrão.

— Trouxe isso para os seus bebês franceses. Deve dar para algumas latas de leite.

Era bom ver Betty, mas eu estava atrasada na minha agenda, e a pilha de pastas de casos estava alta. Seguindo a tradição francesa, o escritório fechava para o almoço de meio-dia e meia às três da tarde, e eu separava esse tempo para comer atum enlatado à mesa enquanto reunia forças para a ofensiva da tarde.

— Obrigada, Betty. É bom ver você, mas...

— E caixas de sapato, como prometido. Só trouxe as que guardavam sapatos franceses, assim os bebês se sentirão em casa.

O gosto de Betty por sapatos garantia os recipientes para as caixas de assistência que eu mandava para o exterior, e eu sabia que sempre haveria um fluxo constante delas.

Betty fechou a porta do meu escritório.

— Estou fechando por causa da Srta. Orelhuda lá fora.

— Pia?

— Ela escuta tudo, você sabe. Está louca para saber onde vamos almoçar, é claro.

— Estou ocupadíssima e sem fome, lamento.

— Não pode dar uma escapadinha? Não há nada como um martíni para abrir apetites preguiçosos.

— Como posso sair para almoçar com essa multidão esperando aí fora? Acabei de atender a um casal de Lyon que desde junho espera notícias da filha na França. Os dois estavam aos prantos.

— Francamente, Caroline. Você é voluntária aqui, e não pode nem sair para *almoçar*.

— Essas pessoas precisam de mim.

— Aquele seu ascensorista... Cuddy?... Talvez eu o leve para o “21”. Há alguma coisa em homens de uniforme...

Betty se examinou no espelho da embalagem de pó compacto, em busca de alguma imperfeição. Como não encontrou nenhuma, deu de ombros, desapontada. Ela era, com frequência, comparada a Rita Hayworth, já que fora abençoada com cabelo cheio e curvas que já haviam feito um senhor em uma cadeira de rodas se levantar e andar pela primeira vez em anos. Ela nem sempre era a mulher mais bonita da sala, mas era difícil desviar os olhos de Betty, como acontece com um acidente de trem ou com um urso dançarino.

— Você precisa de um intervalo, Caroline. Por que não aproveita para virar minha parceira de bridge?

— Não posso, Betty. As coisas estão uma loucura por aqui. Com Hitler mostrando suas garras, metade da França está tentando sair e a outra metade, desesperada para voltar. Tenho sessenta pacotes de assistência para arrumar. Sua ajuda é bem-vinda.

— Realmente adoro os franceses, e parece que você também. Vi aquele seu novo namorado outro dia, a caminho do teatro.

Flocos de neve caíram do lado de fora da janela. Será que estava nevando em nossa casa em Connecticut?

— Ele não é meu namorado.

Infelizmente isso era verdade, embora eu tivesse visto Paul com frequência naquele outono e início de inverno. Ele sempre parava no consulado antes do ensaio no teatro, e dividíamos o almoço que ele trazia em um saco de papel pardo, no jardim do terraço do Prédio Francês, não importava o clima.

— Você parece encontrar tempo para *ele*. Mamãe me contou que a viu com ele no Sardi's. "Estava almoçando em um *tête-à-tête* com um europeu alto." Palavras dela. Toda a cidade está comentando, C. Parece que *ele* se tornou seu melhor amigo. — Betty colocou o jornal dobrado em cima da minha mesa. — Saiu uma notinha sobre vocês dois no *Post*. Sabia que ele foi escolhido como o Homem Mais Belo do Mundo pela revista *Physical Culture*?

Não fiquei surpresa, mas envaidecida com aquilo, por algum motivo. Quem votava nessas coisas, pelo amor de Deus?

— Um almoço — falei. — Sinceramente. Estava fazendo observações sobre o espetáculo dele....

Betty se inclinou por cima da minha mesa.

— Você merece um amante, Caroline, mas seja discreta, querida. Tem mesmo que ser com uma pessoa do teatro? E alguém tão, hum... público? Entendo que você ainda esteja sofrendo por causa de David. Se eu soubesse que meu irmão estava...

— Isso está encerrado, Betty.

— Posso interceder por você, mas depois que uma reputação é manchada, não há como limpá-la. Evelyn Shimmerhorn está enorme. Não pode sair de casa.

— Pode deixar Evelyn em paz? Não me importo com o que as pessoas pensam.

— Mas se importará quando não for mais convidada para ocasiões sociais. Por que não me deixa encontrar alguém para você? Sinceramente, David pode ser meu irmão, mas Deus sabe que ele tem defeitos. Você está melhor sem ele, mas não se junte a um francês qualquer só para se vingar. Você sabe que todo homem tem em mente o perfil da mulher com quem deseja ficar. Só precisamos encontrar um homem adequado que tenha o seu perfil em mente.

— Você deve ter coisas melhores para fazer, Betty.

Ela sempre foi quem mais me apoiou desde nosso primeiro dia de aula na Chapin, a escola mista que frequentávamos, quando um menino me chamara de *le girafon* na aula de francês e ela pisou no pé dele com o salto da bota branca.

— Se dependesse de mim, você e Paul poderiam ficar completamente nus no topo do Chrysler Building. Só estou tentando protegê-la, querida.

Para meu grande alívio, Betty disse que precisava ir embora. Eu a segui até a recepção, onde ela colocou a árvore de dinheiro na mesa de Pia.

— Espero que você não esteja imaginando que eu vá depositar isso — disse ela, recostando-se na cadeira, um cigarro Gauloise na mão.

— Você será a grande atração da Quinta Avenida, não é mesmo? A propósito, tem algum sutiã, Pia, querida?

— A palavra é *brassière*.

Betty jogou um dólar na mesa de Pia.

— Pegue isso e compre um para você. São mais baratos no departamento infantil.

Quando Betty saiu da recepção, Paul chegou pelo elevador, com o saco do almoço na mão, e segurou a porta para ela. Betty apenas me lançou seu melhor olhar de “eu avisei” e seguiu seu caminho.

Paul viera naquele dia para tentar resolver a questão do visto com Roger e eu me juntei à reunião de intrometida. Queria mostrar meu apoio a Paul, porque isso certamente convenceria Roger a ajudá-lo a ficar. Roger instalara uma cama dobrável no escritório dele e a deixara abaixada, com as cobertas emboladas em cima como lenços de papel usados. Não fora um sono reparador.

— Preciso tirar Rena da França — disse Paul.

Roger pegou um barbeador elétrico em uma gaveta e o colocou no mata-borrão.

— Podemos tentar. Visto americano é um item disputado. Você viu a fila. Até mesmo os cidadãos franceses que têm vistos americanos estão encalhados na França. Tão poucos barcos...

— O pai de Rena é judeu — declarou Paul. — Isso complicará as coisas?

Fui até a cama dobrável e desembalei as cobertas.

— Desde que Washington mudou as cotas de imigração em 1924, tudo está mais difícil — respondeu Roger.

— Ela solicitou um visto de turista.

Roger fechou a gaveta da escrivaninha.

— Pode deixar essa cama em paz, Caroline? Todos naquela fila estão solicitando um visto de turista, Paul. Rena precisa de dois avalistas.

— Posso ser um deles — falei, enquanto afofava o travesseiro de Roger. Aquilo era batom? Vermelho Rockette.

— Obrigado, Caroline — disse Paul com um sorriso.

— Você não deveria estar ajudando Pia lá na frente, Caroline? — perguntou Roger.

Enfiei as beiradas do cobertor sob o colchão.

— Rena já comprou passagem? — perguntou Roger.

— Sim, mas sem o visto, a passagem expirou. Ela vai remarcar assim que tiver o novo visto.

Roger ligou o barbeador e o passou nas bochechas, para aparar a barba. Se fosse deixada por conta própria, os pelos engoliriam todo o rosto dele.

— Não estou fazendo nenhuma promessa. A cada dia aparecem mais restrições à emissão de vistos.

— Mais? — perguntei.

— Você sabe que a decisão não é minha — falou Roger.

Ergui a cama dobrável até encaixá-la no armário junto à parede.

— Não podemos acelerar as coisas? Isso não parece justo. Paul é um cidadão francês importante, um embaixador da França para o mundo...

— Estou à mercê do Departamento de Estado Americano, Caroline. Uma caixa de champanhe só ajuda até certo ponto.

— Posso voltar à França para uma visita — sugeriu Paul.

— Se for, ficará lá — disse Roger.

Fui até a cadeira de Paul.

— Por que não esperar até a primavera?

— Na primavera a situação estará muito diferente — avisou Roger. — Eu iria agora, Paul, se estiver falando sério.

Paul endireitou o corpo na cadeira.

— É claro que estou falando sério.

Estava mesmo? Eu lhe entregara os formulários de reingresso e Paul os perdera duas vezes... Não que eu quisesse que ele se fosse.

— Então precisa dar entrada nos papéis — disse Roger.

— Posso preencher os formulários para você — sugeri.

Paul apertou a minha mão.

— Você deve estar ansioso para ver sua esposa — comentou Roger.

— É claro — retrucou Paul.

Roger se levantou.

— Fica a seu critério, mas se você estiver em seu quarto no Waldorf quando Hitler decidir invadir a França, não conseguirá voltar.

A reunião estava encerrada. Paul se levantou também.

— Caroline, pode ficar mais um instante? — perguntou Roger.

Paul seguiu em direção à porta.

— Vejo você lá em cima — disse ele, e foi para o jardim no terraço.

Roger fechou a porta da sala.

— Espero que você saiba no que está se metendo.

— Eu avalizei dez solicitantes...

— Sabe a que estou me referindo. A Paul.

— Não está acontecendo nada — falei. *Fique calma...* Um Roger cansado era sinal de encrenca.

— Paul já teria ido embora, se não fosse por você. Eu sei o que está acontecendo.

— Isso não é justo, Roger.

— Não? Ele tem família, Caroline. Não acha estranho que não tenha a menor pressa de ir embora?

Roger pegou a pasta de Paul e folheou os papéis dentro dela.

— O novo espetáculo dele...

— É mais importante do que a *esposa*?

— Acho que eles são um tanto, bem... distantes.

— Lá vamos nós. — Roger jogou a pasta na mesa. — Pia diz que vocês dois

passam o almoço no jardim do terraço.

— Não precisa exagerar, Roger.

Eu me aproximei da porta. Roger não sabia de nada... Paul e eu havíamos percorrido Manhattan juntos muitas vezes. Comendo chop suey e bolinhos de arroz na MacDougal Street em Greenwich Village, passeando no jardim japonês do Prospect Park.

— Escute, Caroline, você provavelmente se sente solitária...

— Não precisa me ofender. Estou apenas tentando ajudar. Não é certo que ele e Rena sofram assim. Veja tudo o que Paul fez para ajudar a França.

— Por favor. Você quer que eu tire Rena da França para que Paul possa permanecer aqui. E então? Três é demais, Caroline, e imagine quem será deixada de fora? Ele precisa cumprir seu dever como cidadão francês e voltar para casa.

— Nós temos que fazer o que é certo, Roger.

— *Nós* não temos que fazer nada. Tome cuidado com o que deseja, Caroline.

Voltei correndo para o meu escritório desviando de uma bola de *pétanque* perdida. Será que Paul ainda estaria esperando?

As palavras de Roger pairavam no ar. Talvez eu me sentisse atraída por Paul. Esperava que Betty estivesse certa sobre homens e seus perfis de mulher. Paul gostava do meu? Havia coisas piores na vida.

* * *

ESTÁVAMOS TERRIVELMENTE OCUPADOS no consulado, mas mamãe insistiu para que eu fosse voluntária no chá dançante que ela e as amigas haviam organizado no Plaza. Se você nunca compareceu a um desses, um chá dançante é uma relíquia de épocas passadas, uma reunião casual à tarde onde são servidos sanduíches leves e os convidados são encorajados a dançar.

Havia milhões de lugares em que eu preferiria estar naquele dia, mas o chá dançante de mamãe era em benefício dos Russos Brancos, antigos membros da aristocracia russa, agora exilados, que haviam apoiado o czar na Guerra Civil Russa. Ajudar esses antigos aristocratas vinha sendo uma causa cara à minha mãe havia anos, e eu me sentia obrigada a ajudar.

Ela reservara o grande salão de baile do Plaza, em estilo neorrocó, um dos lugares mais lindos de Nova York, com paredes espelhadas e candelabros de cristal, e contratara uma orquestra de balalaica russa como atração musical. Seis músicos, antigos membros da corte do czar, usando trajes de gala, sentavam-se muito eretos em plataformas instaladas em um dos lados do salão de baile. Cada um segurava uma balalaica triangular de três cordas no joelho, esperando a deixa de mamãe. Embora

esses profissionais de categoria internacional houvessem sido reduzidos a músicos que tocam em chás dançantes, pareciam felizes com o trabalho. As anfitriãs assistentes, membros do comitê que mamãe havia coagido, além de algumas amigas minhas da Junior League, a associação internacional de mulheres voluntárias para auxílio de caridade e educação, andavam pelo salão usando trajes russos tradicionais. Ela convencera até mesmo uma Pia emburrada a se juntar às nossas fileiras.

Eu não contara a ninguém, além das minhas companheiras anfitriãs assistentes, que costumava participar desses eventos como voluntária, porque era humilhante demais ser vista em um traje russo. Como atriz, eu usara sem problemas toda espécie de figurino imaginável, mas aquele era demais, porque incluía um *sarafan*, um vestido longo em formato de trapézio, preto com fitas vermelhas e verdes bordadas, com mangas bufantes brancas e uma blusa branca com flores bordadas em lã. Mamãe também insistira que todas usássemos o particularmente constrangedor *kokoshnick*, o enfeite de cabeça alto bordado em dourado e prata, cravejado de pedras semipreciosas, e adornado com fios de pérolas de água doce. Como se eu já não fosse alta o bastante, o enfeite de cabeça me fazia parecer apenas um pouco mais baixa do que o Empire State Building enfeitado com pérolas.

Mamãe colocou uma tigela de doação dourada e esmaltada na mesa da frente, então tocou a minha manga bordada. Isso fez com que um aroma delicioso me alcançasse, o perfume dela, que seu amigo, o príncipe Matchabelli, ele mesmo um nacionalista georgiano desalojado, fazia especialmente sob encomenda, com seu lilás favorito, sândalo e notas de rosas. Ele e sua esposa, a princesa e atriz Norina, mandavam todas as fragrâncias que produziam para mamãe, o que transformava a penteadeira dela em uma cidade de frascos coloridos com a coroa e a cruz no topo.

— O público hoje vai ser pequeno — comentou mamãe. — Estou sentindo isso.

Embora eu me sentisse relutante em comentar com minha mãe, poucos convidados era uma consequência inevitável, já que os americanos haviam se tornado cada vez mais isolacionistas. As pesquisas mostravam que nosso país, que ainda sofria com as enormes perdas da Primeira Guerra Mundial e da Grande Depressão, opunha-se a ser arrastado para um novo conflito. Os nova-iorquinos não estavam com humor para chás dançantes que beneficiassem qualquer um fora dos quarenta e oito estados.

— Com a guerra na Europa, seus Russos Brancos já não são mais prioridade, mamãe.

Ela sorriu.

— Sim, pense em todos aqueles pobres europeus desalojados.

Ela olhava para oportunidades de fazer caridade do mesmo modo que algumas pessoas olhavam para um prato de doces.

Nosso cozinheiro, Serge, atravessou o salão de baile, com um toque *blanche*

plissado na cabeça, e o avental sujo de farinha. Ele carregava uma tigela de prata de *tvorog*, um prato camponês de queijo branco com calda de amoras silvestres. Nascido Vladimir Sergeyevich Yevtushenkov, Serge era descendente de alguma nobreza russa, e mamãe sempre fora vaga a esse respeito. Ter Serge morando conosco era como ter um irmão muito mais jovem, com um sotaque carregadíssimo, que passava todo o tempo acordado pensando em coisas novas que poderia flambar para mamãe e para mim.

A aparição de Serge fez Pia se aproximar, como um crocodilo deslizando pela água, o copo de ponche na mão.

— Isso parece delicioso, Serge.

Ele ruborizou e secou as mãos no avental. Serge era esbelto, tinha cabelo cor de areia, e poderia ter conquistado qualquer moça que quisesse na cidade de Nova York, mas o rapaz nascera com uma timidez incapacitante, que o mantinha na cozinha, caramelizando feliz seu creme brûlée.

— Talvez tenha sido um erro reservar o salão de baile grande, mamãe — comentei.

As chances de encher os mais de trezentos metros quadrados com os convidados eram pequenas. Roubei de mamãe um pedaço do *khachapuri*, um pão amanteigado, cortado em triângulos.

— Mas você anunciou no *Times*. As pessoas virão.

A orquestra de mamãe tocou uma versão apaixonada da canção folclórica russa “A antiga tília”, incompatível com qualquer passo de dança dos dias atuais.

Mamãe me segurou pelo cotovelo e me puxou.

— Estamos vendendo chá russo e cigarros, mas fique longe deles. Pia diz que você anda fumando com seu amigo francês.

— Ele não é...

— Sua vida social é problema seu, mas precisamos levantar fundos.

— Sei que você não aprova Paul, mas somos apenas amigos.

— Não sou sua confessoria, Caroline, mas nós duas sabemos como é esse pessoal do teatro. Principalmente atores casados vivendo longe de casa. Mas você é uma mulher de trinta e cinco anos...

— Trinta e sete.

— ...e não precisa da minha aprovação. Mas, se quer saber a minha opinião, um ou dois dos componentes da orquestra dariam namorados muito adequados. — Mamãe inclinou a cabeça na direção da banda. — Já foram a nata da aristocracia russa.

— Nenhum tem menos de sessenta anos.

— Quem muito quer, nada tem, querida.

Mamãe saiu em busca de doações e eu terminei de arrumar o salão. Estava em cima de uma escada, ajeitando um holofote para que iluminasse a orquestra, bastante

consciente de que ter subido ali me colocava ainda mais em evidência, quando Paul apareceu na porta do salão de baile e foi direto para a escada.

— Roger me disse que eu poderia encontrá-la aqui.

O grande salão combinava com Paul, as paredes cor de creme com toques dourados fazendo um contraste elegante com sua bela aparência morena. Senti uma onda de *la douleur*, uma das muitas expressões francesas intraduzíveis, que queria dizer “a dor de querer alguém que não se pode ter”.

— Que maravilha — falei, descendo a escada, as pérolas balançando. Ele não poderia pelo menos disfarçar o sorriso?

— Estou a caminho do teatro, mas preciso da sua assinatura para o requerimento do visto de Rena. Se for um momento ruim...

— É claro que não.

Minha mãe se aproximou de nós e a orquestra acelerou o ritmo.

— Mamãe, deixe eu lhe apresentar Paul Rodierre.

— É um prazer conhecê-lo — disse ela. — Ouvi dizer que está em *As ruas de Paris*.

Paul abriu um de seus melhores sorrisos para mamãe. Ela pareceu imune. Para olhos leigos, minha mãe parecia extremamente cordial, mas depois de anos observando-a em sociedade, percebi sua frieza.

— Se me der licença, preciso checar a reposição do *khachapuri*. Parece que tem alguém comendo tudo.

Paul se virou para encará-la.

— *Khachapuri*? Meu favorito.

— Lamento, mas é só para convidados pagantes — informou ela. — Não que teremos muitos esta noite.

Paul se inclinou em uma breve reverência na direção de mamãe, muito formal.

— Se as damas me derem licença, preciso ir.

Ele sorriu para mim e saiu por onde entrara. Por que tão rápido?

— Bom trabalho, mamãe, expulsando nosso único convidado.

— Os franceses são tão melindrosos...

— Você não pode esperar que as pessoas fiquem aqui. Os nova-iorquinos prefeririam morrer a comer *tvorog*, e você sabe que servir álcool ajuda.

— Na próxima vez, venderemos feijão com salsicha. Se dependesse de você, estaríamos em um refeitório universitário, celebrando com uma jarra de uísque de milho.

Voltei minha atenção para as guirlandas de pinhas de mamãe, penduradas acima das portas, com a ajuda de uma Pia emburrada. Enquanto trabalhávamos, eu repassava mentalmente a longa lista de coisas que estava atrasada para fazer. Relatórios para Roger. Meus pacotes de assistência. Por que mamãe era tão teimosa?

Ela precisava se adaptar ao século XX. Senti que alguém me observava e, quando me virei, um dos membros mais idosos da orquestra piscou para mim, com a balalaica na mão.

Uma hora mais tarde, até mesmo mamãe teve que aceitar a derrota. Nossos únicos interessados em potencial haviam sido hóspedes do Plaza, um casal de Chicago que chegara até ali por acaso e saíra rapidamente, como se houvesse se deparado com uma colônia nudista.

— Bem, foi um fracasso — declarou mamãe.

Puxei uma guirlanda da parede.

— Eu avisei...

Não terminei a frase porque, naquele momento, uma grande agitação no corredor do lado de fora do salão de baile fez com que mal conseguíssemos ouvir uma à outra. As portas foram abertas e uma multidão entrou no salão — todo tipo de pessoa que se pode imaginar, de cima a baixo na escala social, todos exageradamente maquiados e usando trajes da França dos anos 1920. Mulheres com twin-sets de cintura baixa, o cabelo com ondas bem delineadas. Algumas usavam vestidos sem cintura marcada e penteados à la Luise Brooks. Criaturas lindas em vestidos de cetim bordados com contas e pedrarias, os cabelos curtos como os dos alunos de Eton e lisos no estilo Josephine Baker. Os homens usavam ternos antigos e chapéus-coco. Uma grande quantidade de músicos de casaca entrou, por fim, com violinos e saxofones na mão. Mamãe parecia prestes a bater no teto de tanta felicidade, enquanto acenava para que os músicos se juntassem à orquestra.

— Temos *khachapuri* para todos — anunciou ela. — Deixem os casacos com a querida Pia.

E, na esteira da multidão, Paul entrou.

— Meu Deus, o que é isso? — perguntou, espremendo-se para passar entre duas mulheres carregando um conjunto de tambores, chapéus *cloche* quase cobrindo os olhos. Eu as reconheci, claro.

— Acho que você sabe, Paul. Como conseguiu trazer todo o espetáculo para cá?

— Você conhece o pessoal de teatro. Já estavam todos arrumados para uma festa. Carmen teve uma crise de enxaqueca, por isso não houve matinê hoje. Estamos livres até o primeiro sinal, às seis.

A banda que acompanhava *As ruas de Paris* se misturou bem à orquestra russa de amigos de mamãe e fizeram de “Love is Here to Stay” a ponte musical entre as nações. Assim que os dançarinos reconheceram a canção, ocuparam a pista de dança, mulheres dançando foxtrote e suingue com outras mulheres, homens com homens.

Mamãe correu até onde estávamos, ajeitando o enfeite de cabeça enquanto andava.

— É um belo grupo, não é? Eu sabia que acabaríamos atraindo uma multidão.

— Mamãe, Paul é o responsável por tudo isso. Essas pessoas são do espetáculo, todo o elenco.

Ela vacilou, constrangida por um momento, então se virou para Paul.

— Bem, o Comitê Central Americano para Ajuda à Rússia lhe agradece, Sr. Rodierre.

— Há alguma chance de um desses agradecimentos incluir uma dança? Nunca dancei Gershwin tocado em balalaicas.

— Ora, não pode desperdiçar essa oportunidade — disse mamãe.

Depois que se espalhou a notícia de que o famoso Paul Rodierre estava no chá dançante, todo o hotel apareceu ali, e Serge teve que repor o *tvorog* três vezes. Logo dei um jeito de me livrar do meu enfeite de cabeça, e todos estavam se divertindo muito, incluindo os amigos de mamãe da orquestra, que desencavaram uma vodca russa para animar o chá gelado.

Quando Paul foi embora, os bolsos estavam cheios de cigarros russos presenteados por mamãe, e a tigela de doação para o Comitê Central Americano para Ajuda à Rússia transbordava.

Mamãe parou perto de mim para recuperar o fôlego entre uma dança e outra.

— Sinta-se livre para colecionar quantos amigos franceses desejar, querida. Realmente sinto falta do pessoal do teatro, você não, meu bem? É uma mudança de ritmo tão estimulante!

Paul acenou para mim ao sair, satisfeito com o trabalho bem-feito, e pronto para levar todos de volta para o teatro a tempo do primeiro sinal. A bondade dele não poderia ter encontrado receptor mais grato do que mamãe. Ela não dançava desde que meu pai morrera. Como eu poderia não me sentir imensamente grata a Paul?

Betty estava certa. Ele era mesmo meu melhor amigo.

Kasia

1939

MATKA GRITOU QUANDO o oficial da SS atingiu Psina com a pá. Após um horroroso grasnido, ela jazia quieta, o único som o arranhar de seus pés ainda se movimentando no chão duro. Algumas penas cor de caramelo balançaram no ar.

— É assim que fazíamos na minha terra — disse o oficial. Ele largou a pá, levantou a pobre Psina pelo pescoço flácido, e a jogou para o guarda magro. Tentei não olhar para as pernas dela, ainda chutando. — Vou deixar passar — disse para *matka*. Ele limpou as mãos em um lenço. — Mas, lembre-se, reter comida do Reich é um crime grave. Você tem sorte de receber só uma advertência.

— É claro — disse *matka*, uma das mãos no pescoço.

— Psina — balbuciei.

Lágrimas quentes ardiam em meus olhos.

— Escute só — disse o soldado magro, segurando Psina de cabeça para baixo, evitando as garras. — “Psina” significa “cachorrinho” em polonês. Eles chamam a galinha de cachorro. Poloneses idiotas.

Os homens pegaram Psina e saíram a passos pesados, deixando uma trilha de terra em nosso assoalho.

Meu corpo todo tremia.

— Deixou que eles matassem Psina, *matka*.

— Você preferia morrer no lugar de uma galinha? — retrucou *matka*, mas ela também tinha lágrimas nos olhos.

Corremos para a cozinha e observamos, pela janela, os homens indo embora no caminhão. Graças a Deus minha irmã não tinha presenciado aquela cena toda.

Zuzanna voltou no dia seguinte, após uma noite no hospital. Seu mentor e diretor do hospital, o Dr. Skala, famoso por seu trabalho de reparação de fenda palatina, havia sido preso, e ela recebera ordens para deixar a enfermaria. Disseram-lhe que os poloneses não eram adequados para assumir cargos importantes. Eu nunca a vira tão alterada, enfurecida e indignada, por ter sido forçada a deixar seus pacientes, na

maioria, crianças. Mais tarde, soubemos que já no ano de 1936 os nazistas estavam fazendo listas com os poloneses que eles suspeitavam ser antigermânicos e até mesmo marcando alvos, como hospitais, com gigantescos X's que seus pilotos viam do ar. Não admira que fosse tão fácil para eles capturar quem queriam.

Papa também voltou após três dias de interrogatório pela Gestapo. Ele não tinha apanhado, mas lhe mandaram trabalhar bem cedo toda manhã e passar longas horas na agência dos correios. Ficamos aliviadas ao encontrá-lo com vida, mas ele nos contou como foi difícil ver os nazistas abrirem os pacotes e as cartas das caixas postais dos cidadãos poloneses e simplesmente pegarem o que queriam. Eles espalhavam serragem no chão depois do expediente para se certificar de que ele e sua equipe não visitariam a agência à noite, quando não estava sendo vigiada.

Logo ficou parecendo que todo nazista da Alemanha tinha vindo para a Polônia. Nossos vizinhos alemães iam para as ruas e saudavam os visitantes com vivas e flores, enquanto ficávamos do lado de dentro. As tropas russas permaneceram a leste de nós, avançando apenas no máximo até o rio Bug.

Depois disso, éramos como moscas presas no mel, vivas mas sem viver de fato. Tivemos sorte de os nazistas realocarem Zuzanna na equipe de ambulâncias, pois haviam reunido todos os outros médicos do hospital, homens e mulheres, e desaparecido com eles. Para Zuzanna, foram emitidos documentos completos com foto e uma dúzia de águias nazistas negras carimbadas. Esses documentos permitiam que ela saísse a qualquer hora, mesmo após o toque de recolher. Agradecíamos a cada dia que acordávamos em nossas camas. Muitos de nossos amigos poloneses desapareceram à noite sem explicações.

Certo dia, para me manter aquecida, fiquei sentada na cama enrolada em uma colcha e peguei o teste de uma velha revista *Photoplay*, meu passatempo favorito. Um aluno na aula de economia clandestina de Pietrik pagara a ele em revistas americanas e eu memorizava cada palavra delas. O teste dizia que você ouviria um clique, como o som de um pó compacto fechando, se estivesse apaixonada, e eu sentia esse clique toda vez que encontrava Pietrik. Nossos interesses combinavam perfeitamente (o que era raro, de acordo com o teste).

Pietrik passou na minha casa naquele dia. Foi bom vê-lo. Não me importava com o assunto de nossas conversas. Eu só queria mantê-lo ali o máximo que pudesse.

— Quanto tempo você pode ficar?

Recortei uma foto de Carole Lombard da revista. Ela estava cercada de bicos-de-papagaio brancos, em algum lugar de Los Angeles. Era difícil ficar calma quando eu conseguia sentir o clique.

Pietrik chegou e se sentou perto de mim na cama. As molas cederam sob o peso dele.

— Não muito. Vim para pedir um favor. Tem a ver com Nadia. — Ele parecia

cansado e não fazia a barba há dias. — Ela teve que se afastar por um tempo.

— O que aconteceu? — perguntei, gelando por dentro.

— Não posso dizer.

— Mas...

— Não é seguro você saber. Mas confie em mim, há gente trabalhando para mudar as coisas.

Era óbvio para mim que ele estava trabalhando para o movimento de resistência. Apesar de não me contar muita coisa, ele devia ter sido um dos primeiros a se integrarem após a invasão dos nazistas. Eu havia notado reuniões misteriosas tarde da noite. Ausências que duravam um dia inteiro e não tinham explicação. Ele não usava as botinas pretas como alguns rapazes da resistência, o que os tornava alvos fáceis para os alemães, mas estava envolvido até o pescoço.

Eu tinha esperanças de que não fosse tão óbvio para a SS. A maioria das pessoas boicotavam as ordens dos alemães e sabotavam o que podiam, mas as Forças Armadas Nacionais, a Armia Krajowa, ou AK, era séria. Embora, no começo, não fosse ainda oficialmente chamada AK, representava o governo polonês no exílio, em Londres. Nosso governo exilado nos transmitia avisos através da BBC e da estação polonesa de rádio Swit, e também de todos os dezessete jornais de resistência de Lublin.

— Se você quiser ajudar, pode me fazer um grande favor, Kasia.

— Qualquer coisa.

— Quando Nadia e a mãe dela partiram, tiveram que deixar Felka para trás. Os nazistas estão fazendo coisas terríveis com os animais de estimação dos judeus. Você pode ir lá pegar a cachorra?

— Onde está Nadia? Posso me encontrar com ela?

Eu não me importava que ela e Pietrik estivessem apaixonados. Eu só queria que os dois ficassem seguros.

— Só posso lhe contar que os nazistas quase prenderam as duas, e elas fugiram na hora certa.

— Por serem judias? Nadia é católica.

— Sim, mas o avô dela era judeu, então isso a coloca em risco. Ela tem que ficar afastada por um tempo. Vai ficar bem, mas no momento Felka não está. — Ele segurou meu braço. — Você vai ajudar? Pode trazer a cachorra para cá?

— Claro.

— A mãe de Nadia também deixou uma coisa na mesa de cabeceira, que ela precisa guardar em um local seguro. Um envelope amarelo dentro da caderneta de telefones.

— Não sei, Pietrik. A mãe de Nadia sempre tranca tudo.

— A porta dos fundos está aberta. Você vai precisar pegar a caderneta de telefones com o envelope dentro. Odeio envolver você nisso, porque é muito preciosa para mim,

mas não confio em mais ninguém.

Seriam lágrimas nos olhos dele?

— Sim, você sabe que eu vou ajudar.

Eu era preciosa para ele? Pietrik pegou minha mão, virou-a e beijou-a na palma. Achei que eu ia derreter ali mesmo, atravessando o assoalho até o porão. Por uns minutos, eu me esqueci de todas as coisas ruins que estavam acontecendo.

— Leve a caderneta de telefones com o envelope para o número 12 da rua Lipowa amanhã de manhã, logo após as dez horas. Toque a campainha. Alguém vai perguntar quem é você. Responda “Iwona”.

— Esse é o meu codinome?

Iwona significava “teixo”. Eu queria um codinome mais sensual como Grazyna, que quer dizer “bonita”.

— Sim, é o seu codinome. Wiola vai receber você. Só tem que entregar a caderneta e dizer que é para Konrad Zegota. Depois saia como chegou, e pegue um atalho pelo Parque Ludowy antes de vir para casa.

Mais tarde, quando repassei a cena em minha cabeça, não tinha mais certeza de que ele realmente tinha dito “Você é preciosa para mim”. Porém, talvez o teste de amor da *Photoplay* estivesse correto, afinal.

* * *

NA MANHÃ SEGUINTE, parti em direção à casa de Nadia, um apartamento bonito no primeiro andar de um sobrado, a cinco minutos de caminhada da minha casa. Eu queria fazer um bom trabalho em minha primeira missão para Pietrik.

No caminho, parei no muro de pedra perto da casa dela onde deixávamos bilhetes secretos e nossos livros prediletos uma para outra. Puxei nossa pedra especial, quadrada e lisa, os contornos arredondados por tantos anos de tirar e pôr. O último livro que eu tinha deixado ainda estava lá, *O satã da sétima série*, de Kornel Makuszyński, nosso livro predileto, que passáramos de uma para outra tantas vezes. Será que ela teria oportunidade de pegá-lo? Deixei o livro lá e deslizei a pedra de volta para o lugar.

Continuei, sem nenhum pinga de nervosismo, quer dizer, até chegar à casa de Nadia. Assim que vi sua porta laranja, meus joelhos passaram a tremer. *Inspire fundo e solte o ar.*

Dei a volta até os fundos, para o pequeno pátio cercado, espiei pelas tábuas, e vi Felka enroscada no degrau de trás. Dava para ver claramente suas costelas, mesmo com o pelo espesso. O pátio de Nadia era ainda menor do que o nosso, sendo os únicos enfeites uma roseira doentia e um carrinho de criança enferrujado.

Tive certa dificuldade para pular a cerca e depois caminhei lentamente até Felka. Ela estava esperando por Nadia? Afaguei seu peito, e ao meu toque ela tentou balançar o rabo, embora mal conseguisse levantar a cabeça. Ela estava quente, mas sua respiração vinha em espasmos superficiais. A pobrezinha estava morrendo de fome.

Passei por cima da cachorra, abri a porta e entrei devagar na cozinha.

Pela aparência da torta de maçã na mesa, já fazia pelo menos uma semana que Nadia e a mãe haviam partido. O leite nos copos estava talhado, e as moscas haviam encontrado as ameixas. Atravessei a cozinha até o quarto de Nadia. A cama dela estava feita, como sempre.

Andei na ponta dos pés pelo resto da casa e fui ao quarto da mãe da minha amiga. Lá, havia poucos sinais de uma partida, apressada ou não. A cama de ferro pintada de branco, coberta por um edredom, ocupava quase todo o quarto, com um cobertor de crochê nos pés. Havia uma depressão no edredom onde ficara apoiada uma mala e uma cópia em polonês de *...E o vento levou*, na mesa de cabeceira. Duas tapeçarias mostrando cenas rurais, um pequeno crucifixo e um calendário estavam pendurados na parede. O calendário mostrava uma mulher de aparência inteligente de pé em frente a uma locomotiva, um buquê de flores amarelas nos braços, com os dizeres A ALEMANHA QUER VOCÊ impressos no alto. Também havia o nome da agência de viagem da Sra. Watroba: VIAGENS WATROBA. DEIXE-NOS LEVAR VOCÊ LÁ.

Abri a gaveta da mesa de cabeceira, encontrei a caderneta de telefones e folheei até achar o envelope grosso. Estava selado, com a palavra *Zegota* escrita na frente, em uma caligrafia ininteligível, a cor do dinheiro fracamente visível através do papel. Peguei a caderneta, puxei o cobertor que estava nos pés da cama, e voltei para a cozinha, onde apanhei um pedaço da chalá brilhante na mesa. Estava dura como pedra, mas qualquer pão era precioso.

Cheguei até o pátio e, com esforço, coloquei Felka no carrinho. Ela mal soltou um pio, a pobrezinha. Deixei a caderneta de telefone perto dela, ajeitei o cobertor por cima, e segui a caminho da rua Lipowa, pegando as ruas laterais para evitar os soldados nazistas. Quando estávamos quase chegando, aumentamos a velocidade, e o carrinho bateu violentamente nos paralelepípedos.

— O que temos aqui?

Um camisa parda saiu de uma ruazinha e me deu um tremendo susto. Eu vi uma garota da minha aula de *gimnazjum* de pé atrás dele, mas ela recuou para as sombras. Eu quase caí, de tanto que meus joelhos pareciam moles como gelatina.

— Só estou indo para casa — falei em alemão. Graças a Deus eu sabia o idioma, porque qualquer conversa em polonês havia sido proibida.

— Ah, alemã, é?

Ele levantou o cobertor com o cassetete.

— Não, polonesa.

O oficial me ignorou e deu uma circulada para olhar melhor o carrinho.

— O que é isso? Um cachorro morto?

Eu mal conseguia escutá-lo. Meu coração batia alto demais em meus ouvidos.

— Só está doente. Espero que não seja contagioso.

O guarda baixou o cobertor.

— Vá andando — disse ele. — Leve esse animal doente para casa.

E desapareceu de volta na ruazinha.

Quando cheguei ao meu destino na rua Lipowa, eu estava ensopada de suor. Era uma rua movimentada. Deixei Felka coberta no carrinho e subi os degraus, as pernas tremendo como a galantina de carpa de *matka*. Afinal, eu era oficialmente uma *espiã*. Com apenas dezesseis anos, uma inimiga dos nazistas. Havia tanto poder nisso! Eu me empertiguei e apertei a campainha. Qual era o codinome da pessoa que aceitaria o pacote?

Wiola.

— Quem é? — perguntou uma voz lá dentro.

— É Iwona — respondi.

Olhei para trás na rua: carros e carroças puxados a cavalo seguindo seu caminho, pessoas nas calçadas. *Depressa*, Wiola. Eu poderia ser localizada pela SS ali com a caderneta de telefones para o mundo todo ver.

A porta rangeu, entrei e a fechei.

Reconheci a garota com o codinome Wiola, Janina Grabowski, da minha antiga unidade das Bandeirantes. Ela esticava todos os dedos, as unhas com esmalte vermelho molhado.

— Desculpe não ter atendido a porta imediatamente — disse ela.

Estendi a caderneta de telefones.

— Wiola, isso é para Konrad Zegota.

Janina era uma boa moça, com cabelo tingido de vermelho-flamejante e uma compleição de garota caipira, mas não a minha primeira escolha como parceira para arriscar a vida. Ela não tinha nenhuma medalha séria nas Bandeirantes, como primeiros socorros ou orientação, e todo mundo sabia que tinha conseguido a medalha de arte por fazer maquiagem.

Janina segurou a caderneta com ambas as mãos.

— Obrigada, *Iwona*.

O escritório ficava em um prédio residencial convertido, com janelas altas que davam para a rua, cobertas apenas com cortinas brancas transparentes. Era mobiliado com uma mesa de metal, uma velha máquina de escrever em cima; duas poltronas; uma mesa empoeirada com revistas de moda polonesas ultrapassadas espalhadas. Alguém havia colocado uma vasilha de vidro na mesa com um peixe dourado. O

peixe, boiando sem se movimentar, com as barbatanas batendo, me encarava, a boca aberta formando um O embasbacado. Até ele sabia que esse escritório era falso.

Janina jogou a caderneta em cima da mesa. Havia um sorriso provocativo em seu rosto até que ela explodiu em uma gargalhada.

— Você não pode esperar que eu fique com uma cara séria, Kasia. *Iwona*. É tudo muito engraçado.

O nome que Pietrik tinha dado a ela, Wiola, significava a flor violeta, que não combinava com ela, porque era uma garota alta com punhos grossos como pernas de mesa.

— Mantenha a voz baixa. Sabe-se lá quem está observando aqui por perto.

As luzes de cima eram tão brilhantes... Nós estávamos com iluminação forte para qualquer nazista ver?

— Os únicos nazistas que chegaram *perto* daqui seguiram Anna Sadowski quando ela estava carregando granadas no sutiã. Flertaram com ela o caminho todo. Algumas moças conseguem serviços divertidos. — Janina se aproximou. — Fica para o carteadado?

Carteado?

— Tem dinheiro naquela caderneta. Você não deveria esconder? Quer que a gente leve um tiro?

— Vamos lá, fique. Eu arrumo o seu cabelo.

— Tenho que voltar para casa antes de escurecer.

Ela apertou as mãos no peito.

— Um coque?

Janina trabalhava meio expediente no melhor salão de cabeleireiros de Lublin.

— Pietrik me disse para sair imediatamente.

— Vocês são namorados?

— Tenho que ir...

— Todo mundo diz que ele gosta de você...

Eu me aproximei depressa da porta.

— Não dê ouvido aos boatos.

Janina pegou uma revista e a deslizou pela mesa.

— Então, você não está interessada em *nenhum* boato?

Eu me virei.

— Mesmo boatos, digamos, sobre... Nadia Watroba?

Dei um passo até a mesa.

— O que você sabe?

Janina ergueu o queixo.

— Ah, agora você quer ficar.

— Ela é minha melhor amiga.

— Ah, sério? — disse Janina, folheando a revista.

— Quer parar? A cachorra dela está lá fora esperando, muito doente...

Ela fechou a revista com um único golpe.

— *Felka?*!

A cachorra da Nadia era famosa.

— Sim, Felka. Então me diga logo.

— Bom, só sei um pouquinho...

— Janina, se você não me disser...

— Tudo bem, tudo bem. Só o que eu sei é que Pietrik, bom, acho que foi o Pietrik, levou Nadia e a mãe dela para um apartamento seguro.

— Perto?

— Em Lublin, sim. Mas é tudo o que eu sei.

— *Nada* mais?

— Mas fiquei sabendo que ela está em algum lugar bem debaixo dos narizes dos nazistas.

Tonta, agradei a Janina, desci os degraus da frente e segui para casa, atravessando o parque, como Pietrik tinha me dito. Nadia realmente estava segura! Todo o meu corpo relaxou enquanto eu empurrava o carrinho mais rápido para levar Felka para casa e alimentá-la. Nadia estava com a mãe, e em Lublin! Havia muita coisa que eu podia fazer por ela: cuidar de Felka, continuar ajudando a resistência.

Afinal, minha primeira missão tinha corrido bem, mesmo que Janina não a tivesse levado a sério. Será que eu agora fazia parte da resistência? Eu tinha entregado *dinheiro*. Eu faria o juramento na manhã seguinte e tornaria oficial.

A meio caminho de casa, os céus se abriram, inundando as ruas de paralelepípedo, enchando Felka e a mim.

“Você teve sorte desta vez”, diziam meus sapatos molhados a cada passo. “Não torne isso um hábito.”

CAPÍTULO 6

Herta

1939-1940

PEGUEI O TREM de volta para casa do acampamento Blossom, feliz por estar indo embora, os pensamentos focados em encontrar um trabalho como médica. Estava usando o uniforme da BDM, mas não demorei muito para me arrepender disso. Teria sido tranquilo observar as florestas fechadas passando do lado de fora da janela do trem, montando uma lista mental de clínicas para visitar, mas não consegui um instante de solidão, pois todos os passageiros paravam para demonstrar admiração pelo meu uniforme.

— Posso tocar na sua águia, por favor, Fräulein? — pediu um menininho.

Ele estava de pé no meu banco do trem, a postura ereta, os braços nas laterais do corpo, balançando suavemente enquanto o vagão oscilava. A mãe estava atrás dele, dois dedos nos lábios, os olhos arregalados, como se estivesse diante do próprio Führer. Sim, era meio incômodo representar a BDM, mas também era lisonjeiro, já que havia muita demonstração de respeito a quem usasse o uniforme. Como jovens, tínhamos muito poder.

— Pode, sim — respondi.

Meus olhos se encheram de lágrimas enquanto ele acariciava o bordado dourado com a delicadeza do toque de uma borboleta.

Nada aquece tanto o coração quanto uma criança alemã imaculada.

Era compreensível que meu uniforme causasse uma comoção, já que a maioria dos alemães jamais vira todos os distintivos da BDM em uma mulher. Embora a juventude hitlerista masculina tivesse fitas e broches para todas as atividades, até plantação em vasos, os distintivos de realizações da BDM eram limitados e conquistados a duras penas. No meu casaco azul-marinho de líder, eu usava a fita da Cruz Vermelha, o fecho prateado de proficiência em enfermagem e os distintivos de primeiros socorros e forma física.

Mas era a águia indicando o mais alto nível de liderança, a ave dourada sobre meu coração, com as asas de ouro abertas, que atraía mais atenção. *Mutti* chorou de

orgulho no dia em que a usei em casa pela primeira vez. Ficou mais impressionada com isso do que com meu diploma da faculdade de medicina, antecipado por conta da guerra.

Em casa, tentei encontrar meu primeiro emprego como médica, mas, embora tivesse me formado em segundo lugar na turma, as clínicas relutavam em contratar mulheres. Parecia que a retórica do Partido sobre o lugar da mulher ser em casa criando os filhos havia firmado raízes, e muitos pacientes solicitavam médicos homens. Como estudante do sexo feminino, tive de fazer aulas de costura na universidade, então comecei a me dedicar a esses trabalhos para conseguir dinheiro extra.

Finalmente encontrei uma vaga de meio período na Clínica da Pele de Düsseldorf, que pagava uma pequena quantia por paciente atendido. Era um trabalho chato, cujo ponto alto da maior parte dos dias era lancetar um furúnculo. Será que eu esqueceria as poucas técnicas cirúrgicas que havia aprendido na faculdade de medicina? Um cirurgião precisa operar com frequência para se manter eficiente.

Nossa economia havia melhorado notadamente a essa altura, o que apenas reduzia o número de pacientes em busca de tratamento de pele. Até mesmo mãos ressecadas pelo trabalho, que um dia foram o pão com manteiga da dermatologia, não eram mais um problema para a maioria das donas de casa alemãs. Trabalhadoras polonesas fornecidas pelo Reich, importadas do Leste, cuidavam do trabalho pesado.

Como resultado, meus ganhos logo caíram a quase zero. A doença de meu pai passou de séria a crítica, e *mutti* precisava ficar em casa com ele. Eu mal conseguia sustentar nós três. Logo virei a única médica faminta em Düsseldorf, então continuei trabalhando em meio expediente no açougue de *onkel* Heinz.

Depois da tranquilidade do bosque do Acampamento Blossom e do silêncio da clínica, o movimento das pessoas chegando à loja em busca de carne, as *Hausfrauen* ansiosas em seus vestidos bem-passados acotovelando-se no balcão, como um educado rebanho de gado, era uma mudança bem-vinda. Lá, eu podia fugir dos problemas e simplesmente rasgar grandes pedaços de papel branco do rolo e praticar nós cirúrgicos enquanto fazia embrulhos em barbante listrado.

Fui trabalhar, como de costume, em um domingo, quando a loja estava fechada para a clientela. Era o dia em que Heinz me deixava trabalhando sozinha, para que ninguém visse o que eu fazia para ele.

Seu projeto especial.

— Rápido — disse Heinz.

Ele estava encostado na mesa de açougueiro, afundada pelos golpes de seu cutelo e do cutelo do pai antes dele. Sua protuberância estava evidente, mesmo embaixo do avental de açougueiro duro com sangue seco de boi. Como eu havia me metido naquilo? Passando anos tendo medo demais de dizer alguma coisa, foi assim.

Heinz ficou me observando de pé diante da mesa de trabalho, escolhendo o intestino de ovelha mais limpo. A espera era a melhor e a pior parte para ele. Virei o tecido do lado avesso, macerei com água sanitária e removi a membrana mucosa, com cuidado para deixar as camadas peritoneal e muscular. *Onkel* Heinz me apressava, mas fiz tudo com calma, já que qualquer corte ou furo poderia ser um desastre.

— Estou fazendo o mais rápido que posso — falei.

Era melhor ganhar tempo, porque, depois que eu terminasse, vinha a pior parte, e o processo todo recomeçava.

Eu era tomada por maus pensamentos enquanto trabalhava. Por que não estava em casa procurando novos trabalhos? Era minha culpa estar presa ali, aprisionada por Heinz, temendo que ele revelasse nosso segredo. Eu devia tê-lo dedurado anos antes, mas *tante* Ilsa jamais teria financiado meus estudos se soubesse. O que *mutti* diria? Eu jamais poderia contar a ela, é claro. Mesmo doente como estava, meu pai mataria *onkel* Heinz se soubesse. Era o preço que eu pagava por minha educação. Heinz dizia que eu havia provocado isso, uma mulher jovem, sozinha lá dentro com ele.

Heinz se aproximou de mim e levantou minha saia. Senti o avanço conhecido de seus dedos ásperos na coxa.

— Por que você leva tanto tempo? — perguntou ele.

Senti o cheiro do vinho doce de que ele gostava em seu hálito. Afastei suas mãos.

— As coisas levam tempo.

Heinz não era exatamente a nata da raça dominante. Com um QI entre a fronteira da deficiência e um ligeiro retardo, ele era facilmente dissuadido por qualquer desculpa com mais de duas palavras. Seguei o tecido delicado, medi e cortei. Heinz estava com o rosto vermelho quando o enrolei, liso e claro como uma meia de seda.

Ele não precisou me dizer para ir ao frigorífico com o balde de banha. Havia um conforto curioso na monotonia daquilo. Puxei a corda presa à lâmpada para iluminar o espaço e me segurei na prateleira de madeira fria diante de mim. Mesmo com o saco de farinha no rosto, eu sabia o que estava por vir. O cheiro doce de farinha era mais forte que o cheiro de sangue de boi, charutos e água sanitária. *Não chore*. Chorar apenas deixava Heinz irritado e fazia tudo demorar mais. Ele vestia meu trabalho manual, mergulhava uma pata na banha, passava pela membrana, e começava.

Eu revisava os ossos da mão.

Um: o osso escafoide, derivado do grego skaphos, que significa barco.

Dobras de gordura pendiam do abdômen de Heinz como um avental peludo e batiam em mim a cada estocada. Como sua respiração irregular estava acelerada, não faltava muito.

Dois: o osso lunate, em forma de lua crescente.

Há muito tempo eu havia parado de desejar um ataque cardíaco repentino. Anos

de assados gordurosos deviam ter lhe proporcionado placas arteriais com dois dedos de espessura, mas, mesmo assim, ele conseguia continuar vivo.

Três: o osso triquetrum. Quatro: o osso redondo pisiforme, batizado com a palavra em latim para ervilha.

Heinz não conseguiu se conter e começou seus gemidos de sempre e assim por diante, a respiração uma névoa fria em meu pescoço. Suas mãos sacudiam quando ele agarrou a prateleira, os pulsos largos de açougueiro sustentando o próprio peso.

Sem aviso, a porta do frigorífico se abriu, e o saco de farinha escorregou do meu rosto. Ilsa estava parada na porta, segurando-a aberta com uma das mãos e um pote de geleia na outra. Ela deve ter escutado Heinz gemendo como um porco encurralado.

— Feche essa porta, mulher — ordenou ele, a calça amontoada nas canelas, o rosto arroxeadado.

Sua expressão era de nojo ou apenas cansaço? Ela colocou a geleia na prateleira, se virou e saiu.

A porta do frigorífico se fechou com um estrondo, e Heinz voltou ao serviço.

* * *

EM UM DIA tranquilo na clínica, eu estava sentada diante da mesa depois de terminar a consulta com meu último paciente, um menino gorducho de quatro anos que chupava o polegar. Eu havia mandado a mãe dele para casa com um creme antisséptico para uma alergia. Como poderia ganhar a vida fazendo isso? Eu era muito mais adequada à tranquilidade de um cargo em uma universidade, mas um salário de professora não seria muito melhor para sustentar minha família.

Peguei *O jornal de medicina* e percebi um classificado pedindo *Médico para campo de reeducação para mulheres, 90 km ao norte de Berlim, próximo à cidade turística de Fürstenberg, no lago Schwedt*. Havia muitos campos do tipo na época, especialmente para desocupados e criminosos menores. A ideia de uma mudança de cenário era tentadora. Uma cidade turística? Eu sentiria falta de *mutti*, mas não de Heinz.

A única coisa que eu sabia sobre o acampamento era que Fritz Fischer, meu ex-colega da faculdade de medicina, trabalhava lá, mas o local tinha um nome agradável.

Ravensbrück.

CAPÍTULO 7

Caroline

DEZEMBRO DE 1939

ERA VÉSPERA DE Natal, e Paul e eu conseguimos ir ao lago de patinação do Central Park, na altura da Quinta Avenida. Eu adorava patinar, tendo aprendido no Bird Pond, o lago perto da nossa casa em Connecticut, mas raramente praticava, já que era meu hábito evitar a maior parte das atividades que me faziam parecer mais alta do que já era. Além do mais, eu nunca tivera com quem patinar. Betty teria preferido engolir abelhas vivas a ser vista sobre patins. Jurei que aproveitaria ao máximo o tempo de Paul em Nova York.

Estava um clima perfeito para patinar naquele dia, o céu limpo e claro, com um vento estável que, durante a noite, deixara o gelo suave como o toque de uma bola de bilhar. Como resultado, a bandeira acima do Castelo Belvedere estava erguida, a esfera vermelha em um campo branco que todo patinador cobiçava. A notícia de que o gelo estava em boas condições passou de boca a boca ao longo da Quinta Avenida, e em pouco tempo o lago estava fervilhando de patinadores.

Já havia uma fileira de patinadores quando Paul e eu chegamos. Os homens, quase profissionais, exibiam genuflexões e piruetas, com gelo nas barbas e nos narizes. Então, chegaram as damas, duas ou três de cada vez, os casacos pesados como velas impulsionando-as no gelo. Com um pouco de treino, Paul provou ser um patinador bastante razoável e deslizamos juntos, de braços dados, pelo conjunto de lagos adjacentes. Meu antigo eu jamais teria patinado em um lugar tão visível, mas firmei os patins com vigor no gelo e logo encontramos um bom ritmo juntos. De repente, senti vontade de experimentar todo tipo de coisas novas.

Passamos juntos por baixo das arcadas das pontes ao som da *Sonata ao luar*, de Beethoven, e da valsa *Os patinadores*, de Waldteufel, que não poderiam ter soado mais encantadoras, mesmo sendo transmitidas através dos alto-falantes mínimos do barracão dos patins.

A pista ficou mais cheia, por isso voltamos na direção do barracão, as castanhas quentes perfumando o ar. Estávamos prestes a nos sentarmos para tirar os patins

quando ouvi chamarem meu nome.

— Caroline. Aqui.

Era David Stockwell. Ele veio patinando até nós e parou com um movimento ousado e um sorriso, como se tivesse saído de um anúncio da Brooks Brothers, segurando o paletó nas costas com a mão enluvada. Como David era capaz de agir como se nada houvesse acontecido entre nós, como se o fato de se casar com uma mera conhecida dele depois de me enrolar por dez anos fosse completamente natural?

— Ei, quem é esse cara, Caroline? — perguntou ele.

Aquilo era um lampejo de ciúmes? David realmente parecia pequeno em comparação. Será que achava que eu e Paul estávamos romanticamente envolvidos? Pouca chance. Paul vinha mantendo distância e dando apenas sinais de amizade, e nem sequer parou junto a mim. E se ele realmente desse a entender a David que estávamos juntos? Pensar nisso me fez torcer para que fosse verdade.

Paul estendeu a mão.

— Paul Rodierre.

David apertou a mão estendida.

— David Stockwell. Conheço Caroline desde...

— Realmente precisamos ir — falei.

— Sally está ali, amarrando os patins. Ela odiaria não conhecer você.

Eu recebera informações sobre a moça por Betty, é claro. A cunhada da minha amiga era uma jovem pequenina, a quem a Sra. Stockwell brindara com um enxoval de casamento de alta-costura, cujo custo teria alimentado metade de Nova York por um ano. Dirigi a David a minha melhor expressão de “realmente não podemos ficar”.

Ele se virou para Paul.

— Sou do Departamento de Estado. Trabalho para nos manter fora da guerra. Ouvi falar sobre seu discurso no evento de gala. Parece que você está se esforçando para nos fazer entrar nela.

— Estava apenas dizendo a verdade — retrucou Paul.

— Foi nosso evento de maior sucesso até hoje — comentei.

Paul patinou até onde eu estava e engatou meu braço no dele.

— Sim, querida, impressionante, não foi?

Querida?

David pareceu confuso, abalado.

Cheguei mais perto de Paul.

— Aplausos ensurdecadores. E os *donativos*! Todos apoiam a França agora.

Sally Stockwell patinou até nós, passando por entre a multidão. Era difícil ignorar como ela era *pequena*, com menos de um metro e sessenta de altura. Sally envergava um uniforme completo de patinadora, uma saia rodada evasê em lã muito macia,

uma jaquetinha tirolesa acolchoada, de aparência aconchegante, e pelo branco na borda dos patins. O enfeite de lã no gorro amarrado sob o queixo pequeno balançava conforme ela se aproximava.

— Você deve ser Caroline — disse Sally. Ela me estendeu a mão coberta por uma luva de lã angorá branca, e a cumprimentei.

Sally estava mais para Olivia de Havilland do que para Bette Davis e era impossível não gostar dela, com aquela honestidade desarmante que tornava constrangedora até a conversa mais trivial.

— David me contou tudo a seu respeito. “Caroline ajuda bebês franceses. Eu e Caroline estrelamos nossa primeira peça juntos...”

— Fui o primeiro protagonista de Caroline — contou David. — Representei o Sebastian da Olivia dela.

Paul sorriu.

— Eles se beijam, não é mesmo? Como foram as críticas?

— Mornas — respondi.

Sally patinou mais para perto.

— Às vezes acho que você e David deveriam ter se casado.

— Foi ótimo ver vocês dois — falei. — Desculpem a pressa, mas temos que ir.

— Sim, estamos passando o dia todo juntos, não é mesmo, meu bem? — disse Paul.

Ele estava exagerando. Aquilo faria girar a roda das fofocas, mas eu não me importava. Era bom ser amada, mesmo que fosse apenas uma fachada.

Despedimo-nos e acenamos para Sally e David, que se misturaram ao fluxo de casais patinando. Que gentil da parte de Paul fingir ser meu flerte. Eu não deveria ostentar o que não era meu, é claro, mas ainda assim era bom ter alguém para exibir, ainda mais para David Stockwell, que havia pisoteado sem dó o meu ego.

Depois de patinarmos, Paul voltou para o Waldorf para se trocar e eu decorei o grosso abeto azul que o Sr. Jardineiro, amigo querido de mamãe, trouxera do campo, e preparei um *coq au vin*. Serge havia mandado uma sopa de vegetais do inverno de Connecticut, cheia de pastinacas adocicadas, cenouras gordas e um lindo funcho doce, para o nosso primeiro prato.

Aquela noite, a neve, que havia caído em Connecticut mais cedo, chegou com força a Manhattan, deixando mamãe presa em nossa casa de campo com Serge. Paul chegou à minha porta com flocos de neve no cabelo e nos ombros do sobretudo. Senti seu rosto frio no meu quando ele se inclinou para me dar um beijo em cada bochecha. Paul carregara no Sumare, que era um dos aromas favoritos do meu pai. Eu espiara o armário em cima da pia de Paul no Waldorf quando usara o banheiro dele, e vira o perfume lá, ao lado de um frasco azul de espuma de barbear.

Paul segurava uma garrafa de Burgundy e um ramalhete de belas rosas carmesim

envolvidas em papel branco. Eu teria que ter juízo e ser cuidadosa com a quantidade de vinho que tomaria. Fiquei aliviada por ele ter se arrumado em seu paletó cor de berinjala, porque eu estava de vestido e meias de seda.

Paul passou a garrafa, pesada e fria, para as minhas mãos.

— *Joyeux Noël*. Esta é a última garrafa da caixa que meu primo me mandou de seu vinhedo. Espero que não se importe, mas deixei seu número com o telefonista do Waldorf, caso precisem me contatar.

— É claro que não me importo. Está preocupado com Rena?

— Sempre, mas é só uma precaução. Falei com ela esta manhã e lhe dei notícias sobre o visto. Roger diz que terá um retorno em poucos dias.

Rena. Era como se ela estivesse parada ali entre nós.

Paul entrou na sala de estar.

— Você poderia pousar um avião aqui. Seremos só nós dois esta noite?

— Eles não conseguiram pegar a estrada em Connecticut.

— Então, sou o único entretenimento? Quanta pressão!

Depois do jantar, deixei os pratos na pia e me sentei no sofá de crina de cavalo, cheio de grumos, dividindo com Paul uma garrafa do conhaque do meu pai. Aquele sofá pertencera à minha avó materna, a quem chamávamos de mamãe Woolsey. Ela o comprou para impedir que os pretendentes de mamãe se demorassem demais.

Ficou frio depois que o fogo se reduziu a brasas, porque mantínhamos o aquecimento baixo no apartamento. Paul colocou um pedaço de lenha de bétula na lareira e o fogo ganhou força, lambendo o interior, tão quente que eu o sentia no rosto.

Tirei os sapatos e me sentei de pernas dobradas.

— Alguém andou tomando esse conhaque — comentei, erguendo a garrafa contra a luz.

— Talvez seja a parte dos anjos — disse Paul. — É assim que chamam a parte que se evapora nas adegas.

Ele cutucou a lenha com o atizador, o rosto concentrado na luz do fogo. Por que os homens eram tão sérios em sua relação com o fogo?

Paul voltou para o sofá.

— Sinto como se ainda tivesse toda a vida à frente quando estou aqui, assim. Como uma criança.

— Em algum lugar, em um canto de nossos corações, sempre teremos vinte anos — comentei. Quantas vezes mamãe já dissera isso?

Paul serviu-se de uma dose de conhaque.

— Seu antigo namorado é um belo homem.

— Ele sem dúvida concordaria com você.

Ergui o copo para que Paul também me servisse mais conhaque, mas ele hesitou.

— “O homem, sendo racional, deve embriagar-se” — falei.

Por que eu estava citando Byron? Isso fazia com que eu parecesse ter dois milhões de anos.

— “O melhor da vida é a intoxicação” — completou Paul, enquanto servia meu copo.

Ele conhecia Byron?

— Por que nunca me pergunta sobre Rena? — questionou.

— Por que eu perguntaria?

Aquele era o último assunto sobre o qual eu gostaria de conversar.

— Ah, não sei. Achei que talvez você pudesse ficar curiosa com o motivo de eu passar tanto tempo longe.

— Por causa do espetáculo, é claro — falei.

O líquido âmbar no copo cintilava sob a luz do fogo.

— Não temos exatamente um casamento agora.

— Paul. Que clichê.

Por que eu não parava de falar com os homens como se fosse uma diretora de escola? Merecia terminar sozinha, isolada em uma massa de gelo flutuante, como os esquimós fazem com os velhos.

— Rena é jovem. Muito divertida... Você gostaria dela, tenho certeza... Mas não conseguiríamos ficar sentados assim, conversando sobre a vida.

— O que ela gosta de fazer? — perguntei.

O fogo estalou e gemeu ao consumir uma gota de piche.

— Gosta de dançar, de ir a festas. De várias maneiras, ainda é uma criança. Nos casamos pouco depois de nos conhecermos. Foi muito divertido a princípio, e o tempo que passávamos entre quatro paredes era incrível, mas Rena logo ficou inquieta. Ouvi dizer que ela tem vários namorados atraentes.

O tempo entre quatro paredes era incrível? Divino, sem dúvida. Puxei um fio de algodão da manga do vestido.

— A propósito, neste país, os homens não falam sobre suas façanhas entre quatro paredes.

— Neste país, os homens não têm façanhas para comentar — retrucou Paul. — Eles se casam, e suas façanhas murcham e desaparecem. Rena é uma jovem maravilhosa, mas, de acordo com ela, somos simplesmente incompatíveis. Acredite em mim, eu tentei.

Ele mexeu um pouco mais no fogo e voltou, se acomodando perto de mim no sofá. Para um homem tão viril, Paul tinha uma boca adorável.

— Alguém ainda é compatível? — indaguei. — Meus pais são o único casal que conheci que tinham uma verdadeira sintonia.

— Como seu pai morreu?

— Nunca falei sobre isso. Eu tinha onze anos e, naquela época, não se conversava sobre essas coisas.

— Ele foi um bom pai?

— Nos fins de semana, meu pai ia do centro para Connecticut. Ele trocava o colarinho engomado e o colete por roupas casuais e ficava treinando arremessos conosco, por uma eternidade, no campo de beisebol que mamãe havia montado nos fundos de casa.

— Ele ficava doente com frequência?

— Nunca. Mas, na primavera de 1914, um dia ele foi isolado no quarto, aqui, de repente. Apenas o Dr. Forbes e mamãe tinham permissão para entrar. Quando fui mandada para a casa de parentes com minha mala, soube que havia algo muito ruim acontecendo. As empregadas paravam de falar quando eu entrava, e mamãe exibia uma expressão atormentada que eu nunca tinha visto.

— Lamento tanto, Caroline.

Paul envolveu minha mão com a dele, quente e macia, e depois a soltou.

— Cinco dias mais tarde, tive permissão para voltar para casa, mas ninguém me olhava nos olhos. Como sempre, consegui as melhores informações me escondendo no elevador monta-pratos bem do lado de fora da cozinha e espiando pela fresta da porta. Tínhamos quatro empregadas irlandesas morando na casa naquela época. A mais velha, Julia Smith, atualizava as colegas em relação ao grande evento enquanto descascava ervilhas diante da mesa da cozinha. Ainda me lembro de cada palavra. Julia disse: “Eu sabia que o Sr. Ferriday não se entregaria sem lutar.”

“Mary Moran, uma criada nova, magrinha, estava passando um pano molhado encardido para cima e para baixo no piso de cerâmica preto e branco. Ela disse: ‘Pneumonia é o modo mais desgraçado de se morrer. É como se afogar, só que mais lentamente. Você esteve no quarto? É melhor que não tenha tocado nele.’

“Então Julia disse: ‘Em um instante ele estava rindo como um lunático, e no minuto seguinte agarrava o peito dizendo que estava quente demais e gritando para o Dr. Forbes abrir uma janela, pelo amor de Deus.’ Então ele começou a perguntar pela filha, Caroline, e isso quase partiu meu coração. A Sra. Ferriday repetia: Harry, querido, não me deixe. Mas ele já devia ter morrido, porque o Dr. Forbes enfiou a cabeça para fora da porta e me disse: Vá correndo chamar o agente funerário.

“Lily Clifford, a mais nova das quatro criadas, entrou na conversa e disse: ‘Acabei de ver a Sra. Ferriday de relance, os braços ao redor dele na cama dizendo: Não posso viver sem você, Henry. Ela parecia tão triste e solitária que tive vontade de chorar também.’

“Naquela noite mamãe me deu a notícia. Fiquei só olhando para a caixa umidadora de charutos de papai, imaginando o que aconteceria com seus charutos agora que ele se fora. Minha mãe e eu nunca falamos muito sobre a morte dele, e ela nunca chorou

na minha frente nem na frente de mais ninguém depois daquele dia.

— Que coisa terrível, Caroline — comentou Paul. — Você era tão jovem!

— Desculpe-me por ter arruinado o nosso clima festivo.

— Esse é um fardo pesado para uma criança.

— Vamos falar sobre coisas mais alegres.

— Você tem um coração bom, Caroline — disse Paul, enquanto estendia a mão e colocava uma mecha de cabelo atrás da minha orelha. Quase me sobressaltei ao sentir o calor de seu toque.

— Chega de mortes — falei. — Sobre o que mais podemos conversar?

Ficamos olhando para o fogo por algum tempo, ouvindo a madeira estalar.

Paul se virou para mim.

— Bem, tenho uma confissão a fazer.

— Bons católicos não fazem isso com o padre?

Ele deixou um dedo percorrer meu pé, coberto apenas pela meia.

— É só que, bem, não sou confiável quando estou perto de meias de seda.

Será que Paul se dava conta do poder que tinha na ponta do dedo?

— Acho que fui marcado para sempre por um colega de escola.

Eu me empertiguei.

— Talvez seja melhor eu não saber.

— Ele tinha caixas de fotos antigas embaixo da cama.

— Fotos ao natural?

— Bem, de certa maneira, sim. A maior parte eram mulheres usando meias de seda. E pouco mais que isso. — Paul girou o conhaque no copo. — Nunca mais fui o mesmo. Tem algo a ver com as costuras. Depois que assisti a Marlene Dietrich em *O anjo azul*, cantando “Naughty Lola”, tive que esperar até todos saírem do cinema antes que eu pudesse me levantar.

— Marlene usava meias pretas nesse filme.

— Podemos não falar sobre isso? Ainda me deixa um pouco, bem, superestimulado.

— Você puxou o assunto.

— Acho que sempre me senti atraído por mulheres fortes — disse Paul.

— Peça para mamãe apresentá-lo a Eleanor Roosevelt.

Paul sorriu e colocou o copo no chão.

— Você é única, sabe disso, Caroline? Algo em você me faz ter vontade de desnudar a minha alma. — Ele ficou me encarando em silêncio por um momento. — Eu me apeguei, você entende. Talvez não seja capaz de se livrar de mim.

— Como uma craca — comentei.

Ele sorriu de novo e se inclinou mais para perto de mim.

— Sim, seja lá o que for isso.

Eu me levantei e alisei meu vestido. Precisávamos mudar o rumo da conversa antes que as coisas ficassem complicadas.

— Espere aqui — disse. — Tenho algo para você. Nada muito elaborado.

— Que misteriosa, Caroline. Muito parecida com Marlene.

Fui até o meu quarto. Será que estava cometendo um erro? Homens e mulheres, sendo apenas amigos, trocavam presentes? Afinal, ele não me dera nada. Peguei o pacote em papel prateado, que eu embrulhara mais de uma vez para dar uma aparência casual, e o entreguei a Paul.

— O que é isso? — perguntou ele, o rosto ruborizado de constrangimento, ou seria por causa do conhaque?

— Não é nada de mais — falei e me sentei perto dele.

Paul passou a mão por baixo do papel para rasgar a fita de celofane.

— Na verdade, é apenas um presente de amigo — expliquei. — Betty e eu damos presentes uma para outra o tempo todo. É normal.

Ele afastou o papel de presente e ficou olhando para o conteúdo em seu colo, observando o retângulo dobrado, da cor de vinho tinto envelhecido. Parecia ter perdido a fala.

— Era de papai — falei. — Ele tinha dúzias delas. Nunca as usava, é claro. Talvez se ele houvesse...

Paul ergueu a echarpe, de lã merino forrada em seda e segurou-a para sentir o tecido com os dedos.

— Não sei o que dizer — falou.

Senti a boca seca. Será que fui ousada demais dando um presente tão pessoal?

— Sua mãe não vai se incomodar?

— Ela já teria se desfeito de todas as coisas de papai, se não fosse por mim.

— Talvez seja difícil para ela ver essas coisas depois que ele se foi.

— Mamãe quase deu o casaco de vicunha dele para um entregador que estava mal agasalhado.

Paul ergueu uma das pontas da echarpe e passou-a lentamente ao redor do pescoço, com a cabeça inclinada.

— É linda demais, Caroline. — Ele terminou de colocar a echarpe e abriu as mãos, com as palmas para cima. — E então?

Parecia um dos meninos que costumavam andar de trenó no Bird Pond congelado, em Bethlehem, com as bochechas vermelhas. Como seria beijá-lo? Será que nos arrependeríamos, já que ele tinha esposa, fossem eles incompatíveis ou não, que logo estaria acordando na França, à espera de um telefonema do marido?

É claro.

Eu me levantei, a cabeça um pouco zonza.

— Gostaria de vê-las? As roupas de papai, quero dizer.

Desci o corredor com Paul até o quarto do meu pai. Ele e mamãe haviam mantido quartos separados, como era costume na época. A luminária de mesa em um canto projetava sombras na parede. As empregadas ainda tiravam o pó do quarto, lavavam as cortinas de organza toda primavera e também as roupas de cama em padrão de chave grega, como se papai fosse esperado de volta a qualquer momento, pronto para gritar “Oi!” enquanto jogava a mala na cama. Um pequeno sofá ocupava o canto da janela, estofado com um tecido de algodão barato, desbotado, que perdera o brilho muito tempo atrás. Abri a porta do armário de papai, liberando o ar com aroma de tabaco e Vick Vaporub, e acendi a luz.

— Ah, Caroline — disse Paul.

O armário duplo estava quase como papai o deixara, com calças esportivas, outras de lã marrom, e mais algumas de flanela branca dobradas nos cabides. Também todos os tipos de paletós, desde os Norfolks com cinto, passando pelos de sarja, até os mais formais, de apenas um botão. Legiões de sapatos bicolores e um par de sapatos sociais de verniz, recheados com papel de seda, estavam enfileirados no chão. Lenços de pescoço dividiam espaço com cintos, presos pelas fivelas de metal. A faixa preta que mamãe usara no funeral jazia amontoadada em uma prateleira alta. Não que eu tivesse comparecido a igreja Saint Thomas no dia do funeral, já que tinha apenas onze anos na época. O *The New York Times* dissera: “As mulheres Woolsey se deram os braços aquele dia, no banco da frente.” Puxei um dos cintos e deslizei a pele de foca forrada de camurça por entre os dedos.

— Ele era muito organizado — comentou Paul.

— Na verdade, não. Mamãe organizava as coisas para ele.

Paul pegou um chapéu fedora cinza, recheado de papel de seda amarelo, que estava em uma das prateleiras de cima. Ele virou o chapéu nas mãos, feito um cientista examinando um meteorito raro, e devolveu-o para o lugar. Pareceu ficar muito sério, de repente. Por que eu estragara o clima agradável?

— Papai era daltônico, sabe — contei.

Paul ficou me encarando. Se ao menos eu conseguisse parar de tagarelar!

— E para piorar tudo, ele se recusava a ser vestido por um valete.

Paul não fez nenhuma tentativa de me interromper, ficou apenas me olhando, com uma expressão que não consegui decifrar. Pena de uma pobre solteirona que sentia falta do falecido pai?

— Papai insistia em se vestir sozinho. Por isso, mamãe comprou só roupas de cores básicas para ele. Marrom e azul-marinho. — Apaguei a luz de dentro do armário. — Antes disso, você deveria ter *visto* os trajes dele.

Quando fechei a porta do armário, senti lágrimas ameaçando escorrer, mas contive-as.

— Certo dia, no café da manhã, ele apareceu com um paletó amarelo, gravata

roxa, calça de um laranja forte, e meias vermelhas. Mamãe quase engasgou de tanto rir.

Virei o rosto para a porta fechada e apoiei a testa na madeira fresca.

— Perdão, Paul. Vou me recompor.

Ele me segurou pelos ombros e me virou para encará-lo. Então, me puxou mais para perto. Ele afastou meu cabelo e seus lábios encontraram o meu rosto, demorando-se na pequena reentrância sob o olho e logo passeando, seguindo o caminho mais longo até chegar à minha boca. Uma vez ali, Paul sentiu o sabor do *cog au vin* e dos cigarros franceses.

Ele tirou a echarpe do pescoço, espalhando o cheiro do perfume Sumare.

Pinho. Couro. Almíscar.

Abrimos caminho até o sofá enquanto a neve caía nas janelas como areia em um furacão. Meu coração acelerou quando ele acariciou a parte interna da minha coxa enquanto subia para soltar a meia. Paul passou dois dedos pela borda da meia e puxou-a para baixo. Desabotoei o primeiro botão da camisa dele. E o seguinte. Passei as mãos por dentro da camisa aberta e deixei que descessem pela lateral de seu corpo, liso como o interior de uma concha.

— Acho que talvez você tenha consumido mais do que a parte do anjo de conhaque — disse Paul em meu ouvido.

Ele abriu o botão de cima do meu vestido. À luz baixa, o rosto dele parecia especialmente belo, tão sério... Estávamos mesmo fazendo aquilo... Tentei não imaginá-lo com Rena.

O segundo e o terceiro botões também foram abertos lentamente.

Paul abaixou o vestido pelos ombros e beijou minha pele nua.

— Não consigo acreditar em como você é linda — disse ele, deixando os lábios descerem pelo meu colo, sem a menor pressa. — Talvez uma cama fosse uma boa ideia.

Só consegui assentir. Minha cama de dossel com as cobertas de cetim cor-de-rosa? Aquela cama nunca vira nada como Paul.

Fomos ziguezagueando até o quarto, deixando minhas roupas de baixo pelo caminho.

— Levante os braços — disse Paul quando chegamos ao lado da cama.

Ergui os braços como se estivesse pronta para mergulhar, e ele despiu minha combinação e meu vestido em um só movimento. Então, Paul tirou o paletó e me puxou para o seu corpo. Meus dedos tremeram quando encostaram em seu cinto. Ele me beijou enquanto eu abria a fivela do cinto e o tirava dos passadores. O zíper foi aberto. Paul despiu a calça e nos deitamos juntos na cama. Caímos no cetim suave, as molas pegadas de surpresa pelo peso súbito.

— Ainda está de meias? — perguntei.

Ele beijou a base do meu pescoço.

— Que barulho é esse? — perguntou Paul, a boca descendo mais.

— O quê? — Eu me apoiei em um dos cotovelos. — Tem alguém aqui?

Paul voltou a me puxar para baixo, os lábios perto da minha orelha.

— Não é nada. — O queixo áspero por causa da barba de fim de dia arranhou o meu rosto de um jeito gostoso. — Não se preocupe com isso.

Era maravilhoso ter Paul na minha cama, todo para mim. Afundei mais no cetim cor-de-rosa enquanto ele rolava para ficar por cima e beijava a minha boca, agora com urgência.

Ouvi o som dessa vez. Uma batida na porta. Como alguém passara pelo porteiro? Fiquei paralisada enquanto os lábios de Paul continuavam descendo.

— Tem alguém aqui — falei, tremendo na escuridão.

CAPÍTULO 8

Kasia

1940-1941

O QUE É preciso entender é como a resistência polonesa tinha um caráter social para as jovens. Após os alemães invadirem o país e considerarem os Escoteiros e as Bandeirantes organizações criminosas, nós simplesmente continuamos clandestinamente e nos tornamos conhecidos como os *Szare Szeregi*, ou Colunas Cinza. Respondíamos ao governo polonês exilado em Londres, e a maioria das Bandeirantes se juntou ao movimento. Esse grupo era a minha única fonte de companheirismo, já que Zuzanna trabalhava até tarde da noite no Corpo de Ambulâncias de Lublin e nunca estava em casa. Além do mais, era uma boa maneira de desafogar nossa frustração com a ocupação alemã.

Nós havíamos recebido um excelente treinamento de primeiros socorros como Bandeirantes, mas, nas Colunas Cinza, continuamos nos educando e frequentávamos cursos médicos secretamente. As meninas mais velhas lutavam ao lado dos meninos ou trabalhavam como enfermeiras e costureiras e administravam orfanatos. Algumas delas até ajudavam a libertar gente das prisões alemãs, explodiam pontes e roubavam planos militares nazistas.

Nós, as mais jovens, em meu esquadrão de sete pessoas, evitávamos que livros poloneses fossem destruídos pelos soldados alemães e dávamos aulas em segredo. Fizemos treinos de decodificação e entregávamos mensagens e carteiras de identidade falsas. Fazíamos a nossa parte na sabotagem aos nazistas, alterando as placas de rua, para garantirmos que a SS se perdesse. À noite, nos conectávamos aos autofalantes alemães de divulgação nas ruas e tocávamos o hino nacional polonês. Quanto mais nos safávamos, mais queríamos fazer, tão viciante quanto uma droga. No entanto, tínhamos que ser cuidadosas, pois, não apenas os nazistas escolheram Lublin como o seu quartel-general na Polônia, mas também em todo o país espiões alemães começaram a identificar nossas antigas líderes das Bandeirantes e prendê-las.

Além do mais, *lapankasf* estavam ocorrendo com mais frequência. Uma *lapanka*

era uma coisa da qual *matka* morria de medo, por nossa causa. Era uma caçada humana selvagem e repentina executada pela SS. As autoridades não esperavam mais pela discricção da noite. Apanhavam suas presas, cidadãos poloneses ao acaso, à luz do dia, nos locais mais inesperados. Igrejas. Estações de trem. Filas de racionamento. Qualquer pessoa azarada o suficiente para ser pega era capturada e levada para um centro de confinamento. A maioria era enviada para a Alemanha para trabalhar até a morte. Crianças polonesas com aparência ariana também estavam em perigo. Elas começaram a desaparecer das cidades em grande quantidade. Certo dia, um trem cheio delas foi capturado e levado. Os soldados alemães atiravam nas mãos enquanto elas corriam atrás do trem. No campo, se um número muito pequeno de trabalhadores se apresentasse, aldeias inteiras eram incendiadas.

Embora Pietrik não comentasse, seu pai, capitão do Exército polonês, havia sido preso junto com seus companheiros oficiais, deixando Pietrik como o único homem da casa. Antes da guerra, todo homem que se formava em uma universidade era obrigado a servir ao Exército como oficial de reserva; assim, era fácil para as autoridades eliminarem nossos homens mais instruídos prendendo todos os membros do Corpo de Oficiais da Polônia. Pelo menos Pietrik não tinha se alistado quando a guerra eclodiu.

Eu suplicava a Pietrik por tarefas mais importantes, como as das moças mais velhas, mas, como comandante do nosso grupo, ele dava uma porção de desculpas.

— Vai dizer que não cumpro bem as missões? — falei a Pietrik certa tarde em meu apartamento. — Veja como fiz um bom trabalho na casa de Nadia.

Ele me ajudava a lavar os poucos pincéis que *matka* não tinha enterrado. Ela os havia colocado embaixo de uma tábua do assoalho de modo que ainda pudesse pintar à noite. Não eram pincéis quaisquer, mas pincéis Kolinsky de aquarela de pelo de marta, e lavá-los era uma tarefa de honra que *matka* confiava a mim. Ela havia herdado esses Stradivarius do mundo dos pincéis da mãe, e cada um valia uma fortuna. Vinham enfiados em rolos de flanela vermelha, cada um com o próprio invólucro, feito de pelo de marta russa, apenas machos, cujo quilo era três vezes mais precioso do que ouro.

— Não tenho nada para você, Kasia — disse Pietrik. — As coisas estão paradas.

Para um rapaz com mãos tão grandes, ele era delicado com os pincéis. Mergulhou um pincel na espuma e passou os dedos delicadamente na virola de níquel e pela ponta de pelo.

— Se eu passar mais um dia nesta casa, vou enlouquecer.

Pietrik colocou o pincel dele próximo ao meu no pano de prato.

— Você conhece as regras. Ainda não tem idade suficiente. Leia um livro.

— Sou capaz de mais...

— Não, Kasia.

— Não há sensação melhor do que lutar contra eles, Pietrik. Me mande para qualquer coisa. Não precisa ser importante.

— Se pegarem você algum dia, ser uma linda jovem não vai servir de proteção. Eles atiram em moças bonitas tanto quanto em qualquer outra.

Linda? Eu? Bonita?

— Se você não me der uma tarefa, vou trabalhar para a Imprensa Livre. Ouvi falar que eles precisam de mensageiros.

— Você está mais segura comigo.

— Lá vem você.

Finalmente, um progresso!

Pietrik se virou para mim, sério.

— Bom, tem uma coisa. Uma tarefa complicada, então você vai ter que *escutar*.

— No gueto? — perguntei.

Ele confirmou.

Imediatamente fiquei com medo, mas não me atrevi a demonstrar. Um olhar amedrontado e seria o fim das minhas missões.

— Você precisa ir à farmácia do Z. — Ele fez uma pausa. — Não, pensando melhor, você não vai fazer isso.

— Quem melhor do que eu? Eu costumava tomar sorvete de chocolate com Nadia no Zaufanym. O Sr. Z frequenta a nossa igreja.

Embora fosse no gueto, não havia regras contra os cristãos comprarem no Z. Todo tipo de gente fazia compras lá, mesmo da SS, já que o farmacêutico e dono do lugar, conhecido pela maioria como Sr. Z, era praticamente um médico e de alguma maneira tinha qualquer remédio em estoque, mesmo com a guerra.

— Você pode estar lá exatamente às duas horas amanhã?

— Alguma vez já me atrasei?

— É a hora em que a patrulha muda o turno, então você vai ter exatamente cinco minutos sem guardas para interromperem você. Evite os Camisas Negras a todo custo. Eles têm ampliado as rondas.

— Entendido — falei com um sorriso, embora todo o sangue do meu corpo parecesse ter parado de correr. Senti um frio na barriga que dizia “pense melhor sobre isso”; mas ignorei.

— Entre e siga direto para a porta nos fundos da loja — continuou Pietrik.

— Para o porão?

— Sim. Desça a escada. — Pietrik pegou minha mão e me olhou nos olhos. — Depois de ter feito o contato, terá apenas cinco minutos. Você vai pegar um pacote importante, Kasia. Está entendendo?

Aquiesci. Esforçando-me ao máximo para manter a voz tranquila, perguntei:

— Alguma coisa pode explodir?

— Não, mas não fale com ninguém quando sair. Volte para o seu turno habitual no cinema. Seu pretexto é comprar aspirina.

Pietrik estava muito sério quando me deu as instruções. Uma história de capa de revista. Era uma missão real, e, apesar de minhas mãos tremerem, eu a cumpriria com perfeição. Cinco minutos eram um mundo de tempo só para pegar algumas coisas.

* * *

EU MAL DORMI naquela noite, um filme de tudo o que podia dar errado passava sem parar na minha cabeça. O gueto. Apenas estar no lugar errado podia fazer uma pessoa ser presa. Todo dia ouvia-se falar de vizinhos e amigos levados para a sede da Gestapo, “Embaixo do Relógio”, o prédio com aparência inocente e celas no porão, ou, pior, para o Castelo de Lublin, onde os prisioneiros eram fuzilados no pátio.

Na tarde seguinte, fui para a Farmácia do Sr. Z com as pernas bambas. Era um dia cinzento, o vento empurrava nuvens carregadas pelo céu. Nenhuma necessidade de ter medo. Era isso que fazia você ser apanhado. Os nazistas eram capazes de farejar o medo.

Eu estava a meio caminho do Portão Grodzka, a entrada oficial do gueto, quando vi algo que me fez parar. Era *matka* saindo da Deutsche Haus, o restaurante onde todo alemão comia. Aquele com uma grande placa de FÜR POLEN VERBOTEN! na porta. Os homens da SS, em especial, adoravam o lugar, pois sabiam que a comida era segura e praticamente de graça, e sabiam também que não precisavam comer perto de nenhum polonês. Circulavam boatos de que o lugar era cheio de fumaça de cigarro e que as porções eram tão fartas que boa parte não era consumida, mas eu não conhecia ninguém que havia entrado lá, ou assim eu pensava. Pelo menos, ninguém ficava vivo para contar, pois essa era a regra. Nenhum polonês tinha permissão de entrar. Logo na semana anterior, o verdureiro havia sido apanhado na cozinha, entregando batatas, e havia sido preso. Nunca mais voltou.

Essas prisões estavam se tornando comuns. Naquela manhã eu havia lido no jornal clandestino de Zuzanna que, em apenas três meses de guerra, cinquenta mil cidadãos poloneses haviam sido capturados e mortos, sendo cerca de sete mil judeus. A maioria exercia alguma posição de liderança em suas comunidades — advogados, professores e líderes religiosos, qualquer um que quebrasse as regras ou se opusesse às forças de ocupação. Os nazistas viam a Igreja Católica como um inimigo perigoso, e havia uma longa lista de padres presos. Com frequência, os cidadãos eram acusados injustamente de crimes e, depois, enviados para longe ou executados em praças públicas, os tiros nos acordando à noite.

Então, assim que vi *matka* sair da Deutsche Haus segurando um pacote pardo não maior do que um pedacinho de pão, tive que descobrir o que ela estava fazendo ali. Era a hora do almoço, e as pessoas se aglomeravam nas calçadas, as cabeças baixas se protegendo do vento. Ela caminhou na direção oposta à minha, para casa.

Abri espaço empurrando a multidão para alcançá-la.

— *Matka!* — chamei.

Ela se virou e, assim que me viu, parecia que a mão gelada de um espírito a havia tocado.

— Kasia. Você não está no cinema? Vou levar seu sanduíche mais tarde.

— Peguei um turno tardio hoje.

Eu trabalhava como bilheteira no cinema perto de nossa casa desde que Zuzanna me passara o serviço.

Nós nos desviamos de uma fila para receber água que dobrava o quarteirão.

— Estava na Deutsche Haus? Nenhum polonês pode entrar lá.

— Eles me consideram alemã.

Eu me senti um pouco enjoada só de imaginá-la dentro daquele lugar. Era verdadeiro o boato sobre os cigarros! Dava para sentir o cheiro nela.

— Como teve coragem?

— Não fique histérica, Kasia. Eu só estava deixando...

Nós duas descemos da calçada e deixamos um casal alemão passar lentamente por nós, de acordo com as regras.

— Deixando o quê?

Ela apertou o saco de papel ainda mais e liberou um cheiro aromático — escuro e exótico — de palmeiras e de Brasil queimado de sol. Café.

— Pode me contar, *matka*. — Respirei fundo para afastar o pânico. — Essa é uma nova água de colônia?

Ela voltou para a calçada e retomou o ritmo.

— Deixe para lá, Kasia.

Eu tinha visto as novas meias de seda na sua gaveta de baixo, embrulhadas embaixo de camisas dobradas, moles como peles de cobra soltas. A constatação me deixou sem fôlego.

— Não pode simplesmente me ignorar. Tem que confessar.

Ela parou e me puxou para perto, a voz baixa.

— Perdoe-me, padre, pois tomei um café com um homem da SS? Lennart é...

Eu ri.

— *Lennart?* O nome Lennart significa corajoso, *matka*. Lennart, o *corajoso*, matou nossa Psina com uma *pá*.

O sol rompeu as nuvens, e um pequeno borrão preto na curva de sua bochecha captou a luz, iridescente. Carvão.

— A senhora está desenhando para eles.

Inspirei fundo...

Matka me puxou para ela.

— Fale baixo, Kasia. Eles gostam do meu trabalho, e isso me permite ficar perto...

— É perigoso.

— Você acha que eu gosto? É tudo pelo *papa*. Eles teriam *fuzilado papa*, Kasia.

— Se eu tivesse um marido como *papa*, eu preferia morrer a ser infiel.

Ela continuou seu caminho, empurrando a multidão, e eu a segui, as pessoas que corriam para todo lado esbarrando em mim.

— Como você poderia entender? — perguntou ela.

Eu a puxei pela manga.

Ela afastou minha mão.

— Chamam de contaminação racial, *matka*. Uma polonesa e um alemão. Juntos.

Ela se virou para me encarar.

— Quer falar *baixo*? Qual é o seu problema?

O hálito dela cheirava a café e pera *chrusciki*.

Eu estava além do ponto de chorar. Como ela pôde ser tão imprudente?

— Eles vão nos pegar. *Papa*, inclusive.

— Vá para o trabalho — disse ela com um olhar zangado. Atravessou a rua correndo e por pouco não foi atropelada por um casal em um belo carro conversível, que buzinou e berrou alguma coisa em alemão. Ela conseguiu chegar até o meio-fio e se virou. Será que estava mal por ter ficado zangada comigo? — Vou levar seu sanduíche ao cinema — gritou ela para mim, uma das mãos próximas da boca. — Vou deixar lá cedo!

Quando não respondi, ela apertou o pacote de café no peito e continuou caminhando, engolida pela multidão.

Eu permaneci no lugar, tremendo. Para quem eu contaria? Não para *papa*. Ele mataria Lennart, o corajoso, e seríamos todos fuzilados. Olhei de novo para a Deutsche Haus e notei Lennart descer os degraus com mais três homens, mordendo um palito. Como *matka* pôde se encontrar com um indivíduo daqueles?

Voltei meus pensamentos para a missão. Qual era o lema das Bandeirantes? “Sempre alerta!” Era importante ficar concentrada a fim de executar a missão de Pietrik sem nenhum obstáculo. Mais tarde eu contaria a Zuzanna. Ela ajudaria *matka* a recuperar o bom senso.

Avancei em direção ao gueto, passei pelo Portão Grodzka e desci para a farmácia Zaufanym em tempo recorde. Essa parte foi bem fácil. Eu tinha ido à farmácia do Sr. Z milhões de vezes com Nadia, mas, dessa vez, ao descer a rua de paralelepípedos, não conseguia espantar a impressão de que estava descendo ao Inferno de Dante.

Antigamente, a Cidade Antiga era a região de compras mais ativa de Lublin; era

sempre um dia divertido ir com Nadia ver as lojas e deleitar-nos com sonhos do Hanucá, quentes e salpicados com açúcar de confeitiro, os carrinhos da rua com pilhas altas de nabos e batatas. Grupos de crianças brincavam nas ruas, e comerciantes, de chapéus pretos, em seus casacos com mangas boca de sino, se colocavam na frente das lojas, conversando com os fregueses, as portas escancaradas para exibir as mercadorias: sapatos e chinelos. Ancinhos e forcados. Gaiolas com patos e galinhas cacarejando.

Naquela época, na sólida sinagoga Chewra Nosim, na rua Lubartowska, homens com xales de oração brancos e pretos nos ombros iam e vinham. Nós víamos muitos deles saindo do balneário e indo para casa, o ar vaporoso sentido pela rua abaixo.

No entanto, desde a chegada dos alemães, quem cruzava o gueto sentia um clima terrível, triste. O Castelo de Lublin, que assomava sobre a área, havia sido tomado pelos nazistas como prisão principal, e ele espiava as tortas ruas de paralelepípedos abaixo, que não estavam mais cheias de compradores e crianças brincando. Os nazistas tinham levado a maioria dos homens mais jovens para um projeto de construção, limpando terreno para erigir o que diziam ser um novo campo de trabalho forçado chamado Majdanek nos arredores de Lublin, ao sul da cidade. Como consequência, muitas das lojas estavam fechadas, e os poucos mascates que abriam suas portas não tinham muito a oferecer. Homens da SS patrulhavam aqui e ali, e os adolescentes em idade de trabalho que não tinham sido retirados para servir os nazistas se juntavam em grupos, preocupados. Vi mulheres se amontoarem em torno de uma bandeja de restos de carne no chão, e um rapaz vendendo braçadeiras brancas que mantinha no braço, estampadas com Estrelas de David. A sinagoga estava coberta por tábuas, cartazes em alemão pregados nas portas, e os balneários permaneciam silenciosos, sem lançar mais nenhum vapor no ar.

Fiquei aliviada ao chegar à farmácia. Era um dos poucos locais abertos, e estava animada naquela tarde. Corria o boato de que o Sr. Z subornava todo nazista que podia para manter o negócio aberto, já que ele era o único dono de loja não judeu no gueto.

Espiei, pela vitrine da loja, mesas de homens de chapéus pretos, entretidos com jogos de xadrez. O Sr. Z estava atrás do balcão de madeira que ocupava toda a extensão da farmácia, atendendo um casal.

Girei a lisa maçaneta de cristal. A porta rangeu ao abrir, e alguns homens ergueram o olhar dos seus jogos. Seguiram-me com os olhos quando entrei, alguns parecendo curiosos. Embora eu conhecesse um pouco o Sr. Zaufanym da igreja, ele não me reconheceu quando entrei. Enquanto andava entre as mesas, captei trechos de conversas, a maioria em ídiche, algumas em polonês. Assim que cheguei perto da porta que ficava na parede posterior, peguei a maçaneta e a girei, mas ela não se mexeu. Estava trancada? Tentei novamente, a palma da minha mão escorregando no

metal. Nada ainda. Será que eu deveria abortar a missão?

Eu me virei para encarar o Sr. Z. Ele pediu licença e começou a se aproximar de mim.

Justo nesse momento, um camisa parda nazista, membro do grupo que fiscalizava se as regras estavam sendo cumpridas no dia a dia, com a alça da arma cruzada no peito, juntou as mãos em cuia na vitrine e espiou o lado de dentro. Ele estava olhando para mim! Até alguns homens das mesas notaram e se sentaram mais eretos, observando tudo. Repeti o juramento em minha cabeça: *Eu vou servir às Colunas Cinza, guardar os segredos da organização e não hesitar em sacrificar minha vida.*

A parte de “sacrificar minha vida” estava se tornado real demais.

O Sr. Z se aproximou de mim e me indicou o balcão. Quase não consegui andar, de tanto que minhas pernas tremiam.

— Você precisa de aspirina? — perguntou ele.

— Preciso. Estou com uma dor de cabeça horrível.

Assim que o camisa parda seguiu seu caminho, o Sr. Z me levou até a porta. Ele girou a maçaneta e me deixou entrar de maneira bem natural.

Desci a escada, bati de leve na porta de madeira e fiquei embaixo da lâmpada descoberta. Senti um calafrio. Talvez eu dissesse a Pietrik que essa seria a minha última missão.

— Quem é? — Ouvi uma voz de mulher.

— Iwona — respondi.

A porta se abriu.

— Mandaram uma criança? — falou uma mulher na penumbra.

Entrei, e ela fechou a porta. Criança? Afinal de contas, eu tinha dezoito anos, e frequentemente me diziam que eu parecia mais velha.

— Estou aqui por causa da aspirina. Só tenho cinco minutos.

A mulher me encarou por um longo tempo, como alguém que avalia o último pedaço de peixe no mercado, e depois foi até uma sala adjacente. Avancei mais pelo porão. Era duas vezes o tamanho do nosso apartamento, e as janelas eram cobertas por papel preto; logo, estava escuro. O cheiro de mofo e meias sujas era forte, mas o lugar era bem mobiliado, com um sofá comprido, uma mesa e cadeiras de cozinha com um lustre brilhante azul e vermelho em cima e uma pia na parede mais distante. Longas gotas prateadas pingavam da torneira, e o barulho surdo de passadas e cadeiras arrastando no chão vinha de cima. Onde estava a mulher?

Ela voltou logo com um pacote grosso, que enfiei na mochila. Dei uma espiada no relógio. Eu havia concluído a tarefa em menos de um minuto, mesmo com a Dona Lesma demorando tanto. Foi então que percebi a menina no sofá. Estava sentada na penumbra, a cabeça baixa.

— Quem é? — perguntei.

— Não é da sua conta. Você tem que ir embora.

Eu me aproximei.

— A senhora machucou essa menina?

— Claro que não. Anna vai morar com uma família católica. Os pais dela acham que vai ficar mais segura assim.

— Vestida desse jeito?

A menina usava um casaco escuro em cima de um suéter tricotado à mão, botas pretas e meias de seda, e o cabelo estava enfiado embaixo de uma echarpe xadrez vermelha e preta amarrada como um turbante, volumoso no alto. Eu era uma especialista no modo de vestir das meninas católicas, claro, sendo eu mesma católica e, graças a *matka*, a primeira na missa todo domingo. A menina não iria longe com aquelas roupas.

— Nenhuma menina católica se vestiria assim — afirmei.

E me virei para sair.

— Você se importaria de ficar uns minutos e dizer a ela o que vestir? — perguntou a mulher.

— Não sei... — comecei.

A mulher resolvera ser agradável comigo quando precisava de alguma coisa? Eu já tinha meus problemas: carregar pacotes secretos pelas ruas.

— Significaria muito para ela — disse a mulher. — Está completamente sozinha.

— Tudo bem — respondi.

Eu me aproximei da menina e me sentei no sofá ao lado dela.

— Meu nome é Kasia. — Coloquei a mão sobre a dela, que estava ainda mais fria do que a minha. — Anna, que nome lindo. Sabia que significa “favorecida por Deus”?

— Hannah é meu nome verdadeiro — respondeu ela sem nem olhar para mim.

— Se você vai morar com uma família católica, em primeiro lugar, tem que abrir mão da echarpe.

Hannah hesitou e me fitou com olhos raivosos. Tive que me segurar para não sair acelerada, subir a escada e deixá-la para trás.

Lentamente, ela retirou a echarpe e seu cabelo escuro caiu em volta dos ombros.

— Ótimo. Agora, é melhor não usar meias nem botas pretas. Aqui, troque comigo.

A menina não se mexeu.

— Não posso fazer isso — disse ela.

— Hannah...

— Faltam três minutos — falou a mulher, de pé na porta.

— Você tem que se apressar — sugeri.

— Mudei de ideia — disse Hannah.

Eu me levantei e ajeitei minha camisa.

— Tudo bem, então. Estou indo.

— Meu namorado diz que estou morta para ele por estar fazendo isso.

Eu me sentei de novo. Namorados podiam ser um problema e tanto.

— Você não pode basear sua vida em um rapaz.

— De qualquer maneira, ele me odeia agora. Diz que estou abandonando meus pais.

— Seus pais querem isso, e seu namorado vai entender que é o melhor.

A mulher se aproximou de nós.

— Terminem logo.

— Eles só estão levando os homens — disse Hannah. — Talvez eu fique melhor em casa mesmo...

— É melhor morar com uma família nova do que ser mandada para trabalhar em um lugar qualquer. Siga com o seu plano, e você vai conseguir comida para eles...

— Impossível.

— As pessoas fazem isso o tempo todo. Por enquanto, você *precisa* se alegrar. Nada de olhos tristes. A SS procura isso.

Ela limpou o rosto e se sentou mais ereta. Um começo! Era uma menina bonita com algumas poucas sardas na parte superior do nariz.

— Calce meus sapatos. Depressa.

— Dois minutos — disse a mulher da porta.

— Ah, não posso — recusou Hannah.

— Mas *precisa*. Suas botas denunciam você na hora. Troque comigo.

E se eu fosse parada? Eu tinha papéis autênticos, e *papa* iria me ajudar não importava o que acontecesse. Hannah retirou a meia-calça escura e a trocou por minhas meias soquetes brancas. Calcei as botas dela, só um pouquinho menores do que meus sapatos.

— Isso. Agora vire-se. — O mais rápido que consegui, fiz uma trança grossa simples descendo pelas suas costas. — Moças católicas solteiras usam trança. Sabe recitar o Pai Nosso?

Ela confirmou.

— Ótimo. Decore o hino nacional da Polônia também. Estão pedindo mais coisas agora. E não esqueça: se alguém oferecer vodca, nada de bebericar. Beba de um gole só, ou recuse.

— Está na hora — disse a mulher.

Admirei minha obra de arte.

Havia uma Bíblia branca na mesa.

— É uma Bíblia bonita. — Entreguei a ela. — Só não deixe de trincar a encadernação. Faça parecer usada. E, na igreja, ajoelhe-se assim, o joelho direito no chão, e faça o sinal da cruz. — Demonstrei. — Não... com a mão direita. Isso. Só

acompanhe os outros. E não mastigue a hóstia. Deixe ela derreter na boca.

Ela agarrou meu braço.

— Vou ter que comer carne de porco?

— Apenas diga que uma vez você ficou doente ao comer porco e não consegue nem olhar mais...

— Obrigada — disse Hannah. — Não tenho nada para lhe dar.

— Iwona, por favor — disse a mulher.

— Não se preocupe com isso. E, acima de tudo, não fique triste. Seu polonês é tão bom quanto o de qualquer um. Uma última coisa.

Abri meu colar com uma cruz prateada e o coloquei no pescoço dela. A menina olhou para o próprio peito.

— Talvez seja difícil para você usar, mas toda menina católica tem um.

Pietrik iria entender.

Fui até a porta e parei para um último olhar. Hannah estava de pé, a Bíblia na mão, parecendo bastante com qualquer garota católica a caminho da missa de domingo.

— Já passaram mais de cinco minutos — disse a mulher. — Talvez você devesse esperar até escurecer.

— Vou ficar bem — respondi. Pietrik estaria esperando.

Subi a escada, atravessei a farmácia e saí para a rua. Era uma sensação boa estar ao ar livre, meu serviço bem-feito. Essa vai ser minha última missão por algum tempo, pensei no caminho para o cinema. Uma olhada no relógio me informou que eu chegaria cedo para meu turno. Meu chefe ficaria feliz. Tudo o que eu queria era chegar no trabalho em segurança. Pietrik estaria lá se eu precisasse de ajuda.

Avancei um bom pedaço, mas, antes mesmo de sair da Cidade Antiga, senti alguém me seguindo. Abaixei-me para amarrar a bota de Hannah, o pacote de papel amassado na minha mochila, e dei uma olhada para trás. Lá estava o camisa parda que tinha me visto na farmácia, ocupado dispersando um grupo de jovens. Será que ele notara que eu fui para o porão? Balancei a cabeça para afastar pensamentos ruins e continuei em passos rápidos.

Cheguei ao cinema cinco minutos antes do meu turno. Na marquise estava escrito O JUDEU ETERNO. Desde que o cinema fora requisitado pelos nazistas, todos os filmes eram enviados pela sede do Partido, Embaixado do Relógio, e nenhum polonês tinha a permissão de entrar. Só pelo nome sabíamos que o filme era uma propaganda nazista. A fila na bilheteria já estava se formando, com frequentadores alemães, aquele olhar ansioso de espectadores. Uma nova coisa que os nazistas estavam nos obrigando a fazer era tocar música patriótica pelos alto-falantes fora da sala de cinema. Uma repetição da “Canção de Horst Wessel”, o hino do Partido Nazista, uma marcha tipo hino-fúnebre, marcada pelo som de trompetes, ressoava pela praça de paralelepípedos

a noite inteira, mesmo durante o filme!

“A bandeira no céu!”, dizia a letra pelo coro alemão. “As alas bem fechadas! A SA marcha com passos silenciosos e firmes.”

Eu me enfiei na cabine da bilheteria e recuperei o fôlego. Era um cômodo apertado, quase do tamanho de um banheiro pequeno, e tinha uma vitrine para vender bilhetes coberta com papel e um banco alto. Será que alguém tinha me seguido? Acendi as luzes e toquei a caixa registradora, fria e lisa, para me acalmar. Eu teria que manter o controle da situação, separar o dinheiro e deixar a cortina da vitrine fechada por enquanto.

Onde estava *matka*? Ela já deveria ter chegado com o sanduíche de queijo que prometera. Como ex-enfermeira, tinha sido obrigada a cumprir serviço no Hospital da Cidade Antiga. Por que ela estava atrasada logo quando eu estava faminta? O cheiro das balas alemãs me deixava louca de fome.

Puxei a cortina para o lado e espiei para fora da vitrine da bilheteria. Uma descarga elétrica passou pelo meu corpo. Será possível? O camisa parda que me vira no Sr. Z estava falando com duas *Hausfrauen* na fila.

Como fiquei feliz ao ver Pietrik entrar na cabine e ocupar seu assento costureiro no chão a meus pés, embaixo da vitrine, costas na parede. As bochechas rosadas deixavam seus olhos ainda mais azuis. Luiza, sua irmã mais nova, viera junto. Ela escorregou as costas pela parede até se sentar perto dele. Era quase o extremo oposto de Pietrik. Enquanto ele tinha olhos claros, os dela eram escuros. Ele era sério. Ela ria à beça. Aos quinze anos, Luiza mal chegava à metade da altura dele.

— Como foi sua ida à farmácia? — perguntou ele.

Eu estava alta, sentada no banco do bilheteiro, e arrumei minha saia para fazer uma apresentação melhor de minhas pernas.

— Muito bem, com um probleminha...

Ele me lançou um olhar rápido, um aviso para não falar na frente de Luiza.

— Estou procurando meu maior talento — disse ela. — Qual você acha que é, Kasia?

Por que Luiza tinha que tocar num assunto tão bobo justo naquela hora? Puxei a cortina e verifiquei a fila lá fora. O camisa parda ainda estava lá, numa conversa animada com dois homens. Sobre mim?

— Não sei, Luiza — respondi. — Você é uma boa confeitadeira...

— Isso qualquer um pode fazer. Quero alguma coisa exclusiva.

Olhei para fora de novo. Algo não estava certo. “Não fique paranoica”, pensei enquanto separava o dinheiro e verificava minha lista mental:

Preços dos doces? Ok.

Caixa registradora separada? Ok.

Agora que nossa plateia era quase toda de alemães, eu precisava ser organizada ao

extremo, pois meu chefe poderia ouvir uma séria reprimenda por causa de reclamações a respeito de um mínimo deslize meu.

Zuzanna entrou na cabine e fechou a porta.

— Kasia, por que você está tão branca?

— Você viu o camisa parda lá fora?

Ela jogou a bolsa no canto.

— Bom jeito de dizer olá. Estive no campo tratando dos doentes em troca de ovos para o seu café da manhã, querida irmã.

Puxei a cortina e lá estava ele. Agora falando com uma moça na fila.

— Acho que ele me seguiu. Da farmácia do Sr. Z. Agora. — Virei-me para Pietrik. — Você e Luiza também. Se ele encontrar vocês aqui comigo, vão levar nós todos.

Zuzanna riu.

— Até onde eu sei, não há nenhuma lei declarando que a farmácia do Sr. Z está em zona proibida. Apesar de haver uma lei para tudo quanto é coisa ultimamente...

Verifiquei a fila de novo. A mulher fez um sinal afirmativo com a cabeça e apontou na direção da porta da bilheteria. Fiquei totalmente paralisada.

— Ele está fazendo perguntas sobre mim — disse, uma fossa enorme me sugando para baixo. — As pessoas estão contando que estou aqui dentro.

Senti um aperto no peito com o que vi em seguida: *matka*, no outro lado da fila, abrindo espaço na multidão para vir ao nosso encontro, cesta na mão.

Zuzanna puxou a cortina da minha mão.

— Pareça culpada e você *vai* ter problemas.

Eu mal conseguia respirar.

Não venha, matka. Dê meia-volta agora, antes que seja tarde demais.

Herta

1940

FRITZ SE ATRASOU para me buscar na estação de Fürstenberg, uma bela maneira de começar meu primeiro dia como médica do campo em Ravensbrück. Será que ele me reconheceria? Duvidava disso. Na universidade, estava sempre de braço dado com alguma bela estudante de enfermagem.

A pequena estação de trem havia sido construída no estilo bávaro, e eu tive bastante tempo para admirá-la, ficando parada na plataforma durante cinco minutos. Será que eu receberia tarefas importantes? Faria bons amigos? Estava quente para o outono, e meu vestido de lã irritava minha pele. Mal podia esperar para vestir algo mais leve e um guarda-pó fresco e macio.

Fritz finalmente apareceu em um Kübelwagen-82 verde, com a capota abaixada, uma banheira para quatro pessoas, o veículo utilitário de Ravensbrück. Ele parou, um braço estendido nas costas do banco do carona.

— Você está atrasado — afirmei. — Tenho uma reunião com o comandante às dez e quinze.

Ele veio até a plataforma e pegou minha mala.

— Nem um aperto de mão, Herta? Passei um ano inteiro sem ver você.

Ele se lembrava de mim.

Olhei disfarçadamente para ele no caminho. Ainda tinha a beleza que todas as alunas da universidade admiravam. Alto, com cabelo preto arrumado e olhos azuis prussianos. Traços refinados que refletiam sua ascendência aristocrática. Ele parecia cansado, porém, especialmente ao redor dos olhos. Será que era muito estressante trabalhar em um campo de reeducação para mulheres?

O vento provocava uma sensação agradável no meu cabelo curto ao percorrermos a Fritz-Reuter-Strasse, atravessando a cidadezinha de Fürstenberg, onde chalés com telhados verdes ladeavam a rua. Uma Alemanha de muito tempo atrás. Como uma cena esculpida em uma caixa de madeira antiga.

— Às vezes, Himmler fica aqui em Fürstenberg, quando está na cidade, o que

ocorre *com frequência*. Ele vendeu ao Reich a terra em que foi construído Ravensbrück, sabia? Ganhou uma fortuna. Está vendo o campo lá, do outro lado do lago Schwedt? É novinho... Você está chorando, Herta?

— É só o vento nos meus olhos — justifiquei, embora ele tivesse sido observador. Foi difícil não me emocionar atravessando Fürstenberg, pois eu havia visitado uma cidade parecida com meus pais quando criança, para pescar. Era a essência da Alemanha, tão linda e intocada. Pelo que estávamos lutando. — Que horas são, Fritz? — perguntei, secando os olhos. Justamente o que eu precisava: o comandante me identificando como uma chorona. — Não posso me atrasar.

Fritz acelerou e levantou a voz acima do barulho do motor.

— Koegel não é um cara ruim. Era proprietário de uma loja de presentes em Munique antes disto.

Uma nuvem de poeira seguia o Kübelwagen enquanto percorríamos a estrada, circundando o lago na direção do campo. Quando fizemos a curva, olhei para trás, para o outro lado do lago, e admirei a silhueta distante da cidade de Fürstenberg de onde acabáramos de vir, com a torre alta da igreja.

— Você poderá escolher entre os médicos aqui — disse Fritz. — O Dr. Rosenthal adora louras.

— Eu não sou loura — respondi, embora tenha ficado feliz por ele achar que sim. Senti meu ânimo melhorar no trajeto com Fritz, prestes a embarcar em uma nova aventura.

— Quase. Uma garota alemã pura é algo raro aqui. Há muitas escravas.

— Adoro meus homens com sífilis.

— Estou apenas fazendo a minha parte para repopular a Alemanha — disse Fritz com um sorriso.

— É assim que você conquista as garotas?

Ele me lançou um olhar que manteve por tempo demais, traindo o tom despreocupado. Eu tinha sorte de ser uma das únicas médicas de Hitler. Isso me colocava em uma classe totalmente diferente. Fritz Fischer jamais flertaria dessa forma com uma Düsseldorf *Hausfrau*. Talvez eu deixasse o cabelo crescer novamente. Sem dúvida ele ficaria impressionado quando eu me tornasse a melhor médica dali.

Passamos por um grupo de mulheres magras usando vestidos listrados, e em estágios avançados de atrofia muscular, apoiando todo o peso no arreio de metal de um rolo de concreto maciço feito gado doente. Uma guarda de uniforme cinza de lã estava com um pastor-alemão. Fritz acenou para a mulher, e ela fez uma careta quando passamos.

— Elas me adoram por aqui — disse Fritz.

— É o que parece — respondi.

Paramos sob uma nuvem de poeira diante do prédio de tijolos da administração, a

primeira coisa que se via do campo, no final da estrada. Desci do carro, espaneí a poeira do vestido e examinei o entorno. Minha primeira impressão foi boa. O gramado era verde e exuberante, e flores vermelhas ladeavam a base do prédio. À esquerda, no alto de uma cumeeira com vista para o campo, havia quatro casas principais construídas em *Heimatschutzstil*, estilo de preservação da pátria, com colunas de pedras naturais e varandas de enxaimel. Uma mescla de estilos nórdico e alemão, agradável aos olhos. Aquele era um lugar de valor superior — era possível dizer até de classe alta.

— Na cumeeira, a casa com vista para o campo é a do comandante — disse Fritz.

Não fosse pela visão dos altos muros de pedra encimados por arame farpado atrás do prédio da administração, seria possível confundir o campo com uma casa de convalescença, não um campo de reeducação para prisioneiras. Eu estava decidida a gostar do comandante Koegel. Pessoas de hierarquias superiores sempre percebem se um subordinado não gosta delas, e isso pode ser fatal para a carreira.

Depois dos portões do campo, havia uma grande gaiola, com macacos, papagaios e outras aves exóticas, ladeando o caminho. Era o único elemento incongruente. Animais certamente diminuem o estresse, mas qual era o objetivo de uma coleção daquelas?

— Está esperando pelo mordomo, Herta? — perguntou Fritz, da porta.

Uma secretária me apressou, conduzindo-me pelos pisos de tacos de madeira até o andar superior e a sala do comandante, onde Koegel estava sentado diante da mesa, sob um espelho retangular que refletia a planta do tamanho de um homem em um vaso no canto. Era difícil não ficar intimidada pela grandiosidade da sala. O piso acarpetado, as cortinas de aparência cara e o lustre. Ele tinha inclusive uma pia de porcelana. Imediatamente, desejei ter polido meus sapatos.

Koegel se levantou, e trocamos a saudação germânica.

— Está atrasada, Dra. Oberheuser — disse ele.

O relógio Floresta Negra em sua parede tocou para marcar a meia hora. Dançarinos tirolezes saíram rodopiando de suas portas arqueadas ao som de “*Der fröhliche Wanderer*”, celebrando meu atraso.

— O Dr. Fischer... — comecei.

— Você sempre culpa os outros por seus erros?

— Lamento estar atrasada, Herr Commandant.

Ele cruzou os braços.

— Como foi sua viagem?

Ele era corpulento, algo que eu costumava não gostar em uma pessoa, mas forcei um sorriso.

A vista do segundo andar de Koegel exibia uma ampla extensão do campo e dava para um imenso pátio, onde mulheres prisioneiras estavam paradas em posição de

sentido, de cinco em cinco. Uma estrada dividia o campo, coberta de resíduo preto, que cintilava ao sol. Fileiras perfeitas de alojamentos se estendiam a distância, perpendiculares a essa estrada. Que ótimo ver tílias imaturas, as consagradas “árvores dos amantes” no folclore alemão, plantadas em intervalos regulares ao longo do caminho.

— Foi uma viagem confortável, comandante — falei, me esforçando para evitar meu sotaque da Renânia. — Obrigada pela passagem de primeira classe.

— Conforto é importante para você? — perguntou Koegel.

O comandante era um homem carrancudo com pernas atarracadas e humor ácido. Talvez seu comportamento desagradável se devesse em parte ao colarinho e à gravata marrons do uniforme, tão apertados que espremiam o tecido adiposo ao redor do pescoço, fazendo-o parecer um cachecol de gordura. A fricção havia produzido uma quantidade abundante de marcas na pele, que caía pendurada, flácida, pelas bordas do colarinho. Ele usava uma porção de medalhas no peito. Pelo menos era patriota.

— Não exatamente, comandante. Eu...

— Sinto muito, mas acho que houve alguma confusão — disse ele, acenando com a mão. — Não podemos acomodá-la aqui.

— Mas eu recebi uma carta de Berlim...

— Você será a única mulher médica aqui. Isso vai causar problemas.

— Eu não achei...

— Este é um campo de *trabalho*, doutora. Não há salões de beleza sofisticados, nem chás da tarde. Como os oficiais vão se sentir com você comendo na cantina? Uma mulher no meio de tantos homens é encrenca.

Senti o salário sair voando enquanto ele falava. Fritz me levaria para pegar o próximo trem para Berlim? *Mutti* precisaria voltar a trabalhar em tempo integral.

— Estou acostumada a uma vida simples, Herr Commandant.

Soltei os punhos cerrados e percebi que havia enfiado as unhas nas palmas das mãos, deixando uma fileira de sorrisinhos vermelhos, rindo de mim. Eu merecia isso. Quando eu ia aprender a não ser confiante demais?

— Posso lhe garantir que ficarei bem em qualquer condição de vida. O próprio Führer diz que a vida simples é a melhor.

Koegel observou meu cabelo curto. Será que estava cedendo?

— Eles me mandaram uma dermatologista? Isso não nos serve de nada aqui.

— E as doenças infecciosas, comandante?

Ele refletiu, uma das mãos na barriga.

— Entendo — disse e se virou para a janela, observando o campo. — Bem, nós fazemos um trabalho confidencial aqui, doutora.

Quando ele falou, o som de um chicote chamou minha atenção para a quadra abaixo. Uma guarda batia em uma das várias prisioneiras reunidas lá com um açoite.

— Exigimos confidencialidade total aqui, doutora. Está disposta a assinar uma declaração? Você não pode contar nada a ninguém. Nem mesmo à sua mãe ou às suas amigas.

Não havia nada com o que se preocupar quanto a isso. Eu não tinha amigas.

— Qualquer violação de segurança, e você enfrentará a prisão da sua família e uma possível pena de morte.

— Não direi nada, Herr Commandant.

— Este trabalho não é, bem, para pessoas sensíveis. Nossas instalações médicas são, no máximo, adequadas, com condições terríveis.

Koegel ignorou o espetáculo abaixo de sua janela. Quando a prisioneira caiu no chão, as mãos entrelaçadas no topo da cabeça, a guarda intensificou a punição. Uma segunda guarda puxou para trás um pastor-alemão encoleirado que avançava, os dentes à mostra.

— Berlim gostaria disso — disse Koegel.

— Qual será meu papel na reeducação, Herr Commandant?

A guarda no pátio chutou a barriga da mulher com a bota, os gritos difíceis de serem ignorados. Era uma forma violenta de reeducação.

— Você está entrando para um grupo de elite. Vai trabalhar com alguns dos melhores médicos da Alemanha para atender às necessidades médicas da equipe do campo, das famílias e das mulheres que foram reinstaladas aqui para fazer o trabalho do Führer. Dr. Gebhardt também tem vários projetos.

No pátio, a guarda enrolou o chicote e duas prisioneiras arrastaram a companheira ensanguentada enquanto as demais permaneciam em posição de sentido.

— Depois do seu período de treinamento de três meses, pedidos de desligamento não serão aceitos sob qualquer circunstância.

— Compreendo, comandante.

Koegel voltou para sua mesa.

— Você vai dividir a casa com Dorothea Binz, a chefe do pessoal de segurança feminina. Nosso salão de cabeleireiro não é sofisticado, mas é bom. Logo no andar de baixo. É comandado pelas garotas da Bíblia. Testemunhas de Jeová. Elas se dedicam a tornar minha vida um inferno na Terra, mas você pode confiar em suas tesouras.

— Terei isso em mente, Herr Commandant — falei, me despedindo com uma saudação germânica.

Saí da sala de Koegel feliz por ele ter cedido, mas sem saber ao certo se queria ficar em Ravensbrück. Fui tomada por uma vaga sensação de desconforto. E se eu simplesmente pegasse o trem de volta para casa? Poderia ter três empregos, se fosse preciso.

* * *

FIQUEI IMPRESSIONADA AO ver meu quarto no recém-construído chalé de carcereiras de alto escalão, a poucos passos do portão de entrada. O quarto era maior do que nosso apartamento inteiro, equipado com um banheiro compartilhado completo, com chuveiro e banheira, uma cama confortável com um edredom branco e uma penteadeira. Eu não usava maquiagem, por conta do regulamento, mas a penteadeira daria uma boa mesa de trabalho. O melhor de tudo: o chalé tinha aquecimento central. Instalações muito limpas e elegantes, com varanda própria. *Mutti* balançaria a cabeça, maravilhada, ao me ver em um lugar como aquele.

Caminhei até o campo principal para almoçar, passando pela entrada dos funcionários, e encontrei o refeitório dos oficiais. O nível de ruído era alto, porque a pequena construção estava cheia de médicos e guardas da SS, incluindo muitos dos cinquenta médicos da SS designados a Ravensbrück, todos homens e apreciando uma refeição que consistia de porco assado, batatas na manteiga e diversos cortes de carne. Eu esperava conhecer os médicos de primeira classe que Koegel havia me prometido, embora não estivesse com pressa, já que a proporção homens-mulheres entre os médicos era de promissores quarenta e nove para uma.

Conforme me aproximava da mesa presidida por Fritz, grupos de homens pararam de conversar e me olharam fixamente enquanto eu passava. Eu já me acostumara a estar entre homens desde a faculdade de medicina, mas ter *uma* colega mulher seria bom. Encontrei Fritz e seus três companheiros sentados, as barrigas estufadas, compartilhando o que pareciam ser cigarros pós-coito.

— Ah, Herta — disse Fritz. — Quer almoçar?

Ele fez um sinal com a mão para um prato cheio de costeletas de porco gordurosas, e eu senti uma onda de náusea.

— Sou vegetariana — respondi.

O homem ao lado dele segurou o riso.

Fritz se levantou.

— Onde estão meus modos? Deixe-me fazer as apresentações. Ali na ponta da mesa, temos o Dr. Martin Hellinger, celebridade do mundo dentário da SS.

O Dr. Hellinger era um sujeito sério, de óculos com armação de metal e um corpo endomórfico cuja taxa de glicose no sangue aparentemente caíra tanto que ele mal conseguia me notar. Estava respondendo a lápis palavras cruzadas de um jornal.

— Ao lado dele, o Dr. Adolf Winkelmann, visita de Auschwitz.

Winkelmann estava sentado na cadeira como se tivesse sido derramado nela. Era gordinho, com a pele parecendo madeira comida por cupins.

— E este é o famoso Rolf Rosenthal — disse Fritz, indicando o sujeito de ar

malicioso e cabelo escuro esparramado na cadeira à sua esquerda. — Ex-cirurgião da marinha e nosso prodígio da ginecologia.

Rosenthal se inclinou para a frente, na direção do próprio cigarro, e olhou para mim como se fosse um comerciante de vacas examinando uma mercadoria.

A batida de uma porta de tela fez os médicos se virarem, e a guarda loura que eu vira da janela de Koegel entrou no refeitório. Ela era mais alta do que parecia de cima. Finalmente, uma colega.

A mulher caminhou até nossa mesa, os passos pesados no piso de madeira, o chicote de equitação enfiado em uma das botas, sem chapéu, o cabelo enrolado para longe da testa com o penteado da moda. Embora fosse jovem, com cerca de dezenove anos, sua pele já exibia marcas de sol e sardas. Resultado de trabalho na lavoura, talvez?

Fritz passou um braço por trás das costas da cadeira.

— Se não é a encantadora Fräulein Binz. Orgulho da escola de etiqueta Ravensbrück.

Fritz não se levantou para cumprimentá-la, e os outros médicos se remexeram nas cadeiras como se estivessem sentindo um vento frio.

— Olá, Fritz — disse Binz.

— Você não sabe que não pode entrar na cantina dos oficiais sem permissão? — perguntou Fritz.

Ele acendeu o cigarro com um isqueiro dourado, as mãos brancas quase brilhando, como se mergulhadas em leite. Mãos que se esperaria ver em um pianista famoso. Mãos que jamais haviam tocado em uma pá.

— Koegel quer que eu reúna sua equipe médica com minhas meninas.

— Outro piquenique, não — disse Rosenthal.

— Ele sugeriu um baile... — respondeu Binz.

Um baile? Como grande fã de dança, fiquei interessada.

Rosenthal resmungou.

— Só se Koegel oferecer uma caixa de vinho francês — disse Fritz. — E só se você chamar algumas polonesas atraentes. Aquelas garotas da Bíblia quase não falam.

— E só leve as *aufseherinnen* com menos de cem quilos — disse Rosenthal.

— Você vai, Fritz?

Binz acendeu um cigarro.

Fritz apontou na minha direção.

— Binz, cumprimente a sua nova companheira de alojamento. Dra. Herta Oberheuser, deixe-me apresentar Dorothea Binz, chefe do bunker de punição. Ela também treina a maior parte das *aufseherinnen* para todo o Reich bem aqui.

— Uma médica mulher? — questionou Binz. Ela tragou o cigarro e me olhou de cima a baixo. — Essa é nova. Prazer em conhecê-la, doutora. Boa sorte com esse

pessoal.

Ela se dirigiu a mim informalmente, usando a palavra *du* em vez de *Sie*, o que me pareceu inadequado, sendo que ninguém mais percebeu isso.

— Obrigada, Fräulein Binz — falei, acompanhando-a até a porta da cantina.

— Nunca agradeça a uma *aufseherin*, doutora — disse Fritz. — Mau precedente.

Binz saiu e deixou a porta bater, caminhando na direção da *Platz*. Descartou o cigarro, fumado até menos da metade, apagando-o nos paralelepípedos com o polegar e o indicador. Estava claro que ela não seria a amiga por quem eu estava procurando.

Depois do almoço, caminhei com Fritz e o Dr. Hellinger na direção do bloco utilitário, onde novas prisioneiras eram tratadas. No caminho, vi que todas as *häftlings* de uniforme usavam um triângulo colorido na manga, logo abaixo do número.

— O que significam os sinais coloridos, Fritz? — perguntei.

— Triângulos verdes são criminosas condenadas, a maioria de Berlim. Tipos difíceis, embora algumas estejam aqui por desobedecer a regras insignificantes. Muitas *blockovas* usam isso. Roxos são garotas da Bíblia, testemunhas de Jeová. Tudo o que precisariam fazer era assinar um papel dizendo que colocam Hitler acima de todas as coisas, e seriam liberadas, mas se negam a fazer isso. Loucas. Triângulos vermelhos indicam prisioneiras políticas. Polonesas, na maioria. Pretos são antissociais: prostitutas. Alcoólatras. Pacifistas. A letra costurada dentro do triângulo indica a nacionalidade. Judias recebem dois triângulos juntos para formar uma estrela. Ideia de Himmler.

Caminhamos até o bloco utilitário, junto a uma fila de mulheres nuas esperando do lado de fora. Todas pareciam ser escravas de alguma origem, das mais diversas idades e formatos de corpo. Algumas estavam visivelmente grávidas. Quando viram os médicos homens, parte gritou, e todas tentaram cobrir o corpo.

— Essas mulheres precisam de roupas, Fritz — falei.

Lá dentro, paramos em um canto silencioso para conversar.

— Eis como fazemos nossas seleções — disse Fritz. — Primeiro, Hellinger procura e registra todas as restaurações dentárias de prata ou ouro e pontes. Então listamos as menos aptas a trabalhar. Se as duas coisas coincidirem, a prisioneira é escolhida. Uma prisioneira doente demais para trabalhar com uma boca cheia de metal vai para esta lista. Nós lhes dizemos qualquer coisa, menos a verdade.

— Que é? — perguntei.

— Ônibus expresso para o céu: ou câmara de gás, ou Evipan. Gasolina, se acabar. Depois disso, Hellinger extrai o pagamento do Reich. Vamos usar Evipan hoje.

Cruzei os braços.

— Achei que as prisioneiras precisassem trabalhar.

— Velhas não conseguem empurrar um rolo de concreto, Herta.

— Poucas são tão velhas, e as que forem podem trabalhar tricotando. As grávidas precisam ficar com os pés para cima.

— É a lei alemã. Nenhuma criança pode nascer em um campo. E algum percentual precisa de tratamentos específicos. De outra forma, este lugar ficará lotado e, não sei quanto a você, mas eu não gosto muito de tifo. Além disso, algumas delas são judias.

O nome de campo de reeducação era uma fachada. Como eu pude ser tão ingênua? Minha náusea voltou.

— Preciso ir para o quarto arrumar minhas coisas — falei.

— Você não tinha problemas com o laboratório de cadáveres na faculdade.

— Eles não estavam respirando, Fritz. Eu prefiro não me envolver.

— Prefere não se envolver? Você não vai durar muito tempo aqui com essa atitude.

— Eu simplesmente não me sinto confortável com tudo isso. É muito, hum, pessoal.

A ideia de administrar uma injeção letal era abominável demais para ser considerada. Seria dada no braço? Injeções letais são cruéis e tendem a causar danos psicológicos em quem as administra. Toquei a mão de Fritz.

— Mas cianeto é rápido e silencioso. Misturado com suco de laranja...

— Você acha que eu gosto disso? — perguntou ele, me puxando mais para perto.

— Fazemos o que é preciso aqui. A alternativa para elas é *Vernichtung durch Arbeit*. Morte pelo trabalho. Inanição planejada.

— São ordens. Diretas de Himmler. Todas elas recebem calorias suficientes apenas para se manterem vivas e trabalhar por três meses. Extermínio lento.

— Eu não posso...

Ele deu de ombros.

— Elas vão morrer de qualquer maneira. Simplesmente não pense nisso.

Fritz se aproximou da fila de mulheres nuas e bateu palmas, e todas se amontoaram feito cavalos em um celeiro.

— Bom dia, senhoras. Qualquer uma que tenha mais de cinquenta anos, esteja com temperatura acima de quarenta graus ou grávida, dê um passo para o lado, que vamos nos certificar de que descansem depois de tomarem a vacina contra tifo. Posso atender apenas sessenta e cinco, então apresentem-se agora.

As mulheres conversaram entre elas, algumas traduzindo as instruções de Fritz para outras línguas, e logo surgiram voluntárias.

— Aqui, esta é minha mãe — disse uma jovem ao empurrar uma mulher mais velha para a frente. — Ela tem tossido tanto que não consegue trabalhar.

— É claro — respondeu Fritz.

Uma garota de pele escura, evidentemente grávida, com olhos castanhos de cílios

espessos como os de uma vaca leiteira, apresentou-se e sorriu para Fritz, os braços cruzados sobre a barriga proeminente. Em alguns minutos, Fritz tinha suas sessenta e cinco candidatas e instruiu uma guarda a acompanhá-las até a *Revier*. Pelo menos elas seguiram calmamente.

— Desde quando existe vacina para tifo? — perguntei, mantendo a voz baixa, caso alguma das prisioneiras compreendesse alemão.

— É claro que não existe. Em média, *häftlings* doentes vivem apenas quatorze dias, então, estamos simplesmente acelerando o processo. É muito mais humano do que outros métodos.

Fritz nos levou até meu novo local de trabalho, a *Revier*, a clínica médica prisional, instalada em um bloco baixo idêntico aos demais. A área da recepção se abria para um grande salão cheio de catres e beliches, lotados de pacientes, algumas deitadas no chão, outras com doenças em estágios avançados. Uma *häftling* tinha tanto piolho, que seu cabelo curto estava branco com lêndeadas, e ela havia coçado grandes faixas de pele até ficarem em carne viva. Não era uma operação de qualidade.

Uma jovem enfermeira prisional chamada Gerda Quernheim nos cumprimentou. Gerda, uma garota bonita de cabelo castanho de Düsseldorf, frequentara a escola de parteiras. Era uma excelente enfermeira, mas nem ela conseguia lidar com a *Revier*.

Fritz nos conduziu pelo corredor, passando por um grande frigorífico, parecido com o do açougue.

— O que é isto? — perguntei, tocando na porta, fria e úmida com a condensação. Afastei da mente uma lembrança do rosto de *onkel* Heinz.

— Câmara frigorífica — respondeu Fritz. — De Gebhardt.

Ele me levou até uma sala nos fundos, pintada de um tom tranquilizante de verde-claro, com dois banquinhos e uma mesa alta de laboratório como os únicos móveis. A luz brilhou no cilindro prateado de uma seringa, uma das três dispostas na mesa, certamente não esterilizadas. Um avental de borracha cinza pendurado em um gancho na parede balançou com a brisa quando entramos. Os vidros das janelas naquela parte do prédio eram pintados de branco, parecendo olhos turvos de catarata. A sensação era claustrofóbica, como se estivéssemos embaixo de neve.

— Por que essas janelas estão pintadas assim? — perguntei.

— Gebhardt tem mania de privacidade — disse Fritz.

— Sinceramente, Fritz, estou cansada da viagem de trem de hoje.

— Tome meio comprimido de petidina, se precisar — sugeriu ele, franzindo a testa. — Você prefere fazer a última atividade? O muro de execução.

— Muro de *execução*? — repeti. — Talvez isto seja melhor.

— *Muito* mais limpo. A primeira é a mais difícil, confie em mim. É como pular em um lago gelado.

Duas *aufseherinnen* trouxeram a primeira prisioneira da seleção de Fritz, uma mulher mais velha surpreendentemente animada vestindo apenas tamancos e um cobertor sobre os ombros. Ela tentou falar com Fritz em polonês através de um amontoado de dentes trepados.

Fritz sorriu.

— Sim, sim, entre. Estamos apenas preparando as vacinas.

Ele amarrou o avental de borracha.

— Mate-as com gentileza — disse Fritz. — Facilita as coisas para todo mundo.

A *aufseherin* levou a senhora até o banquinho. Por cima do ombro, vi Gerda encher uma seringa hipodérmica de vinte cc com Evipan rosa-amarelado suficiente para matar um boi.

— Pintamos a sala de verde-claro porque a cor tranquiliza os pacientes — disse Fritz.

A *aufseherin* retirou o cobertor, enrolou uma toalha ao redor do rosto da mulher e estendeu o braço dela como se a preparasse para uma injeção na veia.

— Injeções não eram o meu forte na faculdade de medicina — revelou.

Uma das *aufseherinnen* pressionou o joelho nas costas da senhora para empurrar o peito dela para a frente.

Fritz colocou a pesada seringa na palma da minha mão.

— Olhe, você está fazendo um favor a elas — disse ele. — Pense nelas como cachorros doentes que precisam ser sacrificados. Faça isso direito, e não vão sofrer.

A mulher deve ter visto a agulha, porque começou a lutar com as guardas e a agitar o braço livre. Aquilo era tudo o que eu precisava: Fritz dizendo a Koegel que eu não conseguia dar conta de uma seringa.

Recuei, uma gota leitosa na ponta da agulha.

— Eu tento amanhã.

— Aqui — disse Fritz, passando os braços por trás de mim. — Vamos fazer juntos.

Ele cobriu a minha mão que segurava a seringa com a dele e colocou os dedos da minha outra mão na pele da mulher, acima da caixa torácica. As guardas usaram os braços dela como uma camisa de força, e Fritz deslizou meus dedos pelo torso, até o quinto espaço entre as costelas.

— Feche os olhos — ordenou Fritz. — Está sentindo? Logo abaixo do seio esquerdo.

Pressionei os dedos com força na pele quente e fina.

— Sim — respondi.

— Ótimo. Quase pronta.

Fritz colocou o polegar dele sobre o meu no êmbolo, guiou minha mão até o ponto, então me ajudou a enfiar a agulha, que estalou perfurando o espaço entre as costelas.

— Fique comigo agora — disse Fritz, roçando os lábios na minha orelha. —

Respire.

Ele pressionou nossos polegares com firmeza no êmbolo suave, mandando o Evipan direto para o coração. A mulher se levantou, mas as guardas a mantiveram no lugar.

— Firme, agora — disse Fritz, a boca perto do meu ouvido. — Apenas quatorze segundos. Conte de trás para a frente.

— Quatorze, treze, doze...

Abri os olhos e vi a toalha cair do rosto da mulher, o lábio inferior repuxado para baixo em uma careta horrível.

— Onze, dez, nove...

A mulher lutava, e eu respirava fundo para combater uma onda de náusea.

— Oito, sete, seis...

Ela se retesou como se estivesse tendo um ataque cardíaco, e então caiu, flácida e sem sentidos.

Fritz me soltou.

— Ela foi rápida — disse ele. — Você está encharcada.

Uma das *aufseherinnen* arrastou a senhora para a lateral da sala. Gerda saiu para buscar a prisioneira seguinte.

— Gerda é namorada de Rosenthal — disse Fritz, enquanto fazia anotações em uma prancheta. — Ele fez um aborto nela. Mantém o feto em um pote no refrigerador de Gebhardt. Ela escolhe *häftlings* de estimação para tratar com banho quente, com flores. Penteia seus cabelos e lhes conta histórias bonitas antes de trazê-las aqui.

Fui até a porta para tomar ar.

— Como você consegue, Fritz? É tão...

— Não é um trabalho glamouroso, mas, se você for embora, haverá um substituto aqui amanhã. Temos uma cota todos os meses. Ordens de Berlim. Não tem como evitar.

— É claro que tem como evitar. Podemos nos recusar a fazer isso.

Fritz encheu a seringa novamente.

— Boa sorte com Koegel.

— Bem, eu não posso fazer isso.

Como eu pude parar em um lugar assim?

Hellinger entrou na sala com seu rolo de ferramentas de couro. Tentei não escutar enquanto ele retirava os metais dentários da mulher. Carimbou o rosto dela com uma estrela, para marcá-la como concluída.

— Você vai ficar bem, Herta — disse Fritz. — Assim que se acostumar.

— Não vou ficar nada bem. Não estudei medicina para fazer isso...

— Foi o que eu disse também — disse Hellinger, dando uma risada.

Depois enfiou o saco de algodão de ouro no bolso do casaco.

— Eu também — respondeu Fritz. — E, então, antes que eu me desse conta, três meses se passaram. Depois disso, você está aqui de vez. Então, decida-se logo.

Não havia dúvida. Eu iria embora ao amanhecer.

Caroline

1939-1940

PROCUREI MINHAS ROUPAS na escuridão do quarto. Encontrei a combinação e vesti, depois tateei o paletó de veludo de Paul e coloquei-o por cima, o cetim do forro frio nos meus braços nus. Quem estava batendo sem parar na porta do apartamento?

— Fique aqui, Paul. Vou ver quem é.

Ele se recostou no travesseiro de cetim cor-de-rosa, seu sorriso de gato de Cheshire muito branco na penumbra, os dedos entrelaçados atrás da cabeça. O que havia de divertido na situação? E se fosse minha mãe? O que eu diria a ela? O homem mais belo do mundo está na minha cama, seminu? Mas mamãe tinha uma cópia da chave. Será que havia esquecido?

Atravessei o corredor devagar. Quem faria uma confusão daquelas? Passei pela sala de estar escura. Na lareira, brasas cor de laranja ainda cintilavam.

— Caroline. — Veio uma voz do outro lado da porta. — Preciso falar com você.

David Stockwell.

Eu me aproximei mais e toquei a porta decorada. David bateu e o som vibrou sob os meus dedos.

— O que está fazendo aqui, David? — perguntei, ainda sem abrir a porta.

— Abra — disse ele. — É importante.

Mesmo através da madeira de carvalho de dez centímetros de espessura, percebi que ele andara bebendo.

— Não estou vestida...

— Preciso conversar com você, Caroline. Só vai levar um minuto.

— Volte amanhã, David.

— É sobre a sua mãe. Preciso falar com você. É muito urgente.

Eu já passara por situações “muito urgentes” com David, mas não podia arriscar.

Acendi a luz do hall de entrada, abri a porta e encontrei David, em um traje a rigor amassado, apoiado no batente. Ele me afastou para passar e entrou no vestíbulo com passos vacilantes. Apertei o paletó de Paul com mais força ao meu redor para

esconder a roupa de baixo.

— Já não era sem tempo — reclamou. — Meu Deus, Caroline, o que você está usando?

— Como você passou pelo porteiro?

David me pegou pelos ombros.

— Por favor, não fique brava comigo, Caroline. Você tem um cheiro tão gostoso... Tentei afastá-lo.

— Pare, David. Qual é o problema com a minha mãe?

Ele me puxou mais para perto e beijou meu pescoço.

— Sinto sua falta, C. Cometi um terrível...

— Você está fedendo, David.

Tentei afastá-lo, mas antes disso Paul apareceu atrás de mim, usando apenas cueca e uma camisa que vestira apressadamente. Mesmo com a luz nada favorável, ele estava encantador: a camisa aberta, com uma mancha do meu batom no colarinho.

— Precisa de ajuda, Caroline? — perguntou Paul.

David, bêbado, ergueu a cabeça ao ouvir a voz de outro homem.

— Quem é *esse*? — perguntou, como se estivesse diante de uma aparição.

— Paul Rodierre. Você o conheceu hoje no parque.

— Ah. — David se empertigou. — O que sua mãe acharia se...

Eu o segurei pelo braço.

— Você precisa ir embora, David.

Ele segurou minha mão.

— Venha comigo, C. Até minha mãe sente falta de você.

Aquilo era pouco provável. Mesmo me conhecendo havia anos, a Sra. Stockwell ainda se referia a mim como “aquela atriz”.

— Não me chame de C, David. E você é casado. Lembra? “O casamento da década”, como os jornais chamaram?

Ele olhou para Paul como se houvesse esquecido que havia outro homem ali.

— Meu Deus, homem, vá se vestir. — David se inclinou na minha direção, os olhos azuis injetados. — Caroline, não é possível que você acredite que ele é bom para você...

— Você não tem o direito de dar palpites na minha vida, David. Perdeu esse direito quando se ajoelhou na frente de todo mundo, no Badminton Club. Tinha mesmo que pedi-la em casamento no clube de papai? Foi ele quem convidou seu pai para lá.

Paul voltou para o quarto. Com alguma sorte, voltaria também para a cama.

— O clube é um lugar importante para nós. Sally e eu vencemos torneios em duplas mistas lá.

A notícia da vitória triunfante de Sally e David no badminton ocupara grande

espaço no *The Sun* e fora alardeada por pessoas como Jinx Whitney, minha nêmesis da escola Chapin. Nunca gostei muito do Badminton Club, mesmo quando papai estava vivo. Nenhum clube que tem uma peteca como brasão deveria ser levado a sério.

Paul voltou para o vestíbulo, dessa vez com a camisa abotoada até em cima e calça.

— Será que vocês dois poderiam terminar essa conversa em outro momento? — sugeriu ele, vestindo o sobretudo.

— Está indo embora? — perguntei, tentando não parecer desesperada.

— David precisa que lhe mostrem a saída, e tenho que acordar cedo para ensaiar amanhã. — Ele se inclinou e me beijou em uma bochecha. Senti seu perfume quando ele beijou o outro lado e murmurou no meu ouvido: — Berinjela é a sua cor.

Paul empurrou nosso convidado indesejado até a porta e escada abaixo, enquanto David protestava, usando todo o seu repertório de palavrões. Sem dúvida, foi doloroso ver Paul ir embora. Ele deixara minha virtude intacta, mas será que fora a minha última chance? Ao menos não era minha mãe à porta.

* * *

SOBREVIVI ÀS FESTAS de fim de ano, passando mais tempo com Paul do que provavelmente era saudável para mim. Ouvimos muito jazz no Harlem, sentados lado a lado à luz de velas. Ele agora dividia o quarto no Waldorf com um membro do elenco de apoio de *As ruas de Paris*, e mamãe estava de volta a Nova York, por isso era quase impossível termos algum tempo a sós. Assisti à peça dele sete vezes, observando a companhia de cem pessoas acertar o ritmo. Além de interpretar o protagonista da peça, Paul cantava e dançava, demonstrando grande versatilidade. O que ele não conseguiria fazer? O pôster do espetáculo alardeava que o elenco incluía 50 BELDADES PARISIENSES. Com toda aquela companhia feminina à disposição, era um mistério o motivo pelo qual Paul escolhia passar o tempo livre comigo.

* * *

NAQUELA PRIMAVERA DE 1940, a tensão no consulado aumentou até se tornar quase insuportável, e eu praticamente passei a morar no escritório. Quando Hitler invadiu a Dinamarca e a Noruega, em 9 de abril, provocando uma nova onda de pânico no consulado, o mundo se preparou para o pior.

Em um dia frio no fim de abril, Paul me pediu para encontrá-lo no terraço panorâmico no alto do RCA Building depois do trabalho. Ele disse que queria me

pedir uma coisa. O que seria? Eu já me oferecera para ser avalista do visto de Rena, então não era isso. A curiosidade me perturbou durante o dia inteiro. Costumávamos nos encontrar naquele terraço para observar as estrelas pelo telescópio, mas eu tinha a sensação de que Paul queria conversar comigo sobre outro assunto que não a Ursa Menor. Ele comentara sobre a possibilidade de nós dois coestrelarmos algum novo trabalho. Talvez uma peça de um único ato? Algo off-Broadway? Eu consideraria a hipótese, é claro.

Subi até o terraço mais cedo do que de costume e esperei.

Um trio de enfermeiras se reuniu nas cadeiras Adirondack amarelas espalhadas pelo meio do local, e logo tiravam fotografias umas das outras diante de uma placa onde se lia UMA PROVA DE SUA VISITA. SEJA FOTOGRAFADO NO TERRAÇO PANORÂMICO DO RCA. Apenas uma grade de ferro na altura do cotovelo nos separava da beira do telhado; assim, toda Manhattan se estendia abaixo de nós, o rio a leste, o Central Park ao norte, como um tapete persa marrom cheio de gomos que alguém desenrolara no meio de Manhattan. Ao sul, erguia-se o Empire State Building, e a oeste as docas da 50th Street se projetavam no rio Hudson, que estava cheio de navios alinhados, esperando sua vez de zarpar. Abaixo de nós, e acima do telhado escuro da Macy's, destacava-se um cartaz onde se lia, pintado em branco, cintilando na luz cada vez mais fraca: MACY'S. É INTELIGENTE SER ECONÔMICO.

Paul chegou com um buquê de *muguet* na mão.

— Estou me adiantando, mas espero que não se importe.

Ele se referia, é claro, à tradição francesa de dar essa flor às pessoas amadas no dia primeiro de maio. Segurei os caules cor de esmeralda e senti o cheiro doce das flores.

— Espero que no próximo mês de maio estejamos juntos em Paris — disse ele.

Encaixei o pequeno buquê no decote do meu vestido, os caules frios no peito.

— Ora, Nova York é encantadora em maio...

Parei. Como eu não havia percebido? Ele estava vestido mais formalmente do que de costume, um lenço vermelho de seda no bolso do paletó azul-marinho. Será que estava indo embora?

— Você está muito chique — comentei. — Evitou as roupas de flanela branca. Algumas pessoas se vestem assim para viajar.

Era tarde demais para implorar que ele ficasse. Por que eu não pedira antes?

Paul apontou para o porto.

— Estou embarcando no Gripsholm. Parto às sete e meia.

As lágrimas encheram meus olhos.

— Um navio sueco?

— Vou pegar uma carona com a Cruz Vermelha Internacional, graças a Roger. Seguimos para Göteborg e de lá para a França. Eu teria lhe contado antes, mas fiquei sabendo há pouco.

— Você não pode ir agora. Com todos esses submarinos U-boats e X-craft por aí? Com certeza não é seguro. Vai ficar como um pato sentado na água esperando ser atingido. E quanto ao visto de Rena?

— Roger diz que ainda pode levar mais de um mês até que eu tenha alguma notícia.

— Talvez se Roger ligar para Washington...

— Não haverá milagres de última hora, C. As coisas estão cada vez piores.

— Mas eu preciso que você fique. Isso não importa?

— Estou tentando fazer o que é certo, Caroline. Não é fácil.

— Não é melhor esperar e ver como as coisas se desenrolam?

— Roger diz que vai continuar tentando. Vai ser mais fácil trabalhar nisso de lá e tenho que ir. Metade da família de Rena já deixou Paris.

Encostei o rosto no paletó dele.

— Você ainda a ama...

— Não se trata disso, Caroline. Eu ficaria com você se pudesse, mas como posso continuar sentado em minha suíte no Waldorf enquanto meu país vira um inferno? Você não faria isso.

Ele estava mesmo indo embora? Com certeza era tudo uma brincadeira. Logo começaria a rir e iríamos comer torta no Automat.

Conforme o sol se punha, a temperatura caía. Paul passou os braços ao meu redor e seu calor era tudo de que eu precisava para me manter aquecida. Mesmo estando no septuagésimo andar, conseguíamos discernir os navios ancorados na 50th Street. O Normandie ainda ali. O Île-de-France. Apenas o Gripsholm estava prestes a zarpar, a bandeira sueca já hasteada. O vento fazia a fumaça clara de suas chaminés avançar rio acima.

Olhei para o leste. O meio do Atlântico seria a parte mais perigosa da jornada, onde havia o maior vácuo em cobertura aérea. Mesmo no início da guerra, U-boats alemães já haviam afundado vários navios aliados no oceano a fim de impedir que suprimentos chegassem à Inglaterra. Imaginei os submarinos alemães esperando ali, no meio do mar, como barracudas.

Paul segurou minhas mãos.

— Mas o que eu quero lhe perguntar é: você vai a Paris depois que essa confusão terminar?

Eu me afastei.

— Ah, Paul, não sei.

Eu nos imaginei no Les Deux Magots, em Saint-Germain-des-Prés, sentados a uma mesa sob o toldo verde, observando a agitação de Paris. Um *café viennois* para ele, um *café crème* para mim. Quando o sol se pusesse, um conhaque Hennessy. Talvez champanhe e uma torta de framboesa enquanto planejavamos a carreira

teatral dele. Nosso espetáculo de um único ato.

— O que Rena diria?

Ele sorriu.

— Rena aplaudiria. Talvez se juntasse a nós com um de seus namorados.

O vento fustigou meu rosto e fez meu cabelo girar como um tornado ao nosso redor. Paul me beijou.

— Promete que vai? Meu maior arrependimento é deixá-la com sua moral absolutamente intacta. — Ele sorriu e envolveu a minha cintura. — Isso precisa ser corrigido.

— Sim, claro. Mas só se você me escrever. Cartas longas, repletas de notícias, me contando cada minuto dos seus dias.

— Sou o pior dos missivistas, mas farei o que puder. — Ele me beijou, os lábios quentes nos meus. Eu perderei completamente a noção de tempo e de espaço, suspensa ali, no topo do mundo, até Paul me soltar, me deixando zozua e instável. — Vai me ver partir?

— Ficarei aqui — falei.

Apenas vá. Não dificulte ainda mais.

Paul foi até a porta do terraço, virou-se e acenou antes de sair.

Não sei quanto tempo fiquei ali, debruçada no parapeito, vendo o sol se pôr. Imaginei Paul em um táxi, chegando ao grande navio. Ele ficaria irritado se as pessoas lhe pedissem autógrafos? Não, só se não pedissem. Será que os suecos o conheciam? Não haveria espetáculo de um ato para nós dois. Não tão cedo.

— Estamos fechando — avisou o guarda do terraço, da porta.

Ele se juntou a mim no parapeito.

— Para onde foi seu amigo, senhorita?

— De volta para casa, na França — respondi.

— *França*, é? Espero que ele chegue bem.

Nós dois ficamos observando o oceano Atlântico.

— Eu também — falei.

* * *

A MANHÃ DO dia 10 de maio foi como outra qualquer. Fiquei sabendo que nossa recepção já estava cheia às dez da manhã e me preparei para o ataque arrumando as gavetas da escrivaninha... Qualquer coisa para não pensar em Paul.

— Mais cartões-postais de seus amigos por correspondência — avisou Pia, deixando uma pilha de correspondência na minha escrivaninha. — E pare de roubar meus cigarros.

Era um lindo dia de maio, mas nem mesmo a brisa gentil que agitava os olmos do lado de fora da janela conseguiu me animar naquela manhã de segunda-feira. Os dias mais bonitos eram os mais difíceis sem Paul para me fazer companhia. Dei uma olhada rápida na correspondência, esperando por algo dele. É claro que as possibilidades de haver uma carta de Paul naquela pilha eram pequenas, já que a correspondência enviada por um passageiro transatlântico levava pelo menos uma semana para cada lado, mas mesmo assim vasculhei a pilha feito um cão de caça perseguindo uma raposa.

— Você leu minha correspondência? — perguntei.

— São *cartões-postais*, Caroline. Metade do mundo leu, caso se interessem por um orfanato francês.

Conferi o que recebera. Château de Chaumont. Château Masgelier. Villa La Chesnaie. Todas antigas mansões francesas transformadas em orfanatos. Eles mandavam cartões confirmando o recebimento dos pacotes de assistência que eu enviava. Eu esperava que um sabonete cheiroso, um par de meias limpas, um doce e uma ou duas peças das lindas roupas feitas à mão pela minha mãe, todas bem embrulhadas em papel pardo, fossem capazes de animar aquelas crianças.

Eu me levantei e prendi os cartões com alfinetes no meu quadro de avisos, que já estava cheio de fotos de crianças francesas. Uma delas era de um anjo de cabelo escuro segurando uma placa onde se lia: MERCI BEAUCOUP, CAROLINE! Outra foto mostrava as crianças posando ao ar livre, na aula de artes, uma delas diante de um cavalete, as demais sentadas em cadeiras dobráveis, agrupadas por idade sob uma tília, fingindo ler os livros que tinham nas mãos.

Presumi que a foto fora tirada por madame Bertillion, diretora do Saint-Philippe, em Meudon, um orfanato no sudoeste de Paris. Madame Bertillion parecia ser uma pessoa adorável, e eu me tornara próxima dela graças a nossa correspondência. Esperava ansiosa por suas cartas, cheias de histórias encantadoras sobre as crianças e sobre como gostavam dos meus pacotes. Havia uma nova correspondência dela naquela leva, e eu também prendi no meu quadro de avisos o desenho de Saint-Philippe feito com lápis de cor que ela mandara junto — no desenho, a imponente fachada de pedra fora colorida de um amarelo forte, e a fumaça saía da chaminé como a cobertura de um bolinho Hostess.

Como seria se eu adotasse uma daquelas crianças? Um menino? Uma menina? Nossa casa em Connecticut, que chamávamos de The Hay, era o paraíso para crianças. Mamãe mantivera a minha casa de brinquedo, ainda na campina, toda mobiliada, até com uma lareira. Se eu adotasse uma criança, teria alguém a quem passar tudo aquilo. A adorável xícara da mamãe Woolsey. Nossa encantadora mesa de pés de pato. A prataria da minha mãe. Mas logo desisti da ideia, pois jamais criaria sozinha uma criança. Eu conhecia muito bem as dificuldades de crescer sem pai, aquele vazio

doloroso que minha mãe se esforçara tanto para preencher. Fingir estar doente em toda comemoração do Dia dos Pais na escola. Cair no choro ao ver pais e filhas de mãos dadas na rua. O arrependimento que me consumia por não ter me despedido.

No fundo da pilha, encontrei uma carta, escrita no papel quase transparente do aerograma com uma caligrafia linda. O selo era de ROUEN. Paul.

Como, conhecendo Paul tão bem, eu nunca vira sua letra? Combinava com ele.

Querida Caroline,

Decidi escrever logo porque, como você diz, esperar não é seu forte. Há muita coisa acontecendo aqui. Rouen está surpreendentemente sã a respeito dessa guerra de mentira, mas muitos já partiram, incluindo nossos vizinhos, que atravessaram nossa rua empurrando a avó em um carrinho de bebê na noite passada. O restante de nós permanece aqui torcendo pelo melhor. Estou negociando para atuar em uma nova peça em Paris. Tudo está bem quando termina bem, pode acreditar? Shakespeare. Gosto de pensar que é sua boa influência sobre mim.

Rena deve ter que fechar a loja dela. Há pouco tecido e aviamentos à disposição, mas ela vai ficar bem. Meu sogro começou a fumar folhas de girassol, pois não se encontra mais tabaco.

Espero que esta seja uma carta cheia de notícias, já que agora tenho que ir bater ponto na embaixada. Por favor, interceda pelos nossos vistos com Roger. Penso em você com frequência, aí no trabalho. Tome cuidado para não deixar que Roger abuse de sua boa vontade. Lembre-se, ele precisa de você.

Com muito amor e até a próxima,

Paul

P.S.: Na noite passada, sonhei que lhe assistia no palco, aqui em Paris, em uma versão excitante de Sonho de uma noite de verão, e você fazia o papel de um anjo. Será que isso quer dizer alguma coisa sobre a sua carreira de atriz? Sobre como sinto sua falta? Meus sonhos sempre se tornam realidade.

Paul chegara em casa, em Rouen, passara pelos U-boats. Ao menos estava em segurança.

Para um homem sociável como ele, a carta fora bem sucinta, mas era melhor do que nada. Uma nova peça? Talvez as coisas estivessem se resolvendo na França. Talvez os produtores franceses soubessem mais a respeito da situação do que nós, que estávamos a meio mundo de distância. E o sonho! Ele realmente sentia a minha falta.

Encontrei uma cópia do *Le Petit Parisien* de 23 de abril, um dos muitos jornais franceses que Roger mandava entregar, alguns já antigos, mas preciosos mesmo

assim. Na manchete da capa lia-se: O REICH NA ESCANDINÁVIA! TROPAS BRITÂNICAS BATALHAM EM TERRA E MAR. SUCESSO CONSIDERÁVEL NA GUERRA NA NORUEGA, APESAR DAS GRANDES DIFICULDADES. Meu humor melhorou ao ler essas boas notícias. Talvez os Estados Unidos continuassem evitando a guerra, mas os britânicos estavam se organizando depressa, apesar do terrível bombardeio do Exército alemão. Talvez a França acabasse escapando de Hitler, afinal.

Examinei a página de teatro. Alguma informação sobre a nova aventura de Paul? Não encontrei nada sobre Shakespeare, mas vi um pequeno anúncio da loja de Rena, um quadrado preto simples, emoldurado por um fio de pérolas: *Les Jolies Choses. Lingerie et sous-vêtements pour la femme de discernement*. Lingerie e roupas de baixo para a mulher perspicaz?

Roger apareceu na minha porta, a gravata torta, uma mancha de café parecendo uma imagem do teste de Rorschach na camisa.

— Más notícias, C. Hitler acaba de atacar França, Luxemburgo, Holanda e Bélgica de uma vez. A notícia está chegando aos jornais agora. Sinto que as coisas estão prestes a ficar complicadas.

Saí correndo atrás de Roger e fiquei vendo-o andar de um lado para outro em seu escritório.

— Meu Deus, Roger. Você ligou para Paris?

O ventilador oscilante na janela refrescava um dos lados da sala e depois o outro. A fita vermelha que alguém amarrara no aparelho balançava feito uma pequena bandeira nazista.

— Os telefones não estão funcionando — disse ele. — Tudo o que podemos fazer é esperar.

Eu nunca vira Roger com medo.

— E quanto à Linha Maginot?

— Parece que Hitler passou ao redor dela, por cima dela, por baixo dela. Ele atravessou a Bélgica.

— O que Roosevelt vai fazer?

— Provavelmente nada. Não há escolha a não ser reconhecer o governo que representa a França, seja qual for.

Pia chegou à porta do escritório de Roger, tendo ao redor do pescoço os fones de ouvido que usava para receber mensagens criptografadas.

— Tentei ligar para o meu pai em Paris e não consegui completar a ligação. Tenho que ir para casa.

— Você não pode ir a lugar nenhum agora, Pia — respondeu Roger.

— Não posso ficar aqui!

— Não diga absurdos, Pia — falei. — Você não pode ir.

Pia ficou de pé, os braços frouxos ao lado do corpo, soluçando alto. Passei os braços

ao redor dela.

— Vai ficar tudo bem, querida.

Para minha imensa surpresa, ela retribuiu meu abraço.

* * *

EM 14 DE junho de 1940, os alemães ocuparam Paris, e oito dias depois a França se rendeu.

Pia e eu estávamos de pé no escritório de Roger e ouvimos no rádio as notícias de nazistas marchando pelo Arco do Triunfo. A França foi dividida em duas zonas: a zona norte, ocupada pelos soldados das forças militares da Alemanha nazista, conhecida como *zone occupée*, e a chamada zona livre, no sul. O marechal Philippe Pétain estava à frente da nova República Francesa, chamada França de Vichy, na zona livre ao sul, que a maioria considerava um Estado marionete dos nazistas.

— O que vai acontecer com nosso escritório aqui? — perguntou Pia.

— Não sei — disse Roger. — Vamos permanecer firmes por enquanto. Fazer o melhor que pudermos pelo nosso povo aqui. Não consigo completar nenhum telefonema.

— Os britânicos podem ajudar?

— Já ajudaram — respondeu ele. — Acabaram de compartilhar relatos de atividade de bombardeiros de mergulho alemães no Canal da Mancha.

Tínhamos sorte por Roger ser próximo do que Pia chamava de “amigos espões britânicos dele”, nossos vizinhos nos prédios britânico e internacional do Rockefeller Center, que eram especialmente generosos com suas informações sigilosas.

A linha pessoal de Roger tocou e Pia atendeu.

— Escritório de Roger Fortier. Ah, sim. Sim, ela está. Aguarde na linha.

Pia me estendeu o telefone.

— É Paul.

— Como ele conseguiu completar a ligação? — perguntou Roger.

Peguei o telefone.

— Paul? — Eu mal conseguia respirar.

— Só tenho um minuto — disse ele.

Paul.

A voz dele estava tão clara, como se viesse da sala ao lado. Tapei o outro ouvido com um dedo. Era mesmo ele?

— *Caroline*. É tão bom ouvir sua voz.

— Meu Deus, Paul. Acabamos de saber. Como conseguiu completar a ligação?

— Meu amigo aqui na embaixada me deixou telefonar. Você nem imagina como

as coisas estão loucas por aqui. É só uma questão de tempo até Hitler chegar.

— Posso pedir a Roger para apressar os vistos.

— Não sei, Caroline. O lugar está praticamente fechado.

— Do que mais você precisa?

— Preciso me apressar. Só queria que você... — Ouvi uma série de cliques na linha. — Caroline? Você está aí?

— Paul... estou aqui.

— Caroline?

— Não me deixe, Paul.

A linha ficou muda.

Por um momento fiquei ouvindo a vibração do som de discar, e coloquei o fone de volta no gancho. Permanecemos parados, esperando que o telefone tocasse de novo. Roger e Pia apenas me olhavam, as mãos ao lado do corpo. Eu já vira olhares como aqueles. Pena. Igual a quando meu pai morrera.

— Vou transferir a ligação se ele conseguir uma linha livre novamente — disse Pia.

Voltei para o meu escritório, com um terrível pressentimento de que aquela seria a última vez em que eu falara com Paul.

CAPÍTULO 11

Kasia

1940-1941

ANTES MESMO QUE eu pudesse responder a Zuzanna, a porta da bilheteria foi arrancada com um estrondo, desprendendo-se das dobradiças, e três soldados da SS pularam para dentro da cabine. Um deles puxou Pietrik do chão, e os outros me arrastaram pelos braços para fora do quiosque, as moedas da caixa registradora voando para todo lado.

— Só estávamos de visita — disse Pietrik. — Essa é a minha namorada. Houve um mal-entendido.

Namorada? Os guardas não disseram nada, apenas continuaram nos arrastando. Eu esquadrinhei a multidão à procura de *matka*. Onde estava ela?

— Por favor, eu tenho dinheiro — disse Pietrik.

O guarda da SS bateu no rosto dele com o cassetete. Pietrik! Seu lindo rosto!

Os homens da SS nos puxaram passando pela multidão, e as pessoas da fila olhavam e cochichavam umas com as outras. Eu me virei e vi logo atrás o homem da SS que tinha me seguido, segurando Zuzanna e Luiza, cada uma por um braço.

Matka rompeu a fila da bilheteria e correu atrás de nós. O olhar dela me amedrontou mais do que qualquer outra coisa. Eu só tinha visto aquele olhar uma vez, nos olhos selvagens de um cavalo morrendo na rua, atropelado por uma carruagem. Ela segurava perto do peito a cestinha com meu sanduíche.

— Vá para casa, *matka* — gritei.

— Não. Por favor, vocês pegaram as pessoas erradas — disse ela aos guardas.

— *Kriminelle* — disse uma mulher da fila.

— Eles não fizeram *nada*. — *Matka* apelou para a multidão, seus olhos de cavalo selvagem arregalados. — Esta é a minha filha. Sou enfermeira da clínica.

Ela continuou com os apelos, e depois veio correndo atrás de nós, suplicando aos homens para nos libertarem, até que um deles disse:

— Se ela quer tanto vir, deixe que acompanhe o grupo.

E agarrou o braço de *matka* também. Ele arrebatou a cesta que ela trazia e a jogou

para uma das mulheres alemãs na fila.

— Mas quem vai nos vender os ingressos? — perguntou uma Fräulein da fila aos oficiais.

— Quem precisa de ingressos? — disse ele. — Podem entrar. Hoje é grátis.

Os alemães hesitaram, confusos, e permaneceram no lugar enquanto os guardas nos arrastavam para a escuridão, as trompas da “Canção de Horst Wessel” cortando o ar da noite em altos brados.

* * *

ELES SEPARARAM OS homens das mulheres no Castelo de Lublin e no dia seguinte encheram um caminhão de gente para nos enviar à estação ferroviária. Muitas pessoas do nosso grupo empurravam cartas e subornos para os guardas. *Matka* entregou uma carta a um deles.

— Por favor, sou alemã. Pode entregar isso para o *Oberscharführer* Lennart Fleischer?

Ela passou um pouco de dinheiro ao homem, que o colocou junto com a carta no bolso, sem olhar para nenhum dos dois. Eles não tinham tempo para essas coisas e simplesmente nos empurravam para a frente. Fleischer era o sobrenome de Lennart, o Corajoso? Significa açougueiro. Combinava bem.

Eles nos empurraram — *matka*, Zuzanna, Luiza e eu, e pelo menos mais outras cem mulheres — para dentro do que era o vagão-restaurante de um trem, com todas as mesas removidas, e trancaram a porta. Barras de metal estavam afixadas nas janelas e havia um balde de latão em um canto, para as nossas necessidades sanitárias.

Reconheci algumas moças da minha velha tropa de Bandeirantes, incluindo uma perplexa Janina Grabowski. Será que a Gestapo tinha chegado até ela na rua Lipowa? Senti um aperto no coração quando vi que a Sra. Mikelsky também estava lá, com a filhinha no colo. Elas haviam sido presas quando a Gestapo flagrou o Sr. Mikelsky distribuindo jornais clandestinos. A menina tinha quase dois anos e se chamava apropriadamente Jagoda, pois de fato parecia uma moranguinha loura.

Depois de algumas horas, paramos em Varsóvia, mas logo o trem começou a se movimentar, ganhando velocidade. Nenhuma de nós naquele vagão chorou. Estávamos principalmente mudas; a vergonha daquilo tudo era grande demais para suportar.

Consegui me aproximar da janela quando anoiteceu e observei a paisagem entre as barras de ferro, à medida que passávamos por campos iluminados pelo luar e pelas florestas escuras. Havia alguma coisa perturbadora sobre aquelas árvores, tão próximas umas das outras.

Enquanto a Sra. Mikelsky dormia, Luiza e eu nos ocupávamos de Jagoda, nos revezando em segurá-la no colo. Pequena para a idade, a neném usava apenas um pijama fino de algodão, por isso a mantínhamos bem junto do corpo. Porém, mesmo com essa tarefa para nos distrair, Luiza logo ficou nervosa.

— O que minha mãe vai fazer sem mim? — perguntou. — Eu sempre a ajudo com os bolos.

— Não se preocupe. Você logo vai voltar para casa. Tudo isso é temporário.

— E Pietrik? — indagou Luiza. — Ele está neste trem?

O vagão balançou para a direita, e os excrementos em nosso balde de toalete derramaram pela beirada, em duas mulheres sentadas no chão, que reagiram gritando e pulando.

— Como vou saber? — respondi. — Fale baixo. As pessoas estão dormindo.

— Será que vão nos deixar escrever cartas?

— É claro, Luiza. Provavelmente vamos trabalhar em algum lugar. Colhendo beterrabas ou coisa parecida.

— Será que vão nos prender? — perguntou Luiza.

— Não sei, Lu. Vamos ver. Não vai ser tão ruim.

A Sra. Mikelsky se aproximou para pegar a filha; o trem balançava feito um berço medonho, embalando a maioria de minhas companheiras de viagem em um sono irregular. Luiza se recostou em mim perto da janela, enquanto *matka* dormia com Zuzanna em um canto no chão. As duas compunham um quadro lindo deitadas ali, minha irmã apoiando a cabeça no ombro de *matka* como um bebê, as pernas compridas dobradas embaixo dela.

Luiza trocou de lugar com Zuzanna e finalmente adormeceu, o trem ganhou velocidade em direção à Alemanha, e enquanto isso meus demônios me visitavam. Como pude causar a prisão de todos? Uma coisa era eu mesma sofrer devido à minha estupidez, e outra bem diferente era envolver todo mundo que eu amava. Por que eu fui para o cinema? Por não ter pensado direito, arruinei o destino de todos nós. Será que haveria um julgamento? Certamente soltariam as outras quando percebessem que elas não tinham feito nada. Só eu seria detida.

Será que Pietrik já tinha sido fuzilado? Eles faziam isso no pátio do castelo, todos sabíamos. Tremi de cima a baixo. Onde estava *papa*? Precisávamos sair daquele trem imediatamente se quiséssemos manter algum fio de esperança. Estiquei o braço até a janela e abri o caixilho. Embora fosse noite, a silhueta das píceas passava depressa. Estava esfriando à medida que seguíamos para oeste.

— Está na hora de você descansar — disse Zuzanna.

— Temos que sair daqui.

— Mantenha o controle, Kasia.

— Não posso ficar aqui — falei, a ansiedade aumentando. — Por que não consigo

respirar?

Alguma coisa comprimia meu pescoço, apertando-o.

— Pare com isso — disse Zuzanna. — Vai assustar Luiza. Ela já está péssima.

Curvei-me para a frente na altura da cintura.

— Estou morrendo.

Zuzanna virou meu punho e fixou os dedos em um ponto.

— Seu pulso está acelerado. Você está tendo um ataque de pânico. Respire. Inspire fundo e solte o ar.

Enchi os pulmões o máximo que consegui.

— Olhe para mim, Kasia. Respire de novo. Não pare. Pode levar dez minutos para passar.

Ter uma irmã que sabia tudo de medicina era útil. O ataque durou exatamente o tempo que ela previu.

Horas depois, atravessamos Poznan e fizemos um desvio para noroeste. A manhã iluminou as folhas das árvores, mais vermelhas e alaranjadas à medida que nos distanciávamos. Cochilei, a bochecha encostada nas frias barras de ferro, e acordei quando o trem reduziu a velocidade.

Luiza e outras mulheres vieram para perto de mim, junto à janela.

— O que está acontecendo? — perguntou ela.

O apito soou, alto e agudo, à medida que o trem entrava em uma estação.

Matka passou pelas outras mulheres e se aproximou de mim.

— O que você está vendo?

Segurei a mão dela.

— A placa diz Fürstenberg-Mecklenburg.

Havia mulheres na plataforma, loiras altas usando capa preta com capuz por cima do uniforme cinzento. Uma delas jogou um cigarro no chão e o esmagou com a bota. Algumas seguravam pastores-alemães pretos. Os cães pareciam antecipar nossa chegada, observando o movimento dos vagões do trem da mesma maneira que um cachorro de estimação espera pelo dono. Será que já tinham feito isso?

— Alemanha — disse uma mulher atrás de mim, esticando o pescoço para ver.

Luiza gritou. O apito do trem soou uma segunda vez, e minha respiração voltou a ficar ofegante.

Matka apertou mais a minha mão.

— Deve ser um campo de trabalho forçado.

— Estou vendo o campanário de uma igreja — respondi.

Era reconfortante pensar nos alemães dessa cidadezinha reunidos na igreja aos domingos com seus livros de hinos religiosos.

— Pessoas tementes a Deus — comentou alguém.

— Fürstenberg? — disse a Sra. Mikelsky. — Eu conheço. É uma cidade de

veraneio!

— Contanto que trabalhemos arduamente, vamos ficar bem — disse *matka*.

Aguarrei-me às barras de ferro da janela para me firmar quando o trem parou com uma sacudida.

— Pelo menos eles conhecem os mandamentos — falei.

Nenhuma de nós sabia como estávamos erradas naquela manhã quando saímos do trem e mergulhamos no inferno.

Caroline

1941

CONFORME A PRIMAVERA se aproximava, a situação na França se tornava mais desesperadora. Toda manhã, às dez horas, a recepção do consulado já estava lotada e minha agenda, cheia. Os nazistas marchando por toda Paris haviam levado os cidadãos franceses encalhados em Nova York às profundezas do desespero e, com frequência, a situações financeiras calamitosas, algo que pouco podíamos fazer para aliviar.

Sob ordens rígidas de Roger para não oferecer meus próprios fundos, eu podia fornecer a essas pessoas barras de chocolate e um ombro para chorar, não muito mais do que isso.

Certa manhã coloquei uma das caixas de sapato de Betty na minha escrivaninha e comecei a arrumar um pacote para os órfãos. Não recebera nenhuma outra notícia de Paul. Eu tentava me manter ocupada para não dar espaço a pensamentos sombrios e fazia qualquer coisa para afrouxar o aperto no meu peito.

— Você está com a agenda cheia — disse Pia, enquanto deixava uma pilha de pastas na minha mesa. — Para começar, suas amigas da alta sociedade que não aceitam não como resposta.

— Isso não me ajuda a saber quem é, Pia.

— Não sei. Pris-alguma coisa e a mãe.

Era Priscilla Huff, uma loura de pernas compridas que era um ano mais nova que eu na Chapin. Impecável em um conjuntinho azul Mainbocher, Priscilla estava simpática de um modo que não lhe era habitual. Electra Huff, uma versão apenas ligeiramente menos enfeitada da filha, seguiu-a e fechou a porta.

— Que escritorzinho chique você tem aqui, Caroline, querida — comentou a Sra. Huff.

— Eu gostaria de adotar uma criança francesa, Caroline — anunciou Priscilla, como se estivesse pedindo um Bife à Chateaubriand no Stork Club. — Aceito até gêmeos.

— Há uma lista de espera para as poucas crianças que estão aguardando adoção, Priscilla, mas Pia pode ajudar você com a documentação. Vai precisar apenas da assinatura do seu marido.

— Como está Roger Fortier? — perguntou a Sra. Huff. — Que homem encantador, o seu chefe.

— Bem, essa é a questão, Caroline — disse Priscilla. — Não sou casada.

— *Ainda* — acrescentou a Sra. Huff, enquanto examinava as molduras de prata no console. — Ela tem duas ofertas pendentes.

Guardei um par de meias cor de aveia limpas dentro da caixa de sapatos. Duas ofertas pendentes? O que ela era, um terreno de dois acres em Palm Beach cercado por sebes?

— É necessário um pai e uma mãe para adotar, Priscilla.

— O francês de mamãe é excelente. Sou *plus que* fluente também.

Priscilla certamente atendia à exigência da língua francesa. Ela sempre tirava notas melhores do que eu na escola, no concurso de redação em francês. O fato de que o cozinheiro delas preparava um elaborado *bûche de Noël* para a turma no Natal não atrapalhava, já que nossa professora de francês, Srta. Bengoyan, a única jurada, era conhecida por ser uma formiguinha no que dizia respeito a doces. Por que eu sentia tanta vontade de fumar um cigarro?

— Compreendo, Priscilla, mas não sou eu que faço as regras. Essas crianças vêm de circunstâncias trágicas, como você pode imaginar. Mesmo um casal pode ter dificuldade de lidar com elas.

— Então, você manda pacotes de assistência a órfãos, mas recusa um lar excelente para elas? Posso oferecer do bom e do melhor a uma criança.

Talvez. Até o próximo objetivo brilhante e atraente surgir.

— Lamento, Priscilla, mas tenho vários compromissos esta manhã.

Fui até meu gaveteiro.

— Estão dizendo por aí que *você* está adotando — falou Priscilla.

— Dizem muitas coisas hoje em dia — retruquei.

— Parece que algumas pessoas conseguem burlar as regras — comentou a Sra. Huff, ajustando uma luva.

— Perdi meu pai quando eu tinha onze anos, Sra. Huff. Crescer sem ele foi terrível. Eu não faria isso a uma criança.

— Mais terrível do que não ter pai nem mãe? — perguntou Priscilla.

Fechei o arquivo.

— Acho que isso é discutível. Simplesmente não há tantas crianças francesas para adotar.

Priscilla fechou a cara e tive que conter a vontade de estrangulá-la.

— Achei que havia navios de órfãos chegando diariamente — disse ela.

— Não, na verdade chegam muito poucos. Depois do *City of Benares*...

— City o quê? — perguntou Priscilla.

A Sra. Huff pegou a bolsa.

— Ora, se é de dinheiro que precisa. Ouvi dizer que você e sua mãe tiveram que sair do Meadow Club...

Voltei a me sentar diante da escrivaninha.

— Vendemos nossa casa em Southampton, Sra. Huff, e agora passamos o verão em Connecticut, por isso não temos necessidade do clube e, não, não se pode simplesmente comprar uma *criança*, Priscilla. Se você lesse os jornais de vez em quando, saberia que o *City of Benares* foi um navio de passageiros britânico, que carregava uma centena de crianças inglesas mandadas para o Canadá pelos pais para escapar dos bombardeios em Londres. No caminho de Liverpool para Halifax, na Nova Escócia...

A Sra. Huff apoiou as mãos na minha escrivaninha e se inclinou para a frente.

— Estamos interessadas em crianças *francesas*, Caroline.

— Era o quarto dia de viagem, as crianças, entre quatro e quinze anos, estavam de pijama, prontas para ir para a cama... — Parei, sentindo as lágrimas se aproximando.

Priscilla cruzou os braços.

— O que isso tem a ver com adotar uma criança francesa...

— Um submarino alemão afundou o navio, Priscilla. Setenta e sete das cem crianças a bordo se afogaram. Como consequência, todos os programas de evacuação infantil foram interrompidos por enquanto. Portanto, sinto muito, mas vocês, senhoras, não vão comprar uma criança hoje. E agora devo pedir que saiam imediatamente. Estou muito ocupada, caso não tenham notado a recepção lotada.

Priscilla conferiu a costura das meias.

— Não precisa ficar irritada, Caroline. Só estamos tentando ajudar.

Pia bateu na porta na hora certa e acompanhou as mulheres até a saída, por pouco não esbarrando em Roger, que parou à minha porta.

— Vai ficar feliz em saber que consegui um certificado de segurança mais alto para você, Caroline.

Abri a gaveta e organizei as barras de chocolate Hershey's, torcendo para que Roger não notasse minhas mãos trêmulas.

— Para quê?

— Já sabemos há algum tempo que existem campos de transição por toda a zona livre. Os nazistas vêm reunindo estrangeiros nesses campos. Judeus, em sua maioria, mas não só. Agora há relatos de transporte para campos na Polônia e em outros lugares. Queria saber se você poderia assumir essa tarefa.

Eu me virei para encarar Roger.

— E seria exatamente o quê?

— Precisamos descobrir para onde eles estão indo. Quem. Quantos. Por que foram presos. Estou cansado de dizer às pessoas que não sei o que aconteceu com seus familiares.

— É claro que farei isso, Roger.

Eu teria acesso a informações sigilosas, um lugar privilegiado nos eventos na Europa. Não teria mais que esperar que o *New York Times* divulgasse as notícias. Talvez aparecesse alguma novidade sobre Paul.

— É difícil pedir isso a você sem poder lhe dar um contracheque em troca.

— Não se preocupe com isso, Roger. Mamãe e eu estamos bem.

A verdade era que papai nos deixara em uma situação confortável, mas ainda precisávamos ficar atentas ao orçamento. Tínhamos alguns rendimentos que pingavam e uns poucos bens que poderíamos vender. E sempre havia a prataria.

Quando fechamos para o almoço naquela tarde, desci correndo a escada até a Librairie de France, logo na saída dos Channel Gardens, peguei emprestados todos os atlas que eles tinham, voltei para o meu escritório e me joguei em um mundo novo de informações sigilosas. Fotos de reconhecimento dos britânicos. Documentos confidenciais. Pia colocou pastas sobre o assunto na minha escrivaninha e eu me concentrei na pesquisa sobre os campos. Campos de transição na zona livre. Gurs. Le Vernet. Argelès-sur-Mer. Agde. Des Milles. As fotos de reconhecimento eram perturbadoras, detalhadas e voyeurísticas, como espiar o quintal de alguém.

Organizei os campos por pastas e logo descobri toda uma nova classificação, além dos campos de transição.

Campos de concentração.

Prendi um mapa na parede do meu escritório e espetava alfinetes nele conforme éramos notificados de novos campos. Roger me abastecia com as listas e eu continuava atenta. Logo Áustria, Polônia e França estavam cheias de alfinetes vermelhos, como se estivessem sofrendo de escarlatina.

Os meses se passaram sem outra carta de Paul. Com os nazistas dominando a França com punho firme, era difícil não imaginar o pior. Roger transmitia as notícias que recebia do exterior. A princípio, os franceses haviam adotado uma atitude de esperar para ver o que os alemães iam fazer. Enquanto oficiais nazistas requisitavam as melhores mesas nos restaurantes, parisienses faziam o melhor que podiam para ignorá-los como possível. Afinal, Paris já fora ocupada. Eles pareciam estar esperando simplesmente que tudo passasse.

Como nunca foram muito bons em seguir a deixa, os nazistas começaram a requisitar os melhores vinhos e embutidos e anunciaram seu plano de realocar para Hamburgo toda a indústria da moda de Paris. Depois de tudo isso, e assim que os nazistas passaram a prender cidadãos franceses sem aviso, recebemos relatos informando que pequenos grupos de resistência haviam começado a se cristalizar em

um canto e outro de Paris e a distribuir panfletos antigermânicos, preparando terreno para uma eficiente rede de inteligência. Menos de uma semana depois de receber essas informações, houve forte aumento nos relatos de atividade de resistência por toda a França.

* * *

EU TINHA MEU trabalho com os órfãos para me manter ocupada, e mamãe era uma parceira incansável da causa. Certa noite, tirei tudo dos guarda-roupas do apartamento em busca de trajes que pudéssemos reformar e transformar em roupas para órfãos, enquanto mamãe costurava as poucas peças decentes de tecido que tínhamos.

O quarto de hóspedes era uma combinação curiosa da minha mãe com o meu pai, já que mantinha um ar masculino de quando era o estúdio dele, com o papel de parede listrado e a escrivaninha dupla em ébano. No entanto, depois o cômodo se tornara o quarto de costura de mamãe e guardava vestígios de seus projetos: moldes de vestidos em papel de seda espalhados por toda parte; manequins para modelagem Wolf nos mais diversos tamanhos, que infelizmente foram alargando a cintura ao longo dos anos.

Fiz uma busca minuciosa nas bolsas de doações de mamãe e nas nossas roupas de lã do inverno, à procura de pedaços macios de tecido. Eu nunca tivera aptidão para costura, e não via problema nisso, afinal era uma péssima atividade para a postura, mas mamãe era uma costureira brilhante. Ela se sentava diante da máquina de costura, a cabeça baixa junto à velha Singer preta, o cabelo branco sob a luz da luminária. Depois da morte de papai, o cabelo castanho dela havia se tornado da cor do Sal de Epsom quase da noite para o dia. Ela o cortara curto, começara a usar trajes de equitação na maior parte do tempo e guardara o ruge. Mamãe sempre adorara seus cavalos e sentia-se mais confortável com a escova que usava para limpá-los do que com uma escova de prata para o cabelo, mas era triste ver uma mulher tão linda desistir de si mesma.

Escutávamos as notícias da guerra no rádio enquanto trabalhávamos.

19 de abril de 1941. Enquanto Belfast, na Irlanda do Norte, era bombardeada em um forte ataque da Luftwaffe, Londres sofreu um dos ataques aéreos mais pesados da guerra até o momento. Depois de as tropas alemãs avançarem para a Grécia, o primeiro-ministro grego, Alexandros Koryzis, tirou a própria vida, e os britânicos evacuaram o país.

— Ah, desligue isso, Caroline. As notícias trazem pouca esperança.

— Ao menos nos metemos na guerra.

Embora ainda fosse oficialmente uma nação neutra, os Estados Unidos finalmente haviam começado a mandar patrulhas marítimas para o Atlântico Norte.

— Pensar que Hitler está passando pelas ruínas do Partenon... — comentou mamãe. — Onde isso vai parar?

Enfiei um passador de linha no baldinho de praia que mamãe usava para guardar carretéis e tesouras e senti a areia arranhar o metal. Ainda havia areia no fundo, da praia no chalé na Gin Lane que a família de mamãe tinha em Southampton. Que praia deliciosa. Eu conseguia imaginar papai e mamãe ali: ela com a roupa de banho preta, ele de terno e gravata, o jornal voando ao vento, o ar salgado fazendo meus pulmões formigarem. À noite, na penumbra da ampla sala de estar, eu fingia ler, uma parte do rosto encostada no tecido frio do sofá, e observando os dois jogarem *gin rummy*, rindo e se deleitando um com o outro.

— Vamos para Southampton, mamãe. Uma mudança de ritmo nos fará bem.

Àquela altura, havíamos vendido o chalé na Gin Lane, mas Betty ainda tinha uma casa lá.

— Ah, não. Nessa época o lugar está cheio de nova-iorquinos.

— Você é nova-iorquina, mamãe.

— Não vamos discutir, querida.

Ela evitava a praia. Também lhe trazia lembranças de papai.

— De qualquer modo, imagino que não podemos mesmo sair da cidade agora. Os órfãos precisarão desesperadamente de roupas quentes quando esfriar.

— Você ainda consegue mandar as caixas de assistência pelo correio?

— Os alemães encorajam as pessoas a mandarem ajuda para os órfãos e até para quem está nos campos de transição. Diminui os custos para eles.

— Que gentileza dos boches.

Mamãe usava a palavra francesa *boche*, que queria dizer “cabeça quadrada”, quando se referia aos alemães, como um pequeno ato de desafio.

Eu me virei para a cama e enchi os braços com os paletós de lã do meu pai, recolhendo-os.

Minha mãe puxou a manga de um deles em sua direção.

— Podemos encurtar este...

— Não vamos cortar as coisas do papai, mamãe. Além do mais, precisamos de roupas que as crianças possam usar junto à pele.

Tirei os paletós de perto dela.

— Já faz mais de vinte anos que ele morreu, Caroline. Pelo de camelo é um manjar para traças.

— Na verdade, ando cortando os paletós do papai para mim.

Os paletós me serviam bem, com alguns ajustes. Eram feitos com a melhor caxemira de dois fios, lã de vicunha, ou espinha de peixe, e cada botão de couro era uma obra de arte. Os bolsos eram forrados com um cetim tão grosso que quando se enfiava a mão neles era como se estivesse mergulhando-a na água. Às vezes, quando eu estava parada em alguma esquina, esperando para atravessar a rua, acabava encontrando farelos de tabaco de charuto em alguma dobra, ou uma antiga bala de menta em um papel celofane amassado, em um bolso escondido.

— Você não pode guardar todas as coisas dele, Caroline.

— É bom para economizar, mamãe.

— Ainda não estamos em um abrigo para pobres. Do jeito como você fala, logo estaremos apoiadas uma na outra, cantando um hino de igreja como “Nearer My God to Thee”. Sempre conseguimos dar um jeito.

— Talvez devêssemos cortar alguns empregados.

Depois que papai morrera, mamãe passara a colecionar bocas para alimentar, do modo como algumas pessoas colecionam colheres ou porcelana chinesa importada. Não era raro encontrar algum desempregado sem-teto morando no quarto de hóspede, acomodado embaixo de uma coberta de penas de ganso, lendo *As vinhas da ira*, com um copo de licor de cereja na mão.

— Não é como se tivéssemos criados de libré em casa, querida. Se está falando de Serge, ele é da família. Além do mais, é o melhor *chef* francês da cidade e não bebe como a maioria dos outros.

— E o Sr. Jardineiro? — perguntei.

Aquela pergunta não precisava de resposta. Nosso jardineiro, que estranhamente era chamado de Sr. Jardineiro, também era quase da família. Com olhos gentis, pele morena e lisa como uma semente de castanha-da-índia, ele estava ao nosso lado desde que plantamos o jardim em Bethlehem, pouco antes de papai morrer. Dizia-se que a família dele viera da Carolina do Norte para Connecticut pela ferrovia subterrânea, a rede de rotas clandestinas usada para fuga de escravos, que já tivera uma saída na antiga taberna Bird, do outro lado da rua onde ficava The Hay. Além de cultivar rosas trepadeira como um gênio, o Sr. Jardineiro daria a vida por mamãe, e ela por ele. O Sr. Jardineiro ficaria conosco para sempre.

— E algumas diaristas não vão nos levar à falência — comentou mamãe. — Se quer contar mixaria, faça o consulado pagar pela remessa das suas caixas para os órfãos.

— Roger está dividindo o custo comigo, mas não terei muito o que mandar dessa vez. Não há um pedaço de tecido usável para comprar.

— Por que não montamos um espetáculo beneficente? Você pode gostar de subir ao palco de novo, querida, e ainda tem os figurinos.

Os *figurinos*. Metros de tecido, desintegrando-se em um baú antigo, sem utilidade

para ninguém, perfeitos para todos os tipos de roupa de crianças.

— Mamãe, você é um gênio.

Corri para o meu quarto e arrastei o baú para fora do guarda-roupa. Ainda estava cheio de adesivos colados como lembrança de cada cidade onde eu me apresentara. Boston. Chicago. Detroit. Pittsburgh. Levei o baú para o quarto de hóspedes, ofegante. Eu precisava parar de roubar os cigarros de Pia.

Mamãe endireitou o corpo na cadeira de costura ao me ver entrar.

— Ah, não, não. Não faça isso, Caroline.

Abri a tampa do baú, liberando um delicioso aroma de cedro, seda antiga e maquiagem de palco.

— É brilhante, mamãe.

— Como *pode*, querida?

Havíamos colecionado figurinos e adereços de todos os tipos, um corpete de seda do século XIX aqui, um leque Tiffany bem-acabado de seda ali, mas mamãe costurara a maior parte dos figurinos que eu usara no palco, desde *Noite de Reis*, na Chapin, até *Victoria Regina*, na Broadway. Não tive permissão para manter todos os figurinos completos, mas ainda tinha os que usara no colegial, e mamãe com frequência costurava um figurino reserva a partir dos que eu usara na Broadway. Ela utilizara os melhores veludos, as sedas mais preciosas e coloridas e algodões macios. E finalizava cada roupa com botões de madrepérola feitos de conchas de mariscos recolhidas na praia de Southampton. Um botão que mamãe pregava uma vez permanecia para sempre no lugar.

— *O mercador de Veneza* — falei, pegando uma jaqueta de veludo azul, com calça combinando, ambas forradas com seda mostarda. — Podemos fazer duas blusas de criança com isso aqui. O que dá para fazer com o forro?

Mamãe se encolheu.

— Roupas de baixo?

— Genial, querida. — Ergui um vestido de cetim de um rosa-alaranjado, o corpete bordado com pérolas minúsculas. — *Noite de Reis*.

— Não se sente nem um pouco nostálgica?

— Nem um pouco, mamãe. E, se você resistir, eu mesma os cortarei.

Ela tirou o vestido da minha mão.

— Claro que não, Caroline.

Peguei outro vestido de veludo, esse da cor do vinho xerez, com uma pelerine de falso arminho branco, e um robe de seda escarlate.

— *Tudo está bem quando termina bem* — falei, erguendo o vestido. Minha cintura já foi assim tão fina? — Podemos fazer seis roupas de dormir desse robe e dois casacos com o vestido. A pele servirá para forrar luvas.

— Alguma notícia do seu amigo Paul? — perguntou mamãe.

— Nem uma palavra. Não estamos nem recebendo mais jornais franceses no escritório.

Embora mamãe não parecesse querer saber detalhes da minha relação com Paul, de algum modo ela compreendia como ele se tornara importante para mim. Com o desenrolar dos acontecimentos na França, ela parecia quase tão preocupada com ele quanto eu.

— A esposa dele tem uma loja de roupas?

— A loja é de lingerie, na verdade. Chamada Les Jolies Choses.

— *Lingerie?* — repetiu mamãe, como se eu houvesse acabado de dizer que Rena fazia malabarismo com machadinhas em fogo.

— Sim, mamãe. Sutiãs e...

— Sei o que é *lingerie*, Caroline.

— Não julgue, mamãe, por favor.

— Bem, mesmo que Paul saia inteiro dessa guerra, homens não são um bom tema de discussão.

— Só quero ter notícias dele, mamãe.

Ela abriu a costura de um forro de cetim lavanda.

— E você sabe como são os franceses. Amizade com homens casados é bem comum por lá, mas...

— Só o que eu quero é outra carta, mamãe.

— Você vai ver. Quando essa guerra acabar, ele vai bater na sua porta. Os alemães provavelmente o colocaram em algum lugar especial. Afinal, ele é famoso, de certa forma.

Eu não havia pensado nisso. Será que os nazistas dariam um tratamento diferenciado a Paul por ele ser uma celebridade?

Pela manhã, a cama do quarto de hóspedes estava cheia de uma impressionante variedade de roupas de criança. Casacos macios e calças. Coletes e chapéus.

Levei tudo para o trabalho e deixei na mesa de Pia, embora ela não estivesse à vista.

* * *

SEMANAS DEPOIS, EU estava com três gerações da família LeBlanc acampadas do lado de fora do meu escritório e se revezando para tomar banho na pia do banheiro feminino do consulado quando, de repente, Roger entrou correndo e foi rapidamente para a minha sala, onde parou com uma das mãos apoiadas no batente da porta, o rosto da cor da camisa cinza-claro que usava. Meu estômago se revirou. Uma expressão de más notícias. A testa franzida. A boca em uma linha fina. Desde que ele

não fechasse a porta, ficaria tudo bem.

Ele passou os dedos pelo cabelo.

— Caroline...

— Diga logo, Roger.

— Tenho notícias.

Eu me apoiei no meu gaveteiro de madeira.

— Conte logo...

— Lamento, mas são ruins, C.

— Devo me sentar? — perguntei.

— Acho que sim — disse Roger, enquanto fechava a porta.

Kasia

1941

AS PORTAS DO trem se abriram, e ficamos imóveis, como se paralisadas ali dentro do vagão.

— *Para fora! Fora!* — gritavam as guardas da plataforma.

Elas nos cutucavam e empurravam com os bastões e cassetetes de couro. Se nunca bateram em você com um cassetete de couro, fique sabendo que arde de maneira inacreditável. Eu nunca tinha apanhado, e aquela aguilhoadada foi um choque horrível, mas os cães eram a pior parte, abocanhando o ar e latindo para nós, próximos o suficiente para sentirmos seu bafo quente nas pernas.

— Vocês fedem como porcos — disse uma das guardas. — Polacas. É claro, cobertas de bosta.

Isso me deixou mais louca do que qualquer outra coisa. Eles nos dão um baldinho para usar e depois se queixam do nosso cheiro?

Andamos em marcha rápida, atravessando Fürstenberg na primeira luz daquele domingo, de cinco em cinco, *matka* do meu lado, a Sra. Mikelsky e a filhinha Jagoda do outro. Eu me virei e vi Zuzanna e Luiza uma fila atrás, os olhos vidrados, com aquele tipo de pavor com o qual nos acostumaríamos. Fürstenberg parecia uma aldeia medieval tirada de um livro de histórias, as construções com telhados cobertos de grama e jardineiras transbordando de petúnias vermelhas, janelas completamente fechadas. Será que os alemães ainda estavam dormindo em suas camas aquecidas? Vestindo-se para ir à igreja? Alguém estava acordado, pois havia no ar o aroma de torrada e café fresco. Abriram uma fresta da janela no segundo andar e depois fecharam.

As que não conseguiam manter o ritmo passavam maus bocados, pois as guardas batiam nas mais lentas, e os cães mordiscavam suas pernas. *Matka* e eu segurávamos a Sra. Mikelsky para evitar que ela tropeçasse. Ela massageava os pés da filhinha, azuis de frio, amassando-os como se fossem massa de pão enquanto andávamos apressadas.

Elas nos pressionaram a avançar ao longo de uma rua de paralelepípedos perto das margens de um lago.

— Que lago bonito — disse Luiza atrás de nós. — Vamos poder nadar?

Ninguém respondeu. O que iriam fazer conosco? Afinal de contas, estávamos na Alemanha. Quando eu era criança, uma viagem para a Alemanha era sempre uma diversão, contanto que não precisasse ficar muito tempo. Como a maior parte das coisas, você sabia o que esperar. Igual a ir ao circo pela primeira vez: já sabemos o que esperar. Não dessa vez.

Logo avistamos um enorme prédio de tijolos no final da rua. Ainda estávamos em setembro, mas as árvores mudavam de cor cedo naquela região tão ao norte, laranja e vermelho-fogo entre os pinheiros. Até a sálvia plantada ao longo da base do prédio era vermelho-nazista.

À medida que marchávamos para mais perto, música alemã patriótica soava à distância, e o cheiro de batatas cozinhando enchia o ar, o que deixou meu estômago roncando.

— É um KZ — disse a mulher atrás de mim para ninguém em particular. — *Konzentrationslager*.

Eu nunca ouvira essa palavra, tampouco sabia o que era um campo de concentração, mas ouvi-la provocava calafrios na minha espinha.

Nós nos aproximamos dos muros altos e lisos que circundavam o campo e atravessamos portões verdes de metal, chegando a uma praça cercada de prédios baixos de madeira. Mesmo com o som da música, eu ouvia o fio em cima do muro zunir com a alta voltagem.

Uma estrada larga cortava o meio do campo, oficialmente denominada Lagerstrasse ou Estrada do Campo, mas que logo passamos a chamar de Estrada da Beleza.

Aquela estrada era realmente bela. Começava na vasta praça de paralelepípedos, conhecida como a *Platz*, e atravessava direto o campo de concentração, coberta de areia preta e brilhante e porções de resíduos pretos que reluziam ao sol. Um odor doce como mel inundou meu nariz e atraiu minha atenção para as árvores, que margeavam a estrada até onde a vista alcançava. Tílias. Foi muito tranquilizador ver isso, a árvore predileta da Virgem Maria. A tília é uma árvore reverenciada na Polônia, e cortá-la traz azar. Na frente de cada bloco, havia um alegre canteirinho de flores, e em cada janela pendia uma jardineira de madeira, com gerânios. Até que ponto podia ser ruim um lugar tão agradável? O mais esquisito de tudo é que havia uma gaiola prateada decorada no início da Estrada da Beleza, cheia de animais exóticos: papagaios de asas amarelas, dois macacos-aranha marrons que se balançavam pela gaiola brincando como crianças, e um pavão com uma cabeça verde-esmeralda, que levantava as penas como um leque. O pavão guinchou, e me senti

estremecer.

Matka nos reunia perto dela, enquanto absorvíamos aquilo tudo. No outro lado da *Platz*, fileiras de mulheres com vestidos listrados estavam paradas, atentas, cinco por fileira, mas nenhuma delas olhava em nossa direção. Uma guarda puxou um revólver do coldre preso à cintura e perguntou à oficial próxima alguma coisa a respeito. *Matka* viu a arma e imediatamente desviou o olhar.

Uma moça com vestido listrado passou perto de mim.

— Polonesa? — perguntou ela, a voz quase totalmente abafada pela música.

— Sou — respondi. — Todas nós.

Os macacos-aranha pararam de brincar e ficaram nos observando, os dedos presos nas barras da gaiola.

— Vão tirar toda comida que vocês tiverem; então, comam tudo rápido — disse a moça e seguiu para entrar na fila.

— Entreguem tudo o que vocês tiverem. Não vão precisar de nada — falou uma mulher mais velha que passou, a mão estendida ao percorrer as fileiras.

Apertamos com mais firmeza os casacos em torno do corpo. Por que iríamos dar as poucas coisas que tínhamos? Dei uma olhada em *matka*. Ela esticou a mão, que tremia enquanto apertava a minha. Eu só queria uma cama para dormir e algo para aplacar minha sede terrível.

As guardas nos levaram para dentro do prédio de serviço: duas grandes salas abertas, com pé-direito baixo e um chuveiro em um dos lados. Uma guarda loura e alta, que mais tarde descobrimos que se chamava Binz, ficava na porta, tão frenética e enérgica como o próprio Hitler.

— *Rápido, rápido!* — gritou ela, enquanto batia nas minhas nádegas com um chicote.

Aproximei-me de uma mesa, e uma mulher sentada usando um vestido listrado anotou meu nome. Em alemão, me mandou esvaziar os bolsos e jogou os meus poucos bens — um lenço, meu relógio, aspirina, os últimos vestígios de uma vida normal — em um envelope amarelo e o colocou com os outros numa caixa de arquivos. Em seguida, me mandaram tirar a roupa enquanto uma guarda-prisoneira observava.

— Vá andando! — disse ela assim que fiquei nua.

Vi *matka*, atrás de mim, parar perto da mesa. Queriam o anel, mas ela estava tendo dificuldades em tirá-lo do dedo.

— O dedo dela está inchado — disse uma médica de pé nas proximidades, alta e loura, de jaleco branco. Binz ergueu a mão de *matka*, cuspiu no anel e tentou tirar. *Matka* virou a cabeça.

— Tente vaselina — disse a médica.

Binz cuspiu no anel de novo e finalmente conseguiu girá-lo e removê-lo. A mulher sentada no balcão jogou-o em um envelope amarelo e o colocou na caixa de arquivos.

O anel de *matka* se fora. Como elas podiam simplesmente *pegar* as coisas das pessoas sem nem se importar?

Vi Janina Grabowski, bem à minha frente na fila, lutando com uma guarda e chorando alto. Ela estava passando pelo exame da cabeleireira. Outra guarda se aproximou para ajudar a primeira e segurou Janina pelos ombros.

— Parem, não... Por favor — dizia a menina, enquanto tentavam cortar seu cabelo.

Uma guarda me empurrou para a frente, e perdi *matka*, que foi engolida na aglomeração de mulheres. Tentei cobrir minha nudez quando uma prisioneira com um triângulo verde no ombro do vestido listrado me empurrou para um banco. Quando senti um palito tocar meu couro cabeludo, percebi que estava prestes a seguir o mesmo destino de Janina, e meu coração tentava escapar do peito, de tão forte que batia.

A tesoura era fria na minha nuca, e a mulher xingava em alemão enquanto tentava cortar minha trança. A culpa era minha por ter cabelo grosso? Ela jogou a trança em uma pilha de cabelos tão alta que atingia o peitoral da janela e depois, como uma espécie de retribuição por eu dificultar o trabalho dela, raspou minha cabeça de modo indelicado. Eu me sacudia toda à medida que cada clique do aparador fazia nacos de cabelo escorregarem pelos meus ombros nus. Ela me puxou do banco, e toquei minha cabeça: lisa, com apenas alguns tufo de cabelo aqui e ali. Graças a Deus Pietrik não estava ali para ver. Como era frio sem cabelo!

Uma prisioneira com um triângulo roxo — testemunha de Jeová, descobri depois — me empurrou para uma mesa usada para examinar minhas partes. Ela afastou minhas pernas enquanto uma segunda prisioneira me raspava com uma lâmina de barbear, me deixando com cortes e arranhões.

Quando terminou, me mandaram para a médica, que disse “Na mesa”, e pegou um instrumento prateado frio, enfiou-o dentro de mim e o abriu, isso tudo sem nem mesmo passar uma toalha! Ela me escancarou para o mundo todo ver e enfiou os dedos com luvas de borracha em mim e examinou lá dentro. Ela não estava nem um pouco horrorizada com sua tarefa e poderia muito bem estar apenas lavando louça. Agiu sem nenhuma consideração com o fato de que eu era jovem e ela estava me violando de maneira irreversível.

Tive pouco tempo para lamentar minha virgindade perdida, pois as guardas nos enfileiraram, nuas, cinco de cada vez, no chuveiro. Uma atendente, de macacão branco, batia nas mulheres à nossa frente com um cassetete, deixando hematomas vermelhos em suas costas, enquanto elas corriam para baixo das duchas. Fiquei perto da Sra. Mikelsky e me firmei para receber o golpe. Ela segurava a filha Jagoda perto de si, tremendo tanto como se estivesse embaixo de água gelada. Uma prisioneira com um emblema verde na manga se aproximou da Sra. Mikelsky, colocou as mãos

ao redor do corpo nu e magro da criança e puxou. A Sra. Mikelsky manteve Jagoda apertada nos braços.

— Dê para mim — disse a guarda-prisioneira.

A Sra. Mikelsky só a apertou ainda mais.

— Ela é uma menina boazinha — falei com a guarda.

Mas a mulher puxava a criança com mais força. Será que elas iam parti-la ao meio?

— Não adianta — falou a guarda. — Não faça escândalo.

O bebê chorava alto, o que chamou a atenção da detestável carcereira-chefe, Dorothea Binz, que veio, quase correndo, da frente do prédio, uma segunda guarda logo atrás. A palavra Dorothea significa “presente de Deus”, e seu nome não poderia ser mais equivocado.

Binz parou perto da Sra. Mikelsky e apontou o chicote de couro para a pequena e loura Jagoda.

— O pai é alemão?

A Sra. Mikelsky me olhou, a testa enrugada.

— Não, polonês — respondeu.

— Pode pegar — disse Binz com um gesto do chicote.

A guarda que acompanhava Binz segurou a Sra. Mikelsky por trás, enquanto a primeira arrancou Jagoda dos braços da mãe.

— Cometi um erro — disse a Sra. Mikelsky. — Sim, na verdade o pai é alemão... — Ela me olhou depressa.

— De Berlim — acrescentei. — Um verdadeiro patriota.

A de emblema verde segurava no ombro a bebê nua e olhava para Binz.

— Pode levar — disse Binz, balançando a cabeça.

A guarda levantou a bebê mais alto no ombro e caminhou na direção oposta no meio da multidão que entrava.

A Sra. Mikelsky caiu no chão como um pedaço de papel em chamas enquanto observava a filha ser levada embora.

— Não, por favor! Para onde estão levando minha filha?

Binz cutucou o chicote nas costelas da Sra. Mikelsky e a empurrou para o chuveiro.

Cruzei os braços no meu peito nu e me aproximei mais de Binz.

— Aquela criança vai morrer sem a mãe — falei.

Binz se virou para mim, a expressão parecendo um bule borbulhante.

— Não há crueldade maior — acrescentei.

Binz levantou o chicote para mim.

— Vocês, polacas...

Fechei os olhos, me firmando, esperando o golpe do couro. Onde será que ela

acertaria?

De repente senti dois braços me envolverem. *Matka*, o corpo nu macio no meu.

— Por favor, Senhora Carcereira — disse ela em seu melhor alemão. — Ela está fora de si por falar com a senhora desse jeito. Sentimos muitíssimo...

Será que foi o alemão perfeito de minha mãe que fez Binz dar um passo para trás? Ou a maneira delicada?

— Diga para ela ficar de boca calada — falou Binz, balançando o chicote para mim. E retrocedeu, atravessando a multidão.

As guardas me empurraram com força para o chuveiro. Eu estupefata, as lágrimas pela pobre Sra. Mikelsky se misturando com as ferroadas da água fria do chuveiro.

* * *

ELAS NOS LIBERARAM da quarentena duas semanas depois, com apenas uma muda de uniforme e blusa, enormes tamancos de madeira, uma escova de dentes, um casaco fino, calcinha cinza, uma colher e uma tigela de latão e um pedaço de sabão que nos avisaram que teria que durar dois meses. Dois meses? Certamente já teríamos voltado para casa a essa altura!

Nossa nova casa, o Bloco 32, era muito maior do que o da quarentena. As mulheres, algumas usando os vestidos listrados e as camisas cinzentas do uniforme, outras nuas por causa da chuveirada, corriam para todo lado, vestindo-se, ajeitando os colchões de palha, e se enfiando em seus lençóis quadriculados de azul e branco. Havia um pequeno lavatório, com três chuveiros e três pias compridas, cada uma servida por meio de um cano. As mulheres se sentavam sem pudor em cima de uma plataforma com buracos perfurados para mandar os oferecimentos da natureza para o chão fétido.

O bloco tinha cheiro de galinheiro, beterraba estragada e quinhentos pés sujos. Todas as moças do bloco falavam polonês, e a maior parte usava o triângulo vermelho dos prisioneiros políticos. Se existia alguma coisa boa sobre o campo, era que havia muitas polonesas — quase a metade —, a maioria delas, como nós, por aquilo que os nazistas chamavam de crimes políticos. Depois de nós, o maior grupo era composto por mulheres alemãs presas por violarem uma das muitas regras de Hitler ou por cometerem alguma atividade criminosa, como assassinato ou roubo.

— Ajeitem suas camas! — gritou Roza, a *blockova*, uma alemã com olhos sonolentos. Era de Berlim e não muito mais velha do que minha mãe. Mais tarde descobri que ela havia sido presa por mostrar a língua para um oficial alemão. — Cuidem dos seus apetrechos de comida!

Rapidamente aprendemos que a sobrevivência em Ravensbrück girava em torno

dos seus apetrechos de comida — caneca, colher e tigela de lata — e da sua capacidade de tomar conta deles. Se alguém desviasse o olhar por um segundo, esses itens podiam desaparecer para nunca mais serem encontrados. Por conseguinte, mantínhamos nossos apetrechos enfiados nos peitos sob os uniformes ou, se alguém tivesse sorte suficiente para obter um pedaço de corda ou barbante, transformava em cinto, com o qual os prendia.

Luiza e *matka* escolheram a cama de cima de um beliche, o que as prisioneiras chamavam de coqueiro, porque era muito alta. Ficava próxima do teto, de modo que elas mal podiam se sentar, e no inverno pingentes de gelo se formavam acima da cama, mas era um local mais privado. Zuzanna e eu dormíamos no lado oposto.

Tive que superar meu ciúme por Luiza dormir com minha mãe. Eu tinha Zuzanna, que se mexia a noite inteira, balbuciando termos médicos enquanto dormia. Quando ela me acordava, eu passava a noite me martirizando na escuridão, paralisada com pensamentos de culpa. Como pude ter sido tão descuidada a ponto de ser responsável por mandar todas nós para aquele local horrível? Para piorar as coisas, o bloco nunca estava silencioso, era sempre cheio do som das vozes agudas de mulheres torturadas por pesadelos ou pela coceira de piolhos, trabalhadoras do turno da noite voltando para casa, mulheres insones trocando receitas, e pedidos de uma bacia para as doentes que não conseguiam chegar ao banheiro a tempo.

Contudo, eu encontrava alguns momentos para ficar sozinha com *matka*. Naquela noite, passei um tempo no beliche com ela antes do jantar.

— Me desculpe por trazer a senhora para cá, *matka*. Se não tivesse levado o sanduíche, se eu não tivesse...

— Não pense nisso — interpôs ela. — Aqui você tem que concentrar todas as suas forças para ser mais esperta que as alemãs. Estou feliz por estar aqui com as minhas meninas. Vai ficar tudo bem.

Ela beijou minha testa.

— Mas o seu anel... Eu odeio essas mulheres que tiraram seu anel.

— É só um anel, Kasia. Não gaste sua energia com ódio ou isso vai acabar matando você. Concentre-se em se manter forte. Você é inteligente. Descubra uma maneira de ser mais esperta do que elas.

Blockova Roza entrou a passos largos. Tinha um rosto gentil, mas não sorria enquanto dava os avisos.

— O início do trabalho é às oito da manhã. Quem não tiver tarefas atribuídas, apresente-se no escritório de mão de obra perto do bloco onde vocês foram examinadas. É ali que vão pegar seu emblema e número.

— Ela só fala em alemão? — sussurrei para *matka*. — E as moças que não entendem?

— Faça uma oração de agradecimento pelas aulas de alemão de Herr Speck.

Podem salvar sua vida.

Ela estava certa. Eu tinha sorte de falar alemão, afinal todos os avisos eram feitos nessa língua, sem exceção. As que não falavam estavam em terrível desvantagem, porque a ignorância não era desculpa para não cumprir as regras.

* * *

NA MANHÃ SEGUINTE, a sirene nos acordou com um sobressalto. Eu tinha apenas cochilado, sonhando que estava nadando com Pietrik em Lublin, quando as luzes em nosso bloco se acenderam às três e meia da madrugada. A pior parte era aquela sirene, um som esganiçado tão alto e agudo que parecia estar vindo das entranhas do inferno. Com a sirene, Roza e suas assistentes *stubova* vinham passando pelas fileiras de camas. Uma *stubova* batia em uma panela de lata, outra cutucava as dorminhocas com a perna de um banco, e Roza despejava conchas de água tirada de um balde no rosto das mulheres adormecidas.

— Levantem! Rápido! Todas acordadas! — gritaram elas.

Esse era um tipo especial de tortura.

Matka, Zuzanna, Luiza e eu nos dirigimos para o refeitório, a sala comprida ao lado de nosso dormitório, e nos apertamos em um banco na extremidade. O café da manhã era igual ao da quarentena: sopa amarelada insípida, que era quase uma água de nabo, e um pedacinho de pão com gosto de areia. A sopa bateu no meu estômago e quase seguiu o caminho de volta.

Roza leu uma lista de novas tarefas.

Matka foi designada para a oficina de encadernação, um dos postos mais procurados. Era muito mais difícil fazer uma prisioneira trabalhar até a morte quando estava sentada a uma mesa.

Luiza se tornou assistente das testemunhas de Jeová que processavam pelo de coelho angorá. Os coelhos angorás viviam na extremidade do campo em gaiolas aquecidas, e eram alimentados com alface fresca da horta do comandante. O pelo deles era periodicamente raspado e enviado para a oficina de alfaiataria, um sólido complexo de oito depósitos interconectados, onde os prisioneiros costuravam uniformes do Exército alemão.

Zuzanna, que não revelou que era médica, acabou selecionando as pilhas de objetos saqueados: as montanhas de itens roubados por Hitler que chegavam de trem.

Eu fui designada como Disponível, uma coisa boa e ruim. Boa porque entrávamos na fila todo dia e, se não fôssemos escolhidas para trabalhar, tínhamos aquele dia livre para dormir no beliche. Mas também ruim porque, se escolhidas, recebíamos alguns dos piores trabalhos, como limpeza de latrina ou transporte de carga. Ser

designada para isso, sendo usada como animal para puxar um pesado rolo de concreto, podia matar uma pessoa em um dia.

* * *

NOSSO PRIMEIRO NATAL em Ravensbrück foi especialmente ruim, pois muitas de nós tinham certeza de que, a essa época, já estaríamos em casa. *Matka*, Zuzanna, Luiza e eu só estávamos lá havia três meses, mas pareciam três anos. Tínhamos recebido algumas cartas de *papa* àquela altura. Escritas em alemão, conforme os regulamentos, estavam quase totalmente riscadas com marcadores pretos, deixando apenas algumas palavras e a última linha, *Seu amado papa*. Nós também escrevíamos cartas, em uma página só, limitadas pelas censoras em falar sobre o tempo e vagos pensamentos positivos.

À medida que os dias iam ficando mais curtos, Zuzanna nos advertiu para mantermos o ânimo, pois com frequência a tristeza era potencialmente mais fatal do que as doenças. Algumas mulheres desistiam, paravam de comer e logo morriam.

A manhã de Natal começou com um painel de vidro se estilhaçando com o frio. O ar entrou com violência, nos acordando. Será que o vento demoníaco nos arrancando da cama no Natal significava coisas ruins para nós?

Todas as prisioneiras do campo caminharam arrastando os pés até a *Platz*, para a *appell*, uma pesada chamada de presença. Nós nos alinhamos na escuridão, em fileiras de dez, próximas da *Revier*. O único som era a batida de centenas de tamancos ecoando pela *Platz* enquanto tentávamos espantar o frio. Como eu queria um casaco quente! Os holofotes formavam um arco acima de nossa cabeça. Certamente a *appell* seria curta e sem incidentes por causa do Natal. Os alemães também não celebravam o nascimento de Cristo? Será que Binz tiraria folga no feriado? Eu tentava não olhar para a pilha de cadáveres, amontoados como lenha perto do depósito da rouparia, cobertos por uma fina camada de neve. Lá os corpos esperavam que o homem da cidade viesse com o veículo funerário, enfiasse cada corpo num saco de papel com beirada pregueada e os levasse dali.

Uma carcereira jovem, em treinamento, chamada Irma Grese, a principal protegida de Binz, percorria as filas fazendo a nossa contagem e marcando os números em sua prancheta. Ela fazia uma pausa de vez em quando para desfrutar um cigarro, parada perto de nós e enrolada em seu grosso casaco preto. Embora Grese e Binz fossem como melhores amigas, duas adolescentes gazeteiras, ambas louras e bonitas, não havia como confundir uma com a outra. Binz era alta, com traços ligeiramente mais rudes, e usava o cabelo ao estilo *victory roll*, enrolado na testa. Grese era miúda e tinha uma beleza de artista de cinema, com olhos azuis

amendoados e lábios naturalmente rosados. Embaixo do chapéu do uniforme, ela usava o cabelo puxado para trás em dois cachos brilhantes, como rolos de moedas douradas, um de cada lado do pescoço. Infelizmente para nós, Irma não tinha talento para números. Com frequência suas contagens apressadas não batiam com as de Binz, ocasionando *appells* de três ou quatro horas.

O sol rompeu o horizonte, lançando raios dourados sobre a *Platz*, e a multidão suspirou de felicidade.

— Silêncio! — gritou Irma.

Apesar dos nossos melhores esforços de molengar e permanecer num local mais quente e abrigado, no meio do grupo, todas nós cinco, de nossa pequena família do campo, havíamos acabado na fila da frente naquela manhã. Era uma localização perigosa, já que as prisioneiras das fileiras de fora estavam mais vulneráveis, abertas a agressões das guardas entediadas, e às vezes voláteis, e seus cães. Eu estava perto de *matka*, que tinha Luiza do seu outro lado. A Sra. Mikelsky, que todas víamos sucumbir rapidamente após perder sua filhinha, estava entre mim e Zuzanna, que tinha diagnosticado minha professora com disenteria e uma depressão séria, uma combinação nada favorável.

Vinha nevando intermitentemente desde o início de novembro. Para ajudar a passar o tempo, eu observava os passarinhos sacudirem a neve das asas, e ficava com inveja deles, que podiam ir e vir a seu bel-prazer. Um vento cortante açoitava o lago naquela manhã, e por isso ajudamos a Sra. Mikelsky a enfiar, na frente de seu casaco de algodão fino, como forma de isolamento, duas folhas de um jornal que alguém conseguira surrupiar. Quando Irma não estava olhando, nos virávamos de costas e nos esfregávamos umas nas outras, tentando nos aquecer. As guardas haviam montado um pinheiro alto em uma base grossa de madeira à guisa de árvore de Natal no fim da Estrada da Beleza, e o pinheiro balançava com o vento.

A Sra. Mikelsky balançava também, e eu segurava o braço dela para firmá-la. Mesmo através do casaco de algodão, eu conseguia sentir o osso de seu cotovelo pronunciado na palma da mão. Será que eu também tinha emagrecido tanto assim? A Sra. Mikelsky se inclinou na minha direção, e o jornal enrugou e ficou visível acima da gola da sua roupa.

Enfie o papel para dentro, às escondidas.

— A senhora tem que ficar ereta — falei.

— Desculpe, Kasia.

— Conte mentalmente. Isso ajuda.

— Silêncio — disse Zuzanna pelas costas da Sra. Mikelsky. — Binz está chegando.

Uma onda de terror perpassou a multidão quando Binz entrou pelo portão do campo e atravessou a *Platz* em sua bicicleta azul. Será que ela havia dormido demais, aquecida na cama junto com o amante casado, Edmund? Pelo menos ele não estava

ali naquela manhã, beijando-a enquanto uma prisioneira era açoitada, o passatempo preferido dos dois.

Binz fazia força ao pedalar contra o vento, uma das mãos no guidão, a outra na guia do cachorro, a capa de lã preta voando atrás. Aproximou-se da *Revier*, apoiou a bicicleta no muro e percorreu o calçamento com seus passos de caipira, o cão ao lado, esticando a coleira. Ao caminhar, ela sacudia o chicote no ar feito uma criança com um brinquedo. Era um chicote novo, de couro preto, de cuja extremidade brotava uma longa trança de celofane.

A cadela de Binz se chamava Adelige, que significa “dama aristocrática”, e era o mais magnífico e aterrorizante pastor-alemão de todos, preta e castanha, com um xale grosso de pelo em torno do peito, do tipo que daria um belo casaco. A cadela respondia a uma série de comandos, que Binz comunicava por meio de um dispositivo de metal verde.

Binz caminhou direto para a Sra. Mikelsky e, com o chicote, a cutucou para sair da fila.

— Você. Para fora.

Tentei seguir, mas *matka* me conteve.

— Sobre o que você estava falando? — perguntou Binz, com a cadela do lado.

— Nada, Sra. Carcereira — respondeu a Sra. Mikelsky.

Irma chegou perto de Binz.

— A contagem está concluída, Sra. Carcereira.

Binz não respondeu, o olhar fixo na Sra. Mikelsky.

— Minha filha Jagoda... — começou ela.

— Você não tem filha. Você não tem nada. Não passa de um número.

Será que Binz estava se mostrando para Irma?

A Sra. Mikelsky esticou uma das mãos para Binz.

— Ela é uma menina boazinha...

Binz agarrou o jornal por baixo da roupa da Sra. Mikelsky e o arrancou de um golpe só.

— Onde conseguiu isso? — perguntou Binz.

Irma colocou a prancheta embaixo do braço e acendeu outro cigarro.

A Sra. Mikelsky se empertigou.

— Não sei. Não tenho nada. Sou apenas um número.

Mesmo a cinco passos de distância, percebi o corpo inteiro de Binz tremer.

— Você tem razão — respondeu ela, e em seguida jogou o braço para trás e baixou o chicote na bochecha da Sra. Mikelsky.

O celofane feriu o osso da face da prisioneira, e após um rápido olhar para Irma, Binz se curvou e soltou a guia da cadela. Adelige ficou sentada, imóvel, mas, a um toque do dispositivo dirigido à Sra. Mikelsky, suas orelhas se ergueram para trás, e

ficou com os dentes à mostra. O cão abocanhou a mão da Sra. Mikelsky, balançou de um lado para outro, e puxou minha professora, que caiu de joelhos. Os rosnados do animal ecoavam em toda a praça à medida que estocava e mordida o decote da Sra. Mikelsky e a derrubava no chão nevado.

Matka agarrou minha mão.

A Sra. Mikelsky rolou para o lado e tentou se sentar, mas a cadela cerrou a mandíbula em torno do pescoço dela e balançou a cabeça da mulher para trás e para a frente.

Contive a ânsia de vômito quando o animal arrastou a Sra. Mikelsky para longe de nós, feito um lobo com um veado recém-abatido, deixando na neve um rastro cor de cereja.

O barulho do dispositivo de metal de Binz ecoou na *Platz*.

— Adelige, solte! — ordenou Binz.

A cadela se sentou nas ancas, ofegante, os olhos dourados fixos em Binz.

— Sete sete sete seis! — gritou ela.

Irma jogou longe o cigarro e o deixou ali na neve, uma preguiçosa espiral azul se elevando, e fez uma anotação na prancheta.

A cadela trotou até Binz, o rabo entre as pernas, e deixou a Sra. Mikelsky deitada, estática.

Binz se virou e fez um sinal para eu sair da fila. Dei um passo à frente.

— Sua amiga?

Confirmei com um gesto de cabeça.

— Ah, é? Como assim?

— Minha professora de matemática, Sra. Carcereira.

As lágrimas borravam minha visão, mas eu as continha, porque isso só irritava Binz.

Irma levou os dedos à sua bela boca e sorriu.

— Matemática polonesa.

Binz me jogou um lápis de cera violeta.

— Escreva — ordenou ela.

Todas já tínhamos testemunhado o processo. Binz queria que eu escrevesse o número no peito da Sra. Mikelsky, a indignidade derradeira para qualquer prisioneira morta ou à beira da morte.

Meu coração martelava enquanto eu caminhava pela trilha cor de cereja escura que Adelige havia deixado na neve, para onde jazia minha professora. Encontrei a Sra. Mikelsky deitada de costas, a pele do pescoço estripada até o osso, e sangue lambuzando seu peito nu como se estivesse pintado. O rosto dela estava virado para mim, os olhos parcialmente abertos, o rasgo em seu rosto parecendo um grande sorriso.

— Escreva — disse Binz.

Com a manga do meu casaco, limpei o sangue do peito da Sra. Mikelsky e escrevi com o lápis: 7776.

— Retire essa peça — disse Binz.

Ela queria que o corpo fosse arrastado até a pilha ao lado do depósito da rouparia.

Peguei os punhos da Sra. Mikelsky e a arrastei, ainda quente, pela neve, exalando a fumaça branca da minha respiração como um cavalo de carga. O horror daquilo tudo. O ódio cresceu com força em meu peito. Como eu poderia viver sem me vingar?

No momento em que cheguei perto da pilha de cadáveres, coberta de neve alta até a altura dos ombros, meu rosto estava molhado de lágrimas. Coloquei a Sra. Mikelsky ao lado da pilha com muito cuidado, como se ela estivesse dormindo ali. Nossa leoa. Nossa esperança. Nossa Estrela Polar.

— Polacos — comentou Irma para Binz enquanto eu passava por ela, voltando para a fila. — Por que ainda tentam ensinar matemática para eles?

— É verdade — respondeu Binz com uma risada.

Parei e me volvei para Irma.

— Pelo menos eu sei contar — falei.

Dessa vez não tive que esperar pela ferroada do chicote de Binz.

Herta

1941

FIQUEI EM RAVENSBRÜCK.

Quando soube que meu pai havia morrido e que *mutti* precisaria de tratamento de reabilitação para as costas, meu salário se tornou mais importante.

Como era solitário estar rodeada apenas por médicos homens, eu passava o tempo em minha sala quando Fritz não estava disponível e trabalhava em meus álbuns. Colei uma foto que Fritz havia pedido que um garçom tirasse de nós dois almoçando em Fürstenberg, caixinhas de fósforo e outras recordações. Vários recortes de jornal. Como a infantaria alemã tinha acabado de invadir a União Soviética com grande sucesso, havia muitas matérias otimistas para guardar.

Escrevi em resposta a *mutti* e contei como eu estava trabalhando duro para arrumar a *Revier* e deixá-la funcionando de maneira eficiente. Falei que esperava que o comandante percebesse meu trabalho dedicado se de alguma maneira eu instaurasse alguma ordem naquele lugar.

De volta ao meu chalé em uma noite depois de concluir as tarefas do dia, notei uma luz acesa na encadernação e parei, esperando encontrar alguém com quem conversar. Binz estava sentada em um banquinho baixo com as costas eretas, toda uniformizada, o queixo erguido. Uma prisioneira usando um emblema vermelho sentada em uma cadeira próxima a desenhava. Era uma polaca que eu vira no processamento, a que usava um anel em que Binz havia cuspidos para tirar. Havia uma faixa de pele pálida no dedo onde o anel costumava estar.

Binz acenou para que eu entrasse na sala, um espaço pequeno dedicado à produção dos materiais educativos do Reich. Havia pilhas de panfletos e livros em uma mesa comprida ao longo de uma das paredes.

— Entre, doutora. Estou fazendo meu retrato.

— Por favor, fique parada, madame Overseer — disse a prisioneira. — Não consigo desenhar com a senhora conversando.

Uma prisioneira dando ordens a Binz? O mais estranho era que ela obedecia.

— Halina é nossa artista residente — disse Binz. — Precisa ver o retrato que Koegel encomendou. Dá para jurar que as medalhas são de verdade.

A prisioneira parou de desenhar.

— Devo voltar outra hora, madame Overseer?

Qualquer um podia perceber que a encadernação, que antes era uma bagunça de papéis, tintas e suprimentos, estava tremendamente mais organizada.

— Encomendou? — perguntei à prisioneira. — Como você é paga?

— Com pão, madame doutora — respondeu ela.

— Ela dá para as outras polacas — disse Binz. — Maluca.

Era tranquilizador, quase hipnotizante, vê-la desenhar, o lápis traçando linhas brutas no papel.

— Você é polonesa? Seu alemão é bom.

— Ela me enganou também — disse Binz.

— Minha mãe era alemã — informou a prisioneira enquanto desenhava, os olhos voltados para Binz. — Cresci em uma casa perto de Osnabrück.

— E seu pai?

— Nasceu em Colônia, onde a mãe dele foi criada. O pai dele era polonês.

— Então você é grupo três no Deutsche Volksliste — disse Binz.

A lista do povo alemão categorizava os polacos em quatro categorias. O grupo três consistia de pessoas com ascendência majoritariamente alemã que haviam se tornado polonizados.

— O mais perto de alemã que se pode ser — falei.

— Se a senhora diz, madame doutora.

Sorri.

— Se uma galinha põe ovos em um chiqueiro, isso torna a galinha um porco?

— Não, madame doutora.

Fui para trás da prisioneira e a observei finalizar as sombras no queixo de Binz. O retrato era extraordinário. Capturava a força e a personalidade complexa da mulher, e mantinha a semelhança.

— Vou dar este retrato a Edmund no aniversário dele — disse Binz. — Queria um nu, mas ela não é boa nisso.

Halina corou ligeiramente, mas manteve os olhos focados em seu bloco.

— Deveria encomendar um retrato, doutora — sugeriu Binz. — Sua mãe gostaria de ganhar um.

Será que minha mãe se importaria com um retrato meu, agora que meu pai havia morrido e ela estava ocupada com sua nova vida?

Binz sorriu.

— Vai lhe custar apenas pão.

A prisioneira largou o lápis.

— Eu realmente deveria voltar para *appell*.

— Halina, eu resolvo isso com sua *blockova* — disse Binz. — Sente-se, doutora. O que mais vai fazer esta noite?

Binz rodeou a prisioneira para olhar o produto finalizado e juntou as mãos como uma criança encantada.

— Vou dar este retrato a Edmund hoje à noite. Certifique-se de apagar a luz, e, Halina, vou dizer à sua *blockova* que voltará às nove. Vou mandar um pão branco amanhã.

Assumi o lugar de Binz no banquinho. Halina pegou um papel em branco e começou a desenhar, olhando para mim de vez em quando.

— Por que você foi mandada para cá? — perguntei.

— Não sei, madame doutora.

— Como pode não saber? Você foi presa?

— Minhas filhas foram presas, e eu tentei impedir que as levassem.

— Presas por quê?

— Não sei.

Provavelmente eram da resistência.

— O que vocês faziam quando iam a Osnabrück?

— Visitávamos a casa de campo dos meus avós — disse a prisioneira, em um alemão excelente. — Ele era juiz. Minha avó era Judi Schneider.

— A pintora? O Führer coleciona os quadros dela. — A prisioneira tinha o mesmo talento que o Führer admirava tanto em sua avó. — E de onde na Polônia você é?

— De Lublin, madame doutora.

— Há uma escola de medicina muito conhecida lá — falei.

— Sim, foi onde concluí minha formação em enfermagem.

— Você é enfermeira?

Como seria bom ter alguém culto e inteligente com quem conversar sobre medicina.

— Sim. Era. Eu ilustrava livros infantis antes...

— Nós poderíamos usar você na *Revier*.

— Eu não pratico enfermagem há dez anos, madame doutora.

— Bobagem. Farei Binz transferi-la imediatamente. Em qual bloco você ficou?

— Trinta e dois, madame doutora.

— Você será uma grande *Lagerprominent* e passará para o Bloco Um.

— Por favor, eu gostaria de ficar...

— A equipe de prisioneiras que trabalha na *Revier* vive no Bloco Um. Você estará tratando não apenas de prisioneiras, mas da equipe da SS e de suas famílias. Você encontrará roupas de cama limpas no Bloco Um e nem um único piolho.

— Sim, madame doutora. Minhas filhas poderiam vir comigo?

Ela disse isso casualmente, como se não se importasse. Mas estava fora de cogitação, é claro. O Bloco Um era reservado apenas para trabalhadoras Classe I.

— Talvez mais tarde. A comida é fresca, e você receberá rações em dobro.

Não mencionei que a comida nos alojamentos de elite não continha a droga que era colocada na sopa normal para matar o apetite sexual das prisioneiras e interromper as menstruações.

Depois de mais duas sessões, Halina concluiu meu retrato, que cobriu com papel branco translúcido e deixou na minha sala. Peguei o papel e fiquei surpresa. O nível de detalhamento era impressionante. Ninguém nunca havia me capturado tão perfeitamente, uma médica mulher do Reich, de jaleco, forte e focada. *Mutti* iria emoldurá-lo.

Demorou alguns dias para Halina ser transferida da encadernação para a *Revier*. Tecnicamente, a enfermaria não era uma operação da SS, mas um desdobramento, de modo que as questões burocráticas demoravam mais tempo.

A enfermeira Marschall, com seu queixo quadrado duplo, foi a única que não gostou do arranjo. Entrou a passos pesados na minha sala, onde grasnou como um ganso no dia em que a tiramos do seu lugar na recepção da *Revier* e a substituímos por Halina. Transferi a enfermeira Marschall para uma sala igualmente boa na parte de trás do prédio, um antigo armário de suprimentos.

Desde o primeiro instante em que Halina assumiu, a *Revier* melhorou. As pacientes respondiam bem a seus modos eficientes, sem dúvida resultado da ancestralidade alemã. No fim do dia, a maioria dos leitos estava vazia, as inativas haviam voltado ao trabalho e todo o prédio estava desinfetado. Não havia necessidade de ficar tomando conta dela, pois sua capacidade de tomar decisões era quase igual à minha, e isso me permitiu cuidar do trabalho burocrático pendente. Eu finalmente tinha uma parceira com quem podia contar. Com certeza o comandante perceberia a mudança em pouco tempo.

* * *

MAIS TARDE NAQUELE mês, Binz apresentou um plano que considerava brilhante.

Durante semanas, a equipe masculina vinha planejando uma viagem a Berlim que coincidissem com a ausência do comandante Koegel, que iria a Bonn. Era para ser uma “missão especial”, que eles achavam que era secreta. Mas a equipe feminina conhecia os detalhes dessa missão, graças a várias *aufseherinnen* de Binz que costumavam dormir com os guardas. Era para ser uma viagem ao Salon Kitty, um bordel de classe alta em uma parte rica de Berlim. Fritz, que havia ido para casa visitar a mãe em Colônia, escapara da viagem, mas quase todos os outros membros da

equipe masculina deixaram o campo, entraram em ônibus e partiram, parecendo adolescentes de férias.

Isso deixou as seguintes pessoas encarregadas pelo campo: Binz e suas *aufseherinnen*, três guardas de torre da SS mais velhos que faziam a patrulha do muro, um pobre guarda do portão que tirou o palito mais curto e eu.

— Espero que não haja uma tentativa de fuga enquanto vocês estiverem fora — dissera a Adolf Winkelmann enquanto ele se preparava para partir.

— Está tudo aprovado, Dra. Oberheuser. Você é a oficial encarregada esta noite. *Postenkettes* extras foram arranjados por precaução.

Gostei de saber dos guardas de torre extras, todos exímios atiradores, mas eles não tinham permissão para deixar seus postos.

Winkelmann seguiu na direção do ônibus, e vários de nossos estimados colegas o chamavam pelas janelas, ameaçando deixá-lo para trás.

Na ausência deles, Binz sugeriu uma festa na casa de uma das *aufseherinnen*, um agradável chalezinho no final do complexo dos funcionários, fora dos muros do campo. Elas tinham planejado a comemoração com muito cuidado. Haveria bebida, dança e jogos de cartas. Havia inclusive feito algumas *häftlings* polonesas produzirem seus famosos adornos recortados com papel de seda escarlate e os pendurarem como guirlandas pela casa.

Eu decidi não ir à festa e ficar na minha sala com Halina, para finalizar um trabalho. Isso não era um sacrifício, porque pela primeira vez desde que chegara ao campo eu tinha uma amiga inteligente, alguém cuja companhia eu apreciava, em vez de apenas Binz, que contava histórias péssimas. Halina não só havia organizado a *Revier* e reduzido a três quartos o número de pacientes à espera de tratamento, como também realizava importantes projetos para o comandante na encadernação. Ela me mostrou os livros que estava montando para o próprio Himmler. Eles relatavam a operação Pele de Coelho Angorá em cada campo, com fotos detalhadas. O campo de Ravensbrück era um dos melhores produtores de pele, com o dobro de gaiolas de Dachau. Halina encadernava os livros à mão, envolvendo cada capa com tecido de angorá macio.

— Você tem muito trabalho burocrático, madame doutora — disse Halina. — Como posso ajudar?

Ela era rápida no gatilho. Que prazer passar tempo com uma prisioneira competente que não sentia medo de mim. Halina não tinha a aparência de animal caçado, nada daquele horror contagioso que me fazia olhar para as nuvens ou um besouro no pátio. Para qualquer coisa, menos para elas.

— Coloque o endereço nos envelopes, e eu insiro os cartões — respondi.

Nós enviávamos pelo correio cartões de condolências, também conhecidos como cartões de conforto, às famílias de prisioneiras que morriam no campo por quaisquer

motivos. As eliminadas como casos de tratamento especial. As que eram baleadas tentando fugir. As que morriam por causas naturais. Em minha péssima caligrafia de médica, eu escrevia “O corpo não pôde ser examinado devido a questões de higiene” na maioria dos cartões, para o caso de a família querer ver a morta. Era uma farsa ridícula, e acrescentava pelo menos dez horas extras de trabalho à minha semana já movimentada, mas era uma exigência do comandante para manter as aparências. Halina endereçava os envelopes sempre que tinha um tempo livre, até que suas pilhas ficavam muito maiores do que meus cartões concluídos.

— Deve ser difícil para uma família receber uma correspondência dessas — disse Halina, endereçando um envelope em letra cursiva. Seus olhos haviam se enchido de lágrimas?

Com o cartão de condolências, era enviado um formulário oficial para a família solicitar as cinzas da prisioneira. Dois quilos de cinzas genéricas eram enviados por prisioneira, em uma lata, caso a solicitação fosse aprovada. Pelo menos eu não era responsável por coordenar tudo isso.

— Podemos fazer uma pausa — falei.

Halina se endireitou.

— Ah, não, madame doutora, eu estou bem. Mas tenho um favor para lhe pedir. Por favor, me diga se...

— Sim? Pode perguntar.

Halina vinha sendo de grande ajuda para mim. Eu não devia pelo menos ouvir seu pedido?

Ela tirou uma carta do bolso.

— Será que a senhora poderia enviar isto aqui? É só uma carta a meu amigo.

Parecia estar escrita em papel de carta do campo.

— Envie você mesma. Tem permissão.

Halina colocou uma das mãos na manga do meu jaleco. Havia um pedaço de barbante azul amarrado em seu dedo anelar.

— Mas os censores a cortarão toda, tirarão inclusive observações sobre o clima e minha digestão.

Peguei a carta dela. Estava endereçada a Herr Lennart Fleischer, em um endereço de Lublin.

Que mal teria em enviar uma carta daquelas? Afinal, Halina vinha sendo valiosa ao Reich. Havia muito mal nisso, no entanto. Se eu fosse pega, a punição seria severa. Na melhor das hipóteses, eu receberia uma advertência.

— Vou pensar — falei, colocando a carta na gaveta da minha mesa de trabalho.

Halina baixou a cabeça para sua tarefa.

— Obrigada, madame doutora.

Da minha sala na *Revier*, eu ouvia música e risadas vindo da festa de Binz nas

instalações dos funcionários na outra extremidade do campo, no bosque. Fiquei irritada ao pensar que quase todos os homens do campo precisavam sair para que eu fosse considerada o mais alto posto na hierarquia.

Menos de uma hora depois de iniciada a noite, Halina e eu estávamos fazendo um excelente progresso quando se ouviu um forte estrondo, cuja vibração sacudiu o chão. Halina e eu apenas nos entreolhamos e continuamos com nosso trabalho. Será que era o estouro de um cano de descarga? Barulhos altos não eram algo incomum no campo, e costumavam ser amplificados pelo lago.

Segundos depois, ouvi Binz e outras gritando por mim da direção de onde estava ocorrendo a festa.

— Dra. Oberheuser, venha! Irma está ferida.

Halina e eu nos entreolhamos, perplexas.

Nessas situações, o instinto de um profissional da saúde assume o controle. Halina se levantou e saiu correndo. Fui logo atrás. Chegamos ao portão principal do campo, de onde se ouviam muitos gritos da direção da casa no meio do bosque.

— Abra o portão — ordenei ao guarda.

— Mas...

Ele voltou o olhar para Halina. Nenhuma prisioneira tinha permissão de sair por aquele portão, a menos que estivesse acompanhada por uma *aufseherin*.

— Abra. Sabe que sou sua superior.

Por que a voz de uma mulher dificilmente impõe o respeito que merece?

Depois de protelar, o guarda enfim abriu o portão.

Halina hesitou.

— Venha — falei.

Eu precisava de uma assistente, mas seria repreendida por isso?

Halina me acompanhou depressa até a casa, o som de seus tamancos pesados abafados enquanto corríamos da estrada de paralelepípedos até o caminho macio coberto de agulhas de pinheiros no bosque. A forte luz da lua nos permitiu ver a casa ao fim do pinhal, sem luz alguma no interior.

Binz apareceu correndo, vindo da casa.

— A cozinha desabou, e Irma está ferida — gritou.

Irma Grese era uma das discípulas mais fervorosas de Binz e, alguns diziam, ainda mais severa em suas punições. O que o comandante diria?

Halina e eu corremos na direção da casa, e Binz nos seguiu.

— Pelo amor de Deus, Binz. Como isto aconteceu? — perguntei.

— O fogão a gás... Ela acendeu o cigarro nele, e tudo simplesmente explodiu. Eu disse a ela para não fumar...

Halina e eu entramos e encontramos Irma desmaiada no chão da sala de estar. A eletricidade foi derrubada pela explosão, e a casa estava com cheiro de gás. A parede

da cozinha atrás do fogão havia explodido e, acima, um pedaço destorcido de metal balançava, fazendo um som estranho parecido com gemidos humanos. Até mesmo o calendário de parede perto de nós havia entortado.

Halina e eu nos ajoelhamos ao lado de Irma. Mesmo na escuridão quase absoluta, notei sua respiração acelerada. Choque. Havia sangue ensopando o ombro do vestido dela.

— Alguém pegue um cobertor — falei.

— E uma vela — disse Binz.

— Ainda há gás no ar — informou Halina. — Peguem uma lanterna a pilha. Uma bem forte.

Binz fez uma breve pausa. Aceitar ordens de uma prisioneira?

— Uma lanterna — gritou Binz por cima do ombro.

Tentei aplicar pressão direta no ombro de Irma, mas era difícil ver na escuridão. No entanto, o cheiro metálico de sangue humano era inconfundível. Em segundos, senti o tapete ficando molhado, transformando-se em uma poça pegajosa.

— Precisamos levá-la até a *Revier* — falei.

— Ela não vai resistir — disse Halina. — Precisamos trabalhar aqui.

Ela estava louca?

— Nós não temos nada...

As guardas de Binz estavam amontoadas ao nosso redor, em silêncio. Halina hesitou por um longo instante. Relutando em salvar a vida de uma *aufseherin*? Então estendeu o braço e rasgou a manga do vestido de Irma.

Binz avançou na direção de Halina.

— O que ela está fazendo?

Eu a contive.

— Expondo o ferimento — respondi.

Isso não apenas nos deu acesso à ferida como também revelou a fonte do sangramento. Uma das garotas de Binz chegou com uma luz forte, e então vimos a extensão dos danos: perda de consciência, várias contusões, queimaduras de segundo grau e cianose — pele azulada e pegajosa —, sintoma de choque. Mas o problema mais imediato era a perda de sangue, de um corte do tamanho de um baralho na parte de cima do braço, provavelmente provocado por um pedaço de metal projetado do fogão. A ferida era tão profunda que o osso estava claramente visível. Levei os dedos ao pulso de Irma, mas mal consegui encontrar batimentos. Aqueles ferimentos não eram compatíveis com a vida.

Halina tirou o uniforme pela cabeça, ficando só com o short de baixo cinza e tamancos de madeira na noite fria. Chutou os tamancos para longe e rasgou o uniforme em tiras compridas de cinco centímetros de largura. Era difícil não se encantar com sua determinação ao realizar essa tarefa. O esforço deixou seu rosto

corado, e os olhos brilhavam à luz da lanterna. Era o trabalho que ela havia nascido para fazer.

Até então, eu não havia me dado conta do quanto Halina estava magra. Mesmo com as rações do Bloco Um, ela havia perdido muito peso, especialmente nos quadris e nas coxas. Mas sua pele não tinha marcas e era clara como creme, da cor de leite fresco. Ela praticamente brilhava sob a luz suave.

— Precisamos ir para a *Revier* — disse Binz.

Eu me juntei a Halina para rasgar as tiras de algodão. Ela enrolou as tiras cinco centímetros acima do ferimento e as amarrou com um nó simples perfeito.

— Primeiro um torniquete — avisei.

Fui até o calendário na parede e tirei a cavilha de madeira. Entreguei-a a Halina, e ela amarrou duas faixas de tecido na madeira para criar um dispositivo de torção. Ajudei-a a torcer a madeira até o material estar ajustado e o sangramento parar.

Logo, a paciente estava reagindo, e improvisamos uma maca com um cobertor, com a qual quatro *aufseherinnen* levantaram Irma, e nos apressamos para voltar ao campo. Ordenei que uma *aufseherin* pegasse um cobertor e colocasse sobre os ombros de Halina, porque ela estava tremendo depois daquele desempenho.

Halina e eu seguimos Binz e suas garotas para fora da casa enquanto elas carregavam Irma para a *Revier*. Eu estava pensando nos cuidados seguintes. Precisaríamos de um soro intravenoso...

Halina fez uma pausa na escuridão. O que estava fazendo?

Ela olhou na direção do lago, que cintilava à luz da lua como se houvesse diamantes na superfície.

— O que houve? — perguntei.

Ela estava em choque também?

— Halina. Temos muita coisa para fazer.

Então me ocorreu... ela estava pensando em fugir! Seria possível? Uma prisioneira vestindo apenas um cobertor e roupa de baixo não iria longe. Ravensbrück tivera apenas três tentativas de fuga, e duas haviam acabado mal para as *häftlings*, que foram trazidas de volta ao campo e obrigadas a usar uma placa dizendo “VIVA, VIVA, ESTOU DE VOLTA!” pendurada no pescoço, torturadas e depois fuziladas.

Era tudo de que eu precisava: uma fuga durante meu comando.

— Venha comigo — ordenei.

Halina ficou parada, o cabelo louro brilhando ao luar, o rosto escondido nas sombras. No silêncio da noite, ouvi o barulho das ondas nas margens do lago.

— Agora — insisti. — A paciente precisa de mais cuidados.

Halina mal se mexeu na escuridão.

Um arco de luz da torre varreu o pátio e se voltou para o lago. Estavam nos procurando.

— Você fez um ótimo serviço para o Reich esta noite, Halina. Será recompensada. Tenho certeza disso. Agora, venha.

Os cães latiram no canil. Quanto tempo levaria para que fôssemos consideradas desaparecidas e os cães, soltos?

Ainda assim, Halina não se mexeu. Será que os guardas estavam nos observando das torres?

Ela inspirou fundo, então expirou, e a fumaça de sua respiração subiu como um espectro iluminado pela lua.

— Eu só queria olhar para o campo daqui — respondeu ela com uma voz distante. Por que eu a havia deixado sair por aqueles portões?

Halina inspirou mais uma vez.

— Faz tanto tempo que não respiro ar puro. O lago. É tão...

— Rápido, agora — falei.

Lentamente, ela se juntou a mim, e voltamos para a *Revier*, o barulho dos tamancos de madeira soando alto nas pedras do chão, meu casaco encharcado de suor.

Só depois do portão se fechar me permiti respirar fundo mais uma vez.

* * *

RELATOS SOBRE O que aconteceu naquela noite se espalharam depressa no dia seguinte. Depois que o comandante voltou e os homens retornaram da viagem ao bordel, o comandante me disse pessoalmente como valorizava meu raciocínio rápido e avisou que escreveria a Himmler contando da minha inventividade e coragem ao salvar uma das melhores trabalhadoras do Reich. O campo todo louvou meus esforços, exceto a enfermeira Marschall, é claro, que se mantinha fria e tensa quando o assunto surgia, com ciúme por uma polaca ter me ajudado.

* * *

MAIS TARDE NAQUELA semana, Halina e eu estávamos concluindo trabalho burocrático, sentadas lado a lado diante da minha mesa. A essa altura, mal precisávamos nos falar, de tanto que conhecíamos o ritmo e a rotina uma da outra durante o trabalho. Como sua *blockova* havia lhe dado permissão para ficar até depois de as luzes serem apagadas, eu sabia que teríamos uma chance de visita. Naquela manhã, eu estivera no edifício Bekleidung, conhecido por todos como as pilhas de espólio, o grande conjunto de bens confiscados das nações conquistadas por Hitler. Esses materiais — roupas, talheres, louças e coisas do tipo — foram bem selecionados, e eu logo encontrei

muitas coisas úteis, incluindo um suéter quente para Halina e um fonógrafo com um conjunto limitado de discos. Pedi para uma prisioneira com emblema verde colocá-lo na minha sala, liguei e deixei tocar um pouco de música em volume baixo.

Uma garota testemunha de Jeová nos trouxe pão e queijo do refeitório dos oficiais, mais para Halina do que para mim, e eu coloquei um disco no fonógrafo, “Foxtrot de Varsóvia”.

— Adoro esta música — disse Halina.

Abaixei o volume. Não havia necessidade de toda a *Revier* me escutar tocando uma música polonesa.

Halina se balançava levemente ao som da música enquanto endereçava os envelopes.

— Aprendi a dançar foxtrot com esta música.

— Pode me ensinar? — perguntei.

Que mal haveria nisso? Eu era a única no campo que não sabia essa dança. Não havia tempo para essas coisas na faculdade de medicina.

Halina balançou a cabeça.

— Ah, não acho...

Eu fiquei de pé.

— Eu insisto.

Halina levantou-se muito lentamente.

— Madame doutora, eu não sou a melhor professora.

Sorri.

— Rápido, antes que a música acabe.

Ela levou uma das mãos às minhas costas e segurou minha mão com a sua outra.

— Você segura aqui em cima — disse Halina —, como em outras danças de salão.

Demos dois passos para a frente e depois um para o lado, no ritmo da música. Halina havia se vendido mal. Era uma excelente professora.

— Devagar, devagar, rápido, rápido. Entendeu?

Não era uma dança difícil. Eu logo havia dominado o movimento. Halina me manteve rodopiando na salinha, nós duas em perfeita sincronia. Logo estávamos dando risada sobre como dançávamos ridiculamente bem juntas. Eu não ria tanto desde que fora para o campo.

Paramos, ofegantes. Afastei uma mecha de cabelo da testa de Halina.

Ela se virou, e eu a senti ficar tensa. Fiz o mesmo e encontrei a enfermeira Marschall na porta, com um formulário de requisição de materiais na mão. Nenhuma de nós tinha escutado a porta se abrir.

Tentei recuperar o fôlego.

— O que é, Marschall?

Halina levantou a agulha do disco.

— Tenho um pedido de materiais — disse Marschall. — Ia deixá-lo em cima da sua mesa, mas vejo que está ocupada. — Os olhos dela se voltaram para Halina. — Além disso, você deixou o armário farmacêutico aberto.

— Vou cuidar disso. Estou ocupada, se não se importa.

A enfermeira Marschall me entregou o formulário e se retirou, mas não sem antes lançar um olhar penetrante a Halina.

Depois de Marschall sair e fechar a porta tão silenciosamente como a abrira, Halina e eu nos entreolhamos. Algo intangível havia sido libertado, algo perigoso, e não havia como voltar atrás.

— Ela precisa aprender a bater na porta — falei.

Halina estava me encarando, o rosto branco como papel.

— Ela não pareceu contente, madame doutora.

— Cão que ladra não morde — comentei, dando de ombros. — Ela é inútil.

Se eu ao menos soubesse o preço de subestimar a enfermeira Marschall...

CAPÍTULO 15

Caroline

1941

AGARREI A BEIRADA da gaveta do arquivo.

— O que houve, Roger?

— Acabei de saber, Caroline. Encontraram os nomes de Paul e Rena em uma lista de presos.

Paul, preso?

— Obrigada por não me contar na frente de Pia. — Consegui conter as lágrimas, mas as pastas de arquivo em papel pardo nadavam em um borrão. — Alguma notícia do pai de Rena? Ele morava com os dois em Rouen.

— Ainda não. Estou checando as informações que chegam a toda hora. Você sabe, é claro, que faremos tudo o que for possível para rastreá-los.

— Ao menos sabemos que ele está vivo, certo? E sob quais acusações foram presos?

— Eu gostaria de saber. As informações que chegam de Londres são desencontradas, e os destinos deles também não foram listados. E há mais notícias, C. Três milhões de soldados alemães começaram a marchar pela Rússia.

— E quanto ao pacto de não agressão?

Hitler era um louco mentiroso, mas cada novo revés era como um novo tapa na cara.

— Hitler ignorou o pacto, C. Os Ursos não estão felizes.

Roger amava se referir aos soviéticos como “Os Ursos”. Parecia mesmo um nome apropriado.

— Hitler está pegando tudo o que quer. Isso não é um bom presságio para nós.

Ele não precisava nem dizer. Não demoraria muito para Hitler se apossar de metade do mundo. Seria a Inglaterra a próxima a cair?

— Lamento muito por tudo isso, C.

Roger parecia verdadeiramente triste. Talvez estivesse arrependido de não ter agido em auxílio de Rena.

Eu mal consegui trabalhar naquele dia, anestesiada por um sem-número de “e

se”.

E se Paul houvesse permanecido aqui, a salvo em Nova York? E se eu houvesse pressionado Roger mais um pouco para conseguir o visto de Rena?

Para complicar ainda mais o dia, recebi uma ligação informando que Betty Stockwell Merchant dera à luz um menino de mais de três quilos, a quem deu o nome de Walter, em homenagem ao pai dela. Apesar de estar atarefada no trabalho, escapei na hora do almoço para visitá-la no hospital. Estava louca para ver o bebê, embora desde que soubera da notícia eu viesse me obrigando a engolir a inveja junto com alguns donuts com geleia. Esperava que uma mudança de ares clareasse a minha mente. Seria bom compartilhar com Betty minhas preocupações a respeito de Paul.

Comprei as tulipas papagaio favoritas dela a caminho do hospital — não que ela precisasse de mais flores. A suíte no St. Luke’s parecia os estábulos do puro-sangue Whirlaway nas corridas de cavalo do Kentucky Derby: flores em grandes buquês, uma ferradura de rosas, e cravos em um cavalete com uma faixa em que se lia PARABÉNS!. Em um vaso, duas dúzias de rosas tingidas de azul-bebê tinham a cabeça arriada de vergonha.

— Obrigada pelas tulipas, Caroline — disse Betty. Ela estava recostada nos travesseiros da cama escolhida especialmente para ela no hospital, adorável em um casquinho de dormir de cetim cor-de-rosa com turbante combinando. — Você sempre sabe do que eu gosto.

Uma enfermeira entrou com o bebê, o solado de borracha dos sapatos dela silencioso no piso de cerâmica. Ao ver o menino, todos os meus problemas pareceram menores.

— Vá em frente, pegue-o — disse Betty, acenando em nossa direção. O bebê se acomodou, quente em meu colo, muito bem enrolado. Os punhos estavam cerrados sob o queixo, o rosto inchado como o de um pugilista. O pequeno Walter teria que ser combativo para sobreviver a pais que se davam melhor quando estavam em fusos horários diferentes. — Sei que parece ingratidão, Caroline, mas não estou pronta para um bebê — disse ela, levando um lenço a um dos cantos dos olhos.

— Como pode dizer isso, querida?

— Eu avisei a Phil que não queria um filho tão cedo, mas ele não ouviu. E depois de tudo o que fiz por ele... Usei sapatos de golfe por aquele homem!

— Você vai ser uma mãe maravilhosa.

— O serviço é excelente aqui, Caroline — disse Betty, animando-se. — Melhor do que o Plaza, estou lhe dizendo. Estavam trazendo o bebê para cá toda hora, e tive que pedir que o mantivessem no berçário. Eles são especializados em bebês lá.

— Que neném lindo — falei.

Acaricieei o punho de Walter, macio como uma pétala.

Ele se esticou em meus braços, as pálpebras se agitando em um sonho infantil.

Senti o aperto já familiar no peito e as lágrimas se acumulando nos olhos. Agora, não.

— Só falta conseguir um marido e um bebê para você, Caroline. Nessa ordem.

— É tarde para mim.

— Já começou a pegar emprestada a roupa de baixo de sua mãe? Não, certo? Então não é tarde para você.

A enfermeira entrou e pegou Walter, como se Betty houvesse apertado um botão sob a mesa de jantar chamando a empregada. Eu o segurei até o último segundo antes de ter que entregá-lo à mulher. Meus braços pareceram frios e vazios enquanto eu o observava ir embora.

— Roger me contou hoje que Paul e Rena foram presos — falei.

— Ah, não, Caroline. Sinto tanto, querida. Você sabe para onde foram levados?

Fui até a janela, os braços cruzados no peito.

— Ninguém sabe. Para uma prisão de Paris, ou para algum campo de transição, provavelmente. Não sei o que fazer.

Do lado de fora da janela, lá embaixo, no parque, um menino tentava empinar uma pipa, mas a base dela ficava batendo no chão, recusando-se a voar. A rabiola está pesada demais, pensei. Arranque-a.

— Que sofrimento para você, querida — comentou Betty.

— Não consigo trabalhar.

— Vou dar uma festa, um luau, quando voltar para casa. Pode me ajudar a planejá-la, ou pode ser minha parceira de bridge na festa dos Vanderbilt. Estou jogando com Pru, mas ela ficará feliz em ceder o lugar.

— Não consigo pensar em festas, Betty. Preciso descobrir para onde levaram Paul.

— Esqueça isso, C. É tudo terrivelmente triste, mas você nunca terá uma vida normal com Paul Rodierre.

— O que é normal é muito relativo.

— Por que você sempre complica as coisas? Você e David poderiam ter...

— David me deixou.

— Ele teria se casado se você ficasse mais tempo por perto. Uma turnê de dez cidades com uma peça não fortalece um relacionamento. Os homens gostam de ser o centro do seu mundo. Agora que você está mais assentada, precisa se apressar para se casar e ter filhos. Os óvulos se desintegram, você sabe.

Bastou a menção dos óvulos flutuando dentro de mim, frágeis e microscópicos, para me fazer encolher.

— Que ridículo, Betty.

— Diga isso aos seus ovários. Há bons partidos espalhados por toda Nova York e você está caçando um homem em uma prisão francesa.

— Tenho que voltar para o trabalho. Você morreria se fosse um pouco solidária? Estamos falando da vida de pessoas.

— Lamento que você não queira ouvir isso, mas ele não é exatamente do nosso nível, querida.

— Do nosso nível? Meu pai foi um homem que venceu na vida pelo próprio esforço.

— Depois que os pais dele o mandaram estudar na rigorosa St. Paul's.

— Com todo o respeito ao seu irmão, ser mimado pelos pais não é bom para formar o caráter de ninguém.

— Isso vindo de uma mulher que foi vestida pelas empregadas até os dezesseis anos. Ah, vamos ser práticas sobre tudo isso, Caroline. Não é tarde demais, você sabe...

— Para quê? Para salvar a minha reputação? Devo me casar com alguém que não suporto só para ter um parceiro de luau? Você pode ter um bebê e um marido, mas eu quero ser feliz, Betty.

Betty pegou a bainha de cetim da manta.

— Ótimo, mas não venha chorar no meu ombro quando tudo isso terminar mal.

Eu me virei e saí, pensando como podia ter uma amiga que não dava a mínima para a minha sincera felicidade. Eu não precisava de Betty. Tinha mamãe. Isso teria que bastar por enquanto.

Não havia nada neste mundo de que eu não estivesse disposta a desistir por Paul.

* * *

MAIS TARDE NAQUELA mesma semana, Roger me contou que o consulado não poderia mais me ajudar a mandar os pacotes de assistência para a França. Os cartões-postais e as cartas continuavam chegando dos orfanatos franceses, requisitando ajuda da forma mais gentil possível. Como eu poderia dar as costas a eles? Não ousei pedir que mamãe me desse dinheiro das contas de casa. Desde a morte de papai, ela vinha se virando com pouco. Por algum tempo, esperei por um milagre, mas então percebi aonde precisava ir.

À loja de antiguidades Snyder and Goodrich.

Anos antes, mamãe chegara a sugerir que poderíamos dispor da parte da prataria que era menos usada e doar os lucros para a caridade. Não fiquei surpresa, já que ela herdara de mamãe Woolsey não só a prata como também a inclinação para a caridade. Minha mãe nunca media nosso valor em ouro, por isso eu sabia que ela não sentiria falta de alguns garfos para ostras que não haviam sido tocados desde a Guerra Civil.

Eu nunca mexeria nos garfos de jantar, é claro.

A Snyder and Goodrich Antiguidades ficava a uma distância necessária no centro da cidade para ser discreta, ao lado de uma próspera lojinha que vendia apliques de

cabelo muito realistas. Cada um reagia de um modo diferente quando se via na Snyder and Goodrich, vendendo as heranças de família para sustentar um tio viciado em jogo, ou para pagar impostos atrasados. Uma prima de segundo grau de Betty, cujo marido fora para a cadeia por fraude fiscal, tomou um frasco de comprimidos no dia em que a porcelana que ganhara de presente de casamento foi levada para a Snyder and Goodrich. Ela se recuperou, mas sua reputação, jamais.

Os que tinham baldes de dinheiro para desperdiçar não se incomodavam nem um pouco com as aparências. Depois da faxina de primavera, mandavam um motorista de libré ou uma empregada uniformizada até a S&G com os itens de que dispunham. Um tapete persa Hamadan sujo. Tigelas Limoges para lavar os dedos.

Mamãe nunca teve um motorista para atendê-la na cidade, e nossas poucas empregadas restantes estavam em The Hay. Assim, certa manhã, peguei no armário da prataria, em uma pirâmide de vários rolos de tecido próprio para preservar prata, o rolo que envolvia os garfos de ostras, e eu mesma os levei à S&G. O Sr. Snyder sem dúvida ficaria feliz ao ver a prata Woolsey.

Entrei na loja e me vi em meio a uma nuvem de fumaça de cigarro. Tinha-se a impressão de que havia mais vitrines naquela loja do que em todo o Museu de História Natural. As paredes estavam cheias de estantes até o teto, e havia mais ao redor do perímetro da loja, com o balcão alto, a pouca distância da parede. Todas mostravam as evidências, em fiapos de algodão, de que um limpa-vidros acabara de ser passado e estavam cheias de artefatos para o lar arrumados por categoria: espadas em bainhas decoradas e franjadas; moedas, pinturas e legiões de cálices combinando. Prata pura separada, a uma distância discreta, do que era banhado à prata.

Um homem de boa aparência, com mais de sessenta anos, estava parado diante de uma das vitrines na altura da cintura. Ele forrara o tampo da vitrine com páginas do *New York Times* e estava polindo um conjunto de prata para caviar com palitos de fósforo, pauzinhos de madeira pontiagudos e panos de polir arrumados em círculo ao redor de um artigo. Eu consegui ler a manchete de cabeça para baixo: HITLER COMEÇA A GUERRA NA RÚSSIA, COM EXÉRCITOS MARCHANDO DO ÁRTICO PARA O MAR NEGRO; QUEDA DE DAMASCO; EUA ESVAZIAM CONSULADOS EM ROMA.

O homem se apresentou como Sr. Snyder, desenrolou o embrulho de feltro e pegou um garfo de ostra com o mesmo cuidado com que outros extraem o açafrão de um pistilo. Com a lupa de joalheiro em um dos olhos, ele examinou o brasão da família Woolsey no topo do garfo. O Sr. Snyder sem dúvida ficara impressionado com o brasão extraordinário em prata: a silhueta de dois leões em filigrana, segurando o escudo entre eles, e acima um braço nu, com uma tíbia na mão, erguendo-se do elmo de um cavaleiro medieval.

O Sr. Snyder leu as palavras inscritas na faixa da divisa: *Manus Haec Inimica Tyrannis*.

— É nosso lema de família. Significa: “A mão com a tibia só deve ser erguida em fúria contra um tirano ou contra a tirania em si.” — Como o Sr. Snyder não ficaria ansioso para ter uma história daquelas em sua loja? — Qual é o seu melhor preço? — perguntei.

— Isso aqui não é uma venda de garagem, Srta. Ferriday. O mercado das pulgas de Clignancourt fica para lá — disse ele, apontando na direção de Paris com um dedo manchado.

O Sr. Snyder falava um inglês excelente, com apenas um traço de sotaque alemão. Embora o sobrenome dele parecesse britânico, ele viera da Alemanha. Presumi que Snyder já fora Schneider e havia sido anglicizado por motivos de negócios. Depois da Primeira Guerra Mundial, imigrantes alemães haviam sido alvo de preconceito nos Estados Unidos, embora essa tendência tivesse sido revertida no país nos últimos tempos, e muitos americanos fossem decididamente pró-Alemanha. Era provável que acrescentassem o nome de um sócio para fazer a loja soar mais britânica, já que não havia nenhuma prova da existência de um Sr. Goodrich.

O Sr. Snyder tateou por todo o garfo de ostra como um homem cego faria com um rosto, flexionou as extremidades dos dentes, e bafejou sobre ele.

— Os dentes não dobram. Isso é bom. O selo está empanado. Esses garfos já foram mergulhados em algum produto?

— Nunca — respondi. — Apenas tecidos de algodão e polidor de prata Goddard’s.

Contive o impulso de bajulá-lo com um sorriso. Ao menos com os franceses, sorrir era um erro tático, um sinal de fraqueza americana.

O Sr. Snyder pegou a extremidade quadrada de um palito de fósforo e esfregou-a no selo. O rosado do couro cabeludo dele, que cintilava abaixo do cabelo branco ralo, combinava com o polidor no pano.

— Bom — disse, acenando com o dedo para mim. — Mas sempre deixe a prata no escuro, limpe-a apenas quando precisar. Isso a protege.

— A prata pertenceu à minha bisavó, Eliza Woolsey — falei, surpresa por sentir uma súbita vontade de chorar.

— Tudo aqui pertenceu à bisavó de alguém. Não compro um garfo de limão, de sardinha, de cereja ou de ostras há cinco anos, menos ainda os seus doze. Não há mercado para eles.

Para alguém que proclamara os benefícios de deixar a prataria escurecer, mantinha a dele muito brilhante.

— Talvez eu tente a Sotheby’s — falei.

O Sr. Snyder começou a enrolar o pano marrom.

— Ótimo. Eles não conseguem diferenciar uma colher de sopa de uma pá de nozes.

— A prata Woolsey aparece no livro *Tesouros da Guerra Civil*.

O Sr. Snyder acenou com uma das mãos para a vitrine atrás dele.

— Aquela poncheira Astor é da Revolução Francesa.

Ele mudou de atitude quando passei a usar sua língua materna. Pela primeira vez, fiquei feliz por papai ter insistido para que eu aprendesse alemão.

— O livro também menciona uma xícara encantadora que pertenceu à minha bisavó, Eliza Woolsey — falei, arrancando das profundezas da mente o passado do verbo “pertencer”.

— Como sabe alemão? — perguntou ele com um sorriso.

— Aprendi na escola. Na Chapin.

— Sua xícara encantadora é de prata? — questionou, ainda em alemão.

— Sim, com ouro. Eliza a recebeu da família de um cabo de quem cuidou como enfermeira em Gettysburg. Ele teria morrido por causa dos ferimentos que sofrera se não fosse por ela. E a família do rapaz mandou-lhe a xícara, com uma linda carta.

— Gettysburg, uma batalha terrível. A xícara tem alguma gravação?

— “Para Eliza Woolsey, com a mais profunda gratidão” — falei. — E tem o deus Pã na frente, segurando cestas de flores douradas.

— A senhorita ainda tem essa carta?

— Sim, ela conta em detalhes a fuga do cabo pelos pântanos de Chickahominy.

Eu preferia tomar um tiro a me separar daquela xícara, mas a história amaciou o Sr. Snyder o bastante para que ele me fizesse uma oferta pelos garfos.

— Quarenta e cinco dólares é o meu melhor preço — disse ele. — A prata não se recuperou desde as últimas dificuldades financeiras.

Já haviam se passado mais de dez anos desde a Terça-Feira Negra. Em 1941, a economia estava se recuperando, mas algumas pessoas ainda não conseguiam se obrigar a dizer a palavra “depressão”.

— Sr. Snyder, o senhor poderia derreter os garfos e conseguiria setenta e cinco dólares.

— Sessenta.

— Muito bem — concordei.

— É um prazer negociar com a senhorita — comentou ele. — Os judeus entram aqui como se estivessem me fazendo um favor.

Eu me afastei do balcão.

— Sr. Snyder, lamento se lhe dei a impressão de que toleraria qualquer tipo de difamação. Não sei como as coisas funcionam na Alemanha, mas não faço negócio com antissemitas.

Enrolei meus garfos no tecido marrom.

— Por favor, Srta. Ferriday. Eu me expressei mal. Perdoe-me.

— Este país foi fundado sob os princípios da igualdade e da justiça, e o senhor faria bem se procurasse se lembrar disso. Acho que não seria bom para os seus

negócios se as pessoas achassem que o senhor cultivava sentimentos negativos em relação a qualquer grupo que seja.

— Certamente me lembrarei disso — afirmou ele, e puxou com gentileza os garfos da minha mão. — Por favor, aceite as minhas mais profundas desculpas.

— Desculpas aceitas. Não guardo ressentimentos, Sr. Snyder, mas cobro, sim, que as pessoas com quem faço negócio tenham uma conduta exemplar.

— Agradeço por isso, Srta. Ferriday, e lamento tê-la ofendido.

Deixei a Snyder and Goodrich naquele dia com otimismo renovado e dinheiro suficiente no bolso para postar meus pacotes de assistência e uma caixa doada de Ovomaltine. Eu me consolei com a ideia de que às vezes é preciso fazer negócio com o diabo para ajudar os que estão passando necessidade. Eu fizera negócio com um antissemita, mas fora a serviço dos que estavam sitiados.

Graças ao Sr. Snyder, cinquenta crianças órfãs francesas saberiam que não haviam sido esquecidas.

CAPÍTULO 16

Kasia

1941-1942

BINZ ME MANDOU para a solitária por duas semanas por causa de minha insubordinação a Irma Grese. O bloco de punições estava à altura de sua reputação: confinamento solitário em uma cela escura e fria, mobiliada apenas com um tamborete de madeira. Exércitos de baratas. Passei a maior parte do tempo chorando pela Sra. Mikelsky e planejando cenários de vingança contra os alemães, a escuridão crescendo no meu peito. Eles iriam pagar pelo que fizeram à Sra. Mikelsky. Ali, naquela cela escura, eu desempenhava vários papéis na cabeça. Eu, liderando uma fuga em massa. Eu, assassinando Binz com a perna de um banco. Eu, escrevendo letras em código para *papa*, expondo os nomes de todos. Eu teria que ser paciente, mas esse dia chegaria.

Na primavera seguinte, *matka* nos visitou em um domingo, uma bênção dos deuses, afinal ela havia se mudado para o dormitório da elite e raramente a víamos. Ela nos surpreendeu em nosso beliche antes da hora de dormir, enquanto Luiza, Zuzanna, Janina e eu nos juntávamos para um jogo bobo, que chamávamos de “O que eu levaria na Estrada da Beleza”. Àquela altura, a Estrada da Beleza havia assumido um significado diferente. No caso de uma execução, era a estrada que a acusada era obrigada a percorrer até o muro. Se a moça em questão tivesse sorte, ela teria tempo para que sua família no campo de concentração a penteasse e arrumasse sua roupa, de modo que ela ficasse bonita em sua caminhada derradeira.

Nesse jogo, cada uma de nós competia para inventar o que levaríamos se tivéssemos que caminhar para a morte no muro de execução. Por mais estranho que possa parecer, àquela altura esses jogos mórbidos nos davam certo conforto, tais como o “Fumaça rosa, fumaça azul”, no qual prevíamos a cor da fumaça da moça em questão no crematório na cidade. Cansadas e com uma fome terrível, depois de doze horas de trabalho, rir daquilo tudo ajudava.

Matka subiu no meu beliche e me beijou na testa. Ela usava a braçadeira amarela das prisioneiras privilegiadas que podiam perambular pelo campo. Passei o dedo

pelas letras vermelhas em relevo bordadas no pano e senti um calafrio estranho atravessar meu corpo.

Ignorei meus sentimentos nefastos. Como era bom vê-la! Meu olho captou o pedacinho de barbante azul que ela havia amarrado no dedo anelar. Para lembrá-la de que ainda estava casada com *papa*?

— Só posso ficar um pouquinho — disse ela, ofegante por ter corrido o caminho todo desde o Bloco Um.

As portas eram fechadas às nove da noite, sem exceções. Mesmo com a braçadeira amarela, se descobrissem que *matka* tinha passado a noite fora de seu bloco, ela enfrentaria a solitária ou coisa pior. Além do mais, havia novas regras para evitar amizades, principalmente entre as polonesas. Nada de fazer visitas pelas janelas dos blocos. Nada de ajudar outra prisioneira durante a *appell*. Nada de falar uma com a outra sem permissão.

Matka abraçou todas nós, uma de cada vez, e eu inspirei o seu aroma doce para absorvê-lo. De baixo da saia, ela retirou um pacote, embrulhado em pano branco limpo, e o abriu para revelar um pedaço inteiro de pão branco. Estava dourado em cima, salpicado com grãosinhos de sal. O cheiro de fermento daquele pão! Nós todas o tocamos, uma de cada vez.

— Outro pão? — perguntou Zuzanna. — Onde arrumou isso?

Matka sorriu.

— Não comam tudo de uma vez, se não vão ficar doentes.

Zuzanna escondeu o pão debaixo do nosso travesseiro. Que presente incrível!

Luiza se aconchegou mais perto de *matka*.

— Acho que descobri meu maior talento.

— Qual é? — perguntou *matka*. — Não faça suspense.

Luiza tirou do bolso uma bola de lã azul-bebê.

Eu peguei o novelo da mão dela.

— Como conseguiu isso?

Ela o guardou de novo.

— Troquei por um cigarro que encontrei na *Platz*. Minha supervisora diz que nunca viu uma pessoa tricotar tão rápido. Acabei dois pares de meia hoje. Já não sou designada para avaliar o pelo de coelho. A partir de agora, só vou tricotar, na *Strickerei*.

A *Strickerei* era a oficina de tricô do campo, um lugar esquisito reservado para as pessoas que tricotavam melhor e mais depressa. Uma espiada lá dentro revelava mulheres em filas tricotando de maneira incrivelmente rápida, como um filme passando em grande velocidade pelo projetor.

Toquei o braço dela.

— Sabia que essas meias vão para a frente de batalha, para aquecer os pés dos

soldados alemães?

Luiza se afastou de mim.

— Não me importo. Quando eu sair daqui, vou abrir uma oficina de tricô, com lãs de todas as cores, e vou tricotar o dia inteiro.

— Que maravilha — disse *matka*, puxando Luiza para mais perto. — Está para acontecer a qualquer momento agora. Sem dúvida *papa* e outras pessoas...

Seus olhos se voltaram para mim rapidamente. Outras pessoas? Lennart?

— ...estão trabalhando para sermos libertadas.

— Nós íamos jogar “O que eu levaria” — disse Janina.

Ainda era estranho ver Janina sem o cabelo ruivo-flamejante. Depois que rasparam totalmente a cabeça dela no nosso primeiro dia no campo, seu cabelo havia crescido fino e castanho, como a penugem de um filhote de pardal. Muitas prisioneiras tiveram permissão de manter o cabelo, mas Binz fizera questão de raspar o de Janina, só porque ela fez tanto alarde sobre o assunto.

— *Matka* não quer jogar isso — disse Zuzanna, séria.

— É um jogo bobo, mas quer jogar conosco? — perguntou Janina.

— É claro — respondeu *matka*. — Se for rápido.

Ela faria qualquer coisa para nos deixar felizes.

Janina nos aproximou.

— A senhora tem que dizer o que levaria ao descer a Estrada da Beleza.

Matka inclinou a cabeça para o lado.

— Você quer dizer...

— Se for a sua última caminhada. Por exemplo, eu levaria o mais lindo par de sapatos, com os saltos mais altos. De couro preto. Não, camurça. Para caminhar bem alta. Ah, e o cabelo como o da Rita Hayworth...

— Aí são duas coisas — disse Luiza.

— E seios postiços.

— Janina! — reprimiu Zuzanna.

— O quê? Eu queria ter peitos uma vez na vida. Se vou morrer, quero estar linda.

Zuzanna entrou no jogo.

— Eu levaria uma caixa dos melhores chocolates poloneses, de todo tipo. Baunilha, caramelo, avelã...

— Pare — pediu Janina.

Ela detestava quando alguém falava sobre comida e tapava os ouvidos quando as moças recitavam sem parar seus pratos e receitas favoritos.

Luiza se sentou mais ereta.

— Eu levaria meu tricô. Assim que Binz visse como era bonito, me pouparia.

Matka abriu um sorriso, absorvendo tudo. Era bom vê-la sorrir.

Era a minha vez. Ouvi uma *stubova* chamar alguém do banheiro. Ela estava perto,

então manteve a voz baixa.

— Eu levaria um colchão com um gigantesco edredom de pena de ganso e dormiria no caminho. As guardas de Binz teriam que me carregar, e a própria Binz me abanaria com uma enorme pena de avestruz cor-de-rosa.

Janina abafou uma risada com um grunhido.

— O que a senhora levaria? — sussurrou Zuzanna, ainda rindo, para *matka*.

Ela pensou bastante, olhando para baixo, para as próprias mãos, por tanto tempo que pensamos que não iria jogar. Quando finalmente falou, exibiu uma expressão estranha.

— Eu levaria um buquê de flores: rosas e lilases.

— Ah, eu amo lilases — disse Luiza.

— Eu caminharia com a cabeça erguida e, no caminho, entregaria esse buquê para as guardas e lhes diria que não se culpassem pelo que tinham feito.

Será que *matka* não havia entendido o objetivo de diversão do jogo?

— Quando chegássemos ao muro, eu recusaria a venda e gritaria “Viva a Polônia!” antes de... — *Matka* voltou a olhar para as mãos. — Eu sentiria muita falta de todas vocês — completou com o mais discreto dos sorrisos.

Essa resposta séria fez Zuzanna desmanchar sua expressão alegre imediatamente. Nós também paramos de rir, e tudo ficou em silêncio. O fato de que aquilo podia acontecer era terrível demais para se pensar.

Matka deve ter percebido que nós estávamos todas prestes a nos debulhar em lágrimas, então mudou de assunto.

— A *Revier* está funcionando muito melhor agora...

— Como está a médica? — perguntei.

Tantas perguntas e tão pouco tempo...

— Satisfeita por tudo estar mais organizado, só que não posso mais deixar as doentes permanecerem muito tempo. — Ela se inclinou e baixou a voz. — Eles descartam as prisioneiras inaptas para trabalhar, então fiquem longe dali. A médica não é confiável. É melhor vocês manterem distância.

— Alemães — disse Zuzanna. — Fico com vergonha pela nossa ascendência alemã, *matka*.

— Não diga isso. Você devia conhecer a boa farmacêutica da cidade, Paula Schultz. Quando vem entregar os remédios da SS, ela me fornece alguns itens, como tinta de cabelo para as mulheres mais velhas parecerem mais jovens e não serem selecionadas. Estimulantes cardíacos para que as mais fracas aguentem a *appell*. Ela me disse que os americanos estão...

Uma *stubova* passou por nosso beliche, escovando os dentes, e cuspiu em uma caneca de lata.

— Luzes apagadas! — gritou ela.

Dei um abraço apertado em *matka*, incapaz de deixá-la ir, chorando como uma criança, até que ela teve que se desvencilhar e sair sorrateiramente, com medo de ser pega. Senti tanta vergonha de agir assim, mas observá-la pela janela ao descer correndo a Estrada da Beleza e se virar para nos jogar um beijo na escuridão foi pior do que a fome ou qualquer surra.

Uma agonia terrível.

* * *

MAIS TARDE NAQUELA semana, Roza veio até o dormitório antes da *appell* da manhã e leu uma lista de dez prisioneiras que deveriam se apresentar na *Revier*. Luiza, Zuzanna e eu estávamos na lista.

Depois que as outras saíram para trabalhar, Roza nos levou pela Estrada da Beleza até lá.

— Me acompanhem, meninas — disse ela de modo gentil.

Onde estava a velha Roza que batia em nós pela lerdeza? Um dos meus pressentimentos surgia no peito. O nascer do sol naquela manhã deixava o céu azul e cor-de-rosa, à medida que nos aproximávamos do bloco cinzento da *Revier*.

Eu me virei para Zuzanna.

— O que está acontecendo?

— Não sei — respondeu ela, fechando os olhos por causa do sol matutino.

— Temos a *matka* — falei.

— É claro — confirmou Zuzanna de maneira distante.

A *Revier* estava estranhamente silenciosa naquele dia. *Matka* não estava em seu posto na grande mesa de madeira na recepção. Meu olhar se fixou no tamborete amarelo vazio, no qual ela geralmente se sentava para verificar os pacientes todo dia.

— Onde está a sua mãe? — sussurrou Luiza quando passamos por lá.

Zuzanna olhou em torno.

— Deve estar em algum lugar por aqui.

Roza nos entregou a duas robustas enfermeiras da SS, em uniformes marrons; os bonés, mais parecendo bolos brancos impecáveis, presos com grampos nos cabelos penteados para cima. Elas nos levaram pelo corredor até uma enfermaria, uma sala caiada de branco entulhada com três beliches e três camas de solteiro. Uma janela do tamanho de um capacho ficava bem no alto da parede, quase tocando o teto baixo. De repente, a janela se fechou. Por que não havia ar ali?

Uma garota que eu conhecia das Bandeirantes chamada Alfreda Prus estava sentada em uma das camas vestindo uma camisola de hospital, as mãos cruzadas no colo.

Limpei um pouco de suor do meu buço. O que estava acontecendo conosco?

Uma das enfermeiras nos mandou tirar as roupas, dobrá-las cuidadosamente e vestir camisolas de hospital com a abertura para as costas. Enchi o peito de ar a ponto de estourar, e depois expirei devagar. Eu ficaria calma por causa de Luiza.

Assim que as enfermeiras saíram, Zuzanna caminhou pelo quarto. Ela pegou uma prancheta de um gancho no pé de um leito e observou o quadro anexado.

— O que você acha que está acontecendo aqui? — perguntou Luiza.

— Não tenho certeza — respondeu Zuzanna.

— Fique perto de mim — falei.

— Já estou aqui há dois dias apenas na companhia de uma cigana maluca — disse Alfreda. — Elas levaram a cigana hoje de manhã. O que vocês acham que estão tramando? Há mais moças no quarto ao lado. Ouvi alguém chorando.

Zuzanna se aproximou da porta entre os dois quartos e tentou girar a maçaneta de metal.

— Trancada — comentou ela.

Logo as enfermeiras trouxeram mais polonesas, incluindo uma moça alta e quieta chamada Regina que usava óculos de leitura redondos e dava aulas clandestinas de inglês em nosso bloco. Janina Grabowski também veio. Vestimos as camisolas, e Janina e Regina riram, já que as aberturas para trás deixavam nosso traseiro exposto.

— Será que vão nos mandar para outro campo e por isso tenham que fazer exames especiais em nós? — perguntou Alfreda.

— Talvez estejam nos mandando para um bordel — disse Regina.

Todas nós sabíamos sobre o bordel que estava sendo montado em outro campo. Binz havia feito mais de um anúncio de recrutamento na *appell*. Ela prometera que, em troca de alguns meses de serviço, as voluntárias receberiam roupas e sapatos da melhor qualidade e teriam assegurada a sua libertação do campo.

— Pare, Regina — falei.

Luiza pegou minha mão, e, quando nossas palmas se tocaram, ambas estavam molhadas.

— Prefiro a morte — disse ela.

— Eu trouxe meu caderno de expressões em inglês — comentou Regina, colocando-o embaixo de um dos travesseiros. Ela o montara com oitenta folhas de papel higiênico, escrevendo com letra miúda.

— Grande coisa termos um livro agora — disse Janina. — Somos cobaias de laboratório para eles. Vocês precisam que eu desenhe para entender?

— Espero que não nos deem injeção. — Foi a vez de Alfreda.

Luiza se aproximou de mim.

— Não posso tomar injeção.

Para nos acalmarmos, Luiza e eu nos sentamos em uma das camas e observamos

uma cambaxirra construir um ninho no lado de fora da janela, voando para longe e depois voltando com mais material. Em seguida fizemos perguntas uma para a outra, do livro de inglês. *Hello. My name is Kasia. Where might I find a taxicab?*

Logo uma enfermeira entrou com um termômetro, uma bacia de metal e uma lâmina de barbear.

— Por que elas iriam nos raspar? — sussurrou Luiza.

— Não sei — respondi.

Será que iriam fazer alguma cirurgia em nós? Deve haver algum erro. Como *matka* deixou isso acontecer?

A bela enfermeira Gerda entrou apressada com mais duas mulheres, uma delas carregando uma bandeja com seringas e frascinhos. Gerda se aproximou de Luiza.

— Não, por favor — disse Luiza, enroscando os braços em volta do meu pescoço, e a abracei com firmeza ao redor da cintura.

— Por favor, não a machuque — falei. — Me pegue no lugar dela.

Zuzanna veio se sentar perto de Luiza na cama.

— Tenha piedade. Luiza só tem quinze anos e morre de medo de injeção.

As ajudantes de Gerda arrancaram os braços dela do meu pescoço.

— Não vai ser tão ruim assim. — Gerda se dirigiu a Luiza com um sorriso. — Logo você vai ver flores e ouvir sinos.

Elas obrigaram Luiza a se deitar em uma maca e estenderam o braço dela. Tapei os olhos enquanto ela chorava com a picada da agulha. Imediatamente Luiza ficou sonolenta, e Gerda e as outras enfermeiras a levaram na maca.

Zuzanna se aproximou do meu catre no fundo do quarto.

— Acho que elas vão...

— Nos operar? — Senti uma pontada de medo só em dizer as palavras.

— Vão me levar em seguida. Vão querer levar as difíceis primeiro.

O som das rodas bamboleantes de outra maca ecoou no corredor.

— Precisamos falar com *matka* — falei.

Gerda entrou com a maca no quarto e acenou para Zuzanna.

— *Auf die Bahre* — disse ela com um sorriso. Suba na maca.

— O que está acontecendo aqui? — Zuzanna se sentou mais reta. — Temos o direito de saber.

Gerda se aproximou de Zuzanna e a puxou pelo braço.

— Venha logo. É melhor não fazer escândalo. Você precisa ser corajosa.

Agarrei o outro braço de Zuzanna quando Gerda a puxou para a maca.

— A senhora não pode fazer isso conosco.

Zuzanna esmurrou Gerda no braço, o que a fez chamar duas *kapos* fortes de triângulo verde. Elas entraram apressadas, empurraram Zuzanna para a maca e a amarraram com tiras de algodão branco.

— É melhor você não resistir — falou Gerda. — Logo, logo, isso vai acabar, e você vai ser libertada para voltar para a Polônia.

Será que isso podia ser verdade?

Eu me aproximei de uma *kapo* e perguntei:

— Para onde está levando a minha irmã?

Janina e Regina observavam tudo, abraçando-se em uma das camas inferiores de um beliche.

A *kapo* me empurrou para trás, enquanto Gerda tentava enfiar uma agulha no braço de Zuzanna.

— Somos prisioneiras, e não cobaias — falei.

Zuzanna ficou quieta, e Gerda empurrou a maca para fora do quarto.

— Amo você, Kasia — disse ela enquanto a levavam.

Em alguns minutos, Gerda voltou para me pegar. Lutei enquanto as *kapos* me empurravam para a maca, mas, depois de presa, comecei a tremer como se estivesse coberta de gelo. Ela segurou meu braço esticado, e senti a picada da injeção na parte de dentro do cotovelo.

— Vocês, moças, são piores do que os homens — disse ela com uma risadinha.

Homens? Que homens? Onde eles estavam?

O tempo se dissolvia. Seria morfina? Alguém me levou de maca até uma sala com uma luz redonda pendurada no teto e tapou meu rosto com uma toalha. Senti uma injeção intravenosa e uma mulher me disse para contar de trás para a frente. contei em polonês, ela contou em alemão, e fui adormecendo.

Em algum momento daquela noite, eu despertei. Será que estava tendo alucinações? Estava deitada de costas na enfermaria, em uma cama, apenas um brilho turvo vindo da janela. Uma faixa de luz entrou subitamente no quarto quando a porta se abriu e fechou. Senti o perfume da minha mãe e pensei que ela tivesse ficado alguns segundos perto da minha cama, e então senti que ela me cobria, levantando o colchão e puxando o lençol que sobrava por baixo, apertando bem, como ela sempre fazia. *Matka!* Senti seus lábios se aproximando da minha testa e se demorando ali.

Tentei esticar a mão, mas não consegui. *Por favor, fique.*

Logo veio outro clarão de luz, e ela desapareceu.

* * *

NA MANHÃ SEGUINTE acordei como se estivesse emergindo das profundezas do oceano.

— *Matka?* — Era Luiza, chamando da cama dela, perto da minha. — Estou com tanta sede, *matka*.

— Estou aqui, Lu — falei.

Eu me ergui nos cotovelos e vi que todas as camas estavam ocupadas. Todas as moças, com exceção de Zuzanna, tinham gesso ou bandagens de papel em uma das pernas. Algumas ainda estavam gemendo e chamando pela mãe, pelo marido ou pelos filhos. Todas estávamos com muita sede. Elas me haviam colocado na cama mais perto da janela, Zuzanna do lado oposto na mesma fileira, mais perto da porta do corredor.

— Zuzanna? — gritei, mas ela não respondeu. Havia vomitado nos lençóis.

— *Matka!* — gritei o mais alto que consegui.

Será que ela realmente tinha me visitado na noite anterior? Ou fora só um sonho?

Minhas próprias sensações de dor e náusea eram terríveis. Quando acordei pela primeira vez, não estava certa se ainda tinha a perna, mas depois vi que ela estava enrolada em um gesso compacto dos dedos dos pés até o alto da coxa. Eu sentia um material indistinto lá dentro, como se estivesse revestida de algodão. Algumas de nós tinham símbolos em nossos gessos ou bandagens perto do tornozelo: AI, CII e coisas semelhantes. Algumas tinham sido operadas na perna esquerda, outras na direita, ou ainda em ambas. No meu gesso, percebi o número “um” escrito em algarismo romano com marcador preto. O que significava?

Como suplicamos por água! Nada nos era dado, a não ser quando a Dra. Oberheuser nos entregava um copo com vinagre. Intragável.

Eu entrava e saía do estado de consciência. Estávamos todas zonzas, mas as condições de Alfreda e Luiza eram especialmente ruins. Havia uma grande letra T marcada nos gessos das duas. No início, Alfreda apenas chorava de dor, mas logo sua nuca ficou rígida e sua cabeça arqueou para trás. À medida que a manhã passava, os braços e as pernas ficavam rígidos.

— Por favor, me ajude — disse Alfreda. — Água. Por favor.

Janina se levantou de algum modo naquele primeiro dia e veio pulando de cama em cama, fazendo o máximo que podia para nos reconfortar, alisando os cobertores e levando a nossa única comadre para as outras.

— A água está chegando — disse ela, sofrendo de terríveis ânsias de vômito.

— *Matka*, é Kasia! — gritei, esperando que ela me ouvisse da sua mesa na *Revier*, mas não vimos uma única alma, além da Dra. Oberheuser e da enfermeira Gerda, que vinham até nossas camas.

Em algum momento, no meio da noite, Luiza me acordou. Há quanto tempo estávamos lá? Dois dias? Duas semanas? Difícil dizer, pois as horas se misturavam.

— Kasia. Está acordada? — perguntou.

Arcos de luz dos holofotes da torre cruzavam o cômodo em zigue-zague em intervalos regulares, iluminando o rosto pálido de Luiza, crivado de dor. Ela tremia toda, com terríveis calafrios.

— Estou aqui, Lu — respondi.

Ela esticou o braço pelo espaço entre nossos catres, e peguei a sua mão fria.

— Por favor, diga para a minha mãe que fui corajosa.

— Você mesma vai dizer a ela.

— Não, Kasia. Estou com tanto medo. Sou capaz de enlouquecer com isso.

— Me conte uma história. Mantenha a sua mente ocupada.

— Sobre o quê?

— Qualquer coisa. A história sobre a cicatriz de Pietrik.

— A mamadeira? Já contei umas cem vezes.

Esperei que o arco de luz chegasse até o meu rosto e a observei com firmeza.

— Conte de novo.

— Não consigo, Kasia.

— Não desista, Lu. Me conte a história.

Ela respirou fundo.

— Quando Pietrik era bebê, minha avó, que Deus abençoe a sua alma, deu uma mamadeira de vidro com água para ele beber no berço.

— Ele era um bebê bonzinho, Lu?

— Você sabe que ele era. Mas por algum motivo ele quebrou a mamadeira nas grades do berço e cortou a parte superior do nariz. Nossa *matka* veio correndo quando ouviu os gritos dele.

— Não se esqueça do sangue.

— Havia tanto sangue que o rosto dele estava completamente coberto. Minha avó desmaiou no chão do quarto. Ela desmaiava por qualquer coisa...

Luiza estava sonolenta.

— E depois? — perguntei.

— Os médicos deram pontos. O vidro não machucou seus lindos olhos azuis, mas agora ele tem aquela cicatriz horrível atravessando o nariz.

— Não acho que seja horrível, de jeito nenhum.

A luz captou o sorriso de Luiza, mas, por algum motivo, isso apenas a fez parecer mais doente.

— Ele bem que poderia ter duas cabeças, e você ainda seria louca por ele. Não estou certa?

— Acho que sim. Mas ele ama Nadia. E ela ama Pietrik. Uma garota não compra todos os dez cartões de dança de um rapaz se não estiver apaixonada.

— Você pode estar errada, sabe. Nadia me disse que deixou algo para você. No lugar secreto de vocês.

Luiza sabia do nosso lugar secreto? Nada era sagrado.

— Você precisa dormir um pouco agora.

— Vou dormir, mas só se antes você me disser o seguinte: é pecado quebrar uma promessa?

— Depende da promessa — respondi.

Luiza virou o rosto em minha direção. Mesmo aquele pequeno movimento parecia lhe causar grande dor.

— Mas eu jurei por Deus. Será que Ele vai achar ruim?

— Deus está em dívida conosco por ter nos colocado aqui.

— Isso é uma blasfêmia.

— Pode contar, Lu. Que promessa?

— Bom, é de Pietrik.

Tudo se acelerou. Sobre mim?

— Jure que você nunca vai contar para ele que eu disse. Provavelmente nunca mais vou ver meu irmão, mas não ia suportar que ele se lembrasse de mim como uma linguaruda.

— Não pode pensar assim, Luiza. Você vai encontrar Pietrik de novo. E sabe que eu guardo segredo.

— Ele disse que descobriu uma coisa quando você dançou no cassino.

— O quê?

— Uma coisa importante.

— Luiza. Não vou ter que arrancar de você...

— Bom, ele me disse que te ama. Pronto.

— Não.

— Sim. Disse que ele mesmo falaria para você.

— Receio que eu não vá poder dançar muito mais depois disso aqui — falei.

— Não finja que você não liga. Você também ama Pietrik. Dá para perceber.

— Se você quer saber, sim. Mas ele é louco pela Nadia.

— Não, ele ama você. Nunca mentiria para mim. Você é sortuda em ter meu irmão, Kasia. Vão envelhecer e ter filhos juntos. — Ela ficou em silêncio por um minuto. — Vou sentir falta dele. E dos meus pais. Você diz para eles que eu fui corajosa, mesmo que eu não seja no final?

Segurei a mão de Luiza até ela adormecer. Depois eu mesma fiquei sonolenta, pensando em como era boa a sensação de ser amada, pensando em Pietrik bebê e em como eu nunca me perdoaria se não levasse Luiza de volta para ele.

* * *

LOGO ESTÁVAMOS TENDO febre alta, e mais garotas adoeceram. A dor em minha perna era horrível, como se um ninho de abelhas estivesse atacando a panturrilha.

Só vimos a Dra. Oberheuser na noite seguinte, e a essa altura tanto Alfreda quanto Luiza estavam incapazes de se mexer, o corpo inteiro teso, as costas arqueadas.

Tentei segurar a mão de Luiza, mas os dedos dela estavam cerrados como garras. Ela não conseguia mais falar, mas eu entendia o que seus olhos mostravam: ela estava apavorada.

Zuzanna tinha momentos de consciência, mas na maior parte do tempo eu era incapaz de acordá-la. Nos breves períodos em que estava acordada, ela ficava deitada, toda enroscada, e agarrava a barriga, gemendo. O que tinham feito com ela?

A Dra. Oberheuser entrou no quarto com a enfermeira Gerda.

— *Es stinkt hier.* — Foi tudo o que ela disse ao entrar.

Podíamos evitar que o quarto fedesse? Carne putrefata é assim.

— Por favor, senhora doutora, podemos beber um pouco de água? — perguntei, mas ela me ignorou e foi de leito em leito escrevendo nos gráficos.

— *Gleiche, Gleiche, Gleiche.* — Era tudo o que ela dizia enquanto passava de leito em leito, comparando nossas pernas operadas com as saudáveis. “Igual, igual, igual.”

— Zuzanna! — gritei.

Por que é que ela não respondia? Continuava deitada, dormindo de lado, os joelhos no peito.

A Dra. Oberheuser parou perto de Luiza, verificou seu pulso e depois fez um gesto para a enfermeira.

— Pode retirar essa daqui — disse a médica, apontando para Luiza.

Meu sangue gelou.

— Ah, não, por favor, senhora doutora. Luiza só tem quinze anos.

A enfermeira Gerda trouxe uma maca do corredor até perto da cama de Luiza.

— Ela só precisa de mais remédios — continuei. — Por favor.

A Dra. Oberheuser colocou um dedo nos lábios, fazendo um sinal para eu ficar calada.

— Por favor, deixe que ela fique comigo.

Juntas, duas enfermeiras levantaram Luiza e a colocaram na maca.

Estiquei a mão para a médica.

— Vamos ficar em silêncio. Prometo.

A Dra. Oberheuser se aproximou da minha cama e colocou a mão no meu braço.

— Você não deve acordar as outras moças.

— Onde está minha mãe? — perguntei. — Halina Kuzmerick.

A Dra. Oberheuser ficou paralisada perto de mim e retirou a mão devagar, o rosto subitamente destituído de qualquer expressão.

— Preciso falar com ela — afirmei.

A médica deu um passo para trás.

— Sua amiga vai ficar bem. Não se preocupe. Só a estamos levando para outro lugar.

Estiquei a mão até a lapela do jaleco da médica, mas o peso do meu gesso me

conteve. A enfermeira Gerda enfiou uma agulha em minha coxa.

— Diga para a minha mãe que preciso dela — falei.

Tudo ficou embaçado. Para onde tinham levado Luiza? Tentei ficar acordada. Era o som de seu choro no outro quarto?

* * *

ACHEI QUE IRIA enlouquecer depois daquilo. As moças que estavam com gesso, como eu, ficavam deitadas no mesmo lugar durante dias ouvindo música clássica, que tocava sem parar em alguma parte na *Revier*. Onde estava minha mãe? Será que ela havia ajudado Luiza? Todas perdemos a noção do tempo, mas, após um período que pareceram meses, Zuzanna tinha melhorado a ponto de conseguir se sentar. Ela suplicava à Dra. Oberheuser para remover ou trocar nossos gessos, mas a médica nos ignorava e prosseguia com seu trabalho, na maior parte dos dias de mau humor, manuseando os gráficos e nos tratando de maneira rude.

As escaras eram horríveis, mas não eram nada comparadas com as profundas dores das incisões.

Certo dia, Anise Postel-Vinay, a amiga francesa de Zuzanna com quem ela havia trabalhado na seleção das pilhagens, jogou pela nossa janela alta presentes que havia arrumado na cozinha da SS. Foi uma chuva de coisas caindo ao meu redor na cama. Duas cenouras e uma maçã. Um pedaço de queijo e um cubo de açúcar. Que chuva divina.

— Isso é para as Coelhas — disse ela, alto o suficiente para ouvirmos. Certamente iria para a solitária se fosse pega.

Eu havia enrolado em torno da minha colher de sopa um bilhete para *matka*, escrito em papel fornecido por Regina, e joguei pela janela.

— Consegue entregar isso para a minha mãe?

— Vou tentar. — Foi a resposta de Anise.

A colher voltou voando para o quarto, sem o bilhete, e aterrissou ilesa na minha cama.

— Eles baniram muitas das prisioneiras-enfermeiras da *Revier* desde as cirurgias — disse Anise.

Que notícia! Então era por isso que *matka* não pôde vir.

— Obrigada, Anise — falei.

Como era maravilhoso poder dizer a *matka* que sentíamos falta dela, mesmo que fosse por meio de um bilhete.

Depois disso, o nome Coelhas pegou, e todo mundo no campo nos chamava assim. *Króliki* em polonês. Cobiaias médicas. *Lapins* em francês. Até a Dra. Oberheuser nos

chamava de suas *Versuchskaninchen*. Coelhas experimentais.

* * *

QUATRO SEMANAS DEPOIS, todas nós com gesso tínhamos uma dificuldade tremenda em usar as comadres, e a coceira das feridas me deixava louca. Quando eu acordava coçando à noite, jazia ali febril, incapaz de pegar no sono novamente, preocupada com Luiza. O que eu diria a Pietrik? E aos pais deles? Nunca se recuperariam se perdessem Lu.

Certo dia, puxei um pedaço comprido de arame da estrutura de metal da minha cama e enfiei dentro do gesso para coçar a incisão.

Isso ajudou.

Compusemos um hino para o pudim de pão. Regina lia para nós do seu caderno de inglês e nos contava histórias do seu filhinho, Freddie, que tinha acabado de começar a andar quando ela foi presa. Eu passava horas observando o passarinho que Luiza e eu tínhamos visto montando o ninho no dia em que chegamos à *Revier*. Era encantador, até eu perceber que a pequena cambaxirra estava construindo seu ninho com mechas de cabelo humano, louro, castanho-avermelhado e castanho, tecidas junto com suas palhas.

Certa manhã, as enfermeiras vieram pegar as moças com gesso.

— Chegou a hora de retirar o gesso — disse a enfermeira Gerda, como se fosse manhã de Natal.

Eu fui a primeira a ser levada e fiquei mais do que feliz porque finalmente seríamos liberadas. Uma enfermeira me ajudou a subir na maca, colocou uma toalha no meu rosto e me levou para a sala de cirurgia. Eu ouvia a voz de diversas pessoas ali dentro, homens e mulheres, inclusive da Dra. Oberheuser e da enfermeira Gerda.

Permaneci deitada na maca, agarrando o lençol embaixo de mim, contente por ter uma toalha no rosto. Será que eu queria mesmo ver minha perna? Rezei para poder andar e dançar novamente. Será que Pietrik me acharia horrorosa? Talvez minha perna não estivesse tão ruim quando tirassem o gesso.

— Vou fazer as honras da casa — disse uma voz masculina, como se estivesse abrindo uma garrafa de champanhe caro. Será que era o Dr. Gebhardt?

Senti um metal frio percorrer a lateral da minha perna enquanto uma espécie de tesoura cortava o gesso. O ar tocou minha pele quando os dois pedaços de gesso se separaram, e alguém levantou a parte superior. O mau cheiro me atingiu mesmo embaixo da toalha. Eu me sentei, a toalha caindo, e vi as médicas e as enfermeiras recuarem. A enfermeira Gerda engoliu em seco.

— Deus do céu — disse o Dr. Gebhardt.

Tentei me apoiar nos cotovelos de forma que pudesse ver minha perna, mas Gerda tornou a estender a toalha sobre o meu rosto para me manter deitada. Consegui afastar a toalha, me sentei e vi o horror em que minha perna tinha se transformado.

Herta

1942

NÓS, ALEMÃES, ESTÁVAMOS nos sentindo otimistas com a chegada da primavera de 1942.

É verdade que havia rumores de que a guerra de duas frentes de Hitler seria a nossa derrocada, mas todas as manhãs acordávamos em Ravensbrück com mais boas notícias no *Der Stürmer*. Segundo o jornal, nosso Führer dominava a Europa, ou pelo menos as regiões que importavam. A guerra certamente estaria terminada no verão.

O final do ano anterior também trouxera sucesso para o Japão, nosso aliado, em Pearl Harbor contra os americanos, e celebrávamos seus contínuos avanços militares naquela primavera. Uma delegação japonesa visitara Ravensbrück e ficara impressionada com a organização dos alojamentos das testemunhas de Jeová e com as floreiras de janela repletas de flores. Foi Himmler quem ordenou a construção delas, já que era fundamental que um campo como Ravensbrück causasse boa impressão.

Eu tinha um álbum de recortes inteiro dedicado aos sucessos da Alemanha na Rússia. A tomada de Kiev. O avanço na direção de Moscou. É verdade que havíamos sofrido nossa primeira grande retirada a poucos quilômetros do Kremlin, devido a uma frente fria fora de época e aos uniformes leves dos nossos soldados, mas quando o Führer pediu que o povo alemão mandasse roupas quentes aos garotos, todos enviamos botas de esqui, protetores de orelhas e meio milhão de casacos de pele! O jornal previa que com a chegada do clima mais quente do verão os acontecimentos logo progrediriam em nosso favor.

Minha carreira em Ravensbrück também progrediu rapidamente. No verão, o comandante Suhren substituiu Koegel, e foi uma mudança bem-vinda. Enquanto Koegel era corpulento e prolixo, Suhren era elegante e conciso. Era um homem encantador, que valorizava o trabalho árduo que eu havia dedicado à organização da *Revier*, e nos demos bem desde o começo.

O comandante deu uma festa de boas-vindas para si mesmo em sua casa, uma confortável construção de estuque bege com telhado simples e venezianas verde-

floresta, no alto da cumeeira com vista para o campo. Naquela noite, deixei meu quarto às cinco para as sete e subi a escadaria íngreme que levava à residência do comandante.

De lá, Suhren tinha uma vista completa do campo e da área ao redor, incluindo Uckermark, o campo de jovens, e o subcampo Siemens, alguns quilômetros além. No entardecer, dava para ver as filas de *häftlings* retornando do trabalho para o campo principal, e as luzes fortes se acendendo, iluminando os blocos abaixo. A sirene soou, e as *häftlings* seguiram até o pátio para *appell*.

Estávamos fazendo um teste nos novos fornos. Duas chaminés altas se erguendo do novo *Krema* mandavam fumaça e fogo para o céu. A vista do lago era impressionante, a água prateada se estendendo até a margem do outro lado, com os conjuntos de casas de tijolos e o campanário da igreja da singular Fürstenberg. Uma porção de nuvens cinzentas se acumulava no horizonte.

Cheguei à porta com vários colegas da equipe do campo, e Elfriede Suhren, a esposa loura e magra do comandante, acenou para que entrássemos. Ao contrário de sua antecessora, Anna Koegel, que gritava com as prisioneiras cabeleireiras no salão de beleza do campo, Elfriede era uma mulher gentil, cuja principal tarefa parecia ser reunir os quatro filhos do mesmo modo que um fazendeiro faz com seus gansos.

Atravessei a sala, passando por um velho de casaco e chapéu de tirolês sentado diante de um piano tocando músicas folclóricas alemãs, e entrei em uma pequena biblioteca onde Suhren estava parado em um canto, bebendo cerveja e fumando charutos com Fritz e o Dr. Rosenthal. Troféus de caça preenchiam as paredes: cabeças de cervos, um peixe taxidermizado, um javali russo. As estantes de Suhren continham uma vasta coleção de bonecos Hummel, ainda que, curiosamente, houvesse apenas meninos.

Inicialmente, os homens estavam envolvidos demais em seu assunto preferido para notar minha presença. Falavam sobre o bordel para onde Suhren estava enviando *häftlings* de Ravensbrück em Mauthausen e os detalhes de como as vencedoras sortudas seriam esterilizadas antes de partir. Fritz me encarou e recuou para que eu me aproximasse.

Suhren e Rosenthal se afastaram, e eu me juntei a Fritz sob a boca aberta do javali russo decapitado, com uma língua falsa rosada pendurada para fora.

As coisas estavam indo bem entre Fritz e eu. Tínhamos visto um filme juntos no cinema do campo acima do complexo de garagem: *Stukas*, uma história sentimental sobre um piloto alemão que se cura da depressão ouvindo Wagner. Fritz se remexeu no assento durante todo o filme, dizendo que aquilo era ridículo, mas foi bom passarmos uma noite juntos. Ele também me deu um vaso de jacintos. A planta estava em cima da minha mesa de trabalho, perfumando o ar. Foi muito inteligente da parte dele me dar algo plantado em vez de flores cortadas, que morriam muito

depressa.

— A casa de Suhren é encantadora — falei.

Fritz tomou um gole da cerveja.

— A menos que prefira seus animais vivos.

Um cachorro latiu na cozinha. Pelo som, devia ser pequeno. O pior tipo. As raças grandes pelo menos tinham um propósito: proteger a propriedade de intrusos ou caçar.

Fomos até a cozinha, que era limpa e atual, com elegantes armários de carvalho e iluminação do tipo mais moderno. Os convidados se serviam de ponche vermelho-cereja da tigela de cristal lapidado em cima da mesa da cozinha.

— Acha que Gebhardt enviará a Himmler atualizações sobre as experiências com sulfonamida? — perguntei. — Mencionará nossos nomes?

Fritz segurou a porta da cozinha para eu passar para a sala de jantar.

— Isso não me preocupa. Estou indo embora.

Fiquei parada, um pouco zozna. Como Fritz podia simplesmente ir embora? Ele era um dos meus poucos aliados. Iria me deixar com Binz e Winkelmann?

— Por que tão de repente? Por que não pensa...

Fritz terminou a cerveja e colocou a caneca vazia em cima de uma vitrine contendo uma perdiz empalhada assustada, paralisada no meio do voo.

— Cansei de Gebhardt, caso não tenha notado.

— O estresse afeta a todos nós de maneira diferente...

— Você não faz ideia do que está acontecendo em Hohenlychen. Transplante de braço ontem. Metade de Berlim estava lá no spa dele para assistir, o braço como cortesia de alguma pobre *häftling* cigana.

Gebhardt não era apenas um Gruppenführer na SS e um Generalleutnant na Waffen-SS, médico pessoal do Reichsführer-SS Himmler e cirurgião-chefe da equipe do Reich Physician SS. Ele também era chefe de equipe em Hohenlychen, o imenso hospital-spa a quatorze quilômetros do campo.

— Por que eu não fui convidada?

— Fique grata por isso, Herta. É um espetáculo à parte. Agora, com este projeto da sulfa...

— Pelo menos posso operar.

Fritz passou a mão pela barba rala.

— É deplorável fazer isso com mulheres saudáveis. Aquelas salas de recuperação fedem.

— Estão sempre pedindo mais morfina.

— Então dê a elas mais morfina — disse Fritz. — Não vai mudar os resultados. É tudo muito desumano.

— Gebhardt ordena manter os medicamentos para dor em dose mínima. Por que

essa mudança de ideia quanto a sacrificar prisioneiras, de repente?

— Estou cansado disso, Herta. O sofrimento...

— Não temos opção.

— Existem opções, Herta. Se pararmos de operá-las, elas vão parar de sofrer. Gebhardt nos usa para fazer o trabalho sujo. Não percebe?

— Isso é inevitável, Fritz.

Como ele podia deixar o sentimentalismo interferir em sua decisão? As cirurgias eram pelo bem maior da Alemanha.

— Bem, eu vou embora. Estão precisando de cirurgiões na frente de batalha para costurar nossos meninos que estão morrendo em uma guerra que não temos como vencer.

— Como pode dizer isso? Tão derrotista...

Fritz me puxou para mais perto.

— Antes de ir, quero lhe dizer para tomar cuidado com a sua nova enfermeira.

— Halina?

— Ouvi coisas...

— Homens são muito fofos. O que estão dizendo?

— Eu não...

— Me conte.

— Dizem que há alguma coisa acontecendo entre vocês duas.

— Isso é o maior...

— Algo que não está de acordo com os desejos do Führer.

Suhren e Dr. Gebhardt passaram pelas pessoas e se aproximaram de nós, muito sorridentes, Suhren, alto e elegante, o ruivo Gebhardt mais compacto.

O comandante Suhren apertou a minha mão.

— Fräulein Oberheuser, tenho boas notícias para você.

Por que ele não chamou de doutora?

— Fico feliz em dizer que uma das minhas primeiras tarefas será lhe conceder uma grande honra.

Gebhardt aproximou-se mais.

— Não apenas uma honra qualquer. Você foi recomendada para receber a Cruz de Mérito de Guerra.

A Cruz de Mérito de Guerra? *Mutti* teria uma crise nervosa se eu levasse para casa aquela cruz prateada em um laço vermelho e preto. O prêmio foi criado pelo próprio Führer. Eu estaria entre os poucos escolhidos por Hitler para receber essa honraria. Adolf Eichmann e Albert Speer, para citar apenas dois. Seria por minha participação nas experiências com sulfa?

Virei-me para compartilhar a empolgação com Fritz.

Só então me dei conta de que ele havia partido.

* * *

FUI A PRIMEIRA médica a chegar à sala de cirurgia na manhã seguinte, pronta para meu primeiro dia como médica-assistente em uma nova rodada de operações com sulfonamida. Fui até a pia para me preparar. Tirei o anel de Halina, que havia recuperado nos arquivos no *Effektenkammer*, onde os itens pessoais das prisioneiras eram armazenados, e o guardei no bolso. Não havia necessidade do Dr. Gebhardt ver um anel tão bom no meu dedo, porque as diretrizes do campo proibiam o uso de qualquer tipo de joia visível. Um dia eu iria devolver o anel a Halina. Um diamante tão lindo! Se não o tivesse resgatado, não haveria como saber onde ele pararia. No dedo de Elfriede Suhren, sem dúvida.

A enfermeira Gerda preparou e sedou as pacientes. A enfermeira Marschall fizera um bom trabalho compilando as listas das pacientes para as experiências. Cada uma delas estava deitada em uma maca, cobertas. Conferi os instrumentos cirúrgicos, abri uma caixa de frascos de Evipan e a coloquei na bandeja.

Havíamos preparado objetos para inserir nas feridas e simular ferimentos de batalha. Pregos enferrujados, lascas de madeira, cacos de vidro, cascalho e uma mistura de terra de jardim e cultura bacteriana de *Clostridium tetani*. Cada paciente teria um material infectante diferente introduzido na ferida. Dr. Gebhardt chegou do sanatório Hohenlychen de carro particular naquela manhã.

— Que bom que veio cedo, Dra. Oberheuser. O Dr. Fischer não poderá se juntar a nós.

— Ele está doente, doutor?

Gebhardt tirou o casaco.

— Foi transferido.

Tentei não demonstrar minha decepção. Fritz realmente havia ido embora?

— Posso perguntar para onde, doutor?

— Para a décima divisão da SS, como cirurgião-chefe de uma companhia médica designada para o décimo regimento Panzer na linha de frente ocidental — respondeu Dr. Gebhardt, o rosto vermelho. — Aparentemente, ele acha que pode ser mais útil lá...

Como Fritz pôde ir embora sem se despedir?

— Compreendo, Dr. Gebhardt. Aliás, a prisioneira-enfermeira Gerda Quernheim também está trabalhando hoje.

— Ótimo. Fiquei muito impressionado com sua atenção aos detalhes — disse o Dr. Gebhardt. — Gostaria de tomar a frente hoje?

— Operar, doutor?

— Por que não? Gostaria da prática?

— Sim, obrigada, doutor — respondi.

Isso estava realmente acontecendo?

— Certifique-se de manter os rostos cobertos, doutora — disse ele. — Apenas uma precaução para manter o anonimato. E seja agressiva. Vá direto ao ponto. Não há necessidade de ser cuidadosa com os tecidos.

Uma depois da outra, Gerda trazia as pacientes, com toalhas nos rostos.

Trabalhamos até anoitecer. Tomei o cuidado de não apressar os fechamentos, fazendo minhas suturas de nós quadrados, pontudos e pretos, como trilhas de arame farpado protegendo cada incisão.

— Não sou de elogios, Dra. Oberheuser, mas você tem um dom para cirurgia que não pode ser ensinado. Só precisa de prática.

Uau!

Encerramos a noite com algumas esterilizações, um novo tratamento ordenado pelo próprio Himmler. Voltei para o meu quarto, passando pelo campo silencioso, e dormi profundamente graças à minha medicação preferida para dormir, Luminal, e acordei apenas uma vez com os barulhos de Binz e o namorado dela, Edmund, fazendo amor na banheira.

* * *

ARRUMEI-ME COM calma na manhã seguinte, sabendo que as enfermeiras registrariam os sinais vitais das pacientes e Halina cuidaria da *Revier* para mim, mas, quando cheguei, a situação estava caótica. Encontrei uma nova enfermeira da equipe do campo no lugar de Halina, e a fila de pessoas esperando por atendimento médico saía pela porta.

— Madame doutora, estamos sem ataduras de papel — disse a enfermeira, sacudindo um termômetro.

— Onde está Halina? — perguntei.

— Não sei, madame doutora. A carcereira Binz me disse para ficar aqui.

Fui até a sala de recuperação para verificar minhas pacientes do dia anterior, e o cheiro lá era terrível. Eu sabia que isso significava que as culturas estavam fazendo seu trabalho, mas os prontuários estavam intocados, sem registro de sinais vitais. Uma das pacientes já estava fora da cama, saltando em um pé só, falando com as outras.

— Por favor, precisamos de água — disse ela. — E de mais urinóis.

Deixei a sala e encontrei Gerda fumando um cigarro no corredor.

— Mantenham as pacientes nas camas — falei. — O movimento impede a infecção de enraizar.

Tranquei a porta e fui atrás de Binz. Depois de percorrer quase metade do campo,

eu a encontrei nos cercados de coelhos angorás, um vasto complexo de gaiolas aquecidas e mantidas impecáveis pelas testemunhas de Jeová. Ela e uma de suas subordinadas estavam encantadas com um filhote, uma bolinha branca fofa com orelhas que pareciam espanadores de pena.

— O que está acontecendo na *Revier*? — perguntei.

A outra *aufseherin* colocou o coelho de volta na gaiola e saiu em disparada.

— Você vem até aqui e nem nos cumprimenta? — disse Binz. — Alguém precisava assumir o controle lá.

— Você não tem o direito...

— Não pude evitar — interrompeu Binz, cruzando os braços no peito.

— Fale coisa com coisa, Binz.

— Você não sabe?

Eu estava quase gritando com ela.

— Onde está Halina?

— Talvez seja melhor falarmos sobre isso em outro lugar.

— O que você fez, Binz?

— Pelo amor de Deus, não grite. Não quer que as minhas garotas vejam você sendo emotiva. Eu lhe avisei sobre as polacas, não foi? A culpa é toda sua.

— Não estou entendendo.

— Bem, somos duas então. Suhren não acreditou no que aquela sua polaca estava fazendo. Digamos que você vai precisar de uma nova assistente.

Caroline

1942

— VÁ ATÉ O final e depois vire — disse nossa nova ascensorista, Estella.

Com mocassins ortopédicos e meias de náilon na altura do joelho, a moça era muito diferente do ideal de ascensorista de Rockefeller Junior. Depois do ataque japonês a Pearl Harbor no ano anterior, os Estados Unidos finalmente entraram na guerra, fazendo com que rapazes dos mais diversos estilos de vida se alistassem, incluindo nosso ascensorista.

— Alguma notícia de Cuddy, Estella?

— O exército dos Estados Unidos não me mantém atualizada, Srta. Ferriday. Parece que a senhorita está com grandes problemas na França. Pelo menos de acordo com Pia.

Estella estava certa. Depois da invasão alemã à chamada zona livre da França, em novembro de 1942, toda a França de Vichy se tornara um Estado marionete. Os campos de transição franceses começaram a transportar as pessoas para uma complexa rede de campos de concentração por toda a Polônia e a Alemanha. Eu estava na minha terceira caixa de alfinetes vermelhos.

— É isso que Pia anda dizendo por aí?

Para alguém que lidava com informações sigilosas, Pia estava sendo um pouco liberal demais ao espalhá-las.

Já na recepção do consulado, optei pelo caminho mais longo até o meu escritório para evitar a mesa de Pia, mas ela percebeu o movimento, como uma serpente.

— Roger quer ver você, Caroline.

— Muito bem — falei, me virando. — A propósito, Pia... Você precisa falar sobre nossos assuntos com Estella? Supostamente são informações sigilosas.

— Quando eu quiser a sua opinião, eu peço — retrucou ela, fazendo me lembrar de uma placa que eu vira na jaula do babuíno no zoológico de Paris: CET ANIMAL EN CAS D'ATTAQUE VA SE DÉFENDRE. Esse animal, se atacado, se defenderá.

Eu me apressei até o escritório de Roger, mas parei de súbito, pois parecia que

uma ventania repentina havia revirado todos os livros e papéis ali. Olhando pela janela, no ringue de patinação no gelo do edifício Rockefeller, uma fila de patinadores seguia um Papai Noel magrelo também de patins. O Papai Noel parou de repente, e os outros patinadores caíram feito dominós.

— Temos que dobrar nossas caixas de assistência aos órfãos, Roger. Consegui novos números, mais de duzentas mil crianças francesas órfãs. Centenas delas perderam os pais na resistência.

— Precisamos de muitas coisas, Caroline, mas Pearl Harbor mudou tudo.

— Eu posso usar um pouco dos meus fundos pessoais...

— Você conhece as regras, Caroline. Pode fechar a porta? — pediu ele, em uma voz que só poderia ser descrita como trêmula.

— O que houve?

Eu me apoiei no mármore frio da lareira de Roger. Por favor, Paul não.

— Algumas coisas. Você tem muita informação sobre Drancy?

— Seis pastas cheias.

Drancy, um antigo complexo residencial nos arredores de Paris, havia se tornado um espaço de triagem para todo tipo de prisioneiros, de todos os cinco subcampos franceses, no caminho para sair do país. Dos poucos relatos que eu lera, era um lugar terrível, a sala de espera da deportação. Estava sob o controle da polícia francesa, mas supervisionado pelo departamento da Gestapo que cuidava dos assuntos relacionados aos judeus.

— Por quê, Roger? O que você descobriu?

Paul estava em um lugar daqueles? De fato, Rena era judia, mas isso colocaria Paul em risco? Afinal, ela era cidadã francesa, mas mesmo na suposta zona livre de Vichy, o antissemitismo se tornara a lei do novo Estado, e judeus estrangeiros foram presos. O espírito de livre-pensamento francês parecia ter desaparecido da noite para o dia.

— Roger, me diga logo. Você o encontrou?

— Vários veículos de carga partiram de lá com prisioneiros franceses para campos espalhados por todo o território ocupado por Hitler.

— Paul?

Roger assentiu.

— Ah, não, Roger.

— Um grupo de homens franceses foi levado para Natzweiler-Struthof, Caroline. Há fortes evidências de que Paul estivesse entre eles.

Puxei uma cadeira da mesa de reuniões e me sentei. A umidade na palma das minhas mãos deixou duas marcas prateadas na madeira polida, que logo desapareceram. Natzweiler.

Eram notícias terríveis, sem dúvida, mas estranhamente esperançosas, pois ao

menos ele estava vivo.

— Como pode ter certeza?

— Havia apenas poucos homens no transporte de Paul selecionados em Drancy, e todos foram para Natzweiler.

— Nas montanhas dos Vosges?

Natzweiler-Struthof era o único campo de concentração permanente na França, cinquenta quilômetros ao sul de Strasbourg. Minha mente logo imaginou os trabalhos forçados e castigos corporais.

Roger assentiu.

— Perto de uma cidadezinha que meus avós costumavam visitar. Singular, mas isolado.

Ele jogou uma pasta de papel pardo na mesa. Folheei os documentos, em busca de qualquer informação sobre os captores de Paul.

A julgar pela foto de reconhecimento da Força Aérea Real Britânica, parecia um campo pequeno, apenas vinte fileiras de barracas e quatro outros prédios, todos distribuídos por uma área murada, cercada por uma floresta densa, coberta de neve. Neve demais. Será que Paul congelaria até a morte enquanto eu estava ali, sentada num escritório aquecido? Examinei a foto, olhando com atenção para os grupos de prisioneiros reunidos do lado de fora, tentando encontrar Paul entre eles.

— Obrigada, Roger. Vou pedir a Pia para pesquisar sobre isso.

— Chega de pesquisas, Caroline. Washington cortou oficialmente as relações diplomáticas com a França.

Roger revirou a confusão de papéis sobre a mesa.

— Como? Você precisa telefonar...

— Telefonar para quem, Caroline? Não há mais embaixada em Paris. Este escritório está oficialmente fechado. Acabei de saber. Recebi ordens de destruir qualquer informação sigilosa.

— O que vamos fazer? — perguntei.

— Me disseram para agir através do Consulado Suíço.

— Ah, por favor... Eles estão na mão dos alemães.

— Nossa bandeira precisa ser arriada. Deixarei as luzes acesas pelo máximo de tempo que eu puder, mas não será fácil. Não serão transferidos novos fundos para cá até que informem o contrário.

— Ao menos teremos contato com a França?

— Com sorte, conseguiremos pacotes para a França Livre em Londres, mas eles terão muita dificuldade em encontrar barcos dispostos a levar esses pacotes. A Suíça pode se sair bem, e os britânicos têm sido confiáveis.

— Agradeço por sua ajuda em localizar Paul, Roger.

— Bem, há mais uma coisa, Caroline. Sobre ele.

Eu me preparei. O que poderia ser pior?

— Encontrei o nome da esposa na lista de falecidos. Auschwitz-Birkenau. Rena Rodierre.

— Rena? Ah, não, Roger. Não pode ser.

— Tifo. Ou foi o que disseram. Lamento, Caroline.

Fiquei sentada, perplexa. Como era possível? Pobre Rena. Paul certamente não sabia. Paul. Como ele reagiria à morte da esposa? Era tudo horrível demais.

Peguei uma lupa e examinei a foto. Se Paul estivesse vivo, eu o encontraria. Estaria ao lado dele mesmo se tivesse que atravessar o Atlântico a nado.

* * *

NOS DIAS QUE se seguiram, fiz novas visitas à loja Snyder and Goodrich. O pouco dinheiro que o Sr. Snyder pagava pelo que eu vendia me ajudava a manter meu Fundo para Famílias Francesas sem me afogar em dívidas, e Roger não pareceu notar. Mas o espectro do fechamento do consulado por falta de fundos se tornava cada vez mais ameaçador. Sem contato oficial em Paris e com o restante da França imersa no caos, o fechamento fazia sentido. Mas parecia muito injusto encerrar os trabalhos exatamente quando as pessoas mais precisavam de nós. Além do mais, era a única ligação com Paul que me restava.

— Você vai destruir suas retinas com toda essa busca — disse Roger certa noite, quando já ia embora para casa, com a pasta em uma das mãos e o chapéu na outra.

— Estou bem — falei, procurando disfarçar a frustração. — Acho que é difícil para os nervos, com nossos próprios aviões navais bombardeando submarinos alemães no estuário de Long Island. E agora essas notícias sobre Paul...

— Eu sei, C. Você vai à festa de Vanderbilt? Precisa sair um pouco daqui e se divertir.

Roger estava certo. Eu não seria de nenhuma utilidade se estivesse cansada demais, esgotada.

Corri para casa, coloquei meu melhor vestido preto, com o paletó de smoking de papai que eu reformara, e prendi o cabelo para cima. O penteado me deixava mais alta? Soltei o cabelo. Eu estava muito bem para quem tinha quarenta anos.

Quando cheguei à casa em arenito castanho dos Vanderbilt, na esquina da Quinta Avenida com a 51th Street, logo depois do nosso prédio, estava ansiosa para sair e arejar um pouco a cabeça. Mesmo se isso significasse ver Betty, que provavelmente nem sequer me cumprimentaria. Estremeci diante da ideia de encontrar Jinx Whitney, pois eu herdara de papai uma grande repulsa pelos tolos daquela família. Simplesmente evitaria Jinx e retomaria o contato com antigos amigos. Afinal, eu

devia a mim mesma pelo menos continuar me relacionando com a sociedade, certo? Não podia trabalhar o tempo todo.

A casa dos Vanderbilt era antiga e encantadora, uma das últimas remanescentes da Era Dourada, e era uma pena colocá-la abaixo, mas a área se tornara de certo modo menos elegante, e a Rainha da Quinta Avenida precisava de um lugar menor para morar depois da morte do marido. Ela reduzira o número de empregados de trinta para dezoito e se mudara para uma mansão ainda mais encantadora. A Sra. Vanderbilt aproveitou a ocasião para dar uma última festa na casa, beneficente. Era uma curiosa mistura de torneio de bridge, baile e banquete, tudo por um ingresso de vinte e cinco dólares, dinheiro que seria doado à caridade.

Era o primeiro e último evento aberto ao público em geral naqueles corredores sagrados, e muitos dos presentes ficavam paralisados, apenas olhando ao redor. Um jovem casal, ainda de chapéu e casaco, caminhava pelo primeiro andar, boquiabertos. Eles observavam encantados o trabalho em madeira incrustada em ouro e acariciavam os pilares de ônix. Um grupo estava parado na entrada diante de um afresco de Pompeia. Apenas aquele saguão abrigaria dez famílias necessitadas.

— Merle Oberon está aqui — disse um homem baixinho com um chapéu fedora na mão.

Os jogadores de bridge se reuniram na biblioteca e assumiram seus lugares diante das trinta mesas de jogo sob os candelabros de quartzo. As equipes foram organizadas de acordo com os grupos a que pertenciam: Junior League. Escola Chapin. Preparatório. Princeton. O grupo da Chapin era um dos maiores.

Diante de uma lareira tão grande, dentro da qual eu quase poderia ficar de pé, dois garçons de traje a rigor anotavam nomes com giz em um enorme placar de bridge que parecia uma máquina de apostas dos hipódromos de Hialeah, na Flórida. Os ponteiros de uma bússola determinavam os jogadores. Norte e Sul. Leste e Oeste.

Enquanto a juventude dourada ocupava seus lugares diante das mesas de bridge, passei pelo salão de jantar, atraída pelo cheiro forte de costela assada e bolinhos salgados. Bandejas de frios e frutos do mar frescos, um centro de mesa de íris cultivadas em estufa, muito firmes, e uma poncheira de prata de creme turco, grande o bastante para se banhar nela, estavam apoiados em uma toalha de tecido adamascado branco. A orquestra tocava Cole Porter e Irving Berlin enquanto um garçom ficava de guarda. Será que estava contando a prataria?

Desde o ataque japonês a Pearl Harbor, parecia que todos os rapazes de Nova York haviam se alistado. Alguns garotos do preparatório tinham vindo passar as festas de fim de ano em casa e foram direto para o serviço militar. Do dia para a noite, os quartéis se encheram de soldados se preparando para a guerra. A Sra. Vanderbilt permitiu a entrada gratuita dos rapazes na festa, e era uma visão e tanto contemplá-los de uniforme. Pilotos navais do campo de Floyd Bennett em paletós azul-marinho

com galões dourados discutiam estratégias de guerra com reservistas do Exército.

A maior parte dos que estavam ali treinava no adorável quartel da Park Avenue, naquele elegante saguão remanescente das grandes estações de trem da Europa. Sempre era possível diferenciar aqueles rapazes dos outros, porque eles costumavam mandar fazer seus uniformes sob medida nos melhores alfaiates da cidade. Desde que seguissem o protocolo de uniformes, os homens em serviço poderiam mandar fazê-los com as melhores lãs e sedas, com os metais mais finos e botões de casco de tartaruga.

— Não está jogando, Caroline? — perguntou a Sra. Stewart Corbit Custer, amiga íntima de mamãe.

Meus lábios roçaram o pó de arroz suave no rosto da Sra. Custer. Era especialmente bom vê-la naquela noite, muito elegante em chiffon verde-azulado. Ela e mamãe adoravam contar a história de como papai ficara furioso quando elas haviam me levado para a exposição de aves domésticas no Madison Square Garden poucas semanas depois do meu nascimento. Elas me trouxeram para casa em Southampton em um moisés apoiado em uma pilha de sacos de ração no banco de trás do carro.

— Tentando dar uma chance às outras moças? — brincou a Sra. Custer. — Gentil da sua parte, querida. Você certamente derrotaria todas.

Pelo que dava para ver no placar, as equipes de bridge eram formidáveis. Sra. M. Field e Sra. Cushing. Sra. Noel e Sra. Dykman. Sra. Tansill e Sra. Auchincloss.

— Lamento por mamãe não ter vindo — falei.

— Eu também, querida. Você se importaria de fazer a contagem de pontos para mim? Sua mãe costuma se encarregar disso, e tenho certeza de que você é a pessoa mais honesta neste salão.

— Será um prazer, Sra. Custer.

— Vamos estabelecer um limite de duas horas. Basta reunir as folhas de controle ali no gongo e me informar os vencedores. Você já viu como se faz um milhão de vezes, é claro.

Deixei um conjunto de folhas de controle para anotação dos pontos e uma caixa de pequenos lápis verdes em cada mesa e encontrei Betty na biblioteca, parada com Prudence Bowles, uma prima dos Vanderbilt muito meiga, com olhos de corça; Jinx Whitney, outra prima dos Rockefeller não tão meiga assim; e Kipper Lee, uma jovem apagada, com sorriso gengival, uma das revoltas de Jinx.

As quatro estavam amontoadas juntas — algo entre uma linha de rúgbi e um sínodo papal —, enquanto Jinx contava uma história. Será que Betty ainda estava aborrecida comigo? Certamente ela amoleceria se eu fizesse um esforço.

— ...e então eu disse a ela — continuou Jinx —, o homem é o membro. Não podemos abrir exceção. Não me importo se o pai dela era presidente dos Estados Unidos. Estamos simplesmente lotados agora.

Quando percebeu o olhar das companheiras em mim, ela se virou. Jinx, que de algum modo conseguira um casamento rico, se parecia muito com uma geladeira Frigidaire, tanto na forma quanto no matiz.

— Ah, Caroline — disse ela. — Meu Deus, você está fantasiada?

— Prazer em vê-la, Jinx.

— Você não fica uma graça de preto? — comentou Jinx.

— Sim, você está bonita — concordou Pru. — É necessário ter o tom de pele certo para usar cores escuras.

— É verdade — falou Jinx. — Minha avó usou exatamente esse tom no velório dela. Todos disseram que ela parecia muito natural.

Pru se intrometeu:

— Mas, Caroline, é claro que você está encantadora. Afinal, você foi escolhida Poppy Girl.

Jinx se virou. Ela ainda não havia se recuperado por eu tê-la vencido no concurso de Poppy Girl de 1921. Fora realmente uma honra ser escolhida entre todas as debutantes. Aos dezenove anos, eu me tornei o rosto de uma iniciativa patrocinada pela Liga das Crianças Francesas e Americanas, minha foto em todas as revistas e jornais para promover a venda de *boutonnières* de papoulas de seda. Tudo para ajudar soldados feridos na Grande Guerra Americana e crianças francesas doentes na França.

— É claro que metade daquele dinheiro das papoulas voltou para a França — comentou Jinx.

— Para ajudar crianças com tuberculose. Foi um esforço recíproco, Jinx. Metade do lucro das papoulas vendidas na França foi usada para marcar os túmulos dos soldados americanos.

— Quem está pronto para o bridge? — falou Jinx para Betty.

— Alguém precisa de uma parceira, Betty? — perguntei.

— Estou jogando com Pru — respondeu ela, subitamente interessada na pedra de seu anel de noivado.

— Odeio dizer isso, mas estamos completas para o bridge — anunciou Jinx, fazendo beicinho. — As equipes já estão fechadas há semanas, querida. Sinto muito.

— Caroline tem estado ocupada no trabalho — disse Betty.

Jinx se aproximou dela.

— Para quem você e Pru estão jogando, Betty?

— Não faço ideia — respondeu. — Não que tenhamos qualquer possibilidade de ganhar.

Betty estava certa. Ela e Pru eram péssimas no bridge.

— Kipper e eu estamos jogando pelo American Soldier Services — contou Jinx.

— Que agradável — falei.

Jinx se virou para mim.

— Você tem algum problema com isso, Caroline?

— Bem, é só que a maior parte desse dinheiro vai para festas.

— Alguém tem que apoiar as nossas tropas — retrucou Jinx.

— Imagino que sim. Se você chama de apoio o fato de as tropas civis beberem gim enquanto os soldados estão lutando, então, concordo.

— Betty, vamos formar uma parceria na próxima vez — sugeriu Jinx. Ela brincou com a echarpe pregueada como um acordeão pendurado no pescoço, o que me trouxe à mente a parte de baixo de um cogumelo venenoso. Só por diversão, considere a possibilidade de apertar a echarpe ao redor do pescoço dela. Os convidados ficariam felizes em ver alguém fazer isso, algo que todos certamente já haviam se imaginado fazendo. — Então, onde está a sua mãe, Caroline? — perguntou. — Ela ainda vem à cidade, ou fica só no campo, sozinha naquela casa grande?

— O cozinheiro está com ela — falei.

Jinx deu um gole na Club Soda que bebia com um canudo minúsculo.

— Sozinha com o chef russo?

— Realmente preciso ir.

— E aquele belo jardineiro preto? Ora, os tempos mudaram.

— O Sr. Jardineiro tem sido um amigo fantástico da nossa família nesses tempos difíceis, Jinx. Certamente um amigo melhor para nós do que muitos outros da chamada alta sociedade.

— Caroline, mandei um cheque para as suas crianças francesas — disse Pru, com uma das mãos no meu braço.

Seria uma tentativa de aliviar a tensão? Seu jeito era felino encantador e dava a impressão de que, nas circunstâncias certas, se enrolaria em seu colo e ronronaria.

— Obrigada, Pru. Toda doação é bem-vinda.

— Sabe, não permitem pedidos de auxílio aqui esta noite — disse Jinx. — Está impresso no programa. Fiquei encantada ao ver. Há um limite para a caridade.

— Na sua casa, certamente — falei.

— Não podemos todos nos crucificar, Caroline, como a sua mãe, que fica feliz com uma roupa de lã úmida, por estar ajudando os necessitados.

Betty se agitou, mudando o peso de um pé para outro. Seriam sapatos novos de couro de crocodilo, ou estaria ela se sentindo desconfortável pelos comentários maldosos a respeito da minha mãe?

— E como está Big Liz? — perguntei. Jinx foi batizada de Elizabeth em homenagem à mãe, que passara a ser conhecida como Big Liz, para diferenciar as duas, um apelido que combinava com ela. — Já voltou do rancho? Você sabia que agora estão vendendo roupas em tamanho grande da Slenderella pelo correio?

— Ela está adorando Southampton — respondeu Jinx. — Os Murray a levaram a

Gin Lane. Eles reformaram todo o chalé Mitchell, deixaram o lugar muito mais alegre. Estava bem sombrio, disseram, com o teto praticamente desabando e tudo o mais.

— Fico feliz por eles — retruquei.

— Que triste vocês terem tido que se desfazer do lugar — continuou Jinx. — Tudo por causa dos seus pobres pulmões jovens.

— Vocês não precisam ir para as mesas, Betty? — perguntei.

— Pobrezinha de você, que não consegue suportar o ar de Southampton. Adoro aquele vento africano salgado que vem do Atlântico.

— Pare, Jinx — falou Betty.

— Então, seus pais foram parar em Connecticut por sua causa, Caroline? — Jinx não se conteve.

O que aconteceria se eu a esbofeteasse bem ali, na frente de todo mundo? Seria uma sensação deliciosa... minha mão acertando aquele rosto gordo.

— Sim — respondi.

— Irônico, não? — falou ela.

— Sinceramente, Jinx — interrompeu Betty. — Chega.

— Irônico porque, depois de tudo isso, foram os pulmões de seu pai que não suportaram. Trágico, na verdade.

— Meus pêsames — disse Kipper.

— Já faz muitos anos, Kipper, mas obrigada — falei.

— Não consigo imaginar a culpa, ele deitado ali, no apartamento de vocês, sem que nada pudesse ser feito — comentou Jinx, com a expressão sofrida e preocupada que sabia fingir tão bem. — Simplesmente odeio a palavra “pneumonia” e imagino que você também odeie, querida. Que palavra terrível.

Ao menos Betty teve o bom senso de desviar o olhar.

— Se me der licença, preciso ir...

Passei a maior parte do jogo comendo mais camarão do que era socialmente aceitável e depois fingindo ouvir um advogado corporativo comentar as dificuldades de sua esposa com o fato de a empregada se vestir melhor do que ela, enquanto imaginava maneiras de acabar com Jinx.

Finalmente, soou o gongo. Fui até a biblioteca e recolhi as folhas de controle. A tensão no salão era palpável, já que as únicas pessoas mais competitivas do que aqueles grupos de bridge eram corretores de Wall Street e competidores de jiu-jítsu brasileiro. Ao menos os brasileiros haviam banido o dedo no olho.

Os convidados se agruparam perto do placar, quase se acotovelando, mas tentando parecer despreocupados, enquanto esperavam os resultados. Jinx ficou de pé, perto de Kipper, Betty e Pru, que, depois de cansativas rodadas de bridge, parecia mais amassada do que um catálogo da Bergdorf em uma reunião da Smith College.

— Como foi, Betty? — perguntei, tentando melhorar as coisas entre nós.

— Bem, Pru teve sorte num slam.

— Acho que vencemos vocês por pouco — falou Jinx.

Folheeí minha pilha de papéis de controle.

— Vamos ver — falei.

— É você quem vai contabilizar os resultados? — indagou Jinx. — Peça para alguém checar suas contas. Eu odiaria que você cometesse um erro.

— Não se preocupe, Jinx — respondi. — Como outra dupla que não você e Kipper venceria?

Levei a pilha gorda de papéis para o lavabo, um espaço dourado onde as torneiras da pia tinham formato de cabeças de cisnes douradas que Maria Antonieta teria amado, e comecei a contabilizar os pontos. Jinx e Kipper eram a dupla a ser batida, e tinham dado uma surra em Betty e Pru.

O gongo soou e voltei correndo para a biblioteca. A Sra. Custer estava de pé com a Sra. Vanderbilt perto do placar a giz. A Sra. Vanderbilt, cintilando com seus diamantes *old mine*, estava linda com um vestido de tafetá cor de aço e um turbante combinando. Teria sido o champanhe ou a exaustão provocada pelas obrigações sociais que havia deixado aquela cor em seu rosto?

— Vamos, querida, quem são nossas vencedoras? — perguntou a Sra. Custer. — Temo que não haja tempo para colocar os resultados no quadro

Entreguei a pilha de folhas a ela, com o papel vencedor em cima. A Sra. Custer mostrou-o à Sra. Vanderbilt, e elas compartilharam um sorriso. Eu me afastei para o fundo da sala, a Sra. Custer soou o gongo e os convidados vieram de todas as partes da casa. Homens em trajes sociais abriram espaço para os em uniformes, todos esticando o pescoço para ver melhor.

— É com grande prazer que anuncio as vencedoras do torneio de bridge desta noite — disse a Sra. Vanderbilt. — Meu falecido marido veria isso como um desfecho perfeito para a nossa antiga casa, arrecadar vinte mil dólares para a Cruz Vermelha.

Todos aplaudiram e gritaram, e Jinx e Kipper abriram caminho até a frente do salão.

— E outros cinco mil dólares irão para uma instituição de caridade muito sortuda. Sei que todos vocês estão ansiosos para saber os nomes das talentosas vencedoras que podem se considerar as melhores entre os melhores. Portanto, sem mais demora, recebam nossa dupla vencedora...

A orquestra fez rufar os tambores em expectativa.

Jinx pegou a mão de Kipper e se encaminhou na direção do placar.

— Sra. Elizabeth Stockwell Merchant e Sra. Prudence Vanderbilt Aldrich Bowles.

A Sra. Custer jogou as outras folhas de controle no fogo, enquanto Betty e Pru abriam caminho pela multidão. A Sra. Vanderbilt entregou o cheque a Betty, que

parecia perplexa com tudo aquilo.

— E para que obra de caridade vocês jogaram nesta noite? — perguntou a Sra. Vanderbilt.

— Para uma que me é muito cara — anunciou Betty, levando a mão ao peito. — O Fundo para Famílias Francesas de Caroline Ferriday.

A multidão aplaudiu e comemorou, educados a princípio, mais entusiasmados quando a Sra. Vanderbilt enxugou uma lágrima. O sorriso de Betty me deixou feliz ao perceber que havíamos superado nosso desentendimento.

Betty e Pru foram cercadas pelos convidados e eu me dirigi para a porta, ansiosa por respirar o ar da noite. No caminho, passei por Jinx e Kipper.

— Sinto muito — falei.

— Matemática nunca foi seu forte — disse Jinx. — Não pense que não vou colocar a boca no mundo sobre o que aconteceu aqui.

— Obrigada, Jinx — retribuí. — Espero que faça isso.

Saí da casa e tentei afastar o incômodo na minha consciência. Muito bem, eu fora desonesta. Mas a serviço de uma amiga. Tentei me concentrar em todo o bem que Roger e eu faríamos com cinco mil dólares.

Caminhei até em casa com o passo leve, porque aquela noite havia libertado alguma coisa em mim, algo que havia muito ansiava por ser liberado. Finalmente vi aquele grupo como o que era, com poucas exceções: um bando de preguiçosos, sem objetivo na vida, a maior parte deles falidos, ou ao menos tendo que fazer cortes no orçamento, só interessados em quem estava enrolado no Maidstone Club, ou em que taco usariam no décimo quinto buraco do clube de golfe Pebble Beach, ou recriminando os garçons por causa de um pedacinho de casca preso a uma lagosta enquanto afanavam canapés na bolsa. Jinx me fizera um favor: me libertara de minha persistente lealdade à sociedade de Nova York, acabando com o meu medo de estar no lado errado.

Eu estava livre de ter que passar a vida tentando agradá-los, livre para seguir sozinha.

Kasia

1942-1943

QUANDO GEBHARDT ABRIU o gesso e eu vi minha perna, ela não parecia mais um membro humano. Estava inchada, larga como uma tora de madeira, coberta de manchas azul-escuras e preto-esverdeadas. As suturas pretas estavam esticadas para juntar a carne ao longo da incisão, do osso do tarso até o joelho.

Não me lembro de ter gritado, mas depois as garotas da enfermaria disseram que acharam que eu estava sendo operada de novo, dessa vez sem anestesia; e outras ouviram meus gritos do pátio durante a *appell*. O Dr. Gebhardt enrolou uma toalha e a pressionou em minha boca, enquanto uma das enfermeiras me dava uma injeção de alguma coisa que me colocou para dormir.

Acordei na enfermaria, a perna enfaixada em gaze apertada, a incisão parecendo mil facas me cortando. Zuzanna escorregou para fora da cama e foi dar uma olhada. Ela levantou um canto da gaze.

— Está ruim? — perguntei.

— Não está bom, Kasia. Acho que eles tiraram parte do osso. E talvez músculo.

Não fazia sentido. Por que iam simplesmente tirar músculo de uma pessoa?

— Para que serve tudo isso?

— Pode ser algum tipo de experimento — disse Zuzanna. — Eles lhe deram uns comprimidos, mas outras moças não receberam nada.

— Estou morrendo de calor — falei.

— Agente firme, Kasia. *Matka* vai nos ajudar em breve.

* * *

FUI OPERADA MAIS três vezes, e em cada uma delas o sofrimento recomeçava, renovado. A cada vez a febre era mais alta e a recuperação, mais difícil. Era como se os médicos estivessem vendo até que ponto eu aguentaria antes de morrer. Na ocasião

da terceira cirurgia, eu já tinha abandonado qualquer esperança de dançar novamente e apenas torcia para ser capaz de andar. Eu permanecia deitada de costas o dia todo, em um estado de absoluta confusão mental, às vezes consciente, outras vezes não, sonhando com *matka*, Pietrik e Nadia, imaginando que eu tinha voltado para casa.

Permanecendo ali deitada, sob o controle dos nazistas, eu ficava cada vez mais brava. Apesar de ser difícil contar o tempo, eu sabia que estávamos no final do inverno de 1942 e tentava manter uma atitude positiva e pensar em quando veria *matka* de novo.

Enquanto estávamos na enfermaria, Regina tomava as lições dos verbos em inglês e nos contava histórias engraçadas sobre Freddie e seu hábito de escapar do berço. Janina nos ensinava francês, pois tinha aprendido muitas expressões quando trabalhara no salão de cabeleireiro em Lublin. Ela nos ensinava frases como “Este secador está quente demais” (*Ce séchoir est trop chaud*) e “Por favor, gostaria de fazer um permanente, com cachos médios e um produto para proteger as pontas”. Com as lições de Janina, ganhei um conhecimento prático de francês, com forte ênfase em coisas como pedir ajuda para eliminar a caspa.

— Simplesmente não consigo mais ficar deitada assim — falei.

— Claro — disse Janina. — Vamos lá fora andar de bicicleta.

— Estou falando sério. Tenho um plano.

— Ah, não — disse Zuzanna.

— Acho que devíamos escrever cartas secretas para nossas famílias.

Regina se ergueu apoiada nos cotovelos.

— Como em *O Satã da sétima série*? Adoro esse livro.

Que estudante não havia lido a aventura do menino detetive, escrita por Kornel Makuszyński?

— Exatamente — confirmei. — Fizemos isso nas Bandeirantes.

Zuzanna olhou por cima do pedaço de pão que estava enrolando, para o fio de um terço que ela fabricava manualmente. Por que ela não estava comendo aquele pão? As orações já tinham se mostrado ineficazes havia muito tempo. Mesmo a minha santa favorita, Santa Inês, havia me desamparado.

— É um bom pretexto para eles nos matarem, Kasia — disse ela.

— O menino do livro usou suco de limão — comentou Regina. — Ele codificou as cartas de maneira que as primeiras letras de cada frase formavam uma mensagem.

Eu me sentei o melhor que pude.

— Nossa urina ia funcionar tão bem quanto limão. É ácida. Podíamos fazer um código em letras escritas com urina...

— É genial — disse Regina.

— É uma insanidade — retrucou Zuzanna. — Tire isso da cabeça.

* * *

ZUZANNA FOI LIBERADA antes de mim, e eu sentia uma falta terrível dela. Ouvíamos novas moças chegando ao quarto ao lado.

Então, certa manhã, Janina fez um comentário enquanto a velha enfermeira Marschall estava no quarto, andando por todo lado e verificando nossos sinais vitais, uma toalha no nariz para barrar o fedor. Foi um comentário inofensivo, sobre como estávamos cansadas de ficar ali. A enfermeira Marschall saiu do quarto daquele seu jeito irritadiço, e um minuto depois a Dra. Oberheuser voltou com ela.

— Bom, se vocês não querem ficar aqui, então vão embora — disse a médica. — Imediatamente. Levantem-se e voltem para o bloco de vocês.

No início achamos que ela estava brincando, porque nenhuma de nós estava completamente recuperada. Percebemos que ela falava sério quando Marschall nos cutucou e nos empurrou para fora das camas.

— Mas nós não temos sapatos... — comecei.

— Para fora — disse a Dra. Oberheuser, um braço esticado em direção à porta. — Vá pulando se não conseguir caminhar.

Tentei me levantar, mas caí. Eu já não estava com o gesso, mas não conseguia apoiar meu peso na perna sem sentir uma dor horrorosa.

— Levante-se e saia daqui sem demora — disse a Dra. Oberheuser.

Fiquei paralisada ali, no chão. A médica enroscou os dedos fortes em volta do meu antebraço e me puxou. Ela me arrastou pela porta de entrada da *Revier* como alguém que joga os tapetes para fora em dias de limpeza.

A Dra. Oberheuser jogou uma muleta de madeira na minha direção e me largou ali, no frio, o resíduo áspero que cobria a Estrada da Beleza como vidro espetando minha pele. Olhei para saber se *matka* estava em algum lugar por perto e tentei me sentar.

Era estranho estar do lado de fora novamente, como pisar na Lua. Estava frio e nublado, muito cinzento, e nenhum passarinho voava no céu. Partículas de cinzas flutuavam no ar, como flocos de neve pretos em um globo de neve sujo, e havia um fedor novo. Uma equipe de limpeza varria as vidraças dos blocos, pois uma fuligem preta grudara lá, da mesma maneira que a neve. À distância, logo atrás da solitária, fora dos muros do campo, duas línguas incandescentes se projetavam para o céu saindo de novas chaminés. Dava para ouvir o ruído do fogo de quase qualquer lugar do campo, uma gigantesca fornalha em erupção vinda da boca do inferno.

Como foi bom ver Zuzanna correndo até mim, com um olhar de extrema preocupação! Eu me apoiei nela quando me ajudou a ficar de pé e dar um passo. Minha irmã, que já estava em nosso novo alojamento havia algumas semanas, me

levou até o bloco. Eu estava ansiosa para ver *matka* de novo.

Eu não dava um passo havia meses, e mesmo com a muleta a caminhada foi demais, principalmente pisando descalça nos resíduos pontiagudos.

— Não consigo. Me deixe aqui. Por favor.

— Vamos — insistiu Zuzanna enquanto tentava me carregar. — Passinhos de formiga.

O Bloco 31 era a nossa nova casa, um bloco internacional: algumas polonesas, incluindo todas as “Coelhas”, nome pelo qual ficamos conhecidas; francesas presas por trabalharem para a resistência; e enfermeiras do Exército Vermelho, todas prisioneiras políticas. O bloco era ainda mais lotado que o anterior.

Enquanto eu estava na *Revier*, aconteceu uma novidade. Algumas prisioneiras, inclusive as polonesas, ganharam a permissão de receber pacotes da família. A sopa se tornara ainda mais rala àquela altura, então era fácil perceber quem estava recebendo alimentos de casa ou não. As que recebiam tinham uma aparência relativamente saudável. As que não, acabavam reduzidas a pobres coitadas esqueléticas que jaziam nos beliches já incapazes de catar os próprios piolhos.

Cochilei e só acordei quando as moças voltavam do almoço. Zuzanna se ajoelhou ao meu lado e segurou minha mão. Anise, sua amiga, uma mulher bonita e sagaz, que dava a impressão de ser capaz de resolver qualquer problema, estava atrás dela.

— Sentimos saudade de você — disse Anise. — Temos uma *blockova* nova. Marzenka. Durona.

— Também senti saudade de vocês — falei. — Que cheiro é esse lá fora?

Zuzanna apertou minha mão.

— Construíram um crematório. Fornalhas.

— Para quê?

Zuzanna hesitou.

— Para queimar... — começou ela, incapaz de terminar a frase.

Eu entendi, é claro. Para queimar aquelas de nós desgraçadas o suficiente para morrerem ali.

— Sinto muito lhe contar, mana, mas todo mundo soube sobre Luiza — disse Zuzanna. — Achei melhor você saber de mim. Uma das norueguesas me contou que a viu na sala que elas usam como necrotério...

— Não, é um engano.

A pobre e doce Lu, que nunca machucou ninguém. Pietrik nunca me perdoaria.

— Engano nenhum. Ela disse que ficou com dó no coração de ver uma moça tão jovem estirada ali. Alfreda também.

Tanto Luiza quanto Alfreda mortas? Era difícil entender. Por que tinham matado meninas tão adoráveis?

— Você não deve pensar demais sobre essas coisas — disse Zuzanna. — Só se

concentre em melhorar. Pelo menos você não tem que trabalhar esta semana. A enfermeira Marschall emitiu um cartão de repouso para você.

— Que doce de pessoa — retruquei.

— O campo inteiro ficou revoltado com o que fizeram com todas vocês — disse Anise. — Até agora mais de cinquenta polonesas foram operadas, e corre um boato de que estão planejando mais operações. As Bandeirantes se organizaram; agora são certamente mais de cem militantes.

— Nós nos denominamos Mury — acrescentou Zuzanna. As Paredes. — Alguém encontrou um emblema das Bandeirantes numa roupa trazida do muro de execução, e fizemos o juramento de novas Bandeirantes com ele.

— Elas coletaram todo tipo de coisas boas para vocês — disse Anise. — Tanto pão... E as moças francesas escreveram uma peça para vocês todas, chamada As Coelhas.

— Minha mãe viu?

Anise e Zuzanna se entreolharam.

Anise apertou minha mão.

— Ah, Kasia.

— O quê? — Por que todo mundo estava parecendo tão assustado? — Me conte, Zuzanna, por favor.

— Ninguém viu *matka* desde que fomos levadas para as cirurgias — disse Zuzanna. Seus olhos estavam vidrados. Como ela podia ficar tão calma?

Tentei me sentar, mas uma pontada na perna não deixou.

— Pode ser que ela tenha sido enviada para um campo satélite. Pode ser que esteja na solitária...

— Não, Kasia — disse Anise. — Ela nunca esteve lá. Achemos que aconteceu no dia em que você foi operada pela primeira vez.

Como assim? Isso só podia ser um terrível engano.

— Ela se foi, Kasia — disse Zuzanna.

— Impossível. Ninguém viu nada? Ela sempre foi tão boa em brincar de esconde-esconde. Lembra? Teve aquela vez em que ela se escondeu embaixo da minha cama...

— Kasia... — disse Zuzanna.

— E passamos a manhã toda tentando encontrar *matka*, e ela havia caído no sono ali embaixo?

— Acho que não foi isso, Kasia.

— Ela provavelmente está com as testemunhas de Jeová — continuei. — Talvez o Suhren a tenha feito cortar o cabelo.

— Não, Kasia.

— Você não se importa o bastante para procurar por ela — falei para Zuzanna.

Ela enfiou em minha mão seu terço feito artesanalmente.

— É claro que me importo.

Eu o joguei no chão com estardalhaço.

— Você nunca amou *matka* como eu. — Um borrão preto surgiu diante do meu rosto, infiltrando-se em meus olhos e meu nariz e me arrastando para a escuridão. — Não é nenhuma surpresa que você tenha desistido.

Zuzanna pegou o terço.

— Vou esquecer que você disse isso, Kasia. É só a febre falando, e o choque.

— Não esqueça. É o que eu acho. Vou voltar imediatamente para a *Revier* para encontrar *matka*. Não me importo se me matarem.

Tentei sair da cama, mas Zuzanna me segurou lá. Lutei com ela até perder inteiramente as forças. Dormi, acordando apenas para ser tomada por um desespero ainda maior.

* * *

LEVOU ALGUNS DIAS para eu admitir que *matka* não voltaria.

No início eu tinha esperanças de que nossa rede polonesa tivesse falhado na tarefa de encontrá-la, e que ela estava escondida, ilesa, em algum local, ou fora transferida para outro campo. Quando pedi a outras moças do bloco que me ajudassem a encontrá-la, elas foram gentis, mas após alguns dias ficou claro que todas acreditavam que minha mãe estava morta.

Não haveria funeral. Nem cruz de vidoeiro. Nem pano preto preso à nossa porta.

Antes de aprender a usar a muleta, eu dependia de Anise e Zuzanna para me carregarem até a privada. Janina também precisava de uma acompanhante. Nossas ajudantes eram afáveis, mas eu detestava ser um fardo. Já imaginava minha própria morte. Que morte rápida e maravilhosa teria sido me jogar numa cerca elétrica. Obviamente ninguém me carregaria até lá.

Até aquele momento, durante todo o tempo, nossa prisão, nossa chegada ao campo, até as cirurgias, eu sempre encontrava maneiras de pensar em coisas boas e recorrer ao otimismo polonês, mas, depois que *matka* se fora, eu não conseguia escapar da escuridão. Eu me sentia como um peixe sobre o qual li quando era criança, o saltador-do-lodo. Todo ano, na época da seca, ele se entocava bem fundo na lama e vivia lá durante semanas, nem morto nem vivo, esperando que as chuvas chegassem e o trouxessem de volta à vida.

* * *

OS DIAS CONTINUARAM como sempre depois que saímos da *Revier*: o despertar brutal, as horas intermináveis na *appell*, e a mais terrível e corrosiva fome, nossa grande companheira. A única coisa que interrompia essa rotina era o horror que acompanhava a leitura, por parte de nossa *blockova*, dos nomes daquelas do nosso bloco que seriam executadas.

O procedimento raramente variava. Era precedido pelos avisos das prisioneiras que trabalhavam na recepção de que o correio havia chegado de Berlim com uma ordem de execução e que os guardas homens que serviam como carrascos receberam aprovação para doses extras de aguardente. Em seguida, Binz ordenava que certos blocos fossem isolados. Assim que a sopa do meio-dia era entregue, mas antes de ser servida, a *blockova* lia os números das “peças a serem chamadas”. As desafortunadas arrumavam suas coisas, e Binz e companhia vinham buscá-las pouco depois. Minha reação tampouco costumava variar: o medo gélido de que meu número fosse chamado; o alívio de não ter sido; a terrível pontada de tristeza por ver uma companheira ir para o seu derradeiro ritual.

No dia em que as primeiras execuções das Coelhas foram anunciadas, nós esperamos, sem conseguir respirar direito, nos bancos da mesa de jantar, bem próximas — Zuzanna à minha direita, Regina à esquerda. Aquelas, que como eu, haviam sido operadas mais de uma vez tinham acabado de ser promovidas a se sentarem à mesa para comer, um grande evento, pois significava que a sopa não precisava mais ser trazida até nossa cama. Havia rumores de que o comandante escalonaria as Coelhas para execução, nos liquidaria para eliminar qualquer prova do crime, mas será que podíamos acreditar nesses boatos? Sempre havia algum rumor novo, como o que dizia que os americanos estavam a caminho para nos salvar, ou que haveria carne na sopa.

— Atenção — disse Marzenka enquanto duas russas sofriam para levar o caldeirão de sopa para dentro do bloco. — *Häftlings* com os números chamados vão parar o que estão fazendo, pegar suas coisas e esperar por novas instruções.

Marzenka puxou um pedaço de papel do bolso do casaco e o abriu, o barulho de desdobrá-lo o único som em todo o dormitório.

— Número 7649.

À minha esquerda, Regina se retesou.

Marzenka leu os números de mais três Coelhas, todas ainda se recuperando na *Revier*.

— Não — disse Zuzanna. — Deve ser um engano.

Coloquei o braço ao redor de Regina.

— Sem histeria — disse Marzenka.

Como isso podia estar acontecendo?

— Podemos vencer, Regina — sussurrei no ouvido dela.

Ela não respondeu, apenas colocou a colher na tigela e entregou para Zuzanna, dizendo:

— Gostaria que você ficasse com isso.

Zuzanna pegou a tigela, os olhos marejados. Que presente!

Regina se levantou.

— Janina, você pode pentear meu cabelo?

Ela concordou, e seguimos Regina até os beliches, trazendo sua tigela cheia, já que, se a deixássemos disponível, ela seria roubada em segundos.

— Vocês sabem a primeira coisa que os espartanos condenados à morte faziam antes da execução? — perguntou Regina. — Um penteado.

Janina tirou o lenço de cabeça dela. De maneira geral, pentear o cabelo de alguém era uma transgressão passível de punição, mas Binz afrouxava as regras quando uma prisioneira estava prestes a morrer. O cabelo de Regina havia crescido enquanto ela se recuperava das operações, e estava grosso e escuro. Janina o puxou para trás em um lindo coque banana. Alguém de um beliche superior ofereceu um grampo que provavelmente havia permutado por uma ração de pão.

— Kasia, quero que você fique com meu caderno de expressões em inglês — disse Regina. — O dever de casa de hoje é sobre as preposições. E se você puder levar o meu *Troilo e Créssida* para Freddie depois que tudo isso terminar...

Fiz que sim com a cabeça.

— Vou recusar a bebida — disse Regina. Todas nós sabíamos que ofereciam uma bebida sedativa às que eram levadas para o muro de execução a fim de facilitar as coisas. — Acham que vou ter coragem suficiente para gritar “Viva a Polônia”?

— Não importa... — falei, segurando a mão dela.

— Importa, Kasia. Você sabe que eles odeiam.

As prisioneiras encaravam a morte de maneiras diferentes. Algumas choravam e se enfureciam. Outras ficavam quietas e rezavam. Regina ficou de pé perto do beliche e leu para nós seus trechos prediletos de *Troilo e Créssida*, correndo para encaixar o máximo possível antes de Binz chegar.

— “Ó bravo Troilo! Olhe bem para ele, sobrinha: olhe como sua espada está coberta de sangue, e seu capacete mais golpeado do que o de Heitor, e como ele olha, e como ele caminha! Ó jovem admirável! Ele ainda não chegou a vinte e três.”

Enquanto Regina lia, nós beliscávamos suas bochechas para trazer-lhe um pouco de cor. Uma garota que trabalhava na cozinha tinha um pouco de suco de beterraba, e Janina colocou um tantinho nos lábios de Regina.

Não haviam se passado cinco minutos quando Binz e suas guardas irromperam no bloco. Regina estava apoiada em mim, o caderno agarrado ao peito.

— Diga para todo mundo que isso aconteceu — falou.

— Dê isso aqui — disse Binz, arrancando o caderno. — Por que está tão

preocupada? O próprio comandante disse que você vai ser libertada.

Seria possível? Certamente era mais uma mentira.

Janina desamarrou o barbante de sua cintura e o apertou ao redor da cintura de Regina, deixando o uniforme mais parecido com um vestido de verdade.

— Para fora, para fora — disse Binz, cutucando Regina com o cassetete de borracha.

Ela foi mancando até a porta, a perna ainda não totalmente recuperada. Na porta, entregou os óculos de leitura para Zuzanna, se virou e sorriu para nós. Ela tinha ganhado um esplendor, um novo brilho, e havia cores vivas em suas bochechas.

Binz jogou o caderno para uma *aufseherin* e empurrou Regina para a estrada. Nenhuma prisioneira que a observou sair conseguiu refrear o choro. Como ela era corajosa! O nome Regina significa “rainha”, e era adequado; ela parecia majestosa naquele dia. Se não fossem seus passos irregulares, Regina poderia se passar por uma estrela de cinema ou uma modelo, alta e orgulhosa, desfilando pela Estrada da Beleza.

Com o coração apertado, Zuzanna e eu compartilhamos sua sopa com Janina. Nós nos sentimos muito culpadas comendo aquilo, mas ela não ia querer que a comida fosse desperdiçada. Dividimos a doce e pequena cenoura, uma delícia. Eu ficaria forte com a sopa de Regina e viveria para contar ao mundo sobre aquilo tudo.

Logo Zuzanna e eu nos apresentamos no *Strickerei* para tricotar, mas ficamos de ouvidos atentos a tarde toda, esperando não escutar os tiros. Será que Binz estava certa, e as moças seriam libertadas? Ou enviadas para um subcampo?

Mais tarde naquele mesmo dia ouvimos um caminhão se dirigir para o lago e quatro tiros abafados, um após o outro, e rezamos em silêncio para nós mesmas, pois rezar era uma transgressão passível de punição. Mais tarde, Anise me contou que ouviu de uma das moças que trabalhavam na cozinha, adjacente ao muro de execução, que Binz havia levado as quatro Coelhas para lá. Uma delas teve que ser carregada, pois seus ferimentos ainda não estavam cicatrizados a ponto de conseguir se sustentar sobre a perna.

— Nós choramos — contaram elas — quando todas as quatro gritaram “Viva a Polônia!” no final.

Depois disso, eu não pude mais apenas me lamentar e não agir. Será que seríamos as próximas a serem levadas ao muro de execução? Quem sobraria para contar ao mundo? Mesmo que morresse por isso, eu ia colocar meu plano em prática.

* * *

NAQUELE DOMINGO, ENQUANTO Zuzanna dormia tentando se recuperar de um

desagradável caso de disenteria, afrouxei as tábuas do teto em cima de um beliche superior e me contorci para chegar até o ponto que chamávamos de Anexo, uma espécie de sótão aonde as garotas iam às vezes para fumar. Com minha perna ruim, chegar ao Anexo já era uma provação. Havia pouca luz ali, e meus olhos se ajustaram à escuridão enquanto eu juntava meus apetrechos para a missão secreta.

1. Uma carta que eu havia escrito em alemão em uma única página, em que a primeira letra de cada frase formava as palavras “carta escrita em urina”.
2. O palito pelo qual eu pagara meia porção de pão.
3. Minha caneca de água, na qual eu havia guardado a cálida tinta secreta.

Minhas primeiras tentativas deixaram borrões na página, mas logo fui me aperfeiçoando em escrever nas entrelinhas e contei sobre as operações e os nomes das Coelhas que haviam sido executadas. Regina primeiro, depois Romana Sekula, Irena Poborcówna, Henryka Dembowska. Dava uma sensação boa escrever a *papa* e pedir a ele que divulgasse os fatos para quem pudesse. Àquela altura, setenta moças como eu haviam sido operadas. Seriam necessárias muito mais cartas para fornecer todos os nomes a *papa*. Pedi a ele que enviasse um carretel de linha vermelha como sinal de que havia recebido e compreendido minha carta secreta.

* * *

NA MANHÃ SEGUINTE acordamos com uma garoa fria e fizemos filas de dez para a *appell*, esperando pela coleta das cartas antes de nos apresentarmos no *Strickerei* para o dia de trabalho. Guardei minha carta seca embaixo da manga do casaco. Quando Marzenka percorreu minha fila para recolher as cartas, eu a peguei e rocei o dedo nela. Estava apenas um pouco amassada no lugar onde havia urina. Será que Marzenka veria? Ou os censores?

Ela se aproximou e esticou o braço, a palma para cima. Minha mão tremia quando entreguei a carta. Sufoquei um espasmo quando a carta escorregou e voou para o chão.

— Desajeitada — disse ela.

Eu pulei para pegá-la antes de cair, mas a carta acabou com a parte de trás na lama.

— Não vou tocar nisso — disse Marzenka.

Peguei a carta do chão, limpei a sujeira com a barra do meu vestido e a entreguei para ela.

— Por favor, senhora *blockova*.

Ela a pegou com dois dedos e piscou.

— Por que tanta preocupação com uma cartinha dessas?

Ela segurou a carta contra a luz do holofote em cima. Eu mal conseguia respirar.

Ela me devolveu a carta.

— Você endereçou para a agência de correios de Lublin. Pegue de volta...

Mantive as mãos juntas nas costas.

— Aos cuidados de Adalbert Kuzmerick. Meu pai trabalha lá, senhora *blockova*.

— Ah — disse Marzenka.

Ela a jogou na pilha de cartas e seguiu adiante.

Eu desejei uma viagem sem percalços para a carta. Tenha cuidado com ela, Marzenka. É a nossa única chance.

Herta

NATAL DE 1943

NO NATAL DE 1943, o moral da equipe de Ravensbrück estava cada vez mais baixo. Anteriormente naquele ano, tropas alemãs haviam lutado com empenho em Stalingrado, apesar de estarem com poucas roupas e armas, mas acabaram se rendendo. Também enfrentamos cada vez mais bombardeios aliados em Berlim, mas nossas tropas retaliaram na Grã-Bretanha, conquistamos o controle do norte da Itália e resgatamos Mussolini, que havia sido preso pelos militares italianos. Então ainda havia o que comemorar.

Entretanto, conforme a guerra se arrastava, a vida em Ravensbrück ficava mais difícil. Carregamentos novos chegavam a toda hora, levando prisioneiras infectadas dos territórios conquistados pelo Führer.

Sem Halina, a *Revier* se tornou um hospício, apinhada de doentes de todos os países. Havia pouco tempo para sentir falta de Fritz ou de *mutti*. Eu ficava na minha sala na maior parte dos dias, mas o lugar precisava ser administrado. Os médicos do campo em particular precisavam de uma folga, e nós a recebemos na forma de uma comemoração especialmente boa das festas de fim de ano. Por toda a Alemanha, cidadãos sofriam com rações reduzidas, mas a equipe do campo ainda tinha café de verdade, salame, vodca polonesa e champanhe de qualidade.

Nossa festa começou com um desfile. Binz e suas guardas percorreram a cantina vestidas como anjos, com roupões de cetim branco e cordas douradas amarradas na cintura. Ela havia inclusive me convencido a usar uma dessas roupas, o que foi bom, porque as mangas largas tapavam os cortes nos meus braços e me ajudaram a evitar perguntas e olhares constrangedores. Esses cortes eram uma fase, um típico recurso de fuga, nada surpreendente, considerando-se o estresse do meu trabalho.

Binz e todos os anjos da sua equipe usavam uma tiara de metal na cabeça com uma cruz se erguendo na testa e uma haste alta sustentando uma suástica pintada de dourado que quase tocava o teto baixo. Ao entrarem em fila, cada uma acendia uma vela na árvore no canto da sala, que tinha todos os galhos enfeitados com os fios

prateados de costume. Então entraram os homens da SS, vestidos como pastores em fantasias feitas de roupões e longos chapéus de material azul brilhante. Ao fim da procissão vinha o comandante Suhren, nosso Papai Noel. Ele usava uma roupa comprida de feltro vermelho com acabamento de pelo branco e carregava um cetro em uma das mãos. Ele abaixou o chapéu pontudo para a frente, a fim de passar pela porta.

— Quem aprontou ou foi desobediente? — gritou ele, com brilho nos olhos.

Logo o Papai Noel largou o cetro e abriu o saco de doces. Onde ele arranjava aquelas guloseimas em tempos de guerra? Cerveja, a bebida de escolha do grupo, circulava à vontade. Até o Papai Noel tomou uma caneca.

Quando surgiu a nova religião fundada pelo nacional-socialismo, ela pareceu estranha, mas as pessoas logo se acostumaram. Segundo o Führer, era possível ser alemão ou cristão, mas não ambos. Ele sugeriu que nós mesmos fôssemos o Cristo, o que pareceu uma solução prática.

Muitos alemães resistiam a essa mudança, mas todos os membros da SS se converteram à nova religião. Aos poucos, aspectos religiosos do Natal foram substituídos por símbolos de orgulho nacionalista, e nós celebrávamos o solstício de inverno em vez do nascimento de Cristo. Logo, até mesmo o Papai Noel foi substituído por Odin, o homem-solstício. *Mutti* se irritou com tudo isso, porque havia sido criada como protestante devota; e meu pai, como católico. Mas, no fim, até mesmo ela tinha tanto uma “árvore do povo” com uma roda do sol germânica em cima quanto uma árvore de Natal tradicional. Essa nova religião me servia, porque me libertava de incômodas questões teológicas.

Fiquei sentada sozinha observando os anjos e pastores dançando.

O comandante Suhren se aproximou da minha mesa, a barriga de almofada do Papai Noel balançando ao caminhar.

— Não está comendo, Fräulein Oberheuser.

Colocou em cima da mesa seu prato de carne e batatas na manteiga. Afastei o rosto do cheiro da carne sangrenta.

— É “doutora”, Herr Commandant.

— Você precisa se manter forte. Carne tem proteína e ferro, sabe.

Por que não passar um sermão sobre nutrição a uma médica, não é mesmo?

— Estamos contando com você. Sei que não é fácil sem Fritz aqui, e com Dr. Gebhardt fazendo tantas palestras fora. E com o incidente...

Por que todos se referiam ao que havia acontecido com Halina como “o incidente”?

— Eu estou bem, Herr Commandant.

Era verdade. Insônia crônica era algo comum entre funcionários de campos de concentração.

Enquanto Suhren jogava pelo menos uma dose de sal em suas batatas, Binz e o namorado, Edmund, se beijavam em um canto. Parecia um anjo fazendo respiração boca a boca em um pastor. Recentemente promovida a subchefe da guarda no campo, Binz não estava deixando o novo cargo atrapalhar sua vida amorosa.

— Eu estaria melhor se conseguíssemos lidar com a situação das Coelhas, comandante — falei.

— Tenho muito com o que lidar no momento. Setenta subcampos, todos com os próprios problemas. Siemens está reclamando que suas prisioneiras estão morrendo. Além disso, estou de mãos atadas quanto à situação das Coelhas, Fräulein. Como levei uma advertência de Berlim, nem sequer recebo relatórios sobre o que está acontecendo no meu próprio campo. Gebhardt não se comunica.

Suhren havia protestado contra as operações de sulfa, alegando que precisava da força de trabalho das garotas polonesas. Gebhardt apelou a seus amigos nos altos postos, e Suhren foi voto vencido. Ele foi obrigado a se desculpar pessoalmente com Gebhardt, um golpe humilhante ao seu ego, pelo que tudo indicava.

— E então, quais são as últimas notícias? — perguntou Suhren, espetando uma batata com o garfo. Sem dúvida vira tudo de sua sala. Por que ele precisava da minha versão?

— Bem, depois que as Coelhas marcharam em protesto...

— Marcharam? Metade delas não consegue andar.

— Elas foram carregadas até a praça e exigiram ver Binz.

— Ouvi falar disso.

— Elas lhe entregaram um manifesto, exigindo por escrito a interrupção de operações futuras.

— Teve sorte que isso não tenha provocado uma briga. E você operou mesmo assim?

— Desta vez, no bunker. Não pude usar anestesia lá embaixo, mas precisávamos da segurança extra. O campo todo se tornou muito protetor delas.

— Como eu posso ajudar?

— O pessoal de Berlim ouviu falar a respeito do protesto, e eles estão reavaliando a situação. Gebhardt diz que não haverá mais Coelhas no muro de execução até novo aviso.

— E então?

Suhren estava olhando para Binz e Edmund no canto. Eu estava perdendo sua atenção.

— Se não conseguirmos apagar as consequências dessa experiência, podemos acabar com uma bomba nas mãos. Fritz foi embora. Gebhardt está viajando.

Isso chamou a atenção dele.

— Infelizmente, não posso passar por cima de Gebhardt. Ele fala pessoalmente

com Himmler todos os dias.

— Bem, alguma coisa deve ser feita logo. Se isso vazar...

Suhren descartou a ideia com um aceno de mão.

— Nossa segurança é praticamente perfeita. Apenas três fugas, e duas das fugitivas foram apreendidas. O próprio Himmler elogiou nossos censores. Eles não permitem vazamentos.

Isso era uma evidente falsidade. Eu ouvira dizer que todo tipo de coisa passava por nossos censores. Binz encontrava evidências disso diariamente. Uma garrafa de tinta para cabelo em uma caixa de aveia. Antibióticos em um tubo de pasta de dentes.

— Além disso, as cirurgias foram realizadas em segredo, com as pacientes vendadas. Nenhuma delas consegue identificar você.

— Mas...

— Tenha paciência, minha cara. Vou lidar com o problema. Deixe isso comigo.

Suhren se afastou, deixando o guardanapo amontoado sobre o prato, o sangue da carne molhando o tecido. Quando o coro de anjos deformados de Binz se reuniu para cantar várias canções folclóricas alemãs, senti meu primeiro calafrio de medo em relação a tudo. Eu sabia muito bem que pontas soltas tendem a descosturar.

CAPÍTULO 21

Caroline

NATAL DE 1943

TODO TEMPO LIVRE que eu tive naquele mês de dezembro, passei caçando pessoas que iam e vinham do trabalho na estação de trem, no Grand Central Terminal, vendendo bônus de guerra. Da noite para o dia, ao que parecia, um mural fotográfico de quase quarenta metros com tema da guerra surgira no muro leste da estação. Navios e aviões de combate pairavam sobre o mar de passageiros, muitos deles usando fardas. A legenda não deixava ambiguidades em relação ao objetivo da missão: COMPRE BÔNUS DE GUERRA E SELOS!

Certa tarde, uma das organistas da estação, Mary Lee Read, de Denver, que se oferecera para tocar em todas as festas de fim de ano, começou uma versão comovente de “The Star-Spangled Banner”. A música fez com que todos no corredor principal parassem para ouvir, todos os passageiros levando as mãos ao coração, enquanto escutavam, parados, provocando o atraso de legiões de trens. O chefe da estação pediu a Mary que não tocasse novamente aquela música, e ela se tornou a única organista em Nova York a ser proibida de tocar o hino nacional dos Estados Unidos.

A segurança no Grand Central era reforçada, já que dois espões alemães haviam sido pegos tentando sabotar a estação, mas pequenos corpos de voluntários, incluindo mamãe e eu, tinham permissão para vender bônus. Todos concordavam que ela era um talento desperdiçado, pois seria capaz de fazer chover. Pobre do viajante cansado que se recusasse a dar dez centavos que fosse para um selo de guerra; depois que caía nas garras de mamãe, todos terminavam doando fundos extras a ela, que aceitava satisfeita.

Na época, havia uma grande quantidade de mulheres pegando trens na estação. Com tantos homens na guerra, as mulheres haviam ingressado em massa no mercado de trabalho. Até mesmo Betty tinha um emprego em que datilografava relatórios para a Guarda Nacional. Não chegava a ser uma Rosie the Riveter, mas era um grande passo para ela.

Mamãe e eu passamos a manhã de Natal de 1943 na igreja Saint Thomas, não muito longe do Grand Central Terminal, na Quinta Avenida com a 53th Street. Ouvimos o reverendo Brooks em seu magnífico púlpito entalhado em carvalho, com seu resplandecente traje de Natal, enquanto ele se esforçava para nos animar. A guerra pesara fortemente na congregação, formada em sua maior parte, àquela altura, por mulheres e homens mais velhos. Havia alguns poucos soldados uniformizados nos bancos, mas a maior parte já tinha sido enviada à Europa ou ao Pacífico, incluindo o ascensorista, Cuddy. Todos nós conhecíamos alguém impactado pela guerra. Fiz uma prece por todos os que estavam a bordo do navio francês que Roger se vira forçado a mandar de volta para o mar na véspera: milhares de refugiados europeus em busca de asilo, ainda esperando além da costa.

Eu não conseguia suportar contar os meses que haviam se passado desde a última vez que tivera notícias de Paul. O palpito mais otimista de Roger era que ele ainda estava no campo de concentração de Natzweiler. Pelas informações que consegui, muitos franceses haviam acabado ali, nas montanhas dos Vosges, fazendo trabalho forçado no frio extremo. Será que dava para sobreviver dois anos em um lugar como aquele?

Naquele ano, outro desenrolar da guerra viera à tona, perturbador e sinistro. Ficara claro, não apenas pelos informes limitados que recebíamos da Cruz Vermelha suíça, mas também pelos jornais de Nova York e de Londres, que Hitler estava seguindo adiante com seu plano de aniquilar judeus, eslavos, ciganos e qualquer outro povo que considerasse *untermenschen*, sub-humano, a fim de abrir espaço para o seu *lebensraum*. Havia relatos de câmaras de gás em Chelmno, na Polônia, e de extermínio em massa. Hitler inclusive declarara seu plano abertamente nos discursos desvairados que costumava fazer, e ainda assim Roosevelt era lento em reagir e mantinha a imigração ao mínimo.

Saint Thomas era a tábua de salvação que sustentava nossa esperança. Ajoelhada ali, naquela igreja grande, o ar perfumado com olíbano, o magnífico retábulo atrás do altar, senti que o mundo talvez pudesse voltar aos eixos, afinal. Quando eu era criança, papai e eu nos dispusemos a decorar todos os santos e figuras famosas entalhadas em pedra ali. São Policarpo. Santo Inácio. São Cipriano. Chegáramos ao número quarenta e seis, George Washington, quando papai morreu, e acabei nunca decorando o restante. Estar ali me fazia sentir mais perto dele principalmente quando o organista colocou todos os 1.551 tubos do órgão para tocar “God Rest Ye Merry Gentlemen”, algo como “Deus lhe dê descanso, alegre cavalheiro”, hino de Natal favorito de papai. Só ouvir os meninos de rosto corado cantando a glória de Deus já renovava o otimismo das pessoas.

Quando o reverendo Brooks nos contou de seus planos de se alistar no exército, de se juntar ao “velho Sétimo Regimento” de Nova York como capelão, li os nomes

entalhados nas paredes dos que serviram na Primeira Guerra Mundial. Vinte deles, com os nomes pintados em ouro, tinham dado a vida pelo país. Quantos mais perderíamos na guerra atual? Nossa paróquia tinha mais de quatrocentos membros fardados, e já havíamos ultrapassado a Primeira Guerra Mundial no número dos mortalmente feridos.

Eu deixara uma das cartas de Paul dentro do meu hinário, uma que se extraviara e chegara bem depois de a França ter sido invadida. Eu lera e relera aquela carta tantas vezes que a folha já estava fina. Enquanto reverendo Brooks discursava, voltei a ler:

Obrigada, meu amor, pelos pacotes de Ovomaltine. Acredite em mim, essa é uma mudança bem-vinda em relação às bebidas quentes que o pai de Rena faz com bolotas de carvalho. Não se assuste se esta for a minha última carta por algum tempo. Todos os jornais estão prevendo uma invasão em breve. Mas, enquanto isso, saiba que sinto a sua falta, e que você não fica longe dos meus pensamentos por mais que poucos minutos — e isso quando estou dormindo. Por favor, mantenha-nos em suas preces e durma profundamente em seus lençóis de cetim cor-de-rosa, sabendo que eu logo estarei no H&H Automat, aproveitando o ar-condicionado e a torta de ma...

Senti o olhar de alguém e, quando me virei, vi David Stockwell sentado do outro lado da nave, na fileira de bancos de trás. Ele me encarava descaradamente. Que expressão era aquela? Curiosidade? Tristeza? Fechei meu hinário e, nesse momento, Sally Stockwell, que, mesmo no frio do grande salão da igreja, parecia estar transpirando muito, se inclinou para a frente e sorriu para mim. Betty também se inclinou para frente e revirou os olhos, em uma referência silenciosa ao extenso sermão do reverendo Brooks.

No fim do serviço religioso, o reverendo deixou o altar e foi para a parca procissão de meninos do coro e de homens idosos. Enquanto eles seguiam seu caminho pela nave central, ficou claro que suas fileiras haviam sido dizimadas, já que muitos tinham partido para a guerra, trocando as sotainas escarlate e as sobrepelizes brancas por uniformes militares. Quando o grupo chegou aos fundos da igreja e voltou à sacristia, a congregação começou a se dispersar.

Mamãe e eu nos encontramos com Betty, David e Sally no nártex da igreja, a requintada entrada com um lindo teto ornamentado. Os três se destacavam na multidão, Betty porque usava um conjuntinho do branco mais puro por baixo do casaco de visom dinamarquês; Sally porque parecia prestes a explodir com a barriga de gêmeos, o casaco carmim perdendo a batalha para tentar cobri-la; e David porque era praticamente o único homem em Manhattan que não estava de farda. Ele alegava

que seu trabalho no Departamento de Estado era um sacrifício igual, mas comparado a ir para a guerra, almoços demorados no “21” não pareciam uma grande provação.

Mamãe e eu alcançamos os três, e Sally já se abanava com o programa da igreja.

— Ah, olá, Caroline — disse ela com um sorriso trêmulo.

— Parece que teremos dois bebês natalinos — comentou mamãe.

— Três — informou Betty. — Agora são trigêmeos. Mamãe está surtando. Ela tem que arrumar logo três babás.

Não era o bastante que os quintuplos de Dionne estivessem em todas as manchetes, lembrando-me da minha ausência de filhos. Sally Stockwell também tinha que superar as expectativas.

Segurei David pelo cotovelo.

— Posso falar com você? Em particular?

Ele pareceu surpreso. Será que estava com medo de que eu quisesse discutir o nosso passado? Apesar de ainda guardar mágoa, não consegui deixar de notar que David parecia estar melhorando com a idade.

— Espero que ele não esteja encrencado — comentou Betty.

— Posso dispor de um instante — disse David. — Mas realmente precisamos voltar para casa. O cozinheiro está com o assado pronto.

Levei David até um canto mais tranquilo, e ele sorriu.

— Se essa é uma oferta de última hora pelas minhas atenções amorosas, talvez a igreja não seja...

— Por que não retorna as minhas ligações? — perguntei.

A guerra não impactara a habilidade de David de se vestir bem: clássico, mas quase no limite do almofadinha, a gravata arqueada, as lapelas do casaco de pelo de camelo com a costura perfeita nas bordas.

— Quando foi a última vez que você me fez um favor?

— Só preciso que você ligue para alguém sobre...

— Só o Congresso pode afrouxar as cotas de imigração. Eu disse.

— Você está em uma posição de poder, David.

— Para fazer o quê?

— Roger teve que recusar outro navio esta manhã. Vindo de Le Havre. Metade dos passageiros eram crianças. Se você pudesse simplesmente pedir...

— O país não quer mais estrangeiros.

— Estrangeiros? Metade das pessoas deste país chegou aqui apenas uma geração atrás. Como você pode simplesmente deixar que morram, David?

Ele segurou a minha mão.

— Escute, C. Sei que Paul Rodierre está em uma situação ruim...

Afastei a mão da dele.

— Não é isso. Como pode simplesmente não fazer nada? É estarrecedor!

O reverendo Brooks se juntou à mamãe, Betty e Sally no nártex. Ele acenou com a mão fazendo o sinal da cruz na barriga de Sally, e com isso ela pareceu se abanar mais.

— Estamos em guerra, Caroline. Vencê-la é a melhor coisa que podemos fazer por essas pessoas.

— É uma cortina de fumaça e você sabe disso. Setenta mil judeus romenos com asilo recusado aqui? O St. Luis recusado? Como mandar tantos inocentes de volta para a morte certa?

O reverendo Brooks se virou para nos encarar, e David me puxou mais para a sombra.

— É um processo lento, Caroline. Todos os formulários de visto devem ser cuidadosamente avaliados. Espiões nazistas podem vir para cá se passando por refugiados. Estamos pensando no que é melhor para os Estados Unidos.

— Isso é antissemitismo, David. Houve um tempo em que você teria feito a coisa certa.

— Irmão querido — chamou Betty.

David ergueu o indicador para ela, pedindo que esperasse.

— Vamos admitir sobre o que realmente é essa conversa. Se você não estivesse sofrendo como uma menininha pelo seu namorado casado perdido, já teria voltado à Junior League para tricotar meias para os soldados.

— Esqueço que você disse isso, se me prometer ao menos tentar...

— David, agora — insistiu Betty.

— Está certo, vou pedir.

— Tenho a sua palavra?

— Sim, pelo amor de Deus. Está feliz?

— Estou — respondi com um sorriso.

Por um momento, pensei ter percebido um lampejo de tristeza na expressão de David. Arrependimento por termos rompido? Era difícil dizer, pois seu semblante logo voltou ao normal.

Nós nos viramos e vimos mamãe e Betty ajudando Sally a se sentar no último banco. O reverendo Brooks parecia um pai ansioso observando enquanto mamãe mandava os meninos do coro irem em busca de uma bacia. Os gritos de Sally ecoavam na igreja enquanto mamãe arrumava o próprio casaco como um travesseiro para a pobrezinha.

— Meu Deus — disse David, chocado.

Betty correu até ele e puxou-o pelo braço.

— Venha cá. Ela está prestes a entrar em erupção. Não dá tempo de chegar ao St. Luke's.

No fim, parecia que David não chegaria em casa a tempo de saborear o assado do

cozinheiro.

CAPÍTULO 22

Kasia

NATAL DE 1943

O NATAL DE 1943 foi especialmente cruel para mim e Zuzanna. Sem *matka* e Luiza, e com minha irmã debilitada ao extremo, havia poucos motivos para celebrar. Fazia muito tempo que não recebia nenhuma carta nem pacote de *papa*. Será que ele ainda estava vivo?

Tivemos uma folga da *appell* na tarde de Natal, para que as guardas do campo pudessem celebrar. Zuzanna estava deitada perto de mim, tão magra pela disenteria que dava para ver as pontas angulosas dos ossos do quadril se projetarem na manta fina enquanto ela dormia. Como médica, ela sabia o que estava acontecendo e tentava me instruir em como ajudá-la, mas, mesmo quando as moças da cozinha surrupiaram sal e água limpa para ela, nada funcionou. Embora muitas de nossas companheiras de cárcere compartilhassem a própria comida preciosa com as Coelhas, sem os pacotes de casa tínhamos nos transformado em esqueletos ambulantes.

Zuzanna estava deitada de lado, os punhos cerrados embaixo do queixo, e eu cochilava ali perto, meu peito nas costas dela, sua respiração sendo minha única felicidade. As mulheres em nosso bloco haviam votado para nos permitirem ter uma cama inferior do beliche, por causa de nossa situação como Coelhas. Esse era um gesto extraordinário, uma vez que muitos beliches acomodavam mais de oito prisioneiras cada um! As russas, muitas delas médicas e enfermeiras capturadas nos campos de batalha, eram especialmente gentis conosco e haviam organizado a votação. Como presente de Natal, Anise nos dera um pedaço de cobertor sem piolhos que ela havia tirado das pilhas de saques, e eu o enrolei nos pés descalços de Zuzanna.

Eu observava algumas garotas polonesas rechearem um pedaço de pano com um pouco de grama. Era uma tradição natalina que seguíamos na Polônia desde crianças, colocando palha fresca por baixo de uma toalha de mesa branca. Após a ceia, algumas jovens solteiras puxam uma folha de palha de baixo da toalha para prever o futuro. Uma peça verde indica casamento, uma palha murcha significa espera, uma amarela traz a temida previsão de que a jovem ficará solteirona, e uma palha muito curta

prenuncia uma morte prematura. Naquele dia todas me pareceram muito curtas.

Com Marzenka afastada àquela altura, algumas garotas polonesas cantaram uma de minhas músicas de Natal preferidas, “Zdrów bądź Królu Anielski”, “Preparados para o Rei dos Anjos”, sussurrando baixinho, já que cantar ou falar qualquer outra língua que não o alemão era proibido e podia levar à solitária.

A canção me transportou de volta para as vésperas de Natal na Polônia, nossa pequena árvore coberta com velas e pingentes de papel prateado. Trocar presentes com Nadia, sempre livros. Jantar a sopa de beterraba de *matka*, peixe assado e doces. E ir à igreja no dia de Natal, nossa família no mesmo banco que os Bakoski. Todos nós confraternizando com Pietrik e sua doce mãe, que parecia um cisne de cabelo preto. Ela havia sido bailarina antes de conhecer o pai de Pietrik e sempre usava o cabelo preso em um coque na altura da nuca. O Sr. Bakoski de pé, alto, de farda militar, e Luiza com seu novo casaco cor-de-rosa se aconchegando perto de mim. A família de Pietrik sorrindo quando ele me puxava para dividir um livro de orações. Seu perfume de cravo e canela por ter ajudado a mãe a cozinhar naquela manhã.

Eu passava mais tempo em reminiscências — qualquer coisa para fugir daquele bloco congelante —, mas eu sentia a fome tomar o lugar de qualquer um dos meus entes amados. A maior parte do dia eu só pensava em pão e em livrar a mim e a Zuzanna das infestações. Minha irmã havia desenvolvido para nós uma rigorosa rotina de caçar piolhos, uma vez que estava morrendo de medo de pegar tifo. Como médica, ela conhecia muito bem os efeitos da doença.

Meus pensamentos foram interrompidos quando o velho eletricitista de Fürstenberg chegou para mexer nos fios em nosso bloco. Era um visitante frequente, alguém cuja presença era bastante esperada. Ele entrou no bloco, curvo e de cabelo branco, carregando a bolsa de lona com seus apetrechos e um banco dobrável de madeira, os ombros e as mangas do seu casaco de tweed preto com manchas molhadas. Ele sacudiu a chuva do chapéu amarelo-mostarda e depois fez o que sempre fazia, algo extraordinário:

Ele se curvou para nos cumprimentar.

Ele se curvava! Quanto tempo tinha se passado desde que alguma outra pessoa fizera o mesmo gesto para nós? Ele então caminhou para o centro do quarto e abriu o banco dobrável. No caminho, deu uma espiada em Zuzanna, adormecida perto de mim, e sorriu. Por algum motivo, ele parecia gostar especialmente dela. Minha irmã exercia esse efeito sobre as pessoas. Será que o fazia se lembrar da própria filha? Em uma visita anterior, ele lhe deu um cubo de açúcar escondido, enrolado em papel branco, que fizemos durar por dias, acordando à noite para dar pequenas lambidas nele. E outra vez, “acidentalmente” deixou cair perto da cama dela um pacote de remédio em pó para dor de cabeça.

Por que, pode-se perguntar, moças famintas ficariam felizes de ver esse alemão?

Porque Herr Fenstermacher não era um operário qualquer. Era um homem culto, bondoso, com uma voz doce como melado quente. Mas isso nem era o melhor.

Ele cantava para nós. Em francês.

Mas não eram simplesmente quaisquer músicas. Eram músicas que ele inventava, a partir das manchetes dos jornais do dia. Sim, nós sabíamos de alguns eventos da guerra apenas por escutarmos o estrondo distante das bombas ao sul de onde estávamos. Herr Fenstermacher, porém, trazia para nós, com grande risco para si mesmo, um presente mais precioso do que ouro. Notícias de esperança. O nome Fenstermacher significa “fabricante de janelas” em alemão, e ele era a nossa janela para o mundo.

Ele sempre começava da mesma forma: subia no banco, ajustava a lâmpada e cantava: *Recueillir près, les filles, et vous entendrez tout ce qui se passe dans le monde.* (Cheguem perto, garotas, e vocês vão ouvir tudo o que está acontecendo no mundo.)

Naquele Natal ele cantou sobre tropas americanas aterrissando em solo europeu; sobre Stalin, Roosevelt e Churchill se reunindo em Teerã, e sobre a Força Aérea Real Britânica bombardeando Berlim com sucesso. Então eram eles que estavam voando acima de nossas cabeças! Eu imaginava jovens e atraentes pilotos ingleses nos aviões, fazendo soar a sirene de ataque aéreo, o que deixava Binz e suas *aufseherinnen* em pânico. Será que esses pilotos ao menos sabiam que estávamos aqui embaixo esperando para sermos libertadas?

As que falavam francês cochichavam as traduções para as outras. Você nem imagina como ficávamos felizes de receber esse presente. O eletricitista terminou com um belo: “Feliz Natal para vocês, queridas damas. Que Deus nos ajude a todos logo.”

Ele juntou suas ferramentas na sacola e recolocou o chapéu. As lágrimas brotaram em meus olhos. Será que ele pegaria um resfriado com esse clima? Nós havíamos sido esquecidas por todo mundo. Será que ele sabia que era nosso único aliado? Ele passou por nosso beliche e me cumprimentou levantando a aba do chapéu. “Por favor, tome cuidado”, pensei. O senhor é o nosso único amigo.

Fiquei contente por Zuzanna ter dormido durante aquilo tudo. Um dia de descanso sem ter que ficar de pé no granizo por horas enquanto Binz e suas guardas faziam a chamada iria ajudá-la a se recuperar. Foi só quando Herr Fenstermacher já tinha saído e seguido seu caminho que vi o que ele havia deixado no pé do nosso beliche.

O mais lindo par de meias tricotadas à mão!

Eu as peguei e nem conseguia acreditar naquela maciez. Afaguei minha bochecha com elas. Pareciam as penas fofas de Psina. E a cor! Um azul-claro, como o céu do início do verão. Eu as deslizei para baixo do queixo de Zuzanna, entre suas mãos fechadas e seu peito. Um milagre de Natal.

Nem bem Herr Fenstermacher tinha saído, a porta se abriu e Marzenka entrou

com esforço, batendo as botas para tirar a lama. Como tínhamos inveja daquelas botas, já que era uma tortura ter os pés descalços em tamancos de madeira grandes demais no meio do inverno.

Marzenka carregava um monte de pacotes. Meu coração acelerou ao vê-los. Era bom demais para ser verdade, um pacote para nós no Natal, depois de uma espera tão longa.

Ela caminhou pelo bloco, chamou os nomes e jogou pacotes e cartas em alguns beliches. Que estranho: achei que não tivéssemos permissão de receber embrulhos, sendo prisioneiras políticas e tudo o mais. Porém, para nossa sorte, o comandante Suhren era uma pessoa prática. O fato de a família de uma prisioneira mandar comida e roupas economizava dinheiro do campo de concentração. Significava que menos verbas eram necessárias para manter os trabalhadores vivos.

No momento em que ela passou por nosso beliche, carregava só mais dois embrulhos.

Por favor, que um seja para nós.

Marzenka diminuiu a velocidade ao se aproximar de nosso beliche.

— Feliz Natal — disse com um raro indício de sorriso. Até ela havia se tornado solidária com as Coelhas.

Então arremessou no nosso colchão de palha um pacote, que aterrissou com um barulho abafado. Eu me sentei e o arrebatei. Eu estava um pouco tonta e segurei por alguns minutos a caixa embrulhada em papel pardo, absorvendo aquilo. Um pacote. Pequenos pingos de chuva tinham salpicado o papel, dando-lhe uma aparência de pele de animal, e a chuva havia borrado a tinta do remetente, mas era da Agência Central dos Correios de Lublin.

Papa.

Será que ele tinha conseguido, de alguma forma, decifrar o código e passar a carta a ferro? Será que eu deveria acordar Zuzanna para abrirmos o pacote juntas? Já estava meio aberto, saqueado pelos censores, então fui em frente e abri o papel pardo. Deparei com uma velha lata de balas, fria ao toque. Puxei a tampa e fui presenteada com o aroma de chocolate envelhecido. Ah, chocolate. Eu havia me esquecido de chocolate. Mesmo chocolate velho me dava água na boca.

Na lata havia três trouxas de pano. Desembrulhei a primeira para revelar o que havia sobrado de um bolo de sementes de papoula. Mais da metade! Em geral, os censores pegariam o bolo inteiro. Será que estavam sendo generosos porque era Natal? Provei uma migalha e agradei a Deus por ter criado a papoula e depois o embrulhei de novo, apressada, porque queria guardá-lo para Zuzanna. Um bolo polonês seria um bom remédio para ela.

O embrulho seguinte era um tubo de pasta de dentes. Quase dei uma risada. Já fazia muito tempo que não tínhamos escovas de dente, mas era maravilhoso ver algo

tão familiar vindo de casa. Desenrosquei a tampa e senti o aroma de menta fresca. Depois enfiei o tubo embaixo do colchão. Com uma negociação adequada, um tesouro desses poderia ser trocado por uma semana de pão extra.

O último embrulho era pequeno e fora envolvido no pano de prato branco de *matka*, bordado com dois passarinhos se beijando em ponto-cruz. Só de ver aquilo caí aos prantos, o que atrasou meu progresso, mas finalmente afrouxei a trouxinha, as mãos tremendo tanto que eu mal conseguia desatar o nó. Assim que a toalha se abriu no meu colo, tudo o que pude fazer foi encarar seu conteúdo.

Era um carretel de linha vermelha.

“Alegria” é uma palavra usada com exagero, mas foi o que senti naquele dia, sabendo que *papa* havia entendido minha carta secreta. Mal consegui me segurar para não ficar de pé no meio do quarto e gritar de felicidade. Em vez disso, beijei o pequeno carretel e o enfiei no meio das mãos fechadas de minha irmã adormecida.

Foi o melhor Natal da minha vida, pois eu soube que não estávamos mais sozinhas.

Herta

1944

— VILMER HARTMAN ESTÁ aqui para vê-la — disse a enfermeira Marschall com uma expressão sagaz.

Por que ela continuava entrando em minha sala sem bater?

Eu havia acordado de péssimo humor naquela manhã, com um zumbido estranho na cabeça. Talvez fosse por causa da superlotação no campo. Ravensbrück havia sido construído para sete mil prisioneiras, mas naquele verão abrigava quase quarenta e cinco mil. Talvez fossem as constantes sirenes de ataques aéreos ou as notícias sinistras a respeito da guerra: no começo de junho, chegou ao campo a informação de que os americanos haviam aterrissado na França. Ou talvez se devesse ao fato de que o campo estava lotado de prisioneiras infectadas e a cada duas semanas eu tivesse que tirar da *Revier* todas as pacientes com quem não era possível trabalhar e mandá-las embora em transportes negros. Mesmo depois de alguns cortes para aliviar a tensão, eu não conseguia dormir.

Para piorar tudo, Suhren não fizera nenhum progresso no caso das Coelhas. Os blocos estavam tão superlotados e mal administrados que seria impossível encontrá-las sem um confinamento geral do campo. Gerda me contou que suas amigas trocavam de número com elas e as escondiam em toda parte, até no bloco da tuberculose.

Eu não estava com ânimo para falar com velhos amigos.

Vilmer Hartman, um psicólogo que eu havia conhecido na faculdade de medicina, queria fazer uma visita a Uckermark, um antigo campo juvenil para meninas, aonde Suhren enviara as prisioneiras excedentes. Eu sabia que psicólogos faziam rondas pelos campos, verificando a saúde mental dos trabalhadores, o que era uma perda de tempo quando havia tarefas tão mais importantes. Eu esperava levá-lo a Uckermark, concluir a visita em cinco minutos ou menos e estar de volta sem complicações. Havia planejado me recolher cedo e tomar um banho frio, já que estávamos no meio de uma onda de calor. Era o mês de julho mais quente da história.

Encontrei Vilmer na frente do prédio da administração, esperando no banco do carona de um Wagen. Assumi a direção, dei a partida no motor e liguei o rádio para desencorajar qualquer conversa.

A Alemanha segue vitoriosa. Suprimentos aliados continuam diminuindo conforme as tropas alemãs mantêm as operações no Reno. Em outras notícias...

Vilmer desligou o rádio.

— Vitoriosa? Quanta mentira. Como podem nos enganar? Já perdemos a guerra. Ela acabou em Stalingrado.

— Então o que te traz ao campo, Vilmer? A última vez que te vi foi na aula de biologia. Você estava tendo dificuldade com um feto de porco.

Ele sorriu.

— Aquela aula quase acabou comigo.

Vilmer era um homem bonito, com o cabelo louro ligeiramente ondulado e de modos suaves. Ele usava roupas civis, imagino que para conquistar a confiança dos pacientes com quem conversava. De alguma maneira, os mocassins de aparência cara permaneciam impecáveis mesmo em meio à poeira do campo.

— O caminho da medicina não é para todos — falei.

— Certamente paga melhor — retrucou Vilmer. — Mas eu estou feliz como psicólogo.

Quando chegamos a Uckermark, estacionei e Vilmer, um típico cavalheiro alemão, abriu a porta do carro para mim. Examinamos os três blocos recém-construídos e a imensa tenda de lona do Exército armada na *Platz*, sob a qual havia centenas de *häftlings* de pé e sentadas, ainda com roupas civis.

Vilmer tinha modos excelentes, típicos de um alemão culto, mas era meio enfadonho. Ele havia me convidado para sair uma vez, mas eu estava ocupada demais para aceitar.

— Você publica muitas coisas, Vilmer. Fez uma bela carreira.

Passei a mão na manga do meu casaco branco, que estava sujo com cinzas escuras.

— Não está muito quente para usar manga comprida? — perguntou Vilmer. — Não há por que se vestir formalmente para mim.

— Por que está aqui, Vilmer?

— Estou estudando a relação entre trauma e psicose.

— Mais um estudo? Você vai encontrar uma infinidade de objetos de estudo aqui, a começar pela cantina dos oficiais.

— Estou mais interessado nas prisioneiras.

— Quem se importa com elas? Não toque nessas moças a menos que queira pegar alguma doença.

— Eu me importo muito — disse Vilmer. — É apenas parte da minha missão, mas, conversando com prisioneiras, aprendi muita coisa.

— Qual é a sua missão oficial? — perguntei.

Chegamos à tenda, e ele se virou para sorrir para uma *häftling*.

— Avaliar a capacidade de contribuição da população, com base em diversos critérios.

O que ele queria dizer era eliminar as mentalmente incapazes de trabalhar. Antes de marcá-las para tratamento especial, ele fazia um pouco de sua pesquisa.

— Observando os ratos no labirinto — falei.

— Gosto de pensar que as ajuda falar a respeito. Desde quando você se tornou tão insensível, Herta?

— Eu deveria estar em um divã por causa disso?

— Isso lhe faria bem. Não estou surpreso, na verdade. Afinal, você tem sido sistematicamente dessensibilizada ao longo de anos, a começar pela faculdade de medicina. Eu me lembro de uma luta de espadas com membros humanos no laboratório de anatomia.

— E você está aqui só para observar as prisioneiras?

— Ah, não. Funcionários selecionados do campo também.

— Isso me inclui?

Vilmer deu de ombros.

— Todos temos um trabalho a fazer.

— Então tudo o que eu disser será gravado e repassado a Suhren?

— Eu me reporto a Berlim.

— Eles mandaram você me avaliar?

— Você é uma de muitos, Herta. Os médicos dos campos estão especialmente em risco. Como grupo, vocês demonstram um profundo respeito pela autoridade. Vocês aceitam, até mesmo desejam, o *status quo*.

— Não consigo viver em um lugar tão sujo como este. — Espanei mais cinzas do casaco. — O que diz no meu arquivo?

— Me conte você.

— Tenho certeza de que todo o incidente com a polaca está lá.

— Talvez.

— O que posso dizer? Eu encontrei uma prisioneira, uma ex-enfermeira, que me ajudou a melhorar a *Revier*, e a enfermeira Marschall ficou com ciúme e acabou com isso. Marschall. Ela, sim, deveria ser estudada.

— Você sabe por que a fazem jogar xadrez com o Dr. Winkelmann?

— Não chegamos a conversar a respeito, Vilmer.

Embora eu tenha inicialmente protestado contra as visitas forçadas a Winkelmann, meu colega rechonchudo, acabei por considerá-las estranhamente

relaxantes. Passava geleia mentolada embaixo do nariz para não sofrer com o cheiro do homem e o via comer uma quantidade interminável de sanduíches de peixe enquanto me passava um sermão sobre os benefícios do peixe para o cérebro. Eu já tivera encontros piores.

— Imagino que suspeitem que eu me tornei excessivamente próxima de outra mulher e que me beneficiaria de uma companhia masculina.

— Como se sente em relação a isso?

— Não é minha função sentir nada.

— Internalizar suas emoções não vai ajudá-la, Herta.

Vilmer era muito suave, com grandes olhos castanhos e tristes. Nunca foi dos alunos mais inteligentes. Sua presença na faculdade de medicina era um desperdício.

— Fiquei triste com tudo aquilo. Ela trabalhava muito bem e era uma boa pessoa.

— Minhas anotações dizem que você ficou na cama por vários dias. Ansiedade aguda.

— Já superei isso.

Qualquer coisa pode ser superada com trabalho árduo e disciplina. Por que ele estava fazendo tanto alarde sobre tudo aquilo?

— Você parece incomodada com o fato de seu casaco estar ficando sujo com as cinzas do Krema. Quer conversar sobre isso?

— Acontece que eu prefiro usar um casaco branco que esteja limpo, Vilmer. Isso viola alguma regra de comportamento?

— Não há necessidade de levantar a voz, Herta. Os episódios se tornaram mais frequentes?

Quanto mais eu teria que suportar?

— Como você está dormindo?

De repente, parada ali ao sol, tive a sensação de que estava quente como o inferno.

— Nada bem, Vilmer. Talvez tenha algo a ver com a sirene das quatro da manhã. Não que alguém se importe com o meu sono.

— Você sente que ninguém se importa? — perguntou Vilmer.

— Quer parar de me fazer perguntas sobre sentimentos? *Mein Gott*, Vilmer. De que isso adianta? Como eu me sinto? Como eu me sinto?

Minha voz alta atraiu a atenção de uma *aufseherin*. Era tudo de que eu precisava: mais relatórios no meu arquivo.

— Olhe, este não é um lugar fácil para se viver — disse Vilmer. — A sua ficha informa as responsabilidades que você tem no campo. Não há como ser indiferente a tudo. Não é da sua natureza acabar com vidas, Herta. Você sem dúvida está enfrentando um entorpecimento psíquico.

— Faço o meu trabalho — respondi, puxando as mangas do vestido para tapar os pulsos.

— Mais cortes?

E se houvesse mais cortes? Eu poderia lidar com isso.

— Não, claro que não — respondi. — Nada de cortes.

Vilmer levou um cigarro aos lábios e abriu o isqueiro. O brilho do sol sobre a caixa de alumínio ofuscou minha visão por um instante.

— Você não pode ter as duas coisas, Herta. Matar e ainda ser vista como alguém que cura. Tudo tem um preço.

— Nas minhas horas de folga, penso em outras coisas.

— Isso é uma fuga, sabe? Não é saudável.

— Fumar também não.

Vilmer recuou e jogou longe o cigarro, provocando um tumulto entre as *häftlings*.

— Olhe, guardar algumas coisas é saudável, mas talvez você fique melhor com uma mudança de ritmo.

— Você está me transferindo?

— Estou. Acho que você poderia se beneficiar com uma mudança. A essa altura, não há muito que possa ser feito para ajudar o Reich.

— Então você vai me enfiar em algum hospital do interior com uma espátula e um frasco de aspirinas? Você talvez não tenha levado seus estudos de medicina a sério, mas eu trabalhei muito para chegar aonde estou.

— Não há motivo para hostilidade, Herta.

Meu vestido parecia uma fornalha, fazendo o suor escorrer pelas costas.

— Então agora eu sou hostil? Por favor. Você já fez alguma coisa tão bem ao ponto de acreditar que está destinado a grandes feitos? Não, não escreva “sofrendo de mania de grandeza” na minha ficha. Isto é real. Eu sou médica, Vilmer. Esse é meu oxigênio. Por favor, não deixe que me mandem para longe.

— Esta confusão não vai terminar bem para a Alemanha, Herta. Você precisa entender isso, ou vai acabar na fila para a forca.

Comecei a caminhar na direção do carro.

— Suhren está administrando as coisas.

Vilmer me seguiu.

— Você acha que Suhren vai protegê-la? Ele vai fugir para Munique. Ou para a Áustria. Gebhardt já está fazendo lobby para se tornar presidente da Cruz Vermelha, como se isso fosse absolvê-lo. Por que você simplesmente não pede uma licença?

Aquilo era nauseante. Tanta fraqueza. Todos os alemães haviam se acovardado da noite para o dia?

— Vou deixá-lo com sua pesquisa. — Voltei para o carro e joguei para ele o saco de sanduíches que havíamos levado. — Eu consigo dar conta disso, Vilmer. Cheguei até aqui. Por favor, não tire isso de mim.

Quando passei pelos portões de Uckermark, um caminhão cruzou comigo na

direção oposta, chegando para buscar um carregamento especial. Observei Vilmer pelo retrovisor, agachado ao lado da tenda, falando com algumas judias húngaras. Conversando sobre os sentimentos delas, sem dúvida. Como se isso fosse ajudar o Reich.

* * *

ALGUNS MESES DEPOIS, Suhren me chamou até sua sala, o rosto pálido.

— Nossas fontes disseram que vazaram notícias sobre as Coelhas de Gebhardt. O pessoal de Berlim interceptou uma transmissão em rede do governo polonês exilado em Londres dando detalhes sobre as Coelhas. Chamou de vivisseção, me citou nominalmente. Binz também. Disse que nossos crimes serão vingados a ferro e fogo.

— Algum médico mencionado?

— Apenas Gebhardt. Disseram que uma missão católica em Freiburg mandou as informações ao Vaticano.

— Eu avisei, comandante.

Ele andava de um lado para outro.

— Como isso pôde vazar? Fomos muito cuidadosos. Imagino que é preciso garantir que essas Coelhas sejam bem cuidadas agora.

— Não, comandante. Justamente o contrário. Como discutimos...

— O escritório de segurança informou que o governo polonês no exílio condenou Gebhardt à morte, sabia? Estamos falando da opinião pública internacional. Precisamos tratar disso com cuidado. Pode fazer alguma diferença depois que as coisas tiverem, bem, acabado.

— É melhor que as Coelhas jamais sejam encontradas. É difícil a opinião pública comentar sobre algo que nunca viu.

— Mas Himmler está conversando com a Suécia sobre transportar *häftlings* para fora daqui. Para a Suécia, em ônibus da Cruz Vermelha. Ele acha que isso pode gerar alguma leniência. Talvez possa nos ajudar. Espero que se leve em consideração que eu fui contrário às operações.

Como Suhren podia ser tão ingênuo? Não haveria leniência. Se a Alemanha perdesse a guerra, os vitoriosos não estariam exatamente formando filas para perguntar quem havia sido contrário a quê. Suhren seria mandado direto para a forca.

— Acha que o mundo vai olhar de bom grado para as provas do que aconteceu aqui? Comandante, o senhor será considerado responsável, não importa o que disser. Assim como eu.

Suhren olhou pela janela para o campo abaixo.

— Como nós as encontramos? As *häftlings* não estão mais usando seus números verdadeiros.

Ele estava com os olhos vermelhos. Andara bebendo?

— Na *appell*, elas simplesmente escapam. Trocam de número com as mortas.

Eu me aproximei dele.

— A maioria deve estar no Bloco 31... ou se escondendo embaixo dele. Com a nova instalação...

— Por favor, Oberheuser...

Suhren não gostava de falar sobre a nova instalação, e certamente ninguém mencionava a palavra “gás”. Os novos membros de sua equipe, recém-chegados de Auschwitz, haviam ajudado a montar uma instalação improvisada em um velho galpão de pintura ao lado do Krema. Não era um trabalho de qualidade, mas tornaria muito mais simples a tarefa de silenciar as Coelhas.

— Vou mandar Binz fazer a segurança daquele bloco e chamar a *appell* — disse Suhren. — Você vai cuidar pessoalmente para que todas as Coelhas sejam pegas.

Estava mais do que na hora.

— O senhor está me dando permissão para...

— Faça o que for preciso, doutora. Mas tome providências para que não seja encontrado nenhum sinal delas.

CAPÍTULO 24

Caroline

1944-1945

NO DIA 25 de agosto, Roger me telefonou em The Hay e disse que as tropas americanas e da França Livre estavam nos arredores de Paris.

Estávamos de volta ao jogo.

Era um sábado, portanto o trânsito estava tranquilo quando segui de carro para o centro da cidade pisando fundo no acelerador, cantando pneus ao ultrapassar os carros na estrada, até que vi luzes azuis piscando pelo meu retrovisor. Depois que expliquei minhas circunstâncias ao policial com rostinho de bebê, ele ligou a sirene e me escoltou até o consulado.

No escritório de Roger, recolhemos informações de todas as fontes que conseguimos. Lemos telegramas e mensagens, ouvimos as notícias no rádio, tudo ao mesmo tempo. Quando nossas tropas chegaram ao Arco do Triunfo, estávamos loucos de alegria ao telefone, com o pessoal de Bordeaux e Londres. As tropas americanas, acompanhadas pelo general De Gaulle e pelo Exército da França Livre, marcharam Paris adentro, vindas do sul, e seguiram pela Champs-Élysées em jipes e a pé. Hordas de parisienses tomaram as ruas, gritando “Vive la France!”. As pessoas saíam de casa, frenéticas com a alegria da libertação, mesmo enquanto atiradores e tanques alemães ainda atacavam em determinadas áreas. Logo os alemães ergueram bandeiras brancas de trás dos bunkers, donos de restaurantes retiraram as últimas poucas garrafas de champanhe das adegas e Paris enlouqueceu de felicidade.

Mais tarde naquele dia, assistimos do escritório de Roger a Lily Pons, a estrela da Metropolitan Opera, cantar “La Marseillaise” para trinta mil pessoas reunidas na Rockefeller Plaza lá embaixo para celebrar a vitória.

Todos concordamos que era apenas questão de tempo até Hitler se render e Berlim cair. Os Aliados libertariam todos dos campos de concentração. Enviei telegramas e cartas para possíveis centros de repatriação por toda a França, perguntando sobre Paul. Como ele voltaria a Paris?

* * *

EMBORA A FRANÇA houvesse sido liberada, a guerra ainda se arrastava. Eu me sentei diante da mesa de jantar em The Hay, em abril de 1945, de pijama, e escrevi um comunicado à imprensa falando sobre os órfãos na França libertada: “Estas coisas simples são necessárias com urgência na França HOJE: Arroz. Achocolatado. Leite integral em pó. Frutas secas. Chá e café para as crianças mais velhas também são importantes...”

Quanto tempo se passara desde que eu recebera aquela primeira carta de Paul? Nenhuma das minhas buscas rendera frutos. Uma última tempestade de neve atingira Bethlehem, mas até mesmo o inverno estava cansado do frio, e flocos suaves cobriam a crosta de neve no quintal como uma flanela branca. Uma neve terrível para bolas de neve, como diria papai.

Serge largou com um baque a correspondência que pegara no correio sobre a mesa em meia-lua perto da porta da frente e saiu para tirar a neve do caminho de entrada com uma pá.

Preparei chá na cozinha conforme anoitecia. No meu caminho de volta para a sala de jantar, folhee a pilha de correspondência. Encontrei os envelopes de sempre. Um folheto para mamãe, da exposição anual de cavalos de Bethlehem, na primavera, que acontecia no campo Ferriday, atrás da nossa casa, em benefício da biblioteca. A conta mensal do leite, da fazenda Elmwood. Um convite para um concerto de sinetas na granja.

Um envelope me fez parar subitamente. Era em papel linho, como os outros que ele mandara, na letra de Paul, que de algum modo parecia menos firme e menos enérgica, mas sem dúvida era a letra dele. O endereço do remetente era Hôtel Lutetia, 45, boulevard Raspail.

Minhas mãos tremiam enquanto eu rasgava uma das laterais do envelope e lia o conteúdo da carta.

Peguei minhas botas na cozinha, joguei o casaco de mamãe por cima do pijama e atravessei correndo o pátio da frente até o mercado dos Merrill Brothers, rompendo a camada fina de neve a cada passo. Subi a escada e encontrei mamãe perto de uma parede cheia de prateleiras com o dono, com uma garrafa clara de extrato de hamamélis nas mãos. Eles se afastaram, surpresos.

O Sr. Merrill sorriu quando eu entrei, um ouriço de chaves na cintura.

— Caroline, como está vo...

— Agora não, Sr. Merrill — falei, segurando a maçaneta enquanto tentava recuperar o fôlego.

Embora geralmente fosse um homem conciso, o belo Sr. Merrill seria capaz de

discutir os prós e os contras do saco de papel do mercado *ad infinitum* se fosse minimamente encorajado.

Mamãe se virou.

— Santo Deus, o que houve, querida?

Ainda sem fôlego, acenei com o envelope.

Mamãe se aproximou da porta.

— Feche isso, Caroline. Pelo amor de Deus, o que há de errado com você?

— É de Paul. Ele está...

— Onde, querida?

— No Hôtel Lutetia.

— Por que não disse logo, Caroline? — perguntou ela, devolvendo o extrato de hamamélis para o Sr. Merrill. — Partimos amanhã.

Afinal, nossas malas estavam prontas havia meses.

Kasia

1945

A ESTRADA DA BELEZA não era mais bela em fevereiro de 1945. Os alemães usavam as jardineiras das janelas e muitas das tília como lenha. Os resíduos pretos do chão estavam cobertos de neve derretida e recongelada, e ainda havia altos montes de neve pelo campo, encimados por uma camada de cinzas liberadas pelas fornalhas. A gaiola de animais exóticos já tinha desaparecido havia muito tempo.

Eu me esquivava de grupos de mulheres galhardamente enfrentando aquele frio, algumas em bandos, outras andando sozinhas. Aos domingos, a Estrada da Beleza fervilhava com uma mistura barulhenta de mulheres de todas as nacionalidades, algumas carregando calcinhas lavadas ou uma muda de uniforme, arejando a roupa para secar. O campo havia ficado insuportavelmente lotado à medida que o Exército Vermelho investia na direção oeste, atravessando a Polônia, e levadas de prisioneiras evacuadas pelos alemães de campos de concentração como Auschwitz e Majdanek chegavam de hora em hora. Logo tínhamos prisioneiras de vinte e dois países. As polonesas ainda eram de longe a maioria, mas agora tínhamos entre nós prisioneiras britânicas, chinesas, americanas. Todo mundo sabia que Himmler mantinha muitos de seus *Prominente*, prisioneiros especiais, na solitária, inclusive um piloto americano que fora encontrado perto de Ravensbrück, onde caíra de paraquedas depois que seu avião se avariou.

Apesar de quase todas nós usarmos o mesmo uniforme com listras azuis e cinza, adivinhávamos as nacionalidades pela maneira como cada uma o usava. Sempre dava para distinguir as moças francesas, que usavam o lenço de cabeça de maneira única, graciosa, e costuravam bolsinhas elegantes, chamadas *bautli*, com retalhos dispostos de forma harmoniosa, onde carregavam seus apetrechos de alimentação. Algumas até costuravam pequenas golas brancas em seus uniformes e criavam adoráveis laços com trapos. As prisioneiras russas, muitas delas médicas e enfermeiras do Exército Vermelho capturadas em campo de batalha, também eram inconfundíveis. Formavam um grupo disciplinado, e todas usavam o uniforme exatamente do mesmo

modo. Todas haviam permanecido com suas botas de couro do uniforme militar e usavam o lenço de cabeça do campo atado com um nó quadrado perfeito na nuca.

Era fácil também reconhecer prisioneiras recém-chegadas, pois as autoridades do campo de concentração ficaram sem uniformes disponíveis, então as novatas usavam conjuntos esquisitos de roupas que não combinavam entre si, retirados das pilhagens. Elas pareciam pássaros exóticos em suas roupagens de papagaios, como as chamávamos, uma mistura espalhafatosa de saias franzidas e blusas em cores berrantes. Algumas eram sortudas a ponto de encontrar casacos masculinos quentes, tudo marcado a giz, pelos funcionários do campo, com um grande X nas costas, para o caso de alguém que usasse aquelas roupas escapar.

Duas moças russas estavam de prontidão em sua loja provisória entre os Blocos 29 e 31, onde as pessoas podiam comprar suéteres, meias de seda ou pentes pelo preço de uma ração de pão. A sentinela delas estava próxima, alerta para qualquer sinal de Binz.

Corria um boato de que Gemma La Guardia Gluck, irmã do prefeito de Nova York, Fiorello La Guardia, era prisioneira no campo, assim como um grupo de paraquedistas britânicas capturadas pela SS na França. A sobrinha de Charles de Gaulle, Geneviève. E todo mundo sabia que a própria irmã de Himmler tinha sido prisioneira em Ravensbrück, presa por contaminação racial, ou seja, por ter relações com um homem polonês. As moças da recepção disseram que ela não foi nem mesmo perdoada das vinte e cinco chicotadas que constavam na sentença.

Binz aumentou ainda mais o volume da música que tocava em todo o campo e nos bombardeou com marchas e canções de guerra. Olhei para o céu quando três aviões voaram acima de nós. Eram alemães. Dava para distinguir pelo som dos motores e pela falta da sirene de ataque aéreo.

No verão anterior tínhamos ouvido falar sobre a invasão da Normandia graças a Herr Fenstermacher, mas ninguém precisava nos contar que a Alemanha estava rapidamente perdendo a guerra. Os sinais estavam por toda parte. Ataques aéreos diários. *Appells* mais curtas. Menos detalhes de trabalho.

Os nazistas estavam desistindo.

Entretanto, não desistiam de nos matar. Ônibus de transporte pretos e sem janelas chegavam aos blocos com um novo sentido de urgência. O gordo Dr. Winkelmann, com seu casaco comprido de couro, e sua parceira, a velha enfermeira Marschall, perambulavam pelo campo, à procura de prisioneiras doentes para levar aos ônibus.

As mulheres doentes se escondiam em qualquer lugar para escapar: embaixo dos blocos, acima dos forros, atrás dos barris de carvão. Zuzanna inventou um método de raspar os braços de mulheres chegadas do campo de concentração de Auschwitz, que fora evacuado, fazendo sua pele tatuada parecer infectada para ocultar seus números azuis. Todo mundo no campo continuava escondendo as Coelhas na hora da chamada.

Algumas até trocavam seus números conosco, enfrentando grande risco.

Os boatos corriam. Uma prisioneira-enfermeira contou a Zuzanna que estavam enviando as mulheres mais velhas, com dificuldades para trabalhar, para o antigo campo de jovens, Jugendlager, que ficava a uma distância de menos de dez minutos de caminhão. Lá, a comida era mais substancial e não havia chamada. Seria verdade?

No início daquela noite, tive permissão para ir até o prédio da administração e recolher um pacote endereçado a mim. Saí do bloco, feliz por finalmente conseguir andar sem a muleta, mas logo Karol, uma *Jules* da Holanda, me pegou pelo braço e me puxou para as sombras.

Meu coração ficou apertado. Eu era cautelosa com quase toda *Jules*, pois se tratava de uma personagem nova que havia aparecido no último ano no campo. Em geral, uma prisioneira alemã com um triângulo verde ou preto, uma *Jules* pegava nas pilhagens calças, casacos esportivos e até cuecas, fazia um corte de cabelo masculino, e andava pelo campo com ar superior, cigarro na boca e atitudes maldosas. Algumas usavam lâminas para entalhar um X, chamado “cruz de vaca”, na testa da moça de que gostasse, marcando-a como sua propriedade. Nem todas as *Jules* eram ruins. Eu conhecia diversas delas que eram simpáticas, e em geral era vantajoso se relacionar com uma *Jules*, pois significava proteção e comida, mas os objetos de seus afetos eram impotentes para recusar, já que uma *Jules* sempre tinha contatos nos altos escalões. Elas podiam matar uma garota de fome se não cooperasse.

— Estão fazendo outra seleção na porta ao lado — disse Karol. — Vamos dar uma caminhada.

Andamos para longe do caminhão, seguindo pelo caminho mais longo até a administração do prédio, mas dei uma espiada para trás e avistei Winkelmann e a enfermeira Marschall enchendo de mulheres um dos ônibus pretos sem janelas. Um transporte para a morte. Nenhuma de nós duas teve que dizer em voz alta: qualquer pessoa pega perto daquele furacão seria levada sem qualquer motivo.

Por mais apavorantes que fossem algumas *Jules*, Karol pode ter salvado minha vida naquele dia. Quando o perigo passou, agradei a ela e retomei meu caminho.

Logo passei por uma comprida tenda de lona montada para um grupo de prisioneiras recém-chegadas em uma área aberta ao lado da Estrada da Beleza. O campo de concentração tinha se tornado insuportavelmente superlotado, mas, ainda assim, levadas de prisioneiras continuavam chegando de todos os países. Suhren armou as tendas bem no meio do campo. Aquela em particular estava tão abarrotada de mulheres e crianças que elas mal eram capazes de se sentar no chão. Muitas mulheres permaneciam de pé, tentando acalmar seus bebês.

— Kasia! — gritou alguém e eu me virei, surpresa por ouvir meu nome.

Não a reconheci de início nas sombras embaixo da tenda, pois o rosto estava magro e esquelético, e o curto cabelo louro estava cinza de poeira.

Nadia.

Ela estava sentada em uma mala velha, e a mulher ao lado apoiava a cabeça no seu colo. Nadia afagava a testa da mulher e murmurava alguma coisa para ela. Eu observei por um segundo para me certificar de que se tratava dela e depois me aproximei, fora do campo de visão da *aufseherin*.

— *Nadia?* — perguntei. Seria uma alucinação?

Ela ergueu o olhar como se sua cabeça fosse pesada demais para o pescoço sustentar.

— Kasia — disse ela, sua respiração um sopro de vapor branco.

Como meu nome soava bonito pronunciado por ela. Nadia levantou uma das mãos para me impedir de chegar mais perto.

— Acabamos de ver uma garota ser arrastada daqui por falar conosco. Além do mais, metade do nosso grupo está com tifo. Cuidado.

Dei um passo na direção dela. Que dia feliz! Com que rapidez eu conseguiria levá-la para o nosso bloco?

— Há quanto tempo você está aqui? — perguntei em voz baixa, de modo que os guardas não pudessem ouvir.

— Acabamos de chegar de Auschwitz, na noite passada. Disseram que vamos para o campo dos jovens. Tem abrigo lá.

— Quando?

— Não sei — respondeu ela, olhando para a mulher que se apoiava em seu colo. — Estamos com muita sede, e ela precisa de um lugar para morrer em paz.

— Nadia, venha rápido. Preciso esconder você.

— Não posso abandoná-la.

— Outra pessoa pode cuidar dela.

Dei um passo à frente.

— Você não está reconhecendo, não é? É minha mãe, Kasia. Eu nunca abandonaria minha mãe.

A *Sra. Watroba*. Como elas foram capturadas?

— Venham — insisti, sabendo que conseguiria esconder as duas.

— Sei o que está pensando, amiga, mas vou ficar aqui com a minha *matka*.

— O que eu posso oferecer para vocês?

As guardas de Binz começaram a fazer sinal para as prisioneiras embarcarem no caminhão.

— Nada. Não se preocupe. Vamos todas voltar para Lublin antes de nos darmos conta. Volte para Pietrik. Ele vai ficar feliz de ver você — disse ela, com um sorriso verdadeiro. A velha Nadia.

— É você que ele ama — falei.

— Sabe quantas vezes ele me perguntou se você gostava dele? Ei... Deixei o livro

para você antes de ir embora. No esconderijo. Vai adorar o capítulo cinco.

— Acho que o esconderijo não existe há muito tempo, mas vamos verificar juntas quando voltarmos.

— Vamos, sim.

Nadia engoliu em seco, o punho encostado no peito, o olhar fixo em minha perna ruim. Uma das meias masculinas de lã, que eu havia trocado pela pasta de dente, escorregou e revelou minha perna já curada, mas deformada e contraída, faltando partes inteiras de tendões e ossos, a pele brilhante e repuxada.

— Meu Deus, Kasia, o que aconteceu com sua perna?

Seus olhos ficaram marejados de lágrimas. Chorar por minha causa na situação em que ela estava? Nadia era mesmo uma boa amiga.

— Conto mais tarde, agora vou arranjar alguma coisa para você beber. Tenho um pouco de água da chuva armazenada.

Nadia sorriu de novo.

— Sempre cheia de truques, essa Kasia. *Matka* ia adorar.

— Volto já — falei, seguindo para o meu bloco.

Minha perna deixava minha caminhada mais lenta, e, quando voltei com a água, as guardas estavam embarcando as últimas prisioneiras no caminhão aberto. Fecharam a porta de trás, bateram duas vezes nela, e o veículo começou a descer a Estrada da Beleza.

Nadia. Vê-la tinha curado algo em mim! Será que ela estaria segura no campo dos jovens? Eu nunca ouvira falar de ninguém indo de Ravensbrück para lá. Rezei, pedindo que o que eu ouvira sobre o novo campo fosse verdade. Será que Deus ao menos estava escutando nossas orações?

O caminhão continuava descendo a Estrada da Beleza, e as lágrimas assomaram aos meus olhos quando vislumbrei a figura de Nadia ninando a mãe.

— Vejo você em breve, Nadia — gritei, correndo o mais rápido que pude atrás do caminhão.

Ela esticou o pescoço acima do grupo, sorriu e acenou.

Fiquei observando o caminhão seguir com o motor roncando, as luzes traseiras vermelhas ficando borradas. Enxuguei as lágrimas. Será que elas estavam realmente indo para um local seguro? Era difícil acreditar em qualquer coisa que os alemães nos diziam, mas, acontecesse o que fosse, as garotas dinamarquesas que ficavam na recepção disseram que os russos chegariam em breve para libertar o campo inteiro. Pelo menos Nadia e a mãe teriam abrigo. Ela era a pessoa mais forte que eu conhecia.

Corri para o prédio da administração para pegar meu pacote, a escuridão já descendo sobre o campo. Uma família de ratazanas, grandes como gatos, atravessou a estrada na minha frente, sem medo das pessoas. Solicitei meu embrulho na janela do correio e dei uma olhada no endereço do remetente: *Agência central dos correios de*

Lublin, Lublin, Polônia, escrito na caligrafia de *papa*. Eu o abri enquanto caminhava de volta pelo corredor, meus tamancos de madeira ecoando no piso encerado, e tirei outro carretel de linha vermelha.

Eu nunca me cansava de ver aquilo. Ele havia me mandado mais duas, desde a primeira. Será que *papa* tinha divulgado tudo para o mundo? Se morrêssemos antes que libertassem o campo, pelo menos as pessoas saberiam o que tinha acontecido, e os alemães seriam punidos pelo que haviam feito. Os pacotes de *papa* tinham ajudado Zuzanna com a disenteria, mas então ela pegou outra coisa enquanto ia de um bloco a outro, medicando as prisioneiras. Dor de cabeça, calafrios, febre. A julgar apenas pela erupção em sua pele nós sabíamos o que era: tifo. Nada podia ajudá-la, só a liberdade.

Passei pela mesa de Brit Christiansen, uma garota dinamarquesa que eu conhecia, uma das muitas prisioneiras escandinavas que trabalhavam na recepção. Ela era alta, com cabelo louro chanel curto e uma bela constelação de sardas espalhadas pelas bochechas. Eu nunca tinha conhecido uma pessoa dinamarquesa do campo, mas acabei descobrindo que elas eram o meu tipo favorito de pessoa. Gentis. Confiáveis. Bondosas.

— Tenho duas coisas para contar para você, e preciso ser rápida — disse Brit em voz baixa. — Uma é que um homem da SS, de alta patente, chegou hoje perguntando pela sua mãe.

— O quê? *Quem?*

— Não sei dizer, mas ele era muito alto.

Lennart! Aqui em Ravensbrück? Será que *matka* também estava aqui, em algum lugar?

Brit me puxou para mais perto.

— A outra é que eles estão caçando as Coelhas hoje.

Suas palavras me deixaram toda arrepiada.

— Mas já está quase escuro. Uma seleção noturna?

— Binz está pronta para a guerra. Suhren também vem. Eles dobraram a dose de bebida dos guardas.

— Vamos ter que nos esconder — falei.

Será que eu conseguiria levar Zuzanna para baixo do bloco? Ou Anise poderia nos esconder com as húngaras judias de novo. A ala do tifo?

— Eles sabem que vocês se escondem embaixo do bloco, Kasia.

— Vamos subir para o Anexo.

— Eles sabem disso também. Há novos ônibus aqui.

Ônibus. Um choque de medo percorreu meu corpo. Não havia tempo para histeria.

Corri de volta para o bloco.

Uma escuridão retinta se instalou ao meu redor, pois não havia lua naquela noite.

Os holofotes acima estalavam enquanto eu corria o máximo que podia apesar da perna ruim, empurrando para o lado as mulheres no caminho para o meu bloco.

Simplesmente não sinta nada. Se quer viver, não pode sentir.

Eu soube, assim que entrei no bloco, que os rumores sobre a caçada haviam me precedido, pois as garotas estavam chorando ou se abraçando umas às outras. Fui empurrando mulheres de todos os países que Hitler tinha pilhado, o quarto era uma confusão de diferentes línguas: russo, francês, húngaro, polonês. Encontrei Zuzanna em nossa cama, com os joelhos no peito, tendo calafrios. Ela mal levantava a cabeça.

— Você ouviu? — perguntei. Sentei-me perto dela na cama e afaguei sua cabeça.
— Estão vindo buscar as Coelhas. Você precisa se levantar, minha querida.

Zuzanna abriu os olhos e depois os fechou de novo.

— Não, Kasia.

Anise vinha empurrando a multidão, gritando meu nome.

— Saia agora, Kasia — disse Anise, com sua voz calma. — Eles estão chegando. Binz, Suhren e a médica. A Cruz Vermelha já levou as suecas, e as francesas são as próximas. Vão sair da rouparia. Vou manter a janela de trás aberta para você.

— De ônibus? — perguntei.

— Isso. Use o número 9284. É seguro. Só consegui arrumar um.

Agarrei o punho dela.

— Não vá, Anise. Como você sabe que não é um transporte para a morte?

Quantas vezes nós tínhamos visto eles atraindo as mulheres para os ônibus com truques? Alguns pareciam ambulâncias, com cruces vermelhas pintadas nas laterais. Nós os ouvíamos circular até a pequena cabana de pintor e desligar os motores. Depois disso, as roupas daquelas prisioneiras voltavam para a rouparia, com o odor doce e inconfundível de gás.

— É a Cruz Vermelha sueca, Kasia, a verdadeira, e você precisa se apressar.

— Garotas, temos *appell* — disse Marzenka, batendo em uma panela com uma colher de pau.

Anise correu, lançando um último olhar para trás.

Puxei Zuzanna pela mão.

— Precisamos ir...

— Não, Kasia. Vai você.

Ela tentou se deitar de novo na cama.

— Precisamos ir para baixo do bloco — insisti e a puxei para cima, segurei-a pela cintura e a guiei no meio da multidão até a porta, sentindo no meu corpo seu peso leve como um galho seco.

Marzenka estava de pé no banco de refeições, rouca de tanto gritar com aquele barulho todo.

— Por favor. Binz me deu sua palavra que não vão fazer nenhum mal a vocês.

Aquilo apenas aumentou o pânico, e muitas correram para a porta, mas Binz e sua cadela apareceram ali, à frente de suas *aufseherinnen*. Logo do lado de fora da porta estavam o comandante Suhren e a Dra. Oberheuser, ela com uma prancheta na mão. Eu estava perto o suficiente para ver uma neve rala nos ombros da capa cinza de Binz. A cadela beliscou a perna de Zuzanna, e nós retrocedemos.

— Todo mundo aqui fora para a *appell* agora — disse Binz. — Quem desobedecer à ordem vai levar um tiro.

A Dra. Oberheuser em uma seleção de bloco? Nós estávamos sendo encurraladas, sem opção senão consentir. Não havia tempo para chegar ao nosso esconderijo. Puxei minhas meias para cima. Será que a médica me reconheceria?

Sustentei Zuzanna enquanto todas nos enfileirávamos na Estrada da Beleza em frente ao bloco e ficávamos atentas no ar frio da noite, as luzes acima brilhando forte. E se corrêssemos? Mesmo que tivéssemos boas pernas, os cães acabariam conosco. Embora estivesse frio, eu me sentia quente por dentro. Então seria assim. Por que eu não tinha sido mais rápida?

Binz e a Dra. Oberheuser caminhavam para cima e para baixo em nossas fileiras e checavam nossos números. Binz parou na minha frente, com o cassete na mão.

— Abaixе as meias — ordenou ela.

Então, seria assim que isso ia acabar.

Abaixei uma meia, que revelou minha perna boa. Binz acenou para a Dra. Oberheuser. A médica fez uma pausa.

— E então, doutora? — perguntou Binz.

Prendi a respiração. A médica parecia paralisada em um sonho enquanto olhava para mim. Era ódio ou piedade? Ela indicou a minha outra perna.

— A outra — disse Binz.

Abaixei a outra meia sobre as suaves saliências de entalhes onde antes estavam meus músculos. A médica deve ter reconhecido seu trabalho, pois fez um breve gesto de confirmação para Binz, e elas passaram para Zuzanna, que me olhou. *Seja forte*, seu olhar dizia. Em seguida, nós iríamos para o muro de execução. Será que eu conseguiria ser corajosa como as outras e caminhar pela Estrada da Beleza de cabeça erguida?

A Dra. Oberheuser parecia intrigada com Zuzanna no início, pois as cicatrizes dela não eram tão óbvias quanto as minhas. Será que ela a liberaria? Mande-me para o paredão, eu rezava. Deixe minha irmã viver. Deixe uma de nós voltar para casa, para *papa*.

A médica fez um gesto de aquiescência para Binz.

Sim.

Zuzanna pegou minha mão. Iríamos para o muro de execução juntas, como sempre havíamos planejado, uma apoiando a outra até o fim.

Então, uma coisa estranha aconteceu.

As luzes se apagaram.

Não apenas os holofotes, mas todas as luzes do campo. Era como se a mão de Deus tivesse descido do céu e nos inserido numa escuridão aveludada na qual não dava para ver nada. As garotas chamavam umas às outras. Suhren, Oberheuser e Binz bradavam ordens na escuridão. Os cães, confusos, rosnavam. Você não teria acreditado no barulho que tomou o campo, com todo mundo na Estrada da Beleza gritando e chamando.

— Adelige, *sente-se* — ordenou Binz, seu dispositivo de treinamento sibilando na escuridão.

Agarrei Zuzanna pela cintura e a puxei para longe do grupo. Será que as luzes voltariam a qualquer momento? Tateei o caminho e rocei na Dra. Oberheuser no escuro. O terrível perfume que ela usava nos atingiu e passou. Pisei no pé de Binz e senti seus braços girarem.

— *Verdammtes Arschloch!* — disse ela.

Eu me dirigi para a rouparia, o coração acelerado quase saindo do peito, adivinhando a direção no escuro, um braço em volta de Zuzanna, o outro esticado à frente como o limpa-trilhos diante de uma locomotiva, trombando nas pessoas na escuridão. O fogo do crematório à distância não era forte o suficiente para iluminar o campo, mas me orientei por ele. Praticamente arrastei Zuzanna, seu peso inteiro em mim.

Eu soube que estava na área certa quando vi um ônibus na frente da rouparia, o veículo iluminado por dentro, a única luz do lugar. À medida que eu me arrastava mais para perto do prédio da rouparia, ouvia garotas francesas falando. Tateei em busca da janela traseira e ajudei Zuzanna a subir, depois a segui, puxando minha perna ruim com grande esforço. Estava quente no cômodo, e a multidão tinha um odor agradável enquanto eu a atravessava, sempre em frente, sentindo uma mistura de transpiração e perfume.

Zuzanna se inclinou na minha direção.

— Não consigo andar muito mais.

— Já estamos quase chegando — falei. — Logo você vai descansar.

Vi Claire, uma amiga de Anise, no facho de uma lanterna.

— Kasia — disse ela.

Agarrei seu braço.

— Binz tem nossos nomes na lista. Assim que as luzes voltarem, Zuzanna e eu vamos ser levadas.

— As luzes não vão voltar hoje à noite — afirmou Claire. — As russas desligaram tudo. Szura inverteu o interruptor na estação do transformador quando ouviu dizer que Suhren vinha à procura das Coelhas. Toda a rede elétrica está desligada, e só vão

conseguir religar de manhã.

— Como vocês sabem que os ônibus são realmente da Cruz Vermelha?

— Suhren estava retendo os ônibus, mas eles ameaçaram derrubar o portão. As garotas do escritório disseram que o próprio Himmler autorizou que o Conde Bernadotte da Suécia nos levasse.

Farsas rebuscadas já haviam sido montadas para tirar as meninas em paz, mas essa era a nossa única chance.

— Anise me deu um número — falei.

— Então vá junto — disse Claire. — Este é o último ônibus. Dois já saíram lotados e estão esperando no portão para partir.

Sustentei Zuzanna e atravessei a multidão, no breu total. Do pouco francês que eu tinha aprendido, percebi que as garotas estavam muito animadas de voltarem para casa. À medida que as últimas embarcavam, havia poucas pessoas ainda na rouparia.

Quando cheguei ao início da fila, vi dois homens na traseira do ônibus verificando os números. Um deles eu não conhecia. O outro era o gordo Winkelmann, vestindo seu comprido casaco de couro. A porta traseira do ônibus estava escancarada e revelava as moças francesas apertadas dentro do veículo, de pé, esperando. Uma enfermeira loura em um uniforme branco estava lá dentro, ajudando as pessoas a subirem os poucos degraus. Se isso fosse uma farsa nazista, era bem elaborada, mas os guardas alemães costumavam mesmo usar os uniformes de médicos e enfermeiras para nos enganarem.

Respirei mais facilmente depois de dizer a Winkelmann o número que Anise tinha me dado e ajudar Zuzanna a entrar no ônibus. Quando chegou minha vez de subir, a enfermeira se inclinou na minha direção.

Coloquei um pé no degrau do escadote de madeira.

Isso estava mesmo acontecendo? Eu ia para casa? Para Lublin? Para *papa...* A enfermeira sorriu e estendeu a mão, e eu segurei.

Winkelmann esticou seu bastão branco na minha frente.

— Pare. Número?

A enfermeira segurou minha mão com mais força.

— Os números delas já foram todos confirmados. Não temos tempo para discussão.

Ela falava alemão, mas com sotaque sueco. Nós realmente íamos para casa. Winkelmann me empurrou para trás com o bastão, e a enfermeira soltou minha mão.

— Minhas ordens são para buscar apenas as *häftlings* francesas. Se essa menina é francesa, eu sou Charles de Gaulle.

— Eu sou francesa mesmo — falei em alemão.

Será que ele notou minhas pernas tremendo?

— Ah, é? — disse Winkelmann. — Então diga algo em sua língua nativa,

francesinha.

Sem hesitar, eu disse no francês mais confiante que consegui:

— Este secador está quente demais. Pode cortar um pouco mais nas laterais? Por favor, gostaria de fazer um permanente, com cachos médios e um produto para proteger as pontas. E use a escova de cerdas de javali, porque ajuda com a caspa.

Winkelmann olhou para o outro homem.

— Com certeza é polonesa.

— Entre logo no ônibus — disse o outro homem, fazendo sinal para mim.

— Precisamos nos mexer — informou a enfermeira, me puxando para me juntar a Zuzanna. — Entre, depressa.

Quando a enfermeira começou a fechar as portas, uma prisioneira correu para o ônibus com uma trouxa de roupas.

— Espere, a sua bagagem! — gritou ela e entregou o embrulho.

— É meu — falou, da frente do ônibus, a doce Pienotte Poirot, uma amiga de Anise.

As garotas foram passando o embrulho até chegar a ela, enquanto as amigas se aproximavam mais.

O ônibus deu um solavanco para a frente e começamos nosso trajeto na direção dos portões. Apenas um trecho curto até a liberdade.

Por favor, que esta seja uma ambulância de verdade.

A cancela branca da guarita dos guardas subiu, o motorista do ônibus acelerou e deixamos os portões para trás. Por que eu não sentia o júbilo da libertação? Seguimos pela estrada ao redor do lago, e Pienotte abriu o embrulho.

— Meu Deus, é o Guy — disse Claire. Pienotte abriu o embrulho para mostrar um pequenino recém-nascido, rosado e saudável, com bastante cabelo preto. — Ele nasceu dois dias atrás. Graças a Deus não chorou. Menino esperto.

Prosseguimos aos solavancos pela estrada, os faróis do ônibus mostrando o caminho, iluminando as costas de nossa escolta, com três soldados alemães em motocicletas.

Como era estranho estar novamente dentro de um ônibus. Como eu havia sentido falta do arranque agradável: a marcha mudando e depois vacilando, deslizando e prosseguindo, *indo* para algum lugar. A estrada mudou de paralelepípedos para uma pavimentação suave, aplainada pelo rolo de concreto usado pela equipe da manutenção. Que trabalho maravilhoso vocês fizeram, senhoras, pensei. Se ao menos pudessem sentir a suavidade da estrada.

Uma chaleira apitou em algum local próximo, já fervendo.

Uma bomba.

A terra tremeu, balançando o ônibus, e o lago se iluminou como um flash de uma máquina fotográfica.

— São os aliados bombardeando — disse a enfermeira. — Eles devem pensar que somos uma caravana de alemães.

O motorista apagou os faróis e desligou o motor, enquanto os alemães nos deixavam e zuniam de volta para o campo, suas luzes traseiras cada vez menores no escuro. A chaleira voltou a apitar, e gritamos quando a serra acima de nós se dividiu e nossos rostos se iluminaram, como se estivéssemos ao redor da fogueira de um acampamento. Pelo menos o impacto nos fez sentir algo, provando que estávamos vivas, e nos jogou no piso de borracha. Segurei minha irmã junto de mim, osso no osso, e caímos em cima das outras. Será que ela estava respirando? E eu? Apertei-a no peito, aquecida perto de mim.

Pouco depois, o motor ganhou vida e saímos sacudindo, em direção à Suécia, nossos dois corações transformados em um.

Herta

1945

EM ABRIL DE 1945, a Alemanha havia perdido a guerra, embora a mídia não admitisse. Os meios de comunicação se apegaram ao mundo de conto de fadas até o final. Eu sabia que a guerra estava perdida por ouvir transmissões estrangeiras no meu quarto. De acordo com a BBC, os aliados ocidentais haviam passado do Reno, e as baixas alemães dispararam. Suhren dizia que era apenas uma questão de tempo até a Alemanha tomar Paris de volta, mas eu tinha certeza de que estávamos derrotados. Em 18 de abril, ficamos sabendo que tanques americanos entraram na minha terra natal, Düsseldorf, e facilmente tomaram a cidade. Os britânicos e os americanos seguiam a toda velocidade rumo a Berlim.

Certa tarde, deixei o campo e segui pela margem do lago, os passos abafados pelos montes de musgo, a alça da mala escorregando na mão. O lago estava agitado, e pássaros o sobrevoavam. Ele estava sendo remexido pela brisa ou pelas cinzas daqueles que estavam sepultados lá, misturados à lama? Como eu poderia ser considerada culpada? Apenas havia assumido aquela vaga de médica no campo por necessidade. Agora era tarde demais para que as vidas perdidas levantassem seus dedos magros e testemunhassem contra mim.

Ao me aproximar de Fürstenberg, encontrei um mar de homens, mulheres e crianças alemães caminhando, alguns com malas, outros apenas com as roupas do corpo. Metade dos civis de Fürstenberg havia seguido para o sul meses antes, e parecia que a outra metade estava fugindo naquele dia para se afastar do Exército Vermelho. A postura deles bastava para denotar a humilhação da derrota. Juntei-me àquela grande autoestrada da derrocada e fui levada para o meio da multidão, meio entorpecida. Era difícil acreditar que estava tudo acabado, que eu estava fugindo. A vergonha era quase debilitante.

— Aonde vocês estão indo? — perguntei a um alemão usando um sobretudo de tweed e chapéu cor de mostarda.

Ele levava uma gaiola de passarinho amarrada nas costas. A ave balançava,

encarapitada em seu pequeno trapézio de madeira, conforme o homem caminhava.

— Vamos pegar estradas laterais para evitar Berlim, depois seguiremos ao sul para Munique. Há tropas americanas avançando pelo oeste, e russas, pelo leste.

Eu me juntei a um grupo que seguia para Düsseldorf, e nossa travessia a pé foi longa e desinteressante. Evitamos as estradas principais, seguimos trilhos de madeira e trilhas no campo, dormimos em carros abandonados, comendo qualquer coisa que encontrássemos para nos mantermos vivos.

Imaginei como *mutti* ficaria feliz em me ver. Ela estava morando com um homem chamado Gunther em um bom apartamento acima da nossa antiga casa, e eu havia passado com eles uma folga de fim de ano. Ele era um vendedor de revistas decente e rico, a julgar pelo apartamento. Imaginei as cebolas fritas e o purê de batatas com molho de maçã que ela prepararia na cozinha quando eu aparecesse lá.

Estava chovendo quando cheguei a Düsseldorf, e eu precisava tomar cuidado para manter a discrição, pois havia soldados americanos por todo lado. Não que eu estivesse no topo da lista de suspeitos das autoridades. Se é que ao menos ligavam para mim. Eles tinham peixes mais importantes para pescar.

As ruas de Düsseldorf estavam cobertas de malas abandonadas e cadáveres de pessoas e de cavalos. Passei pela frente do terminal de trem de Düsseldorf, bombardeado e em escombros. Ao me aproximar do prédio de *mutti*, passei por um ônibus saqueado tombado enquanto duas mulheres mais velhas tentavam arrancar suas rodas. As pessoas iam e vinham pela rua, algumas carregando tudo o que tinham. Tentei me misturar a elas, me esforçando para parecer apenas mais uma refugiada de guerra.

Quando cheguei à escada da casa de *mutti*, fiquei feliz ao ver que o edifício não apenas permanecia de pé, como também estava em perfeita ordem. Tudo em que eu conseguia pensar era em sua banheira e em uma refeição quente. O saguão de entrada tinha cheiro de cebola frita. Algum sortudo havia conseguido comida.

Cheguei ao terceiro andar e toquei a campainha do apartamento de Gunther.

— Quem está aí? — Veio a voz de trás da porta fechada.

Gunther.

— É Herta.

Ele hesitou. O que era aquele zumbido na minha cabeça? Seria por causa da desidratação?

— Minha mãe está aí? — perguntei através da porta.

A fechadura fez um clique, e a porta se abriu.

— Rápido — disse Gunther. — Entre.

Ele me segurou pelo braço, me puxou para dentro e trancou a porta. O apartamento ainda estava bem mobiliado, com tapetes fofos e poltronas estofadas de veludo. Alguém havia retirado um retrato do Führer da parede, expondo um

retângulo de papel de parede mais claro atrás. Que rápido.

— Dois saqueadores tentaram arrombar a porta de manhã. Está uma anarquia lá fora.

— Sério, Gunther...

— Todo mundo rouba de todo mundo agora. Os bens pertencem a quem pegar primeiro.

— Estou faminta — falei.

— *Todos* estão famintos, Herta.

— Ainda estavam fazendo comida no campo...

— Não era só isso que você e seus amigos estavam fazendo lá. A verdade está aparecendo, sabia?

Fui até o rádio.

— Deve haver *rações*. Vão transmitir...

— Não há rações, Herta. Não há transmissões. Há mulheres se prostituindo por uma colher de açúcar.

Gunther não parecia ter ficado sem muitas refeições. Ele havia perdido um pouco de peso, mas continuava com a pele firme, apenas algumas rugas no pescoço. Como havia conseguido escapar do serviço militar? As coisas não estavam fazendo sentido, e o zumbido na minha cabeça ficava mais alto.

— Estou precisando de um banho — falei.

Gunther acendeu um cigarro. Como ele estava arranjando cigarros?

— Você não pode ficar aqui. Eles sabem o que você fez, Herta.

— Onde está *mutti*?

— Ela precisou ir até a delegacia. Vieram atrás de você.

— De mim? Pelo quê?

Não precisei perguntar *quem*.

— Crimes contra a humanidade, foi o que disseram.

Como já podiam estar atrás de mim?

— Você está colocando sua mãe em risco, Herta, só por estar aqui. Tome seu banho, mas você precisa encontrar outro...

— Talvez minha mãe discorde — retruquei.

— Tome um banho, e depois conversamos.

Larguei a mala em cima do sofá.

— Talvez eu precise da ajuda de *mutti* com algumas questões.

Ele bateu a cinza do cigarro no cinzeiro.

— Questões de dinheiro?

— Entre outras coisas. Taxas legais, talvez.

— É mesmo? Se algo acontecer com você, o estado pagará as taxas.

— Acontecer?

Gunther foi até o armário do corredor e voltou com uma toalha.

— Tome seu banho enquanto ainda temos água quente. Conversamos depois.

Deixei minhas coisas no quarto de hóspedes e preparei o banho, com os ouvidos atentos para a porta do banheiro, parte de mim esperando que Gunther chamasse as autoridades. Certamente devia haver alguma hierarquia militar aliada estabelecida. Gunther jamais me entregaria, garanti a mim mesma. *Mutti* ficaria furiosa, mas ele nunca fora um patriota de verdade, e a nova mudança de poder tornava quase todos suspeitos.

Tranquei a porta do banheiro e aproveitei o tempo para deixar a água esquentar bastante. Entrei na banheira, deslizando pelo ferro forjado esmaltado naquele glorioso mar ardente.

Senti todos os músculos relaxarem na água quente. Onde estava Fritz? Eu iria pedir meu antigo emprego de volta na clínica dermatológica. Se ela ainda estivesse de pé, se não tivesse se transformado em uma pilha de pedras. Ensaiei minha conversa com *mutti* enquanto ensaboava as pernas, os pés pretos com a poeira da caminhada. Ela iria me apoiar, não importava o que Gunther dissesse.

“E daí?”, perguntaria quando eu contasse sobre o campo. “Você estava só fazendo o seu trabalho, Herta.”

Onde ela estava? Provavelmente fazendo o máximo possível para encontrar algum pão.

Fechei os olhos e me lembrei dos cafés da manhã de *mutti*: pães quentes e manteiga fresca, seu café...

Eu estava ouvindo passos na sala de estar?

— *Mutti*? — chamei. — Gunther?

Uma pancada na porta do banheiro.

— Herta Oberheuser? — A voz veio do outro lado da porta. A pessoa tinha sotaque britânico.

Merda. Maldito Gunther. Eu sabia que não podia confiar nele. Quanto haviam pago a ele para me entregar?

— Estou indo! — respondi.

Perdi o controle dos braços e das pernas na banheira. Será que conseguiria chegar à janela? Alguma coisa bateu com força na porta e a rachou. Talvez eu tenha gritado enquanto tentava pegar a toalha. Um oficial britânico entrou, e eu me sentei na banheira, as bolhas de sabão diminuindo, minha única proteção.

— Herta Oberheuser? — perguntou ele.

Tentei me cobrir.

— Não.

— Eu a declaro presa por crimes de guerra contra a humanidade.

— Eu não sou ela — retruquei, em choque, feito uma imbecil. Como Gunther

pôde fazer isso comigo? *Mutti* ficaria furiosa. — Eu não fiz nada.

— Saia da banheira, Fräulein — disse o homem.

Outro agente britânico entrou no banheiro com uma capa de chuva de lona nas mãos. Fiz um sinal para os dois virarem de costas.

— Vou sair por um instante — disse o primeiro agente, o rosto vermelho, e me entregou uma toalha, desviando os olhos. — Enrole-se nisto.

Peguei a toalha, e ele saiu, fechando a porta. Saí da banheira. “Maldito Gunther”, pensei, indo até o armário de remédios. Encontrei as lâminas de barbear dele e voltei para dentro da banheira, a água já fria.

— Fräulein? — chamou o primeiro homem do lado de fora da porta.

— Só um instante — falei, tirando uma lâmina da embalagem.

Procurei a artéria radial, que encontrei com facilidade, afinal meu coração estava acelerado. Deslizei a lâmina pelo pulso, pressionando na artéria, e a observei se abrindo como um pêssego. A água ficou cor-de-rosa, e eu me deitei enquanto esfriava, a cabeça ficando leve. *Mutti* choraria quando visse o que eu havia feito? Pelo menos estava na banheira. Seria fácil de limpar.

Antes que eu chegasse ao outro pulso, o agente entrou novamente.

— *My God!* — disse ele quando me viu, a água completamente vermelha a essa altura. — Teddy! — gritou para alguém em algum lugar. — *My God!* — repetiu.

Depois de muitos gritos em inglês, os dois me tiraram da banheira.

Acabou-se o recato.

Eu estava perdendo a consciência e não ia lhes dizer como cuidar de mim. Percebi com satisfação que não estavam se saindo muito bem sem a minha ajuda, por algum motivo elevando as minhas pernas: um jeito seguro de me fazer sangrar. Meus pés ainda estavam imundos, uma crescente de sujeira em cada unha.

Perdi a consciência, mas despertei enquanto me carregavam para fora em uma maca, o pulso enfaixado. Alguém sabia o que estava fazendo. Havia um médico entre eles? Ficaria surpreso que uma médica alemã tivesse feito um trabalho tão ruim?

Por que você me entregou?, tentei dizer a Gunther enquanto os agentes britânicos me carregavam escada abaixo até a rua.

Eles me colocaram dentro de uma ambulância.

Vi Gunther observando de uma janela acima, a expressão impassível. Mais rostos apareceram nas janelas. Velhos. Mulheres. Afastavam as cortinas e espiavam.

Apenas alemães curiosos. Uma menina com tranças loiras veio até a janela, e sua mãe a afastou e fechou a persiana.

— Ela só está curiosa — falei.

— O quê? — perguntou um inglês.

— Ela está em choque — respondeu outro.

Unter schock? Diagnóstico incompleto, médico inglês. Choque *hipovolêmico*.

Respiração rápida. Fraqueza geral. Pele fria e pegajosa.

Mais rostos apareceram nas janelas. Uma casa inteira.

Alguma coisa escorria pelo meu rosto. Era chuva?

Eu torcia para que ninguém confundisse com lágrimas.



Parte Dois

Caroline

ABRIL DE 1945

MAMÃE, SURPREENDIDA POR uma gripe, me mandou sozinha a Paris. Ela ficou terrivelmente preocupada, é claro, já que os Aliados haviam, sim, ajudado a libertar a França, mas a guerra estava longe do fim. Quantos perigosos U-boats ainda estavam à espreita, no Atlântico? No entanto, eu não seria dissuadida, afinal, estava prestes a ver Paul de novo, depois de cinco longos anos. Eu levava mais alguns objetos de prata ao Sr. Snyder, para poder fazer a viagem. As quatro pequenas pinças. Facas de manteiga. Alguns garfos de jantar.

Ancorei em La Rochelle, ao norte de Bordeaux, em 12 de abril de 1945. Quando desembarcamos, o imediato anunciou que o presidente Roosevelt morrera em casa, em Warm Springs, na Georgia, e um lamento coletivo emanou de todos os reunidos ali. O presidente morrera antes de ver os alemães se renderem na França. Não chegou a saber que Hitler tiraria a própria vida.

Roger arrumou um carro com motorista para me levar a Paris, e vi a França devastada passar pela janela do banco de trás. Uma coisa é ler sobre a guerra nos jornais e acompanhar o curso da ação espetando alfinetes em um mapa, mas era completamente diferente ver o país despedaçado. Já haviam passado mais de sete meses desde que as Forças Aliadas tinham ajudado a libertar Paris, mas a destruição ainda estava fresca. Quarteirões inteiros dizimados, prédios implodidos, e paredes de muitos apartamentos desabados, mostrando um corte transversal de cômodos ainda mobiliados. O motorista precisou desviar várias vezes, já que crateras negras e trechos do pavimento do tamanho de tanques destruíam as estradas ainda não consertadas. No sul de Paris, não restava de pé nem uma ponte sobre o Sena. Ainda assim, mesmo com toda a devastação, era primavera, e a cidade se erguia de forma encantadora das ruínas, o Arco do Triunfo intocado, cinco bandeiras balançando debaixo dele.

Já em Paris, peguei emprestado o velho Peugeot dos zeladores, que era abastecido por um fogão à lenha improvisado preso à traseira. A escassez de gasolina dos tempos de guerra havia levado à disseminação do uso daqueles gasogênios feitos em casa,

unidades de gasificação de madeira montadas nas traseiras de ônibus, táxis e carros particulares. Era desafiador dirigir um veículo daqueles em Paris, pois as ruas estavam cheias de bicicletas, que também dominavam as estradas. Como resultado, o metrô estava mais popular do que nunca, e mesmo os mais abastados eram vistos em suas profundezas.

Cheguei ao cruzamento do boulevard Raspail com a rue de Sèvres naquela noite e engoli um soluço de choro ao ver o Hôtel Lutetia ainda de pé. Livre da ocupação nazista, o imponente hotel em estilo *belle époque* se erguia destemido, seu nome no letreiro luminoso, a bandeira tricolor novamente hasteada.

Para entrar no Lutetia, tive que atravessar um aglomerado de mães, maridos, esposas e namoradas dos deportados, que acenavam com fotos dos desaparecidos e gritavam seus nomes, esperando notícias. Já lá dentro, o saguão de entrada, com o piso de cerâmica preto e branco cheio de jornais e ramos de lilases pisoteados, estava lotado de jornalistas, funcionários da Cruz Vermelha e oficiais do governo, todos em busca de um lugar diante do balcão da recepção.

Uma mulher de aparência frágil, vestida de preto, as costas encurvadas, segurou meu braço enquanto eu me espremia para passar entre a multidão.

— Viu esse homem? — perguntou ela e enfiou a foto de um sujeito de cabelo branco na minha frente.

— Não, sinto muito — falei.

No salão de jantar, grupos de sobreviventes atordoados, ainda em seus uniformes listrados dos campos de concentração, estavam sentados diante das mesas, sob os candelabros de cristal, enquanto as garçonetes lhes traziam o melhor de tudo: vitela, champanhe, queijo e pão fresco, das provisões que os nazistas haviam deixado para trás. Muitos deportados permaneciam sentados e apenas encaravam os alimentos, incapazes de comer. Alguns que engoliram poucos pedaços corriam para o lavatório.

Pessoas em busca de informações abriram caminho a cotoveladas até a Grande Galeria, as paredes cobertas de notícias e fotos de entes desaparecidos, muitas riscadas com Xs pretos, o que significava que aqueles deportados nunca voltariam. E foi ali que o encontrei.

Paul Rodierre. Suíte 515.

Disparei em direção ao elevador, mas estava tão lotado que a porta não fechava, então corri para a escada. No caminho, passei por homens vagando pelos corredores dos fundos, a pele esticada sobre os ossos, os uniformes dos campos pendendo dos corpos esqueléticos. Como estaria a aparência de Paul? Eu me preparei para encontrá-lo no estado daqueles homens ou pior. Não me importava, desde que pudesse estar com ele todos os dias. Eu pagaria o que fosse necessário para que ele ficasse bem.

Passei por quartos que haviam se tornado enfermarias, com camas de armar extras, as portas abertas. 511... 513... No corredor, dois policiais conversavam com uma

enfermeira bonita. Agora que a guerra havia acabado, o amor estava de volta.

Encontrei a espaçosa suíte do quinto andar, janelas altas que se abriam para a cidade abaixo, a Torre Eiffel a distância, uma adorável cama estilo Luís XVI encostada na parede. Tratamento real para o famoso monsieur Rodierre.

Da porta, vi Paul, recostado em uma poltrona estofada jogando cartas com outros três homens, as cortinas nas janelas oscilando à brisa suave.

Paul usava uma camisa simples abotoada na frente, e havia uma enfermeira sentada ao seu lado, com um braço apoiado nas costas da poltrona, a outra mão no pulso dele. Foi muito estranho vê-lo naquela suíte encantadora de cortinas adamascadas e finos tapetes de lã. Cheguei mais perto e olhei por cima do ombro de Paul para as cartas dele.

— Eu não apostaria a fazenda nessa mão — falei.

Paul virou a cabeça e sorriu. Para meu alívio, ele parecia bem. Esquelético, com a cabeça recém-raspada, mas estava *vivo*, o corpo engolido pela camisa branca de algodão. Mal podia esperar para levá-lo para casa, para sua própria cama. Gastaria cada tostão que eu tinha com médicos, se precisasse.

— Não trouxe dinheiro para apostar? — perguntou Paul. — Nem cigarros russos? Venha aqui e me dê um beijo.

Dei a volta na cadeira e vi, com um sobressalto, as pernas dele estendidas à frente, saindo da barra da camisa, longas e finas, as juntas ossudas parecendo pernas de gafanhoto.

— Não vou quebrar, está bem? Não acredite em nenhuma palavra que o médico disser. Se meus ganhos no jogo forem alguma indicação, estou ótimo.

— Não sei por onde começar — falei, e me ajoelhei ao lado da cadeira dele, com medo de tocá-lo. Seria doloroso estar tão magro?

Um jovem médico se aproximou de nós, o cabelo ruivo amontoado no alto da cabeça como açafão encrespado.

— A senhora é parente? — perguntou o médico.

— Ela é uma amiga — disse Paul. — Srta. Ferriday, de Nova York.

O médico levantou a cabeça na minha direção, os olhos muito vermelhos. Há quanto tempo não dormia?

— Pode me acompanhar, por favor? — perguntou ele.

Senti o tom sutilmente crítico, como se ele me desaprovasse por algum motivo.

— Sou o Dr. Philippe Bedreaux — disse ele quando já estávamos no corredor. — Já estou tratando de Paul há algumas semanas. Ele teve uma excelente recuperação do tifo, em parte graças ao cloranfenicol, um remédio novo. No entanto, Paul acabou sofrendo um inexplicável revés para o pior. Pneumonia.

— Pneumonia?

Minha respiração ficou presa na garganta. Como meu pai. *Pneumonie*. Tão mais

bonito em francês, mas igualmente letal. Algo a que mamãe ainda se referia como “febre do pulmão”.

— Ele se recuperou, mas continua em perigo. A senhorita está hospedada na cidade?

— Estou no apartamento da minha mãe, que fica aqui perto. Paul sabe da morte da esposa?

— Sim. Foi um grande choque e ele se recusa a falar sobre o assunto. No momento, Paul precisa dormir. Mais adiante, vai precisar de fisioterapia intensiva para a atrofia muscular.

— Ele vai se recuperar completamente? — perguntei.

— É cedo demais para dizer, mademoiselle. Estamos lidando com um corpo arruinado. Ele perdeu quase metade do peso corporal total.

— Ele parece bem mentalmente — comentei. — Jogando *pôquer*...

— Paul é ator. É claro que se faz de forte, mas temos que ser muito cuidadosos. O coração e os pulmões dele passaram por um grande trauma.

— O senhor está imaginando quanto tempo? Duas semanas? Três?

— Nas *atuais* circunstâncias, ele pode não acordar amanhã. A senhorita precisa deixá-lo se *recuperar*.

— Perdão, doutor...

— Um jovem foi liberado para voltar para casa na semana passada, os sinais vitais ótimos, e acabou morrendo de ataque cardíaco na manhã em que iria embora. Quem sabe quando poderemos considerar esses pacientes curados?

— Estou apenas ansiosa para...

— Ele não deve se exaurir de forma alguma... Não pode cozinhar, fazer longas caminhadas e com certeza não deve... Bem...

— O quê, doutor?

— Certamente nenhuma atividade extracurricular...

— Como assim?

— Repouso absoluto na cama.

Sozinho na cama, era o que ele queria dizer.

Depois que o médico saiu, me sentei na cabeceira da cama de Paul e fiquei observando o peito dele subir e descer sob a coberta.

— Não vá — pediu ele.

Passei as costas da mão pelo seu rosto.

— Nunca — respondi.

* * *

EU PASSAVA O dia com Paul e seguia para o apartamento de mamãe toda noite. Estava aliviada por um lugar tão antigo ter sobrevivido relativamente incólume à guerra, graças à esposa do zelador, madame Solange. O apartamento estava surpreendentemente intacto, sem rachaduras nas janelas de batente do teto ao chão ou no piso de parquê, embora uma fina camada de pó branco cobrisse todas as superfícies, e os frascos com tampa de prata na minha penteadeira de mogno afundassem em cinco centímetros de poeira lodosa. O relógio de viagem no escritório de papai parara às 9h25, e havia um vazamento no quarto de mamãe. Uma parte do papel de parede adamascado se soltara como a orelha manchada de uma porca.

Paul dormiu pela maior parte daquelas duas semanas, mas logo pediu para ir para a casa que ele e Rena haviam compartilhado em Rouen. O Dr. Bedreaux relutou em concordar e insistiu em mais recomendações sutis sobre não fazermos amor, o que fez Paul sorrir. O Dr. Bedreaux insistiu que um médico precisava visitar Paul todo dia, já que a casa de Rena ficava a quilômetros de distância do centro de Paris, com acesso limitado a cuidados hospitalares. Concordei, satisfeita em pagar o que fosse necessário para fazer Paul feliz, e, com a ajuda de três enfermeiras fortes, conseguimos acomodá-lo no banco da frente do Peugeot.

No caminho para Rouen, vimos evidências recentes de combate por toda parte, e muitos prédios já não passavam de fachadas. A imponente Catedral de Rouen, que ficara famosa pelas pinturas de Monet, era um dos poucos prédios que permaneciam intactos. Paul me guiou até uma construção semelhante a uma casamata, em uma rua lateral de Rouen, que não era de forma alguma o que eu esperava.

Ajudei-o a subir o caminho que levava à porta e examinei a casa, que parecia um posto de guarda militar, fria e nada simpática. Fora projetada no estilo Bauhaus, outra coisa abominável que a Alemanha havia impingido à França.

Os vizinhos saíam para cumprimentá-lo? Será que me considerariam uma intrusa? Afinal, Rena crescera naquela casa e ela e Paul haviam morado juntos ali. Será que teriam amigos, casais na rua que sentiam falta dela?

Nós dois entramos no corredor e seguimos lentamente até a sala de estar. Era uma casa escura, mas os cômodos haviam sido pintados nos tons vivos da Provence. Pensei em perguntar a Paul se poderíamos morar no apartamento da minha mãe com sua adorável luz da manhã e paredes apaineladas em tons pastel, cheio de peças que mamãe e eu havíamos encontrado no Marché aux Puces e outros *antiquaires*. Minha cômoda Luís XVI. A mesa de jardim de metal *fin de siècle* na cozinha. Mamãe enlouquecera um pouco em relação ao uso excessivo do padrão *toile*, mas era bonito. O apartamento só precisava de uma boa faxina.

Ajudei Paul a subir a escada, passamos por um quartinho agradável com paredes forradas por um tecido amarelo e acolchoado e chegamos ao quarto de casal, onde ele já dormira com Rena. O quarto era pequeno para um homem alto como Paul, e a

cama estava coberta com uma colcha de matelassê branca e travesseiros fofos azuis e brancos.

Puxei uma cadeira para perto da cama e observei Paul dormir até tarde da noite. Em determinado momento passei para o assento acolchoado da janela e dormi um pouco. Antes do amanhecer, ele chamou:

— Rena?

— Não, Paul, é Caroline.

— Caroline? Estou com tanto frio...

Levei minha manta para a cama e arrumei ao redor dele.

— Achei que estava no hospital — disse ele.

— Não, você está em casa, querido.

Ele já voltara a dormir antes que eu terminasse a frase.

Era estranho cozinhar na casa de Rena, as panelas de cobre ainda cintilando, as gavetas cheias de guardanapos de algodão dobrados em pilhas organizadas. Havia pouca comida para usar... Por toda a França, era difícil encontrar carne e vegetais. A princípio, improvisei. Com um cartão de racionamento, com sorte uma pessoa poderia conseguir algumas batatas e pão, talvez cenouras, mas a maior parte do país sobrevivia à base de sopas ralas e torrada. Então, ataquei a despensa do apartamento de mamãe e desencavei ouro: melaço, aveia e saquinhos de chá. Depois de algum tempo, acabei descobrindo que uma pessoa poderia comprar qualquer coisa no mercado negro, se estivesse disposta a pagar.

Todos os dias, eu ministrava a Paul um antigo remédio de família que mamãe Woolsey dera aos soldados que haviam sido seus pacientes em Gettysburg: um ovo e água com gás, batidos em uma taça de vinho. Vários outros remédios dos Woolsey também estavam no cardápio, incluindo caldo de carne, arroz com melaço e uma bebida chamada Milk Punch, à base de leite e conhaque. Conteí a Paul que todos eram velhos favoritos da família da minha mãe da Nova Inglaterra. Graças a eles, Paul ficava mais forte a cada dia.

— Ajuda falar sobre o campo? — perguntei certa noite.

— Não consigo falar sobre isso, Caroline. Você tem boas intenções...

— Precisa ao menos tentar, Paul. Talvez comece com a noite em que foi levado daqui. Vá aos poucos.

Ele ficou em silêncio por bastante tempo.

— Eles chegaram sem aviso, acharam que talvez eu fosse bom para a causa. Rena estava de cama, gripada. Então me levaram para o quartel-general e me disseram muito gentilmente que queriam que eu filmasse algumas coisas: propaganda, é claro, mas eu me recusei. Fui mantido por algum tempo em Paris, até que me mandaram para Drancy. Acho que voltaram depois para pegar Rena e o pai dela. Foi o começo da caçada, levar os judeus.

— Como souberam que Rena estava aqui?

— Eles sabiam de tudo. Talvez por causa do pedido de visto. Não sei. Drancy era horrível, Caroline. Tiravam as crianças das mães.

Paul abaixou a cabeça, o queixo encostado no peito, e apertou a boca com a palma da mão.

— Perdão, Paul. Talvez seja mesmo demais para você.

— Não, você está certa. Preciso falar sobre isso. Você não acreditaria no campo... Natzweiler.

— Na Alsácia? Roger achou que talvez você estivesse lá.

— Sim, nas montanhas dos Vosges. Muitos morreram por causa do frio e da altitude. Fui tão covarde... Rezei para morrer. Nós construímos parte do campo. Novos alojamentos e... — Ele tentou tomar um gole do chá, mas voltou a colocar a xícara no pires. — Talvez possamos terminar mais tarde.

— É claro — concordei. — Não ajuda falar sobre isso?

— Talvez.

Coloquei Paul na cama naquela noite, feliz por estar fazendo progresso.

* * *

NA TARDE DO dia 8 de maio, eu estava com os pés mergulhados até os tornozelos no riacho atrás da casa de Paul, colhendo agrião nas margens, maravilhada com as flores de castanheiro e com a glicínia que também floria. As dedaleiras roxas — uma flor que eu teria que levar para Connecticut — se espalhavam por toda parte como ervas daninhas. Ouvi Paul assoviando dentro de casa, e isso me fez sorrir. Homens só assoviam quando estão felizes. Pelo menos meu pai era assim.

De repente, o assovio parou e Paul chamou.

— Caroline...

Atravessei a grama correndo em direção ao som da voz dele. Será que Paul tinha caído? Com o coração em disparada, entrei na cozinha, deixando pegadas úmidas no piso.

— De Gaulle está falando — disse Paul.

Encontrei-o, o corpo ereto, parado junto ao rádio. Respirei fundo, aliviada, bem a tempo de ouvir o general De Gaulle anunciar o fim da guerra na Europa.

Reverenciadas sejam nossas forças armadas e seus líderes. Reverenciado seja o nosso povo, que não se deixou diminuir ou decair por mais terríveis que tenham sido as provações. Reverenciadas sejam as Nações Unidas, que misturaram seu sangue com o nosso, suas tristezas com as nossas, suas

esperanças com as nossas, e agora triunfam conosco. *Ah, vive la France!*

Paul e eu corremos até o jardim e ouvimos os sinos da catedral.

— É difícil de acreditar — falei.

Embora o primeiro ato da rendição alemã houvesse sido assinado em Reims na véspera, só quando ouvimos a declaração do general De Gaulle e vimos os vizinhos em seus carros, buzinando e acenando com a *tricolore* das janelas, foi que realmente nos convencemos.

Era o fim da guerra na Europa.

Joguei uma das echarpes de mamãe ao redor do pescoço e fomos de carro até o apartamento dela em Paris. Abrimos todas as janelas, esperando ouvir uma grande comemoração, mas a cidade estava estranhamente silenciosa naquela tarde, considerando a importante notícia do fim da guerra. No entanto, tudo mudou conforme a tarde avançava, e jovens se espalharam por parques e praças.

— Vamos para a Place de la Concorde — sugeriu Paul.

— Por que não ficamos aqui ouvindo o rádio? — retruquei. — A multidão pode ser demais para você.

— Não sou um inválido, Caroline. Vamos aproveitar esse momento.

O dia estava quente, delicioso, e caminhamos até o Hôtel de Crillon, na Place de la Concorde. O belo prédio antigo se erguia acima da praça, a *tricolore* oscilando entre as colunas. Era muito surreal celebrar uma França livre na mesma praça em que o rei Luís XVI foi guilhotinado.

Conforme as sombras na praça ficavam mais longas, a multidão aumentava, e policiais militares americanos de capacetes brancos apareceram aqui e ali no meio da aglomeração para se certificarem de que as pessoas tivessem acesso à Embaixada Americana. Abrimos caminho entre as pessoas, o barulho das buzinas e a música nos cercando, acenando com lenços brancos acima de nossas cabeças, sendo empurrados enquanto jipes do Exército americano passavam. Homens e mulheres franceses, jovens, nos estribos dos jipes, abriam garrafas de champanhe e jogavam flores para a multidão.

Conforme o sol desaparecia no horizonte, as luzes foram sendo acesas na Place de la Concorde pela primeira vez desde que a guerra começara. Alguém deu um grito quando as Fontaines de la Concorde foram ligadas novamente, e as fontes com peixes esculpidos, erguidos por ninfas do mar de bronze, jogavam grandes jatos de água no céu noturno. As pessoas dançavam dentro da fonte, completamente vestidas, encharcadas até a alma, loucas de felicidade por Paris estar recuperada.

Paul deixou cair o lenço e uma adolescente parou para pegá-lo para ele.

— Aqui está — disse a moça. — Por um minuto, pensei que você fosse Paul Rodierre.

— E é — falei.

A menina se afastou dançando.

— Engraçadinha! — gritou ela por cima do ombro.

— Ela não sabe o que está dizendo — comentei, mas Paul sabia a verdade: ele era uma mera sombra do que já fora.

Paul pareceu perder o ânimo depois disso, e voltamos para casa depois do pôr do sol. Enquanto seguíamos de carro na direção de Rouen, fogos de artifício explodiram sobre o Sena.

Já em casa, colocamos roupas mais confortáveis, eu com uma calça macia de Paul e uma camisa grande demais para mim, e Paul com seu pijama favorito, de flanela marfim. Ele pareceu retraído e mais cansado do que o normal, e se sentou, curvado, diante da mesa da cozinha, enquanto eu preparava o jantar.

— Fica triste por Rena não estar aqui? — perguntei.

— Não ajuda falar nesse assunto. Aliás, você pode parar de tentar ser como ela.

— Não estou fazendo isso — retruquei.

— Cozinhando as receitas dela, vestindo-se como ela. Por favor, não faça isso.

— Só porque usei uma *écharpe* hoje? — perguntei.

— Só relaxe e deixe as coisas acontecerem naturalmente, como era em Nova York.

— Nunca me senti mais feliz — falei.

Era verdade. Tínhamos nossas diferenças, mas desde que parei de datilografar agendas de medicação e exercícios para Paul, nosso relacionamento se fortalecia a cada dia. Além do mais, graças aos remédios Woolsey, Paul finalmente estava se reestabelecendo.

— Então por que não se muda para cá? De vez, quero dizer.

— Ah, não sei, Paul. Ajudaria saber como você se sente.

— Sou louco por você.

— Como assim?

Paul pensou por um segundo.

— Você trabalha muito, e respeito isso.

— Isso é tudo?

— E gosto de como você fala francês com sotaque americano. *Muito sexy*.

— Com certeza isso não é...

— E nunca me canso de ficar com você.

Ele se levantou e veio até mim, na pia.

— Gosto das suas imperfeições. Do seu sorriso torto.

Toquei meus lábios. Torto?

— E você não tem uma bolsa gigante onde está sempre buscando alguma coisa.

Paul pegou minha mão.

— Gosto que use as minhas roupas. — Ele abriu um dos botões da camisa, na

altura do peito. — E de sua pele branca. Tão macia, toda ela... Pensei muito nisso enquanto estava longe.

Ele passou os braços ao redor da minha cintura.

— Mas o que mais gosto em você é...

— O quê?

— ...o modo como você beija. Às vezes acho que não vou conseguir me recuperar depois de te beijar. É como ir para outro lugar.

Paul afastou o colarinho da minha camisa e beijou meu pescoço.

Sorri.

— Engraçado, tem uma palavra que você nunca usa.

Paul recuou.

— Por que vocês americanos têm que ter todos os detalhes soletrados? Vocês dizem “eu te amo” para o lixo.

— Acho que essa frase foi inventada aqui.

— Se é do que precisa, eu te *amo*. Não consigo imaginar minha vida sem você. Agora traga logo as suas coisas, suas roupas, seus livros. Torne esta casa sua.

— Você está querendo dizer para eu não voltar para os Estados Unidos?

Era maravilhoso demais só imaginar estar com Paul para sempre.

— Sim. Faça daqui o seu lar. Sempre podemos visitar Nova York. E sua mãe pode se mudar para cá. Vocês já têm o apartamento.

— Vou sentir falta do consulado, mas Roger tem Pia.

— Claro que tem.

— Então vou ficar — respondi.

— Ótimo — disse Paul com um sorriso.

Foi como um remédio ver aquele sorriso de novo.

Seria tarde demais para termos um bebê? Eu tinha mais de quarenta anos. Sempre poderíamos adotar. Havia um arquivo na minha pasta cheio de lindos bebês franceses que precisavam de lares. Teríamos uma família de verdade. Mamãe ficaria encantada por planejar um casamento. Roger havia arranjado um visto para ela, que finalmente estava a caminho de Paris para uma visita. Eu poderia lhe contar as novidades pessoalmente.

— Por que não começar esta noite?

— Vou pegar minhas coisas.

Aquilo estava mesmo acontecendo? Eu ainda tinha alguma meia de seda no apartamento de mamãe?

— Não traga nenhuma maquiagem — pediu Paul. — Você está perfeita assim.

— Nem um batom?

— Ande logo. Vou terminar de preparar o jantar.

— Por favor, Paul, não — pedi. — O Dr. Bedreaux disse...

Ele se levantou e caminhou até a bancada. Lá pegou em uma tigela e algumas batatas, ainda com terra, da cor de violetas. Seria demais para ele preparar uma refeição?

— Não diga nem uma palavra, ou mudarei de ideia — falou ele.

Peguei minha bolsa.

— Nietzsche disse que uma dieta formada predominantemente de batatas leva ao uso de bebida alcoólica.

— Ótimo. Traga uma garrafa de vinho da sua mãe. Estamos comemorando.

Nas quase duas horas de viagem de volta para Paris, fiz uma lista mental do que colocar na mala. Calças capri. Meias de seda. Minha lingerie nova. Em algum momento, eu precisaria de uma carteira de habilitação francesa adequada.

No apartamento, abri as cortinas, arrumei a mala e saí. Enquanto trancava a porta, o telefone tocou na cozinha e, pela primeira vez, ignorei. Se fosse minha mãe, eu precisaria de mais tempo para lhe contar toda a história.

Na viagem de volta, parei em nosso mercado favorito e encontrei uma pequena baguete de aparência triste, mas um bom presságio. Parei de novo para colocar mais lenha no motor e segui para Rouen, o rádio do carro ligado, as janelas abertas, enquanto Léo Marjane cantava “Alone Tonight”.

I am alone tonight, with my dreams...

Todos os jornais haviam criticado o cantor de cabaré por ter entretido os nazistas com um pouco de entusiasmo demais durante a ocupação, mas nenhuma canção capturou a guerra como aquela. Cantei junto.

I am alone tonight, without your love...

Era maravilhoso finalmente não me identificar com a solidão da música. Canções tristes não são tão tristes quando temos alguém que nos ama. Entrei na rua de Paul cantando sem pudor. Quem se importava com o que os vizinhos iriam pensar?

Fiz a curva e vi uma ambulância branca estacionada diante da casa, o motor ligado.

O tempo parou. Será que eu estava diante da casa errada? Cheguei mais perto e vi uma enfermeira do lado de fora, uma capa azul-marinho por cima do uniforme branco.

Meu Deus. Paul.

O carro mal havia parado de se mover quando saí. Subi correndo.

— Paul está ferido? — perguntei, a respiração entrecortada.

— Venha rápido — disse a enfermeira, enquanto eu a seguia para dentro da casa.

Kasia

1945

— SERÁ QUE ESTOU sonhando? — perguntou Zuzanna quando a barca atracou em Gdansk, a brisa marítima marcada pelos gritos selvagens de gaivotas e andorinhas-do-mar. Levantei a mão para me proteger do sol, pois a água cintilante, salpicada de diamantes, estava me cegando.

Tínhamos passado dois meses em Malmö, Suécia, o lugar para onde Deus guardou as coisas mais bonitas da natureza. A grama mais verde. O céu de um azul da cor da flor escovinha. Crianças que pareciam ter nascido daquela paisagem, os cabelos fiados de nuvens brancas, olhos azul-cobalto.

Lamentamos partir, pois ali éramos tratadas como se fôssemos da família real, saboreando bolos típicos e *pitepalt*, bolinhos de batata, com manteiga e geleia de groselha. Assim que recuperamos as forças (tanto Zuzanna quanto eu chegamos a pesar quarenta quilos), muitas do nosso grupo queriam voltar para casa, independentemente de onde fosse. Polônia. França. Tchecoslováquia. Algumas mulheres que tinham pouco a esperá-las em casa ficaram na Suécia para começar uma nova vida. Outras aguardaram para ver o que aconteceria com as novas eleições propostas na Polônia antes de se aventurarem a retornar. Ouvimos relatos de que a repressiva agência de cumprimento da lei soviética NKVD tinha o controle da Polônia, mas Zuzanna e eu nunca pensamos duas vezes. Morríamos de saudades do nosso pai.

Embora eu estivesse muitíssimo agradecida pelo meu resgate, quanto mais eu me fortalecia, mais zangada ficava. Onde estava o júbilo de ser resgatada? Eu observava as mulheres ao meu redor se recuperarem, ansiosas por retomarem suas antigas vidas, mas, no meu caso, a raiva apenas aumentava, revirando meu estômago.

Quando atingimos a costa norte da Polônia, de barca, um motorista nos encontrou no desembarque. Era um jovem de Varsóvia, um dos mais de cem ex-pilotos da Força Aérea Polonesa que se juntaram à Força Aérea Real Britânica e arriscaram suas vidas lutando com a Luftwaffe. Ele era um pouco mais velho do que eu, mas, aos vinte e

dois anos, eu tinha o claudicar e a postura de uma idosa.

Ele esticou a mão para pegar a bolsa de pano de Zuzanna e nos ajudou a entrar no carro. Senti o couro frio e macio do assento traseiro. Quanto tempo fazia que eu não entrava em um automóvel? Podia muito bem ser uma nave espacial.

— Então, o que está acontecendo no mundo hoje? — perguntou Zuzanna assim que seguimos caminho, abrindo e fechando o pequeno cinzeiro de metal na maçaneta da porta.

Abri o cinzeiro do meu lado e encontrei dois tocos de cigarros dobrados. O que as mulheres no campo de concentração não teriam dado por um deles!

— Souberam o que está acontecendo com o governo? — perguntou o motorista.

— Vão abrir eleições livres? — indagou Zuzanna.

Passávamos pelo porto de Gdansk, alvo de pesados bombardeios durante a guerra.

— O governo no exílio quer retornar — respondeu o motorista. — Então o Partido dos Trabalhadores Poloneses diz que vai haver uma votação.

— Você acredita em Stalin? — perguntei.

— O Partido dos Trabalhadores Poloneses é...

— *Stalin*. Justo o que precisamos.

— Eles dizem que vamos ter nosso próprio país, livre e independente. As pessoas têm esperança.

— Por que continuamos acreditando em mentirosos? — perguntei. — A NKVD não vai liberar nunca.

— Não deixe ninguém ouvir você falando isso — disse o motorista.

— Nossa, quanta liberdade e independência — retruquei.

Zuzanna e eu dormimos a maior parte da viagem para Lublin e acordamos quando o motorista parou na frente da nossa casa.

— Hora de acordar, senhoritas — disse ele, ao puxar o freio de mão.

Nós nos sentamos no banco traseiro e encaramos a lâmpada solitária junto à porta da frente da nossa casa, brilhante no escuro, convidando para uma festa agitada de mariposas gordas e outros insetos. Em Ravensbrück as prisioneiras teriam ficado felizes em comer os insetos.

— Dá para acreditar que estamos aqui? — perguntou Zuzanna.

Descemos do carro como se estivéssemos chegando à Lua. Passei o braço em torno da cintura de Zuzanna. Ela se apoiou em mim, e o osso do quadril bateu no meu. Em minha perna ruim, eu sentia pontadas de dor à medida que galgava aqueles belos degraus.

Nós tínhamos mandado um telegrama para *papa*. Será que ele estaria nos esperando com bolo de semente de papoula e chá? Girei a antiga maçaneta de porcelana da porta do nosso apartamento. Estava trancada. Zuzanna procurou a chave extra no esconderijo atrás do tijolo. Ainda estava lá!

Um passo para dentro da cozinha, e uma certeza me fez prender a respiração: minha mãe não estava mais lá. O cômodo estava escuro, a não ser por uma pequena luminária na mesa da cozinha e o halo da chama de uma vela em cima da lareira. Cortinas amarelas alegres demais pendiam das janelas, e havia um novo conjunto de vasilhas vermelhas em cima da bancada de madeira de *matka*. Amarelo e vermelho. Ela gostava de azul. Alguém havia pendurado a pintura de um campo de flores silvestres na parede onde *matka* colocava seus quadros de pássaros. Alguns pardais espreitavam por detrás da pintura, mucilagem prendendo-os na parede amarelada pelo tempo. Caminhei até a mesa de desenho de *matka*. Alguém baixara o tampo e a cobrira com uma toalha de mesa de renda barata, tendo em cima um quadro da Virgem Maria de um santuário em Gietrzwald e uma moldura de louça com a foto de uma mulher idosa acenando de um trem.

Eu me aproximei da lareira, onde havia o retrato de *matka*, aquele em que ela parecia bem séria e carregava o seu cãozinho Borys. Alguém havia colocado um laço preto embaixo da foto, as pontas dobradas penduradas na cornija da lareira. Fiquei zozna olhando o rosto solene de minha mãe enquanto ela dançava à luz da vela. Um cachorro latiu do quarto, e Zuzanna prendeu a respiração.

Felka?

— Quem está aí? — perguntou *papa*, vindo lentamente pelo corredor do quarto dos fundos.

Ele se aproximou usando sua roupa de baixo listrada. Seu cabelo, mais ralo e cinzento como o pelo de um esquilo, estava eriçado em todas as direções, e ele tinha na mão um revólver preto que eu nunca vira. Felka saiu de trás dele, o rabo abanando em ritmo bastante acelerado. Ela estava grande e mais gorda do que na última vez em que eu a vira, exatamente naquela cozinha com *matka*.

— Somos nós, *papa* — respondeu Zuzanna.

Papa ficou parado como se em estado de choque, boquiaberto. Como ele tinha envelhecido daquele jeito? Até os pelos do peito estavam grisalhos. Felka se aproximou de nós e ficou correndo de um lado para outro, de mim para Zuzanna, encostando o focinho úmido em nós.

— Voltamos para casa — falei.

Meus olhos pinicavam com lágrimas. *Papa* abriu os braços e nós corremos em sua direção. Ele deixou a arma na bancada e nos abraçou, como se não fosse nos soltar nunca mais. Como ficamos felizes de estar nos braços dele! Tanto Zuzanna quanto eu choramos em seus ombros nus.

— Recebeu nosso telegrama? — perguntei.

— Quem recebe telegramas nesses dias?

— Recebeu alguma carta de *matka*?

— Recebi. A letra no envelope parecia dela, então pensei que era uma carta

escrita por ela. Mas era uma carta padrão. Disseram que foi tifo.

Peguei a mão dele.

— Não foi tifo, *papa*.

— O que foi então?

Ele parecia uma criancinha. Onde estava o meu *papa* tão forte?

— Não sei — respondi.

Ele deu um passo para trás, as mãos nos quadris.

— Mas vocês não estavam juntas?

Zuzanna levou *papa* até uma cadeira da cozinha.

— Eles mandaram *matka* para um bloco separado, *papa*. Ela trabalhava como enfermeira...

— E desenhava retratos para os nazistas. Foi isso que a matou. Aproximou-se demais deles.

Por que eu disse isso? Sabia muito bem que o fato de ela ter me trazido um sanduíche naquela noite no cinema é que a levava à morte.

Zuzanna se ajoelhou perto de *papa*.

— O senhor recebeu as cartas de Kasia. Como descobriu a ler nas entrelinhas?

— Todo mundo da agência se ocupou de descobrir. Nós sabíamos que havia algum código, mas nenhum de nós conseguia decifrar. A primeira carta eu esfreguei um pouquinho com água. Mas depois nós entendemos. Conteí a certas pessoas, que levaram a mensagem para a resistência em Londres, que divulgou as notícias. Mas foi Marthe quem disse que tínhamos que passar a carta a ferro. Era o truque de um livro que ela já tinha lido.

Marthe?

Ajoelhei-me do outro lado de *papa*.

— Obrigada por mandar a linha vermelha.

— Divulguei o que vocês contaram da melhor maneira que pude. Sabiam que a BBC colocou no ar? O que fizeram com vocês duas...

Papa se dissolveu em outra poça de lágrimas. Como era difícil ver nosso forte pai chorando!

Peguei a mão dele.

— O senhor viu Pietrik? Nadia?

— Não. Nenhum dos dois. Eu divulgo as listas todo dia. O Centro da Cruz Vermelha também. Eu gostaria de ter ficado sabendo que vocês estavam chegando. — *Papa* pegou um pano de prato e enxugou as lágrimas. — Nós estávamos loucos de tanta preocupação.

Nós?

Zuzanna notou primeiro, na penumbra da porta do quarto, uma mulher atarracada vestindo um robe. Zuzanna se aproximou dela e estendeu a mão.

— Eu sou Zuzanna — disse ela.

Uma mulher no quarto de *papa*?

— Meu nome é Marthe — disse ela. — Ouvi muitas coisas boas sobre vocês duas.

Eu me levantei, inspirei profundamente e avaliei a mulher. Marthe era alguns centímetros mais alta do que *papa*. Seu robe estava amarrado na cintura com um barbante. Cabelo castanho, penteado em uma trança que descia pela gola. Uma mulher do campo. *Papa* certamente tinha baixado de nível.

Ela chegou perto de *papa*, mas ele não fez nenhum movimento na direção dela.

— Marthe é de uma aldeia perto de Zamosc. Foi uma grande ajuda para mim nesses anos em que vocês estiveram longe.

Papa parecia constrangido por Marthe estar ali. Quem não estaria, apresentando a namorada para as filhas de sua falecida esposa?

— Vamos nos sentar? — sugeriu Marthe.

— Eu gostaria de ir para a cama — respondi.

Era como uma negociação no mercado. Meus olhos se fixaram no retrato de *matka* em cima da lareira. Será que *papa* não sentia falta dela? Como ele pôde fazer aquilo?

Papa fez um gesto para mim.

— Sente-se conosco, Kasia.

Marthe se sentou na cadeira favorita de *matka*, a que ela havia pintado de branco, com o assento estofado com algodão. Observei Zuzanna se conectar com Marthe. *Papa* ficava olhando, contente de vê-las se darem bem.

— Eu gostaria de oferecer alguma coisa para comer, mas acabamos de consumir o que sobrou do pão — disse Marthe.

Papa passou a mão pela barba por fazer.

— Está pior do que nunca agora. Desde que os russos chegaram, quase não há comida. Pelo menos os nazistas mantinham as padarias funcionando.

— Então trocamos os nazistas por Stalin? — perguntei. — Trocamos seis por meia dúzia, se querem minha opinião.

— Eu me dou bem com eles — disse *papa*. — Eles me deixaram ficar com meu emprego na agência.

— Deixaram? — perguntei.

— Dá para conseguir todos os cigarros russos que quiser agora — disse Marthe, de modo um pouco exagerado. — Mas poucos ovos.

— É só questão de tempo antes que todos nós comecemos a nos tratar por “camarada” — falei.

— Vamos ficar bem — disse Zuzanna.

— Eles estão procurando antigos membros da resistência — disse *papa*, o olhar propositalmente fixo em mim. — Levaram Mazur na semana passada.

Senti uma corrente elétrica me percorrer e de repente eu quase não conseguia

respirar. Mazur? Era um amigo de infância de Pietrik, um agente muito eficiente, das patentes mais altas da resistência. Ele havia lido meu juramento do AK. Um autêntico patriota.

Inspire fundo e solte o ar.

— Eu me cansei de tudo isso — falei.

— Eles nos tiraram do campo de concentração em um ônibus sueco — disse Zuzanna. — Vocês precisavam ter visto quando cruzamos a fronteira da Dinamarca, todo mundo reunido com cartazes de boas-vindas. Foram muito gentis conosco na Suécia também. Ao chegarmos, estendemos uma faixa das Bandeirantes de Lublin que alguém tinha encontrado em Ravensbrück no meio dos objetos retirados das pilhagens, e vocês deviam ter ouvido os gritos de comemoração. Passamos a primeira noite no chão de um museu.

— Com dinossauros com dentes enormes se agachando por cima de nós — completei. — Não muito diferente do campo de concentração.

Zuzanna pegou a sacola de pano.

— Depois ficamos com uma princesa, na mansão dela. Olhem o que nos deram antes de deixarmos o país. — Ela abriu a sacola, colocou uma caixa branca na mesa e a abriu. — Deram isso para cada uma de nós. Sardinhas em lata. Pão branco e manteiga. Geleia de frutas vermelhas e um pedaço de chocolate.

Cada uma de nós tinha apenas beliscado a comida, economizando.

— E leite em pó? — perguntou *papa*. — Quanto tempo.

— Que gentileza deles — disse Marthe. — Tenho um cupom para farinha que estava guardando. Posso fazer...

— Não se dê ao trabalho — falei.

Papa abaixou a cabeça e passou os dedos no que lhe restava de cabelo.

— Lamento pela mãe de vocês — disse Marthe, levantando-se.

— Parece se lamentar mesmo — retruquei.

— Kasia — reprimiu *papa*.

Peguei a cadeira branca, o assento ainda quente por causa do traseiro de Marthe.

— Boa noite, *papa* — falei. — Boa noite, Zuzanna.

Carreguei a cadeira de *matka* para o meu quarto, passando pela frente da lareira, tomando o cuidado de evitar que meus olhos focassem no retrato de *matka*. Era difícil demais olhar para o rosto dela, pois eu sempre sentia um novo soco no estômago. Entrei no quarto e fechei a porta. Nenhuma amante do meu pai ia se acomodar no assento de minha mãe, por mais que ela fosse boa para ele.

Caroline

1945

SEGUI A ENFERMEIRA para dentro da casa e vi um atendente da ambulância na cozinha, no fim do corredor. Já na porta da frente, eu via as batatas espalhadas no chão da cozinha, o brilho do azeite na cerâmica. Como eu pudera deixar Paul sozinho, depois dos avisos do Dr. Bedreaux?

Quando nos aproximamos da cozinha, vi Paul sentado diante da mesa, uma enfermeira tomando seu pulso. Uma onda de calor subiu pelos meus braços.

— Você está bem, Paul. Graças a Deus.

Ele olhou para mim. Estivera chorando?

— Tentamos telefonar para você. Acredita nisso, Caroline? É quase como um sonho.

Balancei a cabeça.

— Não compreendo.

— Eles tocaram a campainha — falou ele. — É tudo tão... surreal.

— *Quem* tocou a campainha, Paul?

— Rena.

— Rena tocou a campainha? Isso não faz sentido.

— Ela acabou de ser levada lá para cima.

— Ela voltou?

Minha voz parecia distante, estranha.

Paul esfregou uma mancha na toalha de mesa.

— Ela estava no Hospital Americano.

Ele parecia feliz? Não exatamente. Era tudo muito confuso.

— Rena não conseguiu falar muito. Parece que uma família alemã tomou conta dela.

Apoiei o corpo no batente da porta.

— Que maravilha. — Foi a única coisa que consegui pensar para dizer. — É melhor eu ir agora.

E me virei.

— Caroline, espere — pediu Paul. — Aonde você vai?

— Isso tudo é assustador demais.

— Eu sei. Sinto muito, Caroline. Rena passou semanas no hospital, doente demais para falar.

Sinto muito. Eu odiava aquelas duas palavras. Quantas vezes as pessoas haviam dito aquilo quando meu pai morreu? *Je suis désolé* soa lindamente em francês, mas só piora as coisas.

— Bem, tenho que ir para casa — falei.

Eu precisava de tempo para pensar e não queria desmoronar na frente de Paul. Afinal, Rena estava viva, não tivera uma morte trágica em um campo de concentração. Ela sem dúvida estava enfiada na cama de Paul, no andar de cima, enquanto eu conversava com ele no andar de baixo.

Paul olhou para as batatas no chão.

— Está bem. Conversamos amanhã.

— Estou me referindo à minha casa, em Connecticut.

— Você não pode voltar para casa agora. O que acaba de acontecer é um choque para todos nós.

— Não consigo pensar direito. Tenho que ir.

Por que ele não passava os braços ao meu redor e me implorava para ficar?

— Conversamos amanhã e resolvemos tudo isso — disse ele, ainda parecendo colado à cadeira.

De algum modo, consegui entrar no carro e voltar para o apartamento de mamãe, onde me recolhi em um confinamento voluntário, a maior parte do tempo na cama, usando a calça do pijama e a camisa de Paul, que trouxera da casa dele. O telefone na cozinha tocou algumas vezes até que tirei o fone do gancho e o deixei pendurado. “*Si vous souhaitez faire un appel, s’il vous plaît raccrochez et réessayez*”, repetiu a gravação inúmeras vezes até eu ouvir uma série de bipes curtos e então nada.

A campainha da porta tocava várias vezes por dia, mas eu não atendia.

Eu me autoflagelava durante o dia — deixava meu chá quente esfriar e então o bebia morno, com bastante leite — e me deixava reviver várias opções do que poderia ter sido. Poderia ter sido um amor duradouro. Poderia ter havido um casamento. Um bebê. Eu realmente havia vendido metade da prataria da minha mãe para tratar da saúde do marido de outra? Betty estava certa. Que desperdício de tempo.

Certa manhã, mamãe entrou no apartamento com a própria chave e parou na porta do meu quarto, o guarda-chuva pingando no tapete.

Mamãe. Havia esquecido que ela estava prestes a chegar.

— Está chovendo lá fora — disse ela.

Ótimo, pensei. Ao menos os outros estavam dentro de casa, tão infelizes quanto eu.

— Santo Deus, Caroline, o que houve? Você está doente? Por que não atende ao telefone?

Eu podia não ser francesa, mas não tinha o direito de me enfiar na cama e me deixar afundar no desespero, não?

— A esposa de Paul voltou — contei.

— O quê? Dos mortos? Como isso é possível? Onde ela estava esse tempo todo?

— Não sei. Em algum hospital.

— Isso é incrível — comentou mamãe. — Bem, você precisa se recompor.

— Não consigo — falei, e puxei o edredom por cima dos ombros.

— Você vai tomar um banho, e vou lhe preparar chá. Um banho melhora tudo.

Não havia como discutir com mamãe. E ela estava certa sobre o banho. Saí dele usando pijamas limpos e me sentei diante da mesa de jardim de metal na cozinha.

— Eu sabia que não daria certo — falei. — Não estou destinada a ser feliz.

Mamãe trouxe um saquinho de chá Earl Grey da loja Mariage Frères em uma xícara e um bule de água quente.

— O conhecimento é tristeza...

— Por favor, mamãe. Byron agora, não. Essa história toda foi uma fantasia absurda. Como eu me permiti me envolver tanto? Deveria ter adivinhado. Eu me esforcei tanto para dar certo...

— Só porque ele tem uma esposa não quer dizer que você não possa ficar com ele — disse mamãe. Algumas horas na França já haviam feito sua bússola moral dar um giro.

— Imagino que sim. Mas por que tem que ser sempre tão difícil, mamãe? Sempre surge algum problema.

A campainha tocou.

Segurei o pulso de mamãe.

— Não atenda.

Ela foi até a porta assim mesmo, e me arrependi de tê-la convidado para vir à França.

— Seja quem for, não estou — gritei, enquanto mamãe se afastava.

Ela atendeu à porta. Ouvi uma mulher se apresentar como Rena.

Ah, meu Deus, Rena. Qualquer um, menos ela.

Mamãe voltou para a cozinha com Rena logo atrás, e nos deixou a sós. Rena ficou parada na porta, usando um vestido de algodão que estava pendurado em seu corpo como uma roupa molhada no varal, mostrando a elevação de sua clavícula e uma reentrância abaixo do tamanho de uma tigela de sopa.

— Perdoe-me por interromper seu chá, Caroline — disse ela, parecendo uma colegial cansada, só olhos e rosto encovado. — Tentei telefonar.

O olhar de Rena se desviou para o fone pendurado.

— Ah — falei.

Rena mudou o peso de um pé para outro.

— Paul também sente muito. Também tentou ligar para você...

— Por favor, sente-se.

Rena passou um dedo atrás da orelha, como se para ajeitar uma mecha de cabelo. Um antigo hábito, ao que parecia, porque não havia cabelo para ajeitar.

— Não vou tomar muito do seu tempo. Só queria lhe dizer quanto lamento.

— Lamenta?

Joguei a água quente no saquinho de musselina. O aroma de laranja-bergamota provocou um forte desejo pelos *scones* de violetas, os pãezinhos que Serge costumava preparar.

— Por tudo o que acabou acontecendo — disse ela.

— Não precisa se desculpar, Rena.

— Talvez eu me sente. Mas não vou demorar.

— Claro. Chá?

— Não, obrigada. Ainda não consigo manter muita coisa no estômago. Eu disse a Paul que ele deveria vir procurá-la logo. Explicar tudo...

Tentei tomar um gole do chá, mas não conseguia ver a xícara porque minha cabeça latejava demais, e minha visão estava turva.

— Acho que Paul não está feliz em me ver — disse ela.

Em algum lugar na rua, crianças riam, suas vozes ecoando no prédio enquanto brincavam na chuva.

— Você provavelmente preferia que eu estivesse de fato morta — falou Rena. — Acredite em mim, eu mesma desejei isso com frequência. Teria mandado notícias se houvesse sido possível. Só sobrevivi por sorte.

— Compreendo.

— Não, não acho que você compreenda. Como poderia? Foi apenas sorte eles interromperem o procedimento usual. Tinham tirado nossos sapatos, então sabíamos o que iria acontecer.

— Rena, você não precisa...

— Estávamos no trem de Majdanek para um subcampo, foi o que pensamos. O trem diminuiu a velocidade em algum lugar na Polônia, e eles nos fizeram descer.

Rena parou e olhou para fora da janela.

— Eu estava doente. Tifo, acredito. Assim, mal consegui acompanhar quando nos fizeram caminhar pelo bosque. Havia notas de dinheiro espalhadas no chão ao longo do caminho. Pessoas que passaram antes de nós haviam jogado o dinheiro fora. Que os alemães ficassem com ele, imagino. Alguém sussurrou que iríamos trabalhar, mas eu sabia. Chegamos a um barracão e nos disseram para nos despirmos.

— Por favor, Rena. Você não precisa me contar...

— Desculpe. É difícil demais para você ouvir?

Balancei a cabeça, negando.

— Tudo aconteceu muito depressa. Eles nos enfileiraram ao longo da beira de um fosso grande...

Rena perdeu o fio da meada e sua mente pareceu divagar. Depois de um momento, ela recomeçou:

— Quando a moça ao meu lado viu o que havia embaixo, gritou. A mãe a tomou nos braços e as duas foram as primeiras a serem baleadas. Os disparos as jogaram em mim e nós três deslizamos pela encosta de terra...

Ela fez uma pausa e eu mal piscava, com medo de interromper.

— Permaneci imóvel, enquanto mais corpos caíam em cima de mim. Logo os tiros cessaram e percebi que a noite estava próxima, porque a luz que entrava pelos espaços entre os corpos estava mais fraca. Eu me arrastei para fora do fosso na escuridão e procurei algumas roupas no barracão.

Rena olhou para o teto.

— Você deveria ter visto as estrelas naquela noite, espalhadas no céu. Era como se estivessem me observando, olhando para tudo aquilo que acontecia abaixo delas, tristes por não poderem fazer nada. Caminhei pelo bosque até chegar a uma casa, e um fazendeiro e sua esposa me abrigaram. Um casal alemão. O filho deles havia sido morto na frente de batalha russa. A princípio, a mulher teve medo de que eu roubasse seu relógio de pulso, que era lindo, um presente que o filho havia lhe dado, já que o relógio de pulso é uma moeda de troca valiosa. Mas acabaram sendo muito bondosos. Eles me deram a antiga cama do filho e cuidaram de mim durante a minha doença como se eu fosse filha deles. Alimentaram-me com pão quente e geleia de morango. Retribuí a hospitalidade dos dois contaminando-os com a minha doença...

Entreguei um guardanapo a Rena, e ela levou-o aos olhos.

— O homem morreu primeiro. Quando os russos chegaram, contei a eles que todos nós tínhamos tifo, mas colocaram um tapete em cima do meu rosto e me estupraram assim mesmo. Então, estupraram a esposa do fazendeiro e roubaram seu relógio de pulso. Ela morreu em algum momento naquela noite. Não me lembro de muito mais, só de alguns fragmentos, até estar aqui no hospital. Portanto, você entende, eu teria voltado para casa mais cedo, mas foi...

— Sinto muito pelo que aconteceu, Rena. Por que está me contando tudo isso?

— Sei o quanto Paul significa para você...

— Ele lhe contou?

— Assim que voltou de Nova York. Não me importei na época, mas as coisas são diferentes agora.

Claro que as coisas eram diferentes. De formas que nenhum de nós poderia ignorar.

— Gostaria de poder fazê-la feliz, Caroline. Mas não posso desistir de Paul. Antes, talvez, mas não agora.

Rena segurou a borda da mesa. Ela precisava descansar.

— Acho que você precisa ir para casa, voltar para ele, Rena.

— Sim, mas preciso lhe contar uma coisa.

Havia *mais*?

— Não acho...

— Ainda não contei para Paul.

Ela respirou fundo, se preparando.

— Rena, realmente não é...

— Levaram Paul antes de todos nós. Eu estava muito doente, não conseguia comer nada. Achei que fosse gripe, mas então descobri... Eu estava, bem... esperando um bebê.

O mundo parou por um instante, suspenso no ar. Esperando um bebê? Aquela adorável frase francesa.

— Grávida?

Rena sustentou meu olhar e assentiu brevemente.

— Era... — comecei, antes que pudesse me deter.

— Dele? — Rena ficou encarando as próprias mãos por um longo tempo. — Acho que a guerra faz coisas engraçadas com as pessoas. No nosso caso, nos aproximou. O bebê deve ter percebido o que estava acontecendo. Ela nasceu no dia em que a Gestapo me levou. Na manhã de Páscoa.

Ela? Paul tinha uma filha. Pressionei os dedos frios nos lábios.

— Fomos avisados de que uma patrulha estava chegando. Meu pai pegou a criança, disse que a levaria a um convento que conhecia. Ele a carregou em uma caixa de sapatos, de tão pequena que ela era.

— Aonde?

— Não sei. Me levaram naquela noite. Meu pai não voltou.

— Lamento terrivelmente pela sua perda, mas eu...

— O convento foi abandonado durante a guerra, por isso estou escrevendo para orfanatos, mas Paul me contou...

— Sinceramente, não estou em posição de ajudar, se é isso que está pedindo.

Eu me levantei e levei minha xícara para a pia.

— Compreendo sua relutância, Caroline. Eu não ia querer me envolver se estivesse em seu lugar. Mas, se você reconsiderar...

— Estou de partida para Nova York — avisei, uma das mãos apoiada na porcelana fria da pia.

Rena se levantou.

— É claro. Obrigada pelo seu tempo, Caroline.

Vi Rena ir até a porta e a observei pela janela da frente enquanto ela seguia até o fim do quarteirão, segurando a bolsa acima da cabeça para se proteger da chuva.

A ideia de entrar em contato com orfanatos em busca da filha de Paul e Rena me mandou de volta para a cama. Apesar de ele ter alegado o contrário certa vez, parecia que havia lugar para uma criança na sua vida, afinal. Por que eu deveria me dar ao trabalho de encontrá-la? Paul não levava exatamente meus sentimentos em consideração durante tudo aquilo. Eu me deixara envolver antes, mas havia aprendido a lição. Havia muitos detetives particulares ganhando a vida procurando por entes perdidos. Muitos desses fariam um trabalho melhor do que eu.

Quando anoiteceu, eu já me decidira. Paul e Rena estavam por conta própria.

Caroline

1945

NA MANHÃ SEGUINTE, acordei faminta, meu estômago cheio apenas de arrependimento. Era chocante a facilidade com que minha vida saíra dos trilhos. A palavra francesa *dépaysement* passou pela minha mente: a sensação de desorientação de uma pessoa ao se ver forçada a fazer uma grande mudança. Mamãe trabalhara duro para tirar o pó, mas, de repente, o apartamento parecia especialmente maltratado, as janelas precisando ser lavadas, o fio do telefone todo enrolado. A solução de mamãe para a minha situação foi me forçar a comer ovos como se eu fosse um ganso de quem se desejava o *foie gras*. Enquanto comia meus *oeufs pochés*, compartilhei minha situação com ela.

— Ouviu minha breve conversa com Rena?

— Apenas algumas partes. Ela parece uma boa pessoa.

— Imagino que sim. Mas não vai desistir de Paul.

— Isso é um problema.

— Não exatamente. Não é óbvio? Ele ainda a ama.

Mamãe quebrou outro ovo na água fervente.

— Como pode saber? Você não atende ao telefone. Paul passou uma hora apertando a campainha na noite passada, o pobre coitado.

— Foram cinco minutos, mamãe. Não exagere.

— É terrível, na verdade. Sob outras circunstâncias, você e Rena poderiam ter sido boas amigas.

— Já tenho amigas o bastante, mamãe, obrigada.

— Ora, você não pode simplesmente dar às costas a eles, querida.

— Nunca terei um filho.

— Mas isso não significa que seja certo abandonar a filha deles. Antes que você se dê conta, vai estar se perguntando...

— Vá direto ao ponto, mamãe. Você acha que devo procurar essa criança.

Ela serviu outro ovo na minha tigela.

- Bem, é a atitude cristã a se tomar.
- Lamento, mas não estou me sentindo muito cristã hoje.
- Ora, jogue um pouco de água fria no rosto. Vai ajudar.

Por que a solução de mamãe para todos os problemas era um jato de água fria? Apenas um dia com ela no apartamento e já parecia uma eternidade. Como eu aguentaria a semana toda? Logo os amigos dela em Paris começariam a visitá-la. Eu teria que aguentar os olhares de piedade deles?

* * *

ACABEI RECUPERANDO O bom senso e me dispus a procurar a criança, se não por nada, ao menos para deixar aquilo tudo para trás. E para escapar do apartamento, porque mamãe estava promovendo um tributo a T. S. Eliot — *Os anos de Paris* —, e os convidados haviam sido orientados a irem fantasiados. Entre os presentes estariam alguns dos amigos dela, sem dúvida. Embora eu não tivesse capacidade para manter um único admirador, em poucas semanas em Paris mamãe já atraía um bando de devotos, a maior parte deles senhores franceses de boina e expatriados americanos. Eles se sentavam na sala de estar tomando chá, assistindo à mamãe sendo do jeito que ela é, felizes por estarem por perto.

Encontrar uma criança sem nome na França pós-guerra não era um processo fácil, mas cheguei, no fim da minha busca, depois de várias paradas, ao Orphelinat Saint-Philippe, em Meudon. Era um dos orfanatos para onde eu mandava minhas caixas de assistência por meio do consulado e, agora, um dos muitos centros que reuniam crianças desalojadas pela guerra, recolhidas de esconderijos, de colégios internos, e de *châteaux* caindo aos pedaços por toda a França, a maior parte deles no sul. O Saint-Philippe ficava no sudoeste de Paris, em uma antiga e imponente mansão de pedra, completa, com sua própria igreja românica. O lugar rivalizava com o monte Olimpo, construído no alto de uma colina, o telhado perdido nas nuvens daquele dia.

Saí em disparada pela chuva morna, tendo esquecido o guarda-chuva, e subi com cuidado os degraus cobertos de musgo. Tentei não pensar no que aconteceria se eu encontrasse a criança. Seria o término oficial do nosso relacionamento, apesar de todas as coisas que eu e Paul havíamos vivido. Ao que parecia, depois de tudo, ele estava apaixonado por Rena. Ao menos o bastante para ser pai da filha dela.

O escritório na entrada do orfanato estava entupido de pessoas em missões similares à minha. Os que haviam sido espertos o bastante para levar guarda-chuvas os mantinham ao lado do corpo como morcegos molhados, já que não havia onde colocá-los na entrada. Um telefone tocava sem parar, e havia caixas de papelão empilhadas nos cantos. Também havia pilhas de fraldas brancas dobradas na mesa,

como as camadas de um doce mil-folhas, e alfinetes de fraldas espalhados ao redor.

As pessoas se afastaram para abrir caminho para um homem que carregava uma criança enrolada em um lençol, chorando. Ele chegou à mesa e estendeu o bebê como se fosse uma bomba viva.

— Uma senhora idosa acabou de me entregar isso.

A proprietária atrás da mesa pegou a criança. Era uma mulher com aparência de falcão, usando um vestido preto que tinha como único enfeite uma linda gola que parecia feita de renda Queen Anne. A mulher colocou a criança embrulhada em cima da mesa e abriu as camadas de lençol. Ela levantou os olhos, mostrando olheiras arroxeadas sob eles.

— É um menino. Só aceitamos meninas.

O homem já estava em seu caminho de saída na porta.

— Guillaume! — chamou ela, enquanto voltava a embrulhar o bebê, com mais rapidez do que um homem embalava um sanduíche em uma delicatessen.

Logo apareceu um homem caminhando depressa, pegou a criança e desapareceu novamente.

Uma jovem se aproximou da mesa.

— Madame...

Ela ergueu um dedo sem sequer tirar os olhos dos papéis à sua frente.

— Espere a sua vez. As crianças estão no almoço. Ninguém pode vê-las até as três da tarde.

Gotas de água de uma goteira no teto caíam sobre o mata-borrão na mesa deixando marcas verdes mais escuras.

— Com licença, madame — falei. — Estou procurando por uma criança.

Ela examinou a lista em sua prancheta.

— Preencha o formulário — ordenou.

Eu me aproximei mais.

— É um caso especial.

— Você é o quinto caso especial hoje.

— Meu nome é Caroline Ferriday. Trabalhei com madame Bertillion. Mandava caixas de assistência para as crianças. Do Consulado Francês em Nova York.

A mulher levantou os olhos e inclinou a cabeça para o lado.

— A *senhorita* mandou as caixas? As crianças amam as roupas. Extremamente bem-feitas.

— Na verdade, mandei também aquele Ovomaltine ali.

Indiquei a caixa de papelão vazia.

— Obrigada, mademoiselle, mas o vendemos por quase nada. As crianças reclamaram que tinha gosto de ninho de passarinho e não o aceitaram, lamento dizer. Precisamos de *dinheiro*, Srta. Ferriday, não de Ovomaltine.

Peguei uma lata com algumas tulipas secas, joguei as flores na cesta de lixo, e coloquei a lata sobre a mancha no mata-borrão para conter as gotas.

— Sei que está terrivelmente ocupada, madame, mas estou procurando por uma criança.

Ela me encarou.

— Seu filho?

— Não, os pais foram deportados e só agora estão retomando a vida.

— Lamento, mas só posso entregar a criança aos pais, ou a um parente de sangue. São exigidos dois formulários de identificação.

— Estou apenas tentando localizar a criança. Os pais virão buscá-la.

— Venha comigo — disse Madame.

Ela pegou a prancheta e uma pilha alta de tigelas de metal sobrepostas e eu a segui quando subiu uma escada de degraus largos de pedra. Conforme caminhávamos, madame foi distribuindo as tigelas aqui e ali quando encontrava mais goteiras.

— Alguma chance de eu conhecer madame Bertillion? — perguntei.

— Sou eu.

Como aquilo era possível?

— A senhora escrevia cartas tão lindas — comentei.

— Algumas pessoas são melhores no papel — disse ela com um dar de ombros cansado. Ela dormira alguma coisa na noite anterior? — Qual é o nome da criança?

— Não sei, madame. Foi tudo feito com pressa. A mãe foi deportada no dia do nascimento da filha.

— Que foi?

— Em 1º de abril de 1941. Era um domingo de Páscoa.

— Os nazistas deportavam pessoas na Páscoa? É chocante que aqueles bons homens não estivessem na igreja...

— A senhora poderia checar os seus registros?

— Está olhando para os meus registros, mademoiselle. — Ela levantou a prancheta, que prendia um conjunto de folhas de papel da grossura de uma lista telefônica, muito manuseada e marcada com cruces e anéis olímpicos de manchas de vinho. — Somos um posto de recolhimento de crianças de toda a Europa. Vai ser uma busca difícil.

Entramos em um cômodo de pé-direito alto, cheio de camas de armar, cada uma delas com um travesseiro e um cobertor dobrado aos pés.

— Como a senhora identifica as crianças? — perguntei.

— Cada uma é designada com um número, que é escrito em um pequeno disco preso ao peito delas. Algumas chegaram com nomes. Muitas, não. — Madame colocou as tigelas que restaram em uma cadeira. — Durante a guerra, algumas mães

escreveram os nomes de seus filhos em um pedaço de papel e prenderam com um alfinete na roupa da criança antes de as deixarem aqui, mas a maior parte desses papéis acabava caindo, ou ficando manchada pela chuva. Algumas costuravam objetos pessoais às roupas das crianças, para que pudessem identificá-las mais tarde, mas muitas crianças trocavam de roupas com outras, e de nomes, por consequência. Ainda recebemos várias entregas de crianças anônimas diariamente.

— Com certeza *algumas* crianças se lembram do próprio nome.

— Os mais velhos, talvez, mas muitos chegam aqui mudos por causa das experiências terríveis pelas quais passaram, e um bebê não se lembra de seu nome, não é mesmo? Assim, nós os batizamos. Muitas vezes lhes damos o nome de seu mês de nascimento, se souberem qual é... A senhorita vai encontrar muitos *Mais* e *Juins* aqui. Também os batizamos em homenagem ao santo padroeiro do mês de nascimento, ou usamos nomes de nossos amigos e parentes... até mesmo de animais de estimação.

— A senhora poderia ao menos checar as crianças que chegaram aqui naquele dia? — perguntei.

— Não está anotado de forma confiável. Essas crianças chegam de todos os lugares. Abrigos. Colégios internos. Entregues por fazendeiros que as encontraram dormindo em pilhas de feno. Algumas foram trazidas para cá pelos únicos pais que conheceram e que acabaram descobrindo que as crianças não são quem eles pensavam que eram.

— A senhora deve receber muitos pais em busca dos filhos.

— Alguns, mas a maior parte das crianças aqui não vai encontrar um lar. Os pais se foram há muito tempo, ou não as querem.

— Ninguém não iria querer o próprio filho.

— Acha mesmo, mademoiselle? A senhorita é especialista no assunto? Mais de um quarto das crianças aqui são bebês de guerra. Pai alemão, mãe francesa. Crianças *krauti*, como as chamam. Ninguém vai querer *essas* crianças. Outras nasceram nas casas de produção Lebensborn, as fábricas de bebês de Hitler, onde mulheres consideradas racialmente boas davam à luz crianças ilegítimas de homens da SS.

— Mas essas casas só existiam na Alemanha...

— Não, mademoiselle. Havia muita atividade nesse sentido aqui na França. Ouvimos falar da existência dessas casas na Dinamarca, na Bélgica e na Holanda também. Várias na Noruega. Esses bebês agora são párias. E sabe Deus quantos desses lourinhos foram tirados dos braços das mães... Centenas de milhares apenas da Polônia, para serem criados na Alemanha. Não há registros dos pais deles.

— Eu mesma checarei a lista, madame, se isso for lhe poupar o trabalho.

Madame Bertillion parou de repente e se virou para mim.

— Estou percebendo que a senhorita está acostumada a ter as coisas à sua

maneira.

Ela pegou as tigelas de metal e as enfiou nas minhas mãos, a pilha alta e fria em meu peito, quase chegando ao queixo.

— Se a senhorita distribuir essas tigelas, apenas *uma* para cada criança, e saiba que elas vão querer pegar mais, eu examinarei a minha lista, mademoiselle, e a avisarei se encontrar algo que combine com os dados que me passou. Não estou fazendo isso para ajudá-la porque a senhorita veio do consulado, mas porque estou de pé desde as cinco horas da manhã.

— Obrigada, madame. Onde devo distribuir as tigelas?

— Ali, é claro — respondeu ela, a palma da mão aberta indicando algumas portas.

— O que faço com as tigelas que sobrarem?

Com certeza havia tigelas demais.

— Não sobrar nenhuma — disse ela e inclinou a cabeça para a lista.

Empurrei as portas e entrei em um salão amplo, recoberto de painéis de carvalho, que provavelmente já fora usado para bailes e festas. O teto se erguia a cerca de três metros de altura e mostrava uma pintura em *trompe l'oeil* para dar a impressão de um céu de verão, um belo substituto para o céu daquele dia em particular. Devia haver cerca de cinquenta mesas de refeitório ali, diante das quais se sentavam as meninas, agrupadas por idades, das menores às adolescentes. Elas estavam sentadas muito quietas nos bancos, as mãos no colo, imóveis como uma pintura. Atrás delas, seis mulheres de branco aguardavam ao lado de tonéis de sopa fervendo, pronta para ser servida depois que as tigelas fossem distribuídas.

Conforme eu me aproximava, todos os olhos se fixaram em mim e nas tigelas que eu carregava. Fiquei parada por um momento, perplexa, então me recuperei. Aquelas crianças estavam com fome.

Coloquei uma tigela diante da primeira criança na mesa.

— *Merci, madame* — disse uma delas.

Coloquei a tigela diante da próxima criança.

— *Merci, madame.*

Examinei os rostos em busca de algum traço de Rena ou Paul, mas minha tarefa logo se mostrou avassaladora. Como saber se a criança se pareceria com os pais? Se ainda estava viva?

Ganhei agilidade na distribuição das tigelas e segui até onde estavam as adolescentes. No início da fileira, uma menina com cerca de treze anos estava sentada com uma menininha pequena no colo. A criança usava uma blusa de veludo azul-claro, a fileira de botões de madrepérola ainda firmemente presos. Trabalho da minha mãe. Ela ficaria feliz em saber.

— Você está tomando conta dela muito bem — comentei com a adolescente.

— Não é preciso duas tigelas, mademoiselle. Dividimos a mesma.

A menina no colo dela me observava passar com a expressão de um sonhador vendo uma estrela cadente, e continuei meu caminho pelo restante da fileira, com as tigelas.

Não demorou muito e madame veio correndo em minha direção.

— Está com sorte, mademoiselle. — Ela parou para recuperar o fôlego, uma das mãos na gola de renda. — Temos algumas crianças que foram deixadas aqui nessa data, uma menina dessa idade.

Desci por uma fileira de bancos atrás dela e subi a seguinte, até uma mesa de meninas de quatro anos tomando sopa; o único som que se ouvia era das colheres arranhando o metal da tigela. O barulho no salão se amplificou conforme eu seguia madame. As cores ficaram mais fortes. Seria aquela a filha de Paul? Encontrá-la representaria uma extrema felicidade para seus pais, mas significaria o oposto para mim.

— Uma criança nascida em 1º de abril de 1941 estaria no grupo das crianças de quatro anos, aqui — falou madame, enquanto checava a etiqueta de uma criança e apresentava-a com um floreio. — Muito bem, temos Bernadette.

A menina era como um pardalzinho, muito louro, a pele quase translúcida. Ela levantou os olhos para mim com uma expressão cautelosa.

— Não sei — falei. — É difícil dizer, mas acho que não.

— Isso é o melhor que eu posso fazer — disse madame. — Vou ficar atenta a essa data de nascimento. Peça para os pais virem aqui quando estiverem bem.

Eu me demorei no grande salão naquele dia e ajudei a servir todo o almoço. Madame e eu servimos conchas de uma sopa de cebola muito cheirosa, engrossada com nabo e cenoura, nas tigelas das crianças, e entregamos a cada uma delas um pedaço de pão. As únicas palavras delas — *Merci, madame* — eram agradecimentos comoventes para mim. Um avião passou acima de nós e algumas meninas se esconderam embaixo das mesas, achando que ainda corriam risco. Muitas tinham os pés protegidos apenas por blocos de madeira presos com cordas. Fiz uma anotação mental para mandar sapatos para elas. E dinheiro.

Fiz o melhor possível para examinar o rosto de cada criança da idade que eu procurava, buscando algum traço conhecido. Quando madame e eu terminamos de recolher as tigelas vazias em uma bandeja, uma adolescente me entregou a dela. A criança que ela trazia apoiada no quadril me fez parar de repente.

— Madame, poderia vir aqui? — chamei.

Coloquei a bandeja na mesa.

— Poderia, por favor, checar o número dessa criança?

Madame anotou o número dela e foi em busca de sua prancheta.

Eu não conseguia desviar o olhar da menina, que tinha cabelo escuro e olhos amendoados como os de Paul, e também o rosado dos lábios dele, mas todo o restante

era Rena. A pele acobreada, a curva do nariz... até a ponta das orelhas despontando no meio do cabelo.

— Essa criança não tem registro da data de entrada — informou madame. — Lamento muito.

— Essa é a criança, madame. Tenho certeza disso.

— O nome dela é Pascaline — disse a adolescente.

Madame Bertillion deixou escapar um breve arquejo.

— O que foi? — perguntei.

— Odeio admitir, mas sua intuição pode estar certa, Srta. Ferriday — disse, quase sorrindo.

— Como assim? — perguntei. A sala pareceu se fechar ao nosso redor.

— O nome dessa menina é *Pascaline* — explicou madame, como se eu não estivesse compreendendo algo óbvio.

— E daí, pelo amor de Deus?

— Todo bom francês católico sabe que o nome Pascaline significa nascida na Páscoa.

Kasia

1945

NO VERÃO DO ano em que Zuzanna e eu voltamos para casa, em Lublin, tentei me manter otimista, mas foi difícil. Quando descobri o que havia acontecido durante nossos quase quatro anos em Ravensbrück, eu não conseguia entender por que o mundo nunca foi em nosso auxílio. Primeiro com a invasão de Hitler em 1939 pelo oeste, e depois com a invasão soviética no mesmo mês pelo leste. Ainda que essas invasões tenham feito a Grã-Bretanha e a França declararem guerra contra a Alemanha, nenhum soldado aliado foi enviado para nos ajudar. Os primeiros relatos sobre Auschwitz, enviados para o mundo ocidental pela resistência polonesa sob grande risco, tampouco provocaram qualquer reação. Os relatos de milhares de oficiais poloneses assassinados nas florestas perto de Katyn, o pai de Pietrik possivelmente entre eles, também foram ignorados pelo mundo.

Assim, quando todos comemoraram a rendição do Japão e a guerra terminou oficialmente, eu não senti nenhuma alegria. A guerra continuava para nós, apenas sob um novo ditador, Stalin. Embora não estivesse totalmente evidente de imediato, a mão dele já estava sobre nós. Muitos dos líderes da resistência polonesa, vários deles amigos de Pietrik, foram presos e acabaram assassinados pelo Exército Vermelho e pelo NKVD, o brutal órgão de manutenção da ordem de Stalin. O NKVD era composto pelas simpáticas pessoas responsáveis por desmascarar “os inimigos do povo”. Elas executaram dezenas de milhares de prisioneiros políticos poloneses e mandaram outros milhares para os *gulags*. Em vez de um recomeço total, a Polônia ganhou novas formas de injustiça.

Como consequência, éramos cautelosos a respeito dos locais aonde íamos e passávamos grande parte do tempo espiando por cima do ombro. Uma das primeiras coisas que fiz assim que voltei para casa foi verificar o esconderijo secreto que Nadia e eu usávamos para trocar livros antes da guerra. Era simplesmente um espaço onde meninas adolescentes brincavam de detetive de vez em quando. Caminhei até a antiga rua de Nadia, e o muro de pedra ainda estava de pé, se desintegrando nas

extremidades mas ainda forte! Será que o livro que ela deixou para mim ainda estaria lá?

Deslizei a pedra do muro, puxei o livro e esfreguei a poeira da capa amarela. Era *O Satã da sétima série*, de Kornel Makuszyński, nosso livro predileto, que havíamos trocado tantas vezes. Como Nadia conseguira colocá-lo ali antes de ir se esconder? Olhei com cuidado ao redor, para me certificar de que ninguém estava me espionando, sentei-me com as costas no muro e segurei o livro. O cheiro de livro velho me transportou aos dias do passado, quando a vida era mais simples, quando a pior coisa com que tínhamos que nos preocupar era uma nota baixa na prova ou uma dor de dente.

O livro abria naturalmente no capítulo cinco, e o presente de Nadia estava ali, todos os dez cartões de dança com Pietrik que ela havia comprado para mim. Eu estava zangada demais para chorar no muro aquele dia, pela infância que havíamos perdido e que chegou a galope. Só queríamos conversar com os rapazes, dançar e ler histórias de mistério. Agora Nadia se fora, talvez para sempre. Tudo o que me sobrara fora um livro e a foto enterrada no quintal dos fundos.

Já era final da tarde na hora em que cheguei em casa, e mencionei a ideia de recuperar a foto de Nadia e os outros tesouros que tínhamos enterrado no início da guerra.

— Talvez possamos fazer isso uma outra hora — disse Zuzanna. Aquilo não parecia em nada com a minha irmã, ficar ali no quintal retorcendo as mãos. — Talvez depois que estivermos aclimatadas seja melhor. Isso pode ter uma carga emocional...

— Não fique tão nervosa — falei. — Por que vamos deixar as únicas coisas valiosas que temos debaixo da *terra*?

Papa e eu afugentamos os protestos dela enquanto ele dava as passadas.

Dez, onze, doze.

Será que as latas tinham mantido em segurança as nossas coisas mais preciosas?

Papa ficou de pé perto do local do tesouro por um tempo que pareceu um minuto inteiro, braços ao lado do corpo, a pá solta na mão. Será que estava chorando? Ele então se reavivou, enfiou a pá na terra batida e cavou como um homem cuja vida dependesse do que havia enterrado ali.

Ele não teve que cavar por muito tempo antes de ouvir a lâmina da pá bater no metal. Nós três retiramos a terra do buraco com as mãos e ajudamos *papa* a pegar as latas que tínhamos enterrado havia tanto tempo. Nós nos sentamos, sem fôlego por um momento, encarando aquilo. Zuzanna chorou só de olhar para o buraco. Saudades de *matka*? Uma parte de mim estava feliz em vê-la chorar, porque raramente demonstrava sua tristeza.

Em seguida *papa* levantou a caixa de metal com a tampa fechada. Ele a abriu, e de

dentro saiu um pequeno suspiro à medida que o ar era liberado. Ele a fechou de novo, mas não antes de eu ver que seu antigo revólver prateado estava lá dentro. Quantas armas ele tinha?

O painço foi o item seguinte, ainda surpreendentemente seco e talvez até comestível, e depois ele começou a abrir as latas. *Papa* me entregou uma delas, e eu raspei a cera que a vedava. Tirei o cachecol da lata, e ele se desenrolou, o cheiro de Pietrik ainda lá! Abri a lata seguinte e encontrei a foto de Nadia comigo, cavalgando a vaca. Até meu uniforme de Bandeirante estava em perfeito estado, assim como o vestido de veludo cotelê que *matka* tinha feito para o meu décimo-sexto aniversário, ainda vermelho-vivo. Coloquei-o por cima da minha roupa, e estava até largo em mim, uma vez que eu ainda não tinha recuperado o peso. Nada disso me provocou lágrimas, pois eu estava feliz de ter minhas coisas preciosas de volta.

A última lata que abri era de biscoitos. Quebrei o selo de cera e levantei a tampa. Retirei de lá os pincéis de pelo de marta, ainda como novos dentro do embrulho de flanela, e uma onda de tristeza me atingiu ali no quintal. *Matka* se fora, e ela não voltaria para pegar seus pincéis. Era culpa minha também. Eu merecia morrer por matar minha mãe. *Papa* e Zuzanna me abraçaram, e nós três ficamos agachados ali, perto do buraco, aos prantos.

* * *

DURANTE TODO O tempo, eu mantive a esperança de que Nadia e Pietrik retornassem, e, a cada manhã, eu verificava a lista dos deportados que voltavam no painel de cortiça do Centro de Repatriação da Cruz Vermelha no Hospital de Lublin. No final de uma manhã especialmente bonita, a primeira coisa que fiz foi passar por lá para verificar a lista. Os funcionários eram gentis, mas eu notei que estavam cansados de me ver entrar mancando todo santo dia. A dor na perna me deixava mais vagarosa e lhes dava tempo mais que suficiente para me evitar. Quando viam eu me aproximar, eles sumiam ou se entretinham com alguma papelada. Se eu conseguia a resposta de alguém, era curta.

— Não. Nenhum Pietrik Bakoski. Nem Nadia Watroba — falou alto a garota no balcão naquela manhã antes que eu emitisse uma palavra.

Em seguida caminhei para a agência central dos correios, para checar a lista que *papa* afixava no saguão frio da recepção. No final do verão as grossas listas presas no painel de cortiça tinham minguado para uma única e triste página. Passei o dedo pela lista, primeiro os *W*'s e depois os *B*'s. Badowski, Baginski, Bajorek, Bakalar, Bal, Balcer. Era uma sensação boa ler os nomes daqueles poucos felizardos que retornavam, e em geral eu estava no final da lista quando percebia que o nome de

Pietrik Bakoski não estava entre eles.

Papa saiu do escritório, me viu checando a lista e fez um sinal para eu me aproximar.

— Kasia, meu bem, você poderia vir até o meu escritório um minuto?

Por que ele estava tão formal de repente?

Caminhei até o seu escritório, o mesmo em que ele trabalhava desde que eu me entendia por gente, com pé-direito alto, teto com placas de estanho, e uma larga mesa de carvalho coberta com pacotes de todo tipo, prontos para serem eficientemente despachados em breve por *papa* ou alguém de sua equipe. Alguma coisa parecia estar faltando, e levei uns segundos para perceber o que era.

— Onde está a bandeira, *papa*?

A bandeira da Polônia foi uma das primeiras coisas que ele pôs de volta em seu escritório, assim que os nazistas partiram de Lublin, para a felicidade de muitos dos patronos da agência central. Será que as novas autoridades o haviam pressionado para retirar a bandeira? *Papa* estava cooperando com eles, isso estava claro.

Ele foi até a janela e baixou as persianas.

— Não temos muito tempo, mas eu tinha que lhe contar que ouvi uma coisa. Não fique alarmada. É uma coisa que podemos resolver.

Não sei quanto a você, mas quando alguém me diz “Não fique alarmada”, tenho dificuldades em ouvir o restante, já que o medo começa a fluir por meu corpo antes do fim da frase.

— Do que está falando, *papa*?

Eu não o via tão amedrontado desde a noite em que enterramos nossos tesouros no quintal dos fundos com *matka*.

Matka. Toda vez que eu pensava nela ainda sentia uma punhalada.

— Ouvi que correm boatos sobre vocês, que vieram de Ravensbrück.

— De quem?

— É sério, Kasia. Estão dizendo que vocês não são confiáveis.

— Não acredite em tudo...

— Zuzanna também.

Isso provocou um verdadeiro tremor de medo em mim.

— Quem está dizendo isso?

— As autoridades...

— Quem? O NKVD? Deixe que eu fale com eles.

— É preciso levar isso a sério, Kasia.

— Não somos confiáveis? O que isso significa, afinal de contas?

— Eles acham que, porque vocês estavam em Ravensbrück, um campo de concentração alemão, estavam trabalhando para os alemães. Foram contaminadas pelo fascismo.

— Isso é ridículo.
— E você foi vista numa atividade suspeita. Tem algum esconderijo secreto?
— O muro perto da casa de Nadia? Coisa de criança, *papa...*
— Então, pare com isso. Você está sendo observada.
— Quem pode viver em tal...
— Você quer ir embora de novo? Desta vez, para sempre? Encontre Zuzanna e destrua qualquer prova de que vocês estiveram lá...
— O senhor está falando sério?
— Seu uniforme das Bandeirantes. As cartas que você guardou.
— Mas se eles lerem as cartas vão ver...
— Eles não são o tipo de gente com quem dá para *argumentar* facilmente, Kasia. Vá. Agora.

Zuzanna e eu fizemos uma fogueira no quintal dos fundos naquela tarde, como muita gente frequentemente fazia para se livrar do lixo da casa, e queimamos as poucas coisas que tínhamos trazido do campo. Jogamos na pira as bolsas que fizemos com os nossos antigos uniformes. O caderno de inglês de Regina. Meu uniforme das Bandeirantes.

Hesitei quando chegamos às cartas de urina que eu tinha mandado. *Papa* as havia guardado na gaveta da cozinha, uma pilha certinha que contava ao mundo sobre os nossos problemas.

— Não posso queimar isso — falei, apertando os envelopes com ainda mais força.
— Você listou o nome de todas as moças nas cartas — disse Zuzanna. — Temos que protegê-las. Quem liga para algumas cartas velhas?

Continuei hesitante.

Zuzanna agarrou a carta de cima e me ofereceu.

— Tome — disse ela e jogou o restante no fogo. Pelo menos eu guardaria uma carta.

À medida que as chamas queimavam, pedacinhos de cinza preta flutuavam, assim como acontecia com as chaminés de Ravensbrück. Quando acabamos, quase todas as provas de que estivéramos no campo de concentração tinham se evaporado.

Quem precisaria dessas coisas, de qualquer maneira, nós nos dizíamos. Suvenires de uma época pavorosa. Mas aquilo fez o sentimento sombrio dentro de mim crescer ainda mais. Eu era uma *patriota*. Fiz um juramento de servir ao meu país. Perdi minha juventude, minha mãe, meu primeiro amor e minha melhor amiga para a Polônia. E por isso eu estava sendo acusada de ser espiã dos inimigos?

* * *

TENTEI ME CONCENTRAR em coisas boas. Mesmo com a terrível escassez de alimentos e a confusão de pessoas voltando para Lublin, havia um clarão de otimismo em torno da reabertura das fábricas demolidas. As universidades ainda não estavam funcionando, mas a Cruz Vermelha dava aulas básicas de enfermagem no hospital.

Eu me encaminhei para lá em uma manhã do final do verão, na esperança de conseguir um treinamento. Entrei na ala dos fundos do hospital, feliz de ver que tinha sobrevivido praticamente intacta aos bombardeios. A impressionante enfermaria do segundo andar estava cheia de camas de lona divididas quase em partes iguais, metade ocupada por soldados russos, a outra metade por civis poloneses dos campos de concentração e de outros locais. Enfermeiros e técnicos auxiliares traziam os pacientes, que apresentavam todo tipo imaginável de ferimentos, em macas de lona.

— Vamos para Varsóvia em breve — disse Karolina Uznetsky, uma das minhas enfermeiras prediletas, enquanto desdobrava uma cama de lona. — O Exército vai assumir o hospital.

Ela encheu uma bacia com água morna.

— Vou sentir falta de vocês todos — falei, em vez daquilo que eu realmente queria dizer: Por favor, fiquem. Vocês vão embora, e quem vai estar aqui quando Pietrik voltar? Ir embora significa desistir dos sobreviventes.

— Que tal uma aula gratuita de banho no leito? — perguntou Karolina.

— Sim, por favor.

Uma oportunidade e tanto! O banho no leito era conhecido por ser mais complicado do que parecia.

— Vamos começar por aqui — disse Karolina.

Ela carregou uma bacia de água e uma pilha de toalhas direto para uma fila de soldados com ferimentos particularmente graves. As feridas faciais eram as mais difíceis de cuidar. Eles haviam retirado os espelhos dos banheiros por um bom motivo. Eu me forcei a olhar. Como poderia ser enfermeira se não conseguia lidar com essas coisas? De repente, não consegui me lembrar nem mesmo do treinamento básico da Cruz Vermelha. Karolina ficou junto à cama do pior deles, um homem de cabelo escuro que dormia encolhido de lado. O sangue que tinha vazado pela gaze que enfaixava a cabeça havia secado e escurecido.

— Primeiro, apresente-se ao paciente — disse Karolina, indicando o homem deitado. — Podemos pular esse passo, porque ele não está reagindo.

Não seria exagero dizer que eu idolatrava Karolina. Ela era tudo o que uma boa enfermeira deveria ser. Esperta. Um olhar neutro diante da ferida mais horrenda. Agradável. Eu teria que trabalhar *todas* essas habilidades.

— Em geral, teríamos que puxar a cortina para a privacidade do paciente — continuou Karolina —, mas vamos passar direto para as toalhas e as luvas de

borracha.

Enfiei as mãos nas luvas, suaves e cheias de talco no interior, o cheiro de borracha trazendo esperança. Karolina dobrou uma toalha de banho sobre a minha mão enluvada.

— Comece o banho pelo rosto, sem usar sabão. Os olhos primeiro.

Eu me sentei em uma cadeira perto do paciente e iniciei com os olhos, levando a toalha às pálpebras e fazendo movimentos para fora. Será que estava sentindo alguma coisa?

O soldado ao lado estava deitado de costas, braços esticados, roncando mais alto do que qualquer pessoa que eu já tivesse escutado, e havia muitas candidatas em Ravensbrück.

— Tente usar uma parte diferente da toalha para cada esfregada — disse Karolina. — Você tem talento, Kasia.

Suas palavras me fizeram inflar de orgulho. Afinal de contas, minha mãe tinha sido enfermeira. Será que estava no sangue?

Havia algo de prazeroso em lavar os sobreviventes, revelando espaços limpos de pele rosada por baixo de toda aquela sujeira, que acabava se depositando no fundo da tigela. Quando terminei, a água da tigela estava marrom-escura e então eu a troquei por água limpa na pia.

Quando voltei, os técnicos auxiliares trouxeram mais dois soldados russos e os colocaram perto de nós, um com uma fratura no crânio, o outro sem reações. Comecei a dar banho em um deles. Esses homens não se lavavam havia meses. Eu conhecia essa sensação.

— Você é boa nisso, Kasia — disse Karolina. — Realmente devia pensar em ir para Varsóvia conosco. Vamos precisar de ajuda.

Esfreguei a toalha na testa do soldado e depois em uma das bochechas.

Por que não ir para Varsóvia? Papa sentiria minha falta, mas sua namorada Marthe não se importaria.

— O treinamento é de primeira linha — disse Karolina.

— Talvez — falei.

Eu estava pronta para uma nova aventura. Varsóvia seria um recomeço. E eu era boa nisso.

Passei para o paciente seguinte e comecei com o rosto. Estava fazendo um ritmo bom. Logo eu acabaria a fileira toda.

Passei a toalha na testa e no nariz para revelar a pele rosada limpa, e...

Fiquei paralisada, no meio do movimento.

— O que foi, Kasia? — perguntou Karolina.

Minha mente registrava tudo, mas meu corpo estava imóvel. Eu respirei fundo pelo nariz e me agarrei na alça da maca para me apoiar. Não pegaria nada bem uma

enfermeira em treinamento desmaiar justo ali na enfermaria.

Kasia

1945

NÃO ERA POSSÍVEL que fosse ele. Pietrik. Quantas vezes minha mente não tinha me enganado assim? O dente. Puxei o lábio superior dele com o polegar.

— O que está fazendo, Kasia?

Karolina colocou a bacia no chão e caminhou até mim.

Meu Deus, sim. O dente lascado, só um pouquinho na lateral. Aquele dente maravilhoso. Fiquei sentada por alguns minutos esperando que meu corpo entrasse no mesmo ritmo que o cérebro. Sim, era ele. Beije todo o seu rosto, sujo e tudo. Ele permaneceu inconsciente o tempo inteiro.

— Kasia — disse Karolina, os olhos arregalados.

Chamei as outras enfermeiras, acenando (devo ter parecido uma náufraga em uma ilha deserta), incapaz de proferir qualquer palavra. As enfermeiras correram até mim, e Karolina lhes explicou que eu estava tendo algum tipo de colapso mental, chorando e beijando um soldado russo.

— É ele, é ele. — Era tudo o que eu conseguia dizer.

— Quem, Kasia? — perguntou Karolina. — Quem é ele? Acalme-se agora.

— É Pietrik — falei.

— O seu Pietrik? Tem certeza?

Eu só conseguia confirmar com a cabeça, e as garotas me abraçaram e me beijaram.

Elas me ajudaram a trocar o uniforme sujo de Pietrik e terminar seu banho. Ele continuou inconsciente, e eu fiquei sentada ao seu lado, segurando sua mão, me deleitando com minha sorte. Pedi que as enfermeiras fossem chamar Zuzanna enquanto eu ficava com Pietrik, com medo de que ele desaparecesse.

Por meio de um intérprete, descobrimos que o russo no leito ao lado havia combatido junto com Pietrik. Assim que os russos libertaram o campo de concentração de Majdanek, o Exército Vermelho tinha obrigado Pietrik a se alistar. Ele disse que Pietrik havia ficado em Majdanek desde que fora preso e tinha

trabalhado lá, junto com os outros trabalhadores-escravos, para terminar de construir o campo.

Naquela noite, Zuzanna e *papa* me ajudaram a levar Pietrik para casa, para o meu quarto. Ele havia perdido muito peso, mas Zuzanna o examinou e disse que era possível que ele se recuperasse. Ela vira uma porção de traumas na cabeça. Muitas vezes, assim que o inchaço diminuía, o paciente acordava.

* * *

PASSARAM-SE SEMANAS ATÉ Pietrik abrir os olhos e mais tempo ainda até ele falar, mas eu ficava grata por cada pequeno avanço. Eu carregava uma caixa de fósforos, onde colocava um pedaço de salsicha ou um pouco de presunto para ele sempre que tinha uma oportunidade, e com o tempo ele ficou mais forte. Zuzanna e eu comemoramos suas primeiras palavras — “Liguem o rádio, por favor” — com nossa própria festa particular, enquanto Pietrik observava da cama com o indício de um sorriso. Ele era como um passarinho que eu tinha visto certa vez cair inconsciente após bater de cabeça na janela da cozinha. Voltou a ser ele mesmo lentamente. E então, de repente, um belo dia, ficou de pé e caminhou de novo.

Não o pressionamos para contar os detalhes dos anos passados em Majdanek, e ele não o fez voluntariamente. Cada um de nós carregava seu próprio fardo de problemas.

Assim que pôde caminhar, Pietrik compensou o tempo perdido e foi contratado como zelador da fábrica de vidros, que havia sido reaberta pelo proprietário. Quando ficou mais forte, também assumiu um emprego como motorista de ambulância para o Corpo de Ambulância de Lublin. Porém, apesar de toda a sua melhora física, era como se uma parte de Pietrik estivesse faltando. Principalmente a parte de beijar. Ele despendia todo o seu esforço no trabalho, evitando qualquer chance de aproximação comigo. Eu imaginava desculpas para isso: ele estava cansado demais. Triste demais. Feliz demais.

* * *

CERTA MANHÃ ACORDEI com o barulho de trovões, pensando que eu estava de volta a Ravensbrück, as bombas fazendo um estrondo à distância. Contudo, relaxei quando vi as gotas na janela do meu quarto e lembrei que ia acompanhar Pietrik na ambulância naquele dia. Como enfermeira em treinamento, eu tinha que me sentar na frente, com o motorista. Como ele evitava ficar sozinho comigo e nem mesmo me tocava, era bom ficar perto dele a manhã toda com nada além da manivela de câmbio

entre nós. A chuva iria mantê-lo dentro da cabine da ambulância, janelas fechadas, todo para mim.

Eu me acomodei no banco do carona, me sentindo elegante no uniforme branco de enfermeira em treinamento e chapéu combinando. Talvez ele me beijasse. Será que eu poderia beijá-lo primeiro? Era ousado demais, é claro, mas o que eu sabia de tais coisas? Fiquei trancada durante uma parte dos meus anos de adolescência, a época em que você aprende os rituais de romance.

Será que Pietrik ainda me achava atraente? As meias brancas que todas usávamos não chegavam a disfarçar minha perna ruim. Frequentemente as pessoas paravam e olhavam, boquiabertas, com um ar de “o que aconteceu com você?”. Será que ele me achava grotesca? E se eu lhe contasse o que Luiza havia dito? Que ele me amava? Mas eu nunca poderia trair o desejo dela na hora da morte.

— Que trânsito — disse ele, reduzindo a marcha. — Onde as pessoas conseguem gasolina nessa cidade? Vamos pelo caminho mais longo para o hospital.

Desde que chegara em casa, Pietrik ficava impaciente e zangado com as mínimas coisas. Engarrafamento. Uma palavra mal pronunciada. Uma chuva fraca.

— Não há nenhuma pressa — falei. — Só estamos entregando macas.

A chuva descia mais forte agora, os limpadores de para-brisa travando uma batalha inglória. Um toró, como *matka* chamaria. *Matka*.

Viramos na rua de Nadia.

— Vamos passar pela casa dela — disse.

— Eu sei, Kasia. Estou vendo.

— Você nunca me disse o que significava “Zegota”. No envelope que eu peguei.

— É o Conselho de Ajuda aos Judeus. A mãe de Nadia conhecia um dos fundadores.

— Onde você as escondeu?

— Eu prefiro não...

— Não pode evitar falar sobre isso eternamente.

Ele diminuiu a marcha e se ocupou em dirigir, seu olhar concentrado na rua.

— Elas viveram em diferentes apartamentos seguros — disse ele, por fim. — Até que deixavam de ser seguros. O porão do Sr. Z por um tempo. Depois que fomos presos...

O tráfego ficou mais lento à medida que nos aproximávamos do antigo apartamento de Nadia, a porta laranja brilhando sob a chuva.

Eu vi primeiro: o monte de pelo preto molhado no degrau da entrada.

— Pare, Pietrik. É Felka.

— De novo? — disse ele.

Puxou o freio de mão, ligou as luzes piscantes em cima do veículo e desceu. Eu também desci atabalhoada, da melhor forma que pude da cabine alta da ambulância,

e fui até o topo da escada. Lá estava Felka, enroscada no capacho, ensopada de chuva, mas parecendo apenas um pouco encabulada.

Os novos moradores eram os Riska, um simpático professor e sua esposa, cuja casa em Varsóvia havia sido bombardeada. A Sra. Riska era prima da Sra. Bakoski, e eles se mudaram para Lublin, atraídos pela oferta de moradias gratuitas do novo governo. Essa oferta teve que ser feita porque muitos poloneses ficaram cautelosos quanto ao novo governo e mantiveram distância, preocupados com a possibilidade de que a Polônia acabasse não tão livre e independente quanto alegava Stalin. Mesmo com as moradias gratuitas, muitos ainda permaneciam em Londres e outros lugares, esperando.

Os Riska eram compreensivos sobre o fato de Felka aparecer em sua entrada com tanta frequência e nos chamavam sempre que a encontravam lá. *Papa* tentava mantê-la em casa. Trancava-a lá. Amarrava-a. Mas, ainda assim, ela dava um jeito de fugir. Todos sabíamos quem estava esperando.

Os carros começaram a fazer fila, bloqueados atrás da ambulância, enquanto tentávamos atraí-la para o veículo seco.

— Venha, garota — disse Pietrik, do modo mais doce possível, mas Felka não se mexeu. — Você carrega ela na frente e eu pego por trás — acrescentou.

Carregamos Felka de volta para a rua. Assim que os carros perceberam que a ambulância tinha parado por causa de um cachorro e não de uma pessoa que precisasse de cuidados, as buzinas começaram a soar.

Conseguimos colocá-la dentro da cabine da ambulância e a deitamos entre nós dois, e a enrolei em uma toalha felpuda. Enquanto Pietrik se distanciava da casa, Felka tremeu e sacudiu, fazendo a água salpicar por toda a cabine e em nosso rosto. Esfreguei uma mancha de sujeira da frente do meu uniforme. Nada de beijos dessa vez.

— Nadia ainda pode estar por aí em algum lugar — falei.

— Enxugue Felka atrás das orelhas. Ela gosta.

Esfreguei a toalha pela cabeça da cadela e embaixo de seu focinho cinzento.

— Os DGs ainda estão voltando para casa.

— Não chame Nadia de deslocada de guerra, Kasia. Fale a verdade. Ela foi assassinada pelos nazistas e desapareceu. Como todos os outros.

— Pelo menos sua mãe vai ter uma cerimônia fúnebre amanhã.

— Não é só para ela, Kasia. É para duzentas pessoas, e vai ser um circo. Por favor, não vá.

— *Papa* diz que agentes do NKVD vão estar presentes.

— E o que eles vão fazer comigo? Me matar? Contanto que seja rápido, são bem-vindos.

— Estão procurando por membros do AK. Qualquer membro de alta patente da

resistência...

— Eu fui um soldado do Exército Vermelho, Kasia...

— Contra a sua vontade...

— Então isso me dá um passe por enquanto.

— *Papa* disse...

— Basta de “*papa* disse”, Kasia. Você não pensa mais por conta própria?

Esfreguei a barriga de Felka com a toalha, e ela se virou de costas, patas para o ar.

— Talvez eu não devesse ter feito aquela entrega para você — falei.

— Você não acha que eu penso isso todo dia? Não só minha irmã, tão jovem que mal tinha tirado o aparelho dos dentes, mas também sua mãe, de quem eu gostava muito, Kasia, ambas mortas. E o que eles fizeram com você! E aqui estou eu, saudável e bem. Que tipo de homem eu sou? Às vezes eu penso que se não tivesse você...

Ele se virou e olhou para mim.

— ...eu não ia querer ficar aqui.

Perscrutei seu rosto. Ele realmente havia dito aquilo? Voltou a fixar o olhar na rua, mas eu havia escutado. *Se não tivesse você.*

Estiquei minha mão para pegar a dele, que estava pousada no assento.

— Não diga isso, Pietrik. É um pecado mortal, e...

Ele puxou a mão.

— Não importa — retrucou, as mãos de volta no volante. Ele continuou dirigindo, perdido em seus pensamentos. — Esqueça o que eu disse.

Era bom ver um pouco do antigo Pietrik. Porém, como o sol despontando em um dia nublado, ele desapareceu tão rápido quanto surgiu.

* * *

NÃO HONREI O pedido de Pietrik para que eu não fosse à cerimônia fúnebre no Castelo de Lublin. Ela foi realizada em homenagem à vida das vítimas de trabalhos forçados assassinadas pelos nazistas antes de eles retrocederem, inclusive a mãe de Pietrik. Eu adorava a Sra. Bakoski e precisava dividir meu luto com os outros. Toda Lublin estaria lá. E, além disso, eu conhecia muitas das famílias cujas mães, irmãs e maridos haviam morrido naquele dia. Todo mundo conhecia alguém que fora afetado por aquele assassinato em massa.

Comecei o dia na capela do castelo, que era o lugar preferido de *matka*, me ajoelhando em um ponto muito acima da multidão que se aglomerava embaixo. A capela também se tornara meu lugar especial para me afastar sem ninguém perceber. Para rezar e falar com minha mãe e me manter aquecida. Os bonitos afrescos bizantinos ainda não tinham sido inteiramente descobertos àquela altura, mas eu via

partes deles ao longo dos tetos altos entre os arcos góticos. Rezei para a minha lista habitual: *Papa*. Zuzanna. Pietrik. Para a alma dos mortos e desaparecidos. Nadia. *Matka*.

A partir da janela da capela, avalei a multidão se reunindo embaixo, espalhada pela ladeira coberta de grama do lado de fora da grande muralha do castelo. As pessoas tinham vindo de toda a Polônia para prestar homenagem. O coro da igreja cantava enquanto velhos e jovens se amontoavam em grupos, manobrando para conseguir os melhores lugares, na frente, com a melhor visão da cerimônia. Uma reunião de padres com hábitos pretos. Um bando de freiras dominicanas, seus chapéus brancos como cisnes gigantes. Famílias de Lublin. *Papa* e Marthe em algum lugar por ali. Zuzanna estaria acompanhando tudo de uma janela aberta no hospital.

Desci a escada espiral devagar, pois minha perna ruim fazia uma combinação tenebrosa com os escorregadios degraus de pedra, e saí no pátio de pedra onde antes nos reuniram para sermos mandadas para Ravensbrück. Sério que estive aqui com *matka*, Luiza e Zuzanna apenas cinco anos antes?

Consegui descer a ladeira de grama e forcei a passagem no meio da multidão. Embora tivesse sido um outono quente, aquele dia estava frio. As pessoas na multidão carregavam ramalhetes, na maior parte, troliús, papoulas vermelhas e outras flores silvestres. Eu segurava algumas margaridas que havia encontrado nascendo em um terreno baldio. Eu as havia embrulhado em um pano de prato úmido, e a água fria queimava minha mão mesmo através da luva que eu usava.

Soprei em minha mão livre enquanto esquadrihava a multidão à procura de Pietrik. O que eu não daria por um par de luvas! Eu tinha dividido um par com Zuzanna depois que uma mulher à beira da morte a havia presenteado no hospital. Eu tinha a mão direita; Zuzanna, a esquerda.

Era difícil imaginar mais de trezentas pessoas enterradas ali, embaixo daquela ladeira à sombra da formidável fortaleza. Membros da família estavam de pé ao longo da base do terreno do castelo onde os habitantes da cidade haviam enterrado, de modo apressado, as vítimas do assassinato naquela tumba em massa. Alguém havia colocado uma grande cruz de madeira no coração da colina, e seis padres estavam embaixo dela.

Os padres abençoaram o local da tumba, e eu abri caminho no meio da multidão procurando por Pietrik. Será que ele ficaria zangado por eu ter vindo? Será que eu devia simplesmente desistir dele? Uma garota só aguenta ser rejeitada até certo ponto.

Eu me aproximei de um grupo de freiras em uma extremidade, cartões e velas de orações nas mãos, algumas delas com coroas de flores nos braços. Localizei Pietrik por perto. Ele estava sozinho, as costas eretas, as mãos bem enfiadas nos bolsos do casaco de lona da fábrica de vidro, olhos na cerimônia. Ele estava perto da ponta de uma

grande pilha de flores que as pessoas enlutadas haviam juntado ali, um monte cada vez maior de vermelhos, amarelos e rosados. Desci aos poucos a rampa na direção dele, a dor apunhalando minha perna a cada passo.

Fui me esquivando no meio do grupo de freiras, parando um pouco perto delas para me aquecer, assobiando pelo mar de hábitos pretos, terços pendurados nas cinturas. Afastei-me do grupo e caminhei em direção a Pietrik. Se ele me viu me aproximando, não deu nenhum sinal. Quando cheguei mais perto, notei que seu rosto tinha um borrão vermelho em volta dos olhos. Consegui chegar até bem perto dele. Fechei minha mão e soprei ar quente nela.

Pietrik se virou para olhar para mim, os cílios grudados por causa das lágrimas. Dei um passo até o monte de flores e joguei minhas margaridas em cima, e depois me virei e me reaproximei dele.

Será que eu deveria ficar? Eu havia deixado minhas flores, tinha feito o que viera fazer, prestar minha homenagem. Ele havia me pedido que não viesse, afinal de contas.

Não recebendo nenhum gesto por parte de Pietrik, dei meia-volta para ir embora e foi só então que senti sua mão no meu braço. Quase não acreditei quando observei seus dedos envolverem meu pulso. Ele me puxou para ficar de pé ao seu lado.

“Orgulho” é uma palavra usada em excesso, mas foi isso o que senti ali, naquele dia, escutando o coro cantar para os céus. Tanto orgulho de ver que Pietrik queria que eu partilhasse tudo aquilo com ele. A parte boa e a ruim.

Ele esticou o braço e pegou minha mão, seus dedos quentes em volta dos meus, levou-a até os lábios para beijá-la e a enfiou no bolso dele, a flanela quente lá dentro.

Kasia

1946

O EXÉRCITO CHEGOU DE todas as direções. Nunca, desde a blitz de Hitler, houve um ataque tão organizado. Elas chegaram em vestidos floridos e sapatos confortáveis, trazendo caçarolas e travessas, algumas ainda fumegantes, recém-saídas do forno. A general Marthe coordenou as atividades na agência central dos correios, tendo como resultado *pierogis*, sopas de beterraba e guisados de carne e repolho em quantidade suficiente para alimentar seis festas de casamento.

Você acha que uma agência de correios é um local esquisito para uma festa de casamento? Talvez, mas funcionou bem para os nossos propósitos. Era um espaço grande e aberto, com pé-direito alto, e lá dava para matar dois coelhos com uma cajadada só: pegar a correspondência e dançar com a noiva. Não que a noiva tivesse condições de dançar, mas os convidados pregaram dinheiro no meu vestido, de qualquer maneira. Eu usava um vestido rosa-claro, não da minha escolha, pois Marthe me surpreendeu com uma peça que fez em sua própria máquina de costura. Eu preferia branco, mas era impossível recusar o vestido enquanto estava tentando ser civilizada por *papa*. Eu só queria que tudo acabasse logo para eu poder ficar sozinha com Pietrik.

A manhã tinha sido complicada por dois motivos. O primeiro é que os Riska haviam telefonado para dizer que Felka morreria no dia anterior. Eles a haviam encontrado na frente da casa pela última vez. Enterramos a cachorra no quintal. Zuzanna e *papa* compareceram e observaram Pietrik enfiar a pá na terra, e eu enrolei Felka na manta de Nadia, onde a havia carregado para trazê-la para casa tantos anos antes. Todos choramos ao nos despedir da nossa velha companheira, *papa* mais do que os outros.

Eu não deixava de pensar que Felka tinha sido uma amiga fiel de Nadia, esperando pela sua volta até o final, diferentemente de mim, que havia seguido com a vida, planejando meu casamento quase sem lembrar que ela não estaria lá. Que boa amiga eu estava me saindo.

A outra coisa difícil na manhã do meu casamento foi a bênção da mãe da noiva. Tão importante é essa bênção no casamento polonês que, se a mãe de uma noiva já é falecida, o grupo do casamento caminha até o cemitério para visitar seu túmulo antes de ir à igreja. É óbvio que não poderíamos visitar o lago em Ravensbrück, para onde provavelmente tinham voado as cinzas de *matka*. Marthe havia preparado uma longa bênção, mas escolhi Zuzanna para me dar a bênção no lugar dela, o que deixou Marthe com o rosto afogueado. Por mais resignada que eu estivesse em me relacionar bem com Marthe, nem sempre era fácil. Zuzanna vinha em primeiro lugar na minha vida, e sempre seria assim.

A cerimônia na igreja foi rápida. Embora as eleições livres ainda não tivessem ocorrido, e as autoridades stalinistas não estivessem oficialmente no controle, o Partido dos Trabalhadores Poloneses de Moscou estava cada vez mais forte, à medida que o tempo passava. Eles desencorajavam qualquer coisa que distraísse os trabalhadores das necessidades coletivas do povo, inclusive casamentos religiosos. Eles os consideravam espetáculos espalhafatosos, e por isso as pessoas ficavam receosas de serem vistas em um. Como consequência, apenas três das minhas amigas enfermeiras tiveram a coragem de frequentar a cerimônia, embora aquilo lhes pudesse custar seu emprego. Os poucos amigos que Pietrik tinha deixado na resistência ainda estavam se escondendo na floresta. Todos éramos cuidadosos, porque o mero ato de colocar flores no túmulo de um ex-membro do AK era motivo de prisão.

No entanto, os convidados não se fizeram de rogados na hora de comemorar na agência dos correios, pois era um local razoavelmente privado. Logo que cheguei, os convidados me cercaram e, com alfinetes, prenderam notas de dinheiro no meu vestido, a minha tradição preferida dentre todas. Onde Marthe e suas amigas tinham conseguido tanta comida? Carnes, frios, salsichas, saladas. Bolo tradicional em andares e delicados pastéis doces em formato de laço! Talvez a comida tivesse vindo de *lewo*, o mercado negro.

— Venha. Está na hora do *oczepiny* — disse Marthe.

O *oczepiny* é o ritual de retirar o véu da noiva e substituí-lo por uma touca para mostrar que ela está oficialmente casada. Primeiro as mulheres solteiras ficam ao redor da noiva e retiram seu véu; depois as casadas fazem um círculo em volta dela e colocam a touca. Marthe bateu palmas acima da cabeça, e as moças solteiras se aproximaram.

— Zuzanna, tire o véu.

— Ela sabe o que fazer, Marthe — falei.

O conjunto musical tocou e as jovens me circundaram, de mãos dadas, enquanto minha irmã tirava os grampos do véu da mãe de Pietrik. Minha perna doía por estar de pé há tanto tempo, mas como poderia me sentar junto com as senhoras idosas em suas cadeiras de armar enfileiradas na parede? Eu tinha sonhado com o ritual desse

casamento desde a infância.

Zuzanna me entregou o véu e se juntou ao círculo. Tapei os olhos com uma das mãos e joguei o véu com a outra, em um cálculo perfeito para ele aterrissar nas mãos de Zuzanna. Se Deus quisesse, ela seria a próxima.

— Agora, as mulheres casadas se aproximem — gritou Marthe para os convidados.

Ela mantinha a touca branca na mão. Onde Pietrik tinha ido parar? Ele estava perdendo tudo.

— Quem vai prender a touca? — perguntei.

— Eu — disse Marthe.

— Mas uma mulher casada é que deve fazer isso.

As mulheres casadas se juntaram em um círculo ao meu redor, de mãos dadas.

Marthe se aproximou.

— Kasia, é só uma velha tradição.

As mulheres casadas começaram a nos cercar, no ritmo da música. O cheiro de perfume de violeta e sopa de beterraba era avassalador. Agarrei uma mão ao acaso e puxei a mulher do curtidor para o meio do círculo.

— A Sra. Wiznowsky vai prender minha touca.

Marthe pegou minha mão.

— Kasia, por favor, me deixe fazer isso.

Um vislumbre de seus olhos castanhos marejados foi tudo de que precisei. Afinal de contas, Marthe tinha sido boa para mim. Tinha alimentado Pietrik, Zuzanna e eu, nos devolvendo a saúde. Deixei que prendesse a touca, e ela abriu o maior sorriso. Nunca vi uma pessoa mais feliz na vida.

Rompi o círculo, as notas de dinheiro balançando enquanto eu caminhava. Onde estava Pietrik? Ele andara muito silencioso o dia todo. Dei uma parada, tentando encontrá-lo no caminho, para deixar um amigo de *papa* prender mais uma nota de zloty no meu vestido.

Encontrei Pietrik no escritório de *papa*, sozinho, afundado na velha cadeira de couro da mesa, mãos no colo. As luzes estavam apagadas, e o clarão de luz de um poste de iluminação pública batia no vidro de um retrato em cima da mesa. Era a foto preferida de *papa*, embora meus olhos estivessem meio fechados nela. Havia sido tirada pela minha mãe, e na imagem *papa* tinha os braços em volta de mim e de Zuzanna.

— Venha e junte-se à festa.

Esfreguei o painço para fora do cabelo de Pietrik, de quando os convidados tinham jogado sobre nós ao sairmos da igreja. O painço que meu pai havia enterrado naquela noite tanto tempo antes. Por mais perigoso que fosse chamar atenção para a cerimônia, fiquei feliz por não deixar escapar aquela velha tradição de jogar painço

nos noivos.

Eu me ajoelhei ao lado de Pietrik.

— Você não comeu nada. O refogado já quase terminou, e acabaram de trazer aquelas salsichas de que você gosta. Além disso, vão começar a dançar *kujawiak*.

— Daqui a pouco, Kasia.

Pietrik era uma pessoa quieta, mas nunca esteve tão sorumbático.

— Estão se perguntando para onde foi o noivo — falei.

Ele ficou em silêncio por um longo minuto, o rosto na penumbra.

— Como sou covarde, Kasia. Meus antigos subordinados da resistência se escondendo na mata, comendo grama, enquanto eu fico aqui me divertindo.

A música na outra sala atingiu um ritmo febril.

— Não é sua culpa *papa* querer proteger o genro. Nós temos nossos problemas também, sabe...

— Só estou pensando... sobre o que o meu pai faria se estivesse aqui. Ele não era um covarde.

Embora Pietrik raramente comentasse sobre aquilo, mais rumores tinham surgido sobre a Floresta de Katyn, e, ainda que os russos culpassem os nazistas, todos sabíamos que foi o NKVD russo que havia assassinado milhares de pessoas da elite intelectual polonesa ali. O capitão Bakoski muito provavelmente fora um dos executados.

— Do que você está falando?

Apoiei a cabeça no colo dele e senti uma coisa fria na sua mão. Quando ele a afastou, percebi um vislumbre de brilho prateado.

— O revólver de *papa*? — perguntei. — Você vai...

— Segurar o revólver me faz sentir melhor — respondeu.

Retirei a arma da mão dele.

— É melhor você voltar — disse Pietrik. — A noiva não pode simplesmente desaparecer.

Só de tocar aquela arma, suave e pesada, todo o meu corpo gelou.

— Querem ver você também — falei.

Ele não fez nenhum esforço para retomar o revólver.

Abri a gaveta da mesa de *papa* e coloquei a arma lá dentro.

— Ah, Pietrik — disse, ajoelhando-me perto dele.

Ficamos ali juntos, no escuro, durante algum tempo, e ouvimos os convidados cantarem, enquanto a banda tocava “Sto Lat”. Cem anos de felicidade para a noiva e o noivo.

Herta

1947

O CHAMADO JULGAMENTO DOS Médicos em Nuremberg foi uma farsa do começo ao fim, e o trauma desse evento me provocou uma série de infecções brônquicas debilitantes. A espera. As resmas de papel que poderiam ser queimadas para evitar que bons alemães morressem de frio. Os cento e trinta e nove dias de julgamento, as oitenta e cinco testemunhas e os intermináveis interrogatórios dos réus.

Só o depoimento do Dr. Gebhardt durou três dias e foi especialmente difícil de ver. Ao explicar as operações com grande riqueza de detalhes, ele apenas arrastou a Fritz e a mim com ele. Gebhardt inclusive sugeriu que a mesma operação fosse realizada nele para provar como os procedimentos eram inofensivos, mas sua proposta foi ignorada.

E por que pedi a meu advogado, Dr. Alfred Seidl, que me contasse os destinos de Binz e Marschall no julgamento da equipe do campo de Ravensbrück, o chamado julgamento de Ravensbrück em Hamburgo, no dia em que iria depor? Isso apenas me deixou com mais medo de ser interrogada naquela manhã.

— Levaram Elizabeth Marschall primeiro — disse Alfred —, depois, Dorothea Binz. E Vilmer Hartman por último. Damas primeiro, suponho.

Meus músculos abdominais se contraíram quando ele me mostrou a foto no jornal. Na imagem, Vilmer aparecia com as mãos amarradas nas costas, o pescoço quebrado na quinta vértebra, os pés pendurados em belos sapatos. Ele caíra bem. O nó laço, colocado embaixo do maxilar esquerdo, quebrara o osso do eixo, que, por sua vez, cortou a medula espinhal. Dei uma olhada nas fotos dos demais, todos pendurados como patos na cremalheira de um caçador, e fui dominada por um medo terrível, que fez minhas mãos começarem a tremer. Muitos deles haviam se voltado para a religião antes de subir os treze degraus que levavam à forca. Todos foram enterrados em túmulos anônimos.

Os acontecimentos do dia no tribunal também não serviram para me acalmar. A primeira a falar no banco das testemunhas foi uma Coelha de Ravensbrück.

— A senhora pode identificar a Dra. Herta Oberheuser? — perguntou Alexander Hardy, advogado associado da acusação. Era um homem razoavelmente atraente, com entradas no cabelo.

A Coelha apontou para mim. Como? Elas se lembravam de mim? Eu não me lembrava delas. Sabiam meu nome? Havíamos sido tão cuidadosos... Alfred me contou que os polacos tinham pedido que eu fosse extraditada para a Polônia a fim de ser julgada. Só eu. Outros não haviam feito muito pior? Alfred desafiara essa solicitação e vencera.

Logo chegou a minha vez.

— Chamamos Herta Oberheuser para depor — disse Hardy.

Fritz me lançou um olhar que deveria me transmitir coragem. Respirei fundo, o sangue pulsando forte nas têmporas. Fui até meu lugar, as pessoas ao redor indefinidas, e procurei por *mutti* no balcão.

— Como pôde, em sã consciência, participar das experiências com sulfonamida, Herta Oberheuser? — perguntou Hardy.

— Aquelas prisioneiras eram mulheres polonesas que haviam sido condenadas à morte — respondi. — Elas iriam morrer de qualquer maneira. A pesquisa ajudou soldados alemães. Do meu sangue.

Avistei *mutti* no balcão, os dedos diante dos lábios. Mas estava sem Gunther?

Hardy agitou um maço de papéis na minha direção.

— Alguma pessoa foi fuzilada ou executada depois de ser submetida a essas experiências?

— Sim, mas eram prisioneiras políticas con...

A lâmpada vermelha presa ao assento da testemunha diante de mim se acendeu. Os intérpretes estavam tendo dificuldade para acompanhar. Eu teria que falar mais devagar.

— Prisioneiras... políticas... condenadas à morte.

— E na sua declaração juramentada relacionada a injeções letais, a senhora admitiu ter dado cinco ou seis injeções letais. Isso está correto?

Por que eu havia admitido isso na minha declaração juramentada? Será que eu poderia fingir não estar compreendendo o tradutor?

— Não.

— Bem, a senhora deu injeções, e depois dessas injeções as pessoas morreram, não foi?

— Sim, mas como eu disse em exames anteriores, era uma questão de auxílio médico a pacientes morrendo em agonia.

— E esse auxílio médico resultou em morte, não foi? — perguntou Hardy.

Mantive o olhar fixo nas minhas mãos no colo.

— Não.

— Eu disse: “E esse auxílio médico resultou em morte, não foi?” — repetiu Hardy.

Meu coração pulava no peito enquanto eu olhava para as minhas mãos.

— Como eu disse, essas pacientes estavam morrendo em agonia.

— Sra. Oberheuser, recebeu algum prêmio ou medalha?

— Recebi a Cruz de Mérito de Guerra, se lembro bem.

— E por que motivo recebeu essa medalha?

— Não sei.

Hardy se inclinou sobre seu púlpito.

— Foi por sua participação nas experiências com sulfa?

— Certamente que não.

— Sem mais perguntas, meritíssimo.

Embora provas de experiências americanas semelhantes àquelas pelas quais estávamos sendo acusados tenham sido apresentadas e visivelmente tenham abalado os juízes americanos, no fim os veredictos se basearam na questão sobre se os sujeitos das experiências haviam sido voluntários. Tudo o que eu podia fazer era perambular pelo jardim do pátio de exercícios da prisão e esperar.

Fritz parecia arrasado pelo julgamento. Enquanto alguns dos médicos entraram no ritmo e tentaram pesquisar uma saída de suas condenações, Fritz se isolou. Não tínhamos permissão de conversar no tribunal, mas um dia ele falou comigo ao entrar no elevador que levava a nossas celas.

— Eles poderiam muito bem me enforcar agora — disse ele. — Estou acabado.

Fritz era o único réu do julgamento dos médicos que estava claramente arrependido, um fato que não passou despercebido entre os demais médicos, que permaneceram firmes até o fim.

No dia da nossa sentença, 20 de agosto de 1947, eu estava usando um sobretudo de lã preto com uma gola de laço branca fornecido pelo tribunal. Meu coração martelava no esterno enquanto eu ouvia as sentenças de meus colegas serem anunciadas uma a uma no salão. Esperei pela minha vez no corredor atrás da porta de madeira do tribunal, ao lado de um silencioso guarda americano. A essa altura, eu sabia inglês suficiente para compreender o destino do Dr. Gebhardt.

— Karl Gebhardt, o Tribunal Militar Um o considerou e julgou culpado de crimes de guerra, crimes contra a humanidade e participação em uma organização declarada criminosa pelo julgamento do Tribunal Militar Internacional, de acordo com a acusação apresentada até o momento contra a sua pessoa. Por seus crimes, pelos quais foi e está agora condenado, o Tribunal Militar Um o condena, Karl Gebhardt, à morte por enforcamento.

Estava ficando cada vez mais difícil respirar. Quando chegou minha vez, a porta se abriu, eu entrei no tribunal e coloquei os fones de tradução. O ambiente ganhou uma

cor vívida, saturada e intensa, enquanto eu percorria o público com os olhos em busca de *mutti*.

— Herta Oberheuser, o Tribunal Militar Um a considerou e julgou culpada de crimes de guerra e crimes contra a humanidade, de acordo com a acusação apresentada até o momento contra a sua pessoa.

Quando ouvi a palavra *schuldig* nos meus fones de tradução, agarrei o corrimão.

Culpada.

Então veio a sentença. Eu a escutei, entorpecida.

— Por seus crimes, pelos quais foi e está agora condenada, o Tribunal Militar Um a condena, Herta Oberheuser, à prisão por um período de vinte anos, a ser cumprido nesta prisão ou nestas prisões ou em outro local de confinamento apropriado, tal como deverá ser determinado pelas autoridades competentes.

Tomei o cuidado de não demonstrar reação à sentença. Fritz foi condenado à prisão perpétua, e muitos dos demais foram condenados a se juntar a Gebhardt na forca. Eu seria uma velha quando fosse libertada. No período de um minuto e quarenta segundos que levaram para me condenar, eles me arrancaram uma vida inteira de trabalho.

* * *

EM 2 DE junho de 1948, o Dr. Gebhardt foi enforcado em uma das três forcas portáteis do ginásio da prisão. Li no jornal que os nós usados naquele dia não foram ajustados corretamente, e muitos dos condenados ficaram pendurados, vivos, por quase dez minutos. Os americanos não conseguiam sequer executar uma sentença de morte corretamente. Fiquei grata pelo fato de o Führer ter tirado a própria vida e não ter presenciado aquela paródia. Logo fui levada de ônibus para a Prisão de Criminosos de Guerra Número 1 em Landsberg, na Baviera, para começar a cumprir minha sentença. A ideia de não praticar medicina por todos aqueles anos era debilitante, e eu comecei minha campanha de cartas.

A primeira foi para o prefeito de Stocksee.

Kasia

1947

GRITEI A MAIOR parte da quarta-feira, 25 de março de 1947. No Hospital Público de Lublin, as enfermeiras ficavam contentes de ouvir esses gritos, pois indicavam uma mãe saudável. Um nascimento silencioso geralmente significa um nascimento triste. Fiquei satisfeita de ver que as funções pulmonares do meu bebê também eram produtivas, pois, como enfermeira de maternidade, já tinha visto as coisas darem errado em segundos. Partos pélvicos. Síndrome do bebê azul. Nossos médicos eram excelentes (incluindo minha irmã), mas eram as enfermeiras da maternidade que faziam os partos funcionarem. Eu tive sorte de ter um parto de rotina, já que analgésicos e outras drogas eram escassos.

Pietrik estava junto da minha cama, o bebê embrulhado no colo, e todas as enfermeiras do andar se juntaram em torno dele. Usava uma bata branca de hospital sobre o macacão da fábrica e segurava a filha de forma natural: não estava esquisito nem duro, como tantos pais de primeira viagem. Por mais gentis que fossem os visitantes, eu só queria ficar sozinha com o bebê e começar a conhecer nossa menininha.

— Me dê ela, Pietrik — pedi, as cordas vocais arranhadas.

Pietrik colocou a neném de volta nos meus braços. Logo fiquei sonolenta, afinal, estava quente para uma enfermaria tão grande, com mais de cinquenta leitos. Minha supervisora da enfermaria havia reservado o melhor leito para mim, na parede mais ao fundo, longe das janelas com correntes de ar, perto do aquecedor. Senti o aroma agridoce do bebê e observei a moleira no alto de sua cabeça palpar em ritmo suave. Ela era loura como a filhinha da Sra. Mikelsky. Quantos anos teria Jagoda? Oito? Será que deveríamos chamar nossa filha de Jagoda? Poderia ser muito triste. Talvez um nome como Irenka.

Esperança.

Pietrik tentava me convencer a escolher o nome Halina, argumentando que minha mãe teria gostado. Mas ele não percebia que seria doloroso demais dizer o

nome da minha falecida mãe dez vezes por dia?

A série de sirenes assinalando o horário de visitas tocou, e as enfermeiras se espalharam. Marthe foi a primeira a chegar. Ela carregava uma travessa de *paczki* em uma das mãos, guardanapos na outra.

— Chegamos com presentes — disse ela. — *Paczki* para a mamãe?

Papa vinha atrás, carregando a bolsa de Marthe.

— Não, obrigada — respondi.

Eu me sentia tão gorda e redonda quanto um *paczki*. Quando Zuzanna chegaria para me defender de Marthe? Ela havia auxiliado no parto, mas tinha sido chamada para tratar uma fratura.

Marthe colocou um *paczki* coberto de açúcar em um guardanapo e o deixou perto de mim.

— Não é hora de pensar em emagrecer.

Eu resistia aos doces não só por ter peso da gravidez para perder, mas também por causa de uma cárie no meu dente canino esquerdo, uma lembrança de Ravensbrück, e o dente doía em contato com açúcar.

Meu pai beijou minha mão, depois minha testa e a da neném.

— Como você está, Kasia?

Pietrik tirou o bebê do meu colo, me deixando com frio. Ele entregou o bebê a *papa*, que ainda carregava a bolsa de Marthe.

— Estamos pensando em chamá-la de Halina — falou Pietrik.

— Bem, eu gosto do nome Irenka — falei. — Significa esperança...

— Halina, é claro — disse *papa*. — Que bom.

Eram lágrimas nos olhos dele?

— Ela se parece com você, Pietrik — disse Marthe. — Vocês vão batizar a neném em casa? Nem pensem em fazer na igreja.

Ela estava certa. O Partido dos Trabalhadores Poloneses não só sugeria banir as cerimônias religiosas, inclusive batismos e casamentos, como abertamente as desencorajava e tornava a vida terrivelmente difícil para aqueles que desobedeciam. Marthe e *papa* ainda não estavam casados, embora muitos padres casassem os noivos em segredo.

Marthe pegou o bebê dos braços de *papa*.

— Pode ser difícil para você, Kasia, com a sua perna machucada, assim que voltar para casa. Vou tomar conta do bebê.

Enquanto Marthe falava delicadamente com o bebê, uma onda sombria se abateu sobre mim. Por que minha mãe não estava ali? *Matka* atravessaria a enfermaria com o bebê para mostrá-la. Ela me contaria histórias de quando eu era criança e me faria rir de tudo aquilo.

De repente, meu rosto ficou molhado de lágrimas. Eu havia ajudado centenas de

mães a enfrentarem a depressão pós-parto, porém era mais difícil do que parecia, era como ser sugada para dentro de um buraco negro.

— Preciso pegar o bebê de volta, por favor.

Subitamente, eu queria que todos fossem embora, inclusive Pietrik. Se eu não podia ter minha mãe, não queria ninguém.

Pietrik pegou a neném do colo de Marthe, que ficou mortificada por ter que soltá-la, e a colocou de novo no meu colo.

— Kasia precisa descansar — disse ele.

Marthe pegou a travessa de *paczkis*.

— Voltamos amanhã com *pierogis*.

— Não, obrigada — retruquei. — Eles nos alimentam bem aqui.

Assim que eles foram embora e Pietrik voltou para a fábrica, a neném e eu ficamos dormindo e acordando. Quando o aquecedor começou a assobiar vapor, acordei com um sobressalto, pensando estar de volta ao trem para Ravensbrück, o apito alto ao chegarmos à plataforma. Meu coração acelerou, mas me acalmei quando olhei para a neném. Ela se mexeu no meu colo.

Halina? Então ela teria o nome de minha mãe, no fim das contas? Do jeito como estava, eu mal podia olhar para o retrato dela sem me sentir devastada. Mais assustador ainda, será que o nome da criança poderia de alguma forma fazê-la trilhar o terrível caminho de *matka*? Viver uma vida maravilhosa, interrompida prematuramente? Estremeci. Coisas estranhas acontecem.

Uma vez que Pietrik e *papa* começaram a chamar a neném de Halina, eu cedi e logo comecei a chamá-la assim também. Afinal de contas, eu precisava crescer. Eu era mãe agora, tinha responsabilidades, e não mais uma criança. Além disso, todo mundo dizia que era um nome lindo, e combinava com ela. Era uma homenagem à minha mãe, e ela ficaria satisfeita.

Porém, de um jeito ou de outro, eu não conseguia tirar da cabeça a ideia de que eu deveria tê-la chamado de Esperança.

Caroline

1946-1947

DEPOIS QUE ENCONTREI a criança e organizei tudo para que os pais a buscassem, permaneci em Paris, fazendo o máximo para evitar Paul. Ele era pai agora, e eu não queria ter nenhuma responsabilidade em tumultuar sua família. Era fácil evitá-lo, já que eles continuaram morando na casa de Rena, em Rouen.

Você pode pensar que não há lugar melhor para curar uma alma ferida do que a cidade do amor, mas naquele ano, depois que a guerra terminou, todos os bancos dos parques estavam ocupados por amantes se beijando em público, alguns antes mesmo do café da manhã, despertando lembranças vívidas do meu amor perdido. Até as notícias de casa eram soturnas: Roger escrevera avisando que o ascensorista, Cuddy, fora morto em ação, no Pacífico.

Eu parecia uma viciada em drogas, sofrendo de uma crise de abstinência infernal de Paul. Sem sono, sem apetite. Por que não conseguia seguir adiante, para um propósito maior? Muito bem, eu permaneceria solteira, sozinha pelo resto da vida. Coisas piores haviam acontecido às pessoas.

Não ajudava o fato de haver cartas de Paul abarrotando nossa caixa de correio. Mamãe colocava cada uma dentro de uma cesta na sala de estar com um suspiro exagerado. Mais de uma vez mexi nelas, admirando a caligrafia de Paul e erguendo algumas em direção à luz. Mas por que lê-las? Só serviria para prolongar a agonia.

Eu tinha a sensação de que Paris havia me traído. Ambas havíamos sofrido um golpe, mas apenas a cidade estava se recuperando, começando a ser reconstruída, os escombros sendo retirados. Se a indústria da moda fosse alguma indicação, Paris estava de volta, com a realização de desfiles nos grandes ateliês de alta-costura e ensaios fotográficos de revistas tendo como pano de fundo prédios arruinados, enquanto eu ainda caía em lágrimas ao ver um pombo aleijado ou um fruteiro idoso com três maçãs bichadas arrumadas em uma toalha para vender.

OS MESES PASSARAM. Acordei em uma manhã de novembro e jurei me focar no trabalho e não pensar em Paul nem mais uma vez naquele dia. Não havia novas cartas na cesta, e felizmente ainda havia muito a ser feito em Paris, já que a reconstrução da cidade estava a pleno vapor. Dedicar-se a resolver os infortúnios dos outros é o melhor modo de superar problemas pessoais. O próprio Lord Byron não dissera “os laboriosos não têm tempo para lágrimas”?

A oferta de gasolina continuava baixa, por isso os parisienses ainda usavam a bicicleta para ir a toda parte. Artigos como pratos, fósforos e couro para sapato ainda eram difíceis de serem encontrados, isso sem mencionar comida decente. Trabalhadores cultivavam feijão e batata na Esplanade des Invalides com cavalo e arado, mas havia alguns ovos à disposição, e filas absurdamente longas se formavam diante da padaria e do açougue ao se ouvir um mero rumor de que havia alguns restinhos disponíveis.

Para reforçar nossa dieta, mamãe garantiu um fornecimento de velhas rações do tipo K de um amigo na cooperativa militar. Cada pacotinho retangular de comida de emergência fornecido pelas forças armadas dos Estados Unidos durante a guerra continha um café da manhã americano em miniatura: uma lata de presunto picado com ovos, Nescafé, biscoitos salgados embrulhados em papel celofane, uma embalagem de chiclete Wrigley e um maço de cigarros Chesterfield. Era um milagre que nossos rapazes tivessem permanecido vivos para lutar com aquele café da manhã, mas qualquer comida era preciosa no momento.

Mamãe trabalhava como voluntária para a ADIR, sigla para a Associação Nacional de Deportados e Prisioneiros de Guerra da Resistência, uma nova organização que ajudava mulheres deportadas que voltavam dos campos de concentração nazistas a reorganizarem a vida. Essas mulheres “sortudas”, em sua maioria, haviam perdido tudo. O marido e os filhos. A casa. Para piorar ainda mais, o governo francês se concentrou nos homens, militares em especial, mas qualquer homem que houvesse sobrevivido à guerra. Por algum motivo, as mulheres que voltaram não importavam.

Eu também trabalhava como voluntária em um lugar ou outro. Como havia muitas crianças em Paris precisando de agasalho, mamãe e eu apelamos para a loja de departamentos Le Bon Marché para que nos permitisse instalar um posto de doação bem do lado de fora das portas da loja, e eles concordaram. Os funcionários levaram cabideiros e mesas de armar para o espaço delimitado por um cordão, e minha mãe e eu penduramos ali casacos de crianças arrumados por tamanho. O preço do ingresso na nossa lojinha era um casaco infantil. Um pai ou uma mãe podia, então, escolher qualquer um dos casacos e jaquetas em tamanho maior, e a doação feita seria lavada e redistribuída. O Le Bon Marché chegou até mesmo a divulgar a nossa iniciativa e colocou uma foto pequena e ruim nossa na parte de baixo do anúncio que publicavam no jornal.

Escolhemos um dia perfeito de novembro, ensolarado, para começar os trabalhos, quando toda Paris estava na rua, vendo o que as butikues de moda exibiam para a estação. Naquela primavera, Dior havia lançado seu revolucionário New Look, com cintura muito justa e saias amplas, e Paris estava alvoroçada em relação ao que ele revelaria a seguir. Era difícil não se sentir otimista naquele dia, com o aroma de castanhas assadas no ar e a banda de um homem só no parque ao lado tocando uma versão animada de “Le Chaland qui passe”.

Logo as pessoas estavam se enfileirando diante do nosso posto de doação, que ficou cheio. Mamãe me deixou no comando, pois já conquistara o status de marechal de campo no mundo da caridade pós-Segunda Guerra Mundial na França, e precisou ir supervisionar um sopão no outro lado da cidade. Eu estava empolgada, porque precisava desesperadamente de uma nova missão que fosse só minha. Além disso, eu me tornara boa em escolher o casaco perfeito para uma criança. O segredo estava na cor. Afinal, estávamos em Paris. Um casaco amarelo em uma criança pálida era quase pior do que não ter casaco algum.

O posto de troca estava cheio no meio da manhã quando me dei conta de que não abrira meu pacote de ração. Antes que eu pudesse pegá-lo, uma mulher mais velha se aproximou de mim.

— Com licença, mademoiselle, poderia me ajudar, por favor?

Ela estava esquelética, mas tinha o porte de uma condessa, bem-vestida com uma saia de lã, cardigã e luvas brancas limpas. Usava uma echarpe cor-de-rosa desbotada Hermès em padrão Saumur, presa com um broche precioso em forma de perdiz, a barriga feita de uma pérola dos Mares do Sul. Mesmo em circunstâncias desesperadoras, ou talvez por causa delas, as mulheres de Paris continuavam se arrumando com capricho, com toques inesperados, ainda fiéis à máxima da moda de que simplicidade demais parece timidez. Em uma das mãos, a mulher segurava um pacote embrulhado em papel branco, uma bengala de ratã pendurada no pulso. Na outra mão, a coleira de um poodle cor de ébano. Era um animal magnífico e, como a dona, muito bem cuidado.

— Eu trouxe um casaco — disse ela.

Peguei o pacote, abri a fita de celofane e o ergui, deixando escapar um aroma almiscarado de rosa e lavanda. Eu vira muitas roupas lindas naquele dia, algumas com flores bordadas à mão e botões esmaltados, ou forros gloriosos de pele de coelho, mas aquele casaco tinha uma categoria própria. Caxemira? Era da cor de um ovo de tordo e surpreendentemente pesado, mas macio e forrado de cetim branco acolchoado.

— Obrigada por sua doação, madame. Por favor, escolha outro. Temos muitos casacos bons, mas talvez nenhum seja tão elegante quanto esse...

— É forrado com pluma de ganso. Foi feito para a minha neta. Ela nunca usou.

— Escolha outro no cabideiro. Que tamanho ela usa?

A mulher passou a mão pelo pescoço do cachorro. Prestando mais atenção, percebi que ela abotoara errado o casaco, o que deixava o suéter torto por baixo. O broche tinha um diamante faltando. Vendido ou perdido?

— Ah, ela se foi. Levaram ela, com a mãe e o irmão, anos atrás. Minha filha e uma de nossas empregadas estavam imprimindo folhetos em nossa despensa.

A resistência.

— Sinto muito...

Minha visão ficou enevoada. Como eu poderia confortar os outros se não conseguia controlar minhas emoções?

— Eu acreditava que ela voltaria para casa, mas então eles me levaram também. Pode imaginar? O que queriam com uma velha como eu? A governanta ficou com meu cachorro em Saint-Étienne enquanto eu estava, bem, fora. Ele é a minha família agora. — Ela balançou a cabeça, incapaz de continuar, então se empertigou. — Quem sabe alguém possa usar o casaco?

Voltei a enrolar a peça no papel.

— Obrigada, madame. Vou garantir que o casaco encontre um bom lar. Tem café quente lá dentro.

Ela colocou a mão enluvada sobre a minha por bastante tempo, o algodão quente e suave.

— Obrigada, querida.

Tirei um cartão do bolso.

— Essa é a ADIR, uma associação de caridade que minha mãe apoia. A organização ajuda mulheres a voltarem... Bem, a voltarem dos campos. É liderada por mulheres que foram deportadas, no apartamento de uma delas. Perto do Jardim de Luxemburgo.

— Obrigada, mademoiselle.

Ela pegou o cartão e se virou para ir embora.

— Espere, madame. — Peguei meu pacote de ração K de debaixo da mesa. — Tenho um a mais. Gostaria de ficar com ele?

Ela olhou para o pacote.

— Ah, não, querida, dê para alguém mais...

— Por favor, pegue.

— Bem, na verdade tenho um vizinho...

Sorri.

— Um vizinho. Ótimo, então. Fico feliz por saber que será bem usada.

A mulher enfiou o pacote embaixo do braço e saiu do nosso pequeno posto de troca de casacos, sofrendo com as cotoveladas e empurrões da multidão que aguardava.

Houve muitas histórias como aquela durante a tarde, e no fim do dia eu estava pronta para descansar, mas a aglomeração só aumentava. Para piorar, a temperatura caiu, me deixando muito consciente da minha falta de agasalho. Sem querer, mamãe acrescentara nossos casacos à pilha de doação e os levaram embora. Assim, eu não tinha como me proteger. O vento ficou mais forte, fazendo voar as peças penduradas em cabides de madeira escorregadios.

Parei para recolher um casaco que caíra e fiquei paralisada quando estava me levantando. Não pude deixar de notar Paul no meio da multidão, mais alto do que a maioria, abrindo caminho na minha direção. Meu primeiro instinto foi me enfiar na mesma multidão e evitar vê-lo, mas quem cuidaria do posto de troca? Ele muito provavelmente já seguira adiante, pensei. Ajustara-se à nova vida. Tinha me esquecido.

Conforme Paul se aproximava, foi difícil não notar que ele parecia ótimo em seu paletó de veludo berinjela. Pelo visto, andara comendo bem: ainda estava magro, mas finalmente ganhara mais corpo.

Paul abriu caminho até onde eu estava, nós dois sendo empurrados pelas pessoas aglomeradas. Ele segurava um pequeno casaco de tweed da cor de trigo maduro, com uma fita tricolor murcha presa ao peito. Peguei o casaco, tomando cuidado para não tocar nele. Bastaria um toque e tudo voltaria, inclusive a dor. Seria ainda pior.

— Lembra-se de mim? — perguntou ele.

Haviam se passado quase dois anos desde que tínhamos nos visto pela última vez, na mesa da cozinha da casa dele.

— Obrigada por sua doação, monsieur. Por favor, escolha outro.

Era o casaco de Pascaline, é claro. Fino e leve. Uma mistura de lã e algodão? A bainha das mangas havia sido abaixada duas vezes, deixando linhas escuras como grafite ao redor do punho, e dois pequenos e adoráveis remendos haviam sido costurados na urdidura do tweed com pontos minúsculos e regulares. Rena.

— Lamento que você tenha que falar comigo, Caroline. Obviamente não deseja fazer isso.

— Temos muitos bons casacos...

— Poderia, por favor, olhar para mim?

Ele passou os dedos pelos lábios. Paul nervoso? Seria a primeira vez que eu presenciaria isso. O veludo no cotovelo do paletó dele estava gasto. Rena não se importara o bastante para remendar a roupa do marido também?

Paul esticou a mão para pegar meu braço.

— Tem sido terrível sem você, C.

Eu me afastei. Ele estava atuando? Afinal, era bom nisso.

— Pode escolher qualquer casaco...

Por que eu não conseguia parar de tagarelar sobre casacos?

Paul se aproximou mais.

— Não estou bem, Caroline.

Se ele estava atuando, seu trabalho era impressionante. Claramente fazia tempo que não dormia. Comovida, eu me virei e segurei um cabideiro para evitar que ele virasse com o vento.

Paul segurou meu pulso e me virou em sua direção.

— Ao menos chegou a ler as minhas cartas?

Eu me desvencilhei das mãos dele.

— Tenho andado ocupada. Você devia ver o apartamento. Mamãe está fervendo roupas de algodão no fogão...

— Se você tivesse lido, saberia...

— Você deveria ver a minha mãe em cima de um banquinho, mexendo o caldeirão com um remo.

Dei as costas e comecei a ajeitar os casacos. Ele me seguiu.

— Então é isso? Nunca mais ficaremos juntos?

Paul pareceu mais alto por um instante.

A infelicidade caía bem nele. A barba por fazer, o desalinho, uma infelicidade encantadora. Abotoei um minúsculo casaco cor-de-rosa.

Paul recuou.

— Tive que vir vê-la quando soube que você estava aqui. Pedi carona desde Rouen.

— É melhor você voltar logo, então. Parece que vai chover.

— Há mais alguém? Ouvi dizer que você estava com um homem...

— O quê?

— De mãos dadas. No Café George. Você é conhecida, Caroline. As notícias se espalham. Acho que me deve ao menos uma explicação.

Eu havia almoçado com um dos admiradores de mamãe, um conde barbudo da cidade de Amiens, vinte anos mais velho do que eu. Desconsolado por mamãe ter pouco tempo para ele, o conde passara metade do almoço segurando a minha mão, implorando para que eu interviesse, me impedindo de me dedicar à minha *vichyssoise*.

— Como você pode ser tão insensível, Caroline?

— Insensível?

— Eu ainda não consigo nem trabalhar e você segue com suas boas ações como se eu não representasse nada na sua vida.

Boas ações? Senti meu sangue irlandês ferver apesar do calor. Virei para encarar Paul.

— Quão insensível você foi quando decidiu ter um filho? — perguntei.

— Você sabia que eu era casado...

— Incompatíveis, Paul. Você disse que filhos complicavam as coisas, lembra? “Não há lugar para isso na vida de um ator”?

— Coisas acontecem. Adultos lidam com isso. A menos que sejam ricos e mimados...

— Mimada? Está falando sério? É mimo desistir da minha própria felicidade pela de uma criança que eu nem sequer conheço? Você tem ideia do que é acordar toda manhã sabendo que você e sua família estão juntos e que eu estou sozinha? Não me fale de mimada.

Só depois de Paul abrir o paletó e me envolver no veludo foi que eu percebi que estava tremendo.

— Seja sensata, Caroline. Quando qualquer um de nós vai encontrar novamente o que tivemos?

— É verdade — falei, encostada no algodão da camisa dele. — Você deve ser o único homem que restou em Paris.

Ele riu e me puxou mais para perto.

— Sinto a sua falta, C.

O perfume delicioso de Paul nos envolvia, enquanto eu permanecia aconchegada ao seu paletó, os dedos dele entrelaçados nas minhas costas. Eu sentira falta daquele aroma almiscarado de pinho e couro. Paul roçou os lábios no meu rosto.

— Vamos, venha comer alguma coisa — disse ele. — Mesmo com essa banda horrorosa tocando, estou ouvindo seu estômago roncar. Um amigo meu tem um lugar no Quartier Latin que você vai adorar. Ele fez torta de maçã. Com creme fresco de verdade.

Que maravilha seria me acomodar no reservado de um bistrô com Paul, o assento de couro nos permitindo sentar com os quadris colados como tantos amantes haviam feito antes de nós. O cardápio seria limitado, mas haveria ao menos pão quente e vinho. Conversaríamos sobre tudo. Qual creme fresco era o melhor? O do sudeste ou o do sudoeste da França? Em que nova peça de teatro Paul atuaria? Quanto ele me amava? Mas e então? Paul voltaria para sua família e me deixaria pior do que antes.

— Vou para Nova York — disse Paul, os lábios suaves na minha orelha. — Será como antes.

Senti o peito dele encostado em mim, restando entre nós apenas a seda do meu vestido e o algodão da camiseta dele.

— Você não pode simplesmente ir embora daqui, Paul.

Mesmo se ele não tivesse uma família, nunca seria como antes. O mundo estava muito diferente.

Paul se afastou, me segurou a certa distância e abriu seu sorriso mais perigoso.

— Preciso voltar para Nova York. A Broadway está se recuperando, você sabe.

Eu me afastei e estremeci quando o vento soprou a saia do meu vestido. Paul

estava me usando para escapar de suas novas responsabilidades? Ele realmente me queria, ou desejava apenas um alívio da vida em família?

— Vamos, C. Poderíamos fazer algo juntos. Eu consideraria Shakespeare. Vamos conversar sobre isso durante o jantar.

Senti uma gota de chuva na minha mão. Eu teria que levar os casacos para baixo da marquise da loja.

— Precisa voltar para a sua família, Paul.

Ele recuou mais.

— Você é enlouquecedora.

— Você é pai.

— Mas eu te amo...

— Ame sua filha. Caso contrário, terei desistido de você por nada. Portanto, encene se for necessário, e logo vai começar a agir com sinceridade. — Toquei a manga dele. — Não é tão difícil assim. Simplesmente esteja presente. Quando ela acordar com medo à noite. Se cair no colégio.

— Rena não me quer lá...

— Sua filha quer. Ela quer que você a ensine a velejar, que a exiba no parque. Você não tem ideia do poder do seu amor, Paul. Sem ele, sua filha vai se apaixonar pelo primeiro rapaz que disser que a ama, e ele partirá o coração dela.

— Por que jogar fora tudo o que temos? É ridícula essa sua ética dos antigos peregrinos.

— Puritanos — corrija.

— Acho que não consigo fazer isso.

— Consegue, sim. Uma coisa engraçada sobre o sofrimento: fica mais fácil com a prática.

Estendi um pacote branco.

— Este casaco é perfeito — falei. — Um pouco grande, mas sua filha logo vai crescer.

— Amo você, C. E também sou teimoso, você sabe.

— Ame sua filha, Paul. Se não por você, então faça isso por mim.

— Um dia você vai acordar e se dar conta de que cometeu um erro terrível.

Reprimi um sorriso. Como já acontecia todos os dias?

Paul me encarou por um longo momento, então tirou o casaco e o colocou sobre meus ombros. Ele usava apenas uma velha camiseta branca por baixo, esgarçada em certos pontos. Era uma camiseta de antes da guerra, sem dúvida, porque estava um pouco folgada nele, mas ao ver Paul usando só aquilo, mesmo magro como estava, fez com que mais de uma mulher no posto de troca o encarasse.

— Esse paletó sempre ficou melhor em você — disse Paul.

Era gostoso sentir o forro de cetim do paletó na minha pele, ainda quente do corpo

dele.

Paul me beijou nos dois lados do rosto e pegou o pacote branco. Alisei com os dedos a lapela de um dos bolsos de veludo, macia como a orelha de um gato.

Ergui os olhos bem a tempo de ver as lindas costas de Paul enquanto ele se afastava pela multidão, então me virei e tirei os cabideiros da chuva.

* * *

NOS MESES QUE se seguiram, Paul mandou mais algumas poucas cartas, e eu tentei me distrair com trabalhos voluntários. Ao menos eu tinha a minha mãe, embora ela não fosse ficar comigo para sempre. Nossa vida se reduzira à rotina bem conhecida dos lares de pessoas de mais idade: chá com os amigos da minha mãe, a conversa girando em torno de inflamações no quadril, uma incumbência casual para a embaixada de Roger e os concertos do coral da igreja.

Eram dias sem graça, um indistinguível do outro, até que a visita de uma amiga de mamãe certa manhã me abalou profundamente. Ela havia me contado que uma amiga, chamada Anise Postel-Vinay, que fora presa enquanto trabalhava para a resistência francesa durante a guerra e levada para o campo de concentração em Ravensbrück, iria nos visitar. Anise e as amigas haviam fundado a ADIR. Embora mamãe tivesse sido evasiva quando lhe pedi mais detalhes, o que não era do seu feitio, concordei em fazer esse favor, esperando que Anise aparecesse em nosso apartamento pedindo roupas pouco usadas e comida enlatada.

Naquele dia, quando Anise chegou, mamãe — que estava bem no meio de sua fase infeliz dos ponchos — usava um de xadrez vermelho, com jeito de kaftan, que ela recuperara de algum lugar. Os parisienses ficavam olhando quando mamãe usava aquele poncho, como se o estivessem imaginando no lugar a que pertencia, cobrindo a mesa de um café, embaixo de um prato de queijo.

A campainha tocou, e mamãe recebeu Anise. Dois homens a seguiram carregando uma maca na qual jazia uma mulher enrolada em uma manta de algodão branca.

— Santo Deus — falei.

Anise, uma mulher bela e prática, parou no tapete Aubusson de nossa sala de estar e passou uma das mãos pelo cabelo curto.

— Bom dia, madame Ferriday. Para onde os homens devem levá-la?

Recuei um passo.

— Ela vai ficar? Aqui? Não sabíamos nada sobre isso.

Mamãe foi até a maca.

— Anise me perguntou se poderíamos ajudar essa amiga polonesa dela — disse mamãe. — A moça está inconsciente, Anise?

Anise colocou a mão na perna da mulher coberta pela manta.

— Está sob uma sedaço pesada. Acabaram de trazê-la de avião vinda de Varsóvia.

— Ela precisa de um hospital, madame Vinay — comentei.

— O nome dela é Janina Grabowski. Eu a conheci no campo de concentração de Ravensbrück. Foi operada por médicos nazistas. — Anise levou a mão à testa da mulher. — Precisamos cuidar disso de forma confidencial. Ela foi retirada da Polônia, bem... sem o conhecimento das autoridades.

Estávamos abrigando uma fugitiva polonesa doente?

— Ela não tinha como conseguir ajuda em Varsóvia?

— A maior parte de Varsóvia está reduzida a escombros, Srta. Ferriday. O sistema de saúde deles é uma confusão só. O estoque de antibióticos está baixo.

Anise afastou a manta para nos mostrar a perna da mulher. Por baixo da gaze via-se uma infecção feia se alastrando.

— Leve-a para o meu quarto imediatamente — falou mamãe. — Vou cortar ataduras novas. — Enfim minha mãe poderia reviver os dias de enfermeira das Woolsey no campo de batalha da Guerra Civil Americana. — Chamaremos nosso médico para atendê-la.

Coloquei uma das mãos na maca.

— Espere. Ouvi o julgamento na BBC. Os alemães deveriam estar garantindo indenizações...

— Não haverá indenização nenhuma, Srta. Ferriday. Os alemães decidiram não reconhecer a Polônia comunista como um país. Eles a consideram parte da Rússia.

— Isso é um absurdo.

— Janina é uma pessoa encantadora que certa vez me deu o remédio que poderia ter usado para se salvar, e foi isso que me permitiu estar aqui agora. Ela sofreu mais esta manhã do que a senhorita sofrerá em toda a sua vida e pode muito bem estar morrendo enquanto conversamos.

Acenei para que os homens se adiantassem com a maca.

— Será um prazer receber Janina — falei.

— Ótimo. Obrigada, mademoiselle.

Andei até a janela.

— Coloquem-na na minha cama. Primeira porta à esquerda.

Os homens seguiram pelo corredor com a maca até o meu quarto, e minha mãe foi atrás. Quando eles passaram por mim, vi que o sangue da perna de Janina havia vazado pela manta. Em que havíamos nos metido?

— Estamos a seu dispor, madame Vinay — falei.

Anise se aproximou da porta.

— Sua mãe me disse que a senhorita ajudaria. — Ela se virou e quase sorriu. — Isso é ótimo. Porque há mais sessenta e duas mulheres de onde veio essa.

Kasia

1957

CERTA NOITE, APÓS meu último turno como enfermeira, fui buscar Halina no educandário, instalado em um dos muitos centros infantis controlados pelo governo. Em Lublin, naquele tempo, qualquer criança que tivesse os dois pais trabalhando era designada para uma unidade onde as crianças em idade escolar passavam o dia aprendendo matemática, leitura e retórica do Partido Comunista. Caminhei em direção ao centro frequentado por Halina, que ficava em um antigo e pouco atraente complexo habitacional requisitado pelo Partido, um local bege, sem graça, que cheirava a repolho e batata cozida, um cheiro que eu ainda não conseguia tolerar mesmo doze anos após Ravensbrück. Pelo menos o governo pagava por aquilo.

Enquanto eu esperava que a turma fosse liberada, me apoiei na parede para aliviar a pressão na minha perna ruim e fiquei avaliando minha pulseira nova, resultado de um plano que o padre Skala e eu havíamos arquitetado. O padre, um querido amigo de *papa*, era nosso antigo pároco, agora aposentado. Por insistência de Zuzanna, aproximei-me dele para pedir conselhos sobre o fato de me sentir assoberbada como mãe. Tentando conciliar o trabalho, os cuidados com uma filha pequena e as tarefas de esposa, frequentemente eu ficava em frangalhos e perdia a paciência cada vez mais. O padre Skala sugeriu que, além de rezar, eu usasse uma tira de borracha no pulso e a puxasse toda vez que eu sentisse que meu mau humor fosse me dominar. Eu usava a tira vermelha simples no pulso e a puxava várias vezes ao dia. No fim da semana, meu pulso estava esfolado de tantos puxões.

— Sem correr — gritava a camarada Jinda, a líder da unidade de Halina, enquanto as crianças iam ao encontro dos pais.

Era fácil localizar minha filha no grupo. Tinha o cabelo dourado de *matka*, e era um palmo mais alta do que a maioria das crianças. Aos dez anos, Halina estava um ano atrás dos alunos da mesma idade, pois se atrasara por não saber a tabuada. Como era maravilhoso vê-la: minha recompensa, o prêmio que Deus me dera por tudo que eu tinha passado. As crianças se aproximaram dos pais e trocaram os cumprimentos

aprovados. Halina me estendeu a mão e me deu um beijo de leve na bochecha. Tinha um delicioso perfume pessoal, de sabonete e ar fresco, mesmo depois de ficar naquele local sombrio.

— Boa noite, *matka* — disse Halina.

A camarada Jinda reparou com um sorriso que todas as crianças já estavam entregues e se virou para juntar o grupo seguinte.

— Um beijo de verdade na sua mamãe, Halina — falei.

Ela esticou sua mãozinha para pegar a minha.

— Você sabe que não é permitido.

Nós nos encaminhamos para a porta. Que menininha séria tinha se tornado!

— Então, como vai a mais maravilhosa das filhas hoje?

— Não mais maravilhosa do que qualquer outra — respondeu Halina.

— O resto do dia foi melhor?

No educandário, as crianças aprendiam a comer, a descansar e até mesmo a usar o banheiro na hora certa.

— Eu apenas fingi descansar — disse ela.

Pela década de 1950, o Partido dos Trabalhadores Unidos da Polônia, ou PZPR, o representante maldisfargado de Moscou no país, detinha o controle completo. Embora Stalin já estivesse morto a essa altura, suas diretrizes permaneciam. Ele havia prometido aos Aliados em Yalta que providenciaria eleições livres nos países do Leste Europeu, e lhes permitiria funcionar como democracias, mas ele instalou um governo do Partido Comunista em cada país, e a Polônia não era exceção. Nós terminamos com eleições manipuladas, nenhum partido político independente, e nenhuma crítica permitida ao Partido. Todas as diretrizes se baseavam nas necessidades coletivas do povo. Fui redesignada como enfermeira de traumas no novo hospital estatal, e Pietrik foi designado para um trabalho em uma fábrica logo na saída de Lublin, para onde ele ia de ônibus todos os dias.

— Vou conversar com a sua professora — falei. — Ela tem que garantir que você está dormindo direito.

Entrando às cinco da manhã e saindo às sete da noite, uma criança precisava descansar durante o dia.

— Não, *matka*. Não sou um bebê. Além disso, a camarada Jinda simplesmente vai me colocar no fim da fila do almoço se você reclamar. Está tudo bem. Fiquei pensando no que eu ia pintar neste fim de semana.

Minha perna queimava enquanto eu a apressava para passar por uma fila do pão.

— Não temos tinta, Halina.

— Temos os pincéis da sua mãe.

— Como foi a aula de matemática?

— A camarada Jinda fez cartões de memorização. Talvez eu continue na aula de

matemática para bebês até ficar velha como você. Detesto a tabuada.

— Como enfermeira, eu uso matemática todo dia.

— Marthe disse que ela compraria tintas para mim no meu aniversário.

— Quando é o exame de nivelamento? — perguntei.

— Não sei — respondeu Halina. Ela pegou uma vareta na rua e a arrastou, desenhando linhas na poeira ao longo da beirada da rua.

— A camarada Jinda deixou você ficar na equipe azul?

— Deixou.

— Sem problemas?

— Sim. Depois que eu disse para ela que não havia provas de que Jesus tivesse ressuscitado, ela me deixa fazer o que eu quiser.

Parei de repente, sentindo uma onda de dor subir pela minha panturrilha.

— Quem disse isso? — perguntei.

— Não sei — respondeu ela, dando de ombros.

Deixei de lado meu choque para conversar depois com a camarada Jinda. Supostamente religião era para ser uma zona proibida na escola. Já era ruim o suficiente termos que sair sorrateiramente para ir à missa. Cada ida à igreja significava um ponto negro no registro de uma pessoa, e havia gente paga pelas autoridades para anotar coisas assim.

O educandário ficava a vinte minutos de caminhada do nosso apartamento. Minha perna doía de ficar de pé a maior parte do dia cuidando dos pacientes, mas eu tinha mais sorte do que a maioria, já que morava a uma distância passível de percorrer a pé do educandário. Muitas das outras enfermeiras recebiam tarefas fora da cidade e só visitavam os filhos nos fins de semana.

Também tínhamos sorte porque *papa*, de algum modo ainda trabalhando na agência central dos correios, conseguiu nos manter em nosso apartamento. Pietrik, Halina e eu morávamos no meu antigo quarto; Zuzanna dormia em seu antigo quarto de vestir, onde só cabia a cama dela; e, embora eu tentasse não pensar no assunto, *papa* e Marthe dormiam no quarto que ele e *matka* dividiam antigamente.

O cheiro de massa doce nos recebeu na porta. Marthe tinha preparado novamente os *kolaczki* favoritos de Halina.

Ela correu para Marthe.

— *Babcia!*

— Minha pequena *ciastko* — disse Marthe, virando-se do fogão e acolhendo Halina nos braços.

— Você comprou as tintas para mim? — perguntou a menina.

— Halina — falei. — Isso é falta de educação.

— Tudo bem — disse Marthe, sentando Halina na mesa com um prato de *kolaczki* de abricó. — Ela é só uma criança.

— Ela sabe que não deve fazer isso — disse.

Segui pelo pequeno corredor até o meu quarto, sentindo como se um atizador quente estivesse apunhalando minha panturrilha a cada passo. Minha antiga cama foi empurrada para um lado, e uma pequena cama para Halina ficava ao longo da parede oposta, a que eu compartilhava com ela na maioria das noites. Quando Pietrik e eu começamos a dormir separados? Pietrik estava sentado lendo um livro, ainda com o macacão cinza da fábrica. Ele tinha sido designado para a Fábrica de Artigos de Vestuário Feminino Lubgal no novo subúrbio de Helenów, nas cercanias da cidade. A fábrica tinha sua própria escola de treinamento, além de residências no local, para as quais nos havíamos candidatado e estávamos em uma lista de espera.

Pode parecer estranho, mas eu adorava aquele macacão. Ficava bem nele em todos os locais certos, mesmo em seus ombros largos e suas pernas compridas.

— O que você está lendo? — perguntei.

Minha perna doía, e eu queria mais do que qualquer coisa me esticar na cama.

Pietrik não respondeu. O livro dele tinha sido encapado com papel pardo, mas era *Doutor Jivago*, que constava da lista dos muitos livros proibidos. Seu amigo Aleksander havia sido despachado por ler o ensaio *A desobediência civil*, de Thoreau; então, Pietrik ficava esperto sobre onde lia.

Joguei minha bolsa em cima da cama.

— Como foi o trabalho?

— Levaram Symbanski hoje. Direto da bancada dele. Não cumpriu a cota. Ele entregou uma garrafa de vodca, mas ainda assim foi levado.

— Precisamos tentar tirar o máximo proveito disso...

— Precisamos de uma Terceira Guerra Mundial.

Despi meu uniforme e fiquei só de combinação, aquela que certa vez ele havia dito que me deixava parecida com a Myrna Loy.

— Halina tem que estudar para a prova de matemática. Você pode ajudar?

Pietrik manteve o olhar no livro.

— Importa a nota que ela vai tirar? Vai terminar na linha de montagem ao meu lado.

— Se ela conseguir entrar no percurso da medicina...

— Deixe a menina. — Pietrik marcou uma página com uma dobra. — E pare de atormentar a professora dela.

O quarto foi me encurralando. Puxei minha tira de borracha. Machucou a parte interna do meu pulso, mas pouco adiantou para conter meu crescente mau humor.

— Eu não atormento ninguém — disse, na defensiva.

— Vão colocar você em alguma lista, antes que perceba. Seu pai não vai conseguir libertar você, por mais próximo que ele seja do Kremlin.

Estiquei a mão para tocar o braço de Pietrik.

— Você entende... Preciso de algum poder de decisão na vida da minha filha. Vamos achar um tempo para falar sobre isso sozinhos...

— Mantenha a voz baixa, Kasia. — Pietrik jogou o livro na cama e se aproximou da porta. — Marthe já sabe o suficiente da nossa vida.

Ele saiu e fechou a porta. Gostava de suas pequenas rebeldias. A pulseira de borracha não estava me ajudando, e, por isso, respirei fundo para conter a raiva.

Assim que ouvi Zuzanna voltando do trabalho, corri para me trocar. Saí do quarto para vê-la beijar o topo da cabeça de Halina e roubar alguns *kolaczki* do prato dela.

— Você comeu hoje? — perguntei a Zuzanna.

— Algumas pessoas recebem as irmãs com um oi — disse ela com um sorriso torto. Tinha olheiras escuras.

— Como estava o hospital? — perguntou Marthe.

— Bem — respondeu Zuzanna. — Acho que vamos receber mais dez leitos.

— E isso é bom? — indaguei.

— Mais trabalho pelo mesmo salário — disse Pietrik.

Reparei na caixa de metal com tintas perto do prato de Halina. Uma marca britânica de qualidade.

— De onde vieram as tintas? — perguntei, tentando manter a voz neutra.

Certamente não de uma loja. Não havia mais lojistas particulares a essa altura, e as lojas do governo não vendiam marcas estrangeiras. Eram tintas obtidas no mercado negro.

— Uma amiga conseguiu para mim — disse Marthe. — Um presente de aniversário um pouco adiantado...

— Eu disse para ela que não queria as tintas — falei.

— Deixe para lá — retrucou Pietrik em voz baixa.

Fechei os olhos e respirei fundo.

— Me dê as tintas, Halina.

— Kasia — disse Zuzanna, a mão no meu ombro.

Afastei a mão dela. Foi quando notei o pincel, a ponta de pelo de marta embaixo do prato de Halina. O pincel de aquarela Kolinsky de *matka*, a parte de níquel brilhando na sombra do prato.

— Onde você conseguiu isso? — perguntei, a respiração entrecortada.

— Marthe me deu — respondeu Halina.

Marthe deu um passo em minha direção.

— Ela tem tanto talento...

— Me dê o pincel, Halina — falei, o braço esticado, a palma da mão para cima.

Halina fechou a mão em torno das tintas e do pincel e os colocou no colo.

— Dê para mim — pedi, me aproximando.

— Deixe para lá — insistiu Pietrik.

O sangue correu para as minhas orelhas, o coração batendo violentamente no peito. Halina se levantou e correu para Marthe, com as tintas e o pincel na mão.

— Dê para mim — repeti, seguindo-a.

— É culpa minha — falou Marthe, um braço ao redor da minha filha.

Agarrei o pincel.

— Não — disse Halina, puxando-o de volta.

— Sou sua mãe. Você tem que me escutar. Não a camarada Jinda. Não a Marthe. Mas a mim.

Halina manteve sua postura, segurando as tintas e o pincel junto ao peito.

— Não — disse Halina.

— Ela é... — começou Marthe.

— Fique fora disso. Será que uma vez na vida você vai permitir que eu fale com a minha filha? — Estiquei o braço. — Me dê as tintas, Halina.

— Nunca — respondeu ela de forma direta, me encarando com firmeza.

Não podia ter sido minha mão que deu a bofetada, já que aconteceu antes que eu pudesse me dar conta, mas eu lhe dei um tapa forte no rosto. Assim que minha mão se afastou dela, eu queria retirar o que eu fizera, mas nada poderia consertar aquilo.

— Kasia — disse Pietrik, seu tom não tão acusatório, mas pior: decepcionado.

Halina nem chorou, apenas deixou o pincel e as tintas caírem no chão aos seus pés. Peguei o pincel de laca preta e, com as mãos nas extremidades, quebrei-o em cima de uma cadeira da cozinha, o que resultou em um estalo satisfatório e deixou as duas pontas quebradas parecendo bigodes de gato.

Fui para o meu quarto, estremecendo de vergonha, e fiquei lá, olhando a cama que Halina e eu dividíamos. Seu urso de pelúcia estava sentado no travesseiro. Eu me deitei na cama e abracei o urso. Tinha o perfume de Halina. Doçura e franqueza. Que tipo de mãe eu me tornara?

Não demorou muito e a porta do quarto se abriu, e Marthe entrou. Eu me sentei com um gemido.

Marthe fechou a porta.

— Posso ser a última pessoa que você quer ver, mas ninguém mais vai entrar aqui.

— Por favor, Marthe... isso não é...

— Venho observando você há doze anos, Kasia. Percebo muito mais do que você pensa.

— Não estou me sentindo bem. Minha perna...

— Entendo que sua mãe protegia você, que ela se foi, e que é uma perda terrível, mas chegou a hora de seguir adiante. A hora de ser honesta.

— Honestamente, você é uma pedra no meu caminho. Sou a única que disciplina minha filha. Você só cozinha e dá coisas para ela.

— Sua filha precisa de amor.

— Não me venha com lições. É claro que eu amo minha filha.

— Você tem que passar por cima de tudo isso e mostrar para ela. — Marthe se sentou ao meu lado na cama. — E não pode obrigar Halina a ser algo que ela não é.

— Nada de bom vem das artes.

— O que aconteceu com a sua mãe foi uma tragédia, mas vamos seguir adiante.

— Eu gostaria de descansar agora.

— E o seu marido? Ele precisa de ajuda, Kasia. A vida é sua, mas sua mãe gostaria de ver Halina ser tratada com carinho. Seu pai e eu vamos ficar com uns amigos hoje à noite. Pietrik e Halina vão dormir no nosso quarto, assim você terá tempo para pensar. Tem uma escolha a fazer. Ruminar a injustiça da situação ou superar tudo. Consertar as coisas. Deixar as pessoas se aproximarem de você.

— Para você, é fácil falar. Não sente o peso disso tudo. Você nem é mãe.

Marthe se aproximou da porta.

— E nem você está agindo como uma agora, minha querida.

Ela saiu e, pela primeira noite em muito tempo, tive um quarto só para mim. Um espaço silencioso para pensar em como fazer as coisas. Olhei para a minha pulseira de borracha. A partir de agora, eu usaria minha própria intuição e capacidade de resolver as situações.

Quando afinal adormeci, eu tinha um plano. Iria melhorar as coisas. Procuraria ajuda, deixaria outras pessoas se aproximarem. Passaria mais tempo com Halina, sem falta. Pietrik e eu encontraríamos tempo para ficarmos juntos a sós. Eu havia sobrevivido a Ravensbrück. Como a vida cotidiana poderia ser mais difícil do que aquilo?

Caroline

1957-1958

MAMÃE E EU viajamos metade do mundo quando finalmente deixamos Paris depois da guerra. Índia e Itália. Em um navio subimos a costa britânica até a Escócia.

A primeira coisa que fiz quando desembarquei de vez com mamãe em Nova York foi ajudar a organizar o baile Paris em Abril daquele ano. Era um evento complexo de levantamento de fundos que apoiava várias iniciativas beneficentes, francesas e americanas, incluindo meu novo Comitê para as Coelhas de Ravensbrück. Já se passara mais de uma década desde que Anise Postel-Vinay me apresentara à causa, e mamãe e eu acabamos muito envolvidas nela, e nos correspondíamos regularmente com as mulheres polonesas. Wallis Simpson, formalmente conhecida como a duquesa de Windsor — a americana divorciada que se casara com o homem que já fora o rei da Inglaterra, Eduardo VIII, e que abdicara ao trono para ficar com ela —, compareceria ao baile, e eu planejava pedir seu apoio.

O salão de baile do Waldorf nunca parecera mais belo. Celebidades de Hollywood e poderosos de Washington seguiam por intermináveis rondas de “como vai você”, com copos de uísque com soda na mão. Mas uma convidada estava roubando a cena. Homem ou mulher, não fazia diferença: todos os olhos estavam fixos em Marilyn Monroe.

Betty e eu éramos as abelhas operárias do comitê que haviam transformado o salão de baile na visão do que uma matrona de Manhattan consideraria uma França dos sonhos. Uma enorme pista de dança ocupava o centro do salão, cercada por mesas compridas de jantar. Havíamos prendido bandeirinhas e galhardetes tricolores acima do palco e ajudamos a arrastar uma enorme estátua dourada do general Lafayette a cavalo para o centro do palco, onde ele se erguia acima de um mar de lírios brancos. O comitê de decoração não tinha problemas em relação a fundos, porque estava nas mãos de um grupo com recursos. Os homens estavam de smoking e as mulheres vestiam vermelho, branco ou azul. Marilyn Monroe usava um vestido de lantejoulas azul-meia-noite que valorizava muito seus pontos fortes.

Eu mesma me sentia uma estrela de cinema naquela noite, vestida em um Schiaparelli azul-hortênsia com uma pequena cauda sedutora que varria o chão conforme eu caminhava pelas mesas, encenando a última das minhas funções decorativas. Achava que estava muito bem para quem já passara dos cinquenta anos.

Eu colocara uma rosa vermelha, sem espinhos, em uma ampola de plástico com água, diante de todos os lugares de mulheres convidadas, e lia os cartões de localização enquanto caminhava, identificando as principais estrelas de Hollywood e figurões da política. Senador John Kennedy. Jacqueline Kennedy. Sr. Winston Guest. C. Z. Guest. Raymond Bolger. Gwendolyn Bolger.

Sr. Paul Rodierre.

Foi como um balde de água fria. Paul? Como eu não ficara sabendo? Já haviam se passado dez anos desde a última vez que o vira. Ao lado dele, Leena Rodierre. Ele se casara outra vez? Que maravilha... O que acontecera a Rena? Coloquei uma rosa diante do lugar de Leena e terminei rapidamente de distribuir as outras flores, pois queria manter distância de Paul. Via o nome dele de vez em quando, ligado a novos projetos de atuação, mas nunca assistira a seus filmes. O que eu poderia dizer a ele?

O ator Jean Marais e a atriz Françoise Arnoul, de fardas militares, abriram a noite entrando no salão de baile em uma carruagem aberta puxada por dois cavalos pretos. Enquanto eu assistia aos dois, Betty, radiante em organza azul, me encontrou e me entregou uma taça de champanhe.

— Você precisa ver as bolsas de brindes deste ano, Caroline. Tudo Dior. E bom caviar, finalmente...

As bolsas de brindes do baile na verdade eram malas tão cheias de itens luxuosos que os convidados precisavam que carregadores as levassem para os carros à espera.

— Consegue acreditar em todas essas estrelas do cinema? Você seria um sucesso nos filmes, se houvesse persistido na atuação.

— Estaria bem ali, com Gloria Swanson...

— Ora, você está pronta para seu close esta noite. Para ser sincera, está fabulosa. Gostaria de poder dizer o mesmo da pobre Wallis Simpson. Ela definitivamente virou um fóssil. Eu a encontrei no banheiro feminino e ela elogiou meu vestido. “A cor é azul Wallis?”, perguntou ela. Sinceramente! A mulher precisa ser o centro de tudo?!

— É bom que ela tenha vindo.

— Não foi nenhum sacrifício, Caroline. Ela mora nas torres do hotel. Os funcionários se dirigem a Wallis como “Sua Alteza Real”, embora ela não tenha permissão oficial para usar esse título. E o duque está aqui. Parecendo um pouco zozzo. Acho que Wallis o mantém medicado.

— Pelo menos é uma boa divulgação para a causa.

— Acha mesmo? Tente afastar os repórteres de Marilyn e Arthur.

— Vou pedir a Wallis para apoiar as damas polonesas.

— Boa sorte, Caroline. Ela é muito pão-duro.

— Ela e o duque não fazem nada além de ações de caridade.

— Desde que haja câmeras ao redor. E, por falar em câmeras, eu ia deixar que você descobrisse sozinha, mas Paul Rodierre está aqui.

Bebi metade da taça de champanhe de um só gole, as bolhas parecendo fogos de artifício efervescentes enquanto desciam.

— Como sabe?

— Eu o vi. Com a nova esposa. Uma atriz infantil qualquer. Ele parece bem, bronzeado como uma matrona de Palm Beach. Os dois devem estar usando cinta. — Betty esperou pela minha reação com um demorado olhar de soslaio. — Não vá fugir agora.

— Está tudo bem — falei, enquanto sentia o estômago se revirar. — Na verdade, vi os cartões com os nomes deles à mesa. Não tenho nada a dizer a Paul.

— Bem, se vocês dois chegarem a se falar, fique longe das facas.

— Não seja ridícula — respondi, acabando com o champanhe.

Fazia anos que eu não via Paul, dificilmente ainda sentiria algo por ele.

Betty foi encontrar o marido, que ela acabara de ver abrindo caminho entre os convidados com duas taças de champanhe na mão, e eu fui em busca de Wallis Simpson. Embora as opiniões a seu respeito fossem divididas, ela parecia ser uma mulher compassiva. Eu tinha a esperança de que a duquesa fosse solidária com a casa das damas polonesas, e que oferecesse seu apoio.

Eu me espremi em meio ao aglomerado de convidados, e a cauda do meu vestido foi pisada por mais de um sapato de verniz. Encontrei Wallis na lateral do salão de baile, com Rosemary Warburton Gaynor, que era esposa de um proeminente cirurgião plástico, Dr. William C. T. Gaynor, e que presidia o baile. De perto, era fácil entender por que Wallis aparecera quinze vezes na lista internacional das mais bem-vestidas. Ela se erguia em uma coluna de renda branca Mainbocher, o cabelo escuro preso em um coque apertado. O marido esperava por perto, meio ouvindo o embaixador britânico, mas os olhos fixos em Wallis, como um cão de caça idoso à espera do assobio do dono.

Wallis e Rosemary estavam juntas — paradas como gazelas diante de um poço — a curta distância de onde Marilyn Monroe estava sentada com o marido, Arthur Miller. Eu me aproximei lentamente, esperando que Rosemary me notasse, e aceitei outra traça de champanhe para me dar coragem. Não era todo dia que se pedia dinheiro à duquesa de Windsor.

Não demorou muito, a adorável Rosemary me viu e estendeu a mão, parecendo feliz pela distração.

— Ah, Caroline, venha conhecer a duquesa.

Rosemary, que usava um vestido longo branco tomara que caia com um babado na

bainha, me puxou mais para perto.

— Sua Graça, permita-me apresentar minha amiga Caroline Ferriday. Caroline Ferriday, é um prazer lhe apresentar Sua Graça, a duquesa de Windsor.

Wallis hesitou e estendeu uma das mãos cobertas por luvas de cetim. Apertei a mão dela e me perguntei como deveria me dirigir a uma divorciada, casada com um rei que abdicara ao trono. Segui a deixa de Rosemary e escolhi o “Sua Graça”. Tanto fora escrito sobre Wallis Simpson àquela altura que eu tinha a sensação de que já a conhecia. A imprensa acompanhava cada aspecto da vida dela: as roupas da alta-costura francesa, as mãos grandes, a verruga no queixo, a atitude indiferente e, acima de tudo, as joias.

Rosemary acenou na direção da pista de dança.

— Caroline tem andado terrivelmente ocupada nos ajudando a organizar tudo isso.

— É um prazer conhecê-la — disse Wallis.

Meu coração acelerou. Como puxar o assunto das Coelhas? Por que eu estava tão nervosa? Certa vez, em Boston, eu atuara para uma plateia da Shriners, uma organização ligada à maçonaria, todos usando barrete na cabeça e passando uma garrafa de gim de um para o outro na primeira fila do teatro. Aquilo foi muito mais assustador.

— Pode acreditar em Marilyn Monroe? — perguntou Wallis para ninguém em particular.

Ela olhou na direção da horda que se aglomerava ao redor de Marilyn e do marido. Uma equipe de jornalismo da televisão francesa, com luzes de gravação, estava entrevistando Marilyn e Arthur na mesa deles.

— Todos os fotógrafos aqui estão impressionados com ela.

— É o vestido — sugeriu Rosemary.

— Nenhum deles olhou na minha direção — disse Wallis.

A Sra. Gaynor se virou para mim.

— Caroline trabalha incansavelmente para os necessitados, Sua Graça. Tem uma reputação e tanto.

— Como assim? — perguntou Wallis, parecendo interessada, enquanto aceitava uma taça de champanhe de um garçom de smoking, talvez esperando ouvir alguma fofoca. Deve ser mesmo uma delícia, quando a reputação da pessoa é comprometida, ouvir sobre os infortúnios dos outros...

— Uma boa reputação, é claro — explicou Rosemary. — Ela está à frente do braço americano de uma organização francesa para ajudar mulheres necessitadas. Caroline foi agraciada por seu trabalho tanto com a Cruz de Guerra quanto com a Legião de Honra francesas.

— Não chegue perto desses canapés, querido... salgados demais — avisou Wallis

ao duque, que estava parado ali perto, aparentemente hipnotizado por um garçom que servia uma bandeja de canapés de mousse de fígado.

— Sim, estou à frente dos Amigos Americanos da ADIR, Sua Graça — falei. — Apoiamos mulheres que sobreviveram aos campos de concentração. Nós as ajudamos a retomar a vida.

— Ainda? — perguntou Wallis, voltando à conversa. — Há quantos anos acabou a guerra? O governo delas não as ajuda?

— Um pouco, mas elas ainda precisam de assistência. Estamos trabalhando para conseguir compensações para um grupo de mulheres de Ravensbrück, um campo de concentração alemão perto de Fürstenberg.

— O duque e eu tentamos ao máximo evitar qualquer lugar com “berg” no nome.

Desde a viagem do casal a Berlim, antes da guerra, quando haviam sido recebidos por Hitler, a imprensa com frequência relembra o *faux pas* dos dois, mesmo já tendo se passado vinte anos.

— As mulheres são chamadas de Coelhas de Ravensbrück, Sua Graça. Mulheres polonesas, na verdade meninas, naquela época, que serviam de cobaias para os médicos do campo de concentração.

— Simplesmente terrível — comentou Rosemary.

— Polacas? — perguntou Wallis, o cenho franzido. — Pensei que você trabalhasse para os franceses. Isso tudo é confuso demais.

A atenção de Wallis se voltou para uma modelo do desfile de moda que se acomodara perto de nós, uma das mãos nos quadris, a outra erguida no alto, mostrando um bracelete de diamantes no pulso. O duque levantou as sobrancelhas para Wallis, como se perguntasse a opinião dela sobre o bracelete. Ela deu de ombros, sem se comprometer.

— Ajudamos mulheres de qualquer nacionalidade que tenham retornado dos campos — expliquei. — As condições são especialmente difíceis na Polônia. Muitas estão doentes, algumas morrendo, e ainda não receberam nenhuma indenização, já que a Alemanha Ocidental não reconhece a Polônia comunista como país.

Wallis deu uma olhada no salão, talvez buscando uma rota de fuga.

— Não estou em posição de doar nada atualmente. Temos que implorar por tudo o que recebemos. Nem sequer estamos na Lista Civil, imagine só! Além do mais, o mundo já está cansado de tanta morte e destruição. Essas histórias aborrecem até quem passou por tudo. Quem não escreveu um livro de memórias?

Wallis se voltou para o duque, ajeitou o cabelo de Peter Pan real, e arrumou melhor as medalhas douradas e fitas no peito dele. Então, retirou um canapé da mão do marido, colocou de volta na bandeja de prata e pegou o duque pela mão.

— Vamos subir e ver como estão os cães. — Ela fez um gesto ao garçom para que os seguisse. — Pugs precisam comer pelo menos a cada duas horas — disse com um

sorriso, e se dirigiu rapidamente à saída do salão.

— Se me der licença, Rosemary — falei.

Pelo visto, Wallis acabara não simpatizando com a minha causa.

— Boa sorte com seu levantamento de fundos, querida — disse Rosemary, quando me virei para ir embora. — Eu com certeza vou colaborar. E que tal você procurar Norman Cousins, na Saturday Review? Afinal, ele e sua esposa adorável ajudaram aquelas meninas que ficaram conhecidas como Hiroshima Maidens.

— Farei isso, Rosemary. Obrigada.

Segui pelo entorno do salão em busca de mais champanhe, ainda abatida com a rejeição de Wallis. Tomei o cuidado de jogar mentalmente o jogo “Se eu fosse Paul Rodierre, onde ficaria?”, para evitá-lo. Ele se manteria o mais longe possível de todo o espetáculo de moda. Provavelmente ficaria perto da comida.

Com certeza perto do bar.

Passei longe do bar e fui para perto das modelos Dior que rodopiavam e perambulavam entre os convidados. Um garçom passou pelo aglomerado de pessoas, oferecendo batatas microscópicas com creme azedo e caviar em cima. Será que todas as comidas da noite eram minúsculas daquele jeito? Segui na direção da bandeja, mas fui contida por um pisão na cauda do meu vestido.

— Com licença? — falei, me virando.

Paul.

E, ao lado dele, uma criatura deslumbrante. Leena, sem dúvida.

— Nietzsche disse que uma dieta predominantemente de batatas leva ao uso de bebida alcoólica — disse Paul, o sapato ainda sobre meu vestido.

A voz dele me deixou sem palavras. Não ajudava que sua acompanhante fosse quase bela demais para se olhar: cílios cheios, e o rosto perfeito era do tipo a que um cigarro empresta a medida certa de crueldade. Era alta, absurdamente jovem, de pernas compridas.

— Vejo que está me perseguindo — disse Paul.

A jovem se distraiu com o desfile de moda, bebericando champanhe, aparentemente sem se sentir ameaçada por mim, se é que chegara a notar minha presença.

— Pode tirar o pé? — falei.

— Você tem o hábito de desaparecer — disse Paul.

— Só quando provocada.

Ele deixou o pé onde estava. Eu esperava que Paul tivesse se recuperado desde a última vez que eu o vira, mas não estava preparada para sua ótima aparência, em forma e estranhamente bronzeado para o mês de abril.

— Vou ter que tirar o meu vestido?

Paul sorriu.

— Essa festa finalmente está ficando boa.

— Sério, Paul. É um Schiaparelli.

Ele soltou a cauda.

— Garanti que as saídas fossem vigiadas.

— Não se preocupe.

— Champanhe? — perguntou um garçom que passava com taças borbulhantes na bandeja de prata que carregava.

— Não, obrigada — respondi, com extremo controle. — Preciso ir.

— Pensei em telefonar para você ontem à noite — disse Paul. — Achei que ao menos sua mãe falaria comigo.

— Depois de todos esses anos? Não importa.

— Mas acabei tomando um pouco de conhaque... Você sabe como é.

— Não exatamente.

— Tive esperança de que você estivesse aqui. No meio da sua gente.

Dei de ombros.

— É uma boa causa.

Outro garçom passou.

— Champanhe?

Paul pegou duas taças.

— Tive esperança de que poderíamos conversar, afinal.

— Não é necessário, Paul. Já se passou quase uma década.

— Você chegou a ler alguma das minhas cartas?

— Realmente preciso ir...

— Não fica nem um pouco curiosa para saber o meu lado da história?

Minha mão estava trêmula quando peguei a taça que ele me ofereceu.

— Não exatamente.

— Você não me deve isso? Depois de me deixar completamente só?

— Se é assim que você se lembra do que aconteceu... — falei.

Observei a nova esposa de Paul examinar o vestido vermelho de uma modelo. A jovem já provara *foie gras* alguma vez na vida? Como conseguia permanecer tão em forma em um país que torcia o nariz para o exercício físico vigoroso?

Um fotógrafo se aproximou.

— Posso tirar uma foto, Sr. Rodierre?

— Por que não? — respondeu Paul.

Ele me puxou para perto com mais força do que o necessário, um braço passado ao redor da minha cintura. Paul ainda usava Sumare. A nova esposa gostava do perfume? Era impossível não gostar.

— Sorria, Caroline. Finja que gosta de mim.

O flash da câmera nos cegou por um instante.

— Obrigado, Sr. Rodierre — disse o fotógrafo e se afastou.

— Na última vez que estivemos neste salão, eu estava no comando daquele palco — comentou Paul.

Apenas assenti e fingi estar me recuperando da cegueira do flash, com medo de que, se dissesse alguma coisa, acabasse não controlando algumas lágrimas.

— Você andou se bronzendo — comentei, depois de um instante.

— Cannes. Foi horrível. Odiei tudo.

— Tenho certeza. Então, onde está Rena?

— Quem sabe? Foi vista pela última vez na ilha grega de Hidra, na companhia de um jovem com metade da idade dela.

— Que bom para ela.

E eu falava sério. Rena merecia seu lugar ao sol.

— Você pode ter me dado um fora, mas a vida continuou, Caroline. Acho que não tomo as melhores decisões quanto às mulheres.

— Talvez devesse desistir delas durante a quaresma.

Paul sorriu.

— É bom voltar a vê-la, C. Está com fome? Estou levando Leena para conhecer algumas pessoas do cinema. Conheço um lugarzinho perto do Hudson...

— Escute, Paul, eu obviamente nunca o conheci de verdade. Vamos deixar assim. Talvez nos lembremos das coisas boas. — Eu me virei. — Tenho que ir.

Paul me segurou pelo pulso.

— Nada nunca foi tão bom quanto nosso tempo em Nova York. Você me arruinou para o amor, sabe disso.

— É o que parece — falei, observando Leena pegar um canapé de lagosta numa bandeja.

— Qual é o seu problema? Passei pelo inferno. Você não é a única pessoa aqui que foi afetada...

— *Mon cher* — chamou Leena —, estou faminta.

Eu realmente era invisível para a jovem quando ela acenou para que Paul a seguisse.

— Venha cá, querida — chamou ele.

Leena veio em nossa direção. Foi uma longa noite. Eu tinha mesmo que conhecer a esposa dele?

— Ah, por favor, Paul. Eu preferiria não...

Paul puxou Leena para perto, um braço na cintura da jovem.

— Leena, gostaria que conhecesse...

— Caroline Ferriday — disse a moça. — Como não a reconheci? — A jovem pegou minha mão e me puxou em sua direção. — É claro que a conheço de fotografias. Com Helen Hayes. Como foi estar no palco com ela?

— Obrigada, mas realmente preciso ir.

— Ela fuge, Leena — brincou Paul. — Você precisa se agarrar a ela.

Leena segurou meu braço com a outra mão.

— Ah, por favor. Farei qualquer coisa para almoçarmos juntas. Em Paris. Na próxima vez que a senhorita estiver por lá.

— Eu preferiria não...

— Mas, papai, você precisa convencê-la.

Um arrepio percorreu meus braços.

Papai?

— Srta. Caroline Ferriday, Leena Rodierre — apresentou Paul, o sorriso mais perigoso do que nunca, bem de perto.

— Pascaline é meu nome artístico, mas por favor me chame de Leena.

Como eu não percebera?

— Também encenei Baltasar, Srta. Ferriday. Foi meu primeiro papel, assim como o seu. Papai me contou tudo sobre a senhorita.

— Por favor, me chame de Caroline, querida — falei, enquanto a encarava. Leena era a mistura perfeita dos pais. Alta, com a presença de palco do pai, sem dúvida. — Você deve ter sido um Baltasar perfeito, Leena.

A jovem me abraçou com força. A criança encantadora que eu encontrara no Orphelinat Saint-Philippe. Pascaline. Nascida na Páscoa...

Pascaline me soltou.

— Diga que vai a Paris, Caroline. Terei meu primeiro papel principal. Seria maravilhoso para mim se você estivesse lá.

Assenti. Foi tudo o que consegui fazer para conter as lágrimas. Ela era uma jovem adorável, com o charme do pai.

— É claro, querida — concordei.

— Bem, precisamos ir — disse Paul.

— Papai vai me apresentar às pessoas do cinema — disse Leena.

— *Au revoir*, Caroline. — Paul me deu um beijo em cada bochecha, e senti o arranhar familiar da barba dele, minha penitência. — Que tal responder às minhas cartas desta vez? Em algum momento, até eu desisto.

— Você não mudou — falei.

Ele sorriu.

— Acho que em algum lugar, em um canto do nosso coração, sempre teremos vinte anos.

Paul desapareceu na multidão, e senti a antiga pontada no peito ao vê-lo partir, mas dessa vez foi um pouco mais fácil, de certo modo. Aquilo realmente acabara de acontecer? A filha de Paul me convidara para ir a Paris?

Fugi para um táxi, depois que um mensageiro colocou minha bolsa com brindes

no porta-malas, o conteúdo dela já destinado à caridade. Conforme o táxi se afastava, vi Paul de relance, no meio da multidão, e senti uma onda de *retrouvailles*, outra daquelas palavras sem tradução para a minha língua, que significa “a felicidade de reencontrar alguém que se ama depois de muito tempo”. Abracei a mim mesma ali, no banco traseiro do táxi, tranquila por estar indo sozinha para casa.

Ele escreveria? Talvez. E talvez eu até respondesse às cartas.

* * *

NO DIA SEGUINTE, segui o conselho de Rosemary Gaynor e liguei para Norman Cousins, o famoso editor da *Saturday Review*, esperando poder marcar uma conversa com ele em seu escritório. Talvez conseguisse que ele mencionasse as mulheres polonesas na revista. Cousins sugeriu que eu passasse por lá naquela tarde.

Eu me sentei na recepção da revista e folhee o jornal. Procurei a coluna social por hábito e vi uma página cheia de fotos do baile Abril em Paris. Bem abaixo de uma foto de Marilyn Monroe com o embaixador britânico, o olhar dele fixo no decote dela, havia um retrato de Paul comigo. Quase caí da cadeira. Embora o smoking dele tivesse corte em estilo europeu, um pouco justo demais na cintura, e a cauda do meu vestido estivesse suja, formávamos um casal razoavelmente bonito. Na manchete lia-se: Srta. Ferriday e Paul Rodierre de volta à Broadway?

Eu ainda estava me recuperando do impacto de ter visto a foto quando a recepcionista me conduziu por um corredor até uma sala de reuniões, passando por fotos em tamanho ampliado de capas da *Saturday Review* em molduras de alumínio. Norman reunira sua equipe em uma longa mesa de reunião, um bloco de anotações diante de cada um.

— Prazer em conhecê-la, Caroline — disse ele, enquanto se levantava para me cumprimentar. Era impossível não se encantar por sua boa aparência à moda antiga e seu sorriso generoso. Embora até mesmo o mais simples nó de gravata pudesse se tornar inconveniente no homem errado, Norman usava sua gravata-borboleta xadrez com charme. — Você tem nossa completa atenção por exatos cinco minutos.

Norman foi até o canto da sala e se apoiou na parede. Fiquei abalada por um momento, por estar na presença de um editor tão renomado, conhecido no mundo todo. De repente, o nó no meu estômago pareceu se apertar mais do que nunca, e minha boca ficou seca. Evoquei o conselho de Helen Hayes, que sempre me ajudara no palco: “Não seja entediante. Use todo o seu corpo.” Eu me preparei e comecei com determinação.

— Sr. Cousins, como o senhor e sua esposa arrecadaram uma quantia considerável de fundos para as Hiroshima Maidens... — Fiz uma pausa e olhei ao redor da sala. A

equipe de Norman não estava nem um pouco atenta. Eles brincavam com os relógios de pulso, com as canetas, e escreviam nos blocos. Como uma pessoa conseguiria se comunicar com um público tão distraído? — Achei que poderiam estar igualmente interessados nesse grupo de mulheres em circunstâncias semelhantes.

— São mulheres polonesas? — perguntou Norman, brincando com o gravador portátil.

— Lamento, mas não posso continuar sem sua plena atenção, Sr. Cousins. Preciso que esse pouco tempo que tenho renda o máximo, o senhor entende.

Norman e a equipe se inclinaram para a frente, todos os olhos em mim. Eu tinha ganhado a plateia.

— Sim, mulheres polonesas, católicas, prisioneiras políticas, presas pelo trabalho que fizeram com a resistência polonesa foram mantidas prisioneiras no campo de concentração de Ravensbrück, o único campo de concentração grande para mulheres, e usadas para experiências médicas. Houve um julgamento especial em Nuremberg para médicos, mas o mundo se esqueceu das vítimas, e não houve ajuda nem qualquer apoio para as que sobreviveram.

Norman desviou o olhar para fora da janela, para os retângulos de pedra cinza-claro e as torres de água de Gotham que formavam a paisagem dez andares acima.

— Não sei se nossos leitores vão se interessar por outra campanha tão cedo, Srta. Ferriday.

— O projeto de Hiroshima ainda está muito recente — disse um homem com a constituição física semelhante à de um limpador de cachimbo, os óculos ao estilo Dave Garroway pelo menos duas vezes maior do que seria adequado ao rosto dele.

Eu o conhecia de vista: Walter Strong-Whitman, um homem que frequentava a nossa igreja, embora nunca tivéssemos sido apresentados.

— Essas mulheres foram operadas como parte de uma complexa série de experiências médicas — contei.

Distribuí ao redor da mesa uma série de fotos em tamanho 20x25 cm e observei o rosto dos membros da equipe enquanto passavam cada foto para a pessoa ao lado, as expressões horrorizadas.

Norman foi até a mesa.

— Meu Deus, Caroline, mal parecem pernas. Nessa estão faltando ossos e músculos inteiros. Como conseguem caminhar?

— Não muito bem, como você pode imaginar. Elas pulavam pelo campo. Esse é, em parte, o motivo de serem chamadas de Coelhas. Isso, e o fato de terem servido como cobaias de laboratório dos nazistas.

— Como elas voltaram para casa na Polônia? — perguntou Norman.

— Como conseguiram. A Cruz Vermelha sueca resgatou algumas. Outras foram mandadas para casa de trem quando os russos libertaram o campo.

— Quais são as necessidades imediatas delas? — perguntou Norman.

Eu me aproximei dele.

— Elas estão passando por problemas terríveis na Polônia, atrás da Cortina de Ferro, com pouco acesso a tratamento médico moderno e sem receber nenhuma ajuda do governo alemão.

— A Cortina de Ferro — disse o Sr. Strong-Whitman com uma risada. — Não temos que nos meter com toda aquela...

— A Alemanha Ocidental indenizou outros deportados, mas não as Coelhas, porque não reconhecem a Polônia comunista como país. Algumas morreram de causas simples, que podemos curar aqui.

— Não sei, Caroline — disse Norman. — Os russos não estão cooperando com ninguém.

— Por que essas moças devem sofrer porque seus opressores não permitem que deixem o país?

— Murphy entrou na Alemanha Oriental para a matéria da United Airlines — comentou um jovem membro da equipe.

— Isso talvez funcione como uma matéria de viagem — disse uma mulher usando um belo casaco *pied-de-poule*.

— A Pan Am é um cliente que talvez possa ajudar — acrescentou outro.

— Essa é uma péssima ideia, Norman — retrucou Strong-Whitman. — Não podemos apelar para nossos leitores a cada coisinha que acontece, pedindo esmola para isso e aquilo. Nossos leitores não dão a mínima para a Polônia.

— Por que não descobrimos? — perguntei.

— Essa é uma revista literária, Srta. Ferriday — afirmou Strong-Whitman. — Não se pode esperar que publiquemos matérias sobre cada mínima história de caridade de cada clube feminino de Nova York.

Clube feminino? Respirei fundo.

— O senhor pode manter seus altos padrões e ainda assim ajudar os necessitados. Norman provou isso com as Maidens.

— Podemos publicar uma matéria na sessão de Estilo de Vida e fornecer um endereço para doações — propôs Norman. — Nada muito elaborado, sabe. Talvez uma página.

— A musculatura de caridade desse país está atrofiada — opinou mais uma vez Strong-Whitman. — Quantos anos se passaram desde o fim da guerra? Doze? Ninguém vai colaborar.

— Que endereço para doações devemos publicar? — perguntou uma jovem com um bloco de estenografia.

— The Hay, Main Street, Bethlehem, Connecticut — informei.

Eles estavam mesmo aceitando? Todos os músculos do meu corpo relaxaram.

— Tem certeza de que deseja que a correspondência seja mandada para o seu endereço residencial, Srta. Ferriday? — perguntou a mulher.

— Como é a agência de correios em Bethlehem? — perguntou Norman. — Conseguem lidar com um volume de correspondência extra?

Pensei no chefe dos correios, Earl Johnson, branco como um pão de forma, com seu chapéu de safári e bermuda esportiva, frequentemente irritado por escreverem errado seu sobrenome.

— Ora, eles são excelentes — falei. — São inundados de correspondência todo ano, porque todos querem o carimbo de Bethlehem no selo de seus cartões de Natal. Nossa agência de correios vai conseguir lidar com o resultado da matéria que vão publicar.

— Para Bethlehem, então — concordou Norman. — Parabéns, Caroline. Vamos ver se conseguimos trazer suas Coelhas para a América.

* * *

NORMAN ACABOU ESCRREVENDO um lindo artigo de quatro páginas sobre as Coelhas.

Começava assim: “Enquanto começo a escrever, sei que minha maior dificuldade será convencer as pessoas de que o que é dito aqui não é um relance do que acontece nas entranhas de um inferno imaginário, mas parte do nosso mundo.”

O texto só melhorava a partir daí, explicando em detalhes cuidadosos o drama das moças e a situação terrível em que viviam.

Depois que a *Saturday Review* foi publicada, algumas poucas cartas chegaram, uma perguntando se as Coelhas precisavam de um agente teatral, outra querendo saber se as damas poderiam participar de um encontro do clube 4-H. Encarei a realidade de que os Estados Unidos talvez realmente sofressem de uma fadiga de caridade.

Na semana seguinte, em uma manhã de outono gloriosa e quente, tão nublada que era como ver o mundo através de uma gaze, terminei de alimentar os cavalos no estábulo e caminhei até a agência de correios de Bethlehem para pegar a correspondência. Nossa porca de estimação, a quem mamãe batizara de Lady Chatterley, me seguia, aparentemente incapaz de me deixar só.

Passei pelas amigas de mamãe, do clube de jardinagem Litchfield, que estavam reunidas no jardim, devorando biscoitinhos de coco que Serge preparara e tomando ponche, os copos de cristal projetando arco-íris enquanto bebiam. Sally Bloss, tenente de mamãe, ainda de tamancos de jardim, a bandana amarrada feito um babador de neném, estava de pé diante do grupo, falando sobre o tema do dia: vespas, as amigas do jardim. A delicada Nellie Bird Wilson, de cabelo escuro, estava ao lado, delgada

como uma vespa, segurando acima da cabeça o que presumivelmente era um ninho vazio que parecia feito de papel. A agenda social de mamãe era muito mais cheia do que a minha, repleta de reuniões do clube de jardinagem, de festas de caridade dançantes do Square and Round Dance Club local, e das atividades como técnica de seu time de beisebol.

Quando finalmente cheguei à agência de correios, que ficava a apenas alguns passos, na calçada em frente a The Hay, a bandeira americana acima da porta acenava para mim, e deixei Lady Chatterley com o nariz colado à porta de tela. A pequena agência de Bethlehem era um aglomerado de cômodos estreitos enfiados na lateral do mercado Johnson Brothers. O mercado era um ponto de encontro da cidade, com a única bomba de combustível e um balcão de sorvete.

Encontrei Earl Johnson em sua sala de correspondência, um espaço apertado, não muito maior do que um guarda-roupa. Ele estava sentado no banco alto, com um muro de escaninhos para correspondência cheio de envelopes atrás dele. A julgar pelas roupas, Earl preferia o lado neutro do espectro de cores, e dava a impressão de que, se ficasse imóvel pelo tempo necessário, se tornaria indistinguível da correspondência. Gotas de suor brilhavam em sua testa, sem dúvida graças aos dez minutos de rigorosa triagem de correspondência naquela manhã.

Earl se inclinou até mim pela janelinha e deslizou na minha direção um folheto divulgando a Feira Bethlehem, que estava prestes a acontecer.

— Tem feito calor — comentou Earl, incapaz de me olhar nos olhos.

Eu parecia assim tão feroz?

— É verdade, Earl.

— Espero que não esteja aqui para ver o barbeiro no andar de baixo. Ele não vem trabalhar hoje.

Peguei o folheto.

— Essa é a única correspondência para mim?

Earl se levantou e saiu de seu cubículo.

— Pode me ajudar com uma coisa, Srta. Ferriday?

A vida no campo tem seus encantos, mas senti um súbito anseio, além de gratidão, pela agência de correios de Manhattan na 34th Street, aquele enorme complexo de eficiência com suas pilastras.

— Vamos, Earl?

Ele acenou para que eu seguisse pelo corredor dos fundos e fui atrás dele. Earl se demorou diante de uma porta fechada.

— O que foi? — falei. — Abra.

— Não posso — disse ele, dando de ombros.

Eu me abanei com o folheto.

— Ora, pegue a chave, pelo amor de Deus.

— Não está trancada.

Girei a maçaneta, então empurrei a porta com o quadril, mas só consegui abrir uma fresta da sala escura.

— Tem algo bloqueando a porta, Earl. O que vocês fazem aqui o dia todo? Não deve ser muito difícil manter as coisas organizadas.

— Clyde! — chamou Earl em voz alta.

O sobrinho do Sr. Jardineiro veio correndo.

— Sim, Earl? — disse o querido Clyde, que não ocupava muito mais espaço do que duas folhas de papel.

— Entre aí para a Srta. Ferriday — disse Earl.

— Sim, senhor — concordou Clyde, feliz por ter uma missão que homenageava seu tamanho.

O rapaz deslizou pela fresta da porta como um percevejo se esgueirando pelo caixilho de uma janela.

Encostei os lábios na fresta.

— Abra a porta, Clyde.

— Não consigo, Srta. Ferriday. Tem troços na frente dela.

— Troços? — Onde Clyde estava aprendendo esse linguajar? — Você realmente precisa arrumar esse lugar, Earl.

Ele esfregou um nó da madeira do piso com a ponta do sapato.

— Libere logo a porta, Clyde — falei. — Abra as venezianas e então poderemos ajudar.

Eu o ouvi mexendo no que havia lá dentro, depois um gemido e o barulho da veneziana sendo erguida.

— Estou quase lá, Srta. Ferriday — disse Clyde.

Ele abriu a porta, e um adorável sorriso iluminava seu rosto, os dentes brancos e retos como teclas de um piano Steinway.

O cômodo estava abarrotado de bolsas de lona, grandes o bastante para guardar o próprio Clyde, com o carimbo U.S. MAIL estampado em letras azuis em todas elas. As bolsas cobriam o chão e o balcão que corria ao redor da sala. As cordas que amarravam algumas das bolsas haviam se rompido, e pilhas de cartas e pacotes se aglomeravam no chão.

Andei em meio à avalanche de envelopes.

— Todas são endereçadas a uns coelhos, Srta. Ferriday — disse Clyde. — Veja, essa veio do Havaí.

— Meu Deus, Earl — falei, um pouco zozna. — É tudo para nós?

— Há mais dez no caminhão. Tenho jogado as bolsas aqui dentro pelas janelas.

— O que aconteceu com o lema dos carteiros americanos, “Nem a neve, nem a chuva, nem o calor, nem a escuridão da noite impedirão esses carteiros de completar

rapidamente as rotas que lhes foram designadas”, Earl?

— Como, senhorita?

— Por que não me avisou?

Peguei um punhado de cartas com remetentes de Boston, de Las Vegas... Do México?

— No Natal, tenho quinze funcionários extras — explicou Earl. — No verão, só tem eu aqui. E há mais no porão. Tantas que o barbeiro não conseguiu entrar.

O Sr. Jardineiro e as damas do clube de jardinagem de mamãe seguiram em comboio levando carrinhos de mão que transportavam a correspondência para The Hay, Clyde montado sobre uma bolsa como se ela fosse um pônei, e Lady Chatterley se esforçando para acompanhar nosso passo. Abrimos todas as cartas, as separamos em pilhas em cima da mesa da sala de jantar e compartilhamos o conteúdo.

— A revista *Seventeen* está desenhando uma linha de roupas para as moças! — disse Sally Bloss. — O Dr. Jacob Fine, do Beth Israel Hospital, está oferecendo cuidados médicos...

Nellie Bird Wilson acenou com um papel de carta de Roy Rogers.

— Kevin Clausen, de Baton Rouge, mandou a mesada dele.

— Que bonitinho — falei, enquanto anotava tudo.

Mamãe não conseguia abrir os envelopes com rapidez suficiente.

— National Jewish Hospital em Denver, Caroline.

— Universidade do Estado de Wayne — falou o Sr. Jardineiro. — Dr. Jerome Krause, dentista.

Sally pegou uma carta com um castelo azul no papel timbrado.

— A Disneylândia, em Anaheim, está doando ingressos... As moças serão convidadas de honra do Sr. Disney.

— A Fundação Danforth enviou um cheque, Caroline — disse mamãe. — Um cheque colossal.

Nellie se abanou com um envelope enquanto lia.

— A empresa Converse Rubber quer desenhar uma coleção de calçados para as damas.

— Roupas e bolsas de Lane Bryant — disse Serge.

Em uma pilha, separamos toda a correspondência de radiologistas e ortopedistas que se prontificavam a prestar cuidados médicos; em outra, dentistas que ofereciam tratamento gratuito. Uma pilha para hospitais fornecendo leitos. Famílias de Bar Harbor a San Diego abrindo suas casas para as moças. Ao anoitecer, somamos o dinheiro e os cheques enviados e totalizamos mais de seis mil dólares, que era mais do que o bastante para pagar uma viagem para elas.

Na edição seguinte da *Saturday Review*, Norman disse que a América era “eletrizante em sua generosidade” e eu estava zonga de felicidade.

Nossas Coelhas estavam vindo para os Estados Unidos.

Caroline

1958

O DR. HITZIG e eu chegamos à Polônia naquela primavera. Foi um prazer viajar com ele, um homem abençoado com uma mente ágil e uma atitude gentil que geralmente só se costuma encontrar entre os Amish. Ele era nosso médico americano especializado em cirurgia ortopédica e tinha a missão de determinar quais damas polonesas estavam saudáveis o bastante para aguentar uma viagem aos Estados Unidos, mais para o fim do ano. Eu fui junto para organizar os documentos de viagem e intermediar os contatos.

Uma delegação oficial nos encontrou e nos levou para a Clínica Ortopédica de Varsóvia em um carro particular. Assim que entramos na clínica, os médicos poloneses cercaram o Dr. Hitzig. Apertaram a mão dele, deram tapinhas nas suas costas e o acompanharam até uma mesa de conferência diante de um palco improvisado. Eu me sentei ao lado do Dr. Hitzig enquanto vinte e nove outros médicos, poloneses e russos, nos seguiam. Também havia dois membros da ZBoWiD, a Sociedade de Defensores da Liberdade e Democracia, uma associação oficial de veteranos poloneses, com quem as autoridades normandas e eu trabalhamos para garantir os direitos das Coelhas.

A clínica se parecia muito com o salão da Granja Bethlehem, muito aberto e tão cheio de correntes de ar que sentíamos o vento entrando pelas janelas mesmo no centro do salão.

As primeiras três damas entraram na clínica abraçadas, apertando a gola dos casacos junto ao queixo. Cada uma delas trazia uma bolsa de tecido pendurada no braço e mostrava na expressão o esforço exigido pelo deslocamento até ali, já que simples degraus pareciam ainda dolorosos para as três. Nosso tradutor, um homem severo, com cabelo semelhante ao de Stalin, sentou-se do outro lado do Dr. Hitzig, e as mulheres foram para trás do biombo que havia atrás do palco.

A primeira Coelha, uma bela mulher com cerca de trinta e poucos anos, cabelo curto e escuro, e olhos castanhos, emergiu do biombo parecendo uma deusa grega, o

corpo envolvido em um lençol branco simples. Ela andou com dificuldade até a cadeira dobrável no palco, se encolhendo a cada passo. Depois de sentada, encarou a audiência com o queixo erguido.

O médico que estava à frente dos procedimentos, professor Gruca, um homem afável e cheio de energia, com a compleição física de um hidrante, assumiu o palco e leu o documento que tinha em mãos. Ao que pareciam ser intervalos intermináveis, o tradutor compartilhava a versão em inglês do que ele dizia:

— A morte do amigo próximo de Adolf Hitler, o *SS-Obergruppenführer*, Reinhard Heydrich, precipitou as experiências médicas que se sucederam, que são descritas como “as operações de sulfonamida”, no campo de concentração de Ravensbrück. O Dr. Karl Gebhardt, amigo íntimo e médico pessoal de Heinrich Himmler, foi chamado para tratar de Heydrich, que fora gravemente ferido, em uma tentativa de assassinato, por um carro-bomba enviado pela resistência tcheca.

Mantive o olhar fixo na mulher no palco. Ela continuava de cabeça erguida enquanto escutava.

— Ao tratar de Heydrich, o Dr. Gebhardt se recusou a usar medicamentos que contivessem sulfa e escolheu outra linha de tratamento. Quando Heydrich morreu, Hitler acusou Gebhardt de deixar o amigo dele morrer de gangrena gasosa. Como resultado, Himmler e Gebhardt planejaram um modo de provar a Hitler que a decisão de não usar sulfa fora correta: uma série de experiências, primeiro feitas em homens, em Sachsenhausen; e depois nas internas de Ravensbrück.

A mulher no palco afastou o cabelo da testa, a mão trêmula.

— Gebhardt e sua equipe realizaram cirurgias em mulheres perfeitamente saudáveis, escolhidas por terem pernas fortes e resistentes, para replicar ferimentos traumáticos. Eles aplicaram culturas de bactérias aos ferimentos para provocar gangrena gasosa, então administraram sulfa em algumas. Cada paciente de sulfa que morria provava a teoria de Gebhardt. As internas operadas incluíam — disse o Dr. Gruca, indicando a mulher na cadeira —, Kasia Bakoski, cujo sobrenome de solteira era Kuzmerick, e que atualmente trabalha como enfermeira do Estado.

O médico afastou o lençol que cobria a mulher para revelar a perna dela. Ao meu lado, o Dr. Hitzig arquejou. A canela estava franzida e terrivelmente desfigurada, como um peixe estripado.

— A Sra. Bakoski foi operada em 1942 e passou por outras três cirurgias subsequentes. Todas do Grupo Um: bactéria, madeira, vidro e materiais adicionais foram introduzidos. Uma incisão foi feita na extremidade inferior esquerda e vasos sanguíneos em ambos os lados do ferimento foram ligados.

Conforme o médico continuava falando, Kasia mantinha o queixo erguido, mas sua boca ficou menos rígida e seus olhos estavam vidrados.

— Pó de sílica e fragmentos de madeira foram introduzidos, o ferimento foi

costurado e a perna, engessada — disse o médico.

O médico não percebia como a mulher à sua frente estava incomodada? Eu me levantei e me aproximei do palco.

— O gesso permaneceu no lugar por tempo o bastante para que a gangrena gasosa e outras condições se desenvolvessem — prosseguiu o médico. — Então, introduziram as sulfonamidas.

Os médicos faziam anotações.

— Além de severa deformidade, que afeta todo o sistema esquelético, as pacientes sofreram reações pós-traumáticas do cérebro, depressão...

— Sinto muito, mas... — disse Kasia.

Ela se levantou, uma das mãos tapando os olhos, a outra segurando o lençol no peito.

Subi no palco.

— Isso não pode continuar, doutor — falei.

— Mas essas mulheres concordaram com isso — disse o Dr. Gruca. — Os médicos abriram espaço em suas agendas ocupadas para estarem aqui.

— As Coelhas tiveram que fazer o mesmo, doutor. O senhor pode continuar os exames em um ambiente privado. O senhor, o Dr. Hitzig e eu estaremos presentes.

— Isso é muito...

Peguei Kasia pela mão.

— Essas mulheres já foram vítimas uma vez, mas não serão abusadas de novo enquanto eu estiver presente.

— Vamos continuar em uma sala de exames menor — sugeriu o Dr. Hitzig.

Ajudei Kasia a sair do palco e ir até a área designada como vestiário, e fiz o que pude para ajudá-la a se vestir.

— Obrigada — disse ela. — Fico grata por sua ajuda.

— Você fala inglês muito bem, querida.

— Nem tanto.

— Seu inglês certamente é melhor do que o meu polonês.

— Minha irmã Zuzanna ainda não chegou, mas está na lista. Ela é médica. Zuzanna fala inglês muito bem.

— Vou procurar por ela.

Os exames progrediram depois que as moças foram levadas para uma sala menor, atendidas apenas pelo Dr. Hitzig, pelo Dr. Gruca e por mim. A irmã de Kasia, Zuzanna, foi a última paciente a ser examinada. Ela perguntou se Kasia poderia assistir ao exame e os médicos concordaram.

— Zuzanna Kuzmerick — leu o Dr. Hitzig. — Quarenta e três anos. Fez parte do grupo de controle das operações com sulfonamida. Foi infectada com estafilococo e tétano. Um dos poucos casos que, mesmo sem receber antibióticos, se recuperou

espontaneamente. Hoje em dia sofre com dores de cabeça, tontura ocasional e perturbações gástricas. Possível úlcera gástrica, tratada com antiácidos. — O Dr. Hitzig parou subitamente de ler.

— Continue, doutor — disse Zuzanna. — Não tem problema.

O Dr. Hitzig retirou os óculos.

— Não acho que seja...

— Eu já vi o que está escrito aí — esclareceu ela. — Na verdade, fui eu que escrevi. Diz que fui esterilizada no campo de concentração, não é isso?

Kasia se levantou.

— Ah, não, Zuzanna.

— Está tudo bem. Eu redigi o relatório. Por favor, doutor... Continue.

O Dr. Hitzig voltou a colocar os óculos. Zuzanna ficou sentada ereta na cadeira enquanto ele começava o exame, apalpando as laterais do pescoço dela.

— É difícil para você ser uma médica que de repente se torna paciente? — perguntei.

— Não — respondeu Zuzanna. — É importante ver os dois lados. Isso me torna uma médica melhor. Essa é uma das razões pelas quais eu gostaria de ir para os Estados Unidos. Gostaria de ter aulas de medicina mais avançadas e aprender o máximo que puder.

Zuzanna falava um inglês tão bom, com o encantador e cadenciado sotaque polonês, que era um prazer ouvi-la.

O Dr. Hitzig apertou com dois dedos a lateral esquerda do pescoço dela.

— O que foi, doutor? — perguntou ela.

— Ah, nada — respondeu o médico. — Acho que encerramos aqui.

Enquanto arrumávamos tudo e as mulheres polonesas se preparavam para a viagem de volta para casa, o Dr. Hitzig confabulava com seus colegas médicos, e eu distribuí os presentes que trouxera dos Estados Unidos.

— Venham até aqui, meninas — chamei e estendi uma das lindas bolsas que levava, de couro azul-marinho. O fecho dourado cintilou sob a luz. — Essas bolsas foram doadas por uma loja americana maravilhosa chamada Lane Bryant.

As Coelhas permaneceram imóveis, como se houvessem criado raízes. Eram um grupo tão sério...

— Meninas, por favor, não fiquem tímidas — falei, estendendo a bolsa mais adiante. — São de graça. Foram doadas. E azul é a cor da moda este ano.

Nenhum movimento. Peguei uma caixa de chocolates sortidos Whitman, o nome na embalagem pintado em uma imitação de ponto-cruz.

— Alguém quer chocolate? — Ninguém se moveu. — Fig Newton's, que tal? São biscoitos recheados de figo.

— O que acha de tirarmos uma foto? — sugeriu Kasia, indicando a minha

máquina Leica. Elas se organizaram em uma pose e a foto saiu natural, como um buquê de flores em um vaso. — Como será essa viagem? — perguntou ela.

— Até agora, o plano é que as Coelhas comecem pela cidade de Nova York e então se espalhem para ficar hospedadas em casas particulares por todo o país. Depois, o grupo se encontrará em São Francisco e seguirá para Los Angeles, e voltará atravessando o país de ônibus, visitando Las Vegas, Texas e terminando na capital, Washington.

Kasia traduziu para as outras, que haviam se aproximado para ouvir. Eu esperei ver ao menos sorrisos, mas todas permaneceram muito solenes.

— Elas gostariam de saber de onde parte o navio — disse Kasia.

— Ah, não haverá *navio* — expliquei. — A empresa aérea Pan American doou passagens de avião.

Depois disso, seguiu-se uma conversa animada em polonês e muitos sorrisos.

— A maior parte de nós nunca andou de avião — falou Kasia.

O Dr. Hitzig enfiou a cabeça pela porta e todos os olhos se voltaram para ele.

— Temos nossa lista final — anunciou ele. — Podemos conversar em particular, Srta. Ferriday?

Eu me apressei a me juntar ao médico em nossa sala de exame.

— Todas estão liberadas para viajar — disse ele.

— Que maravilha.

Suspirei fundo.

— Menos uma. A médica.

— Zuzanna? Por que, pelo amor de Deus?

— Lamento dizer, mas encontrei um linfonodo de Virchow endurecido.

— O quê?

— Isso indica um tumor canceroso.

— Pode ser tratado?

— Provavelmente não. É uma forte indicação de câncer no estômago. Temo que os dias dela estejam contados.

Eu me apressei até as mulheres que já estavam na porta, de casaco, prontas para voltarem para casa. Pedi a Zuzanna e Kasia que se reunissem comigo e com o Dr. Hitzig em particular e levei-as para a sala de exames. Elas se sentaram nas cadeiras dobráveis.

— Zuzanna, eu lamento, mas... — disse o Dr. Hitzig. — O inchaço que encontrei em seu pescoço é um linfonodo de Virchow endurecido.

— O assento do diabo? — perguntou Zuzanna.

— Prefiro a designação “linfonodo sinalizador” — falou ele.

— É um sintoma de câncer gástrico, não é? — disse ela.

— Lamento que seja, sim.

— É péssimo ter um câncer batizado com o nome de um médico *alemão* — comentou Zuzanna com um sorriso abatido e os olhos úmidos.

— Como pode ter certeza? — perguntou Kasia.

— Vamos fazer mais exames — disse o Dr. Hitzig. — Mas a conclusão da equipe médica é que você não é candidata a viajar para os Estados Unidos.

Kasia se levantou.

— O quê? A razão dessa viagem é exatamente conseguir atendimento médico que não temos aqui. Como podem nos trazer até esse lugar e se recusar a levar a pessoa que mais precisa de vocês? Ela pode ficar com o meu lugar.

— Não é questão de espaço, Kasia — falei.

— Falou que queria nos ajudar, Srta. Ferriday, mas não se importa de verdade. Trouxe bolsas elegantes e esperava que pulássemos em cima delas.

— Achei que vocês gostariam...

— Somos *damas*, Srta. Ferriday. Damas que não gostam de ser chamadas de Coelhas... animais que se assustam com facilidade, que vivem em gaiolas. Damas que vivem em um país onde não se pode aceitar presentes. Isso não é óbvio para a senhorita? Uma bolsa nova dada por uma americana? Pessoas desapareceram por menos do que isso. Uma jornalista polonesa aceitou chocolates de um americano e, desde então, nunca mais se ouviu falar dela.

Senti meu rosto ficar quente. Como eu podia ter sido tão arrogante?

— Kasia, por favor — pediu Zuzanna.

— Realmente deseja ajudar, Srta. Ferriday? Ajude a minha irmã.

Kasia foi até o Dr. Hitzig.

— Eu lhe pagarei o que for necessário para colocá-la nessa lista.

— Saberemos mais após o exame... — começou o Dr. Hitzig.

— Minha irmã é uma mulher que pode salvar vidas. Não fez nada além de ajudar os outros. Se o senhor tratar dela, estará tratando outros milhares.

— Eu gostaria que fosse diferente, mas os médicos aqui concordaram — disse o Dr. Hitzig.

— Não podemos passar por cima do ZBoWiD — falei.

— Estou indo embora — avisou Kasia. — Isso é um absurdo.

Ela saiu apressada.

— Sinto muito mesmo — falei para Zuzanna.

A mulher colocou a mão no meu braço.

— Eu compreendo, Srta. Ferriday...

— Caroline, querida.

— O importante é que as outras moças sigam para os Estados Unidos.

Tomei Zuzanna nos braços e a abracei com força. Que mulher encantadora. Tão magra... Que tragédia ela estar doente. Se ao menos pudéssemos lhe ministrar alguns

dos remédios das Woolsey...

Quando finalmente nos afastamos, Zuzanna pegou a minha mão.

— Não se incomode com a minha irmã, Caroline. Kasia fica um pouco tensa às vezes. Passamos por muitas coisas juntas. Mas agradecemos muito pelos seus presentes.

Ela sorriu.

— E se quiser deixá-los na chapelaria, eu me certificarei de que as outras os recebam quando ninguém estiver olhando.

Kasia

1958

NO DIA ANTERIOR ao que eu estava programada para ir para os Estados Unidos, nosso quartinho estava cheio de roupas espalhadas, algumas minhas, a maioria emprestadas. Pietrik esfregou as costas, doloridas por tirar minha mala da prateleira do armário e colocar lá em cima de novo, afinal eu havia feito e desfeito a mala seis vezes. Pietrik tinha recebido um rádio da fábrica, como prêmio por ter sido o operário mais produtivo, e nós o havíamos ligado, pois o atraente Eddie Fisher, meu cantor favorito, estava cantando.

Dungaree doll, dungaree doll,
Paint your initials on my jeans...

Pietrik me abraçou, e ficamos nos balançando ao ritmo da música. Seria bom ser capaz de dançar novamente. Mas como eu poderia ir para os Estados Unidos e ser operada sem Zuzanna?

Soltei Pietrik e continuei desfazendo a mala.

— Como você pode ser tão boba? — perguntou ele.

— Não vou sem Zuzanna.

Pietrik se sentou na cama perto da minha mala aberta, a velha mala verde de *matka*.

— Zuzanna disse para você ir. Como pode deixar essa oportunidade passar?

Eu queria entrar naquele avião, mais do que quis qualquer coisa havia muito tempo. Eu teria a oportunidade de fazer minha perna voltar ao normal, ou quase. Apenas a ideia de me libertar das dores já me causava vertigens. Todas nós tínhamos tratamento dentário agendado. Será que os dentistas conseguiriam consertar meus dentes? Tinham ficado tão ruins que eu dificilmente sorria. Além do mais, qual seria a sensação de voar em um jato para Nova York e ver as paisagens? A Califórnia também. Os jornais de Lublin já tinham nos transformado em celebridades.

Tirei meu vestido bom da mala e o pendurei novamente no armário.

— Como posso ir e deixar Zuzanna aqui?

— Vamos sentir sua falta se você for — disse ele. — Mas pense em tudo o que você vai perder, Kasia. Zuzanna é quem mais quer que você vá. E pense em Halina. Como está vendo isso, a mãe dela com medo?

A ideia de voar em um avião pela primeira vez me dava dor no estômago, sem contar a perspectiva de usar meu inglês horrível nos Estados Unidos, e ainda por cima outra operação.

— Eu ficaria fora durante meses. Quem me garante que Zuzanna ainda vai estar viva quando eu voltar?

Pietrik pegou minha mão.

— Vamos tomar conta dela muito bem.

Era uma sensação boa ter a mão dele em volta da minha. Eu me afastei e fechei o cadeado da minha mala vazia.

— Não vou mudar de ideia — falei.

Pietrik ergueu minha mala, devolvendo-a para a prateleira superior do armário.

— Você tem que aprender que existem certas coisas que não dá para mudar.

— Então seria melhor eu deixar minha irmã aqui para morrer? Eu não...

Eu me virei e encontrei Zuzanna na porta do quarto.

— Ah, eu estava...

Será que ela tinha escutado?

Zuzanna entrou no quarto, com as mãos para trás.

— Não se preocupe com isso, Kasia.

Fiquei parada, os braços cruzados.

— Eu não vou sem você.

— Fico feliz — comentou ela.

— Então você não está aborrecida comigo?

Ela sorriu.

— De jeito nenhum.

Enrosquei meus braços ao redor dela e senti suas costelas pelas costas do seu vestido.

— Ótimo, porque eu nunca deixaria você.

— Bom, fico feliz com isso. Porque, se eu vou morrer, quero que você esteja por perto. — Zuzanna tirou do bolso um envelope de telegrama. — Principalmente porque vamos estar juntas em Nova York.

Ela puxou uma folha de dentro do envelope, pigarreou e leu:

— “Srta. Zuzanna Kuzmerick liberada para viajar para EUA PT Documentos de viagem a caminho PT Comparecer ao Aeroporto de Varsóvia com grupo com destino a Nova York PT Boa viagem PT Caroline Ferriday PT.”

Pietrik se aproximou do armário e puxou a mala da prateleira enquanto Zuzanna e eu nos balançávamos nos braços uma da outra ao ritmo da voz suave de Eddie Fischer.

Together, together, together.

Kasia

DEZEMBRO DE 1958

ATERRISSAMOS NO AEROPORTO Idlewild em Nova York às 8h30 da manhã, trinta e cinco polonesas muito agitadas. O burburinho contínuo do polonês falado naquele avião estava alto demais, mas os outros passageiros foram gentis e aparentemente gostaram de observar toda a movimentação.

Caroline nos recebeu quando descemos a escada do avião — algumas muito devagar — e indicou cadeiras de rodas. O nome Caroline significa alegria; então não admirava que estivéssemos todas tão felizes em vê-la. Ela estava linda, em um terninho azul-marinho, cachecol francês e um pequeno e encantador chapéu de feltro com uma pena no alto.

“Por que ela não se casou?”, todas as mulheres polonesas se perguntavam.

Alta, magra e de uma beleza delicada, com o porte nobre de uma rainha, Caroline teria recebido muitas propostas de casamento por dia na Polônia.

Assim que passamos pela alfândega, uma enxurrada de repórteres, membros da Cruz Vermelha e amigos de Caroline nos cercaram... Tantos flashes de máquina fotográfica disparando!

— O que vocês estão achando dos Estados Unidos até agora? — perguntou uma repórter, apontando um microfone para o meu rosto.

— Se a comida do avião servir como um sinal, então vai ser uma boa estadia — respondi.

Todo mundo riu.

— Boas-vindas às senhoras polonesas — disse Caroline, o braço em torno da cintura de Zuzanna. — Um símbolo de paz cruzando quilômetros.

Nunca se viu tantos rostos sorridentes em um só lugar.

Naquela semana, todas nós nos separamos e seguimos para cidades diferentes. Zuzanna e eu ficamos em Nova York com Caroline, para tratamento no Hospital Mount Sinai. Outras foram para Boston, para cirurgias reconstrutivas; para Detroit, Baltimore e Cleveland, para cirurgias cardíacas. Duas seguiram para o National

Jewish Hospital, em Denver, para obterem o melhor tratamento do mundo para tuberculose, pois seus pulmões ainda estavam prejudicados.

Minha irmã e eu tivemos sorte de ficar em Nova York, porque lá havia muita coisa para se ver. Caroline nos levava para toda parte, Zuzanna sempre no banco da frente, é claro. Parecia que Caroline não se cansava de aproveitar a companhia dela, como se de repente fossem grandes amigas.

— Este é o Central Park, senhoras, um dos mais lindos parques do mundo.

— Nós temos parques lindos na Polônia — comentei.

Ela falava daquele como se fosse o único no mundo.

Percorremos a Quinta Avenida. Centenas de carros lotavam as ruas, muitos deles com apenas uma pessoa dentro. Que desperdício! Como isso era permitido?

Nosso primeiro dia no hospital foi corrido, lotado de exames de sangue e todos os exames que se pode imaginar. O Hospital Mount Sinai era um complexo impressionante, dez vezes maior do que qualquer hospital polonês. Levávamos muito tempo para nos locomovermos de um lugar para outro, já que a dor na perna me obrigava a descansar com frequência, e Caroline parava todo mundo que encontrava para nos apresentar.

— Essas senhoras estão aqui para tratamento médico e vieram lá da Polônia — dizia ela.

As pessoas eram educadas, mas nos olhavam com piedade. Era gentil de Caroline nos apresentar, mas tornava impossível que nos misturássemos com as pessoas.

As portas de vidro do hospital se abriram como em um passe de mágica, e Caroline tomou a dianteira com Zuzanna enquanto corríamos para nos encontrar com o médico. Minha irmã olhava ao redor, observando cada mínimo detalhe.

— Dá para acreditar neste lugar? Gigantesco!

Caroline, sem parar de andar, se virou.

— Seis andares. Tudo de última geração.

— Como eles conseguem conhecer os pacientes em um lugar tão grande? — perguntei.

Zuzanna diminuiu o ritmo para caminhar ao meu lado.

— Este é o futuro da medicina. Mal posso esperar para ver a enfermaria de reabilitação.

— Temos isso em casa — falei.

— O quê? Uma corda de pular e dois halteres? Aqui eles têm uma unidade inteira só de hidroterapia. Algumas pessoas ficariam muito agradecidas por receber esses cuidados.

Nós vestimos camisolas hospitalares e a enfermeira colocou uma pulseira de papel em meu pulso. Enquanto seguíamos em direção ao raio X, mantive minha bolsa e minhas roupas comigo, ainda que um escaninho tivesse sido oferecido.

— Dá para acreditar nesse equipamento? — perguntou Zuzanna.

Joguei um robe leve por cima da bata.

— O nosso faz a mesma coisa. Só não é tão novo.

Fomos até o consultório do médico com chinelos que tivemos permissão de manter.

— Por favor, deixe que eu pegue seus pertences — disse a auxiliar do médico, uma mulher alta que usava um chapéu pregueado de enfermeira.

Ela tentou pegar minhas roupas e a bolsa que eu tinha nos braços, mas eu segurei firme.

— Vou ficar com isso, obrigada.

A enfermeira me ajudou a subir em um banco de degraus para me sentar na maca e ser examinada. O papel encrespou embaixo de mim na hora em que me sentei. O Dr. Howard Rusk era um homem atraente, com uma mecha de cabelo branco e uma expressão facial agradável. Ele segurava uma pequena caixa de metal que cabia na palma da sua mão.

— Tenho a sua permissão para gravar minhas observações com esse dispositivo? Ganho tempo com isso.

Um médico pedindo permissão para uma paciente? Isso era novidade.

Assenti, e o Dr. Rusk falou para a caixa:

— As operações no campo de concentração de Ravensbrück, em Fürstenberg, Alemanha, durante o ano de 1942, deixaram a Sra. Bakoski, uma mulher caucasiana de trinta e cinco anos, de ascendência germano-polonesa, com função muscular reduzida na panturrilha, complicada pela introdução de elementos estranhos.

Ele deslizou minha chapa de raio X sob a moldura de metal da caixa de luz e a iluminou.

Zuzanna se voltou para mim, a boca aberta. Havia uma caixa de luz em cada sala de exame. Nós só tínhamos uma no nosso hospital.

Meu raio X mostrava um amontoado de objetos na minha panturrilha. Como era estranho ver com tantos detalhes! Eu tinha feito muitas radiografias, mas nunca com tanta clareza. Aquilo me levou de volta à sala de cirurgia de Ravensbrück. O Dr. Gebhardt. A Dra. Oberheuser. Comecei a suar quando o médico enfiou outra radiografia na caixa de luz.

— A tíbia foi reduzida em seis centímetros, resultando em marcha antálgica. Uma rede de neuromas se desenvolveu em torno do local, fonte parcial da dor nervosa localizada que a Sra. Bakoski sofre. O tratamento proposto é o seguinte: procedimento cirúrgico para remover os elementos estranhos e os neuromas, a fim de aumentar o fluxo sanguíneo e reduzir a dor, e cirurgia plástica reconstrutiva. Prótese ortopédica, medicação analgésica conforme necessário e período psiquiátrico pós-operatório de rotina recomendado.

No momento que o Dr. Rusk desligou seu gravador, eu estava praticamente sem respirar. Será que dava para perceber?

— Alguma pergunta, Sra. Bakoski?

— Após a operação, ainda vou sentir dores?

— Difícil dizer com certeza. Há uma chance de que ainda exista alguma dor, mas ela será substancialmente reduzida. Sua locomoção vai melhorar de maneira significativa.

— Mais nenhuma pergunta, doutor. Obrigada.

Desci da maca, ansiosa para sair daquela sala e ficar longe das radiografias penduradas ali.

— Também recebemos avaliação psiquiátrica pós-cirúrgica, para mais tarde.

— Não sou louca, doutor.

— É rotina. As Donzelas de Hiroshima acharam útil. — O médico ajudou Zuzanna a subir na mesa. — Muito bem, então. A senhora vai passar a noite aqui, e vamos começar amanhã de manhã. Pode esperar na recepção para dar entrada.

— A operação vai ser amanhã? — perguntei.

— Quanto mais cedo começarmos, mais cedo a senhora vai se recuperar.

Recuperar? Minha mente voltou para a sala de recuperação da *Revier*. Como eu poderia passar por isso de novo?

O Dr. Rusk se voltou para Zuzanna, e saí da sala, o pânico me retalhando por dentro. Será que a cirurgia seria dolorosa? Será que eu ficaria deitada com um gesso durante dias?

Eu me troquei, vesti minhas roupas novamente, segui meu caminho pelo labirinto de corredores e saí pelas portas mágicas. Não faria nenhuma operação. Eu estava feliz com a minha marcha antálgica, obrigada.

Kasia

1958

NA RUA, TIREI minha identificação do hospital e a joguei em uma lata de lixo. Era bom ser uma anônima caminhando nas ruas movimentadas de Nova York.

O sinal de trânsito se acendeu: PARE. Fiquei parada ali na calçada, mas a multidão continuou atravessando a rua.

Caminhei até minha perna doer, olhando os chapéus nas vitrines das lojas, e em seguida voltei à sala de espera do hospital. Eu me sentei e folhee algumas revistas: essa era minha parte favorita de uma consulta médica, principalmente olhar as revistas americanas. Dei uma espiada na *Saturday Review*. Parei em um anúncio de *O diário de Anne Frank*, um filme novo. Uma bela atriz estava sentada de pernas cruzadas, vestida de camponesa, e sorria, a concepção americana de como seria a verdadeira menina.

Depois parei de repente em um artigo: AS LAPINS ESTÃO CHEGANDO era o título do artigo, escrito por Norman Cousins. *Lapin*. Como soava muito mais bonita a palavra “coelha” em francês! A maneira como ele contava a história também soava bonita.

“Por enquanto trezentos leitores da *Saturday Review* contribuíram com quase seis mil dólares para o fundo geral das Lapins... Os maiores custos ainda estão por vir, claro...” Como os americanos foram generosos conosco.

De súbito, Caroline e Zuzanna apareceram ao meu lado.

— Kasia, por onde você andou? — perguntou Caroline. — Estávamos procurando você.

— Eu precisava de ar puro. Podemos ir embora agora?

— Ir embora? — Caroline olhou ao redor, quase perdendo o equilíbrio. — Estão esperando você para se internar. Onde está sua identificação?

— Eu preferia não...

— Faz ideia de tudo o que foi feito por causa de vocês? O Dr. Rusk é um dos melhores cirurgiões do país.

A pena no chapéu de Caroline balançava enquanto ela falava.

— Ninguém me perguntou se eu queria isso — falei.

As bochechas de Caroline ficaram vermelhas.

— Você está arriscando tudo aquilo pelo que nós lutamos. Agora Zuzanna também está atrasada.

Zuzanna me pegou pelo braço, e com pouca delicadeza.

— Posso falar com Kasia em particular?

Ela me levou para um canto afastado.

— Você perdeu o juízo?

— Não consigo fazer isso de novo.

— Sei que é difícil, mas não vai ter essa oportunidade...

— Quero pensar sobre o assunto.

— Não, Kasia. É agora ou nunca.

— A ideia de ter mais um gesso... E como sei que posso confiar neles depois que eu apagar?

— Não vai haver gesso. Eu perguntei. E vou estar lá com você. Vou ficar observando tudo.

— Vai ficar comigo?

— Vou participar da cirurgia, se deixarem. Observar o procedimento todo. Ninguém vai machucar você, a não ser eu, se não voltar para lá agora.

* * *

QUANDO ACORDEI APÓS a cirurgia, pensei estar de volta na *Revier* em Ravensbrück. Minha pulsação acelerou, mas quando senti minha perna enrolada em uma bandagem limpa e me lembrei de onde eu estava, o alívio me inundou até as pontas dos dedos. A melhor parte é que eu mal sentia dor. A morfina era administrada por via intravenosa, nada de me espetar com uma agulha! Não demorou muito e eu logo estava comendo alimentos pastosos e até bebendo café. Na cama havia seis botões para ajustar a posição, e eu tinha minha própria enfermeira, Dot, originária de uma ilha comprida, perto de Manhattan. Ela usava um chapéu branco com listras pretas no alto, o que significava que havia sido treinada no Hospital Mount Sinai. Não muito diferente do chapéu que eu usava em casa.

Na tarde seguinte, caminhei pela primeira vez, apoiando-me pesadamente em duas enfermeiras, mas foi a melhor sensação do mundo dar passos sem as costureiras fisgadas na panturrilha.

Quando Dot trouxe meu almoço, eu não consegui parar de tagarelar.

— Vou andar para todo lado a partir de agora. Vou dançar com meu marido de novo.

Dot retirou a bandeja do meu almoço, algo que, em Lublin, uma auxiliar de enfermagem teria feito.

— Parece que você faz parte do clube bom de garfo.

Obviamente, eu havia comido tudo.

— Hoje você vai ver a Dra. Krazny. Ela é uma ótima pessoa para conversar.

Enfiei os pacotes de sal da bandeja no meu bolso.

— Uma psiquiatra? Não, obrigada.

Era tudo de que eu precisava, um relatório enviado a Lublin dizendo que eu estava maluca. As pessoas tinham desaparecido por menos que isso.

— Você não vai precisar caminhar. Vamos trazer uma cadeira de rodas. — Será que Dot estava mascando chiclete? Isso era permitido? — A Dra. Krazny é um doce. Eu bem gostaria de poder sentar durante uma hora com ela e falar sobre os meus problemas.

A supervisora do andar se aproximou da porta.

— Dot, sua cadeira está aqui. Melhor pegar antes que outra pessoa faça isso.

— Espere um pouco... só um minuto — disse ela. Responder a uma supervisora? Dot não duraria muito no andar de traumatologia do meu hospital. — Então, você vai recusar o tratamento? Mantenha o que está sentindo entalado, e as coisas vão acabar saindo de alguma outra forma.

— Obrigada por sua preocupação — falei.

Levara um tempo para se acostumar: os americanos davam conselhos sem que ninguém pedisse.

Quando Dot me contou que todos os registros eram confidenciais e não seriam enviados para a Polônia, acabei concordando em ver a Dra. Krazny. Eu duvidava da confidencialidade, mas achei que recusar seria pior.

O consultório da médica era arrumado, mas lotado, o que não contribuiu em nada para diminuir meu nervosismo. Através da única janelinha, vi os flocos de neve dançando ao vento. Fiquei surpresa ao descobrir que a médica era jovem, usava belos óculos pretos que faziam uma curva ascendente nas pontas. O diploma pendurado na parede parecia novo, provavelmente era recém-formada. Inexperiente o bastante para me avaliar como doente mental quando esse não era o caso, de jeito nenhum? Eu teria que me manter serena.

Ela mal me olhou quando o assistente me levou para dentro da sala na cadeira de rodas.

— A senhora está atrasada. Metade do seu tempo já passou.

— Talvez tenha sido um erro eu vir — retruquei.

— Sinta-se à vontade para sair.

Será que eles não conseguiam encontrar uma médica mais simpática no Hospital Mount Sinai?

— A senhora é tão jovem...

A médica colocou a tampa na caneta e a largou na mesa.

— Não estamos aqui para falar de mim.

Eu empurrei os pneus de borracha da cadeira, mas o assistente as tinha travado.

— Não posso ficar — falei.

A médica se recostou na cadeira.

— Neste país, você tem opção.

Juntei um dedo indicador no outro.

— Em primeiro lugar, não estou mentalmente instável.

— Sou psiquiatra. Estou aqui apenas para conversar.

Será que eu poderia contar a ela sobre o sanduíche de queijo?

— Temos psiquiatras na Polônia — comecei.

— Um para cada cinco mil poloneses, foi o que ouvi. Não deve ser fácil marcar consulta.

— Teria sido mais fácil se os alemães não tivessem matados todos.

A médica pegou meu prontuário.

— Diz aqui que a senhora tem problemas para dormir...

— Minha irmã é médica. Contou isso para eles.

— E dificuldade para respirar em lugares fechados e pequenos. Isso é conhecido como ataque de pânico claustrofóbico desenvolvido na idade adulta.

— Sou enfermeira. Eu sei como é chamado.

— Então sabe como debelar os ataques? Está funcionando? — Ela me encarou. —

A senhora esteve em um campo de concentração.

— Está no meu prontuário...

— Ravensbrück. Somente mulheres?

— Sim.

— Torturada?

— Todo dia era uma tortura.

Isso provocou um indício de sorriso na Dra. Krazny.

— Não preciso de piedade.

A Dra. Krazny se empertigou na cadeira.

— Entendo.

Ela deu uma espiada no formulário.

— Sua mãe... — começou ela.

Inspirei profundamente.

— Ela me trouxe um sanduíche de queijo e foi presa junto comigo.

— Espero que a senhora não pense que foi culpa sua.

Examinei as unhas da minha mão. Claro que era culpa minha.

— Sua mãe não voltou com você? Do campo de concentração?

— Ela desapareceu. Não sei o que aconteceu.

— Alguma ideia?

— Não penso no assunto.

— Nenhuma suspeita?

Observei um pequeno tornado de neve rodopiar ao redor do peitoril da janela.

— Aconteceram umas coisas lá — falei.

— Importa-se de me esclarecer? É assim que funciona.

Afastei o cabelo da testa, empurrando-o para trás.

— Ela simplesmente sumiu. Estava ajudando uma médica.

— Foi a médica que fez isso?

— Não sei.

— Alguma suspeita?

— Não é tão fácil assim. A senhora não entende. — A neve grudava nos painéis da janela, nos fechando ali dentro. Comecei a respirar com dificuldade. Não agora. Não era hora de ter um ataque. — Muitos colegas da médica foram executados, mas ela está presa.

— O que a senhora sente a respeito disso?

— Bem. Contanto que ela fique lá...

— E quando ela termina de cumprir a pena?

— Só em 1967. Vou pensar no assunto quando chegar a hora.

— A senhora gostaria que ela também tivesse sido executada?

— Não.

A Dra. Krazny me olhou, as sobrancelhas erguidas.

— Por quê?

— Ela sabe o que aconteceu com a minha mãe.

— Como era o seu relacionamento com a sua mãe? A senhora a amava?

— É claro que sim. Eu era a favorita dela. O que isso tem a ver?

Belisquei minha mão para evitar que as lágrimas caíssem. A médica balançou a cabeça.

— Não tenho certeza.

— Nenhuma suspeita, doutora?

A Dra. Krazny tirou os óculos e limpou as lentes.

— Na verdade, sei que questões não resolvidas podem afetar a psique. Produzir hostilidade. Arruinar relacionamentos. — Ela recolocou os óculos e olhou para mim durante um longo momento. — Não costumo dar conselhos aos meus pacientes, Sra. Bakoski...

— Não precisa começar agora.

— Mas a senhora tem sorte de estar viva.

— Sorte? — As palmas da minha mão estavam molhadas de suor. — Por favor...

— A senhora sofreu, mas está aqui.

— Às vezes eu gostaria de não estar. Não faz ideia de como era lá.

— Mas eu sei que a senhora está se agarrando à dor de perder sua mãe. Afinal de contas, é tudo o que lhe restou dela, não é? Abrir mão disso significa perder a última coisa que tem dela.

Virei o rosto para a janela.

— Também sei que a senhora tem um trabalho considerável a fazer, e precisa se empenhar nisso. Esse é o segredo para melhorar.

A médica juntou os papéis e os ajeitou na mesa.

— Assistente — chamou ela. — A Sra. Bakoski vai precisar de alguém para acompanhá-la até o quarto.

— Posso ir sozinha — retruquei.

A médica se inclinou na minha direção.

— Olhe, Sra. Bakoski, não vai melhorar enquanto não for ao fundo dessa raiva. E eu aceitaria a solidariedade que as pessoas lhe oferecem. Vai precisar de toda ajuda possível.

* * *

CAROLINE NOS LEVOU para sua casa de campo, que ela chamava de The Hay, ao norte de Nova York, em Bethlehem, Connecticut, para o Natal. As lágrimas brotaram em seus olhos quando nos contou que seu falecido pai havia denominado a casa como The Hay por causa de uma propriedade que a família dele tivera antes, na Inglaterra.

Ela disse que o ar era mais limpo ao norte, bom para a recuperação, e talvez fosse verdade, porque em pouco tempo eu estava fazendo breves caminhadas. Tanto Zuzanna quanto eu nos sentíamos muito melhor hospedadas na casa de Caroline. Talvez tivesse algo a ver com a mãe dela, a Sra. Ferriday, que nos tratava como rainhas. Da hora em que nos recebeu na porta, vestida de traje típico polonês, ao minuto em que partimos para a Califórnia, ela cuidou de nós como se fôssemos suas filhas. Havia aprendido muitas expressões em polonês para nos fazer sentir em casa.

Foi maravilhoso poder andar como uma pessoa normal de novo! A Sra. Ferriday me emprestou seu casaco de pele, e caminhamos, de braços dados, pela propriedade inteira. Até um celeiro aquecido que cheirava a feno fresco e cavalo, o sol atravessando enviesado as janelas altas. Até uma casa de boneca que Caroline usava quando criança, uma versão em tamanho infantil da casa principal, completa com um fogão funcionando.

Contudo, mesmo com esse tratamento especial, eu não conseguia superar a saudade que sentia da Polônia, de Pietrik e Halina. Não ajudava o fato de Caroline

preferiu Zuzanna e acordar cedo toda manhã para tomar chá com ela, as duas sentadas na mesa da cozinha, as cabeças próximas para partilhar uma historinha qualquer, e rir com uma piada interna. Era compreensível, pois todo mundo adorava Zuzanna. Por mais agradecida que eu estivesse em relação às Ferriday, eu queria a minha irmã de volta.

Tentei pensar nas coisas boas. Bethlehem era um lugarzinho adorável para passar o Natal. Caroline nos levava para toda parte. Para uma loja pequena do lado oposto da área verde da cidade, a Merrill Brothers, que vendia tudo o que você desejasse, até melões e vagens no inverno. Para a missa na Abadia de Regina Laudis, a residência de irmãs enclausuradas que cantavam cânticos lindos e assombrosos. Certo domingo, dia de folga do motorista, Caroline nos levou para a missa em seu carro comprido e verde, tão grande que cabíamos todos, incluindo Serge, seu cozinheiro russo, e ainda sobrava lugar. Caroline olhava direto à frente e segurava o volante com tanta força que achei que fosse quebrá-lo. A Sra. Ferriday mais tarde me contou que as pessoas da cidade diziam que tinham que ficar longe das ruas sempre que Caroline dirigia aquele carro.

Mas o que me deixava mais feliz era ficar naquela casa, pois era a casa mais bonita que eu já conhecera, alta e branca, com persianas pretas e espaço suficiente para uma família de dez pessoas. O mobiliário era bastante antigo, mas muito bonito, incluindo as cortinas do salão que a própria Sra. Ferriday havia costurado, com um bordado em lã realmente elaborado. Os currais nos fundos acolhiam três cavalos, um belo pastor-alemão chamado Sortudo (de quem Zuzanna e eu no início ficamos apavoradas, até que se revelou o companheiro muito gentil e fiel), muitas ovelhas e galinhas, e uma porca que seguia Caroline para todo lado. Ela falava em francês com a porca.

— Venha, *chérie* — dizia ela, enquanto o animal a seguia lentamente. — *Dépêchez-vous. Vous pouvez être beau, mais cela ne signifie pas que je vais attendre.* — (Você pode ser linda, mas não significa que vou esperar.)

Aquela porca até seguiu Caroline para dentro da casa um dia, subindo os degraus da frente com grande esforço e chegando ao quarto dela.

Caroline era uma pessoa diferente em Connecticut. Ela limpava a lama das baias dos animais, vestia calça jeans e chapéu com abas largas, e chegou a subir no telhado com a velha espingarda de caça do pai e atirar em alguns coelhos que ela disse que haviam comido sua alface naquele ano. Aqui estava a solução para o mistério do por que essa mulher não era casada.

* * *

O DIA DE Natal foi difícil, com Pietrik e Halina a meio mundo de distância.

Escrevíamos cartas de um lado para outro, claro, e Pietrik enviou um pacote dos meus doces favoritos no Natal e um desenho de *papa* e Marthe que Halina havia feito, mas ainda assim não consegui conter as lágrimas.

Ajudava ter Zuzanna por perto. Ela não precisou de uma cirurgia corretiva como a minha, mas sofreu uma rodada de quimioterapia para combater o câncer. Ela ainda estava fraca e, por isso, Caroline nos acomodou lado a lado em sua sala de estar no dia de Natal, aquecidas perto da lareira, eu na cadeira de rodas, e Zuzanna na *bergère* do pai de Caroline. Aquela sala era a minha preferida na casa, pois tinha vista para o jardim, com magníficas sebes e caminhos delineados com buxos bem-cuidados, lindos mesmo no inverno.

Nós nos sentamos perto da lareira de frente para a árvore de Natal no canto, o anjo no alto quase tocando o teto. Na árvore, havia uma surpresa de Caroline para cada uma de nós: um frasco de perfume que Zuzanna havia admirado em uma loja chamada Bergdorf Goodman, e uma seleção de livros para mim, incluindo *O poder do pensamento positivo*, de Norman Vincent Peale. Eu não havia pensado em um presente para Caroline, mas Zuzanna tinha feito um retrato em papercut para Caroline e a Sra. Ferriday, representando a casa e todos os seus animais. Os cavalos e a porca, as galinhas e os gatos. Até o cão Sortudo e o papagaio-cinzento. Zuzanna disse que era de nós duas, mas ficou claro quem tinha criado a obra de arte.

A Sra. Ferriday havia pedido para Serge preparar os doze pratos tradicionais poloneses para a ceia, que todas nós comemos, parando apenas para exclamações de puro deleite. Após a ceia, a Sra. Ferriday me levou na cadeira de rodas até a enorme e velha cozinha nos fundos da casa. Era o meu segundo cômodo favorito, com o chão de ladrilho preto e branco e a pia de porcelana branca grande o suficiente para um adulto pequeno tomar banho dentro dela.

Fiquei sentada à mesa da cozinha com Caroline e a Sra. Ferriday, observando Zuzanna e Serge lavar a louça juntos. Minha irmã ainda estava fraca, mas insistiu em ajudar. O cabelo dela havia caído, por causa da radiação, deixando-a completamente careca, como muitas de nós ficamos no campo de concentração anos antes. Ela havia amarrado na cabeça um dos lenços franceses de Caroline como as mulheres que carregam leite. Serge permaneceu próximo a ela a noite toda, mesmo após a ceia. Eu sabia que eles tinham se tornado mais do que amigos. Eu a vi entrar sorrateiramente no nosso quarto logo antes de amanhecer, vindo da ala dos criados. Pensar no assunto deixou meus olhos marejados. Como minha irmã podia guardar tanto segredo sobre aquilo?

Caroline serviu café para todas. *Matka* teria adorado estar aqui. A começar pelo café! A Sra. Ferriday abriu um pacote novinho dos meus biscoitos prediletos, Fig Newtons, e nos serviu um dedinho de licor de laranja.

— Como está o exame de sangue de Zuzanna? — perguntou ela.

— Parece melhor — respondeu Caroline. — Eles estão otimistas.

— Isso é animador, Zuzanna, mas talvez você ainda precise de mais tratamento — disse a Sra. Ferriday.

Zuzanna sorriu.

— Talvez então eu possa ficar para sempre.

Serge retribuiu o sorriso dela. Só uma pessoa ingênua não ia reparar que eles estavam apaixonados. Um russo? Ele era atraente o bastante, no jeito simples deles, mas o que *papa* diria?

— Vamos para a Califórnia primeiro — falei. — Mal posso esperar para ver as casas das estrelas de cinema. Dizem que a Rodeo Drive é abarrotada de famosos.

— Você deve chegar lá e sorrir para todos aqueles californianos — disse a Sra. Ferriday. — Seu dente está lindo, querida.

Sorri e passei a língua no meu canino novo, que substituía o antigo dente deteriorado. O que Pietrik diria do meu novo sorriso?

Mordi um biscoito ao meio e comi junto com o licor, que bebi de uma só vez, como fazíamos em casa com a vodca.

Caroline cheirou o creme e colocou um pouco no café.

— Há coisas mais interessantes para ver em Los Angeles do que as celebridades. O Rancho do Poço de Piche de La Brea, por exemplo.

— Animais moribundos presos em piche? — disse a Sra. Ferriday. — Coisa horrível, Deus do Céu. Deixe essas mulheres se divertirem um pouco, querida.

Uma pena que a Sra. Ferriday não fosse conosco para a Califórnia. Ela pegou o licor e tornou a encher meu cálice.

Caroline pegou a garrafa da mão dela.

— Chega de álcool para as meninas, mãe.

— Pelo amor de Deus, Caroline. É Natal.

— Kasia já bebeu demais. Ela está se recuperando, mãe.

— Um pouco de álcool nunca fez mal a nenhum paciente. Os Woolsey esfregavam licor nas gengivas dos bebês.

Caroline se levantou, confiscou a garrafa da mesa e a colocou na bancada. A Sra. Ferriday sorriu para mim e revirou os olhos. Como Caroline era sortuda de ainda ter a mãe!

Zuzanna e Serge não tinham reparado em nada daquilo, uma vez que nunca se vira duas pessoas tão felizes em lavar louça, rindo e cutucando um ao outro com dedos ensaboados.

Caroline levantou a xícara de café para brindar.

— Feliz Natal para todos.

— *Wesołych Świąt* — dissemos a Sra. Ferriday e eu, brindando com nossos cálices vazios.

Feliz Natal.

Kasia

1959

NA PRIMAVERA SEGUINTE, todas nós viajamos de nossas respectivas cidades e nos encontramos no Aeroporto Internacional de São Francisco. Naquela altura, estávamos longe de casa havia vários meses, todas saudosas, mas São Francisco nunca tinha recebido tantas polonesas e tão felizes. Janina se encontrou conosco, vinda da França. Tinha se recuperado lá, com a ajuda de Anise, e havia feito um curso de cabeleireiro em Paris, o que melhorou bastante nossos penteados. Todas nós amamos a Califórnia! O ar fresco e limpo, o sol tão acolhedor para quem, como nós, havia passado o inverno na fria Nova Inglaterra.

Por mais agradável que fosse São Francisco, Los Angeles foi o ápice de nossa viagem à Costa Oeste. O bate-papo agradável naquele ônibus. Aonde ir primeiro? O Teatro Chinês Gauman? A Rodeo Drive? E o melhor de tudo: eu conseguia caminhar. Como uma pessoa normal. Com um pouco das antigas dores ainda, mas sem um claudicar perceptível. Além do mais, a cirurgia plástica havia alisado minha panturrilha e deixado minha perna com uma aparência mais normal. O Dr. Rusk prescrevera alguns analgésicos, mas eu podia ter andado pela Rodeo Drive o dia inteiro.

Fomos à Disneylândia, um lugar do qual eu ouvira falar muito. Nosso grupo de trinta e seis pessoas chegou em um ônibus com ar-condicionado, Caroline filmando tudo com sua câmera 8mm feito uma diretora de Hollywood. Ela levou seu violão e tocou durante o almoço, mas antes ainda tivemos uma manhã proveitosa. A Frontierland foi especialmente divertida. Fizemos um passeio em uma canoa de madeira na Ilha de Tom Sawyer. Zuzanna se apaixonou pelos Três Porquinhos. De algum modo, as três pobres almas aprisionadas em trajes humanos superacolchoados, sobancelhas pretas em formato de parênteses pintados em suas cabeças de papel machê em perpétuo ar de surpresa, tocaram o coração dela. Quando Zuzanna mencionou isso, Caroline começou a tirar um milhão de fotos da minha irmã com os porcos carecas e gorduchos.

O clima ficou tenso na atração do passeio de trem do Casey Jr. Circus. Tratava-se de um trenzinho para crianças que circulava nos limites do parque. Não era um trem particularmente aterrorizante, mas o grito assustador de seu apito nos seguira pelo parque o dia inteiro. Quando chegou a hora de embarcar, Janina simplesmente não conseguiu entrar. Era difícil esquecer o outro trem em que estivéramos.

Após a Califórnia, fizemos uma excursão atravessando os Estados Unidos, parando no Grand Canyon e em Las Vegas. Zuzanna achou que tinha quebrado a máquina caça-níqueis quando as luzes começaram a piscar e o dinheiro jorrou. Assim que chegamos à capital Washington, fomos apresentadas em uma sessão especial do Congresso e nos sentimos estrelas de cinema.

Quando voltamos para Nova York, todas nos espalhamos para ficarmos hospedadas com diferentes famílias durante nossa última semana. Zuzanna e eu continuamos com Caroline, dessa vez no apartamento dela em Manhattan. Caroline cuidava de minha irmã como se fosse uma mãe superprotetora, surpreendendo-a com camisolas e chinelos novos. Assim que os médicos deram a Zuzanna a boa notícia de que seu câncer estava oficialmente em remissão, Caroline comemorou e comprou vestidos novos para nós na Bergdorf Goodman. Nunca se viu uma mulher tão feliz; parecia que Caroline era mãe de Zuzanna.

Se seu apetite fosse indicação, minha irmã estava se recuperando a uma velocidade recorde. Talvez tivesse alguma ligação com o fato de ela estar em Manhattan, seu local dos sonhos. Ou talvez fosse o cozinheiro russo de Caroline, enchendo Zuzanna de comida polonesa.

Ou talvez fosse por causa do Automat.

— Quando eu morrer, quero vir para cá — disse Zuzanna, segurando a xícara de porcelana branca embaixo da torneira de golfinho prateado. Café preto e cheiroso, passado direto na xícara.

Se Nova York era nossa Terra de Oz, o Automat era nossa Cidade das Esmeraldas. Como dizia a caixa de fósforos grátis, era o HORN & HARDART AUTOMAT NA 57TH STREET COM A SEXTA AVENIDA. Lá dentro, era aquecido o suficiente para tirarmos o casaco, e a comida aparecia como em um passe de mágica. Mulheres simpáticas, vestidas de preto, chamadas trocadoras de níqueis, ficavam em cabines envidraçadas e, com pontas de borracha nos dedos, trocavam as cédulas. Colocava-se um níquel no orifício ao lado da comida escolhida e a portinha se abria. Só com esse ato, era possível escolher frango assado, torta de maçã, feijoada à moda de Boston. Mais de quatrocentos tipos de comida diferentes! Nós queríamos comer ali todo dia.

Zuzanna e eu nos misturávamos bem aos nova-iorquinos. Com nossos novos vestidos da Bergdorf Goodman, estávamos à altura do nosso novo apelido, as Damas de Ravensbrück. Era difícil acreditar que a viagem já estava quase no fim, que em breve pegaríamos um avião e deixaríamos tudo aquilo para trás, mas eu mal podia

esperar para chegar em casa. Ver Pietrik. Halina. Por mais difícil que fosse admitir, eu sentiria falta até mesmo da Srta. Caroline, que havia feito tanto por nós, mas também seria bom finalmente ter Zuzanna só para mim no avião durante toda a viagem de volta para casa, para rir e conversar sobre tudo.

Zuzanna colocou a bandeja ao lado da minha.

— Estou engordando, Kasia. Você não adora purê de batata?

No prato dela, ervilhas cor de esmeralda rolavam sobre uma montanha de purê de batata, com uma poça de molho marrom em cima.

Uma mulher se aproximou de nossa mesa com um bule de café fresco e fez menção de servir um pouco na minha xícara.

— Não — falei, uma das mãos sobre a xícara, pois eu não tinha pedido mais café.

— Chama refil gratuito — esclareceu Zuzanna.

Nova York era cheia de surpresas como essa.

Zuzanna mergulhou o garfo no purê, pegou algumas ervilhas, e comeu. Ela estava linda, parecendo uma modelo.

— O que não teríamos dado por algumas ervilhas naquela época — disse ela.

Zuzanna não conseguia falar o nome Ravensbrück.

— Pelo menos agora Herta Oberheuser está em uma cela fria comendo feijão de uma lata — falei.

— Você podia considerar deixar isso para trás, Kasia.

— Nunca vou perdoá-los, se é disso que você está falando.

— Cultivar tanto ódio só faz você sofrer.

Minha irmã raramente me aborrecia, mas seu otimismo podia ser irritante às vezes. Como eu poderia perdoar aquelas pessoas? Em certos dias, o ódio era a única coisa que me fazia seguir adiante.

Mudei de assunto.

— Fico contente que você esteja engordando. *Papa* não vai te reconhecer. Virou uma pessoa diferente, apesar de não ter feito as malas ainda.

Zuzanna manteve os olhos fixos na comida.

— Tenho que lhe pedir um favor, Kasia.

Sorri. O que eu não faria pela minha irmã? Passei a ponta da língua no meu dente novo, com medo que ele nem estivesse mais lá. Era meu souvenir predileto, liso e perfeito, da cor exata dos outros. Eu sorria por qualquer besteira. Um grupo de jovens, homens e mulheres, entrou no Automat e se amontoou em uma cabine. Um rapaz deu um beijo demorado e intenso em uma das moças, ali mesmo, em público. Pareciam livres e felizes. Eu via toda a cena com meus novos e elegantes óculos.

— O que você quiser — falei.

Zuzanna tirou uma pasta da bolsa e a deslizou para perto da minha bandeja.

— Preciso da sua ajuda. Para escolher...

Abri a pasta e folhee as fotos que havia lá dentro. Eram seis ou sete fotos de crianças, todas dos ombros para cima, em preto e branco, como fotos de passaporte. Algumas bem novas. Outras mais velhas.

Fechei a pasta.

— O que é isto?

Zuzanna, com o garfo, marcou o purê, formando pequenas cercas de jardim.

— Caroline me deu.

— Para quê? — Peguei a mão da minha irmã. — Zuzanna, o que está acontecendo?

Ela retirou a mão.

— Queria já ter lhe contado... Eu estava no hospital na semana passada, e pediram minha opinião sobre um caso.

— Isso acontece o tempo todo. O que tem a ver?

— Depois me perguntaram se eu daria uma aula.

— Aqui? — perguntei.

— Sim, aqui. Onde mais, Kasia? Pedi a Caroline para estender meu visto.

— Você não vai voltar para casa?

Por que eu havia me esforçado tanto para trazê-la para cá, apenas para perdê-la?

— É claro que vou voltar para casa. Não seja ridícula. Só recebi uma extensão especial para médicos.

— É o cozinheiro, não é?

Por que eu havia deixado aquilo ir tão longe?

Zuzanna me lançou um olhar sério, de médico.

— Ele tem nome, Kasia.

— *Papa* vai surtar. Eu é que não vou contar para ele.

— As fotos das crianças são de Caroline. Elas precisam de uma família. Uma delas, um menino chamado Julien, acabou de perder os pais em um acidente de carro em Ingonish, na costa da Ilha Cape Breton, no Canadá.

— É para isso que servem os orfanatos.

— É uma criança muito pequena, Kasia. Caroline diz que, se o Serge e eu tornarmos as coisas, bem, mais sérias...

— Casar com ele? Espero que você esteja brincando.

— Então ela nos ajudaria a adotar. Quando eu melhorar de vez. Queremos abrir um restaurante juntos. Basicamente crepes e quiches, no início...

— Então eu vou ter que voltar para casa sozinha, enquanto você fica aqui, se casa com um cozinheiro russo, abre um restaurante francês e cria o filho de outra pessoa?

— Tenho quarenta e quatro anos e nenhuma perspectiva, Kasia. Você já tem sua família. Esta é minha última chance.

— Em casa, você vai poder...

— Fazer o quê? Trabalhar no hospital até morrer? Fazer o parto dos bebês de outras mulheres? Você sabe qual é essa sensação? Vou fazer o que estiver ao meu alcance para ter uma vida boa no tempo que ainda me resta. Sugiro que você faça o mesmo. *Matka* gostaria disso.

— O que você sabe sobre *matka*? Você acha que ela ia querer saber de você dormindo com um cozinheiro russo, virando as costas para Lublin?

Zuzanna agarrou a pasta e a recolocou dentro da bolsa.

— Vou esquecer que você falou isso, irmã querida.

Ela saiu pela porta, sem olhar para trás, me deixando com a sua bandeja, o purê de batatas quase intocado.

* * *

CAROLINE NOS LEVOU de volta à sua casa de campo nos últimos dias da viagem. Em minha última manhã em Connecticut, acordei logo depois de começar a sonhar que eu estava voando por cima de campos de trigo, de mãos dadas com a minha mãe. Foi um daqueles sonhos felizes, tão reais que você jura que são de verdade, até eu perceber que não era a mão de *matka* que eu estava segurando, mas a mão fria de Herta Oberheuser.

Eu me sentei, o coração disparado. Onde eu estava? Segura no quarto de hóspedes de Caroline. Senti a cama ao meu lado. Fria. Zuzanna já estava de pé? Visitando o amigo russo, certamente. Talvez fosse bom ela ficar. Ela estaria segura e seria bem cuidada. Porém, como eu poderia voltar para Lublin sem ela?

Desci o corredor descalça, passei pelo quarto de pé-direito alto de Caroline, com a perfeita cama de dossel, até as janelas altas que davam para o jardim lá embaixo. Um querubim alado feito de pedra ficava no centro dos círculos aparados de sebes de buxo, guardando as tulipas e as campânulas. Caroline estava ajoelhada diante de um canteiro de rosas, o vapor subindo de uma caneca branca na grama próxima enquanto um mar de lilases balançava na brisa atrás dela.

Inspirei, absorvendo a segurança daquilo tudo, e expirei, minha respiração no vidro transformando a cena em um borrão de verde e lilás. Eu desejava ansiosamente ver Pietrik e Halina de novo, mas ali, naquela casa antiga, nada podia me atingir; havia um oceano inteiro entre mim e meus problemas.

Eu me vesti e desci à procura de minha irmã e de café quente. Sem encontrar nenhum dos dois na cozinha, parei na janela e observei Caroline no jardim. Ela usava luvas de jardinagem de lona, o cabelo preso para trás com um lenço, enquanto arrancava ervas daninhas do solo ao redor dos caules espinhosos. A porca de Caroline estava deitada bem perto, embaixo de um lilás, de boca aberta, batendo as patas no

chão, como se sonhasse que estava correndo. Será que eu deveria me juntar a elas? Eu não estava com disposição para ouvir sermões.

Caroline me viu na janela e acenou com a espátula. Não tive alternativa senão sair pela porta da cozinha.

— Viu Zuzanna? — perguntei.

— Ela e Serge levaram minha mãe a Woodbury. Venha tirar as ervas daninas, querida. Faz bem à alma.

Assim como café, pensei.

Segui pelo caminho de cascalho e me ajoelhei ao lado de Caroline. A casa se erguia acima de nós feito um grande navio branco em um mar de lilases roxos ondulantes. Lilases de cores únicas, desde um tom de berinjela escuro — quase preto — até o lilás mais claro.

— Desculpe por ter tomado o resto do café — disse ela. — Os madrugadores atacaram primeiro.

Uma indireta para mim? Ignorei.

— Acho que você projetou um jardim perfeito — elogiei.

— Ah, foi minha mãe. Nós tínhamos acabado de nos mudar, papai chamou os paisagistas para criarem um jardim, e eles surpreenderam mamãe quando pediram um projeto. Ela pegou um lápis e rascunhou o desenho do tapete *aubusson* da biblioteca e passou para os homens. Deu muito certo, acho.

De onde eu estava, o aroma de rosa e lilás era bem forte.

— Que perfume maravilhoso!

Caroline arrancou um dente-de-leão, com raiz e tudo, e o jogou no balde.

— O perfume é mais forte de manhã. Depois que o sol está a pino, as coisas ficam mais secas, e as flores guardam a fragrância para si mesmas.

Por que não falei com Caroline sobre o jardim dela antes? Afinal de contas, era algo em comum: o amor pelas flores. Peguei uma espátula do balde e puxei um broto verde da terra com um estalo agradável. Nós trabalhamos sem trocar uma palavra, furando a terra escura com as espátulas, os únicos sons o chilrear dos passarinhos nas árvores próximas e o ressonar suave da porca de Caroline.

— Devo dizer, você é o suporte da sua família, Kasia, querida.

Como foi bom ouvir esse elogio!

— Presumo que sim.

— Percebi sua força especial na primeira vez em que vi você no palco, em Varsóvia.

— Não exatamente. Desde que minha mãe...

Caroline apoiou a mão enluvada no meu braço.

— Acredito que sua mãe era uma mulher extraordinária, muito parecida com você. Forte. Resistente à adversidade. Tenho certeza de que você a amava muito.

Aquiesci.

— Pensei que eu fosse morrer quando meu pai faleceu. Foi há tanto tempo, mas não passa um dia sem que eu deseje que ele estivesse aqui. — Caroline fez um gesto em direção às flores que balançavam acima de nós. — Ele adorava os lilases. É uma lembrança maravilhosa dele, mas também terrivelmente triste, ver seus lilases favoritos florescerem sem ele por perto.

Caroline limpou o rosto com as costas da luva de jardinagem, deixando uma mancha escura embaixo de um dos olhos, e depois tirou as luvas.

— Mas é apropriado, de certa maneira... Papai adorava o fato de que o lilás só floresce depois de um inverno rigoroso.

Caroline esticou o braço e colocou meu cabelo para trás, tirando-o da testa, com um toque suave. Quantas vezes minha mãe tinha feito isso?

— É um milagre que toda essa beleza surja depois de tanta dificuldade, não acha?

De repente, meus olhos ficaram úmidos, e o gramado flutuou diante de mim. Tudo o que consegui fazer foi assentir.

Caroline sorriu.

— Vou pedir para o Sr. Jardineiro embalar algumas mudinhas de lilás para você plantar em Lublin.

— Não precisa embalar nenhuma para Zuzanna — falei.

Caroline voltou a se sentar nos calcanhares.

— Eu quis lhe contar antes...

— Está tudo bem. É uma coisa boa, de verdade. No início, fiquei triste, mas você a ajudou de maneiras que eu nunca seria capaz. Ficar boa. Criar um filho um dia. Minha mãe teria ficado grata. Não sei como agradecer.

Caroline colocou a mão em cima da minha.

— Não é necessário, Kasia.

— Zuzanna e eu recebemos muito de você. Eu gostaria de ter alguma coisa para lhe oferecer.

— Vocês fizeram bem a todos nós, principalmente à minha mãe.

Continuamos catando as ervas daninhas em silêncio. Eu sentiria saudades de Bethlehem.

Caroline se virou para mim.

— Bom, há uma coisa, Kasia...

— O que é?

— Uma coisa que gostaria de conversar com você.

— Pode falar.

— Tem a ver, bem, com alguém... alguém que você conhecia.

— Seja o que for.

— Bem, é Herta Oberheuser, na verdade.

Só ouvir o nome já fez meu estômago embrulhar.

Eu me mantive firme, apoiando a mão no gramado.

— O que tem a ver com ela?

— Sinto muito mesmo por trazer esse assunto à tona, mas minhas fontes me contaram que ela pode ter sido solta mais cedo...

Fiquei de pé, tonta, a espátula na mão.

— Impossível. Os alemães não podem soltar essa mulher...

Por que eu não conseguia respirar?

— Pelo que soube, foram os americanos. Ainda em 1952. Sem alarde.

Caminhei em direção à casa e depois voltei.

— Ela está livre esse tempo todo? Por que fariam isso? Houve um julgamento...

— Eu não sei, Kasia. Com a Rússia tentando convencer os médicos alemães a ficarem longe dos Estados Unidos, quem sabe querem conquistar favores? De algum modo, os alemães perdem a guerra, mas ganham toda a paz.

— Suas fontes estão erradas.

Caroline se levantou e tocou a manga de minha roupa.

— Elas acham que o governo da Alemanha Ocidental ajudou Herta a se estabelecer em Stocksee. Norte do país. Ela pode estar atuando na medicina novamente... Como médica de família.

Desvencilhei-me do toque dela.

— Não acredito... Ela matou gente, fez isso em mim.

Puxei a saia. Caroline se aproximou.

— Eu sei, Kasia. Podemos lutar contra isso.

Eu ri.

— Lutar contra eles? E como exatamente faríamos isso?

— Primeiro, precisamos de alguém que possa identificá-la.

— E esse alguém seria...

— Só se você se sentir à vontade.

O sol apareceu por cima das árvores, aquecendo meus ombros.

— À vontade? Não, não fico nada à vontade com isso. — Joguei a espátula no balde, onde aterrissou com um barulho abafado. — Como você pode sugerir que eu faça uma visita a Herta Oberheuser?

De repente, o sol parecia quente demais.

— Precisamos de uma fotografia ou de um recibo oficial do consultório. Senão, não passa de um boato.

— Tirar uma foto de Herta Oberheuser? Você está brincando!

— Vou fornecer documentos de trânsito e dinheiro.

Caroline estava mesmo me pedindo para procurar Herta? O rosto dela me voltou à lembrança. O olhar presunçoso. A expressão de tédio. Meu estômago se revirou. Será

que eu ia vomitar ali, naquele gramado perfeito?

— Sinto muito. Você tem sido muito boa para nós, mas não, obrigada.

Comecei a caminhar pelo cascalho em direção à casa.

Caroline me seguiu.

— Às vezes nós precisamos nos sacrificar para o bem maior.

Parei e me virei.

— Nós?

Então, Zuzanna ficaria aqui, em segurança, enquanto eu iria encontrar Herta sozinha?

— Por favor, apenas pense no assunto, querida.

— Mas...

— Leve o tempo que quiser. Vamos preparar um bule de café fresco.

A porca acordou com um sobressalto, levantou-se com dificuldade e nos seguiu até a casa, nossos passos estalando no cascalho.

Era uma sensação boa saber que Caroline precisava de mim, mas ela estava pedindo o impossível. Encontrar a Dra. Oberheuser? Eu teria que falar com ela? Será que me reconheceria? Será que se lembraria de *matka*?

No momento em que chegamos à casa, percebi que Caroline tinha razão sobre as rosas. Assim que o sol estava a pino, o perfume sumia.

Kasia

1959

QUANDO VOLTEI A Lublin, as coisas tinham mudado muito. Eu passara menos de nove meses fora, mas pareciam dez anos. Pietrik tinha se mudado para o nosso apartamento na Fábrica de Vestuário Feminino Lugbal, onde trabalhava, logo na saída da cidade. O local todo era menor que a cozinha de Caroline em Connecticut, mas era nosso, só de nós três. Nada de *papa*. Nada de Marthe. Zuzanna estava com Serge em Connecticut. Dois quartos, só para nós.

A cozinha era compacta, mal dava para se mexer lá dentro. No meu dia de folga do hospital, costurei cortinas azuis que *matka* teria adorado, de xadrez miúdo, com passarinhos nas barras, e enfeitei o peitoril da janela com as duas garrafinhas de vodca que a comissária do voo de volta para casa me dera.

Pietrik parecia feliz por eu estar em casa. Será que ele tinha sentido saudade? Ele não disse nada, e eu não perguntaria, mas ele estava todo sorridente quando me encontrou no aeroporto, uma única rosa cor-de-rosa na mão. Eu também estava toda sorridente com meu dente novo. Será que talvez as coisas melhorassem entre nós? Por que eu ficava tão tímida com ele, meu marido? Eu também andava tão melhor agora. Os comprimidos analgésicos que o médico do hospital Mount Sinai me dera para aliviar o leve desconforto que eu ainda sentia estavam acabando, então às vezes eu ficava impaciente. Porém, estava ansiosa para fazer as coisas direito, para voltar a ser como era antes da guerra.

* * *

EM UM FIM de tarde naquele outono fui até a agência dos correios para ver *papa*. Ele me entregou um pacote através das grades da janela de entrega de encomendas.

— Peguei isso aqui antes dos censores — sussurrou.

O pacote era menor que uma caixa de sapatos e estava embrulhado em papel

pardo.

— Tome cuidado com o que seus amigos enviam para você.

O endereço do remetente era C. Ferriday, 31 East 50th St., Nova York, NY, USA. Caroline fora esperta de não enviar do consulado. Certamente teria sido aberto, mas qualquer comunicação do Ocidente era suspeita e anotada no cadastro da pessoa.

— E uma carta de Zuzanna — disse *papa*.

Ele parecia curioso, mas eu simplesmente enfiei as duas coisas embaixo do casaco.

Corri para casa e subi os três lances de escada, finalmente capaz de caminhar como uma pessoa normal. Halina tinha pregado um cartaz novo na nossa porta: EXPOSIÇÃO DE ARTE DISTRITO 10: POLÔNIA EM CARTAZES. Era despojado e pitoresco, uma nova abordagem. Como eu havia esquecido que a mostra de arte era naquela noite? Desde que eu viajara, Halina havia se dedicado à arte com novo vigor. Tentei não pensar no assunto.

Coloquei o pacote de papel pardo na mesa da cozinha e o encarei. Eu sabia o que havia dentro.

Ouvi uma pedrinha bater na janela da cozinha e fui ver quem a havia jogado. Meninos da vizinhança, sem dúvida. Levantei o caixilho da janela, pronta para passar um sermão, e vi Pietrik de pé lá embaixo.

— Está um dia lindo! — disse ele. — Venha aqui.

— Você vai quebrar a janela com essas pedras — retruquei, me apoiando nos antebraços ao longo do peitoril.

Ele ainda era tão bonito quanto um garoto. Um pouco mais gordo na cintura, mas em todo lugar aonde ia as mulheres ainda davam uma olhada nele quando achavam que eu não estava prestando atenção.

— Você vai me fazer subir para buscá-la? — disse ele com um sorriso e as mãos na cintura.

Fechei a janela, e ele apareceu lá em cima em segundos. Chegou afogueado ao apartamento, as bochechas vermelhas. Aproximou-se de mim e tentou me beijar, mas eu me virei.

— Lembra-se de mim, seu marido?

— Acho que estou resfriada. Meus músculos estão doloridos. Não paro de suar.

— Ainda? — disse Pietrik. — Talvez seja porque você não está tomando aqueles comprimidos.

— Não sei.

Pietrik tocou o pacote.

— O que é isso?

— De Caroline — respondi.

— E então? — Pietrik jogou o pacote para mim. — Abra.

Eu o agarrei.

— Ainda não.

— O que você está esperando, Kasia?

— Eu sei o que tem dentro. Ela quer que eu vá até uma cidade na Alemanha chamada Stocksee. Para identificar...

— Quem?

Coloquei a caixa de volta em cima da mesa.

— Herta Oberheuser.

— Ela está solta? — perguntou Pietrik.

— Eles acham que ela tem um consultório médico lá. Precisam da identificação de alguém que saiba como ela é.

— Ainda é médica? Você vai?

Não respondi.

— Vai precisar de documentos especiais, Kasia, e nem isso garante que vão deixar você entrar.

— É isso que está no pacote — falei.

— E não é barato. Só o gasto com gasolina...

— Pois é. Conhecendo bem Caroline, ela deve ter tanto zlotys quanto marcos.

Pietrik deu um passo em minha direção.

— Temos que ir, Kasia. Finalmente podemos fazer alguma coisa para nos vingarmos deles. Eu vou com você. Só atravessar a fronteira já é muitíssimo perigoso e incerto. Sabe quantas pessoas morreram tentando atravessar?

— Ilegalmente. As pessoas fazem isso legalmente todo dia.

— Está mais difícil agora. Além do mais, a região está cheia de armadilhas e minas. Cinquenta mil guardas da Alemanha Oriental patrulham o local, todos atiradores de elite. Na dúvida, eles atiram primeiro.

Pietrik segurou minhas mãos.

— Vou com você. Halina pode ficar com seus pais.

— Estou cansada de tudo isso, Pietrik. A resistência. Ravensbrück. Preciso seguir em frente.

— Esse é o problema... você não consegue seguir em frente. Você disse ao menos duas palavras para a sua filha desde que voltou para casa?

— Ela está ocupada com as aulas de arte...

— Halina sentiu sua falta enquanto você esteve longe. Fez um calendário e marcou com um X todos os dias até você voltar.

— Estou trabalhando em dois turnos agora — rebati.

Pietrik me segurou pelos ombros.

— Você não pode encontrar um tempo para ela?

— Ela está sempre com Marthe...

Ele se aproximou da cadeira onde tinha jogado seu casaco e o pegou.

— É sempre outra pessoa, Kasia. — Pietrik se dirigiu para a porta. — Você não aprende, não é?

— Aonde você está indo? — perguntei.

— À mostra de arte da nossa filha.

Eu me aproximei dele. Como é que ele podia simplesmente sair assim?

— E o jantar?

— Vou comer por aí. — Ele se deteve na porta. — E pense seriamente em ir para Stocksee comigo. Não é todo dia que você ganha uma oportunidade de fazer uma coisa dessas, Kasia.

Eu me virei para o outro lado e vi a porta se fechar, meu estômago pronto para explodir. Eu o observei pela janela enquanto ele se distanciava, mãos nos bolsos. Halina o encontrou na rua, carregando uma pasta preta abarrotada de trabalhos artísticos. Eles se abraçaram e tomaram caminhos diferentes, Halina subiu para o apartamento. Quando ela chegou em casa, eu ainda estava de mau humor.

— Você está horrível — disse Halina.

— Obrigada.

— Vai à minha mostra de arte hoje? Eu queria muito que você fosse.

Halina parecia mais uma artista a cada dia que passava, usando uma das camisas velhas de Pietrik, salpicada de tinta. Ela usava o cabelo louro preso no alto da cabeça, como minha mãe costumava fazer. Era difícil olhar para ela, uma cópia quase perfeita de *matka*.

Enfiei o pacote de Caroline embaixo da mesa.

— Tenho trabalho a fazer.

— Você nunca foi a nenhuma exposição minha, *matka*. Uma professora quer comprar um dos meus cartazes.

Olhei pela janela.

— É melhor correr e alcançar seu pai. Ele vai comprar alguma coisa para você jantar.

— Vão servir queijo na exposição — disse Halina.

— E vodca, presumo.

— Sim.

Se a arte moderna não fosse moderna o suficiente, assim ela se tornaria após um copo de papel com muito álcool para uma boa apreciação.

— Corra lá e encontre seu pai — falei.

Halina saiu sem se despedir. Fui até a janela e a observei chegar à rua. Ela parecia tão pequena. Será que se viraria e acenaria? Não. Pelo menos Halina tinha uma boa relação com um dos pais.

Abri a carta de Zuzanna, curta e direta, do modo como ela sempre lidava com notícias ruins. Ela não voltaria. Consegui que estendessem seu visto e dava indícios

de que o casamento estava nos planos. Contudo, havia uma novidade ótima: os médicos no Mount Sinai concordavam que o câncer dela ainda estava em remissão.

Brindei a isso, esvaziando uma das vodcas que ganhei no avião.

No armário só havia cereal para mingau, então preparei uma tigela e me servi de um copo da vodca de Pietrik. Para uma vodca fabricada no porão de alguém, descia facilmente pela garganta. Como *papa* costumava dizer, dava para sentir o gosto das batatas. Tinha um sabor mais forte que a vodca do avião, e parava no lugar contanto que eu não imaginasse o conteúdo do meu estômago: mingau quente e vodca, se revirando de um lado para outro.

Não era de admirar que Pietrik bebesse de vez em quando. O álcool provocou um formigamento em todo meu corpo e aqueceu meus braços e dedos, cabeça e orelhas. Até o meu cérebro estava entorpecido no momento em que coloquei meu vestido americano. Sorri para o espelho. Com meu dente consertado, eu podia olhar para mim mesma novamente. Por que eu não deveria ir à grande noite da minha filha? As meias de náilon cobriam as poucas cicatrizes que restavam. Até meu marido ficaria feliz em me ver.

Era uma curta caminhada até a escola de Halina. Entrei no ginásio e vi que estava cheio de luzes brilhantes apontadas para os cartazes pendurados nas paredes de concreto. As pessoas andavam para lá e para cá admirando as obras dos estudantes. Marthe e *papa* estavam no extremo oposto da sala, conversando com um casal que tinha cara de artista. Uma mesa de jogos dobrável em um lado da sala continha garrafas de vodca e um prato de papel com cubos de queijo.

— Você veio, *matka*! — disse Halina, com um sorriso. — Pela primeira vez. Venha, vou mostrar tudo.

Pietrik estava no outro canto da sala, apoiado com a mão na parede, em uma conversa animada com uma mulher de chapéu vermelho.

— Talvez um pouco de queijo antes — falei, a respiração ficando repentinamente entrecortada.

Fomos até a mesa de comida, e peguei alguns cubos de queijo e um copo de papel de vodca.

— Desde quando você bebe vodca? — perguntou Halina.

— É importante experimentar coisas novas — respondi.

Provei, depois inclinei a cabeça para trás e bebi de um gole só. Era mais suave e tinha um gosto mais refinado do que a vodca de casa. Eu estava me tornando fã da bebida.

— Deixe eu lhe mostrar meu autorretrato — disse Halina.

Ela pegou minha mão, e meus olhos se encheram de lágrimas. Qual fora a última vez que ela havia segurado a minha mão?

Os trabalhos de Halina estavam agrupados em uma parede, todos em cores vivas.

Pitorescos e fortes. O retrato de uma mulher, Marthe sem dúvida, cozinhando, pintado como em um caleidoscópio. Em seguida, um peixe com um corpo de automóvel, cheio de engrenagens e peças de maquinário.

— Gosta daquele na cozinha? — perguntou Halina.

— Aquele de Marthe? Que cores bonitas!

— Não é Marthe. É você — disse ela. — Pinte em azul. Sua cor favorita.

Mais lágrimas brotaram nos meus olhos, e as cores giraram como tinta em uma jarra de água.

— Eu? Que lindo!

— Estou esperando para mostrar o melhor de todos. A professora quer comprar, mas talvez eu fique com ele.

Tentei secar os olhos com o guardanapo, enquanto Halina me levava mais adiante para o autorretrato dela. Quando parei em frente à tela, foi como se a pintura se desgrudasse da parede e me mordesse, de tão realista.

— Então? — disse Halina.

Era o maior quadro da sala, o rosto de uma mulher com cabelo dourado e uma coroa de espinhos em volta da cabeça.

Minha mãe.

Comecei a sentir muito calor, minha cabeça rodando.

— Preciso me sentar.

— Você não gostou — disse Halina, cruzando os braços.

— Gostei, sim. Só preciso me sentar.

Sentei-me em uma cadeira dobrável e observei Pietrik rindo com a amiga enquanto Halina foi pegar outra vodca para mim. Ele tinha motivos para não gostar muito de sair.

Halina agarrou a mão de Pietrik e o trouxe para perto.

— Aqui, *matka* — disse ela, me oferecendo um copo de vodca.

— O que deu em você para vir aqui? — perguntou Pietrik com um sorriso. — Vai chover.

— Certamente não foi você — respondi.

O sorriso dele murchou.

— Aqui não, Kasia.

— Você está aproveitando bastante a exposição — falei, apontando com o queixo a mulher do chapéu vermelho. Minha visão estava embaçada, a língua amolecida pelo álcool.

— Você andou bebendo? — perguntou Pietrik.

— Só você tem permissão para beber? — retruquei, tomando um gole. Meus pensamentos clarearam.

Pietrik esticou a mão para pegar meu copo.

— Vou levar você para casa.

Arrebatei o copo de volta e me levantei enquanto Marthe e *papa* se aproximavam, com a professora de arte de Halina atrás.

— A senhora é a mãe de Halina? — perguntou a professora, uma mulher bonita, de cabelo escuro, que usava óculos pretos redondos e uma túnica roxa. A professora colocou um braço, a manga parecendo a asa de um morcego, nos ombros da minha filha. — Halina e eu conversamos muito — acrescentou. — Ela fala muito bem da senhora.

— Ah, sério? — falei — Ela admite que tem uma mãe?

O grupo deu uma risada forçada. Não era tão engraçado assim.

— Ah, sabe como é, adolescentes — comentou a professora. — Viu o autorretrato de Halina? Meu colega da universidade disse que foi sua obra favorita de toda a exposição.

— É a minha mãe — falei.

— Perdão? — disse a professora.

Marthe e *papa* se entreolharam. A sala rodava como se eu estivesse numa montanha-russa.

— Halina pintou ela mesma, Kasia — disse Marthe.

Pietrik segurou meu braço.

— Se você conhecesse a minha mãe, não estaria dormindo na cama dela hoje — falei.

— Vamos para casa — disse Pietrik.

Eu me desvencilhei de seus dedos apertados.

— Halina pode não ter lhe contado em uma de suas conversas, mas eu provoquei a morte da minha mãe por estar trabalhando na resistência. Depois de tudo o que ela fez por mim.

Levei o copo até os lábios, mas ele caiu da minha mão, espalhando vodca na parte da frente do meu vestido.

— Pietrik, vamos levar Halina para a nossa casa — disse Marthe.

— Sim, minha mãe era uma artista igual a Halina, mas ela desenhava retratos para pessoas más, nazistas, se quer saber. — Senti meu rosto molhado de lágrimas. — O que aconteceu com ela? Só Deus sabe, Sra. Professora de Arte, porque ela nunca se despediu, mas acredite em mim: a mulher naquele cartaz é a minha mãe.

Tudo que lembro depois disso é de Pietrik me carregando para casa, nós dois parando para eu vomitar em um beco e limpar o mingau que coloquei para fora, sujando meu vestido americano.

* * *

ACORDEI ANTES DE raiar o dia.

— Água — gritei, por um segundo pensando que eu estava na *Revier* em Ravensbrück.

Eu me sentei na cama de Halina e vi que meu vestido havia sido trocado por uma camisola. Pietrik tinha mudado minha roupa? A noite anterior veio à tona, e minhas bochechas queimaram ali no escuro. Eu tinha me comportado como uma tola. Mesmo antes de amanhecer, eu sabia que precisava ir para Stocksee.

Passei pelo quarto de Pietrik. Ele dormia, um braço em cima do rosto, o peito nu. Lindo. E se eu simplesmente me enfiasse na cama com ele? Por que eu não tinha coragem de dormir com meu próprio marido?

Enquanto começava a amanhecer fora de nossa janela, juntei minhas coisas da noite anterior e abri o pacote de Caroline, com cuidado para não fazer barulho. Na caixinha, encontrei os documentos de viagem. Dinheiro alemão. Dinheiro polonês. Uma carta, endereçada ao maior jornal da Alemanha, detalhando os crimes de guerra de Herta Oberheuser em Ravensbrück e sua libertação precoce, toda completa com um selo alemão. Três mapas, uma lista de postos de gasolina certificados para comprar combustível e detalhadas instruções de viagem. Um bilhete pedindo desculpas por só ter conseguido documentos de viagem para uma pessoa, e um pacote inteiro de biscoitos Fig Newton. Joguei a caixa na minha mala e tranquei o cadeado. Pietrik se mexeu no quarto ao lado.

Fiquei paralisada por um segundo. Eu deveria deixar um bilhete? Rascunhei uma despedida rápida no papel do pacote de Caroline e desci a escada para pegar o velho carro turquesa de *papa*, que ele me emprestava de vez em quando e que Pietrik mantinha funcionando havia anos. Como dizia *papa*, aquele carro tinha mais ferrugem do que pintura, mas nos levava para onde quer que precisássemos ir.

No início, fiquei aflita enquanto dirigia. E se realmente fosse Herta? Ela me machucaria? Eu a machucaria? Meus pensamentos clarearam quando eu já estava a caminho, um dos poucos carros na estrada tão cedo. Espalhei um mapa e as instruções de viagem no banco do carona, aumentei o volume do rádio, baixei a janela e comi um pacotinho inteiro de Fig Newtons como café da manhã. A caixa dizia: NOVO PACOTE DUPLO. BISCOITO MAIS FRESCO! E de fato, o sabor estava melhor do que nunca, por fora a massa macia e úmida, por dentro a pasta doce de figo. Comer os biscoitos ajudou muito a melhorar meu humor. Talvez essa viagem fosse uma boa ideia, no fim das contas.

No meu caminho para o noroeste, passei por várias aldeias degradadas, sendo a única cor viva nas cidades de cores monótonas o vermelho em fundo branco dos cartazes de propaganda que proclamavam as virtudes do socialismo e a “AMIZADE INABALÁVEL COM OS POVOS DA UNIÃO SOVIÉTICA”.

Organizar uma viagem era complicado, pois a Alemanha havia perdido os

territórios que ocupara durante a guerra. No Leste, a terra havia sido devolvida à Polônia sob ocupação russa, e no Ocidente, foi dividida entre os aliados ocidentais. Dois novos Estados foram criados a partir da Alemanha ocupada: a Alemanha Ocidental, livre, não mais dominada pelos aliados, e a República Democrática Alemã, menor, na parte oriental.

Levei um dia inteiro para atravessar a Polônia e a Alemanha Oriental. As estradas eram esburacadas e muitas vezes cheias de lixo, e era raro ver outros veículos de passeio. Um comboio militar soviético passou por mim, as placas dos veículos cobertas de tinta. Os soldados que viajavam na traseira dos caminhões me olhavam como se eu fosse uma atração de circo esquisita. Na primeira noite dormi no carro com um olho aberto e outro fechado, atenta a ladrões.

No dia seguinte, em meio à garoa e a um denso nevoeiro, cheguei à fronteira interna alemã, o limite de 1.393 quilômetros entre a Alemanha Ocidental e os territórios soviéticos. Caroline havia me indicado uma das poucas rotas abertas para não alemães, a rota de travessia mais ao norte, para o posto de controle de Lübeck/Schlutup. Quando me aproximei da guarita e do poste com listras vermelhas que bloqueava a estrada, diminuí a velocidade e parei atrás do último carro da fila.

Uma chuva fraca caía no teto do carro enquanto eu esperava e examinava a torre de vigilância branca de concreto visível atrás do muro à distância. Será que eles estavam nos observando dali de cima? Será que viam meu carro caquético cuspindo fumaça lilás enquanto eu esperava? Em algum lugar, o cão de um guarda latiu e eu avalei o desolado campo circundante e a cerca comprida de metal que se estendia pela estrada. Será que estavam ali as armadilhas, além da cerca? Eu ficaria bem, contanto que não tivesse que sair do carro.

Meu carro avançou centímetros na fila, os limpadores de para-brisa carecas inúteis, a borracha furtada havia muito tempo por uns ladrões de galinha. Desliguei o rádio para poder me concentrar. Onde estava Zuzanna quando eu mais precisava dela? Ah, sim. Curtindo sua nova vida em Nova York. Verifiquei meus papéis pela décima vez. Três páginas, assinados a tinta com um floreio. Kasia Kuzmerick, Embaixadora Cultural, diziam. Passei o dedo pelo selo em relevo. Certamente eu não me parecia nada com uma embaixadora cultural, mas aqueles papéis me faziam sentir importante. Segura.

No momento em que cheguei ao portão, meu vestido estava ensopado de suor embaixo do casaco pesado. Baixei o vidro da janela para falar com o guarda da Alemanha Oriental.

— *Polski?* — perguntou ele.

Assenti e lhe entreguei meus documentos. Ele deu uma olhada e se virou para a guarita, com meus papéis na mão.

— Não desligue o carro — disse ele em alemão.

Esperei e observei o marcador de combustível. O ponteiro estava mesmo baixando enquanto eu olhava? Dois outros soldados da Alemanha Oriental afastaram as cortinas da guarita e deram uma olhada em mim. Finalmente, um oficial de meia-idade saiu e se aproximou do carro.

— Saia do veículo — disse ele em um polonês com sotaque alemão.

— Por quê? — perguntei. — Onde estão meus documentos?

— Foram apreendidos — disse o oficial.

Por que eu não tinha dado ouvidos a Pietrik? Talvez ele estivesse certo. Algumas pessoas nunca aprendem.

Kasia

1959

LEVEI ALGUM TEMPO para sair do carro no posto de controle, porque a porta não abria, por mais que eu tentasse. Eu me esgueirei para o banco do carona e saí por aquela porta, para a diversão dos guardas da fronteira, exibindo seus rifles.

A chuva se tornara uma névoa fina, e eu a observei se aglomerar e formar gotas na aba brilhante do chapéu do oficial que havia me mandado sair do carro. Apoiei uma das mãos no capô do carro, pois minhas pernas pareciam prestes a ceder, mas logo a retirei, pois o metal estava quente por causa do motor. Será que o automóvel estava prestes a superaquecer?

— Você tem documentos importantes — disse o oficial. — Mas foram substituídos por um passe de um dia.

— Mas eles eram...

— Se não gostar, pode dar meia-volta — disse o oficial. — De qualquer modo, tire esse carro daqui... Está caindo aos pedaços.

Peguei o passe. Será que ele percebeu meus dedos tremendo? O passe, ensopado àquela altura, não maior do que um maço de cigarros, era um substituto infeliz para os meus lindos papéis.

— Certifique-se de estar de volta ao posto amanhã até as seis horas da manhã, ou você vai viver aqui nesta casa conosco.

Ele fez sinal para o outro automóvel avançar, assinalando o fim da conversa.

De volta ao banco do motorista, comecei a suar frio de alívio. O segundo posto de controle foi mais fácil, e, assim que os guardas da fronteira me deixaram passar, entrei no lado ocidental, e dirigi para o norte, em direção a Stocksee.

A Alemanha Ocidental era como um mundo diferente, um mundo das maravilhas de campos verdes e fazendas bem-cuidadas. A estrada era suave, e caminhões modernos passavam por mim naquela rota popular, pois meu carro se recusava a ultrapassar os oitenta quilômetros por hora. Parei apenas uma vez, na primeira agência de telégrafo que vi, e mandei um telegrama para Caroline, contando que

estava a caminho.

Em algum ponto, perto de Stocksee, ouvi um terrível estrépito e ao me virar vi meu silenciador cair no asfalto e fazer barulho ao deslizar para a lateral da estrada. Dei marcha a ré, recuperei o pedaço comprido de metal e o arremessei no banco de trás. Depois disso, meu carro soava como uma motocicleta das mais barulhentas quando eu pisava no acelerador, mas que opção eu tinha? Precisava seguir em frente.

Com todo aquele barulho, entrei em Stocksee no início da tarde e estremeci ao passar pelo cartaz floreado com os dizeres WILLKOMMEN IN STOCKSEE! Aquela era a casa de Herta? Era uma cidadezinha rural próxima de um lago homônimo, um lago grande, tranquilo e escuro. Ela gostava mesmo de lagos.

Passei por extensas e onduladas terras cultivadas e cheguei ao centro da cidade, um lugar pequeno e organizado. A julgar pelo vestuário dos moradores, Stocksee também era um lugar conservador, pois a maior parte das pessoas usava *tracht* tradicional, os homens em *lederhosen*, calças de couro, casacos *trachten*, e chapéus alpinos, as mulheres em *dirndl*, vestidos típicos de camponesa alpina. Parei o carro perto de uma calçada e pedi ajuda a um homem em meu melhor alemão enferrujado.

— Com licença, senhor, pode me dizer como encontrar a Dorfstrasse?

O homem me ignorou e continuou andando. Uma pontada de medo me atingiu quando vi passar pela calçada uma mulher parecida com Gerda Quernheim, a enfermeira do campo de concentração. Será que era ela? Já em liberdade?

Encontrei o consultório médico, uma construção de um andar de tijolos pintados de branco. Estacionei o carro longe, mais adiante na rua, aliviada por desligá-lo, e fiquei sentada lá dentro, atraindo olhares hostis dos passantes. Uma pessoa espiou descaradamente o banco traseiro, olhando o silenciador ali jogado. Tentei acalmar minha respiração e reunir coragem. Será que eu deveria voltar para casa? Chamar a polícia e pedir ajuda? Isso poderia não acabar bem.

Um Mercedes-Benz prateado passou ao meu lado e embicou no meio-fio em frente ao consultório. Era um modelo mais antigo, mas o tipo de automóvel que Pietrik teria admirado.

Uma mulher saiu do carro. Será que era Herta, num veículo tão caro? Por que eu tinha esquecido meus óculos? Meu coração parecia um peixe maluco saltitante. A mulher não era magra demais para ser ela? Minhas mãos estavam escorregadias no volante enquanto eu observava a mulher entrar no consultório.

Deslizei para o banco do carona e saí, as dobradiças rangendo, e balancei as mãos como se fossem dois esfregões molhados, tentando me acalmar. Entrei no consultório e parei para ler a placa de metal perto da porta: CLÍNICA MÉDICA DA FAMÍLIA. As palavras ADORAMOS CRIANÇAS estavam pintadas embaixo. Crianças? Não poderia ser Herta. Quem deixaria alguém como ela tocar nos filhos?

A sala de espera não era grande, mas era desconcertantemente limpa e arrumada.

As paredes estavam pintadas com cardumes de peixes e tartarugas, e um aquário borbulhava em um canto. Eu me sentei e folheei revistas, dando uma espiada vez ou outra nos pacientes, caso ela passasse por ali. Era difícil olhar aquelas crianças bem-nutridas com pele aveludada e saber que Herta iria tocá-las. À medida que seus nomes iam sendo chamados, as mães entravam para ver a médica, do jeito que fazíamos antigamente. Será que ela mesma dava as vacinas ou deixava isso para uma enfermeira?

Observei um acará no aquário sugar e cuspir pedrinhas do fundo de cascalho cor-de-rosa. Uma mãe alemã esperava do outro lado da sala, o retrato da pureza ariana. Os nazistas a teriam colocado na capa de qualquer revista durante a guerra. Pensei em contar a ela como matavam os bebês em Ravensbrück, mas depois achei melhor não. Nunca dê uma informação sem que lhe peçam. Os alemães são muito desconfiados.

Embora estivesse fresco na sala, o suor escorria pelas minhas costas. Para me acalmar, folheei a revista *Mãe Alemã*. A guerra já tinha acabado havia muito tempo, mas as *Hausfrauen* não tinham ido longe. Ainda trabalhando bastante, embora não mais para o seu amado Führer. A julgar pela revista, os alemães idolatravam um novo ídolo: o consumismo. Volkswagens, sistemas de alta fidelidade, lava-louça e aparelhos de TV. Isso, pelo menos, era um avanço. A recepcionista abriu a janela de vidro.

— A senhora tem consulta marcada? — perguntou ela, com sombra azul nas pálpebras. Maquiagem? O Führer não aprovaria isso.

Eu me levantei.

— Não, mas se a doutora estiver livre, eu gostaria de ser atendida.

Ela me deu uma prancheta, com um longo formulário preso no grampo prateado.

— Preencha isso enquanto vou verificar — disse ela.

Preenchi o formulário com meu nome verdadeiro, de casada, e um endereço falso na cidade próxima de Plön. Estava quase ilegível, de tanto que meus dedos tremiam. Por que me preocupar? A guerra já tinha acabado havia muito tempo. Hitler estava morto. O que Herta poderia fazer comigo?

Escutei a música enquanto esperava. Tchaikovsky? Não estava me acalmando.

A última paciente entrou para a consulta, e fiquei sozinha na sala de espera. Será que ela se lembraria de mim? Eu tinha certeza de que reconheceria a própria obra.

A recepcionista apareceu na janela.

— A médica vai ver a senhora depois da última paciente. Vou embora daqui a pouco, então pode me dar os papéis?

— Claro — respondi e devolvi a prancheta.

Eu ia ficar ali sozinha com a médica? Será que eu deveria ir embora?

Eu me aproximei do cabide de casacos de madeira no canto, que tinha apenas um jaleco branco, para pendurar meu casaco. A placa de identificação presa no bolso

superior dizia DRA. OBERHEUSER. Senti um calafrio. Como era estranho ver aquele nome impresso. Em Ravensbrück, os funcionários tomavam o cuidado de não revelarem seus nomes. Não que não soubéssemos.

A recepcionista se levantou e arrumou a mesa, pronta para ir embora.

Por que ficar? Se eu saísse, ninguém saberia que eu estivera ali. Caroline poderia mandar outra pessoa.

A última mãe atravessou a sala de espera, o bebê no ombro, e sorriu para mim quando deixou o consultório. Pensei na bebê da Sra. Mikelsky e senti uma pontada de tristeza. Eu poderia seguir aquela moça simpática, sair da sala de espera e voltar para Lublin. Vesti depressa o casaco, e comecei a me encaminhar para a porta, de boca aberta, sugando o ar. Consegui chegar e senti a maçaneta lisa em minha mão.

Simplesmente ir embora.

Antes que eu pudesse girar a maçaneta, a recepcionista abriu a porta que dava para as salas internas.

— Kasia Bakoski? — chamou ela com um sorriso. — A médica vai atender a senhora agora.

Caroline

1959

O DIA 25 DE outubro de 1959 acabou sendo adorável, perfeito para um casamento. Mamãe estava em ótima forma, apesar de os Estados Unidos terem acabado de mandar os macacos Able e Baker para o espaço em um foguete Júpiter e de ela estar totalmente dedicada a uma campanha de correspondência condenando uma crueldade dessas com os animais.

Aquele foi um ano de primeiras vezes. A primeira visita diplomática de um premiê soviético, Nikita Khrushchev, aos Estados Unidos. A primeira vez que o musical *Gipsy* foi apresentado na Broadway. O primeiro casamento em The Hay.

Serge e Zuzanna não precisariam se preocupar com o tempo nas suas núpcias, já que havíamos montado uma tenda, com grande esforço, na parte baixa do pátio, atrás do jardim. Vivíamos uma estiada em Bethlehem, um período enevoadado, quente e apenas um pouco chuvoso.

Aquele não era um casamento da alta sociedade, longe disso, como provava a procissão de convidados que saía da igreja. Nosso grupinho animado saiu caminhando da igreja católica de Bethlehem, passou pelo parque e chegou a The Hay, acompanhado pelo badalar de sinos das igrejas da cidade. Todos de Bethlehem haviam comparecido ao grande dia de Serge e Zuzanna, exceto Earl Johnson, que se sentiu obrigado pelo dever a ficar em seu lugar na agência dos correios.

Mamãe, discreta em uma roupa de tafetá cinza, encabeçava a procissão, tendo a seu lado o Sr. Merrill, do mercado. Ela seguiu para os fundos, conduzindo sua orquestra de amigos russos, os instrumentos enfeitados com flores e fitas alegres. Eles tocaram na balalaica uma versão comovente e adorável de “Jesus, alegria dos homens”.

Depois, chegaram a noiva e o noivo. Serge estava deslumbrante em um dos ternos de gabardine de papai, reformado para ele, e exibia o sorriso largo típico de um homem parado perto de um espadim digno de prêmio em um porto de Key West. Que homem não se sentiria orgulhoso em se casar com a encantadora Zuzanna? Ela

se parecia um pouco com Audrey Hepburn, um pouco com Grace Kelly, com o temperamento de um cordeirinho. Zuzanna e Kasia, a irmã de personalidade forte, eram diferentes como água e vinho. Kasia, de uma sinceridade revigorante, Zuzanna, mais sutil.

Mamãe havia feito o vestido da noiva em uma renda cor de linho cru. Era lindo, mesmo com notas de dólar presas nele todo, seguindo a tradição polonesa, a brisa fazendo as notas voarem feito as franjas de uma melindrosa. Zuzanna carregava um buquê das rosas “Souvenir de la Malmaison” do Sr. Jardineiro, perfumadas, de um tom de cor-de-rosa forte. O noivo também carregava um botão de flor: um menino de dez meses, chamado Julien, com o rosto macio como pêssego e uma cabecinha com cabelo que era, como dizia mamãe, “preto e liso como o de um chinês”. A criança querida se tornara oficialmente filho dos dois duas semanas antes, e seus pezinhos ainda não haviam tocado a terra firme, porque havia muitos adultos querendo carregá-lo no colo.

Depois de vários primos e conhecidos, vínhamos Betty e eu. Ela estava resplandecente em um conjuntinho Chanel, a cabeça do visom de sua estola balançando a cada passo. Eu usava um vestido justo de seda crua cor de lavanda — mamãe insistira nele, e Zuzanna achara que combinava com a madrinha da noiva, o que me fez chorar antes mesmo do início da cerimônia. Fechando a retaguarda vinha Lady Chatterley, a porquinha, com uma guirlanda de margaridas no pescoço e, como muitos de nossos convidados, preocupada principalmente com a perspectiva de um bolo gostoso.

A procissão seguiu seu caminho pela entrada de cascalho da nossa casa. Nos fundos, mais além, atrás dos estábulos, o campo de feno se estendia até a rua seguinte, a Munger Lane. O feno havia sido colhido, deixando o prado nu, pontuado em algumas áreas por tufo de palha, e os bordos e olmos na margem já começavam a mostrar folhas cor de carmim, balançando na brisa. Ali, a atenção de quem olhava para a extremidade do prado naturalmente seguia além do pomar, para a minha antiga casinha de brinquedo.

Examinei a casinha, um eco da casa principal, feita de pranchas de madeira, com a chaminé resistente e bancos em tamanho infantil na entrada. A porta escura cintilava ao sol, e as cortinas de seda que Zuzanna costurara, da cor do pequeno salgueiro-gato, balançavam para fora das janelas com a brisa. Não fiquei surpresa pelo fato de a casinha ter se transformado em um lugar seguro para Zuzanna, para onde ela ia quando o peso do mundo era excessivo. Já fora meu refúgio também, onde eu passara os dias depois da morte do meu pai.

Enquanto a procissão de convidados seguia para o jardim nos fundos, Betty e eu fomos para a cozinha pegar os *petit-fours* que o *sous-chef* de Serge preparara.

Ele abrira um restaurante na vizinha Woodbury, onde muitos moradores prósperos

de Manhattan passavam os fins de semana. Ele batizara o estabelecimento de Serge!. Era um lugarzinho aconchegante, que tinha fila na porta aos sábados à noite. Isso não era nenhuma surpresa, já que todos sabem que os nova-iorquinos, quando privados de boa comida francesa por mais de vinte e quatro horas, se tornam impossíveis e passam a procurar por ela feito porcos atrás de trufas. Ou talvez fossem as sobremesas polonesas de Zuzanna que fizessem a fila de clientes crescer.

— Adoro as tradições polonesas. Você não sente o mesmo, Caroline? Alfinetar dinheiro na roupa da noiva? Genial!

Betty pegou um *petit-four* da caixa e o enfiou inteiro na boca.

Vesti um dos novos aventais de Serge, com a logomarca do restaurante, um S preto, na frente.

— Pare de espetar notas de cem dólares na roupa da noiva, Betty. É vulgar.

— É uma tradição tão prática!

— Ao menos distrai Zuzanna, faz com que ela esqueça um pouco que ninguém da família pôde estar presente.

— Esses dois precisam de uma lua de mel, Caroline. Deve ser exaustivo cuidar de uma criança que está ganhando dentinhos.

— Ela sente falta da irmã.

— Kasia? Traga-a de avião para cá, pelo amor de Deus.

— Não é assim tão fácil, Betty. A Polônia é um país comunista. Já tive bastante dificuldade conseguindo um visto de trânsito para ela ir à Alemanha...

— Para confrontar aquela médica? Sinceramente, Caroline...

— Mandeí tudo de que ela precisava, mas não recebi notícia nenhuma.

Eu mandara um pacote para a Polônia, pelo serviço expresso do correio, semanas antes, com mais do que o dinheiro necessário para a viagem de Kasia a Stocksee, na Alemanha, e ela ainda não dera notícia. E eu não era a única esperando para saber se a médica era mesmo Herta Oberheuser. Uma enorme quantidade de médicos britânicos estava a postos para me ajudar a pressionar o governo alemão a revogar sua licença médica. Anise e as amigas também estavam prontas para entrar na batalha. Herta era apenas uma na lista de criminosos de guerra nazistas que precisavam ser mantidos sob controle.

— Seus poderes persuasivos são excelentes, querida. Você nunca me convenceria a vagar por uma cidade alemã esquecida por Deus para identificar uma médica nazista louca.

Como Betty conseguia reduzir qualquer situação ao absurdo? Será que eu tirara vantagem de Kasia ao lhe pedir para identificar Herta? Ela ficaria bem, era tão capaz, tão forte... Nada parecida comigo quanto tinha a idade dela.

— Ora, de qualquer modo, não se preocupe com tudo isso, Caroline. Tenho um presente para você.

— Não precisava.

Betty apoiou em cima da mesa da cozinha uma bolsa que mais parecia uma sacola, de Schiaparelli.

— É linda, Betty.

— Ah, a bolsa é de mamãe, e ela a quer de volta... Está ficando tão pão-duro na velhice... Mas o presente está aí dentro.

Enfiei a mão na bolsa e senti a flanela, aquele toque inconfundível do metal envolvido no tecido, e soube na mesma hora do que se tratava.

— Ah, Betty.

Eu me apoiei na mesa, emocionada.

Peguei o rolo de flanela e, ao desdobrá-lo, encontrei vários garfos de ostra.

— Está tudo aí — disse Betty. — Venho comprando do Sr. Snyder há anos. Você sabe que ele sempre telefona primeiro para mim quando tem alguma coisa boa. Quando ele falou que tinha prata Woolsey...

Tirei todos os vinte rolos de dentro da bolsa e empilhei-os em uma pirâmide de flanela marrom na mesa. Até as quatro pequenas pinças estavam ali.

Betty passou os braços ao meu redor e apoiei o rosto no visom frio e macio.

— Não fique toda chorosa comigo, Caroline. Hoje é dia de alegria.

Como eu era sortuda por ter uma amiga tão generosa! Mamãe talvez fingisse não se importar, mas ficaria encantada por ter a prata Woolsey de volta.

Betty e eu arrumamos o bolo de casamento na mesa no jardim e usei minhas pinças de prata havia tanto tempo perdidas para servir os *petit-fours*. O casal feliz ficou de pé, cercado pelos convidados do casamento e pelas hortênsias do outono, com suas folhas suaves e seus botões de flores brancas, feito espectadoras esticando o pescoço para ver a festa. Mamãe conseguiu cortar o bolo mesmo com Julien no colo, enquanto o casal segurava a xícara encantadora dela entre os dois, bebericando vodca, e Betty e os membros da orquestra gritavam “Gorku! Gorku!” (Amargo! Amargo!), instigando-os a beber.

Quando entrei novamente na casa para pegar mais limonada, ouvi o tilintar da campainha de uma bicicleta e, assim que me virei, vi Earl Johnson virando na lateral da casa, os pneus deixando uma marca escura serpenteante na grama. Ele guiava sua bicicleta Schwinn Hornet, completa, com farol cromado e cesta de palha branca, enfeitada com margaridas de plástico.

Earl tirou o chapéu e teve o bom senso de parecer envergonhado.

— Desculpe por andar pela grama, Srta. Ferriday.

— Não se preocupe com isso, Earl — falei. De que adiantara já ter pedido a ele várias vezes que não fizesse isso? — É só grama. Mas será que pode dar a volta no gramado da próxima vez?

Zuzanna apareceu e veio na nossa direção, com o bebê enganchado no quadril. No

caminho, ela pegou um raminho de lilás que brotava no fim do outono. Roçou a flor sob o queixo de Julien, fazendo-o levantar e abaixar as perninhas, feito um sapinho feliz. O passo de Zuzanna era bem firme agora que ela finalmente estava bem.

Earl permaneceu montado na bicicleta.

— Tenho uma carta para a senhorita. De...

Ele estreitou os olhos para o endereço do remetente.

Tirei a carta da mão dele.

— Obrigada, Earl.

Fixei o olhar na carta por tempo suficiente para ver a letra de Paul e a enfiei no bolso do avental. Passei os dedos pela carta e senti que era grossa. Um bom sinal. Seria uma simples coincidência que a Pan Am houvesse começado recentemente a fazer voos diretos entre Nova York e Paris?

Earl tirou outro envelope da cesta da bicicleta.

— E há também um telegrama. Lá da Alemanha Ocidental.

Ele me entregou a carta e esperou, as mãos no guidão da bicicleta.

— Obrigada, Earl. Pode ir agora.

Earl nos deu as costas com um último bom-dia e seguiu com a bicicleta para a frente da casa, mas foi interceptado por mamãe, que o levou até o bolo.

Zuzanna me lançou um olhar de expectativa.

Rasguei uma das laterais do envelope e tirei o telegrama.

— É de Kasia. Da Alemanha Ocidental.

Senti o aroma de pomada e de talco de bebê quando Zuzanna cobriu a minha mão com a dela, que estava fria, mas carinhosa e macia. Mão de mãe.

— Devo ler em voz alta? — perguntei.

Zuzanna assentiu.

— O telegrama diz: “A caminho de Stocksee. Sozinha.”

— Só isso? — perguntou Zuzanna. — Tem que haver mais.

— Lamento, mas isso é tudo querida. Ela assina “Kasia”.

Zuzanna soltou minha mão e se recompôs.

— Então ela está indo. Para saber se é Herta. Sozinha?

— Receio que sim, querida. Você sabe como isso é importante. Kasia é uma mulher corajosa. Vai ficar bem.

Zuzanna segurou Julien mais perto do corpo.

— Você não sabe como eles são.

Ela se virou e caminhou na direção da casinha de brinquedo, o bebê em seu ombro me observando diminuir conforme eles se afastavam, a mãozinha brilhando na boca. A orquestra tocava “Young Love”, de Sonny James, enquanto eu via Zuzanna atravessar o prado.

Quando chegou à casinha, ela entrou e fechou com delicadeza a porta, me

deixando com a sensação crescente de que eu finalmente havia ido longe demais.

Kasia

1959

A RECEPCIONISTA ME acompanhou até o consultório.

— Espere aqui.

A sala era mobiliada com bom gosto, um tapete oriental, paredes verde-claras e portas francesas que davam para um jardim tranquilo. Cheirava a couro e madeira antiga, e o mobiliário parecia caro. Um sofá estofado. Uma mesa lateral marrom lustrada, com pés em formato de patas de leão. Uma cadeira de couro alta junto à ampla mesa da médica. No outro lado da mesa, havia uma cadeira pintada de preto com um assento de palhinha, claramente destinada ao paciente. Será que era ali mesmo que Herta passava seus dias? Se sim, era uma melhora considerável em relação ao seu último consultório. Ela certamente não estava comendo feijão em lata.

— A senhora é a última consulta — disse a recepcionista. — A médica teve um longo dia. Duas cirurgias esta manhã.

— Algumas coisas nunca mudam — comentei.

— Perdão?

Eu me aproximei da cadeira.

— Ah, nada.

Minhas mãos tremiam quando agarrei os braços de madeira da cadeira e me abaixei. Estantes embutidas preenchiam uma parede, e havia um relógio de porcelana cor-de-rosa em uma prateleira.

— Vou sair agora — disse a recepcionista. — Aqui está seu recibo. A doutora já vem.

— Obrigada.

Dei uma olhada no recibo: “Dra. Herta Oberheuser” estava impresso em uma bonita caligrafia no alto do papel. Minha prova!

Quase segurei a mão da recepcionista e supliquei para ela ficar na sala comigo, mas em vez disso observei-a ir embora. O que poderia acontecer? Ela fechou a porta com delicadeza. Se esse fosse realmente o consultório de Herta, seria muito bom

repreendê-la, e depois, ao sair, bater a porta.

Eu me levantei e caminhei até a estante, o tapete abafando meus passos. Passei o dedo por uma coleção de livros com capa de couro macio, e puxei um exemplar pesado, *Atlas de Cirurgia Geral*. A especialidade de Herta. Enfiiei o livro de volta no lugar e me dirigi para as pinturas a óleo com molduras douradas penduradas na parede, retratando vacas em um pasto. Na mesa havia um mata-borrão, um telefone, uma caixa de lenços de papel e um jarro de prata com água sobre um prato de louça. O jarro transpirava, assim como eu.

Olhei os diplomas emoldurados na parede. ACADEMIA DE MEDICINA PRÁTICA DE DÜSSELDORF. DERMATOLOGIA. Havia outro para doenças infecciosas. Nenhum diploma de cirurgia. Eu me servi de um copo de água.

A porta se abriu, e me virei para ver entrar na sala a mulher que tinha saído do Mercedes prata. Fiquei paralisada, a boca repentinamente seca, e então coloquei o copo na mesa. Era Herta.

Ela andou a passos largos até a mesa, prancheta na mão, usando o jaleco branco de médico, um estetoscópio preto pendurado no pescoço. Graças a Deus ela não ofereceu a mão para me cumprimentar, porque minhas palmas estavam molhadas.

Eu me sentei, trêmula, enquanto ela dava uma olhada no meu formulário na prancheta, sua atitude em um meio-termo entre entediada e irritada.

— O que posso fazer pela senhora hoje, Sra. Bakoski? Paciente nova?

— Paciente nova, sim — falei, apertando as mãos no colo para fazê-las parar de tremer. — Procurando um médico de família.

Ela se sentou na cadeira de couro e se aproximou da mesa.

— Polonesa? — perguntou, tirando a tampa da caneta-tinteiro. Será que aquilo era um vestígio de desprezo?

— Sou — respondi com um sorriso forçado. — Meu marido trabalha em uma mercearia.

Por que eu estava tremendo tanto? Qual era a pior coisa que poderia acontecer? O comandante Suhren estava em um caixão de madeira em um cemitério alemão. Ou não? Da maneira como os nazistas estavam surgindo nessa cidade, era capaz de eu encontrar Suhren nadando de costas no lago.

— A senhora mora em Plön?

Ela franziu a testa, ergueu meu copo da mesa e colocou um descanso de copo de linho embaixo dele.

— Moro.

— Na rua da escola?

— Isso mesmo.

— Engraçado, não existe essa rua em Plön.

— Foi isso que escrevi? Somos novos na cidade.

Do lado de fora da janela, um pássaro batia as asas.

— Em que posso ajudar, Sra. Bakoski?

Como ela podia não me reconhecer, se seu rosto estava tão gravado na minha mente?

— Pode me falar sobre a sua experiência anterior? — perguntei.

— Eu me especializei em dermatologia e recentemente fiz a transição para a medicina de família após praticar por muitos anos no Hohenlychen Sanatorium e em um grande hospital universitário em Berlim.

Assim que meu coração parou de bater tão forte, fiquei mais confortável com meu papel. Ela realmente não me reconheceu.

— Ah, deve ter sido interessante — falei. — E antes disso?

— Eu era médica em um campo de reeducação de mulheres em Fürstenberg.

Ela se recostou na cadeira, os dedos esticados e colados. Não havia dúvida de que era ela, mas Herta havia mudado. Tornara-se mais refinada, o cabelo mais comprido e roupas caras. A prisão não a havia derrubado, e sim de um jeito ou de outro a deixara mais sofisticada. Meu corpo inteiro se retesou com esse pensamento. Como aquela criminosa podia estar desfrutando de um estilo de vida tão luxuoso enquanto a vítima dirigia por aí em um automóvel que parecia uma bacia?

— Ah, Fürstenberg é lindo — falei. — O lago e tudo o mais. Bonito.

— Então a senhora já esteve lá?

Aquele era o momento. Eu tinha uma escolha: sair dali, já com a identificação de Herta, ou ficar para o que eu realmente desejava.

— Já. Fui prisioneira lá.

O relógio marcou a meia hora.

— Isso foi há muito tempo — disse Herta, se sentando ereta na cadeira e organizando objetos na mesa. — Se a senhora não tem mais perguntas, tenho outros pacientes para atender, e estou atrasada.

Ali estava a velha Herta. Ela só conseguia ser agradável por um tempo.

— Eu sou sua última paciente — falei.

Herta sorriu. O primeiro sorriso.

— Por que mexer no que está enterrado? A senhora está aqui para conseguir algum tipo de justiça vingativa?

Todos os meus discursos ensaiados desapareceram.

— Você não me reconhece mesmo, não é?

O sorriso dela se desvaneceu.

— Você me operou. Matou meninas, adolescentes. Bebês. Como pôde fazer isso?

— Fiz o meu trabalho. Passei anos na prisão só por fazer uma pesquisa acadêmica.

— Cinco anos. Enquanto sua sentença foi de vinte. Então, essa é a desculpa? Pesquisa acadêmica?

— Pesquisa para salvar soldados alemães. E, para sua informação, faz anos que o governo alemão exerce o direito de usar criminosos executados para propósitos de pesquisa.

— Só que nós não estávamos mortas, Herta.

Ela me olhou mais atentamente.

— Já cumpri minha pena, e agora, se me der licença...

— Minha mãe também estava em Ravensbrück.

Herta fechou a gaveta da mesa com uma força exagerada.

— Não pode esperar que eu tenha controle de cada *häftling*.

— Halina Kuzmerick.

— Não soa familiar — disse Herta sem nem sequer hesitar.

— Você a levou para o Bloco Um.

— Havia mais de cem mil *häftlings* em Ravensbrück — disse Herta.

— Não diga essa palavra de novo.

— Não me recordo dessa pessoa — falou Herta dando uma espiada rápida em minha direção.

Será que ela estava com medo de mim?

— Halina Kuzmerick — repeti. — Ela era enfermeira. Trabalhou com você na *Revier*.

— Havia três turnos de prisioneiras enfermeiras. A senhora espera que eu me lembre de uma?

— Ela era loura e falava alemão fluentemente. Uma artista.

Herta sorriu.

— Eu gostaria de ajudar a senhora, mas minha memória não é das melhores. Lamento, não consigo me lembrar de cada enfermeira que desenhava retratos.

As nuvens lá fora mudaram de lugar, e a luz do sol atravessou a janela até a mesa de Herta. Tudo ficou mais lento.

— Eu não disse que ela desenhava retratos.

— Vou pedir que a senhora saia daqui. Estou realmente ocupada. Meu...

Eu me levantei.

— O que aconteceu com a minha mãe?

— Se a senhora for esperta, vai voltar para a Polônia.

Eu me aproximei da mesa dela.

— Eles podem ter deixado você sair da prisão, mas há gente que acha que você ainda merece ser punida. Uma porção de pessoas. Pessoas poderosas.

— Já paguei por isso.

Herta fechou a caneta e jogou-a no mata-borrão. O anel que ela usava captou o raio de sol e lançou um caleidoscópio de luz sobre a mesa.

— Que anel bonito.

— Da minha avó — disse Herta.

— Você é doente. Patológica.

Herta olhou pela janela.

— Não sei do que a senhora está falando.

— Relacionado a um comportamento desajustado, ou manifestando-se em tal comportamento...

— Este anel está na minha família...

— Ah, faça-me o favor, Herta.

Herta pegou um elegante caderno de couro da gaveta.

— É dinheiro que a senhora quer? Parece que todo polonês vive mendigando.

— Se você não me contar exatamente o que aconteceu com a minha mãe, vou procurar as pessoas que me mandaram para cá e avisar que você está aqui, com seu Mercedes-Benz e sua clínica, cuidando de bebês. Depois vou aos jornais e conto tudo. Como você assassinou gente. Crianças. Mães. Idosas. E agora vive como se nada tivesse acontecido.

— Eu não...

— É claro que vai ficar sem esses quadros valiosos. E os livros de couro.

— Está bem!

— E também esse lindo relógio...

— Pare com isso. Deixe-me pensar. — Herta olhou para as mãos. — Ela era muito eficiente no trabalho, se bem me lembro. Sim, ela colocou a *Revier* nos eixos.

— E?

Nesse ritmo, eu chegaria horas atrasada ao posto de controle.

Herta inclinou a cabeça para o lado.

— Como vou saber que você não vai contar para os jornais, de qualquer maneira?

— Continue — ordenei.

— Bem... ela roubava. Todo tipo de coisas. Ataduras. Medicamentos de sulfa. Eu não acreditava. Inclusive, uma farmacêutica da cidade chamada Paula Schultz ia fazer entregas na farmácia da SS e desviava alguns produtos para ela. Estimulantes cardíacos. Graxa de sapato para o cabelo, de modo que as mulheres mais velhas...

— Eu sei para o que servia. Continue.

— Tudo isso já era ruim o suficiente, mas eu não sabia sobre a lista.

Herta lançou um olhar furtivo em minha direção.

Eu me inclinei para a frente.

— Que lista?

— A lista das cirurgias para os testes com sulfa. A enfermeira Marschall descobriu que sua mãe se apoderou dela para, bom, para editar.

— Como assim? — perguntei, mas eu já sabia a resposta.

— Ela tentou tirar a senhora e a sua irmã da lista. Outra prisioneira também.

— Então mataram a minha mãe?

As lágrimas inundavam meus olhos.

— Primeiro a mandaram para a solitária. Depois a enfermeira Marschall contou para Suhren que ela levava carvão para fazer remédios para as *häftlings* com disenteria. Eu nunca contei que ela invadia a despensa da farmácia, mas o carvão foi o suficiente para Suhren.

— Suficiente para matar?

Eu me sentia sendo sugada por um ralo.

— Ela estava roubando o Reich — disse Herta.

— Você não impediu.

— Eu não sabia que isso aconteceria.

— O muro de execução?

Tateei, procurando minha bolsa para pegar o lenço, incapaz de segurar as lágrimas.

Herta aproveitou a deixa.

— Eu realmente preciso sair agora — disse, se levantando.

— Sente-se — ordenei. — Quem atirou nela?

— Eu não acho...

— Quem atirou nela, Herta? — perguntei, mais alto.

— Otto Poll — respondeu, falando mais rápido. — Binz acordou Otto, que dormia profundamente.

Ela estava com medo de mim. Só esse pensamento já me fez endireitar o corpo.

— Como aconteceu?

— A senhora não quer...

— Como aconteceu? Não vou perguntar de novo.

Herta suspirou, comprimindo os lábios.

— Quer saber? Lá vai. No caminho para o muro, Halina não parava de falar para Otto que ela conhecia um homem da SS. Alguém de patente alta. Lennart alguma coisa. “Entre em contato com ele. Vai se responsabilizar por mim.” Fique sabendo que eu cheguei a mandar uma carta dela para esse tal de Lennart. Por maior que fosse o risco para mim mesma.

Então foi por isso que Brit vira Lennart no campo. Lennart, o Corajoso, tinha ido resgatar *matka*, no final das contas. Mas era tarde demais.

— Continue — falei.

— “Tem certeza?”, Otto ficava perguntando para Binz. Ele adorava as damas. Então Halina pediu um favor...

— Que favor?

— “Deixem que eu veja minhas filhas uma última vez”, foi o que ela disse, o que foi permitido por Suhren... Uma bela atitude dele, considerando a traição que ela

havia cometido. Eu não fazia ideia de que tínhamos operado a senhora e a sua irmã. Binz levou sua mãe para onde vocês duas estavam dormindo. Depois disso, ela ficou tranquila. Assim que Suhren se encontrou com eles no muro, prosseguiram. “Faça logo”, disse Binz para Otto, mas a arma dele travou. Ele estava chorando. Ela estava chorando. Foi uma trapalhada só.

— E aí? — perguntei.

— É tudo tão sórdido... — disse Herta.

Será que eu queria mesmo saber?

— Conte — insisti.

— Ele finalmente atirou.

Herta parou de falar. Estava tão silencioso no consultório dela, ouvia-se apenas o som de crianças bem ao longe, em um jardim, brincando.

— Como? — perguntei.

Apenas acabe com isso, e você vai estar logo no carro a caminho de casa.

Herta se mexeu na cadeira, e o couro rangeu.

— Quando ela não estava esperando.

Depois de tanto tempo, a história que eu queria tanto ouvir. Eu estava me sentindo tão oca quanto um ovo vazio, mas estranhamente viva. Por mais difícil que fosse, de repente eu queria cada migalha daquilo, pois cada detalhe parecia me atravessar e me trazer de volta à vida.

— Ela gritou? Tinha pavor de armas.

— Estava de costas. Não estava esperando.

Herta enxugou uma lágrima.

— Como você se sentiu?

— Eu? — perguntou ela. — Não sei.

— Você deve ter sentido alguma coisa quando descobriu.

— Fiquei muito triste. — Ela puxou um lenço de papel da caixa. — Está feliz agora? Ela era uma boa funcionária. Praticamente uma alemã pura. Suhren me puniu por ter me aproximado demais dela.

— Você ficou mesmo?

Herta deu de ombros.

— Nós éramos amigas, de certa forma.

Eu sabia que a médica gostava de *matka*, mas será que minha mãe realmente tinha se aproximado dessa criminosa? *Matka* com certeza havia fingido ser amiga dela para ter acesso as provisões.

— Se você soubesse que éramos filhas de Halina, teria nos tirado da lista?

Herta entrelaçou os dedos e encarou os polegares. Escutamos o zumbido distante de um cortador de grama.

Após vários segundos, eu me levantei.

— Entendo. Obrigada por ter me contado a história.

Por que eu estava agradecendo a ela? Tudo era tão surreal... Por que eu não conseguia insultá-la, mandá-la para o inferno?

Comecei a me dirigir para a porta, mas então dei meia-volta.

— Me dê o anel — falei.

Ela cerrou os punhos no peito.

— Tire o anel agora — insisti. — E coloque em cima da mesa.

Eu ficaria enjoada só de pensar em tocar nela.

Herta ficou imóvel por um longo momento, depois tentou puxar o anel.

— Meus dedos estão inchados — disse Herta.

— Deixe-me ver — falei enquanto inspirava profundamente e segurava a mão dela.

Cuspi no anel e o girei para a frente e para trás. Ele saiu, revelando uma estreita faixa branca na base do dedo.

— Aí está — disse Herta, evitando meus olhos. — Está feliz agora? Vá embora logo.

Ela se levantou, se aproximou da janela e olhou para fora em direção ao jardim.

— E espero que a senhora mantenha sua parte do acordo. Não vai contar para os jornais? Tenho a sua palavra?

Esfreguei o anel na saia, limpei qualquer resquício de Herta e o enfiei no meu anular esquerdo. Parecia frio e pesado ali. Encaixava-se perfeitamente.

Matka.

Fui até a porta.

— Você não vai ter mais notícias minhas.

Herta se virou da janela.

— Sra. Bakoski.

Eu parei.

Herta permaneceu ali, um dos punhos fechados no peito.

— Eu...

— O quê?

— Eu só queria dizer que, bem...

Ouvia-se o tique-taque do relógio.

— Eu traria sua mãe de volta, se pudesse.

Eu a encarei por bastante tempo.

— Eu também.

Saí do consultório me sentindo mais leve, deixando a porta escancarada, não mais ansiosa pela vibração de batê-la.

* * *

CONSEGUI ENCONTRAR A agência de télégrafo de Stocksee e passei, às pressas, dois telegramas curtos.

O primeiro era para Pietrik e Halina: “Estou bem. Logo mais chego em casa.”

O outro foi para Caroline, em Connecticut: “Herta Oberheuser, com toda certeza. Nenhuma dúvida.”

Rasguei a carta para o jornal. Caroline se encarregaria de Herta no devido tempo. Isso não importava mais para mim.

Dirigi até o posto de controle de Lübeck/Schlutup e passei por lá sem grande dificuldade. Embora eu não tivesse dormido, me sentia desperta e viva na estrada a caminho de Lublin. Meu motor sem silenciador parecia potente e aumentava o giro a cada pressão do acelerador, à medida que eu prosseguia pelas suaves colinas em direção à minha casa. A luz da lua mostrou o caminho, passando por pântanos vastos e escuros, por chalés azuis e brancos e zonas de bétulas prateadas brilhando na floresta escura.

Pensei na minha conversa com Herta, feliz em saber que minha mãe havia se despedido. Toquei minha testa e sorri. O beijo do sonho havia sido real.

Abaixei o vidro da janela e deixei o aroma do outono entrar no carro escuro, o cheiro de feno recém-cortado me levando de volta ao Prado dos Cervos, à lembrança do corpo quente de Pietrik ao meu lado, ele segurando a bebê Halina na mesa do café da manhã, lendo o jornal com a filha embrulhadinha no colo. Impedindo-a de se afastar. Como é fácil se enlaçar em sua própria rede de pesca.

Quando comecei a me aproximar de Lublin ainda estava escuro, naquela hora entre a iluminação da rua se apagar e o primeiro raio de sol surgir, quando tudo parece possível.

Desci margeando as ruas para não acordar a cidade, passando pelas silenciosas leiteiras chegando com as vacas, os sinos tocando no escuro.

Passei pela praça embaixo do Castelo de Lublin, antigo gueto, agora desaparecido, demolido por trabalhadores forçados durante a guerra, restando apenas uma placa de bronze. Passei por parte de nossa antiga casa cor-de-rosa, o túmulo de Felka no quintal, os lilases de Caroline já se enraizando, prestes a se tornarem uma planta forte e linda. Desci a rua por onde *matka* me levava para a escola. Sorri pensando nela, sua lembrança não mais uma faca quente cortando meu peito. Passei pelo hospital novo e pensei em Zuzanna com Caroline, e torci para que ela estivesse bem. Talvez Halina e eu fôssemos a Nova York um dia. Ela ia adorar os museus.

Quando cheguei ao apartamento, tirei os sapatos e andei com cuidado pelo corredor até o quarto de Halina. Fiquei imóvel no escuro, observando seu peito subir

e descer. O anel de *matka* refletia a luz em direção à cama em que minha filha descansava, o cabelo espalhado como ouro líquido. Ela não se mexeu quando enfiei o embrulho de flanela vermelha com os pincéis embaixo do seu travesseiro, cobri-a bem e beijei sua testa.

Fui até o quarto de Pietrik, onde ele estava deitado na penumbra, um braço tapando os olhos. Desabotoei meu vestido, deixei-o cair no chão e subi na cama, por baixo dos lençóis, querendo encontrar a maciez do seu corpo, inspirando seu odor doce de suor, cigarro russo e nosso lar.

Ele me puxou para perto, e pela primeira vez em muito tempo, ouvi a embalagem de pó compacto fazendo clique.

Nota da autora

MULHERES SEM NOME é baseado em fatos reais. Caroline Ferriday e Herta Oberheuser realmente existiram, assim como todos os funcionários de Ravensbrück mencionados, os pais de Herta e os de Caroline, Eliza e Henry Ferriday. Ao lhes dar vida como personagens, fiz o melhor que pude para representar todos da maneira mais justa e realista possível. Por meio da leitura das cartas de Caroline, dos depoimentos do julgamento dos médicos em Nuremberg e do depoimento dos próprios sobreviventes, encontrei pistas sobre quais poderiam ter sido suas motivações. Todos os diálogos do livro foram criados por mim, mas, quando possível, usei depoimentos reais no capítulo sobre o julgamento dos médicos e algumas das palavras da própria Caroline, de cartas e histórias que ela escreveu e de depoimentos de quem a conheceu.

Em Ravensbrück, o único grande campo de concentração de Hitler exclusivo para mulheres, a vida de uma prisioneira dependia de seu relacionamento com as outras. Mesmo mais de setenta anos depois, sobreviventes ainda falam de suas “irmãs” no campo, e por isso considereei adequado usar duas irmãs como o foco da minha história. Kasia Kuzmerick e sua irmã Zuzanna são livremente baseadas em Nina Iwanska e sua irmã médica Krystyna, ambas operadas no campo. Moldei essas personagens a partir das características e experiências das setenta e quatro Coelhas polonesas que aprendi a amar ao longo da minha pesquisa, e espero que sirvam como exemplos do espírito e da coragem demonstrados por cada uma dessas mulheres. Tendo eu própria duas irmãs, cinco cunhadas e duas filhas, cujos laços fraternos vi florescerem durante vinte e quatro anos, foi impossível ficar indiferente à história de Nina e Krystyna.

A primeira vez que ouvi falar de Caroline Ferriday foi por meio de uma reportagem publicada na revista *Victoria* em 1999, “Caroline’s Incredible Lilacs” (Os incríveis lilases de Caroline). A reportagem exibia fotos da casa de madeira branca de Caroline em Bethlehem, Connecticut, que a família chamava de The Hay, agora conhecida como Casa Bellamy-Ferriday. Havia também fotografias de seu jardim, cheio de rosa trepadeira e lilases. Como sou fã de todas as coisas lilases, carreguei a reportagem comigo até se desmanchar. Com três crianças pequenas, eu tinha pouco tempo livre, mas visitei a propriedade alguns anos depois, sem saber que esse passeio levaria ao livro que você tem em mãos.

Fui de carro até a cidade em um domingo de maio e parei na entrada da garagem de cascalho. Como eu era a única visitante do dia, senti a essência da casa, que foi

mantida do jeito que Caroline a deixara ao morrer, em 1990. O papel de parede desbotado. Sua cama de dossel. As cortinas de bordado de lã feitas à mão pela mãe, Eliza.

Ao término da visita, a guia fez uma pausa no final da escada fora do quarto principal do segundo andar para chamar atenção para a mesa de trabalho, a máquina de escrever, as medalhas e um retrato de Charles de Gaulle, tudo arrumado. A guia pegou uma foto em preto e branco de mulheres de meia-idade sorrindo e amontoadas em três fileiras.

— Essas foram as polonesas que Caroline trouxe para os Estados Unidos — disse ela. — Em Ravensbrück, eram conhecidas como Coelhas por dois motivos: porque saltitavam pelo campo depois de terem sido operadas e porque eram os animais de laboratório dos nazistas.

Enquanto eu voltava para casa pela Taconic Parkway, tendo comprado uma muda dos lilases de Caroline que enchia o carro com seu doce perfume, a história ficou me incomodando. Caroline foi uma verdadeira heroína, com uma vida fascinante. Uma ex-debutante e atriz da Broadway que galvanizou os Estados Unidos cansados do pós-guerra e dedicou a vida a ajudar mulheres que outras pessoas haviam esquecido. Fortemente influenciada por seus dedicados ancestrais abolicionistas de Woolsey, ela também trabalhou para ajudar a levar o primeiro banco negro ao Harlem. Por que eu tinha a impressão de que ninguém sabia da existência dela?

Dediquei meu tempo livre para pesquisar sobre Caroline, Ravensbrück e a Segunda Guerra Mundial. Qualquer tarde em que pudesse dar uma escapada, eu passava na fria adega subterrânea localizada embaixo do antigo celeiro ao lado de The Hay, que hoje funciona como centro de boas-vindas, e lá folheava antigos livros e cartas, absorta no passado de Caroline. Depois que a Connecticut Landmarks e a administradora do local, Kristin Havill, catalogaram tudo e organizaram o material em segurança em caixas de arquivo, Kristin as carregava para cima e para baixo na escada para eu vasculhar. Caroline também deixou outros arquivos no Museu Memorial do Holocausto dos Estados Unidos, em Washington, e em Nanterre, nos arredores de Paris, um rastro de pistas que eu sentia estar chamando por mim.

Conforme eu descobria mais sobre a vida de Caroline, ela se cruzava com a de outras pessoas importantes para a história, especialmente a das polonesas submetidas a cirurgias em Ravensbrück. Comecei a descobrir as jornadas delas através de suas memórias e outros relatos, e soube que Caroline passou a amá-las como se fossem suas próprias filhas.

Pendurei fotografias de todas as setenta e quatro polonesas no meu escritório e planejei ir à Polônia para conhecer pessoalmente Lublin, de onde muitas das garotas vieram.

Uma terceira pessoa vivia aparecendo em minha pesquisa sobre Ravensbrück, a

única médica no campo exclusivamente feminino e a única médica mulher julgada em Nuremberg, Dra. Herta Oberheuser. Como ela podia ter feito o que fez, ainda mais com outras mulheres? Colei o retrato dela também, junto com fotos dos outros funcionários do campo de Ravensbrück, em uma parede separada, e acrescentei a história de Herta às que queria contar.

Em 2009, eu me mudei de Connecticut para Atlanta e comecei a escrever, primeiro sentada no canil de concreto com cerca de metal atrás da nossa casa, esperando que isso evocasse a sensação de estar aprisionada, que me fizesse sentir o que as mulheres de Ravensbrück sentiam. Mas, conforme lia mais relatos em primeira pessoa daquelas mulheres, fui percebendo que não precisava me sentar em uma gaiola para sentir suas dores. Seus depoimentos já me levavam até lá. A incerteza aterradora. O golpe de perder as amigas, a mãe e as irmãs. A fome. Eu beliscava sem parar, tentando comer por elas.

No verão seguinte, viajei para a Polônia e para a Alemanha. Com meu filho de dezessete anos como cinegrafista, aterrissamos em Varsóvia em 25 de julho de 2010 e partimos para Lublin com Anna Sachanowicz, nossa encantadora intérprete, professora em uma escola de subúrbio em Varsóvia.

Enquanto caminhávamos por Lublin vendo os locais mencionados pelas sobreviventes em suas memórias, a história ganhou vida. Passamos pelo imenso castelo de Lublin, onde as mulheres de Ravensbrück foram aprisionadas inicialmente, e tivemos uma tarde no incrível museu “Under the Clock”, que ainda abriga as celas onde muitos agentes secretos poloneses foram torturados e onde se pode ver uma das cartas secretas que as garotas usaram para contar ao mundo sobre as operações. Atravessei o Portão de Cracóvia, que resistiu às bombas nazistas, e a imensa praça na frente do castelo de Lublin onde ficava o gueto judaico. Isso me deixou mais convicta da necessidade de lembrar o mundo. Aonde quer que fôssemos, cidadãos de Lublin nos contavam suas experiências nos anos da guerra e falavam sobre o Massacre da Floresta de Katyn, os anos stalinistas e a vida por trás da Cortina de Ferro.

Em Varsóvia, tive a sorte de entrevistar uma sobrevivente de Ravensbrück, Alicja Kubacka. A história de seu período como prisioneira no campo de concentração me forneceu incríveis detalhes históricos, mas sua atitude de perdão a seus captores virou tudo de cabeça para baixo. Como ela podia não ter ressentimento, ou mesmo ódio, do povo alemão? Como ela podia não apenas perdoá-los, mas também visitar a Alemanha todos os anos a pedido do país para ajudar na conciliação?

Meu filho e eu decidimos fazer um trajeto de trem parecido com o percorrido pelas Coelhas no terrível dia em que foram transportadas, em setembro de 1941. Indo de Varsóvia a Berlim, vimos as estações de trem simples da Polônia dar lugar às *bahnhofs* mais modernas da Alemanha. Quando chegamos à elegante Berlim

Hauptbahnhof, uma sofisticada maravilha da engenharia, estava claro que a Polônia havia ficado para trás nos anos em que fez parte da Cortina de Ferro.

Foi surreal o momento em que descemos do trem em Fürstenberg na mesma plataforma onde as mulheres de Ravensbrück pisaram. Enquanto meu filho e eu fazíamos a mesma caminhada que as prisioneiras foram obrigadas a percorrer, o campo surgiu à nossa frente, sem o portão de metal na entrada e os inúmeros alojamentos, mas os imensos muros continuavam ali. O crematório ainda existe, e o local que costumava ser a câmara de gás, um galpão de pintura transformado, foi demolido. O muro de execução continua lá. O lago no qual as cinzas das prisioneiras eram jogadas. A casa do comandante ainda tem vista para o campo; a oficina do alfaiate, o imenso complexo de edifícios no qual os nazistas classificavam seus saques, também permanece lá.

De volta aos Estados Unidos, passei mais de três anos escrevendo, com intervalos para viajar a Paris e examinar os arquivos de Caroline em Nanterre. Lá, sentei-me com uma tradutora francesa que leu para mim cada uma das cartas de Caroline, muitas trocadas entre ela e Anise Postel-Vinay, uma de suas parceiras no que ela via como uma vida dedicada à justiça. Todas as noites, depois de voltar de metrô de Nanterre, eu regressava ao Hôtel Lutetia e dormia em um dos cômodos que já serviram de quartos de hospital para os que retornavam dos campos.

Naquele mesmo ano, também passei algum tempo no Museu Memorial do Holocausto dos Estados Unidos em Washington, onde Caroline deixou seu terceiro arquivo: papéis dedicados não apenas a seu trabalho com as Coelhas, mas também a seu trabalho posterior com os amigos franceses na ADIR, uma organização francesa dedicada a cuidar de deportados que retornavam de campos de concentração, ajudando-os a procurar Klaus Barbie.

Meu objetivo com toda essa pesquisa era escrever um relato fictício dos acontecimentos em Ravensbrück, levar os leitores a lugares pelos quais passaram as pessoas envolvidas na história das Coelhas e talvez transmitir alguma percepção sobre o que elas poderiam estar sentindo, com o objetivo de dar nova vida a uma história que havia se afastado dos olhos da opinião pública.

Quando conto às pessoas a história das Coelhas, muitas se perguntam o que aconteceu com Herta Oberheuser. Ela e Fritz Fischer escaparam da força em Nuremberg. Ela foi condenada a vinte anos de prisão, mas, em 1952, depois de cinco anos, foi discretamente libertada, a sentença permutada pelo governo americano, talvez para agradar os alemães, um resultado da pressão da Guerra Fria. Ela retomou a prática da medicina em Stocksee, no norte da Alemanha, como médica de família. Depois de Herta ser reconhecida por uma sobrevivente de Ravensbrück, Caroline e Anise Postel-Vinay encorajaram um grupo de médicos britânicos a pressionar o governo alemão para revogar sua licença de praticar a medicina. Herta contou com

amigos poderosos para tentar evitar isso, mas Caroline colocou em ação sua máquina de escrever, fazendo lobby junto à imprensa dos Estados Unidos, da Grã-Bretanha e da Alemanha. Em 1960, a licença de Herta foi revogada, e ela se viu obrigada a fechar de vez seu consultório.

Depois de uma bem-sucedida campanha de lobby de Caroline, junto com Norman Cousins, Dr. Hitzig e o advogado Benjamin Ferencz, em nome das mulheres de Ravensbrück, o governo da Alemanha Ocidental finalmente concedeu reparações a elas em 1964. Foi um dos maiores triunfos de Caroline, pois se tratou de um processo muito desgastante, afinal a Polônia estava sob controle russo, e o ministro se recusava a reconhecê-la como país.

Ao longo dos anos que se seguiram, Caroline se manteve em contato próximo com várias Coelhas. Frequentemente as recebia em sua casa, e elas passaram a considerá-la uma madrinha, muitas vezes usando esse termo como saudação nas cartas que enviavam a ela. Caroline escreveu que sentia como se elas fossem suas filhas.

Uma diferença notável em relação aos acontecimentos reais é o relacionamento de Caroline com Paul Rodierre, um personagem fruto da minha imaginação. Coloquei Caroline nesse relacionamento para lhe dar uma conexão mais pessoal com a França e dramatizar os acontecimentos de lá. Acho que ela não ficaria muito chateada comigo por lhe oferecer um parceiro literário tão bonito.

Caroline morreu em 1990 e deixou sua querida casa aos cuidados da organização Connecticut Landmarks, que a mantém em ótimas condições, exatamente como ela desejava. A propriedade merece muito uma visita em qualquer momento, mas, no final de maio, quando os lilases estão florescendo, é possível compreender por que Caroline e a mãe dela não conseguiam passar muito tempo longe do adorado jardim.

Se minha versão da história inspirou você a aprender mais sobre os acontecimentos em torno das *Mulheres sem nome* e se quiser ler mais, há muitos trabalhos excelentes de ficção histórica e memórias que tratam dos mesmos temas, incluindo *Women in the Resistance and in the Holocaust* (Mulheres na Resistência e no Holocausto), editado por Vera Laska, que também assinou a introdução; *As judias no campo de concentração de Ravensbrück*, de Rochelle G. Saidel; e *Ravensbrück*, de Sarah Helm.

Aproveite a jornada. Com alguma sorte, você será levado a lugares aonde jamais imaginou ser possível.

Agradecimentos

MUITO OBRIGADA A todos os que tornaram uma grande alegria escrever *Mulheres sem nome*:

Meu marido, Michael Kelly, que leu todos os esboços, compartilhou o meu sonho de contar a história de Caroline Ferriday e jamais duvidou de que este dia chegaria.

Minha filha Katherine, principalmente por sua suprema sabedoria e seu estímulo e por ainda servir de modelo para a criatividade e para a intuição de Kasia.

Minha filha Mary, por suas incríveis sugestões editoriais, pelo apoio animado e incansável, e por inspirar a personagem Zuzanna.

Meu filho, Michael, por viajar comigo para a Polônia, por discutir infinitas variações no enredo enquanto íamos para a escola e de lá voltávamos todos os dias.

Kara Cesare, na Ballantine Bantam Dell, a editora mais cuidadosa e talentosa que eu poderia desejar, que compreendeu e abraçou a história de Caroline como ninguém.

Nina Arazoza e toda a equipe na Ballantine Bantam Dell, pela colaboração perfeita e todo o entusiasmo: Debbie Aroff, Barbara Bachman, Susan Corcoran, Melanie DeNardo, Katie Herman, Kim Hovey e Paolo Pepe, para citar alguns.

Minha incrível agente, Alexandra Machinist, que me arrancou da pilha dos rejeitados, insistiu que esta história precisava ser contada e fez tudo acontecer.

Betty Kelly Sargent, por seu estímulo inicial e pela expertise, e por dizer: “Eu só preciso de um capítulo.”

Minhas irmãs, Polly Simpkins, por sua sabedoria, generosidade e amor incondicional; e Sally Hatcher, uma irmã mais velha exemplar.

Alexandra Shelley, extraordinária editora independente, por sua sinceridade, seu grande conhecimento do assunto e pela ajuda com o manuscrito.

A maravilhosa Alicja Kubecka, sobrevivente de Ravensbrück, por sua amizade e por me contar incríveis histórias de perda e perdão.

Wanda Rosiewicz e Stanisława Sledziejowska-Osiczko, pela doçura, pelo amor e por corajosamente compartilhar os detalhes do que viveram como vítimas das experiências com sulfa em Ravensbrück.

Minha mãe, Joanne Hall, que poderia ter uma casa cheia de lindas antiguidades, mas preferiu uma casa cheia de crianças.

Meu pai, William Hall, por seu otimismo.

Minha cunhada, a escritora Mary Pat Kelly, que disse: “Simplesmente escreva.”

Alexander Neave, Benjamin Ferencz, George McCleary e Cecile Bernard, que conheceram Caroline e generosamente compartilharam suas lembranças dela.

Kristin Havill, Erica Dorsett-Mathews, Marj C. Vitz, Carol McCleary e Barbara Bradbury-Pape, da Bellamy-Ferriday House and Gardens, Connecticut Landmarks, por compartilharem todo seu conhecimento e por me darem apoio.

As queridas amigas da minha mãe Betty Cottle, Jan Van Riper e Shirley Kennedy, que me mostraram como uma geração de mulheres fortes da Nova Inglaterra pode tornar o mundo um lugar muito melhor.

A cineasta Stacey Fitzgerald, por sua amizade e por me mostrar a importância do auxílio mútuo e da cooperação.

Kristy Wentz, por seu amor, e por manter minha vida em ordem.

Jamie Latiolais, por seu talento com as cores e seus perspicazes comentários sobre o manuscrito.

Dr. Janusz Tajchert e Dra. Agnieszka Fedorowicz, que me receberam na Polônia e dividiram comigo seu conhecimento sobre Ravensbrück e as experiências com sulfa.

Bernard Dugaud, que compartilhou seu lado francês e seu champanhe.

Barbara Oratowska, diretora do Museu do Martírio “Under the Clock”, em Lublin, na Polônia, por suas histórias sobre a cidade e as Coelhas e por sua dedicação ao cuidado com as sobreviventes de Ravensbrück.

Anna Sachanowicz, que serviu de guia e intérprete em nossa jornada pela Polônia; e Justyna Ndulue, que nos ajudou na Alemanha.

Hanna Nowakowskicz, por sua amizade e seu auxílio.

David Marwell, diretor do Museu do Patrimônio Judaico, por seu tempo.

Nancy Slonim Aronie, por sua incrível Oficina de Escrita Chilmark.

Natasa Lekic e Andrea Walker, da New York Book Editors, por sua ajuda e seu estímulo.

Carol e Chuck Ganz, pelo apoio.

Carol Ann Brown, presidente da Sociedade Histórica e Museu Old Bethlehem, de Bethlehem, Connecticut, pelas informações sobre o passado dessa linda cidade.

Jack Alexander e Chris McArdle do Arnold Arboretum da Universidade Harvard, por compartilharem seu considerável conhecimento sobre os lilases.

Janie Hampton, autora de *How the Girl Guides Won the War* (Como as Bandeirantes venceram a guerra), pela ajuda na pesquisa.

Irene Tomaszewski, pelo apoio e por ser uma das coautoras do maravilhoso livro *Code Name: Zegota: Rescuing Jews in Occupied Poland, 1942-1945* (Codinome: Zegota: Resgatando judeus na Polônia ocupada, 1942-1945), com Tecia Werbowski.

Sobre a autora



©Jeffrey Mosier Photography

MARTHA HALL KELLY trabalhou muitos anos com publicidade enquanto pesquisava para escrever *Mulheres sem nome*, seu romance de estreia. Mora na Geórgia, Estados Unidos.

Leia também



Toda luz que não podemos ver
Anthony Doerr



O navio das noivas
Jojo Moyes



Até que a culpa nos separe
Liane Moriarty